

JULIANA SAYURI OGASSAWARA

**INTELECTUAIS NO *LE MONDE DIPLOMATIQUE*:
RELAÇÕES ENTRE FRANÇA E ARGENTINA
(1999-2011)**

(VERSÃO CORRIGIDA DA TESE)

SÃO PAULO

2015

JULIANA SAYURI OGASSAWARA

**INTELECTUAIS NO *LE MONDE DIPLOMATIQUE*:
RELAÇÕES ENTRE FRANÇA E ARGENTINA
(1999-2011)**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História Social da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, para obtenção do título de Doutora em História Social, sob a orientação do Prof. Dr. Francisco Carlos Palomanes Martinho, na linha de pesquisa de História Política e História dos Intelectuais. Este exemplar corresponde à versão corrigida da tese. De acordo: _____.

SÃO PAULO

2015

SAYURI, Juliana O. *Intelectuais no Le Monde Diplomatique: relações entre França e Argentina (1999-2011)*. Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História Social da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, para obtenção do título de Doutora em História Social.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Francisco Carlos Palomanes Martinho

Instituição: Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (FFLCH-USP)

Profa. Dra. Maria Helena Rolim Capelato

Instituição: Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (FFLCH-USP)

Profa. Dra. Maria Ligia Coelho Prado

Instituição: Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (FFLCH-USP)

Prof. Dr. Marcelo Ridenti

Instituição: Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas (IFCH-UNICAMP)

Prof. Dr. Maximiliano Martin Vicente

Instituição: Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (FAAC-UNESP)

Este exemplar corresponde à versão corrigida da tese de doutorado, defendida perante a banca examinadora a 05 de novembro de 2015. A versão original está disponível no Departamento de História da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.

FICHA CATALOGRÁFICA

Elaborada pelo Serviço de Biblioteca e Documentação da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (SBD/FFLCH/USP)

Catálogo na Publicação
Serviço de Biblioteca e Documentação
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo

Oi Ogassawara, Juliana Sayuri
 Intelectuais no Le Monde Diplomatique: relações
entre França e Argentina (1999-2011) / Juliana Sayuri
Ogassawara ; orientador Francisco Carlos Palomanes
Martinho. - São Paulo, 2015.
 519 f.

 Tese (Doutorado)- Faculdade de Filosofia, Letras
e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.
Departamento de História. Área de concentração:
História Social.

 1. Le Monde Diplomatique. 2. Imprensa. 3.
Intelectuais. 4. França. 5. América Latina. I.
Martinho, Francisco Carlos Palomanes, orient. II.
Título.

Prenez le relais, indignez-vous!

AGRADECIMENTOS

Voltava para casa na noite de 13 de junho de 2013. Era mais uma quinta-feira marcada por manifestações nas ruas de São Paulo. Da esquina da Avenida Paulista, ouvia o ricochetear das balas de borracha e o impacto das bombas de gás lacrimogênio. Caminhei minhas quatro quadras habituais e encontrei a cena, infelizmente não a primeira, infelizmente não a última: de um lado, manifestantes encurralados atrás de barricadas improvisadas, rendidos, pedindo para “não à violência”; de outro, policiais militares continuavam a disparar suas armas “não letais”. Antes de deliberadamente jogar uma bomba de gás nos meus pés, um policial me questionou: de que lado você está? Foi a quinta-feira negra que desencadeou as efervescentes, controversas e contraditórias “jornadas de junho” no Brasil.

Narro brevemente o episódio apenas para fisgar uma impressão, que indiretamente se desdobrou nas entrelinhas desta tese. Meus 20 centavos: apesar da lamentada letargia, talvez nostalgia, no campo das discussões e das ideias, apesar das críticas contra jovens despolitizados e hiper-midiatizados, contra veteranos desiludidos e muitas vezes convertidos reacionários, contra movimentos impotentes e talvez irrealistas, ainda há possibilidades, sim, para discutir alternativas, ideias, ideais, palavras, pensamento. E, como dizia a romancista Viviane Forrester, não há nada mais mobilizador que o pensamento. Só o *fato* de pensar já é político.¹ Enquadrada na história dos intelectuais, esta tese, portanto, pretende abrir mais uma possibilidade para tais discussões.

À época do mestrado, defendido no dia 11 de fevereiro de 2011, data da histórica derrocada do ditador egípcio Hosni Mubarak, dediquei minha dissertação a certos caros amigos: os historiadores, os jornalistas, os sociólogos, os estudantes, os filósofos de botequins, os *flâneurs* da Avenida Paulista, os boêmios da Rua Augusta, os idealistas inveterados, os indignados, os intelectuais críticos, entre otimistas e pessimistas, os libertinos ingênuos, os clandestinos cosmopolitas, os revolucionários românticos, os rebeldes espalhados pelo mundo, os sonhadores de toda sorte. A eles também dedico este manuscrito.

Esta tese não seria possível sem a orientação do historiador Francisco Palomanes Martinho, que me permitiu flertar com a ciência política, o jornalismo e a sociologia nestas páginas, mas, ao mesmo tempo, lembrando como ancorá-las na história. Agradeço por sua

¹ FORRESTER, 1997, p. 68.

confiança e sua tranquilidade carioca, especialmente quando me desesperava a incerta impressão de que o tempo se apressava contra nós.

Destaco ainda o papel dos historiadores Maria Ligia Coelho Prado e Francisco Alambert, por suas contribuições no momento da qualificação na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (FFLCH-USP), em novembro de 2013. Foram fundamentais suas indicações de leitura mirando os dois lados do Atlântico – as histórias argentina e francesa. Suas interpretações, suas notas e seus questionamentos se tornaram bússolas para os rumos desta pesquisa.

Ainda no campus, agradeço ao historiador Angelo Segrillo, que supervisionou meu estágio doutoral na disciplina História Contemporânea. E agradeço a Maria Ligia Coelho Prado, Maria Helena Rolim Capelato, Marcelo Ridenti e Maximiliano Martin Vicente por aceitarem o convite para integrar a banca inquisidora desta tese.

Há instituições a quem devo agradecer, pelo apoio inestimável. À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), por financiar esta pesquisa no Brasil e por me conceder uma bolsa do Programa de Doutorado Sanduíche no Exterior (PDSE), que possibilitou uma temporada de quatro meses de estudos na França. Na mesma linha, ao Santander, por me conceder uma bolsa do Programa Santander de Mobilidade Internacional, que garantiu aproveitamento máximo para enriquecer o desenvolvimento deste estudo na capital francesa entre setembro e dezembro de 2014.

Nesse outono parisiense, não poderia esquecer a valiosíssima supervisão do sociólogo Michael Löwy, diretor emérito do Centre National de la Recherche Scientifique (CNRS) e diretor do Centre d'Études Interdisciplinaires des Faits Religieux (CEIFR) na École des Hautes Études en Sciences Sociales (EHESS), por quem tenho especial admiração. Os encontros foram essenciais para iluminar as trilhas desta tese.

Vale destacar ainda a oportunidade de dialogar com o historiador Olivier Compagnon, do Institut des Hautes Études de l'Amérique Latine (IHEAL) da Université Paris III – Sorbonne Nouvelle, nos seus seminários *Siglo XX – Século XX: Histoire de l'Amérique Latine Contemporaine*. Foram diálogos franco-americanos riquíssimos, que espero que reverberem nas páginas seguintes.

Ao *Monde Diplomatique* na França, especialmente aos jornalistas Anne-Cécile Robert, Renaud Lambert e Serge Halimi, agradeço por me receberem na redação parisiense e por gentilmente me cederem arquivos, documentos e entrevistas referentes à revista. Afastado da redação desde 2010, agradeço ainda ao jornalista Dominique Vidal, pelas histórias narradas num café da Place d'Italie. Ao jornalista Maurice Lemoine, pelo encontro interessantíssimo

num café de esquina do 18^o *arrondissement* parisiense. Ao jornalista Bernard Cassen, que me recebeu no bureau da Mémoire des Luttes. *Merci*.

Ao *Monde Diplomatique* na Argentina, especialmente ao jornalista Carlos Alfieri, por sua gentileza impressionante e por partilhar arquivos, edições e entrevistas para a pesquisa. Fora da redação, agradeço ao editor Carlos Gabetta, diretor de *Le Monde Diplomatique* argentino entre 1999 e 2011, por gentilmente me receber na sua casa no bairro de San Telmo, compartilhando lembranças, informações e ideias de seus tempos na revista, assim como livros novos de sua autoria e edições antigas de sua aventura barcelonesa *cuatroSemanas* y *Le Monde Diplomatique*. *Gracias*.

Escrevo estas páginas como historiadora, mas nunca esqueço meu ponto de partida. Sou jornalista. E, como jornalista, defendo um jornalismo comprometido com certas diretrizes essenciais: as ideias de verdade, de liberdade e de justiça. Apesar dos relativismos e das modas intelectuais pós-modernas, donde os fatos e a realidade seriam meras construções intelectuais e ficções linguísticas, apesar das pressões hierárquicas e institucionais cotidianas, apesar das decisões editoriais e arbitrariedades travadas inevitavelmente ao longo do caminho, tanto na profissão de repórter quanto no ofício de historiadora, acredito, defendo e espero, entretanto, certo compromisso, honestidade intelectual e rigor com os *fatos* – pode-se dizer, na linha pontilhada por um questionamento, simples e inusitado, rabiscado pelo historiador Eric Hobsbawm: “Ou Elvis Presley está morto ou não está”.² Espero que, nas revisões e interpretações, nas contribuições e diálogos referidos, esta tese, com suas apostas, imperfeições e possíveis acertos, possa balizar tais ideias.

Ao escrever esta tese, precisei lidar com uma história interessante, mas intrincada e, sobretudo, dinâmica. Vasculhando vestígios nas relações entre Argentina e França, nas justaposições entre a história *oficial* impressa nas páginas de *Le Monde Diplomatique* e a história narrada *tête-à-tête* por seus intelectuais, entre seus ideais no século XX e suas decepções no século XXI – ou suas decepções no século XX e seus ideais no século XXI –, vi-me diversas vezes diante de uma história labiríntica. Um efeito *matrioska*, a série de bonecas russas: a cada gaveta destrancada, outras sete se abriam. Por isso, sou grata a todos que, direta ou indiretamente, me ajudaram a dar ritmo, lógica e inteligibilidade a estas páginas. A quem quiser se aventurar nessas linhas, peço, previamente, paciência para as presentes 500 folhas e mais de 900 notas de rodapé.

² HOBBSAWM, 1998, p. 18.

Fora das arenas acadêmicas, não poderia esquecer o apoio de amigos queridos, com quem pretendo brindar esse pequeno calhamaço. A Carlos Lordelo, Cremilda Aguiar, Isadora Peron, Maria Luísa Barsanelli, Nataly Costa, Lucas Maia, Luiz Guilherme Gerbelli e Rodrigo Burgarelli, pela amizade. A Luiz Augusto Rocha, pelas discussões e pela revisão minuciosa dessas páginas. Aos companheiros do caderno *Aliás*, Christian Carvalho Cruz, Ivan Marsiglia e Mônica Manir, sempre *Aliás*. Aos meus irmãos e meus doutores favoritos, Luciano Yuji e Marcelo Yuhiti, pela presença. A Rodrigo Sicuro, por tudo.

Por fim, dedico estas páginas aos meus pais, pelo amor incondicional. Por instigarem minhas inquietações intelectuais e por me ensinarem, *desde sempre*, que a herança mais valiosa neste mundo é o pensamento.

São Paulo, Paris, Buenos Aires, 2014-2015

RESUMO

*Intelectuais no Le Monde Diplomatique:
Relações entre França e Argentina (1999-2011)*

Este estudo propõe uma análise sobre a relação entre as edições latino-americanas e a edição francesa do periódico *Le Monde Diplomatique*. Fundado em maio de 1954, em Paris, por Hubert Beuve-Méry, também fundador do diário *Le Monde*, *Le Monde Diplomatique* viu suas páginas e suas ideias se alastrarem por diversos países – em fevereiro de 2013, o magazine contava 47 edições internacionais (39 versões impressas e 8 estritamente eletrônicas). Ao longo de sua trajetória, principalmente a partir das passagens do jornalista francês Claude Julien (entre 1973 e 1990) e do sociólogo espanhol Ignacio Ramonet (entre 1990 e 2008) como diretores da revista, focada em política e relações internacionais, *Le Monde Diplomatique* teve sua linha editorial marcada por diretrizes politizadas, declaradamente antiimperialistas e antineoliberais. Esta tese pretende analisar a versão publicada em Buenos Aires, considerada a principal edição latino-americana, fundada por iniciativa do jornalista argentino Carlos Gabetta, diretor de *Le Monde Diplomatique Edición Cono Sur* entre julho de 1999 e janeiro de 2011. O estudo pretende, pois, analisar as continuidades e rupturas das diretrizes editoriais e políticas herdadas da matriz europeia. Ao mesmo tempo, pretende destacar os possíveis impactos da realidade latino-americana na perspectiva da revista francesa sobre os rumos da esquerda na política contemporânea. Focando, portanto, o trânsito de ideias entre Argentina e França, este estudo se enquadra na história dos intelectuais, ancorada na história política e na história do tempo presente.

Palavras-chave: *Le Monde Diplomatique*; América Latina; Argentina; França; História; Imprensa; Intelectuais; Jornalismo.

ABSTRACT

*Intellectuals in Le Monde Diplomatique:
Relations between France and Argentina (1999-2011)*

This study proposes an analysis of the relationship between the editions of the journal *Le Monde Diplomatique* published in Latin American and France. Founded in May 1954, in Paris, by Hubert Beuve-Méry, also founder of the daily *Le Monde*, *Le Monde Diplomatique* had its pages and ideas spread across several countries – in February 2013, the magazine had 47 international editions (39 printed and 8 only digital). Throughout time, primarily with the passages of the French journalist Claude Julien (between 1973 and 1990) and the Spanish sociologist Ignacio Ramonet (between 1990 and 2008) as directors of this magazine focused on politics and international affairs, *Le Monde Diplomatique* had its style marked by politicized editorial guidelines, professedly anti-imperialist and anti-neoliberal. This thesis aims to analyze the version published in Buenos Aires, considered the leading Latin American edition, founded by the initiative of the Argentine journalist Carlos Gabetta, director of *Le Monde Diplomatique Edición Cono Sur* between July 1999 and January 2011. Therefore, this study aims to analyze the continuities and ruptures of the editorial policies and guidelines inherited from the European headquarter. At the same time, this thesis intends to highlight the possible impacts of Latin American reality on the French magazine's perspective about the future of the left in contemporary politics. Thus focusing on the circulation of ideas between Argentina and France, this study is situated in the history of intellectuals, anchored in political history and history of present time.

Keywords: *Le Monde Diplomatique*; Latin America; Argentina; France; History; Intellectuals; Journalism; Press.

RESUMEN

*Los intelectuales en Le Monde Diplomatique:
Las relaciones entre Francia y Argentina (1999-2011)*

Este estudio propone un análisis sobre la relación entre las ediciones latinoamericanas y la edición francesa del periódico *Le Monde Diplomatique*. Fundado en mayo de 1954, en París, por Hubert Beuve-Méry, también fundador del diario *Le Monde*, *Le Monde Diplomatique* vio sus páginas y sus ideas si propagaren por varios países – en febrero de 2013, la revista tenía 47 ediciones internacionales (39 impresas y 8 estrictamente electrónicas). A lo largo de su trayectoria, principalmente a partir de los pasajes del periodista francés Claude Julien (entre 1973 y 1990) y del sociólogo español Ignacio Ramonet (entre 1990 y 2008) como directores de la revista, centrada en política y relaciones internacionales, *Le Monde Diplomatique* tuvo su línea editorial marcada por las directrices politizadas, declaradamente anti-imperialistas y anti-neoliberales. Esta tesis pretende analizar la versión publicada en Buenos Aires, considerada la principal edición latinoamericana, fundada por iniciativa del periodista argentino Carlos Gabetta, director de *Le Monde Diplomatique Edición Cono Sur* entre julio de 1999 y enero de 2011. Luego el estudio tiene como objetivo analizar las continuidades y rupturas de las directrices editoriales y políticas heredadas de la matriz europea. Al mismo tiempo, tiene como objetivo observar los posibles impactos de la realidad de América Latina en la perspectiva de la revista francesa sobre el futuro de la izquierda en la política contemporánea. Por lo tanto, observando la circulación de ideas entre Argentina y Francia, este estudio se inscribe en la historia de los intelectuales, apoyado en la historia política y la historia del tiempo presente.

Palabras-clave: *Le Monde Diplomatique*; América Latina; Argentina; Francia; Historia; Intelectuales; Periodismo; Prensa.

RESUMÉ

*Intellectuels dans Le Monde Diplomatique:
Les relations entre la France et l'Argentine (1999-2011)*

Cette étude propose une analyse de la relation entre les éditions du journal *Le Monde Diplomatique* publiés en Amérique Latine et en France. Fondé en Mai 1954, à Paris, par Hubert Beuve-Méry, également fondateur du quotidien *Le Monde*, *Le Monde Diplomatique* a vu ses pages et ses idées se propager dans plusieurs pays – en Février 2013, le hebdomadaire avait 47 éditions internationales (39 imprimées et 8 seulement électroniques). Au fil du temps, principalement avec les passages du journaliste français Claude Julien (entre 1973 et 1990) et du sociologue espagnol Ignacio Ramonet (entre 1990 et 2008) à titre de directeurs de la revue, spécialisée en politique et relations internationales, *Le Monde Diplomatique* a eu son style marqué par lignes éditoriales politisées, ouvertement anti-impérialistes et anti-néolibérales. Cette thèse vise à analyser la version publiée à Buenos Aires, considéré comme la principale édition latino-américaine, fondée par l'initiative du journaliste argentin Carlos Gabetta, directeur du *Monde Diplomatique Edición Cono Sur* entre Juillet 1999 et Janvier 2011. Ainsi, cette étude vise à analyser les continuités et les ruptures des politiques et des directives éditoriales héritées du journal européen. Au même temps, cette thèse vise à mettre en évidence les impacts possibles de la réalité latino-américaine sur la perspective de la revue française sur le futur de la gauche dans la politique contemporaine. En se concentrant sur la circulation des idées entre l'Argentine et la France, cette étude s'inscrit dans l'histoire des intellectuels, soutenu en l'histoire politique et l'histoire du temps présent.

Mots-clés: *Le Monde Diplomatique*; Amérique Latine; Argentine; France; Histoire; Intellectuels; Journalisme; Presse.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	16
TAIS INTELLECTUAIS	21
1 NA TRILHA DE <i>LE MONDE DIPLOMATIQUE</i>	44
1.1 PÁGINAS DIPLOMÁTICAS	44
1.2 O PAPEL DE CLAUDE JULIEN	48
1.3 A PERSPECTIVA DE IGNACIO RAMONET	56
1.4 O TEMPO DE SERGE HALIMI	69
2 <i>L'INTERNATIONALE DU DIPLO</i>	79
2.1 IDEIAS INTERNACIONAIS	82
2.2 DIRETRIZES	90
3 DO OUTRO LADO DO ATLÂNTICO	114
3.1 O PAPEL DE CARLOS GABETTA	115
3.2 DINÂMICA FRANCO-ARGENTINA	132
3.3 QUESTÕES ECONÔMICAS	141
3.4 QUESTÕES POLÍTICAS	160
3.5 QUESTÕES MÍDIÁTICAS	177
4 ENCONTROS E DESENCONTROS	195
4.1 O FATOR KIRCHNER	200
4.2 O FATOR PERÓN	219
4.3 AMÉRICA LATINA REBELDE	239
5 ENTRE IDEIAS E ILUSÕES	278
5.1 PAPÉIS DOS INTELLECTUAIS	281
5.2 QUAIS ESQUERDAS	302
5.3 IDEALIZAR	318
5.4 DO TEMPO PRESENTE	321

CONSIDERAÇÕES FINAIS	326
ÚLTIMAS PALAVRAS	329
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	331
APÊNDICE	359
ENTREVISTA DE ANNE-CÉCILE ROBERT	363
ENTREVISTA DE BERNARD CASSEN	377
ENTREVISTA DE CARLOS ALFIERI	386
ENTREVISTA DE CARLOS GABETTA	399
ENTREVISTA DE CREUSA MUÑOZ	411
ENTREVISTA DE DOMINIQUE VIDAL	415
ENTREVISTA DE JOSÉ NATANSON	427
ENTREVISTA DE LUCIANA GARBARINO	431
ENTREVISTA DE LUCIANA RABINOVICH	433
ENTREVISTA DE PABLO STANCANELLI	437
ENTREVISTA DE MAURICE LEMOINE	442
ENTREVISTA DE RENAUD LAMBERT	454
ENTREVISTA DE SERGE HALIMI	461
ANEXOS	466
EDITORIAL DE CLAUDE JULIEN	467
EDITORIAL DE DOMINIQUE VIDAL	472
EDITORIAL DE IGNACIO RAMONET	476
ÍNDICE DE EDIÇÕES INTERNACIONAIS	479
OUTROS ARQUIVOS	484

INTRODUÇÃO

“Os filósofos apenas interpretaram o mundo de diferentes maneiras; a questão, porém, é transformá-lo”

Karl Marx

Impresso pela primeira vez no dia 2 de maio de 1954, como simples suplemento do diário *Le Monde*, *Le Monde Diplomatique*³ “fez” história. Idealizado na Paris cosmopolita e diplomática da década de 1950, *Le Monde Diplomatique* rompeu diversos padrões ao longo de sua trajetória: conquistou sua independência editorial a partir da década de 1970 sob a direção do jornalista francês Claude Julien; consolidou sua independência econômica a partir de 1990; firmou suas diretrizes políticas declaradamente antiimperialistas e antineoliberais, suas páginas assinadas por intelectuais e por jornalistas (de diversas nacionalidades) e, na esteira do movimento altermundialista⁴, viu suas ideias críticas contra o “pensamento único”⁵ se alastrarem mundo afora, impulsionadas pela direção do sociólogo espanhol Ignacio Ramonet – assim, às vésperas do 60º aniversário, o periódico contava mais de 40 edições internacionais, publicadas em 28 idiomas.⁶

³ Neste estudo, *Le Monde Diplomatique* encontra referência nas expressões “revista”, “magazine” ou “gazeta” por duas razões. Primeiro, para evitar a referência a *Le Monde Diplomatique* como um “jornal”, a fim de contornar possíveis confusões com o diário *Le Monde*, que é *passim* mencionado para narrar a trajetória, até certo ponto cruzada, das duas publicações. Segundo, a periodicidade mensal, o estilo e a linha editorial diferenciada, mais dedicada à análise e menos à “notícia”, como o próprio magazine propala, afastam *Le Monde Diplomatique* do perfil de um jornal nos moldes convencionais da imprensa. Não obstante, há mínimas vezes em que a publicação é citada, por outrem, como um jornal. Além disso, outros interlocutores eventualmente se referem a *Le Monde Diplomatique* com expressões como “Diplô”, “LMD” e “MD”. A fim de uniformizar ainda as diferentes grafias, foram privilegiadas as iniciais maiúsculas para grafar *Le Monde Diplomatique*.

⁴ O movimento altermundialista se contrapõe ao capitalismo neoliberal, consolidando-se nas manifestações durante as reuniões internacionais das principais instituições financeiras, como nos protestos de Seattle em novembro de 1999. Trata-se de um movimento contra a globalização marcadamente neoliberal, tendo como auge a realização do primeiro Fórum Social Mundial em Porto Alegre, em janeiro de 2001. Ancorada no lema “outro mundo é possível”, a expressão “altermundialismo” (do francês *altermondialisme*) foi idealizada a partir do movimento Attac, vinculado ao *Le Monde Diplomatique* francês.

⁵ RAMONET, janeiro de 1995, p. 1.

⁶ *Le Monde Diplomatique* foi difundido na América Latina (Argentina, Bolívia, Brasil, Chile, Colômbia, México, Venezuela), na Ásia (Coreia do Sul, Índia, Japão), na Europa (Alemanha, Armênia, Bulgária, Bielorrússia, Croácia, Espanha, Eslováquia, Eslovênia, Finlândia, França, Grécia, Hungria, Itália, Luxemburgo, Noruega, Polônia, Portugal, República Tcheca, Rússia, Suécia, Suíça, Turquia) e no Oriente Médio (Arábia Saudita, Curdistão, Dubai, Egito, Emirados Árabes Unidos, Iêmen, Irã, Kuwait, Palestina) em diferentes momentos ao longo de sua trajetória. Além do francês, do inglês e do espanhol, foi traduzido para idiomas mais “distantes”, como curdo sorâni, curdo kurmandji, esperanto, farsi e finlandês, entre outros. É difícil precisar o número de edições internacionais pois, como veremos mais adiante, a rede é muito fluida e às vezes frágil, assim

De suas iniciais oito páginas como suplemento literalmente diplomático do *Monde*, *Le Monde Diplomatique* se tornou uma prestigiada revista de política internacional de cerca de 40 páginas, nos melhores tempos somando 2,4 milhões de exemplares no mundo todo. Tido, pois, como um fenômeno único na imprensa moderna, tanto por sua dimensão internacional quanto por sua linha editorial politizada, *Le Monde Diplomatique* desperta discussões sobre o papel dos intelectuais na contemporaneidade.

Le Monde Diplomatique foi fundado pelo jornalista francês Hubert Beuve-Méry (1902-1989), também fundador do diário *Le Monde*. Desde 1954, quatro intelectuais passaram pela direção da revista: entre 1954 e 1972, o diplomata húngaro François Honti (1900-1974); entre 1973 e 1990, o jornalista francês Claude Julien (1925-2005); entre 1990 e 2008, o sociólogo espanhol Ignacio Ramonet (1943-); e desde 2008 até o presente, o escritor francês Serge Halimi (1955-). Delineou-se assim a linha editorial da publicação, que oscila entre uma revista de atualidades e uma *revue* acadêmica, com artigos e ensaios longos, marcados por muitas notas, cronologias, dossiês, glossários, índices e referências bibliográficas. A partir de textos elaborados, assinados por escritores e editores especializados, *Le Monde Diplomatique* quer ultrapassar os almanaques de atualidades e as antologias efêmeras do cotidiano. Nas suas páginas escreveram importantes intelectuais contemporâneos, de diversas áreas e diferentes nacionalidades, tais como Antonio Negri, Armand Mattelart, Carlos Fuentes (1928-2012), Doris Lessing (1919-2013), Edward Said (1935-2003), Edgar Morin, Eduardo Galeano (1940-2015), Emir Sader, Eric Hobsbawm (1917-2012), Florestan Fernandes (1920-1995), Gabriel García Márquez (1927-2014), Gunter Grass, Herbert Marcuse (1898-1979), Herbert Schiller (1919-2000), Immanuel Wallerstein, Jacques Derrida (1930-2004), Jean Baudrillard (1929-2007), José Saramago (1922-2010), Joseph Stiglitz, Julio Cortázar (1914-1984), Jürgen Habermas, Kofi Annan, Loïc Wacquant, Manuel Castells, Mario Benedetti, Michael Davis, Michael Löwy, Michel Foucault (1926-1984), Noam Chomsky, Perry Anderson, Pierre Bourdieu (1930-2002), Régis Debray, Robert Fisk, Slavoj Žižek, Stéphane Hessel (1917-2013), Tariq Ali, Thomas Piketty, Tony Judt (1948-2010), entre muitos outros. Firmou-se nessas rubricas e nessas ideias a marca da revista, que almeja oferecer uma visão alternativa, uma mirada crítica dos acontecimentos atuais, um ponto de vista singular, uma perspectiva atilada do jogo das relações internacionais, um outro olhar ou, na expressão preferida pelos editores franceses, uma *manière de voir*.

muitas versões são repentinamente encerradas. Em novembro de 2006, o periódico atingiu a marca de 65 edições internacionais, em 25 idiomas além do francês. Segundo informações oficiais do *Monde Diplomatique*, atualizadas em fevereiro de 2013, o índice das edições internacionais se encontra nos anexos desta tese.

Aos olhos de seus intelectuais e de seus leitores, *Le Monde Diplomatique* conquistou prestígio internacional por três razões capitais ao longo de sua trajetória: o viés analítico de suas edições; a relevância de seus autores, tanto jornalistas quanto intelectuais, versando sobre temas de interesse internacional; e a crítica aos dilemas contemporâneos na intrincada globalização neoliberal, questionando os rumos das esquerdas e o compromisso dos intelectuais na política – no afã marxista marcado na máxima das *Teses de Feuerbach*: “Os filósofos apenas interpretaram o mundo de diferentes maneiras; a questão, porém, é transformá-lo”, como lembrou o historiador britânico Eric Hobsbawm nas próprias páginas de *Le Monde Diplomatique*.⁷ Páginas, portanto, que podem ser lidas como um projeto editorial e um projeto político. Nas palavras do editor Ignacio Ramonet: “*Le Monde Diplomatique* é mais que um jornal, é uma causa... A causa da justiça, da paz, dos povos que procuram sair de sua dependência”.⁸

Este estudo⁹ pretende abordar o papel dos intelectuais de *Le Monde Diplomatique* nas relações imbricadas entre a França e a América Latina, sobretudo simbolizada pela versão editada na cidade de Buenos Aires, fundada por insistente iniciativa do jornalista argentino Carlos Gabetta, diretor da publicação entre julho de 1999 e fevereiro de 2011. Sob o selo da editora Capital Intelectual, a edição argentina é considerada a “filial” latino-americana mais sólida de *Le Monde Diplomatique*, epicentro para outras edições, outrora reunidas como *Edición Cono Sur*.¹⁰

Le Monde Diplomatique imprimiu suas primeiras edições na Argentina arrastada por uma grave crise econômica, com uma dívida externa na casa dos 100 bilhões de dólares e

⁷ HOBBSAWM, dezembro de 2004, p. 20-21.

⁸ Traduzido do original: “*Le Monde Diplomatique n’est pas qu’un journal, c’est une cause... La cause de la justice, de la paix, des peuples qui cherchent à sortir de leur dépendance*” (RAMONET *apud* SZCZEPANSKI-HUILLERY, 2005, p. 163). Segundo Szczepanski-Huillery, Ramonet fez a declaração durante seu discurso na festa de 50 anos de *Le Monde Diplomatique*, a 8 de maio de 2004.

⁹ Na redação desta tese, privilegiei a tradução para o português das citações em espanhol, francês e inglês, indicando a versão original nas notas de rodapé. Quanto ao português, a imensa variedade de estilos e grafias exigiu a uniformização nos padrões gramaticais e ortográficos atuais, a fim de facilitar a leitura. Italicei determinadas expressões estrangeiras, além de vocábulos para destacar expressões próprias dos interlocutores, presentes nos seus textos e nos seus relatos.

¹⁰ Inicialmente voltada para Argentina, Chile e Uruguai, noutros momentos a *Edición Cono Sur* foi distribuída na Bolívia, na Colômbia, no Peru, no México e na Venezuela. Além da estrutura administrativa mais consolidada desde 1999, a edição argentina de *Le Monde Diplomatique* é responsável por traduzir os artigos franceses para o espanhol, disponibilizando-os para as outras edições latino-americanas. Atualmente, diz o site oficial francês, há edições presentes na Bolívia (editada pela Archipelago Ediciones, com 5 mil exemplares), no Chile (Editorial Aun Creemos en los Sueños, com 10 mil exemplares), na Colômbia (Colombia Tebeo, com 10 mil exemplares) e na Venezuela (Producciones del Waraima, com 5 mil exemplares). Na casa dos 30 mil exemplares impressos atuais, a edição argentina também é distribuída nas principais cidades do Uruguai. No Brasil, a versão impressa *Le Monde Diplomatique Brasil* estreou em agosto de 2007 (Instituto Pólis, com 40 mil exemplares), atualmente dirigida pelo sociólogo Silvio Caccia Bava, mas a primeira edição eletrônica foi ao ar anos antes, em dezembro de 1999, por iniciativa do jornalista Antonio Martins (SAYURI, 2011, p. 81).

mais de 2,5 milhões de desempregados, levando à renúncia do presidente Fernando de la Rúa em dezembro de 2001, após dias de violência e manifestações nas ruas de Buenos Aires. Nesse território turbulento, a edição argentina angariou muitos leitores que buscavam uma perspectiva diferente, alternativa, sobre a crise. Na mesma linha, a revista francesa se destacou por abraçar ideias de movimentos críticos como os protestos de Seattle (1999) e os primeiros passos para os fóruns de Porto Alegre (2001).¹¹

À esquerda no espectro político, *Le Monde Diplomatique* mira suas críticas sobretudo ao imperialismo e ao capitalismo neoliberal. Diante das ruínas ideológicas do muro de Berlim e das ilusões perdidas na derrocada da União Soviética, é interessante investigar como tais intelectuais passaram a olhar as experiências da esquerda na América Latina. Se fracassou o caminho trilhado por europeus e asiáticos no século XX, que outras vias podem ser exploradas no século XXI? Nessa encruzilhada, teriam os latino-americanos terreno fértil para cultivar alternativas e experiências que façam frente ao imperialismo e ao capitalismo neoliberal? Este estudo pretende explorar esses trajetos.

1999 e 2011 marcam simbolicamente uma época para o argentino *El Dipló*, enquanto foi dirigido por Carlos Gabetta, mas abordo outros marcos temporais que certamente se destacaram para compor essa trajetória, como 1954, 1973 e 1990, correspondentes aos marcos de estreia editorial do magazine e das direções de Claude Julien e Ignacio Ramonet.¹²

¹¹ Apesar de sua relevância política e editorial, é interessante notar o relativamente tímido volume de estudos universitários sobre *Le Monde Diplomatique*. Autor da tese-livro *Le Monde Diplomatique: un concept éditorial hybride au confluent du journalisme, de l'université et du militantisme* (L'Hamartan, 2014), o historiador francês Nicolas Harvey destaca, por exemplo, a tese *Du diplomate au citoyen: études sur la politisation du Monde diplomatique et de ses lecteurs (1954-2008)* de Maxime Szczepanski-Huillery, sobre os militantes na Associação Amis du Monde Diplomatique e na Association pour la Taxation des Transactions Financière et l'Aide aux Citoyens (Attac). Há outras teses e dissertações focando principalmente a análise do discurso de *Le Monde Diplomatique* em temporalidades e recortes específicos no Oriente Médio, na África e na América Latina, tais como: Naïla Abi Karam investigou a cobertura do conflito libanês (entre 1973-1983); Samuel Ghiles Mailhac, a questão israelense (1954-2004); Sylvie Milczach, o conflito palestino (1970-1971); Benjamin Weil, o conflito árabe-israelense (2000-2006); Mamadou Compaore, os conflitos africanos (1989-1994); Cheikh Ndiaye, as relações internacionais africanas (1990-1992); Marc Le Gldeic, a história latino-americana (1970-1980). Noutros campos, a análise sociológica de Jean-Baptiste Perret sobre a redação de *Le Monde Diplomatique* e a análise política de Marc Endeweld comparando a revista a outras mídias opinativas. Em Paris, Flavie Holzinger revisitou a direção de Ignacio Ramonet (1991-2008). Em Madri, Pablo López Rabadán analisou o enquadramento das páginas de *Le Monde Diplomatique*. No Brasil, Patrícia Burrowes focou a linha editorial do magazine; Fernando Pinto estudou o caderno *Dipló*; e Elisa Batalha analisou a participação da revista no Fórum Social Mundial. Por fim, vale mencionar que minha dissertação de mestrado se dedicou à análise do *Le Monde Diplomatique Brasil*, sob orientação da historiadora Maria Aparecida de Aquino (SAYURI, 2011). As teses e dissertações citadas estão elencadas nas referências bibliográficas.

¹² Intitular esta tese *Intelectuais no Le Monde Diplomatique: relações entre França e Argentina (1999-2011)*, portanto, visa deslizar um recorte temporal para análise da edição argentina, idealizada e dirigida por Carlos Gabetta. Entretanto, só seria possível atingir esse ponto e compreender a história de *Le Monde Diplomatique* ao abordar outros marcos temporais, como a fundação da matriz francesa (1954), a refundação da linha editorial com a ascensão de Claude Julien à direção (1973) e o impacto da atuação de Ignacio Ramonet uma vez na direção (1990), que impulsionaria a efervescência de diversas edições internacionais, inclusive a argentina.

Ao focar as relações entre França e Argentina, esta tese visa analisar as continuidades e rupturas das diretrizes editoriais (e políticas) herdadas da matriz europeia na edição argentina. Ao mesmo tempo, espera destacar o possível impacto da realidade política latino-americana na perspectiva francesa. Mirando tais alvos, é preciso traçar linhas paralelas entre dois horizontes históricos neste estudo. Por um lado, é preciso jogar luz sobre os jornalistas argentinos, admiradores da intelectualidade francesa simbolizada por *Le Monde Diplomatique*, uma revista francesa “importada” para a América Latina.¹³ Por outro, explorar o interesse desses intelectuais franceses sobre a temática terceiro-mundista, principalmente latino-americana, entre fins do século XX e início do século XXI. Nessa perspectiva transatlântica, transnacional¹⁴, a análise de *Le Monde Diplomatique*¹⁵, nas relações entre

¹³ *Le Monde Diplomatique*, vale dizer, não foi a primeira publicação francesa “importada” para a Argentina, isto é, a marcar relações e diálogos culturais entre França e América Latina. Ao longo da história, diversas revistas francesas inspiraram versões, traduções e edições nos países latino-americanos. A historiadora Patricia Funes destaca, por exemplo, a *Clarté!* de Henri Barbusse (1873-1935), que se desdobrou nas *Claridades* que inauguraram uma nova relação entre política e intelectuais na década de 1920: *Claridad* em Buenos Aires (1926-1941), *Clarté!* no Rio (1921-1922), em Santiago (1920-1924) e em Lima (1923-1924) (FUNES, 2006, p. 32). Outros exemplos se encontram na *Revue des Deux Mondes*, de 1829, que pretendia promover vínculos culturais e políticos entre o mundo europeu e os “outros” mundos (americano, asiático e africano), tendo suas páginas publicadas na França e na América Latina (ROLLAND, 2005, p. 54); e nas revistas *France Libre* e *Lettres Françaises* publicadas em Buenos Aires durante a Segunda Guerra Mundial (ROLLAND, 2005, p. 381). Outros casos, destacados pela historiadora Claudia Gilman: a revista *Nuevo Mundo* (1966-1971), financiada pela Fundação Ford e dirigida por Emir Rodríguez Monegal até 1968, momento em que mudou de diretor (de Emir Rodríguez Monegal a Horacio Daniel Rodríguez) e de endereço (de Paris a Buenos Aires) (GILMAN, 2012, p. 129); e a revista *Libre* (1971-1972), brevemente reunindo textos de intelectuais latino-americanos como Ariel Dorfman, Ángel Rama, Julio Cortázar, Mario Vargas Llosa e Octavio Paz, mas editada em Paris (GILMAN, 2012, p. 280-282). Na imprensa argentina, o jornalista Jacobo Timerman (1923-1999) se inspirou no francês *Le Monde* para fundar o diário *La Opinión* na década de 1970 (ULANOVSKY, 2011, p. 23). Há ainda revistas latino-americanas realizadas em Paris na virada do século XIX e início do século XX, como *La Estrella de Chile* (1891), *El Nuevo Mercurio* (1907) de Gómez Carrillo, *Mundial Magazine* (1911) de Rubén Darío, *La Revista de América* (1912) de Francisco García Calderón e *La Revue Sud-Américaine* (1914) de Leopoldo Lugones (ROLLAND, 2005, p. 74).

¹⁴ Por perspectiva “transnacional” refiro-me a uma história não amarrada a visões metodológicas particulares, isto é, a história transnacional pode perpassar a história política, cultural e intelectual, entre outras linhas. Refere-se mais a uma maneira particular de observar os objetos de investigação, pretendendo destacar relações, redes e processos pensados sem fronteiras, ou melhor, transcendendo as fronteiras do território nacional (PRADO, 2013, p. 19). Ver ainda PRADO, dezembro de 2005; WEINSTEIN, janeiro/junho de 2013.

¹⁵ Quanto ao corpus: além de 141 edições de *Le Monde Diplomatique* impressas entre julho de 1999 e fevereiro de 2011 na Argentina, a análise conta com edições especiais publicadas na Argentina (*Anuário* e *Atlas*) e na França (especialmente a revista bimestral *Manière de voir*), e livros de autoria de seus intelectuais (Carlos Gabetta, Claude Julien, Ignacio Ramonet e Serge Halimi), considerados relevantes para este estudo. Faço referência ainda aos encontros e entrevistas realizadas com os jornalistas e intelectuais de *Le Monde Diplomatique* na Argentina (Carlos Gabetta, Carlos Alfieri, Creusa Muñoz, José Natanson, Luciana Garbarino, Luciana Rabinovich e Pablo Stancanelli) e na França (Anne-Cécile Robert, Bernard Cassen, Dominique Vidal, Maurice Lemoine, Renaud Lambert e Serge Halimi). Assim, a partir da história oral como ferramenta metodológica, espera-se que as entrevistas se tornem fontes históricas relevantes para a compreensão do passado, ao lado de documentos impressos, documentos imagéticos e outros registros (ALBERTI, 2004; FERREIRA, 2002; FREITAS, 2006; MEIHY, 1998; MEIHY, HOLANDA, 2007). As entrevistas foram gravadas, transcritas e traduzidas. Os depoimentos foram revisados e editados, passando por uma atividade de copidesque para ajustar as conversas à leitura, corrigindo erros (concordância e regência, por exemplo) e estilo (padrões e pontuações) (ALBERTI, 2014). Todos os depoimentos estão reunidos no apêndice desta tese.

França e Argentina, revela uma característica da revista como um veículo de circulação de ideias – no caso, circulação de ideias políticas.

Revisitar a trajetória de *Le Monde Diplomatique*¹⁶, sua internacionalização¹⁷ e sua realização na Argentina¹⁸ permitirá alicerçar a análise sobre os encontros e os desencontros entre intelectuais franceses e argentinos¹⁹, a fim de desvelar os rumos que tanto buscam para as esquerdas no presente século.²⁰ E, por fim, provocar uma das mais inquietantes questões contemporâneas: onde estão os tais “intelectuais”? Ou, como questiona provocativamente François Dosse, após versar papéis tão diferentes, entre vigilantes contra as razões do poder, outras vezes conselheiros do príncipe, os intelectuais ainda se identificariam com a indignação militante dos tempos do *affaire* Dreyfus – ou veriam agora o fim de seu reinado, após o tal fim da história, mas antes do fim do mundo?²¹

TAIS INTELECTUAIS

Este estudo flerta com a sociologia, o jornalismo e a ciência política, mas amarra suas linhas primeiramente com a história – história dos intelectuais, história política e história do tempo presente. Três dimensões que requerem vigas, pilares e fundamentações teóricas para pavimentar o caminho que se pretende percorrer.

É essencial, pois, discutir as definições de “intelectuais” – tanto definições quanto “intelectuais” no plural, considerando a prolífica e profusa bibliografia nesse campo. Outrora

¹⁶ Ver capítulo 1: *Na trilha do Le Monde Diplomatique*, que revisita a trajetória da revista, marcada por três momentos principais: o contexto de sua fundação (1954), a consolidação de sua linha editorial, primeiro com Claude Julien (entre 1973 e 1990), depois com Ignacio Ramonet (entre 1990 e 2008).

¹⁷ Ver capítulo 2: *L'internationale du Diplo*, que discute o processo de internacionalização da revista e as diretrizes das edições internacionais, consolidadas nas coordenações de Dominique Vidal (entre 1995 e 2010) e Anne-Cécile Robert (a partir de 2010).

¹⁸ Ver capítulo 3: *Do outro lado do Atlântico*, que aborda o contexto da idealização e realização da edição argentina, por iniciativa de Carlos Gabetta (entre 1999 e 2011). Ainda neste capítulo serão analisados os artigos e editoriais de *Le Monde Diplomatique* sobre questões econômicas, midiáticas e políticas.

¹⁹ Após 140 edições, o jornalista Carlos Gabetta saiu da edição argentina de *Le Monde Diplomatique* em fevereiro de 2011, por divergências políticas, como veremos mais adiante, com o proprietário da editora Capital Intelectual, o empresário Hugo Sigman. Ex-*Página/12*, o jornalista José Natanson assumiu a direção da revista em fevereiro/março de 2011. O principal motivo para as divergências foi a questão peronista, no caso, nos governos kirchneristas. Ver capítulo 4: *Encontros e desencontros*.

²⁰ Ver capítulo 5: *Entre ideias e ilusões*, que, analisando as ideias abordadas nos capítulos anteriores, discute especialmente o papel dos intelectuais argentinos e franceses na articulação de ideias e proposição de alternativas para as esquerdas, revisitando suas experiências concretizadas no século XX e lançando apostas ao século XXI.

²¹ DOSSE, 2007, p. 11.

célebres maestros das ideias ilhados em retóricas abstratas nas suas ilustres torres de marfim, noutros momentos já intrinsecamente imersos nas questões da política, da sociedade e, sobretudo, do tempo a que *pertencem*, os intelectuais assumiram diferentes papéis ao longo da história. A discussão a respeito da própria história dos intelectuais é um fenómeno relativamente novo, adquirindo reconhecimento catapultado por questões políticas relevantes, como ilustra o *affaire* Dreyfus, escândalo político na França de fins do século XIX.

Inocente, o oficial judeu Alfred Dreyfus (1859-1935) foi acusado e condenado por traição como espião alemão na artilharia francesa em 1894. Uma vez descoberto o equívoco, a armada francesa ainda tentaria ocultar o erro. Entretanto, e apesar de aclarada a inocência de Dreyfus, a sentença permaneceria no seu segundo julgamento. Foi o estopim para a indignação do escritor francês Émile Zola (1840-1902), que publicou no literário *L'Aurore* a famosa carta aberta "*J'accuse!*", destinada ao presidente Félix Faure (1841-1899), no dia 13 de janeiro de 1898. No dia 14, pequenos protestos – posteriormente laureados como "*Manifeste des intellectuels*" – ocuparam as páginas de *L'Aurore*, à época lideradas por Georges Clemenceau (1841-1929). O escritor Maurice Barrès (1862-1923) respondeu à carta de Zola nas páginas de *Le Journal*, criticando a reivindicação de tais "intelectuais".²² Nesse episódio, os que defendiam Dreyfus ficaram conhecidos como *dreyfusards* (esquerda progressista), designados pelos *antidreyfusards* (direita conservadora) mui pejorativamente como "intelectuais".

Zola, por sua carta ao presidente, foi julgado por injúria em Paris, em fevereiro de 1898. Artistas, cientistas e letrados, como Marcel Proust (1871-1922) e Émile Durkheim (1858-1917), se solidarizaram publicamente com o escritor, condenado à prisão e posteriormente exilado em Londres – uma solidariedade, justificaram à época, em prol da justiça e da verdade. Estariam assim firmadas duas palavras-chave da luta intelectual: "justiça" e "verdade".²³ Nesse contexto, na virada francesa do século XIX ao XX, viria à luz a ideia de escritores que escapam à sua alçada primeira para se engajarem no espaço público em favor de causas universais. Viriam, pois, ao espaço público: os intelectuais.

Revisando o *affaire* Dreyfus, os historiadores franceses Pascal Ory e Jean-François Sirinelli consideram as circunstâncias marcantes de um primeiro critério rigoroso para definir os intelectuais que, na verdade, não se definem pelo que *são*, um status ou um ofício, mas pelo que *fazem*, isto é, suas intervenções manifestadas no terreno da política.²⁴ Em outras

²² WINOCK, 2000, p. 10.

²³ WINOCK, 2000, p. 38.

²⁴ ORY, SIRINELLI, 2002, p. 13.

palavras, não seriam os homens pensantes, mas os homens manifestantes de um pensamento. Seriam homens – e mulheres, adiciono – do universo cultural, enquanto produtores ou mediadores, *mis en situation* como homens e mulheres no campo do político, enquanto produtores e consumidores de ideologias.²⁵

Mas quem seriam esses artistas, *clerics*, doutos, doutores, eruditos, filósofos, homens e mulheres de ideias e de letras, humanistas, ideólogos, oráculos do presente, senhores da razão, trabalhadores do pensamento, essa iluminada *intelligentsia*? Quem seriam esses intelectuais?

Diferentes interpretações marcaram e marcam os papéis atribuídos aos intelectuais – como ironiza Norberto Bobbio (1909-2004):

Os intelectuais devem ser desaprovados porque são sempre “contra”. Mas isso é dito pelos poderosos do dia. Não, os intelectuais devem ser execrados porque são conformistas. Mas isso é dito pelos que pretendem se tornar os poderosos no futuro. [...]. São incorrigíveis e inoportunos *enfants terribles*. Não, os são “cães de guarda” do poder constituído. Seria possível continuar [...].²⁶

O pensador italiano propõe um olhar sobre a dimensão política dos intelectuais na sua relação com o poder. Em outras palavras, a questão não é apenas quem *são* e o que *fazem* os intelectuais, mas o que *deveriam* ser e o que *deveriam* fazer.²⁷

Entre as diferentes perspectivas, diversos intelectuais acirraram discussões e ideias sobre seu próprio papel. Nas páginas d’*Os intelectuais e o poder*, primeiramente publicadas em Roma, em 1993, Norberto Bobbio destaca ainda quatro perspectivas: para Julien Benda, os intelectuais não teriam uma tarefa política, mas “espiritual”; para Karl Mannheim, os intelectuais teriam uma tarefa teórica e *mediatamente* política, pois deveriam elaborar a síntese de várias ideologias que dão vez a orientações políticas; para José Ortega y Gasset, os intelectuais teriam uma tarefa teórica e *imediatamente* política, pois deveriam elucidar e educar as massas; para Benedetto Croce, os intelectuais teriam uma tarefa política extraordinária, ancorada no ideal de liberdade – diferente da política ordinária dos governantes. Entre vícios e virtudes presentes nessas perspectivas, o autor destaca um vício comum: tais intelectuais são essencialmente retratados como se estivessem acima das classes e das massas, desenraizados da sociedade a que *pertencem*.²⁸

²⁵ ORY, SIRINELLI, 2002, p. 15.

²⁶ BOBBIO, 1997, p. 10.

²⁷ BOBBIO, 1997, p. 69.

²⁸ BOBBIO, 1997, p. 35-36, grifo meu.

Na encruzilhada de distintas definições de “intelectuais”, duas arenas se destacam: o campo da cultura e o campo do poder. Cruzar tais campos de um lado a outro, flexibilizar suas linhas imaginárias ou fortificar suas distâncias provocou duelos teóricos e discussões dinâmicas ao longo do século XX. Dentro de tais arenas estariam em linhas marcadamente opostas os pensamentos de Julien Benda e Antonio Gramsci, depois Jean-Paul Sartre e Raymond Aron.

Julien Benda (1867-1956) publicou a crítica *A traição dos intelectuais* nas edições da *Nouvelle Revue Française* entre agosto e novembro de 1927²⁹, crítica posteriormente publicada como livro na década de 1940. Para Benda, seriam realmente intelectuais Montaigne e Montesquieu, Voltaire a favor de Calas, Zola a favor de Dreyfus. A tese do filósofo francês: os intelectuais seriam reis-filósofos, clérigos puros de vocação “espiritual”, defensores desinteressados de valores universais e tão somente de valores universais – a razão, a verdade e a justiça –, reverberando a ideia: “Meu reino não é deste mundo”.³⁰ Assim trairiam os intelectuais ao mergulhar nas paixões políticas e no realismo mundano.

Antonio Gramsci (1891-1937) expressa, por sua vez, diferente posição ao propor nos seus *Cadernos do cárcere*, escritos entre 1929 e 1935: “Todos os homens são intelectuais, poder-se-ia dizer então; mas nem todos os homens desempenham na sociedade a função de intelectuais”.³¹ Para Gramsci, há uma diferença sensível, entretanto, entre intelectual tradicional e intelectual *orgânico*. O tradicional seria sobretudo o humanista e o literato, que se querem independentes das disputas pelo poder. Por outro lado, o marxista italiano vê o *orgânico* como, ao mesmo tempo, o técnico e o político, intimamente vinculados a classes a fim de organizar interesses e conquistar mais poder.

Apesar de suas diferenças, Benda e Gramsci se encontram ao propor a crítica e o esclarecimento como características próprias aos intelectuais. Ao proferir suas famosas conferências em Londres, em 1993, o pensador palestino Edward Said (1935-2003) partiu das visões de Benda e Gramsci para formular suas ideias. Para Said, o intelectual deveria articular um papel de perturbador do *status quo*, como um *outsider* capaz de manter independência diante das pressões do poder para manifestar suas críticas e suas posições.³² Deveria, aliás, se posicionar ao lado dos elos mais fracos da sociedade. Deveria *dizer* a verdade ao poder. Assim, o intelectual moderno seria um pensador autônomo, independente das diversas esferas

²⁹ WINOCK, 2000, p. 249.

³⁰ BENDA, 2007, p. 144.

³¹ GRAMSCI, 1979, p. 7.

³² SAID, 2000, p. 13.

de poder, um exilado e marginal, um amador³³ e autor de uma mensagem (uma perspectiva, uma filosofia, uma atitude) por e para um público. Seu papel seria levantar questões delicadas e confrontar ortodoxias, norteado por princípios universais como os direitos à liberdade e à justiça – e violações de tais princípios deveriam ser corajosamente criticadas e combatidas.³⁴

Impresso pela primeira vez em 1955, *O ópio dos intelectuais* de Raymond Aron (1905-1983) provocou, após a Segunda Guerra Mundial (1939-1944), desconforto e desconcerto similares aos provocados pelas páginas de Julien Benda após a Primeira Guerra Mundial (1914-1919): ambos acusam intelectuais por fragilidades, fugas e frustrações. Para Aron, a *intelligentsia* contemplaria cientistas e escritores, os produtores de ideias; professores e críticos, os peritos; e jornalistas, os difusores.³⁵ Num contexto ideológico muito polarizado, o livro de Aron critica especialmente intelectuais franceses como Jean-Paul Sartre (1905-1980), Maurice Merleau-Ponty (1908-1961) e autores das revistas *Esprit* e *Les Temps Modernes*, que seriam, na visão do sociólogo, marxistas-leninistas imersos num “delírio ideológico” soviético, afastando-se assim da perspectiva crítica esperada dos intelectuais.

Posicionamento radicalmente diferente ficou marcado nas palavras e no pensamento de Jean-Paul Sartre sobre o papel dos intelectuais, definido no *Que é a literatura?*, de 1948. Para Sartre, o dever do escritor implica se posicionar contra injustiças de toda ordem. Ao cumprir seu compromisso social, o escritor se tornaria um intelectual “engajado”, um pensador crítico, comprometido e independente, sendo responsável tanto pelo que faz quanto pelo que *não* faz, isto é, tanto por suas ações quanto por suas omissões. No pequeno livro, o filósofo existencialista pretende mergulhar na vida secreta das palavras:

[...] O grave erro dos estilistas puros é acreditar que a fala é apenas um zéfiro que perpassa ligeiramente a superfície das coisas, que as afloram sem alterá-las. E que o falante é pura *testemunha* que resume numa palavra sua contemplação inofensiva. Falar é agir [...] Assim, ao falar, eu desvendo a situação por meu próprio projeto de mudá-la; desvendo-a a mim mesmo e aos outros, *para* mudá-la [...]. O escritor “engajado” sabe que a palavra é ação [...]. Sabe que as palavras, como diz Brice-Parain, são “pistolas carregadas”.³⁶

³³ Na expressão “amador”, Edward Said se refere a intelectuais dedicados a uma atividade literalmente alimentada pela dedicação e pelo afeto, em detrimento do lucro e da especialização, que considera limitada, limitadora e egoísta (SAID, 2000, p. 74).

³⁴ SAID, 2000, p. 28.

³⁵ ARON, 1980, p. 183.

³⁶ SARTRE, 2004, p. 20-21.

Manifesto similar se lê no editorial de *Les Temps Modernes*, de outubro de 1945, nas palavras de Sartre: “O escritor está *em situação* com sua época. Cada palavra tem repercussão. Cada silêncio também”.³⁷

Entre o intelectual crítico e o revolucionário, entre o compromisso com a verdade e com a política, entre Raymond Aron e Jean-Paul Sartre, dizia a intelectualidade francesa da época que era melhor “estar errado com Sartre que estar certo com Aron”³⁸ – o que ilustra a polarização marcante desses tempos.

Entretanto, n’*O século dos intelectuais*, impresso pela primeira vez em Paris, em 1997, o historiador francês Michel Winock lembra o mal-estar melindrado a partir de janeiro de 1950, quando Sartre e Merleau-Ponty publicaram na revista *Les Temps Modernes* um texto admitindo a existência dos campos soviéticos, mas hesitaram *escolher* um alvo de ataque num mea-culpa retórico: afinal, diziam os autores, também existiam campos de concentração gregos e massacres nas colônias francesas...³⁹

Tempos depois, Tony Judt (1948-2010) se voltaria ao *passado imperfeito* dos intelectuais franceses tragados pela “fascinação magnética” das ideias comunistas especialmente no pós-guerra até 1956, quando Nikita Khrushchev (1894-1971) fez seu discurso criticando os crimes e os disparates stalinistas. Judt critica a irresponsabilidade de intelectuais como Sartre, Merleau-Ponty, Mauriac, Camus e Beauvoir, ao mesmo tempo incapazes de se integrar e de se afastar dos comunistas, dedicados não a condenar ou a defender os atos de Stalin, mas a tentar justificá-los.⁴⁰ Os intelectuais, lembra o historiador britânico, não seriam sequer diferentes dos demais indivíduos – afinal, também têm ambições e carreiras, também querem impressionar e por vezes reverenciar o poder.⁴¹

Após a Segunda Guerra Mundial, a França se tornou palco privilegiado para os intelectuais. Paris, afinal, ainda era considerada um epicentro cultural, dando repercussão e poder de influência aos pensamentos, feitos e ideias de sua elite intelectual do pós-guerra.⁴² Nos séculos XIX e XX, a cidade-luz se tornou abrigo preferencial para os exilados, para os intelectuais deserdados doutros países. No entanto, o olhar da *intelligentsia* francesa migrou para outros horizontes: a União Soviética. Ao defendê-la, critica Tony Judt, os intelectuais

³⁷ Cf. WINOCK, 2000, p. 518, grifo no original.

³⁸ GILMAN, 2012, p. 41.

³⁹ WINOCK, 2000, p. 606-607.

⁴⁰ JUDT, 2007, p. 169.

⁴¹ JUDT, 2007, p. 208-209.

⁴² JUDT, 2007, p. 371.

franceses superaram sua “irrelevância provinciana”, dadas as limitações da realidade europeia da época, voltando a dialogar questões universais com a História.⁴³

Diante das desilusões desencadeadas a partir de junho de 1956, quando *Le Monde* publicou o relatório secreto de Khrushchev, revelado meses antes no XX Congresso do Partido Comunista da União Soviética, catalisadas depois com a disputa de Suez (outubro de 1956) e a invasão de Budapeste (novembro de 1956), antes com o levante de Berlim (junho de 1953), a morte de Stalin (março de 1953) e a volta de Tito (janeiro de 1953), muitos intelectuais “desertaram”.⁴⁴ Assim, nas décadas de 1950 e 1960, os intelectuais franceses novamente precisaram virar os olhos para outros horizontes, não mais a Europa, não mais a União Soviética. Após a independência da Argélia (julho de 1962), a luta contra o colonialismo tornou-se a luta contra o imperialismo a favor do Terceiro Mundo – “a jovem república Argentina, a Cuba de Fidel Castro e, em seguida, o Vietnã substituem a União Soviética nos corações”.⁴⁵ No paralelo, acontecimentos como a prisão de Régis Debray na Bolívia (1967) e a morte de Che Guevara (1967). A política, pois, não gravitava mais na órbita francesa, mas alhures: “Os novos militantes voltam os olhos para o Vietnã e para a América Latina”.⁴⁶

Do outro lado do Atlântico, a América Latina. Enquanto Michel Winock fragmenta sua história dos intelectuais franceses em três momentos-chave (Maurice Barrès, Andres Gide e Jean-Paul Sartre) no século XX⁴⁷, o historiador argentino Carlos Altamirano não vê possível marcação temporal similar para a história dos intelectuais na América Latina – apesar de destacar nomes importantes como Octavio Paz (1914-1998), José Carlos Mariátegui (1894-1930) e José Ingenieros (1877-1925). Diante da impossibilidade de indicar intelectuais como protagonistas absolutos a simbolizar diferentes momentos do século passado, Altamirano diz que os intelectuais latino-americanos se dedicaram predominantemente a causas nacionais, sem um epicentro intelectual como foi a *axis mundi* Paris.⁴⁸

⁴³ JUDT, 2007, p. 359.

⁴⁴ WINOCK, 2000, p. 649-659; JUDT, 2007, p. 382.

⁴⁵ WINOCK, 2000, p. 714.

⁴⁶ WINOCK, 2000, p. 715.

⁴⁷ Após a primeira edição d’*O século dos intelectuais*, de 1997, o autor destacou, nas páginas finais do livro, outro nome no panorama francês. Após a primavera de 1998, Michel Winock deixa aberta a questão se Pierre Bourdieu poderia protagonizar um novo capítulo da história dos intelectuais franceses (WINOCK, 2000, p. 801). Voltaremos a Bourdieu, adiante nas suas considerações sobre os campos intelectuais e, posteriormente, na sua presença nas páginas de *Le Monde Diplomatique*.

⁴⁸ No original: “(...) *Eso refuerza el hecho que durante el siglo, la vida latinoamericana corrió predominantemente por cauces nacionales y que no hubo ningún escenario central, ninguna capital que ejerciere, como fue el caso de París, y no sólo para Francia, la función de metrópolis de donde brota la autoridad intelectual – con sus revistas, sus editoriales, sus academias, sus debates y, supuesto, sus maestros del pensar que a menudo han también sido maestros de la pluma*” (ALTAMIRANO, 2010, p. 11).

No início do século XX ⁴⁹, as nações latino-americanas viviam seus tempos de *belle époque* e de acelerado crescimento econômico, uma vez incorporadas à economia internacional como produtoras de matérias-primas e receptoras de capitais e inovações tecnológicas – o que impulsionou novo dinamismo nas sociedades e ritmo nas cidades. Paulatinamente, a atividade política se profissionalizou, os escritores se especializaram e, ao longo das décadas de 1920, 1930 e 1940, foram se delineando os contornos do campo intelectual latino-americano, em torno de cafés, redações, revistas.⁵⁰

O historiador francês François Dosse demarca na América Latina um bom terreno de transferência cultural do modelo de intelectual inspirado no *affaire* Dreyfus – um intelectual comprometido, com papel maior no fenômeno de *hibridização* da cultura europeia das luzes com as culturas autóctones.⁵¹

Outro historiador francês e latino-americanista, Olivier Compagnon considera que, nas primeiras décadas do século XX, a América Latina passou por uma profunda mudança intelectual, marcada por uma crise de identidade e por reflexões renovadas sobre o destino das nações.⁵² Para Compagnon, o impacto da Primeira Guerra Mundial na intelectualidade latino-americana se verteu numa inquietação identitária muito forte, contexto agravado ainda com as celebrações dos centenários de suas independências. Se antes a Europa, sobretudo a França, representava um modelo de civilização, um ideal, uma luz para as nações latino-americanas, após a deflagração do conflito, os intelectuais latino-americanos passaram a mirá-la como um desmoronamento da razão, uma desilusão europeia, um desencantamento do *velho* mundo – e passaram a olhar para dentro, para as discussões, literárias e políticas, sobre suas próprias identidades nacionais ⁵³ – discussões feitas, nas décadas de 1920 e 1930, na esteira do desenvolvimento da imprensa, das revistas culturais, como *Martín Fierro* (1924), *Amauta* de José Carlos Mariátegui (1926) e *Sur* de Victoria Ocampo (1931), das vanguardas modernistas e da valorização das culturas populares sintonizadas num *redescobrimento* latino-americano.

Ao abordar a questão nacional na intelectualidade latino-americana na década de 1920, a historiadora argentina Patricia Funes assinala como o antiimperialismo cruzou o

⁴⁹ A influência das ideias francesas, vale dizer, é anterior ao século XX. No século XIX, na época das independências hispano-americanas via-se a razão como bússola para as ações humanas – e as tais ideias francesas se disseminaram na América Latina entre ilustrados que, alimentados por elas, se posicionaram no front de seus exércitos, como Simon Bolívar e Saint Martin. Cf. PRADO, 1999, p. 23.

⁵⁰ ALTAMIRANO, 2010, p. 13.

⁵¹ François Dosse destaca que Diana Quattrocchi-Woissou, por exemplo, mostrou o papel dos intelectuais como elite cosmopolita na Argentina, aberta às novidades da modernidade, mas atrapada num marco político refratário com o peronismo. Cf. DOSSE, 2007, p. 86.

⁵² COMPAGNON, 2014, p. 18.

⁵³ COMPAGNON, 2014, p. 219.

pensamento sócio-político latino-americano na época, marcando uma das características mais expressivas das reflexões regionais no século XX⁵⁴, nos ensaios de José Vasconcelos (1882-1959), Leopoldo Lugones (1874-1938) e Ricardo Rojas (1882-1957), entre muitos outros – diante da expansão norte-americana e, como diria Olivier Compagnon, do *adeus* europeu no pós-guerra. Era o momento de pensar e *salvar* a nação. Para Funes, o imperialismo se tornou alvo teórico e ideológico, nas suas raízes econômica e política, de tal sorte que as oposições oligarquia/imperialismo *versus* povo/nação, consolidadas na década de 1920, entre o pós-guerra (1919) e a crise capitalista (1929), dominariam a cultura política latino-americana nas décadas de 1930 e 1940.⁵⁵

Se no século XIX e nos primeiros passos do século XX, a cultura europeia, sobretudo francesa, marcava presença notável nos países latino-americanos, como modelo relacionado às ideias de progresso e de civilização⁵⁶, a década de 1930 viria a intensificar a distância entre esses imaginários culturais e políticos ultramarinos. Por muito tempo, a cultura francesa simbolizou um farol republicano, um modelo cultural e político de democracia liberal a inspirar as elites de outras nações – um modelo que, a partir da década de 1930, passaria por uma forte crise de legitimidade. A declaração da guerra *total* (1939) ricocheteou como uma derrota moral do modelo francês – à guerra, afinal, se impregnava a ideia de barbárie, muito distante do ideal de civilização.⁵⁷ Assim, o historiador francês Denis Rolland destaca dois movimentos nesse fluxo histórico: no século XIX, a França era vista da América Latina como o país cultural por excelência – na sua expressão, um “conservatório cultural”; no século XX, a América Latina passa a ser vista como um “laboratório cultural”.⁵⁸

De volta ao século XX, enquanto dois mundos se polarizavam após a Segunda Guerra Mundial, África, Ásia e América Latina passaram a surfar uma onda revolucionária que, para muitos, poderia se revelar a força motriz para a revolução mundial. Era a ascensão de um

⁵⁴ FUNES, 2006, p. 205.

⁵⁵ FUNES, 2006, p. 406-407.

⁵⁶ ROLLAND, 2005, p. 111.

⁵⁷ Apesar da guerra, Denis Rolland assinala que a França, ocupada e resistente, tornou-se símbolo de uma liberdade a recuperar – o que provocou uma retomada apenas momentânea dos laços já afrouxados entre França e América Latina. Além da guerra, o autor cita outros fatores para o distanciamento e a crise do modelo francês, como o interesse dos olhares latino-americanos a outros pontos do mundo, como a Revolução Russa de 1917 (que impulsionou a fundação dos primeiros partidos comunistas latino-americanos, na Argentina, no Brasil e no Chile, e da primeira seção latino-americana do Komintern no México, em 1919) (ROLLAND, 2005, p. 250). Na década de 1920, ideias socialistas, comunistas e anarquistas penetraram o tecido latino-americano e geminaram a fundação dos partidos filiados à Terceira Internacional Comunista, na Rússia: Argentina, 1918; Brasil, 1922; Cuba, 1925; Colômbia, 1930; Peru, 1930 (PRADO, PELLEGRINO, 2014, p. 118). Tempos depois, com os ares de triunfo dos americanos no pós-guerra, do *american way of life* (ROLLAND, 2005, p. 458). Voltarei a abordar a influência francesa no imaginário cultural e político latino-americano, sobretudo argentino, a partir dos diálogos e das relações imbricadas entre intelectuais – franceses e argentinos – na idealização e na realização de *Le Monde Diplomatique* no país. Ver capítulo 3: *Do outro lado do Atlântico*.

⁵⁸ ROLLAND, 2005, p. 466-467.

Terceiro Mundo, que pretendia intervir politicamente, sem se aliar aos Estados Unidos ou a União Soviética, contexto que se marcaria posteriormente por Cuba (1959), pela descolonização africana e pela resistência vietnamita. Assim, ao destrinchar o papel dos escritores-intelectuais nas revistas diversas político-culturais latino-americanas nas décadas de 1960 e 1970, como as argentinas *El Grillo de Papel* (1959) e *El Escarabajo de Oro* (1961), as cubanas *Casa de las Américas* (1960) e *El Caimán Barbudo* (1966) e as mexicanas *Cuadernos Americanos* (1942) e *Siempre!* (1953), a historiadora argentina Claudia Gilman considera que as discussões intelectuais e políticas ficaram marcadas pela recusa a toda postura colonial e imperialista, consolidando-se, ademais, a convicção de que os rumos históricos mudavam de horizonte – e as expectativas sobre as possibilidades revolucionárias se voltavam ao Terceiro Mundo.⁵⁹ Diante desse protagonismo terceiro-mundista, intelectuais latino-americanos, ainda catapultados internacionalmente com o *boom* da literatura latino-americana com Gabriel García Márquez (1927-2014), Mario Vargas Llosa (1936-), Julio Cortázar (1914-1984), Guillermo Cabrera Infante (1929-2005), Carlos Fuentes (1928-2012), Alejo Carpentier (1904-1980) e Ángel Rama (1926-1983), entre outros, manifestavam a convicção de que poderiam – e que deveriam – personificar uma das principais forças para a transformação radical da sociedade. Aos olhos do poder constituído, os escritores-intelectuais latino-americanos passaram a ser vistos como agitadores, subversivos, utópicos.⁶⁰

Entre o intelectual comprometido e o intelectual revolucionário, entre a pluma e o fuzil, a intelectualidade latino-americana viveu outro momento de inflexão a partir da década de 1960, que cimentaram as tais expectativas sobre a revolução mundial com os golpes militares perpetrados no território latino-americano – como no Brasil (1964), na Argentina (1976), no Chile (1973) e no Uruguai (1973).

Após os nebulosos tempos das ditaduras militares⁶¹, enquanto a América Latina voltava passo a passo a trilhar seus caminhos nas redemocratizações nas décadas de 1980 e 1990, outros rumos assolavam as expectativas da esquerda mundo afora – a derrocada do muro de Berlim (1989), a dissolução da União Soviética (1991) e a consolidação das políticas neoliberais nos anos seguintes. Nestas páginas, pretendo questionar se, na virada do século

⁵⁹ GILMAN, 2012, p. 370.

⁶⁰ GILMAN, 2012, p. 59-61.

⁶¹ Há, vale dizer, uma riquíssima literatura sobre a história das ditaduras militares latino-americanas, nos seus contextos, contornos e confrontos, valiosa na revelação das violações aos direitos humanos, na reflexão sobre o “legado” autoritário residual nas sociedades pós-ditaduras (MARTINHO, COSTA PINTO, 2012), na crítica à censura na imprensa (AQUINO, 1999; KUCINSKI, 1991; KUSHNIR, 2004), na análise das manifestações culturais da época (RIDENTI, 2014), entre muitas outras perspectivas sobre o período no Brasil e na América Latina. Voltarei, noutros momentos, à questão da ditadura e da política na Argentina. Ver capítulos 3: *Do outro lado do Atlântico* e 4: *Encontros e desencontros*.

XX para o século XXI, os intelectuais voltariam, mais uma vez, o olhar a outros horizontes: de volta à América Latina, marcada por um *giro a la izquierda* com a conquista do poder por políticos, líderes e movimentos marcadamente identificados com posições antineoliberais, ancorados em tradições socialistas e socialdemocratas, à esquerda ou centro-esquerda no espectro político ⁶² – certamente lembrando seus diferentes matizes e singularidades na realidade regional –, nas vitórias nos pleitos presidenciais de Hugo Chávez na Venezuela (1998), Luiz Inácio Lula da Silva no Brasil (2002), Néstor Kirchner na Argentina (2003), Evo Morales na Bolívia (2005), Michelle Bachelet no Chile (2005), Rafael Correa no Equador (2006), Tabaré Vázquez e José Pepe Mujica no Uruguai (2004 e 2009). Noutros tempos interrompido por sombrias ditaduras militares, o protagonismo latino-americano voltaria revigorado na alvorecer do novo século aos olhos dos intelectuais e das esquerdas? ⁶³

*

Intelectuais e esquerdas. Lado a lado, as duas expressões suscitam questionamentos e argumentações. Por que, como questiona Norberto Bobbio, atribuímos aos intelectuais caracteres moralmente positivos, como a bravura de suas convicções, a independência de seu juízo, a ousadia de suas ideias, o gosto do paradoxo, o espírito crítico, a defesa da liberdade e da justiça? ⁶⁴ A propósito do livro de Julien Benda, Bobbio minuta que a verdade dos intelectuais vale mais à esquerda, pois os intelectuais de esquerda podem declarar seus fins, mas os intelectuais de direita, não. Os primeiros declarariam desejar a justiça social para a humanidade; os segundos diriam desejar salvar a pátria e a liberdade, mas pensariam no extremo oposto – “no que pensam efetivamente, na defesa dos próprios interesses, não têm a coragem de dizer, e se o dissessem ninguém os apoiaria, e por isso agem continuamente de má-fé”, critica o politólogo. ⁶⁵

No paralelo, o sociólogo Michael Löwy faz alinhada crítica ao analisar o itinerário intelectual e a ideologia política de György Lukács (1885-1971). Löwy destaca que os intelectuais ocupam um lugar específico no processo de produção ideológica. Seriam, aliás, produtores diretos da esfera ideológica. Seriam artistas, escritores, filósofos, publicistas,

⁶² AGUIRRE, 2013, p. 1; MODONESI, 2013, p. 151.

⁶³ Voltarei mais intensamente a essa questão no desenvolvimento desta tese, a fim de respondê-la a partir da análise de *Le Monde Diplomatique* ao relacionar a perspectiva dos intelectuais franceses e a realidade dos intelectuais latino-americanos, no caso, argentinos – e como colidem, atraem-se e afastam-se essas duas visões. Um questionamento capital, também presente nos capítulos seguintes, é a definição de “esquerda” para *Le Monde Diplomatique*. Ver capítulos 4: *Encontros e desencontros* e 5: *Entre ideias e ilusões*.

⁶⁴ BOBBIO, 1997, p. 116.

⁶⁵ BOBBIO, 1997, p. 49.

teólogos, certos estudantes e jornalistas – que vivem, sublinha o sociólogo, num universo regido por valores qualitativos: o belo e o feio, o certo e o errado, o justo e o injusto e assim por diante.⁶⁶ Assim, muitos intelectuais se encontram essencialmente em contradição com o universo capitalista, ditado rigorosamente por valores quantitativos, isto é, sob a égide do capital. “Para o artista, o quadro é antes de tudo belo, luminoso, expressivo ou inquietante; para o capitalismo, é antes de tudo um objeto que vale 50.000,00!”, ilustra o sociólogo.⁶⁷ Diante desse contraste, primordialmente avessos ao capitalismo, portanto, os intelectuais recusariam não tal ou qual pilar quantitativo do modo de produção capitalista, mas sua pedra fundamental: a dominação de toda vida humana pelo valor de troca.⁶⁸

Ao lado do crítico literário Robert Sayre, Löwy avança na discussão sobre a aversão dos intelectuais ao capitalismo a partir da ideia de *romantismo anticapitalista*, compreendida como visão crítica, resposta e recusa às condições de vida na sociedade capitalista moderna.⁶⁹ Um romantismo, poetizaria Gérard Nerval, ao mesmo tempo “iluminado pela estrela da *revolta* e pelo sol negro da *melancolia*”.⁷⁰

Entre as diferentes vertentes do *romantismo anticapitalista* destrinchadas pelos autores⁷¹, destaca-se especialmente a ideia de romantismo revolucionário⁷², que almejaria um futuro

⁶⁶ LÖWY, 1979, p. 6.

⁶⁷ LÖWY, 1979, p. 6.

⁶⁸ LÖWY, 1979, p. 270.

⁶⁹ LÖWY, SAYRE, 1993, p. 20.

⁷⁰ LÖWY, SAYRE, 2008, p. 28; grifo meu.

⁷¹ Invertendo a expressão “anticapitalismo romântico” de Lukács, Michael Löwy e Robert Sayre propõem uma tipologia do “romantismo anticapitalista”, da direita à esquerda, do século XVIII aos dias atuais. Entre os diferentes tipos estariam: 1. o romantismo restitutionista, que visa restituir valores sociais e culturais pré-capitalistas, do passado medieval (como Adam Müller, Friedrich Novalis, Friedrich Schelling); 2. o romantismo conservador, que busca manter um estado tradicional na sociedade existente, legitimando a ordem a partir da evolução história considerada natural (como Edmund Burke, Thomas Malthus, Stahl); 3. o romantismo fascista, marcado pelo anticapitalismo mesclado à recusa da democracia parlamentar e do comunismo (como Gottfried Benn, Knut Hamsun); 4. o romantismo resignado, que lamenta a modernidade, mas nela reconhece uma situação *de facto* (como Thomas Mann, Max Weber, Gustave Flaubert); 5. o romantismo reformador, que valoriza formas e reformas para voltar a valores antigos (como Lamartine, Lamennais, Victor Hugo); e 6. o romantismo revolucionário, que pretende instaurar um futuro novo, reencontrando valores perdidos com a consolidação da modernidade capitalista (LÖWY, SAYRE, 1993; LÖWY, SAYRE, 2008, *passim*). Certamente, a tipologia, inspirada nos tipos ideais de Max Weber, não é rígida, pois a vida e o itinerário intelectual de um autor podem não corresponder a um tipo ideal ou podem corresponder a vários, além dos movimentos e reviravoltas entre as diferentes linhas do romantismo anticapitalista (LÖWY, SAYRE, 1993, p. 33; LÖWY, SAYRE, 2008).

⁷² Dentro do romantismo revolucionário, os autores identificam linhas diferentes, a saber: 1. o romantismo jacobino-democrático, crítico das opressões do passado e do presente, vinculado ao iluminismo (como Jean-Jacques Rousseau, Heinrich Heine); 2. o romantismo populista, que pretende desenvolver modos de produção da vida camponesa pré-moderna (como Leon Tolstói, Aleksandr Herzen); 3. o socialismo utópico-humanista, que critica o capitalismo a favor da humanidade (como Fourier, Leroux, Moses Hess); 4. o romantismo libertário, ou anarquista, que idealiza uma federação descentralizada inspirada em tradições pré-capitalistas de camponeses (como Mikhail Bakunin, Oscar Wilde, Pierre-Joseph Proudhon); e 5. o romantismo marxista, vertente focada na luta de classes e no papel revolucionário do proletariado (como Walter Benjamin, Raymond Williams, Hebert Marcuse, Henri Lefebvre, E. P. Thompson, E. Bloch, além dos próprios Marx e Engels) (LÖWY, SAYRE, 1993; LÖWY, SAYRE, 2008).

radicalmente novo, reencontrando valores perdidos com a modernidade capitalista. Nas palavras de Michael Löwy e Robert Sayre, “a nostalgia do passado pré-capitalista é, por assim dizer, ‘investida’ na esperança de um futuro pré-capitalista”.⁷³

Segundo Löwy e Sayre, diversas dimensões românticas estariam presentes no Maio de 1968 e outras irrupções da época, como nos movimentos terceiro-mundistas, nas mobilizações pacifistas, na teologia da libertação, nas ideias feministas, nas correntes ecológicas, nas agitações contraculturais, entre outros fluxos.⁷⁴

A palavra “romantismo”, entretanto, ainda é lida, tragada e digerida com certo amargor atualmente. Vista como um desvio de trajeto, a expressão é alvo de interpretações desprestigiadas e pejorativas, que relacionam “romantismo” a idealistas ingênuos, utopistas do passado, inveterados nostálgicos que, desenraizados do presente, não se mobilizam para construir o futuro. Não é a ideia presente. Cito, porém, as dimensões coloridas do romantismo revolucionário por considerá-las essenciais para a compreensão do jogo de luzes entre intelectuais franceses e latino-americanos, num certo fascínio no olhar do outro a respeito das experiências e potencialidades revolucionárias dos dois lados do Atlântico. De um lado, intelectuais latino-americanos inspirados ao rememorar as tradições francesas, berço revolucionário republicano e da *intelligentsia* moderna. De outro, intelectuais franceses admirados ao observar as alternativas experimentadas no território latino-americano, simbólico novo mundo e laboratório político-cultural, no presente século. E como uns e outros se *idealizam*.⁷⁵

Amadores, críticos, engajados, orgânicos, outsiders, utópicos, subversivos, revolucionários, românticos, os intelectuais incorporaram diferentes *representações* ao longo da história. Utópicos ou realistas, reverenciados ou malditos, lembrados ou esquecidos, os intelectuais tentam influir nos ritmos e rumos de suas sociedades, independentemente de uma efêmera vitória ou de um amargo fracasso, conquistando, assim, seu lugar na história. Nesta tese, os intelectuais são considerados *lato sensu* acadêmicos, artistas, escritores, estudantes, eruditos, experts, ideólogos, jornalistas e militantes, entre muitos outros ofícios e ocupações;

⁷³ LÖWY, SAYRE, 2008, p. 31.

⁷⁴ No fim da década de 1950, circunstâncias históricas permitiram o florescimento de diversas versões do romantismo revolucionário, na Argélia, Cuba, Vietnã. No Brasil, o sociólogo Marcelo Ridenti versa o romantismo revolucionário para compreender as lutas políticas e culturais durante a ditadura, especialmente entre a década de 1960 e o início da década de 1970, da luta armada às manifestações políticas e culturais no cinema, na literatura, na música e no teatro (RIDENTI, 2014).

⁷⁵ Hipótese capital desta tese, voltarei a esse questionamento ao abordar o caso específico dos intelectuais protagonistas da história de *Le Monde Diplomatique*. Ver capítulos 4: *Encontros e desencontros* e principalmente 5: *Entre ideias e ilusões*.

mas *stricto sensu* no papel desempenhado na sociedade, isto é, enquanto produtores e difusores de ideias: atores no debate público.

Não seria demais lembrar: os intelectuais não estão para além do bem e do mal. E se há mentes brilhantes empenhadas na crítica para a defesa das minorias, há ainda pensadores dedicados às cartilhas do *status quo* – afinal, há intelectuais tanto à esquerda quanto à direita no espectro do jogo político. Essencialmente imperfeitos, os intelectuais devem lidar como equilibristas entre um realismo firme, um desvelo racional austero e um duelo com seus próprios dilemas, dramas, interesses, lassitudes e paixões políticas. Ademais, os intelectuais *pertencem* ao seu tempo. Não são almas desenraizadas, mas corpos e mentes que se relacionam inextricavelmente à sua realidade, ao seu país e à sua época.

Do sociólogo Pierre Bourdieu (1930-2002), vale destacar a ideia de *campo intelectual* como primeiro horizonte dos conflitos político-culturais. Trata-se de um universo social diferenciado, articulado com sua própria lógica e suas relações internas. Ali os indivíduos estariam integrados numa estrutura em que são fundamentais as relações recíprocas e a sociabilidade, as questões de legitimidade e de capital cultural – o que permite abarcar diversas alternativas das trajetórias individuais de seus integrantes e de seus produtos culturais.⁷⁶ Diz Bourdieu: “Esse universo relativamente autônomo (o que significa dizer também, é claro, relativamente dependente, em especial com relação ao campo econômico e ao campo político) dá lugar a uma economia às avessas, fundada, em sua lógica específica, na natureza mesma dos bens simbólicos, realidades de dupla face, mercadorias e significações, cujo valor propriamente simbólico e o valor mercantil permanecem relativamente independentes”.⁷⁷ É preciso, pois, considerar as questões geracionais, os diferentes itinerários (a trajetória política dos intelectuais) e as talvez divergentes sociabilidades (as relações entre os intelectuais, ancoradas nas suas simpatias e motivações ideológicas, filosóficas e políticas, mas também nas relações de solidariedade e sensibilidade seladas).⁷⁸

A ideia de *campo intelectual* descortina uma discussão sobre a legitimidade disputada, apostada e atribuída aos avatares da *intelligentsia*. Um definir de identidades – quem, afinal, tem autoridade para se declarar “intelectual”? – no qual esses trabalhadores do pensamento só

⁷⁶ Na questão metodológica, Pierre Bourdieu oferece referência fundamental sobre as operações necessárias para analisar obras culturais. Primeiro, a análise da posição do campo literário/intelectual em relação ao poder – e sua evolução no decorrer do tempo. Segundo, a análise da estrutura interna do campo literário/intelectual, que obedece às suas próprias regras, isto é, a estrutura das relações entre as diferentes posições de seus integrantes. Terceiro, a análise da gênese dos *habitus* desses integrantes, na relação de suas trajetórias e seus produtos culturais (BOURDIEU, 1996, p. 243).

⁷⁷ BOURDIEU, 1996, p. 162; BOURDIEU, 2002.

⁷⁸ SIRINELLI, 1996.

passam a existir como tais dentro de uma rede de relações, visíveis e invisíveis, que definem sua posição social, diante da posição dos outros.⁷⁹ Definição definitiva, pois, não há.

O historiador Jean-François Sirinelli destaca o caráter polissêmico e polimorfo da ideia de “intelectual”.⁸⁰ No entanto, pondera: a definição de intelectual pode ser *variável*, de acordo com a época e o contexto histórico, mas está alicerçada em *invariantes*.⁸¹ Ilustra Sirinelli que, enquanto mediadores culturais, os intelectuais podem se reunir num núcleo duro mais estreito, como o setor de uma universidade e a redação de uma revista. Às revistas, um olhar francês:

As revistas conferem uma estrutura ao campo intelectual por meio de forças antagônicas de adesão – pelas amizades que as subentendem, as fidelidades que arrebanham e a influência que exercem – e de exclusão – pelas posições tomadas, os debates suscitados e as cisões advindas. Ao mesmo tempo que um observatório de primeiro plano da sociabilidade de microcosmos intelectuais, elas são, aliás, um lugar precioso para a análise do movimento das ideias. Em suma, a revista é, antes de tudo, um lugar de fermentação intelectual e de relação afetiva, ao mesmo tempo viveiro e espaço de sociabilidade, e pode ser, entre outras abordagens, estudada nesta dupla dimensão.⁸²

Para François Dosse, enquanto observatório essencial para estudar a história dos intelectuais, as revistas revelam ainda afinidades num reordenamento ao redor de um indivíduo, evidenciando uma usual personalização de uma revista: *Les Temps Modernes* com Jean-Paul Sartre, *Esprit* com Emmanuel Mounier, *Cahiers de la Quinzaine* com Charles Péguy, *Annales* com Marc Bloch e Lucien Febvre e assim por diante⁸³ – e, no paralelo possível, adiciono, *Le Monde Diplomatique* com Claude Julien e Ignacio Ramonet na França; *El Dipló* com Carlos Gabetta na Argentina. Tal personalização garantiria relativa continuidade a uma realidade frágil e movediça, exposta a múltiplas mutações e rupturas.

Às tradições das revistas latino-americanas, um olhar argentino, de Altamirano:

⁷⁹ BOURDIEU, 1996; BOURDIEU, CHARTIER, 2010, p. 13; CHARTIER, 2011, p. 88.

⁸⁰ Para Sirinelli, é preciso considerar três noções para o estudo dos intelectuais: geração, itinerário e sociabilidade. Quanto à questão geracional, o historiador observa que as solidariedades são um elemento importante nos círculos intelectuais – e é preciso considerar a geração, que costuma se formar a partir de um acontecimento fundador, permitindo construir uma memória coletiva para as trajetórias individuais. A análise do itinerário político, por sua vez, permite uma abordagem sobre o engajamento dos intelectuais. A sociabilidade, por fim, pode acontecer em torno da elaboração de uma revista, um manifesto, uma editora, passando também pela relação entre as dimensões afetivas e ideológicas, pois os comportamentos dos intelectuais são firmados não só por motivações filosóficas ou políticas, mas pela sensibilidade (SIRINELLI, 1996).

⁸¹ SIRINELLI, 1996, p. 242-243.

⁸² SIRINELLI, 1996, p. 249.

⁸³ DOSSE, 2007, p. 59.

As revistas culturais têm sido tradicionalmente uma frente para a história das ideias e a história da literatura. Através delas é possível estudar as direções e as batalhas do pensamento nas sociedades modernas e fazer o mapa das linhas de sensibilidade de uma cultura em um determinado momento. Entretanto, as revistas são também uma forma de agrupamento e de organização da *intelligentsia* e uma história dos intelectuais não poderia esquecê-las [...].⁸⁴

Crítica literária e socióloga argentina, Beatriz Sarlo também avista o papel que tiveram as revistas para os intelectuais latino-americanos. Por sua intencionalidade política, aposta nas revistas como lugar privilegiado para pensar o presente que pretendiam transformar.⁸⁵ Nessa ótica, as revistas são, portanto, palco de batalhas estéticas, ideológicas e políticas – um convite a assistir, analisar e criticar os projetos e as atividades intelectuais.

Observatório de primeira ordem, portanto, as revistas – sobretudo as revistas literárias e políticas – podem compor um *locus* privilegiado para a investigação do papel *de facto* dos intelectuais e dos movimentos das ideias, pois a imprensa pode se revelar terreno fértil para as discussões políticas, enquanto mediador de ideias na esfera dos debates culturais, estéticos, estilísticos, intelectuais, ideológicos e políticos de nosso tempo.⁸⁶

*

História *da* imprensa, mas também *na* imprensa e *através da* imprensa.⁸⁷ Isto é, diversos prismas refletem no papel da imprensa na historiografia: como observadora, como narradora e como protagonista de uma história. A fim de compreender o presente a partir de

⁸⁴ Traduzido do original: “*Las revistas culturales han sido tradicionalmente una frente para la historia de las ideas y la historia de la literatura. A través de ellas se pueden estudiar las direcciones y las batallas del pensamiento en las sociedades modernas y hacer el mapa de las líneas de sensibilidad de una cultura en un momento dado. Pero las revistas son también una forma de agrupamiento y organización de la intelligentsia y una historia de los intelectuales no podría olvidarlas [...]*” (ALTAMIRANO, 2010, p. 19).

⁸⁵ SARLO, 2005; SARLO, 2005a.

⁸⁶ No Brasil, diversos estudos abordaram a imprensa como documento e como fonte principal para o historiador. Há uma importante bibliografia sobre a imprensa alternativa (uma impressionante experiência nacional nos tempos da ditadura civil-militar, com símbolos como *Pasquim*, *Pif Paf* e *Movimento*), sobre a imprensa tradicional (com questionamentos sobre as posições editoriais e políticas de “jornalões” como *Folha de S. Paulo* e *O Estado de S. Paulo*) e sobre as revistas político-culturais (não só nacionais, mas principalmente latino-americanas, como *Lunes*, *Martín Fierro*, *Sur*, entre outras). Entre outros, exemplos emblemáticos se encontram nas dissertações de Maria Helena Rolim Capelato e Maria Ligia Coelho Prado, publicadas no livro *O bravo matutino: imprensa e ideologia: O Estado de S. Paulo* (1980); de Maria Aparecida de Aquino, versada no livro *Censura, imprensa e Estado autoritário (1968-1978): O Estado de S. Paulo e Movimento* (1999); e de Silvia Mikulin, com a investigação de *Lunes* no livro *Cultura ilhada: imprensa e Revolução Cubana (1959-1961)* (2003); e nas teses de Bernardo Kucinski, com *Jornalistas e revolucionários: nos tempos da imprensa alternativa* (1991); e de Beatriz Kushnir, com *Cães de guarda: jornalistas e censores, do AI-5 à Constituição de 1988* (2004). Maria Helena Rolim Capelato ainda assina *Os arautos do liberalismo: imprensa paulista (1920-1945)* (1989) e *Imprensa e história do Brasil* (1988).

⁸⁷ LUCA, 2014.

uma revista, é preciso desvendar um universo próprio da imprensa: diretrizes editoriais, edições especiais, ilustrações e fotografias, páginas mais relevantes, questões de layout, reuniões de pauta e de redação, relações oficiais e extraoficiais com a política, com os políticos e os partidos. Assim, estudar uma revista implica descobrir, demarcar e desvelar seus elos internos e externos⁸⁸, ao considerar que a imprensa é, antes de tudo, um pequeno universo simbólico que merece ser observado por *dentro* e, posteriormente, por *fora*, nas suas relações com a sociedade e o poder.

Vale talvez um pequeno parêntesis: há infindáveis críticas voltadas à imprensa, como registro fragmentário do presente, realizado sob o influxo de diferentes interesses, ideais e paixões. Certamente, é preciso considerar criticamente o jornalismo e a imprensa como construções sociais – afinal, jornais e revistas não imprimem a realidade, mas interpretações sobre a realidade; aliás, jornais e revistas muitas vezes erram, esquivam, tergiversam e, infelizmente, mentem.

Entre a relativa transcendência dos livros e a relativa transitoriedade dos jornais, as revistas⁸⁹ se ocupam do presente. Se liderada por rodas intelectuais, pertencem simultaneamente ao campo jornalístico e ao campo artístico-cultural, podendo reunir no mesmo *front* teóricos, políticos, militantes. Logo podem ser analisadas como baluartes culturais e porta-vozes políticos. Ora observadora ora protagonista da história, uma revista pode simbolizar uma arena em que jornalistas e intelectuais fazem política – e fazem jornalismo, a maior batalha por corações e mentes de nosso tempo.⁹⁰

De volta às trincheiras das ideias: da carta “*J'accuse!*” de Émile Zola no literário *L'Aurore*, passando por manifestos de Jean-Paul Sartre na revista *Les Temps Modernes* até, no horizonte do século XXI, a hiper-atualizada história imediata, com intelectuais como Bernard Cassen na idealização do Fórum Social Mundial de Porto Alegre, Slavoj Žižek no

⁸⁸ JEANNENNEY, 2003.

⁸⁹ Neste ponto, reitero uma das primeiras notas desta tese: a preferência para designar *Le Monde Diplomatique* como “revista”, “magazine” ou “gazeta”. Primeiro, para evitar confusões com o “jornal” diário *Le Monde*, diversas vezes mencionado nas próximas páginas. Segundo, a periodicidade mensal, o estilo e a linha editorial diferenciada afastam *Le Monde Diplomatique* do perfil de um jornal nos moldes convencionais da imprensa. Além disso, no Brasil, as definições correntes reservam as palavras “jornal” para a publicação diária e “revista” para as de periodicidade mais espaçada, enfeitadas por uma capa e com maior diversidade temática – entretanto, só para ponderar, “sempre se pode citar os jornais semanais e seu afã de tudo abarcar, ou as revistas extremamente especializadas” (LUCA, 2014, p. 131). Segundo o dicionário referência Houaiss, o verbete “jornal” se refere a uma publicação diária, com notícias sobre o cenário político nacional e internacional, além de informações sobre diversos ramos do conhecimento; “revista”, por sua vez, refere-se a uma publicação periódica que costuma reunir matérias jornalísticas – e, se voltadas a um público especializado, assumem um determinado formato (por exemplo, literário ou científico). A revista preenche, ou pretende preencher, lacunas informativas deixadas pela cobertura dos jornais diários. Além do design mais sofisticado, outro fator a diferenciá-la dos jornais é o texto, conciliando técnicas jornalística e literária, com teor interpretativo: o estilo magazine (VILAS BOAS, 1996).

⁹⁰ ROSSI, 1995, p. 10.

Occupy Wall Street de Nova York e muitos outros reunidos na confecção das edições de *Le Monde Diplomatique*, os intelectuais aguçaram as mais diversas inquietações teóricas e estudos de outros intelectuais, a respeito de seu papel na sociedade.

Inquietações extremamente presentes nos tempos atuais. Se entre guerras ideológicas e revoluções, o breve século XX se tornou a era do engajamento político dos intelectuais, que intelectualidade possível traz a aurora do século XXI? Onde estão os agitadores, promotores de campanhas e signatários de manifestos? Onde estão os sucessores de Michel Foucault, Pierre Bourdieu, Raymond Aron?⁹¹ Nesses tempos *fraturados*, como instigara Eric Hobsbawm, que brechas podem encontrar os intelectuais diante de um mundo dominado pelo espetáculo midiático? Que inteligibilidade se pode encontrar num mundo paradoxal onde a *irracionalidade* na política e nas ideologias podem perfeitamente conviver com a racionalidade das tecnologias mais avançadas?⁹²

Entre suas tramas e dilemas, repensar a história dos intelectuais implica lembrar as condições a impulsioná-la. Desde fins do século XX até o presente, com novo gás a partir da renovação da história política, a história dos intelectuais conquistou legitimidade paulatinamente nas arenas acadêmicas.⁹³ A história dos intelectuais está, aliás, no cruzamento das histórias cultural, social e política.⁹⁴

A partir das décadas de 1970 e 1980 especialmente, a história política passou por uma vigorosa renovação teórica e metodológica, impulsionada pelo encontro com outras ciências sociais e disciplinas afins.⁹⁵ Na encruzilhada, na expressão de René Rémond, a história política passou a dialogar com ideias, interrogações, métodos, noções e questionamentos de outros campos, como a antropologia, a ciência política, a sociologia, entre outras.

Liberta das amarras da história política tradicional – esta *magistra vitae* focada, sobretudo, na suprema história do Estado e das disputas pela conquista ou pela conservação do poder, envolvendo as instituições que as materializaram e as revoluções que as transformaram⁹⁶, com auge na historiografia do século XIX –, a história política renovada se abriu para questionamentos outros, também podendo se debruçar sobre o poder, mas nos jogos de luzes e sombras nele envolvidos.

⁹¹ HOBBSAWM, 2013, p. 229-230.

⁹² HOBABWM, 2013, p. 234.

⁹³ No Brasil, destaco as coletâneas *Intelectuais, história e política: séculos XIX e XX*, organizada por Daniel Aarão Reis Filho (2000); *Intelectuais e Estado*, organizado por Denis Rolland, Elide Rugai Bastos e Marcelo Ridenti (2006); e *Intelectuais e imprensa*, organizada por Álvaro Santos Simões Junior, Cleide Antonia Rapucci e Luiz Roberto Cairo (2009).

⁹⁴ SIRINELLI, 2003, p. 232.

⁹⁵ RÉMOND, 2003, p. 29; ROSANVALLON, 2010.

⁹⁶ RÉMOND, 2003, p. 15.

Diante das acusações, controvérsias e críticas sobre o caráter idealista, factual e positivista de suas narrativas cronológicas elogiosas aos *heróis* – isolando arbitrariamente os protagonistas das multidões –, a história política foi eclipsada no início do século XX, dando lugar à história social, à história das mentalidades e ao marxismo. Nas décadas de 1930 e 1940, a partir da fundação da revista *Annales* de 1929 por Marc Bloch (1886-1944) e Lucien Febvre (1878-1956), a história política foi alvo de muitas críticas, num momento em que os historiadores se desvincilhavam da história *événementielle* e buscavam diálogos com outras ciências sociais.⁹⁷ Após a predominante história *nova*, herdeira dos *Annales*, liderada por historiadores como Jacques Le Goff e Pierre Nora⁹⁸, a partir da década de 1980 principalmente com o livro-manifesto de René Rémond, graças à revisão de suas fundamentações epistemológicas, a história política *renovada* saiu das simples narrativas ao redor do Estado, das instituições e do poder, voltando à baila com novas abordagens, passando a abraçar outras áreas e questões, como o político, os partidos, as palavras, os movimentos, as minorias, a memória, a imprensa, os intelectuais e assim por diante.⁹⁹ À época, a história dos intelectuais também despertou, embalada por novos interesses e renovados olhares.¹⁰⁰

No contexto da renovação da história política, também a história do tempo presente paulatinamente conquistou seu lugar nas arenas acadêmicas. O estudo do político e o retorno da história política tiveram papel aglutinador e dinamizador para esse campo, aberto e novo.¹⁰¹ Ao propor um estudo sobre o papel dos intelectuais no século XXI, é preciso, pois, ponderar sobre as possibilidades e os limites da história do tempo presente.¹⁰² Tida como

⁹⁷ LE GOFF, 2003, p. 128-129.

⁹⁸ LE GOFF, NORA, 1979; LE GOFF, 1993; LE GOFF, 2003.

⁹⁹ Publicada primeiramente na França, a coletânea *Por uma história política* (primeira edição de 1988), organizada por René Rémond, reúne uma série de ensaios que pretendem pavimentar fundamentações teóricas e metodológicas para a história política dedicada a novas questões. Rémond aborda o político, enquanto Serge Berstein os partidos, Jean-Nöel Jeannenney a mídia, Jean-François Sirinelli os intelectuais e assim por diante. Nas aproximações entre a história cultural e a histórica política, vale destacar a coletânea *Para uma história cultural* (1998), organizada por Jean-Pierre Rioux e Jean-François Sirinelli, com contribuições de Daniel Roche, Jean-Nöel Jeannenney, Serge Berstein, entre outros.

¹⁰⁰ François Dosse lembra a fundação do Groupe de Recherche sur l'Histoire des Intellectuels (GRHI), alojado no Institut d'Histoire du Temps Présent, em 1985, dirigido inicialmente por Jean-François Sirinelli que, logo em 1986, assinou o livro *Les intellectuels en France, de l'affaire Dreyfus à nos jours*, com Pascal Ory. Não muito tempo depois, em 1997, Michel Winock publicou a primeira edição de *Le siècle des intellectuels*. A partir de tais marcos continuaria o dinamismo do campo dos intelectuais na disciplina histórica. Cf. DOSSE, 2007, p. 13.

¹⁰¹ CHAUVEAU, TÉTART, 1999, p. 11-14.

¹⁰² Foi publicada primeiramente na Bélgica a coletânea *Questões para a história do tempo presente* (primeira edição de 1992), organizada por Agnès Chauveau e Philippe Tétart, que reúne uma série interessante de ensaios sobre as possibilidades e os limites da história do tempo presente, com contribuições de René Rémond, Jean-François Sirinelli, Jean-Pierre Rioux e Jacques Le Goff, entre outros. Na França, por volta de 1978, foram fundados o Institut d'Histoire du Temps Présent, por François Bédarida, e o Institut d'Histoire Moderne et Contemporaine, na Université Panthéon-Sorbonne – Paris I, ambos vinculados ao Centre National de la

provocação à história cravada nos cânones tradicionais, a história do tempo presente é delicada, pois pertence a um tempo e a uma atualidade em que os atores arrolados não raro ainda transitam na sociedade – e as situações que protagonizam ainda são discutidas e discutíveis no calor do momento, dentro e fora do ateliê do historiador. É, de fato, uma tarefa árdua abordar questões intrínsecas ao tempo presentemente vivido, mas é preciso lembrar que a história do tempo presente é, antes de tudo, *história*.¹⁰³ Assim, é imprescindível considerar o presente humano como perfeitamente suscetível de conhecimento científico e, como dizia Jacques Le Goff (1924-2014), não reservar seu estudo apenas a outros campos – sociologia, jornalismo, ciência política –, mas ancorá-lo na própria história.¹⁰⁴

Medievalista francês diante do presente, Jacques Le Goff lembrou, como discípulo de Marc Bloch, a importância de mirar acontecimentos e fenômenos atuais sob a perspectiva crítica do historiador – a fim de esclarecer o presente pelo passado e esclarecer o passado pelo presente.¹⁰⁵ Le Goff dissera certa vez que a história do presente seria, não raro, melhor feita por jornalistas, politólogos e sociólogos – que por historiadores de ofício.¹⁰⁶ Nas últimas décadas, porém, esse distanciamento entre o presente e o historiador se abreviou, impulsionado com a aceleração, o dinamismo e o interesse dos intelectuais sobre a realidade contemporânea e as relações internacionais, catalisadas com o desenvolvimento das mídias modernas e as produções historiográficas sobre questões legitimamente presentes.

Nas constelações de *fait-divers* cintilantes na imprensa, à mídia se deve uma nova voga sobre a história, abrindo um leque de afinidades e desavenças entre os dois campos – um encontro provocador, mas frutífero, entre historiadores sedentos de atualidade e jornalistas buscando legitimidade histórica.¹⁰⁷ *Presto ma non troppo*, não seria demais frisar: apesar de

Recherche Scientifique (CNRS). No Brasil, a história do tempo presente deu seus primeiros passos no fim da década de 1970, postulando, ao contrário do que dizia a história tradicional (esta ainda fincada no passado distante), que o presente pode, sim, ser visto, observado e lido como um objeto de estudo legítimo. Atualmente, há importantes núcleos de estudo nesse campo – como o programa de pós-graduação da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC), homologado em 2008, especialmente dedicado à história do tempo presente; e o Laboratório de Estudos do Tempo Presente, fundado em 1994, como parte do Instituto de Filosofia e Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).

¹⁰³ Esta tese se ancora na história do tempo presente, logo vale lembrar que há distinções, não só semânticas, entre história do tempo presente, história imediata e história próxima (cf. LACOUTURE, 1993; CHAUVEAU, TÉTART, 1999; RÉMOND, 1999). A história imediata, marcada pelo selo jornalístico, é filha da imprensa: pressões jornalísticas e demanda/importância social firmaram o princípio da história imediata a partir da década de 1950 (CHAUVEAU, TÉTART, 1999, p. 20-27). A história próxima, por sua vez, estaria mais alinhada à terminologia da história do tempo presente na continuidade cronológica e no distanciamento para desapasionar a análise científica. Há historiadores que demarcam a história próxima aos últimos 30 anos – e a história do tempo presente nos últimos 50 ou 60 anos (CHAUVEAU, TÉTART, 1999, p. 27).

¹⁰⁴ LE GOFF, 1995, p. 25.

¹⁰⁵ LE GOFF, 1999, p. 93.

¹⁰⁶ LE GOFF, 1995, p. 50.

¹⁰⁷ RIOUX, 1999, p. 119.

afinados nas claves do presente, há notável descompasso entre o ritmo frenético da mídia e o rigor do método histórico.¹⁰⁸ Ao se aventurar no século XXI, império do efêmero, do factual torrencial e do imediatismo, o historiador deve nortear, talvez mais do que nunca, suas investigações com bússolas teóricas, questionamentos precisos e referências rigorosas.

Ao lado de Le Goff, Pierre Nora argumenta o retorno do *fato* pois, com a mídia, o acontecimento voltou a marcar forte presença nas sociedades contemporâneas. A atualidade culminaria num fenômeno novo: o acontecimento – e, nessa linha, o *affaire* Dreyfus estaria entre as primeiras irrupções francesas do acontecimento moderno, ao lado da imprensa e dos intelectuais. À imprensa, reitera o historiador, se deve a volta de um tipo de acontecimento, “onde os fatos se escondem e demandam a crítica da informação, a confrontação dos testemunhos, a dissipação do segredo mantido pelos desmentidos oficiais”, o questionamento de princípios que apelam à inteligência e à reflexão. Diz Nora que o caso Dreyfus teve tudo da imprensa e tudo lhe forneceu – rumores iniciais, silêncio da direita, negativas da informação oficial (“não há *affaire* Dreyfus”), implicações do Exército e da Justiça, comprometimentos na esfera do poder num momento crítico republicano, suspense nutrido por documentos falsos e confidências, abstrações afrontadas, apelo por cartas abertas e manifestos e, *voilà*, o surgimento do neologismo “intelectual”.¹⁰⁹

Volto assim às primeiras páginas: a proposta de investigar o papel dos intelectuais de *Le Monde Diplomatique* nas relações imbricadas entre a França e a América Latina¹¹⁰, especialmente simbolizada por Argentina, se alicerça na história dos intelectuais, na história política e na história do tempo presente. Um vibrato inacabado, que anima todo um passado e alenta inteligibilidade a um presente.¹¹¹ Uma história em constante movimento, como diz François Bédarida (1926-2001):

¹⁰⁸ LACOUTURE, 1990, p. 219.

¹⁰⁹ NORA, 1979, p. 181-182.

¹¹⁰ Na França, vale destacar as contribuições e produções científicas do Institut des Hautes Études de l’Amérique Latine (IHEAL), da Université Sorbonne Nouvelle – Paris III. Fundado em 1954, o instituto propõe um quadro multidisciplinar de investigações sobre a América Latina, incentivando o diálogo e o intercâmbio de ideias entre intelectuais franceses e latino-americanos.

¹¹¹ RIOUX, 1999, p. 50.

(...) a história do tempo presente, mais do que qualquer outra, é por natureza uma história inacabada: uma história em constante movimento, refletindo as comoções que se desenrolam diante de nós e sendo portanto objeto de uma renovação sem fim. Aliás, a história por si mesma não pode terminar. Eis por que devemos afirmar alto e bom som – ao contrário daquela teoria tão em voga que pretende nos convencer de que chegamos a uma era de estabilidade e a um estágio de completa realização – que a história não tem fim, salvo se houver uma catástrofe cósmica.¹¹²

À escuta dos diálogos, afinados ou não, entre as ideologias dos intelectuais e a cultura política da época, é preciso jogar luz sobre as relações entre a história *oficial* de *Le Monde Diplomatique* (impressa nas suas páginas) e a história *off the record* (não impressa, mas expressa nas vozes de seus intelectuais, idealizadores e realizadores).

Intérpretes do contexto político e cultural contemporâneo, afinal, os intelectuais estão imbricados nas vicissitudes, incoerências e atribuições de tal contexto – e, vale lembrar, mais uma vez, *pertencem* ao seu tempo.

Nesta investigação histórica, *Le Monde Diplomatique* é a principal pista para compreendermos o movimento das ideias no tempo, pincelando as tradições francesas e as utopias revolucionárias na América Latina do século XX e as alternativas possíveis no século XXI. No eixo Paris – Buenos Aires, quer-se compreender as relações entre imprensa, intelectuais e América Latina no *Monde Diplomatique*. E, voltando ao primeiro parágrafo desta tese, quer-se questionar como *Le Monde Diplomatique* “faz” história. Buscar compreender quem são esses intelectuais, o que fazem, o que pensam, o que pretendem. Buscar seus diálogos, seus pontos de encontro e de desencontro, suas sociabilidades, amizades e animosidades. Buscar quais mundos criticam, quais mundos idealizam e querem transformar. E, como dizia Marc Bloch, história é busca.¹¹³

¹¹² BÉDARIDA, 2006, p. 229.

¹¹³ BLOCH, 2001.

1 NA TRILHA DE *LE MONDE DIPLOMATIQUE*

1.1 PÁGINAS DIPLOMÁTICAS

Data de maio de 1954 a primeira edição de *Le Monde Diplomatique* na França, idealizado como um suplemento do cotidiano *Le Monde*, pautado principalmente pela política internacional. Fundador do diário *Le Monde* a pedido do general De Gaulle (1890-1970) em dezembro de 1944, Hubert Beuve-Méry (1902-1989) viu-se diante do imperativo do tempo para abrir uma nova gazeta especialmente dedicada à política internacional. Na década de 1950, as movimentações no tabuleiro do jogo político internacional – no pós-guerra, a consolidação das Nações Unidas (1945), a Guerra da Coréia (1950-1953), a morte de Stalin (1953), a revolta da Berlim oriental (1953), a Guerra da Indochina (1946-1954), o impacto de Mao no poder (1954-1959), a trilha de Fidel na Sierra Maestra (1959), entre outros acontecimentos – pediam paulatinamente por mais espaço nas dezesseis páginas à época do *Le Monde*.¹¹⁴ A fim de preencher essa lacuna, Hubert Beuve-Méry procurou um amigo diplomata húngaro, o jornalista político François Honti (1900-1974), correspondente do húngaro *Pesti Hírlap* exilado em Paris, que lhe propôs a idealização de um periódico mensal dedicado à política internacional. A redação era mínima: ao lado da jornalista francesa Micheline Pamet, o redator-chefe François Honti formou a primeira equipe de *Le Monde Diplomatique*, com contribuições de artigos de André Fontaine, Claude Julien, Eric Rouleau, Jean Planchais, Pierre Dourin e outros jornalistas da editoria internacional do *Monde*.¹¹⁵

¹¹⁴ RAMONET, abril-maio de 2004, p. 6.

¹¹⁵ Na época, por estar subordinado a *Le Monde*, *Le Monde Diplomatique* não possuía “diretor” próprio, mas um redator-chefe. Lembrados como diretores da gazeta, François Honti e Claude Julien foram oficialmente redatores-chefes, respondendo a Hubert Beuve-Méry. No *Monde Diplomatique*, o cargo “diretor” só será oficializado em 1981, como veremos mais adiante, como parte da conquista da independência editorial da revista diante do *Monde*. Assim, Julien seria o primeiro diretor do magazine até 1990.

Uma vez definidas a proposta e a equipe editorial, restava a Beuve-Méry escolher um título para a publicação. Considerou *Le Monde International* (pleonástico, como logo notou) e decidiu incluir a expressão “*diplomatie*”, braço da política ancorado nas relações internacionais.¹¹⁶ Assim nasceu *Le Monde Diplomatique* no dia 2 de maio de 1954, com o subtítulo *Journal des Cercles Consulaires et Diplomatiques*. Destinava-se, portanto, ao universo das embaixadas diplomáticas e da elite econômica internacional, com apenas oito páginas, periodicidade mensal e tiragem de 4.000 a 5.000 exemplares.¹¹⁷ Até o início da década de 1970, o novato magazine seguia fielmente a linha editorial do pai, *Le Monde*.

Do *Monde*, umas palavras. De um lado, Beuve-Méry, antes correspondente de *Les Temps de Paris* (1861-1942) em Praga antes da guerra, se demitiu do jornal, por se opor aos acordos de Munique de setembro de 1938 – não muito tempo depois, o jornal minguou, politicamente comprometido diante das acusações de colaborar com os nazistas. De outro, De Gaulle almejava ler um bom jornal, *fer de lance* da influência cultural e política francesa, que se tornasse prestigioso e prestigiado – e assim, nas cinzas de *Le Temps*, o general pediu ao jornalista para pensar um novo jornal. Ao imprimir *Le Monde* pela primeira vez no dia 19 de dezembro de 1944, Beuve-Méry quis responder ao pedido político à sua maneira, isto é, movido por uma independência radical.¹¹⁸

Na política internacional, as posições do diário refletiam as do diretor, especialmente no culto da francofonia como espaço “neutro” diante dos polos americano e soviético, equilibrando um anticomunismo duro e um anti-atlantismo severo.¹¹⁹ Assim, *Le Monde* quis se situar no centro do tabuleiro geopolítico – uma perspectiva eurocêntrica, para não dizer francocêntrica –, criticando as duas linhas tracejadas no pós-guerra e, ao mesmo tempo, defendendo uma Europa independente. À época, também a redação estava polarizada diante dos posicionamentos possíveis na Guerra Fria – e o jornal da Rue des Italiens preferiu adotar uma posição neutralista, que mais tarde marcaria *Le Monde Diplomatique*.

¹¹⁶ Segundo Ramonet, Beuve-Méry logo pensou no termo “diplomacia”, ramo da política sobre as relações entre os Estados, e na raiz “diploma”, referência às credenciais conferidas ao representante de um Estado diante da autoridade de um outro. A palavra vem do grego *diploma*, que quer dizer dobrado, como um jornal. No original: “*Il pensa ensuite au terme ‘diplomatie’, branche de la politique qui concerne les relations entre les Etats et dont la racine ‘diplôme’ fait référence aux lettres de créance qui accréditent le représentant d’un Etat auprès des autorités d’un autre. Ce mot vient du grec ‘diploma’, qui veut dire ‘plié en deux’... comme un journal. Le Monde diplomatique était né*” (RAMONET, abril-maio de 2004, p. 5).

¹¹⁷ SZCZEPANSKI-HUILLERY, 2005, p. 146-148.

¹¹⁸ RAMONET, abril-maio de 2004, p. 5.

¹¹⁹ Por atlantismo, faz-se referência à Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN). Cf. RAMONET, abril-maio de 2004, p. 5.

Desde jovem oposto a quaisquer matizes de totalitarismo, o húngaro François Honti se tornou cônsul após a guerra, em Genebra. Considerava *Le Monde Diplomatique* a invenção de sua vida – e como a consolidação de suas vocações de jornalista e de diplomata.¹²⁰

Idealizado, pois, na década de 1950 *bouleversée* por voltas, revoltas e reviravoltas na política internacional, as primeiras primeiras páginas de *Le Monde Diplomatique* se marcariam por questões como a revelação do relatório de Nikita Khrushchev (1956) – donde Moscou não seria mais a “meca marxista”¹²¹; o Maio de 1958, durante as turbulências da Guerra de Independência da Argélia (1954-1962); a revolução vitoriosa dos barbudos liderados por Fidel Castro (1959) – um *tournant* no mundo diplomático¹²²; nos anos seguintes, o Maio de 1968, seus estudantes e suas interrogações – revolta ou revolução?¹²³; e os golpes militares na América Latina, como o Chile *sous la botte* de 1973.¹²⁴ Nas gavetas imensas da memória de *Le Monde Diplomatique*, certamente cada citado *major* acontecimento, entre muitos outros, mereceria um estudo à parte sobre as posições da revista.¹²⁵ Entretanto, é interessante destacar tais acontecimentos para contextualizações da gazeta nos seus primeiros tempos. Se até 1973 *Le Monde* e *Le Monde Diplomatique* caminhavam lado a lado, vale questionar o que *Le Monde Diplomatique* era, para compreender o que se tornou.

Ignacio Ramonet lembra Hubert Beuve-Méry como um “homem progressista”, diria um “homem de centro-esquerda”, que rompeu com De Gaulle após sua volta ao poder com a crise argelina em 1958. Assim, Beuve-Méry se tornou adversário radical do general.¹²⁶ Na época, *Le Monde Diplomatique* passou a dar a palavra ao que se passava na África e na Ásia, a fim de compreender o que era o Terceiro Mundo.

Ao lado de *Le Monde*, *Le Monde Diplomatique* não se posicionou na Guerra Fria, privilegiando um olhar para outras experiências no mundo. Assim, em 1961, o historiador Jean Lacouture lembrava nas páginas diplomáticas a conferência de Bandung, Indonésia, que reunira 23 países asiáticos e 6 africanos, marcando o surgimento terceiro-mundista e do

¹²⁰ O romancista Yves Florenne escreveu sobre a trajetória de François Honti no *Monde Diplomatique* em outubro de 1984, por ocasião da morte do diplomata. Cf. FLORENNE, outubro de 1974, p. 4.

¹²¹ PIERRE, novembro de 1956, p. 1.

¹²² FONTAINE, janeiro de 1960, p. 1.

¹²³ MICHAUD, junho de 1968, p. 1.

¹²⁴ JULIEN; outubro de 1973, p. 6. URIBE, novembro de 1973, p. 1.

¹²⁵ Os arquivos impressos de *Le Monde Diplomatique* desde 1954 estão disponíveis integralmente digitalizados. É possível conferi-los nos discos disponibilizados no site oficial da revista, que reúne mais de 700 edições e 50.000 documentos.

¹²⁶ RAMONET, 2010, p. 36.

movimento dos não-alinhados em abril de 1955¹²⁷ – na época, *Le Monde Diplomatique* publicou o discurso do presidente indonésio Sukarno, sustentando a posição dos não-alinhados, mas engajados. Da memória o escritor parte para a conferência de Belgrado, Sérvia, que institucionalizaria o movimento em setembro de 1961. A partir daí, Lacouture define a ideia de não-alinhamento no *Monde Diplomatique*: não-alinhamento não queria dizer não engajamento, pois as novas nações independentes se sentiam “sempre engajadas” e adiante no combate contra esse sistema de dominação¹²⁸, defendendo a não agressão e a não intervenção nos assuntos internos dos outros países.

Vale lembrar que o horizonte intelectual, afinal, mudava seu eixo. Num mapa-múndi fragmentado por agressivos dois polos e um território europeu assolado pela guerra, muitos intelectuais passaram a observar outras experiências efervescentes na África, na Ásia e na América Latina – certas iniciativas interrompidas não muito tempo depois, com os golpes militares latino-americanos. Nesse ínterim, na década de 1970, Claude Julien (1925-2005) assumiria a direção de *Le Monde Diplomatique*.

Desde 1951 no *Monde*, Julien se tornou editor da seção internacional no fim da década de 1960. Publicou *L’empire américain* (Grasset, 1968), *Le nouveau nouveau monde* (Julliard, 1960) e *L’Amérique en révolution* (Laboureur et Cie, 1956), livros que lhe garantiram notoriedade pelas críticas à política e às relações internacionais norte-americanas.¹²⁹ Julien demonstrava muito interesse nos países do hemisfério sul e nas ideias terceiro-mundistas – e, pode-se dizer, posicionava-se mais à esquerda que os companheiros de *Le Monde*.

Em 1969, Hubert Beuve-Méry se aposentou, o que provocou impacto na hierarquia do *Monde*. O jornalista Jacques Fauvet (1914-2002) se tornou diretor, o historiador André Fontaine (1921-2013), redator-chefe – e Claude Julien foi promovido a chefe de serviços internacionais. As tensões pré-existentes entre Fontaine e Julien culminariam em 1972, num delicado desentendimento que se expressa em uma palavra: *zozo*.

Em entrevista à tese do historiador Nicolas Harvey, Julien esclareceu o episódio: foi uma discussão sobre uma entrevista exclusiva feita com um ministro egípcio, durante uma reunião de pauta, em que Julien se referiu a Fontaine, ao fim, como *zozo*, expressão francesa para simplório, *naïf*, ingênuo, besta, bobo. Diz Julien:

¹²⁷ LACOUTURE, abril-maio de 2004, p. 10-15. Originalmente publicado em outubro de 1961, esse artigo compõe a edição especial da revista *Manière de voir* de 50 anos de *Le Monde Diplomatique*.

¹²⁸ LACOUTURE, abril-maio de 2004, p. 11.

¹²⁹ SZCZEPANSKI-HUILLERY, 2005, p. 149.

Ah, sim... Na conferência de direção, cometi um grande erro. Cometi uma gafe terrível. Eu me expressei mal. Na editoria internacional havia uma entrevista exclusiva com o ministro egípcio de relações exteriores. No fim dessa conferência estavam o chefe da editoria política, o chefe da editoria econômica, o chefe da editoria cultural. Fontaine nos disse que nós não podíamos abarcar tudo. Eu me expressei muito mal. Havia a entrevista do ministro de relações exteriores, que se tornou um documento exclusivo. E eu me expressei muito mal. Só depois me dei conta de que tinha chamado meu redator-chefe de “zozo”. Não era minha intenção. Não era uma reflexão séria [...]. Por tratar o redator-chefe como zozo, sem pensar, tive de tirar um ano sabático.¹³⁰

Em outras palavras, Julien fora forçado a tirar um sabático para amenizar tais tensões. Viajou o mundo e se dedicou especialmente à China, que então se despedia da revolução cultural. Entretanto, ao retornar à França, em 1973, Claude Julien não retornou à redação do diário *Le Monde*. Assumiu *Le Monde Diplomatique*.

1.2 O PAPEL DE CLAUDE JULIEN

Nascido em 17 de maio de 1925 em Saint-Rome-de-Cernon, Aveyron, Julien participou da resistência contra a ocupação nazista, foi militante da Jeunesse Ouvrière Chrétienne (JOC) e fundou o jornal *Debout!* Ainda jovem, estudou ciências políticas na University of Notre Dame, nos Estados Unidos. De volta à Europa, em 1949, atuou como jornalista na revista *La Vie Catholique Illustrée* (1949-1951) em Paris. Em 1951, tornou-se redator-chefe do diário *La Dépêche Marocaine*, em Tanger, Marrocos – mas a passagem foi muito breve. Julien retornou a Paris, onde se firmaria no *Monde* e depois no *Diplomatique*.¹³¹

Ilustra-se o interesse de Claude Julien sobre a América Latina, que posteriormente marcaria *Le Monde Diplomatique*, por exemplo, na Revolução Cubana. Em janeiro de 1960, Claude Julien, à época jornalista do *Monde*, assinou, ao lado de importantes intelectuais

¹³⁰ Traduzido do original: “Ah oui...A la conférence de direction, j’ai fait une grosse bourde. J’ai fait une gaffe épouvantable. Je me suis mal exprimé. Au service étranger, il y avait une interview exclusive avec le ministre égyptien des affaires étrangères. A la fin de cette conférence, il y avait le chef du service politique, le chef du service économique, le chef du service culturel. Fontaine nous a dit qu’on ne pouvait pas passer tout ça. Je me suis très mal exprimé. Il y avait l’interview du ministre des affaires étrangères qui était devenu un document exclusif. Et je me suis très mal exprimé. Je me suis rendu compte après que j’avais traité mon rédacteur en chef de ‘zozo’. Ce n’était pas mon intention. Ce n’était pas un résonnement sérieux. (...). Parce que d’avoir traité le rédacteur en chef de zozo, sans y penser. J’ai dû prendre une année sabbatique” (HARVEY, 2011, p. 58).

¹³¹ RAMONET, junho de 2005, p. 40.

européus, um manifesto de apoio aos revolucionários.¹³² A visita do jornalista cubano Carlos Franqui, diretor do diário *Revolución*, à França impulsionou a composição de um comitê pró-Cuba e o convite a Jean-Paul Sartre, Claude Julien, Claude Faux, André Breton, Pablo Picasso, Le Corbusier e Louis Aragón a visitarem a ilha, em março de 1960.¹³³

Em janeiro de 1973, ao fazer honras ao novo redator-chefe Claude Julien, Jacques Fauvet destacou que, além das políticas próprias das nações, para o Terceiro Mundo, os conflitos de independência e os impasses no desenvolvimento e nas sociedades marcavam um segundo momento do mundo pós-guerra e, conseqüentemente, do *Monde Diplomatique*.¹³⁴

A Julien, pois, se atribui o que *Le Monde Diplomatique* se tornou. Por um lado, por questões pragmáticas: o editor reorganizou o layout e as seções, inovou as ilustrações e o tom das matérias, com artigos, críticas, dossiês e reportagens especiais; rejuvenesceu e ampliou o corpo de colaboradores, correspondentes internacionais e jovens jornalistas, dissolvendo o protagonismo dos repórteres do *Le Monde* pai no *Le Monde Diplomatique* filho; ampliou o âmbito das pautas, antes estritamente relacionadas ao campo da política internacional, passando a abarcar questões socioculturais e econômicas, aumentando ainda as páginas dedicadas às novas nações independentes do hemisfério sul.¹³⁵ Por outro lado, também por questões metafísicas: o editor idealizou o estilo de jornalismo que se tornaria a marca de *Le Monde Diplomatique*.

Em 1979, Claude Julien publicou *Le devoir d'irrespect* (Alain Moreau), um livro provocativo sobre o papel do jornalista – e do intelectual. Para Julien, o jornalismo deveria ser crítico, independente e irreverente. Julien indagava, indignado:

¹³² O *Manifiesto de los intelectuales franceses en apoyo de la revolución* foi publicado na página 10 da edição de 4 de janeiro de 1960 de *Lunes de Revolución*. Na página 12, Claude Julien ainda assinou o artigo *A la revolución en su primer año*, que dizia: “*En la ocasión del primer aniversario de la Revolución, deseo al pueblo cubano que se disponga con el mismo éxito a esta segunda etapa de la lucha. (...) Es capital que esta segunda etapa de la Revolución conozca el mismo triunfo que la primera. Pero el coraje que el pueblo cubano ha manifestado en su lucha armada me permite esperar que continuará su esfuerzo con la misma tenacidad. Le deseo ardientemente, pues los acontecimientos de Cuba constituyen otro ejemplo de la inmensa efervescencia que agita al mundo entero, donde quiera que los pueblos oprimidos luchan por conquistar su libertad, su dignidad y sus condiciones de vida humanamente aceptables*” (JULIEN, 1960, p. 12). Todos os exemplares do breve *Lunes* estão disponíveis no Centro de Apoio à Pesquisa Histórica “Sérgio Buarque de Holanda” na Universidade de São Paulo (CAPH-USP), graças à historiadora Silvia Miskulin, autora de *Cultura ilhada: imprensa e Revolução Cubana (1959-1961)* (2003).

¹³³ MISKULIN, 2003, p. 63-65.

¹³⁴ FAUVET, janeiro de 1973, p. 1.

¹³⁵ RAMONET, junho de 2005, p. 40.

[...] Este mundo trepidante, embriagado de sua própria febre, se apressa a condenar essa retirada: querer abstrair-se assim dos redemoinhos e das tormentas seria, dizem, trair a fraternal solidariedade dos homens, abandonar a sua trágica sorte as vítimas das crises que assolam o planeta, talvez afogá-los ainda mais em seu drama de fome, humilhação e sangue. Mas quantas inteligências e talentos – chefes de partidos ou de empresas, pensadores e escritores, engenheiros e humanistas, artistas e tecnocratas – loucamente envolvidos nos turbilhões da vida moderna prepararam, provocaram ou agravaram os dramas que depois lhes dão a matéria de tantas exortações ou lamentos?¹³⁶

Julien tinha uma visão crítica sobre os intelectuais que, a seu ver, muitas vezes cediam à vaidade vulgar e à ilusória ambição de gravitar em torno do destino das ideias e dos acontecimentos, esquecendo-se seu verdadeiro papel. Dizia que os intelectuais devem ocupar um lugar importante na política – uma ambição legítima, mas que pode levar aos mais graves desvios, arrastando inexoravelmente o indivíduo aos lugares de poder onde impera uma lógica distinta e distante da dialética do intelectual e do escritor, pois “o poder fascina aos intelectuais assim como o mel atrai as moscas”.¹³⁷

Além dos intelectuais agitadores e dos meramente contemplativos, o jornalista defendia um intelectual que, apesar dos pesares, lute – mesmo diante da convicção de que perderá sua batalha. Dirão um intelectual desinteressado. Pior: um idealista, um sonhador, amarrado a uma quimera, dedicado a uma realidade que os homens do poder não conhecem ou não querem ver.¹³⁸ Para Julien, pois, as verdades do poder não podem ser as verdades dos intelectuais. Por vocação, os intelectuais deveriam revelar tudo o que poder se esforça para esconder, expor as contradições e as imposturas, dar vez e voz aos que nunca tiveram vez e voz, atrair o olhar para outras realidades. Deveriam, assim, ser críticos, inquietos, obstinados e, principalmente, *marginais* ao poder.¹³⁹

¹³⁶ A introdução do livro *Le devoir d'irrespect* foi traduzida para diversos idiomas e publicada nas edições internacionais de *Le Monde Diplomatique* de junho de 2005, por ocasião da morte de Claude Julien. Traduzido do original na edição francesa: “(...) *Ce monde trépidant, grisé de sa propre fébrilité, a tôt fait de condamner pareille retraite: vouloir ainsi s'abstraire des remous et des tempêtes, dit-on, serait trahir la fraternelle solidarité des hommes, abandonner à leur sort tragique les victimes des crises qui déchirent la planète, peut-être les enfoncer davantage dans leur drame de faim, d'humiliation et de sang. Mais combien d'intelligences et de talents – chefs de parti ou d'entreprise, penseurs et écrivains, ingénieurs et savants, artistes et technocrates –, follement engagés dans les tourbillons de la vie moderne, ont préparé, provoqué ou aggravé les drames qui leur fournissent ensuite matière à tant d'exhortations ou de lamentations?*” (JULIEN, junho de 2005, p. 3). Por sua relevância, esse editorial-fragmento está na íntegra nos anexos desta tese.

¹³⁷ Traduzido do original: “*Car le pouvoir fascine les intellectuels comme le miel attire les mouches*” (JULIEN, junho de 2005, p. 3).

¹³⁸ Traduzido do original: “*Pis: on le dira idéaliste, rêveur, accroché à une chimère, alors que, dédaignant la mousse qui pétille dans les salons, il s'attache à des réalités que les hommes de pouvoir ne savent pas ou ne veulent pas voir*” (JULIEN, junho de 2005, p. 3).

¹³⁹ Traduzido do original: “*Le devoir de critique ne l'autorise certes pas à tout dénigrer, mais l'oblige à d'incessantes recherches, la curiosité toujours en éveil, loin des faux-semblants, loin des modes et des*

Ao escrever essas linhas, em 1979, Claude Julien se situava no tempo. Nas próprias palavras do autor, com crítica e certa ironia: não se seduziu pelo comunismo (dizia-se um *aimable intellectuel petit-bourgeois*), mas tampouco pelo refluxo que descartou todas as ferramentas teóricas marxistas; criticou a avidez do capitalismo do outro lado do Atlântico (era então *anti-américain*), mas não via a estatização como alternativa à crise capitalista (e sim como fator *imperialista*); não cedeu ao terror da Guerra Fria (era um pacifista fervoroso), escreveu muito sobre a exploração dos povos oprimidos (um *idealista?*, questionou-se) e a eles se dedicou (via-se como um *cínico* que se atreveu a propor como modelo os “tiranos” do Terceiro Mundo).¹⁴⁰ Nessas páginas, o autor também se situava no espaço geopolítico:

Estamos aqui, na Europa. E é daqui que nós podemos lutar, dentro mesmo de um sistema que, nas suas próprias fronteiras como através de múltiplas ramificações, mais além dos seus limites geopolíticos, nada tem de inocente. Os poderes constituídos mobilizaram, a seu serviço, uma multitude de expertos e de inteligências – e também de talentos mais medíocres – para manter e desenvolver os mecanismos que monopolizam a riqueza e a sua distribuição desigual, nutrem os privilégios, cultivam a corrupção, simpatizam com as ditaduras, exploram milhões de miseráveis, acumulam os rancores, os desesperos e os ódios, preparam a explosão que amanhã levará tudo o que os homens no poder pretendem conservar.¹⁴¹

Logo esse espírito de jornalismo crítico, independente e irreverente ao poder, defendido por Julien, marcaria a trajetória de *Le Monde Diplomatique*. Para imprimir nas páginas do periódico essa identidade foram necessárias certas mudanças paradigmáticas. O sonho de Julien, revelou Harvey, era fazer um jornal em que não se separassem a política, a política econômica, a política internacional, as artes e a literatura, isto é, em que se cruzassem todas as esferas. “Assim, introduzir a literatura ao analisar a história política e econômica, a história do presente e as perspectivas de qualquer país, me parece capital”, dizia.¹⁴²

engouements. Nécessairement minoritaire, il lui importe peu d'être considéré comme un «marginal». Car il sait que, pour tout homme de pouvoir, ne s'intéressant qu'aux moyens du pouvoir, les «marges» englobent les multitudes de ceux qui, précisément, n'ont aucun pouvoir” (JULIEN, junho de 2005, p. 3).

¹⁴⁰ JULIEN, 1979.

¹⁴¹ Para Julien, ao defender o *status quo*, os conservadores não “conservam” realmente, mas destroem as possibilidades do mundo. Traduzido do original: “*Nous sommes ici, en Europe. Et c'est ici que nous pouvons nous battre, à l'intérieur même d'un système qui, dans ses propres frontières comme, par de multiples ramifications, bien au-delà de ses limites géopolitiques, n'a rien d'innocent. Les pouvoirs constitués ont mobilisé, à leur service, une nuée de compétences, d'intelligences – et aussi, de plus médiocres talents – pour entretenir et développer les mécanismes qui accaparent la richesse, la distribuent inégalement, nourrissent les privilèges, cultivent la corruption, sympathisent avec les dictatures, exploitent des centaines de millions de misérables, accumulent les rancœurs, les désespoirs et les haines, préparent l'explosion qui demain emportera tout ce que les hommes au pouvoir prétendent conserver*” (JULIEN, junho de 2005, p. 3).

¹⁴² HARVEY, 2011, p. 61.

Julien valorizava a voz de especialistas para tanto. Assim, a partir de 1973, *Le Monde Diplomatique* aumentou significativamente o número de artigos assinados por intelectuais relacionados às universidades francesas e de outros países. Também marcada por um afã de cosmopolitização de um magazine de vocação internacional, essa primeira mudança ainda se justificou por um processo de conquista de autonomia frente a *Le Monde*. A mudança revelava ainda um desejo de amenizar o eurocentrismo no tratamento das notícias internacionais – permitindo uma compreensão mais próxima à realidade de tais países, não só da dimensão política, mas da história, da cultura, das ideias, da literatura e da sociedade. Ao substituir progressivamente os jornalistas e correspondentes franceses do *Monde* por outros autores, principalmente *scholars* vindos dos países retratados para escrever nas suas páginas, *Le Monde Diplomatique* pôde, ao mesmo tempo, dar seus primeiros passos para sair da tutela editorial do diário, assim como firmar sua legitimidade no campo intelectual.¹⁴³

Um fato, no mínimo, inusitado para compreender a aproximação entre *Le Monde Diplomatique* e o campo universitário na década de 1970: muitas vezes, o periódico não tinha recursos financeiros necessários para pautar jornalistas independentes nos países abordados. Ao recrutar colaboradores universitários, via-se dois benefícios: primeiro, a revista contava com a rubrica de especialistas sobre determinada questão; segundo, contava com a compreensão dos colaboradores – muitos já bem remunerados nos seus ofícios e acostumados a publicar gratuitamente seus artigos, principalmente nas revistas científicas – que aceitavam não receber ou receber um valor apenas simbólico por suas contribuições.¹⁴⁴ Na década de 1980, diante de sua ascendente difusão e, conseqüentemente, de seu crescente capital, a revista pôde considerar a contratação de outros jornalistas – à época, a redação ainda se resumia a Julien e Micheline Paunet. Depois Ignacio Ramonet e Bernard Cassen integrariam a equipe – dois intelectuais vindos do campo universitário: desde 1975 professor na Université Paris VII, Ramonet se doutorou na École des Hautes Études en Sciences Sociales em 1981, enquanto Cassen foi um dos fundadores da Université Paris VIII em 1980.¹⁴⁵

¹⁴³ HARVEY, 2011, p. 50.

¹⁴⁴ HARVEY, 2011, p. 17.

¹⁴⁵ A Université Paris VIII foi idealizada inicialmente no verão de 1968, estimulada pela efervescência cultural e política da época, como proposta do ministro Edgar Faure para uma universidade experimental. Nos primeiros tempos, a universidade foi construída nos arredores do *bois* de Vincennes, abrindo portas em 1969. Em 1972, foi rebatizada como Université Paris VIII. Em 1980, migrou para a periférica comuna de Saint-Denis. A respeito da história da universidade, ver ainda os livros *Abécédaire de Vincennes à Saint-Denis* (2011), organizado por Danielle Tartakowsky e Isabelle Tournier; e *Vincennes ou le désir d'appendre* (1979), organizado por Bernard Cassen, François Châtelet, Jacqueline Brunet, Madeleine Rébérioux, Pierre Dommergues e Pierre Merlin; *Vincennes, une aventure de la pensée critique* (2009), dirigido por Jean-Michel Dijan e prefaciado por Pascal Binczak. Neste último, um capítulo conta como Bernard Cassen, Hélène Cixous e Pierre Dommergues tiveram papel determinante para a idealização da universidade – não como um anexo à tradicional Sorbonne, mas como

Se na década de 1950 a redação de *Le Monde Diplomatique* (a.k.a. apenas François Honti e Micheline Paunet) era hierarquizada, respondendo a *Le Monde*, na década de 1980 assume outro caráter, mais *collégiale*¹⁴⁶: com reuniões de pauta, discussões de ideias e muitos *brainstormings*, *Le Monde Diplomatique* adotou uma estrutura hierárquica menos rígida, similar a de um departamento universitário, onde o capital cultural de seus integrantes muito valia. A partir dessa época, foi pedido aos redatores para se diplomar e se especializar em certas áreas geográficas (África, América Latina e Oriente Médio, por exemplo) ou em questões diversas (direito internacional, literatura e assim por diante).¹⁴⁷ Isso também garantiu mais legitimidade aos jornalistas para expressar suas próprias opiniões, adquirindo assinaturas fortes e próprias na revista.

Por um lado, a aproximação com as alas universitárias. Por outro, o progressivo distanciamento de *Le Monde*. Assim, *Le Monde Diplomatique* passou a firmar uma linha editorial própria. Muitos motivos justificaram esse distanciamento. Primeiro, as tais tensões pessoais e profissionais entre Claude Julien e André Fontaine, estremecidas principalmente a partir da discussão de 1972. Outro episódio marcante foi a quase passagem de Julien na direção do *Monde* em 1980: diante de uma grave crise financeira, a Société des Rédacteurs du Monde teve a oportunidade de escolher, pela primeira vez, quem substituiria Jacques Fauvet na direção do *Monde*. Disputavam os jornalistas Claude Julien, Jacques Almaric e Jacques Decornoy. Julien foi eleito com 62,76% dos votos, mas foi impedido de assumir a liderança do diário, que imediatamente passou para André Laurens. Muitos jornalistas do diário, próximos a Julien, se demitiram após o fracasso da sucessão – como Jacques Decornoy (1936-1996), que saiu do *Monde* em 1980, retornando como colaborador e depois redator do *Monde Diplomatique* em 1988.¹⁴⁸

Mas, antes de sair definitivamente, Jacques Fauvet nomeou Claude Julien como “diretor” oficialmente de *Le Monde Diplomatique* em 1981¹⁴⁹ – novo título que, nas expressões de Julien, seriam um tipo de “prêmio de consolação” ou um “pedido de desculpas” por não poder assumir a liderança de *Le Monde*.¹⁵⁰ No fim, foi uma maneira de preservar a

um núcleo universitário “experimental”, angariando apoio do Partido Comunista Francês (CASSEN, 2009, p. 26-45).

¹⁴⁶ O historiador Nicolas Harvey identifica quatro momentos no desenvolvimento da estrutura redacional de *Le Monde Diplomatique*: redação hierárquica (tempos de François Honti), redação concentrada (a partir de Claude Julien), redação *collégiale* (na década de 1980, com Julien intitulado diretor) e redação fragmentada (na década de 1990, com Ramonet como novo diretor) (HARVEY, 2011, p. 54).

¹⁴⁷ HARVEY, 2011, p. 63.

¹⁴⁸ No editorial de *Le Monde Diplomatique*, Claude Julien escreveu sobre o espírito combativo de Jacques Decornoy em janeiro de 1997, por ocasião da morte do jornalista.

¹⁴⁹ RAMONET, março de 2004, p. 7.

¹⁵⁰ HARVEY, 2011, p. 61.

autonomia editorial da revista e abrir ambições de certa independência hierárquica diante do diário. Isso sinalizava que, a partir desse momento, a empresa teria *Le Monde* e *Le Monde Diplomatique* como publicações independentes.

As rivalidades entre *Le Monde* e *Le Monde Diplomatique* continuariam em outro polo de tensões: a política. A partir da década de 1970, passa a se delinear a linha editorial de *Le Monde Diplomatique*, com suas simpatias teóricas e políticas, posicionando-se paulatinamente “à esquerda da esquerda” do estreito espectro da imprensa europeia da época. Na década de 1980, a gazeta tinha conquistado certa autonomia editorial e redacional, mas não ainda autonomia administrativa – e, nessa linha, talvez para afastar os fantasmas das frustrações com *Le Monde*, instituiu um conselho que se tornaria responsável pela próximas escolhas diretivas de *Le Monde Diplomatique*.

Em novembro de 1987, Julien publicou a primeira edição de *Manière de voir*, revista bimestral de 100 páginas que reúne os melhores artigos de *Le Monde Diplomatique* sobre determinado tema – um tipo de “enciclopédia contemporânea”. Via o momento para inventar uma nova *manière de voir*, um olhar mais atento, benevolente, vívido:

Um olhar que se quer atencioso, mas que desliza à superfície dos seres e do mundo; um olhar muito benevolente, mas procurado nos múltiplos detalhes que se escondem no afresco; um olhar pleno dessa alegria pura da surpresa da descoberta, mas rapidamente esgotado de tudo que perturba os hábitos e os confortáveis conformismos; um olhar fascinado por imagens, mas perplexo pela trepidante sucessão de imagens; ao mesmo tempo atencioso, benevolente, surpreso, fascinado, um tal olhar seria atualmente um olhar cego, incapaz de seguir seu curso num mundo louco.¹⁵¹

Ao propor ampliar as perspectivas, Julien critica os olhos cegos que subestimaram o risco do nazismo antes de 1939, os olhos gananciosos que não viram a iminência da crise de 1929, os olhos fanáticos velados por ideologias ultrapassadas, os olhares blasés, cúmplices e indiferentes – “os olhares sem memória, estupefatos pela reedição, sob formas inesperadas, de fenômenos antigos e sempre novos”, dizia. Diante do tumulto contemporâneo e da hiperinformação que se apressava no fim da década de 1980, época em que escrevia essas palavras,

¹⁵¹ Traduzido do original: “*Un regard qui se voudrait attentif, mais qui glisse à la surface des êtres et du monde ; un regard plutôt bienveillant, mais sollicité par les multiples détails qui lui cachent la fresque ; un regard d’abord plein de cette pure joie que procure l’étonnement de la découverte, mais vite lassé par tout ce qui perturbe les habitudes et dérange les confortables conformismes ; un regard que fascinent les images, mais désorienté par leur trépidante succession ; tout à la fois attentif, bienveillant, étonné, fasciné, un tel regard serait aujourd’hui un regard d’aveugle, incapable de suivre dans sa course la planète en folie*” (JULIEN, novembro de 1987, p. 4).

o autor pedia silêncio, ponderação, crítica. “É preciso descobrir uma nova maneira de ver, e sem dúvida uma nova maneira de dizer. *Le Monde Diplomatique* certamente não tem a pretensão de realizá-la, mas tem a ambição de tentar alcançá-la”.¹⁵²

Claude Julien se afastou da direção em dezembro de 1990, após quase dezoito anos dedicados à revista. Escolhido para assumir as rédeas da publicação, Ignacio Ramonet dedicaria um editorial a Julien, morto aos 80 anos, em 5 de maio de 2005, em Tarn-et-Garonne, Midi-Pyrénées.¹⁵³ Assim ficaria lembrado o jornalista:

Personalidade excepcional pelo poder de suas convicções, a singularidade de seu talento e a vastidão de sua cultura, Claude Julien marcou definitivamente a história de *Le Monde Diplomatique*. Teve uma influência decisiva sobre várias gerações de jovens jornalistas que admiraram a força de seu caráter, as qualidades de seu texto, a firmeza de suas ideias, a generosidade de seu compromisso e a paixão de suas lutas a favor de um jornalismo irreverente e de um mundo mais justo, mais pacífico, menos desigual e mais solidário. Para a equipe do *Monde Diplomatique* é uma perda imensa, insubstituível, pois ele nos ensinou uma característica fundamental, essencial nestes tempo de desleixo midiático: o dever da irreverência. Nosso jornal lhe deve, por assim dizer, tudo o que constitui sua identidade: sua linha editorial, a que permanecemos fieis mesmo depois de sua partida; sua doutrina jornalística feita de exigência, imaginação, rigor e precisão; sua ética de austeridade e de modéstia; e suas principais ideias de rechaço a todo hegemonismo político, a todo dogma econômico que reforce o poder do dinheiro, ou a pretensão de uma cultura, qualquer que seja, a se impor sobre o mundo. [...].¹⁵⁴

¹⁵² Traduzido do original: “*Il faut découvrir une nouvelle manière de voir, et sans doute aussi une nouvelle manière de dire. Le Monde diplomatique n’a certes pas la prétention d’y avoir réussi, mais il garde l’ambition de tout faire pour tenter d’y parvenir*” (JULIEN, novembro de 1987, p. 4).

¹⁵³ RAMONET, junho de 2005, p. 40.

¹⁵⁴ Traduzido do original: “*Personnalité exceptionnelle, par la puissance de ses convictions, la singularité de son talent et l’étendue de sa culture, Claude Julien a marqué définitivement l’histoire du Monde Diplomatique. Il a exercé une influence décisive sur plusieurs générations de jeunes journalistes qui ont admiré en lui la force de son caractère, les qualités de son écriture, la fermeté de ses idées, la générosité de son engagement et la passion de ses combats en faveur d’un journalisme irrévérencieux, et d’un monde plus juste, plus pacifique, moins inégalitaire et plus solidaire. Pour l’équipe du Monde Diplomatique c’est une perte immense, irremplaçable, car il nous avait enseigné un trait fondamental, indispensable en ces temps d’avachissement médiatique: le devoir d’irrespect. Notre journal lui doit pour ainsi dire tout ce qui constitue son identité : sa ligne éditoriale à laquelle nous sommes restés, depuis son départ, fidèles; sa doctrine journalistique faite d’exigence, d’imagination, de rigueur et de précision; son éthique d’austérité et de modestie; et ses idées principales de refus de tout hégémonisme géopolitique, de tout dogme économique qui renforcerait le pouvoir de l’argent, ou de la prétention d’une culture, quelle qu’elle soit, à s’imposer dans le monde*” (RAMONET, junho de 2005, p. 40).

LE MONDE **DES**
diplomatique **SOCIÉTÉS**
MALADES 
C DE LEUR
CULTURE

● Claude Julien
Ignacio Ramonet
Bernard Cassen
Riccardo Petrella
Christian de Brie

Manière de voir 1

● Jacques Ardoino
François Brune
Charles Condomine
René Cozmao
Néel Delbenvald
Jean-Pierre Faye
Gabriel Garcia Marquez
Albert Jacquard
Jean-Pierre Kahane
Jean-Loup Richomme
Jean-Claude Pecker
Jean-Michel Quatrepoint
Ngugi wa Thiong'o
José Vidal-Beneyto
Philippe Vidaller

M 2796 - 8712 H - 38,00 F - RD



17-217441-34004 8712 H

381

Primeira edição de *Manière de voir*, de novembro de 1987

1.3 A PERSPECTIVA DE IGNACIO RAMONET

Se Julien deu ares novos a *Le Monde Diplomatique*, Ignacio Ramonet continuou a avançar nessa trilha, dando gás original e vivificador para a revista, que conquistou notoriedade e relevância internacional a partir da década de 1990.¹⁵⁵

Nascido em 5 de maio de 1943 em Redondela, Galícia, Ignacio Ramonet cresceu em Tanger, Marrocos, com seus pais, fugidos do franquismo dominante na Espanha. Na juventude francesa, estudou na Université de Bordeaux III e doutorou-se com uma tese sobre o papel social do cinema cubano na École des Hautes Études en Sciences Sociales, em Paris. Pupilo de Roland Barthes (1915-1980), lecionou na Université Paris VII, entre 1975 e 2005. Publicou *Nouveaux pouvoirs, nouveaux maîtres du monde* (Fides, 1996), *La tyrannie de la communication* (Galilée, 1999) e *L'explosion du journalisme* (Galilée, 2011), entre outros. Paralelamente ao mundo acadêmico, passou a atuar como jornalista na década de 1970, colaborando com *Cahiers du cinema*, *Libération* e *Le Monde Diplomatique*.

Assim como Julien, Ramonet contribuiu com a trajetória de *Le Monde Diplomatique* ao consolidar dois campos: a autonomia administrativa e a linha editorial. Na década de 1990, *Le Monde Diplomatique* ainda vivia um paradoxo: a linha editorial estava definida e a redação era independente, mas a revista permanecia enraizada na empresa Le Monde S/A. A ideia primeira, portanto, era firmar sua autonomia administrativa.

Em 1994, durante sua campanha para disputar a direção do *Monde*, o jornalista Jean-Marie Colombani prometeu transformar a revista em uma filial, isto é, uma nova sociedade filiada. Uma vez eleito diretor, Colombani cumpriu sua promessa, apesar de desagradar os acionistas do diário: Le Monde S/A cedeu seus 49% do capital da novata empresa Le Monde Diplomatique S/A a dois outros acionistas: a Association Gunter Holzmann (que reúne seus profissionais) e a Association Les Amis du Monde Diplomatique (que reúne seus leitores).¹⁵⁶ Em 1996, a nova estrutura administrativa de *Le Monde Diplomatique* se consolidou, tripartida entre a Le Monde S/A (51% do capital), a Association Les Amis du Monde Diplomatique (25% do capital) e a Association Gunter Holzmann (24% do capital). Tal estrutura pretendia

¹⁵⁵ Enquanto diretor, Ignacio Ramonet contou com dois jornalistas como braços-direitos na posição de redator-chefe: primeiro, o jornalista franco-egípcio Alain Gresh (entre 1995 e 2006), depois o francês latino-americanista Maurice Lemoine (entre 2006 e 2010).

¹⁵⁶ RAMONET, março de 2004, p. 7.

garantir a independência que, nas palavras de Ramonet: “É esta independência que garante, em última instância, a singularidade deste jornal. Uma singularidade única”.¹⁵⁷

Nome muitas vezes esquecido nessa história, Gunter Holzmann (1912-2001) foi muito importante para a revista. Ignacio Ramonet certa vez recebeu uma intrigante carta de um velho leitor de *Le Monde Diplomatique*. Era Holzmann, um antigo amigo de Hubert Beuve-Méry, militante na juventude socialista na década de 1930 e que vivia na Bolívia desde 1954. Há muito admirava *Le Monde Diplomatique*, dizia a carta. Por volta de 1995, o admirador doou 5 milhões de francos (equivalentes à época a 1 milhão de dólares) para *Le Monde Diplomatique*, dinheiro investido na aquisição de ações do jornal.¹⁵⁸ Em fevereiro de 2001, Ramonet lembrou a memória de Holzmann, morto em 6 de janeiro de 2001, como um amigo e um modelo.¹⁵⁹

Nascido na Breslavia (atualmente Wroclaw, Polônia), na histórica Silésia agora alemã, numa família judia, Gunter Holzmann ainda jovem enfrentou os nazistas, foi perseguido pela Gestapo e foi expulso da universidade. Tornou-se clandestino. Estudou medicina em Cambridge, Inglaterra, e se exilou no Peru, depois na Bolívia. Na América Latina, embarcou na defesa das culturas indígenas e, na década de 1950, tornou-se um dos pioneiros da luta ecológica. Na casa dos 80 anos, decidiu destinar parte de seu patrimônio ao *Monde Diplomatique*.¹⁶⁰

Desfeitos os laços mais fortes entre *Le Monde* e *Le Monde Diplomatique*, outros dois episódios marcariam mais uma vez as tensões entre as duas publicações. Em dezembro de 2001, diante das cartas de leitores inquietados com a divulgação da entrada da Le Monde S/A na bolsa de valores – e como isso impactaria na independência do *Monde Diplomatique* –, Ignacio Ramonet publicou um editorial esclarecendo as divisões acionárias da revista (24% para seus profissionais, 25% para seus leitores e 51% para Le Monde S/A, acionista majoritária) e criticando a lógica financeira cravada no *coeur* da empresa: “Ninguém duvida da vontade dos responsáveis do *Monde* de preservar a independência da empresa, e de que muitos bloqueios foram feitos para tal fim. Mas o que será dessa independência em caso de turbulências do mercado, de colapso nos valores das ações e de ataques de grandes predadores?”¹⁶¹

¹⁵⁷ Traduzido do original: “C’est cette indépendance qui garantit, en dernière instance, la singularité de notre journal. A nul autre pareil” (RAMONET, março de 2004, p. 7).

¹⁵⁸ Carlos Gabetta em entrevista à autora, no dia 11 de setembro de 2012.

¹⁵⁹ RAMONET, fevereiro de 2001, p. 2.

¹⁶⁰ RAMONET, fevereiro de 2001, p. 2.

¹⁶¹ Traduzido do original: “Nul ne doute de la volonté des responsables du Monde de préserver l’indépendance de l’entreprise, et de nombreux verrous ont été prévus à cet effet. Mais que deviendrait cette indépendance en

Não tardou a resposta do diretor do *Monde*, Jean-Marie Colombani. Na edição de janeiro de 2002, *Le Monde Diplomatique* deu vez às suas palavras:

Por que *Le Monde* decidiu abrir uma parte de seu capital ao público? “Por ser uma indústria (não uma indústria como as outras, pois o essencial de sua produção é imaterial, mas ainda assim uma indústria), a imprensa não pode se subtrair das leis que regem todo o desenvolvimento industrial (...)”. Essa frase de Hubert Beuve-Méry, proferida em 1956 pelo fundador do *Monde*, que não hesitou a fazer o elogio da “beneficente publicidade”, retorna a essa realidade elementar: a independência não pode ser verdadeiramente garantida sem as contas equilibradas, logo com um mínimo de rentabilidade. [...] Enfim, é um dogma “beuve-méryen” que *Le Monde Diplomatique* deve manter em mente, ao momento em que alguns de seus membros se impliquem em atividades militantes: é preciso recusar todo engajamento partidário por jornalistas. Essa é a primeira garantia de independência que nós devemos a nossos leitores.¹⁶²

Em março de 2003, os jornalistas Pierre Péan e Phillippe Cohen publicaram *La face cachée du Monde* (Éditions Mille et Une Nuits), livro investigativo em que revelavam detalhes não tão orgulhosos da história do prestigiado jornal francês. Em abril de 2003, Ramonet publicou o editorial “*Le Monde et le Diplo*”¹⁶³, revisitando a trajetória que levou à independência de *Le Monde Diplomatique*. A ideia do editorial era demarcar claramente uma linha a dividir as duas publicações, para acalmar leitores revoltados que pediram por esclarecimentos das relações entre *Le Monde Diplomatique* e a direção de *Le Monde*.

Dizia Ramonet, mui diplomaticamente: “Desde 1996, nossas análises foram muito diferentes das de *Le Monde* em diversos temas. Às vezes, como durante a guerra de Kosovo, os pontos de vista eram francamente opostos. Não nos privamos de expressar em nossas colunas as reservas que nos inspiravam, por exemplo, o projeto de entrada na Bolsa. Nós sublinhamos igualmente os riscos que implicava a incessante ampliação do grupo Le Monde

cas de turbulences boursières, d'effondrement de la valeur de l'action et d'attaques concertées de grands prédateurs?” (RAMONET, dezembro de 2001, p. 2).

¹⁶² Traduzido do original: “*Pourquoi Le Monde a-t-il décidé d'ouvrir une partie de son capital au public? 'Parce qu'elle est une industrie (une industrie pas comme les autres puisque l'essentiel de sa production est immatériel, mais tout de même une industrie), la presse ne peut se soustraire aux lois qui régissent tout développement industriel (...)' Cette phrase d'Hubert Beuve-Méry prononcée en 1956 par le fondateur du Monde, qui n'hésitait pas à faire l'éloge de la 'bienfaisante publicité', renvoie à cette réalité élémentaire : l'indépendance ne peut être véritablement garantie que par des comptes équilibrés, donc par un minimum de rentabilité. (...) Enfin, il est un dogme 'beuve-méryen' que Le Monde diplomatique doit garder à l'esprit, à l'heure où certains de ses membres s'impliquent dans des activités militantes : il s'agit du nécessaire refus, par les journalistes, de tout engagement partisan. C'est la première garantie d'indépendance que nous devons à nos lecteurs*” (COLOMBANI, janeiro de 2002, p.2).

¹⁶³ RAMONET, abril de 2003, p. 2.

[S/A]. A direção do grupo sempre respeitou nosso direito à crítica”.¹⁶⁴ Na edição seguinte, Jean-Marie Colombani voltou às páginas de *Le Monde Diplomatique* respondendo ao editorial. Entre outras questões administrativas, Colombani destacou:

Le Monde Diplomatique e *Le Monde* podem ter, e tiveram, divergências editoriais. *Le Monde Diplomatique* é efetivamente um jornal de opinião – no singular –, *Le Monde* é um jornal de opiniões – no plural. E, se os pontos de vista editoriais do *Monde Diplomatique* são diferentes, se são criticados por *Le Monde*, eles mostram assim nossa liberdade: *Le Monde Diplomatique* é a prova da liberdade editorial dentro da família do *Monde*. Um ensinamento do último fórum de Porto Alegre é que não há modelo para o altermundialismo, mas que a pluralidade democrática, cultural e econômica é que trará as alternativas. A pluralidade de opiniões é um elemento disso.¹⁶⁵

Portanto, apesar de partilhar o selo da família *Monde*, *Le Monde* e *Le Monde Diplomatique* já traçavam trajetórias muito diferentes na década de 1990 e no início dos anos 2000, como duas publicações independentes, com linhas editoriais diferentes e, às vezes, em direções totalmente opostas.

Além de direções editoriais, endereços literais. Em julho de 2002, a redação de *Le Monde Diplomatique* se mudou para um predinho de tijolo à vista na Avenue Stephen-Pichon, perto da Place d’Italie, 13^o *arrondissement* parisiense – por acaso, Stephen-Pichon (1857-1933) foi jornalista e diplomata, parlamentar esquerdista na França de 1889. Em dezembro de 2004, nas comemorações de seu 60^o aniversário, o tradicional jornal da Rue des Italiens se mudou para um prédio admirável no Boulevard Auguste Blanqui, também no 13^o *arrondissement* – também por acaso, Auguste Blanqui (1805-1881) foi um teórico e revolucionário republicano francês.

*

¹⁶⁴ Traduzido do original: “Depuis 1996, nos analyses ont été, sur maints sujets, très différentes de celles du *Monde*. Parfois – lors de la guerre du Kosovo, par exemple – elles ont même été franchement opposées. Nous ne nous sommes pas privés d’exprimer, dans nos colonnes, les réserves que nous inspirait, par exemple, le projet d’entrée en Bourse. Et nous avons également souligné les risques encourus par un élargissement incessant de la taille du groupe *Le Monde*. La direction du groupe a toujours respecté notre droit à la critique” (RAMONET, abril de 2003, p. 2).

¹⁶⁵ Traduzido do original: “*Le Monde diplomatique* et *Le Monde* peuvent avoir, et ont, des divergences éditoriales. *Le Monde diplomatique* est en effet un journal d’opinion – au singulier –, *Le Monde* est un journal d’opinions – au pluriel. Et, si les points de vue éditoriaux du *Monde diplomatique* sont différents, s’il leur arrive d’être critiqués par *Le Monde*, il en va ainsi de notre liberté: *Le Monde diplomatique* est la preuve de la liberté éditoriale dans la famille du *Monde*. Un enseignement du dernier forum de Porto Alegre est qu’il n’y a pas de modèle pour l’altermondialisation, mais que c’est la pluralité démocratique, culturelle et économique qui apportera des alternatives. La pluralité des opinions en est un élément” (COLOMBANI, maio de 2003, p. 2).

Entre as direções tracejadas noutros campos, vale destacar os rumos tomados por *Le Monde Diplomatique* a partir de Ignacio Ramonet. Em tempos diferentes de Julien, Ramonet precisou lidar com outras questões relacionadas ao próprio *métier* do jornalista e do intelectual, numa sociedade marcada pelo *boom* imagético, a gênese da internet, o frenesi do tempo real e, na sua expressão, a *tiranía totalitária* da mídia.¹⁶⁶ Ademais de seus diversos livros com críticas à mídia, seus editoriais no *Monde Diplomatique* também reverberam a filosofia jornalística do sociólogo.

Em outubro de 1993, Ramonet criticava a crise de identidade e de personalidade da imprensa, destrinchando as motivações profundas no estremecimento de pilares básicos do jornalismo. Para Ramonet, primeiro, a própria ideia de informação mudou radicalmente: se antes era preciso responder às questões básicas do paradigma de Lasswell – quem?, fez o quê?, quando?, onde?, como?, e por quê? –, agora a TV pretende mostrar a história em *tempo real*. Logo, as ideias de atualidade e de tempo também mudaram, de tal maneira que passou a imperar a ilusão de que a importância dos acontecimentos seria proporcional à sua simples riqueza imagética. Nesse transtorno midiático, Ramonet assinala um deslize fundamental: muitos passaram a acreditar que, confortavelmente instalados na poltrona assistindo a espetacular avalanche de acontecimentos fragmentados na TV, estão se informando. “Um erro maiúsculo”, diz, que levaria a dois abismos midiáticos de nosso tempo: superinformação e desinformação. “E enfim, porque querer se informar sem esforço é uma ilusão que remete ao mito publicitário, antes que à mobilização cívica. Informar-se cansa. Esse é o preço que um cidadão paga para ter direito a participar com inteligência da vida democrática”.¹⁶⁷

Do *Monde Diplomatique*, pois, um posicionamento sobre a informação:

¹⁶⁶ RAMONET, 1999.

¹⁶⁷ Traduzido do original: “*Et enfin, parce que vouloir s'informer sans effort est une illusion qui relève du mythe publicitaire plutôt que de la mobilisation civique. S'informer fatigue, et c'est à ce prix que le citoyen acquiert le droit de participer intelligemment à la vie démocratique*” (RAMONET, outubro de 1993, p. 28).

No *Monde Diplomatique*, consideramos que o fato de se informar continua sendo uma atividade produtiva, impossível de se realizar sem esforço, pedindo uma verdadeira mobilização intelectual. Uma atividade bastante nobre, na democracia, para que o cidadão aceite dedicar parte de seu tempo e de sua atenção. Se nossos textos são mais longos que os de outros diários e periódicos, é porque frequentemente é indispensável recordar as informações fundamentais de um problema, seus antecedentes históricos, sua trama social e cultural, sua espessura econômica para apreender assim toda sua complexidade. Cada vez mais leitores aceitam essa concepção exigente da informação e se mostram sensíveis diante de nossa maneira, sem dúvida imperfeita, mas sóbria, de observar a marcha do mundo. [...] Um mundo mais difícil de compreender, que exige do jornalista humildade, dúvida metódica, trabalho, pesquisa, imaginação e que naturalmente pede ao leitor mais esforço, mais atenção. Só a esse preço a imprensa gráfica pode abandonar os confortáveis bancos do simplismo dominante e se encontrar com aqueles leitores que desejam compreender para poder atuar melhor como cidadãos em nossas democracias adormecidas.¹⁶⁸

Num de seus livros mais críticos sobre a mídia, Ignacio Ramonet questiona o papel do jornalista atualmente. Via, na década de 1990, uma galopante taylorização da profissão: se um dia o jornalismo foi artesanato, agora é indústria – e o jornalista assume um papel coadjuvante nesse sistema, como meros transmissores de informações sob encomenda.¹⁶⁹

Le Monde Diplomatique muitas vezes é lembrado como espaço privilegiado para a articulação dos campos jornalístico, universitário e militante.¹⁷⁰ Se Julien avançou nas aproximações com o campo universitário, Ramonet atraiu o campo militante.

Três editoriais especialmente pontilharam essa trilha. Em fevereiro de 2005, o sociólogo cristalizou a crítica “*La pensée unique*” nas páginas de *Le Monde Diplomatique*. A seu ver, o “pensamento único” é a doutrina contemporânea neoliberal do capital internacional, que vem se definindo desde a década de 1940, com os acordos de Bretton-Woods (1944) e o Plano Marshall (1947). Diante das ruínas ideológicas do muro de Berlim e da URSS, arquitetou-se uma nova ordem fincada no capitalismo, alicerçada nos admiráveis avanços

¹⁶⁸ Traduzido do original: “*Au Monde Diplomatique , nous estimons que s’informer demeure une activité productive, impossible à réaliser sans effort et exigeant une véritable mobilisation intellectuelle. Une activité assez noble, en démocratie, pour que le citoyen consente à lui consacrer une part de son temps et de son attention. Si nos textes sont en général plus longs que ceux d’autres journaux et périodiques, c’est qu’il est souvent indispensable de rappeler les données fondamentales d’un problème, ses antécédents historiques, sa trame sociale et culturelle, son épaisseur économique, afin de mieux en saisir toute la complexité. De plus en plus de lecteurs acceptent cette conception exigeante de l’information et sont sensibles à notre manière, sans doute imparfaite mais sobre, d’observer la marche du monde. (...) Un monde plus difficile à comprendre qui exige du journaliste humilité, doute méthodique, travail, enquêtes, imagination et qui demande naturellement au lecteur plus d’effort, plus d’attention. A ce prix, et à ce prix seulement, la presse écrite peut quitter les rivages confortables du simplisme dominant et retrouver tous ces lecteurs qui souhaitent comprendre pour pouvoir mieux agir en citoyens dans nos démocraties assoupies*” (RAMONET, op. cit, p. 28).

¹⁶⁹ RAMONET, 1999.

¹⁷⁰ WEIL, 2006; SZCZEPANSKI-HUILLERY, 2005; LATTEF, 2008.

tecnológicos e sua fabulosa mundialização das informações, potencializando as teses neoliberais do *laissez faire*. Dizia Ramonet:

Enredados. Nas democracias atuais, cada vez mais os cidadãos livres se sentem enredados, levados por uma espécie de doutrina viscosa que, imperceptivelmente, envolve racionalmente todos os rebeldes, inibe-os, perturba-os, paralisa-os e, eventualmente, reprime-os. Essa doutrina é o pensamento único, o único autorizado por uma invisível e onipresente polícia da opinião. Desde a queda do Muro de Berlim, o colapso dos regimes comunistas e da desmoralização do socialismo, a arrogância, a prepotência e insolência desse novo evangelho chegaram a tal ponto que nós podemos, sem exagero, descrever essa fúria ideológica como o dogmatismo moderno. O que é o pensamento único? A tradução em termos ideológicos da reivindicação universal dos interesses de um conjunto de forças econômicas e, em particular, do capital internacional.¹⁷¹

O pensamento imperialisticamente “único” seria imposto por poderosas instituições econômicas, como Banco Mundial e FMI, aliadas às principais fontes de informação internacionais – sob o *prima principium*: a economia prevalece sobre a política.

Em dezembro de 1997, Ramonet publicou o editorial “*Désarmer les marchés*”. Na época, diante de uma nebulosa crise financeira internacional, o autor diagnosticava a mazela: a mundialização do capital financeiro, febril com as articulações tentaculares do Banco Mundial, FMI e OCDE, submetendo países e povos ao seu bel-prazer. E arriscava a alternativa: “O desarmamento do poder financeiro deve tornar-se o principal canteiro civil se quisermos evitar que o mundo do próximo século se transforme em uma selva onde os predadores farão a lei”.¹⁷²

Ignacio Ramonet revisitou o economista americano James Tobin (1918-2002), Prêmio Nobel de 1981, no editorial, ao propor a instauração de uma taxa de 0,1% sobre as transações financeiras internacionais a fim de reduzir as especulações no mercado financeiro – na estimativa do editor, o tributo recolheria cerca de 166 bilhões de dólares anuais, o bastante

¹⁷¹ Traduzido do original: “*Englués. Dans les démocraties actuelles, de plus en plus de citoyens libres se sentent englués, poissés par une sorte de visqueuse doctrine qui, insensiblement, enveloppe tout raisonnement rebelle, l’inhibe, le trouble, le paralyse et finit par l’étouffer. Cette doctrine, c’est la pensée unique, la seule autorisée par une invisible et omniprésente police de l’opinion. Depuis de la chute du mur de Berlin, l’effondrement des régimes communistes et la démoralisation du socialisme, l’arrogance, la morgue et l’insolence de ce nouvel Evangile ont atteint un tel degré qu’ont peut, sans exagérer, qualifier cette fureur idéologique de moderne dogmatisme. Qu’est-ce que la pensée unique? La traduction en termes idéologiques à prétention universelle des intérêts d’un ensemble de forces économiques, celles, en particulier, du capital international*” (RAMONET, fevereiro de 2005, p. 2).

¹⁷² Traduzido do original: “*Le désarmement du pouvoir financier doit devenir un chantier civique majeur si l’on veut éviter que le monde du siècle à venir ne se transforme en une jungle où les prédateurs feront la loi*” (RAMONET, dezembro de 1997, p. 1).

para erradicar a pobreza extrema ainda no fim do século XX. Assim aflorou a ideia da Action pour une Taxe Tobin d'Aide aux Citoyens (Attac), que logo se tornaria a Association pour la Taxation des Transactions Financières et pour l'Action Cityoenne (Attac)¹⁷³, movimento-laboratório liderado por Ignacio Ramonet e Bernard Cassen contra a mundialização do capital neoliberal, sintonizado com as flamejas de Chiapas (1994) e Seattle (1999), que culminaria no primeiro Fórum Social Mundial, em Porto Alegre (2001).

Idealizado como um contraponto ao Fórum Econômico Mundial (símbolo do capitalismo financeiro, por reunir as principais lideranças da economia mundial), em Davos, Suíça, o primeiro encontro na capital gaúcha reuniu cerca de 20 mil participantes, entre ativistas, artistas, estudantes, intelectuais e líderes de movimentos sociais, em busca de alternativas para construir “outro mundo possível”. Em busca, nas palavras de Milton Santos:

[...] [d]a possibilidade de produção de um novo discurso, de uma nova metanarrativa, um novo grande relato. Esse novo discurso ganha relevância pelo fato de que, pela primeira vez na história, se pode constatar a existência de uma universalidade empírica. A universalidade deixa de ser apenas uma elaboração abstrata na mente dos filósofos para resultar da experiência ordinária de cada homem. De tal modo, em um mundo datado como o nosso, a explicação do acontecer pode ser feita a partir de categorias de uma história concreta. É isso, também, que permite conhecer as possibilidades existentes e escrever uma nova história.¹⁷⁴

Estaria a resposta em Davos? Para Ramonet, não, mas em Porto Alegre.¹⁷⁵ Floresceu assim o movimento altermundialista, com contribuições de articuladores como o empresário israelo-brasileiro Oded Grajew, o arquiteto brasileiro Francisco Whitaker e o editor francês Bernard Cassen, reunidos na redação parisiense de *Le Monde Diplomatique*, arquitetos do altermundialismo, diria Maxime Szczepanski-Huillery¹⁷⁶ – ao mesmo tempo catalisado pelo

¹⁷³ O nome do economista James Tobin não demorou para ser riscado do título do movimento, que manteve o acrônimo: de Action pour une Taxe Tobin d'Aide aux Citoyens (Attac) para Association pour la Taxation des Transactions Financières et pour l'Action Cityoenne (Attac). Nos artigos, discursos e livros, os líderes da Attac - France buscaram distinguir suas ideias, sem comprometer Tobin. Assim, buscaram não implicar Tobin, que nunca foi identificado como ativista ou articulador. Outra razão para a mudança do título do movimento está nos campos visados para atuação: a Attac -France via a tributação das transações financeiras como alternativa para lutar contra a globalização neoliberal, tal como contra as multinacionais e a Organização Mundial do Comércio (OMC). No inverno de 1998, Bernard Cassen conversou com James Tobin ao telefone, convidando-o para uma conferência sobre a possível Taxa Tobin, que se realizaria em janeiro de 1999, em Paris. A conversa foi cordial, mas Tobin deixou claro que não era um “revolucionário” – e que, por outros motivos, não poderia comparecer ao evento. Cassen garantiu ao economista que respeitava e compreendia perfeitamente seu posicionamento.

¹⁷⁴ SANTOS, 2004, p. 21.

¹⁷⁵ RAMONET, agosto de 2000, p. 5.

¹⁷⁶ SZCZEPANSKI-HUILLERY, 2005.

primeiro boom da internet e das manifestações contrárias à globalização neoliberal, e catalisador de expectativas sobre as alternativas possíveis diante de tal globalização neoliberal. Assim, se Julien firmou o antiimperialismo na linha de *Le Monde Diplomatique*, Ramonet rubricou o antineoliberalismo – e atraiu adentro militantes e movimentos sociais, *i.e.* a Attac, o Fórum Social Mundial, o Observatoire Français e o Observatório Internacional de Mídias.¹⁷⁷ Na época, *Le Monde Diplomatique* ficou famoso como o jornal “não-oficial” do movimento altermundialista.

Para Szczepanski-Huillery, *Le Monde Diplomatique* se reservou um status ambíguo no movimento, ao mesmo tempo *outsider* e *insider*. Por um lado, foi um dos principais precursores da nebulosa altermundialista na França. Por outro, transgredindo fronteiras dos universos jornalísticos, militantes e universitários, preservou relativa distância ao não se definir definitivamente sob selos teóricos e ideológicos: “Nem marxista-leninista, nem *gauchiste*, o *mensuel* não é feito nem por nem para militantes, e nunca pôs seu nome, antes do nascimento da Attac, ao serviço de um grupo ou de um partido, apesar de suas simpatias expostas aqui e ali”.¹⁷⁸

Em janeiro de 2000, por fim, Ramonet publicou o editorial “*L’aurore*”, pessimista sobre as arbitrariedades e deliberações do mercado financeiro, otimista sobre as possibilidades da sociedade civil mobilizada: “Por muito tempo despossuídos da palavra, os cidadãos disseram em alto e bom som: ‘Basta!’ Basta de aceitar a mundialização como uma fatalidade. Basta de ver o mercado decidir no lugar dos eleitos. Basta de ver o mundo transformando em mercadoria. Basta de passividade, de resignação, de submissão”.¹⁷⁹ No editorial, o sociólogo dava pistas sobre o que esperava do novo milênio:

¹⁷⁷ HARVEY, 2011, p. 20.

¹⁷⁸ Traduzido do original: “*Ni marxiste-leniniste ni gauchiste, le mensuel n’est fait ni par ni pour des militants, et n’a jamais mis son nom, avant la naissance d’ Attac, au service d’un groupe ou d’un parti, malgré quelques sympathies affichées ici ou là*” (SZCZEPANSKI-HUILLERY, 2005, p. 168).

¹⁷⁹ Traduzido do original: “*Trop longtemps dépossédés de leur parole, des citoyens y ont dit avec force: ‘Assez!’ Assez d’accepter la mondialisation comme une fatalité. Assez de voir le marché décider à la place des élus. Assez de voir le monde transformé en marchandise. Assez de subir, de se résigner, de se soumettre*” (RAMONET, janeiro de 2000, p. 1).

[...] agora é preciso sonhar com a construção de um futuro diferente. Não é mais o caso de se contentar com um mundo onde só há duas medidas: o zero e o infinito. Onde um bilhão de habitantes vive na prosperidade enquanto outro bilhão está na miséria e quatro bilhões dispõem apenas do mínimo vital. É tempo de fundar uma nova economia, mais solidária, apoiada no desenvolvimento durável, que situe o ser humano no centro das preocupações. Começando por desarmar o poder financeiro que, ao longo das últimas décadas, não parou de corroer o território do político, reduzindo o perímetro da democracia.¹⁸⁰

Em janeiro de 2001, o editor cravaria Porto Alegre como o marco do novo século: entre 25 e 30 de janeiro a cidade sulista abrigaria o primeiro Fórum Social Mundial. Diferentemente de Seattle ou Praga, não mais uma manifestação simples contra as injustiças do neoliberalismo, mas uma tentativa, com espírito positivo e construtivo, de propor um marco que permitisse ver uma globalização nova, afirmando “outro mundo possível”, mais humano e mais solidário.¹⁸¹

*

Tais editoriais marcaram as posições editoriais e políticas de *Le Monde Diplomatique*. Marcaram ainda um momento em que a revista renovou sua relevância internacional. Após a tímida estreia com uma tiragem de 5 mil exemplares na década de 1950, o magazine saltou para 50 mil sob a direção de Claude Julien na década de 1970 – e, até 1990, catapultou a marca de 150 mil. Nos tempos de Ignacio Ramonet, entre 1990 e 2000, atingiu o máximo histórico de 357 mil exemplares.¹⁸² Assim, feito por e para intelectuais, entre críticos contemplativos e, ao mesmo tempo, agitadores políticos¹⁸³, *Le Monde Diplomatique* conquistou seu lugar no painel da imprensa internacional.

Eleito em 1990 e reeleito em 1996 e 2002, Ramonet passou mais de dezesseis anos na direção de *Le Monde Diplomatique* – “tempos demais”, diria. Em 2008, não quis disputar mais um mandato, abrindo caminho para outros talentos do tabloide. Essa foi a história

¹⁸⁰ Traduzido do original: “Car il faut songer à construire un futur différent. Plus question de se contenter d’un monde où n’existent que deux statuts: le zéro et l’infini. Où un milliard d’habitants vit dans la prospérité, tandis qu’un autre milliard est dans la misère, et que quatre milliards disposent d’à peine le minimum vital. Il est temps de refonder une nouvelle économie, plus solidaire, basée sur le développement durable et plaçant l’être humain au centre des préoccupations. En commençant par désarmer le pouvoir financier qui, au cours des dernières décennies, n’a cessé de grignoter le territoire du politique, réduisant le périmètre de la démocratie” (RAMONET, janeiro de 2000, p. 1). Por sua relevância, esse editorial está na íntegra nos anexos desta tese.

¹⁸¹ RAMONET, janeiro de 2001, p. 40.

¹⁸² RABADÁN, 2009, p. 262-263.

¹⁸³ JULIEN, junho de 2005.

oficialmente narrada e impressa na página 2 da edição de março de 2008. Nos bastidores, extraoficialmente, a história não foi simples assim.

Alain Gresh, Bruno Lombard e Maurice Lemoine tentaram disputar o posto de diretor, mas não conseguiram. A escolha do diretor de *Le Monde Diplomatique* é assim fragmentada: a Association Gunter Holzmann indica um candidato, que deve ser avaliado pela Association Les Amis du Monde Diplomatique e, depois, *Le Monde*, ainda acionista majoritário, pode se pronunciar sobre a escolha. No fim de 2007, diante da saída de Ramonet, o impasse para escolher um novo diretor não se deu por implicâncias do *Monde*, como se poderia imaginar, mas a divisões internas no *Monde Diplomatique*.

A estrutura tripartida do *Monde Diplomatique* tenta equilibrar interesses às vezes divergentes. A Association Gunter Holzmann (AGH), vale lembrar, reúne os profissionais da redação (editores, estagiários, redatores, repórteres, secretários etc.) que, idealmente, defendem a independência redacional. A Association Les Amis du Monde Diplomatique reúne leitores, muitos engajados e militantes, que defendem certos ideais e linhas editoriais mais marcadas. Por fim, a Le Monde S/A que, *grosso modo*, defende a rentabilidade da revista. Logo, a gazeta precisa se equilibrar entre esses escopos, às vezes convergentes, outras vezes contraditórios.¹⁸⁴

O editor Alain Gresh foi o primeiro a se declarar candidato – mas teve apenas 9 dos 20 votos na AGH. Nascido no Egito em 1948, Gresh mudou-se com a família na década de 1970 para Paris, onde cursou matemática na Université Paris VII, árabe no Institut National des Langues et Civilisations Orientales. Doutorou-se com uma tese sobre a Organização para Libertação da Palestina (OLP) na École des Hautes Études en Sciences Sociales em 1983. Desde 1985 integra a redação do *Monde Diplomatique*.

Para Harvey¹⁸⁵, Gresh estaria no centro de uma das principais clivagens dentro da redação de *Le Monde Diplomatique*: a dita fratura pós-colonial e a discussão sobre o Islã. A fratura pós-colonial discute diversas questões alavancadas com a colonização francesa e a descolonização: as relações entre França e África, por exemplo. Outro ponto de tensões é o posicionamento no conflito israelo-palestino nas páginas do *Monde Diplomatique*. Entretanto,

¹⁸⁴ HARVEY, 2011, p. 94.

¹⁸⁵ Atualmente na Université d'Ottawa, o historiador Nicolas Harvey defendeu uma excelente tese de doutorado em ciência política na Université de Rennes I, em 2011. Harvey realizou um estágio no *Monde Diplomatique* entre janeiro e fevereiro de 2006, e realizou 67 entrevistas (59 delas presencialmente), mas muitas infelizmente sob condições de anonimato, o que torna certas questões imprecisas. Teve o mérito de revelar diversos conflitos internos e divergências pessoais e profissionais no *Monde Diplomatique*. Ao abordar o hibridismo do *Monde Diplomatique* entre os campos jornalísticos, militantes e universitários, destacou diferentes estruturas redacionais ao longo da trajetória da revista, diferentes representações da identidade da revista, diferentes vertentes ideológicas entre seus integrantes. Valiosas, suas contribuições estão citadas ao longo dessas páginas.

entre diversas questões delicadas, na realidade francesa, o Islã político é a pedra de toque para as discussões internas do *Monde Diplomatique*.

A expressão *fratura pós-colonial* é versada para criticar uma herança dos tempos coloniais – certos pensadores, como Alain Gresh, afirmam que a França ainda precisa acertar as contas com a memória, talvez amnésia, colonial. Advogam ainda que o Islã político pode ser socialmente progressista, dando continuidade às lutas antiliberais. A discussão opõe duas correntes políticas: os republicanos (laicistas, às vezes abertamente anticlericais e islamofóbicos) e os antigos comunistas (ateus majoritariamente, mais favoráveis à tolerância diante da cultura muçulmana). Um exemplo: a publicação das caricaturas de Maomé no dinamarquês *Jyllands-Postern*, em setembro de 2005 (os cartoons foram republicados no semanário satírico francês *Charlie Hebdo*, em fevereiro de 2006 – quase dez anos, vale lembrar, antes do atentado brutal contra a redação, que provocou a morte de Stéphane Charbonnier (o Charb, diretor da revista desde 2009), Georges Wolinski (“o” Wolinski), Jean Cabut (Cabu) e Bernard Velhac (Tignous), entre outros.¹⁸⁶ Nos idos de 2005/2006, no *Monde Diplomatique*, de um lado, uns viram o cartoon como forma de racismo; de outro, uns arriscavam que os árabes manifestantes deviam pedir “desculpas” ao governo dinamarquês.¹⁸⁷

O diretor financeiro Bruno Lombard, indicado por Jean-Marie Colombani, foi o segundo a arriscar o cargo – recebeu 11 dos 20 votos na AGH, mas não foi avalizado pelos Amis du Monde Diplomatique, não por desavenças ideológicas (como foi o caso da negativa a Alain Gresh), mas por simples lógica: Lombard não era considerado nem universitário, nem jornalista, nem *intellectual*.¹⁸⁸

O editor Maurice Lemoine considerou a possibilidade de disputar o cargo, mas via chances mínimas de conquistar o apoio de mais de dez colegas na AGH, também devido a discordâncias internas. Por fim, Serge Halimi apresentou sua candidatura, obtendo unanimidade tanto na AGH quanto nos Amis du Monde Diplomatique – só depois *Le Monde* validou, velozmente, a escolha do novo diretor. Assim se abriu o tempo de Serge Halimi.¹⁸⁹

¹⁸⁶ Na manhã de 7 de janeiro de 2015, três terroristas abriram fogo contra a redação do *Charlie Hebdo*, no 11º *arrondissement* de Paris. Além de vigílias França afora, tributos proliferaram internet adentro: primeiro, a mensagem *je suis Charlie*, em homenagem aos cartunistas assassinados; no paralelo, a mensagem *not in my name*, vinda de jovens muçulmanos, criticando as motivações dos autores do atentado – que teriam ligações com a Al-Qaeda no Iêmen. Lembrada como uma revista provocativa, satírica, “subversiva”, anticlerical e às vezes antirreligiosa, *Charlie Hebdo* se tornou um símbolo da liberdade de imprensa, levantando discussões intelectuais inquietantes e controversas na imprensa internacional a respeito da liberdade de imprensa e do discurso de ódio, do terrorismo islâmico e da islamofobia. Para outros, porém, o episódio se tornou carta na manga para os líderes europeus intensificarem medidas extremas de vigilância em nome do combate contra o terrorista.

¹⁸⁷ HARVEY, 2011, p. 184-190.

¹⁸⁸ HARVEY, 2011, p. 101.

¹⁸⁹ A partir de 2008 na direção de *Le Monde Diplomatique*, Serge Halimi contou com Alain Gresh como diretor

1.4 O TEMPO DE SERGE HALIMI

Tempos diferentes, certamente, dos passados por Claude Julien e Ignacio Ramonet. Serge Halimi assumiu a direção de *Le Monde Diplomatique* num momento mais delicado para a continuidade da relevância internacional da revista. Por um lado, o furor altermundialista começou a esfriar, que assumiu mais fortemente seu caráter difuso e diluído ao longo do tempo. Por outro, o raiar da crise financeira internacional de 2008, considerado o mais grave colapso econômico desde o *crash* de 1929. Além disso, o próprio *métier* do jornalista e do intelectual tropeçou num novo contexto, em que as condições técnicas alteraram o ritmo, o estilo e o eixo da produção da informação. Num contexto midiático pautado pelo ritmo frenético da internet, destino de muitos leitores, preservar o papel do papel se tornou um desafio para as mais diversas publicações, da direita à esquerda. Halimi portanto precisou, aliás, precisa lidar com outras adversidades à frente de *Le Monde Diplomatique*.

Conflitos internos também marcaram a redação do *Monde Diplomatique* nos últimos tempos. Desde 2004, a difusão da revista caiu consideravelmente, reflexo da dissipação do movimento altermundialista e da Attac.¹⁹⁰ As estreitas relações entre Attac-France e *Le Monde Diplomatique* não eram unanimemente acordadas na redação, pois, para muitos, o envolvimento poderia comprometer a independência da revista. Em 2005, as turbulentas campanhas para o conselho do movimento implicaram acusações de fraude eleitoral – num momento em que Ramonet e Cassen eram presidentes de honra.

adjunto, Maurice Lemoine como redator-chefe, depois Anne-Cécile Robert, Martine Bulard e Philippe Rivière como redatores-chefes adjuntos. A partir de 2010 assumiu como redatora-chefe Martine Bulard, ex-*L'Humanité*.

¹⁹⁰ Segundo informações oficiais de *Le Monde Diplomatique* sobre a difusão da edição francesa:

- 1994 – 153.600 exemplares;
- 1995 – 162.408 exemplares;
- 1996 – 180.738 exemplares;
- 1997 – 180.906 exemplares;
- 1998 – 189.855 exemplares;
- 1999 – 204.586 exemplares;
- 2000 – 191.770 exemplares;
- 2001 – 211.527 exemplares;
- 2002 – 228.164 exemplares;
- 2003 – 240.226 exemplares;
- 2004 – 206.604 exemplares;
- 2005 – 199.766 exemplares;
- 2006 – 180.821 exemplares;
- 2007 – 166.853 exemplares;
- 2008 – 171.274 exemplares.

A jornalista Flavie Holzinger aclarou o *affair* Attac-France: Jacques Pikonoff presidia o movimento e, ao lado de Bernard Cassen e Michèle Dessenne, defendia uma direção mais forte, para garantir um movimento mais independente *vis-à-vis* os sindicatos e outros movimentos sociais; por outro lado, porém, os três vices-presidentes, Susan George, Gustave Massiah e François Dufour, e os instituidores e integrantes sindicalistas queriam manter a Attac-France como *carrefour* de ações e movimentos sociais e políticos.¹⁹¹ Uma comissão revelou fraude nas eleições de 2005/2006 – e Pikonoff, linchado midiaticamente, recebeu manifestações de solidariedade de Ramonet e Cassen.

Por estar no *Monde Diplomatique*, por fundar e presidir simbolicamente a Attac, Bernard Cassen via sua legitimidade lhe garantir certa tranquilidade, apesar das divergências no movimento. Assim Cassen se via *intocável*, na sua expressão, diferentemente de seu sucessor, Pikonoff.¹⁹²

Feitos por correspondência, os votos para as eleições da Attac-France foram armazenados num domingo de maio de 2006 – e deveriam ter sido contados no mesmo dia, mas não foram. No domingo, predominava uma expectativa sobre o vencedor, mas, na terça-feira, a situação se inverteu totalmente, suscitando a suspeita de que as cédulas tinham sido falsificadas. Assim que as acusações foram feitas, Cassen sugeriu procurar a justiça, para prestar queixa e iniciar investigação, que se desenrolou a partir de 1º de dezembro de 2006. O juiz Benoit Giraud, do Tribunal de Grande Instance de Bobigny, assim julgaria a questão no dia 13 de agosto de 2009: “Considerando que o contexto muito hostil e muito conflitual em que foram realizadas as eleições na primavera de 2006 e que as análises estatísticas não podem, por si só, estabelecer evidência de fraude eleitoral e ainda menos de indicar seus autores, a referida fraude é indubitavelmente provável, mas longe de ser provada”.¹⁹³

Em 2006, o historiador Nicolas Harvey presenciou essas tensões na redação, que culminaram no pedido de demissão do redator-chefe Alain Gresh e do redator-chefe adjunto Dominique Vidal de suas funções *hierárquicas*, permanecendo na redação como jornalistas. O porquê: Gresh e Vidal discordavam das intervenções de Ignacio Ramonet e Bernard Cassen

¹⁹¹ HOLZINGER, 2013, p. 266.

¹⁹² Bernard Cassen em entrevista à autora, no dia 10 de novembro de 2014.

¹⁹³ Traduzido do original: “*Attendu que le contexte très brouillon et très conflictuel dans lequel se sont déroulées les élections du printemps 2006 et les analyses statistiques ne peuvent à eux seuls établir la preuve d’une fraude électorale et encore moins désigner les auteurs de celle-ci, que ladite fraude et sans doute probable, mais loin d’être certaine cependant*”. Partilhado por Bernard Cassen, a íntegra deste documento está nos anexos desta tese.

sobre a disputa pela direção da Attac-France.¹⁹⁴ Desse modo, Maurice Lemoine assumiu como redator-chefe, Anne-Cécile Robert e Serge Halimi como redatores-chefes adjuntos.

Ao ser escolhido diretor em 2007/2008, após as tentativas frustradas de Alain Gresh, Bruno Lombard e Maurice Lemoine, Serge Halimi simbolizava uma *terceira via* a conciliar duas vertentes políticas muito fortes no *Monde Diplomatique*: de um lado, um clã de republicanistas, como Bernard Cassen e Maurice Lemoine; de outro, um polo de antigos comunistas, como Alain Gresh e Dominique Vidal – vertentes que estavam se colidindo e se cristalizando, misturando questões pessoais, profissionais e ideias políticas nas discussões. Assim, Halimi despontava como uma alternativa para conciliar tais diferenças.

Filho da advogada feminista Gisèle Halimi, Serge Halimi nasceu na Tunísia, em 1955. Desde 1992 no *Monde Diplomatique*, doutorou-se em ciências políticas na University of California, Berkeley, e lecionou na Université Paris VIII entre 1994 e 2000. Colaborou com o satírico *Charlie Hebdo* e com o crítico *Là-bas si j'y suis* na rádio France Inter. Entre outros títulos, publicou *Quand la gauche essayait* (Arléa, 1993) e *Les nouveaux chiens de garde* (Raison d'Agir, 1997).

De suas ideias sobre o papel do jornalismo: no livro *Les nouveaux chiens de garde*, prefaciado por Pierre Bourdieu, Halimi esquadrinha uma análise crítica sobre o considerado conluio entre os poderes econômico, midiático e político. Faz referência ao livreto *Les chiens de garde* de 1932, em que o jovem jornalista comunista Paul Nizan (1905-1940) criticava as análises de certos filósofos de sua época que fomentavam a perpetuação de uma filosofia “idealista” distante da realidade, da miséria material, das mazelas, da guerra – os cães de guarda. Para Halimi, por sua vez, os novos cães de guarda ladrariam nos microfones, atingindo decibéis mais altos que nos púlpitos. Distorceriam as realidades sociopolíticas, servindo aos interesses dos *maîtres* do mundo. O autor arremata, na última palavra do livro:

¹⁹⁴ Enquanto Ramonet participava como pessoa física da Attac, a Le Monde diplomatique S/A e a Association Gunter Holzmann participavam como pessoa jurídica. Após a verificação de fraude nas eleições da Attac, Le Monde Diplomatique S/A e Association Gunter Holzmann se retiraram do movimento. Cf. HARVEY, 2011, p. 33, p. 232-233.

Referindo-se aos jornalistas de seu país, um sindicalista americano observou: “Há 20 anos, eles almoçavam conosco nos cafés. Hoje, eles jantam com os chefes”. Encontrando apenas os “tomadores de decisão”, iludindo-se numa sociedade de direito e dinheiro, transformando-se em máquinas a propagar o pensamento do mercado, o jornalismo se trancou numa classe e numa casta. Perdeu seus leitores e sua credibilidade. Precipitou o empobrecimento do debate público. Essa situação é própria de um sistema: códigos de ética não vão mudar muita coisa. Mas, frente ao que Paul Nizan designava “conceitos dóceis que ordenam os caixas sonhadores do pensamento burguês”, a lucidez é uma forma de resistência.¹⁹⁵

Em outubro de 2009, Halimi revisitou a questão sobre os rumos do jornalismo no editorial “*Notre combat*”, no *Monde Diplomatique*. O editor lembra que há décadas a revista propalava a formação de um turbilhão econômico, que viria a irromper e devastar redações. E, por fim, faz um apelo a seus leitores, para tomar parte na batalha das ideias e transmitir a novos leitores a *manière de voir* singular de *Le Monde Diplomatique*.¹⁹⁶

Em outubro de 2010, outro “*Notre combat*” foi publicado, lembrando a campanha a apelar aos leitores para angariar fundos, convidar amigos para assinar a revista ou adquiri-la mais frequentemente nos quiosques. Em três meses, 1.648 leitores contribuíram com um total de 164.321 euros para o magazine, que pôde equilibrar enfim as contas da casa.¹⁹⁷ Halimi recorda que tais donativos se voltaram para amparar mais solidariamente as finalidades do *Monde Diplomatique* de acordo com seus valores editoriais: garantir preços mais acessíveis da revista nos países pobres, acompanhar edições estreantes (à época, a húngara e a curda), acompanhar edições economicamente difíceis (como a armênia e a peruana). Nessa linha, a direção francesa dedicou 82.000 euros para equilibrar as tarifas preferenciais nos países do hemisfério sul, 83.000 euros para ajudar as edições internacionais, 63.000 euros para investir em investigações e reportagens, 54.000 euros para indexar digitalmente o arquivo histórico do *Monde Diplomatique*.¹⁹⁸

Para Halimi, o jornalismo mingua há muito tempo, por questões de princípios da profissão. Um pilar da estrutura, marcada por novos “feudos hereditários” – os impérios de

¹⁹⁵ Traduzido do original: “*Parlant des journalistes de son pays, un syndicaliste américain a observé: ‘Il y a vingt ans, ils déjeunaient avec nous dans des cafés. Aujourd’hui, ils dînent avec des industriels.’ En ne rencontrant que des « décideurs », en se dévoyant dans une société de cour et d’argent, en se transformant en machine à propagande de la pensée de marché, le journalisme s’est enrhumé dans une classe et dans une caste. Il a perdu des lecteurs et son crédit. Il a précipité l’appauvrissement du débat public. Cette situation est le propre d’un système: les codes de déontologie n’y changeront pas grand-chose. Mais, face à ce que Paul Nizan appelait ‘les concepts dociles que rangent les caissiers soigneux de la pensée bourgeoise’, la lucidité est une forme de résistance*” (HALIMI, 2005).

¹⁹⁶ HALIMI, outubro de 2009, p. 28.

¹⁹⁷ HALIMI, outubro de 2010, p. 2.

¹⁹⁸ HALIMI, outubro de 2010, p. 2.

Arnault, Berlusconi, Boygues, Murdoch, Slim etc. Outro, a internet – mas, adverte, o jornalismo já vacilava antes da internet, com as estruturas redacionais, as pressões publicitárias e de outras ordens. Halimi vê a internet como ferramenta a contribuir para aumentar o impacto do magazine mundo afora, mas não para garantir sua existência. Diz, assim, em tom melancólico:

Evidentemente, o declínio do altermundialismo nos afetou mais duramente que a outros. Ainda que a hegemonia intelectual do liberalismo tenha sido questionada, sua argila se endureceu rapidamente. Se a crítica não é suficiente, a proposta tampouco: a ordem social não é um texto que bastaria “desconstruir” para que se recomponha por si mesmo; muitas ideias arrancam o mundo real, sem derrubar seus muros. Não obstante, às vezes se espera de nós que os acontecimentos se dobrem nossas esperanças comuns. E, caso contrário, nos julgam um tanto deprimentes...¹⁹⁹

Serge Halimi finaliza o editorial com um convite ao leitor: lembrar as razões para se ler *Le Monde Diplomatique*. Para tanto, recorda a identidade da revista:

Quem mais continuará a financiar um jornalismo de interesse geral aberto ao mundo, dedicar duas páginas aos mineiros da Zâmbia, à marina chinesa, à sociedade letã? Esse periódico não está isento de defeitos, mas encoraja os autores que viajam, investigam, saem de suas casas, ouvem, observam. Os jornalistas que concebem o periódico não são nunca convidados aos jantares dos poderosos, não “flertam” com os lobbies farmacêuticos ou o setor financeiro, não são *habitués* da grande mídia. Estes, aliás, que transformam cada “nova fórmula” doutros jornais e transformam suas *revues de presse* em morada reservada a cinco ou seis títulos, sempre as mesmas, ocultando diligentemente *Le Monde Diplomatique* apesar de seu impacto internacional inigualável. Basicamente, é o preço da nossa singularidade.²⁰⁰

¹⁹⁹ Traduzido do original: “A l'évidence, le déclin de l'altermondialisme nous a atteints plus durement que d'autres. L'hégémonie intellectuelle du libéralisme fut remise en cause, mais très vite l'argile s'est durcie. Car si la critique ne suffit pas, la proposition non plus: l'ordre social n'est pas un texte qu'il suffirait de 'déconstruire' pour qu'il se recompose tout seul; nombre d'idées ébrèchent le monde réel sans que les murs s'écroulent. Pourtant, on attend parfois de nous que les événements se plient à nos espérances communes. Et dans le cas contraire, on nous juge un peu déprimants...” (HALIMI, outubro de 2009, p. 28).

²⁰⁰ Traduzido do original: “Qui d'autre que nous va continuer à financer un journalisme d'intérêt général ouvert sur le monde, consacrer deux pages aux mineurs de Zambie, à la marine chinoise, à la société lettone? Ce mensuel n'est pas exempt de défauts, mais il encourage les auteurs qui voyagent, enquêtent, sortent de chez eux, écoutent, observent. Les journalistes qui le conçoivent ne sont jamais conviés aux dîners du siècle, ils ne font pas de « ménages » pour les lobbies pharmaceutiques ou les sociétés d'emballage, ils n'ont pas leur rond de serviette dans les grands médias. Ceux-ci, d'ailleurs, qui relaient chaque 'nouvelle formule' d'un autre journal et qui transforment leurs 'revues de presse' en auberge réservée à cinq ou six titres, toujours les mêmes, occultent avec application *Le Monde Diplomatique* en dépit de son impact mondial sans équivalent. Au fond, c'est la rançon de notre singularité” (HALIMI, outubro de 2009, p. 28).

A singularidade de *Le Monde Diplomatique* é marcante, de fato. Singularidade esta, vale dizer, diversas vezes destacada em metadiscursos elogiosos. Singularidades como a redação mais horizontal e especializada, a linha marcadamente antiimperialista e antineoliberal, o estilo mais analítico do *journal* realizado tal qual uma revista, reunindo diferentes gêneros jornalísticos, entre artigos, editoriais, manifestos, reportagens especiais, textos literários e assim por diante. Híbrida entre um jornal e uma *revue intellectuelle*, para abraçar essas pretensões, a revista integra redatores, correspondentes e colaboradores vindos de diferentes horizontes, convergindo campos intelectuais, jornalísticos e militantes.

Halimi define a linha editorial de *Le Monde Diplomatique* a partir de dois eixos ideológicos: primeiro, na década de 1950 com Claude Julien, a sensibilidade despertada pelo Terceiro Mundo – ou como dizia a fórmula de Ignacio Ramonet: “não é que nós somos terceiro-mundistas; os outros é que são primeiro-mundistas”²⁰¹; segundo, na década de 1970 e mais na década de 1980, a animosidade contra a política neoliberal.

Se um periódico, como propõe Serge Halimi, é a soma dos assuntos abordados e dos descartados, dos autores escolhidos e dos esquecidos²⁰², resta investigar a lógica que pauta a primazia de determinados assuntos e autores, assim como a recusa de outros. A identidade singular do *Monde Diplomatique*, assim, se firma em oposição ao outro – este simbolizado por um jornalismo alvo de críticas de editores como Cassen, Ramonet e Halimi.

Em julho de 2010, *Le Monde Diplomatique* voltou marcar posição, mais uma vez, em relação a *Le Monde* que, nas palavras de Serge Halimi, por décadas tentou impor sua *influência ideológica* ao constituir um gigante grupo midiático, um objetivo megalomaníaco.²⁰³ Uma página virada na história da imprensa francesa, pois *Le Monde* agora passaria a outras mãos: as dos empresários Xavier Niel, Pierre Bergé e Matthieu Pigasse. Dizia Halimi: “Os novos acionistas serão os donos do título. A esses potenciais investidores, não há nada além do dinheiro. Projeto editorial, eles dizem não ter. Mas suas ideias, ao expressá-las, se inscrevem no perímetro exigido de um centralismo liberal, atlantista, europeu e federalista”.²⁰⁴ O editor, enfim, aclara novamente: sim, *Le Monde* detém 51% do capital do *Monde Diplomatique*, muito embora a revista seja editada por uma sociedade e uma redação distintas, com um diretor escolhido de maneira distinta e com uma linha editorial distinta.

²⁰¹ Serge Halimi em entrevista à autora, no dia 28 de novembro de 2014.

²⁰² HALIMI, dezembro de 2011, p. 2.

²⁰³ HALIMI, julho de 2010, p. 2.

²⁰⁴ Traduzido do original: “*Les nouveaux actionnaires seront les propriétaires du titre. A ces investisseurs potentiels, on ne demande que de l’argent. De projet rédactionnel, ils disent ne pas en avoir. Mais leurs idées, quand ils les expriment, s’inscrivent toutes dans le périmètre exigé d’un centrisme libéral, atlantiste, européen et fédéraliste*” (HALIMI, julho de 2010, p. 2).

Segundo Halimi, tal estrutura garante a independência do *Monde Diplomatique*, de maneira que a recapitalização do *Monde* não provocaria impactos na revista.²⁰⁵

Uma revista original, mas, como vimos, também campo de tensões e conflitos não só nas rivalidades entre *Le Monde* e *Diplomatique*, mas nas discordâncias e conflitos de ordem editorial dentro do próprio *Le Monde Diplomatique*, como quaisquer campos intelectuais. A linha de *Le Monde Diplomatique*, aliás, se adjetiva de diversas maneiras segundo os olhares diferentes de seus intelectuais – à esquerda, alternativa, altermundialista, terceiro-mundista, republicanista, revolucionária, de “contrainformação”, de “contra-poder” e assim por diante. Palavras são etiquetas imperfeitas. E as etiquetas são muitas.

Le Monde Diplomatique está, de fato, à esquerda, mas talvez mais ao centro-esquerda, talvez mais à esquerda da esquerda, a julgar pelas pupilas diversas a mirá-lo. No seu bojo e no seu *bureau*, afinal, intelectuais e jornalistas têm trajetórias pessoais, profissionais e militantes diferentes. O historiador Nicolas Harvey identifica quatro correntes ideológicas predominantes dentro do *Monde Diplomatique*: esquerda cristã (simbolizada, por exemplo, por Claude Julien e Micheline Paunet), esquerdistas libertários (Serge Halimi), antigos comunistas ou *neocomunistas* (Alain Gresh, Martine Bulard e Dominique Vidal) e republicanos de esquerda (Bernard Cassen) – não precisamente pelas definições ideológicas de tais expressões, mas pelas trajetórias intelectuais de seus representantes, lembrando ainda que muitos podem perpassar tais tipos.²⁰⁶

De Julien, por exemplo: militante na Jeunesse Étudiante Chrétienne (JEC), na Jeunesse Ouvrière Chrétienne (JOC) e jornalista na revista *La Vie Catholique Illustrée*, simbolizaria uma esquerda cristã – mas menos ideológica e religiosa, mais relacionada a posições políticas: uma crítica radical do nacionalismo, traduzido nos anos 1950 e 1960 no apoio a movimentos de descolonização, nos 1970 e 1980 ao terceiro-mundismo, nos 1990 e 2000 à construção europeia.²⁰⁷

Cassen, por sua vez, representaria a linha republicana dentro do *Monde Diplomatique*. Professor do Lycée Henri IV, depois professor do Institut d’Études Européennes da Université Paris VIII, foi diretor de uma missão interministerial de informação científica entre 1981 e 1985, tempos de Jean-Pierre Chevènement como ministro de ciência e tecnologia. Paralelamente à carreira universitária e jornalística, foi ativo no Le Cercle Condorcet e na Maison de l’Amérique Latine, fundou a Attac-France e foi um dos principais idealizadores do

²⁰⁵ HALIMI, julho de 2010, p. 2.

²⁰⁶ HARVEY, 2011, p. 161-180.

²⁰⁷ HARVEY, 2011, a partir da p. 161.

Fórum Social Mundial. Para Harvey, o viés republicano se expressa num eurocepticismo marcante, com ideias laicistas e soberanistas para as diversas repúblicas como resistência às hegemonias – o que levaria a uma certa admiração por personalidades da esquerda latino-americana, como Fidel Castro e Hugo Chávez.²⁰⁸

De Vidal, entre outros exemplos: representaria antigos comunistas – ou, como certos autores preferem, *neocomunistas*. Filho do linguista Haïm Vidal Sephiha, professor emérito do Institut Universitaire d'Études Juives Elie Wiesel de Paris, Vidal estudou filosofia e história, atuou no Maio de 1968, aderiu à Union des Étudiants Communistes em 1969, onde conheceu Alain Gresh. Vidal foi jornalista na revista *Révolution*, mas foi demitido em 1987, devido a suas críticas aos regimes comunistas na Europa oriental, com outros sete amigos. Por neocomunista, compreendem-se características diversas como a crítica ao tratado da Constituição Europeia, a crítica à cumplicidade/implicações do *Monde Diplomatique* com a Attac-France, a posição mais favorável a questões religiosas e ao Islã político mais progressista.²⁰⁹

Halimi, por fim, simbolizaria a linha libertária. Diplomado no Sciences-Po e na Université Paris I – Sorbonne, professor no Institut d'Études Européennes da Université Paris VIII, Halimi se destacou no campo intelectual, principalmente na crítica à mídia. Harvey se refere por *libertário* a particularidades como as junções entre a universidade e a militância esquerdista de tom anarquista.²¹⁰

Nada, afinal, é preto no branco. Diferentes tons de cinza – aliás, de vermelho – coloriram as páginas de *Le Monde Diplomatique* ao longo de sua trajetória. O magazine viu sua linha editorial avançar, distendendo-se sem se romper drasticamente. Desde os tempos de François Honti, a vocação internacional foi aprimorada, dando voz a colaboradores vindos dos países retratados, que assim compreendem a realidade dos países retratados. A partir das direções de Claude Julien e Ignacio Ramonet, a vocação intelectual e política se firmou, articulando diálogos mais expressivos com outras vozes, muitas afinadas, muitas dissonantes. E, nos tempos atuais, é a vez de Serge Halimi imprimir novos entretons na revista.

Entre o jornalismo e a história, o papel pretendido por intelectuais no *Monde Diplomatique* é participar do debate público, contribuir para questões importantes internacionais, construir propostas alternativas. Contemplar o mundo, mas também agitá-lo. Às versões consideradas superficiais e conservadoras da história vulgarizada e divulgada na

²⁰⁸ HARVEY, 2011, a partir da p. 166.

²⁰⁹ HARVEY, 2011, a partir da p. 171.

²¹⁰ HARVEY, 2011, a partir da p. 176.

mídia, o magazine privilegia um outro olhar – expressão esta que volta diversas vezes às vezes, às páginas e às linhas de *Le Monde Diplomatique*. Nos últimos tempos, a gazeta publicou a primeira edição de um *Manuel d’histoire critique*, um “contra-manual” crítico que retraça o desenvolvimento do mundo da revolução industrial a nossos dias, passando pelas principais transformações sociais, descobertas científicas, discussões intelectuais.²¹¹ Por iniciativas nessa linha, *Le Monde Diplomatique* abre possibilidades de aproximação com a história, pela semelhança dos métodos (análises de conjuntura, apontamento dos interesses envolvidos, perspectiva dilatada, análises de causas, previsão de consequências, entre outros).²¹²

Diante dessas singularidades editoriais e políticas, *Le Monde Diplomatique* atraiu olhares para além das fronteiras francesas, tornando-se ainda mais *internacional*. Ou, como afirma Dominique Vidal: “Esta abertura ao mundo não é de ontem. Muito cedo, *Le Monde Diplomatique* pretendeu ser um jornal internacional realizado na França, muito mais que um jornal francês vendido no exterior”.²¹³

Aventurar-se nas tortas trilhas de *Le Monde Diplomatique* implica, inevitavelmente, retornar aos passos primeiros da revista. Há ali uma bússola para compreender os desdobramentos da história da imprensa. Mas é preciso lembrar que, nessa trajetória, cada passo abre outros milhares de caminhos possíveis que, com sorte, podem levar a estudos posteriores mais pontuais: que rastros *Le Monde Diplomatique* ladrilhou no Maio de 1958 ou no Maio de 1968, que pedaços do muro e da memória soviética tombaram nas suas páginas, que sequelas ficaram das fraturas pós-coloniais, que vestígios se podem encontrar sobre o império americano, que visões se podem vislumbrar sobre o tal outro mundo possível e assim por diante. Há diversos desvios de percurso e rotas alternativas, sem atalhos nem trapaças. Entre tantos fluxos possíveis, esta tese pretende investigar os cruzamentos que permitiram uma revista *très française* ancorar ultramar, na América Latina.

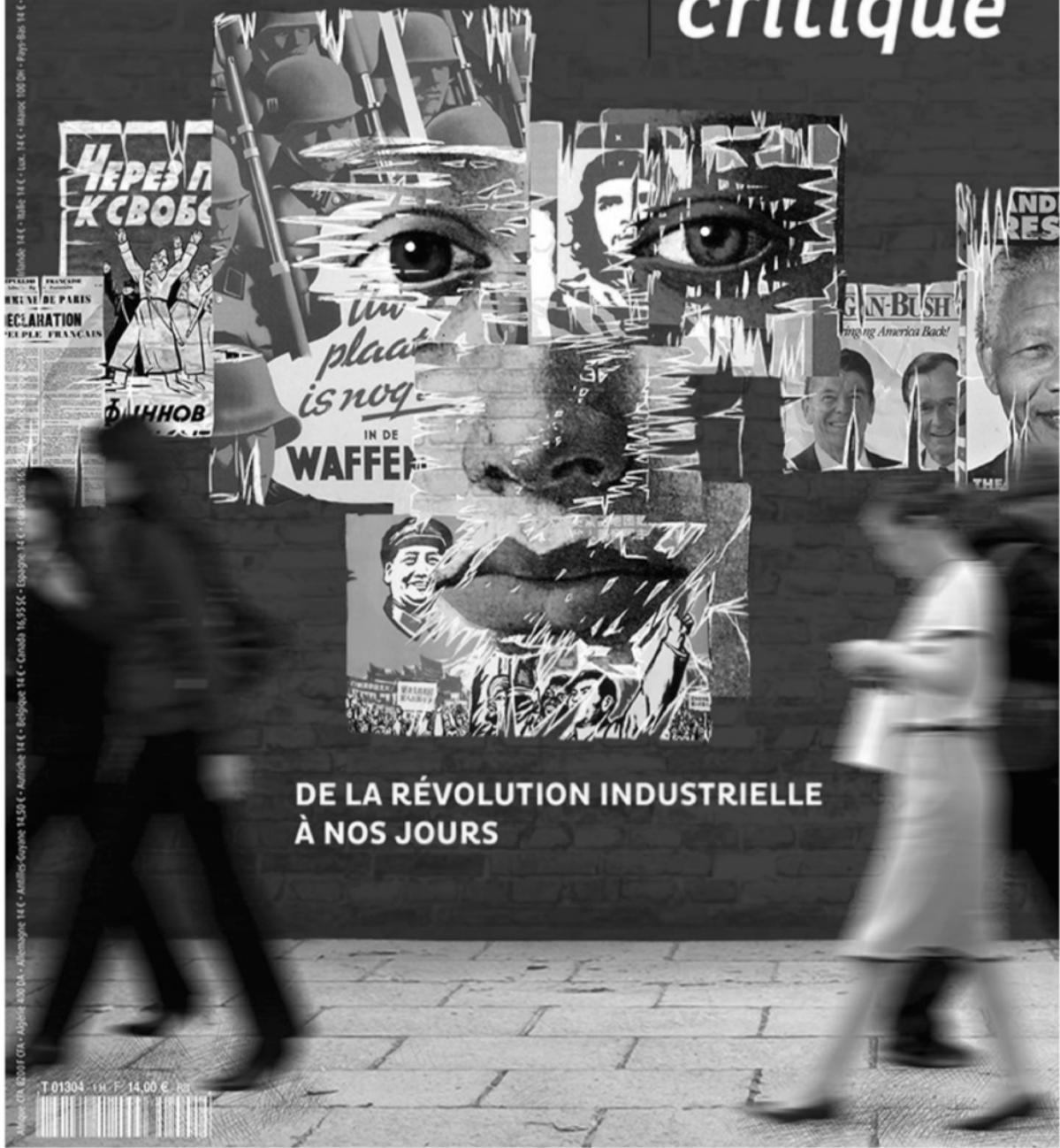
²¹¹ BRÉVILLE, setembro de 2014, p. 14-15.

²¹² VICENTE, 2009, p. 191.

²¹³ Traduzido do original: “*Cette ouverture sur le monde ne date pas d’hier. Très tôt, Le Monde Diplomatique se voulut un journal international réalisé en France plus qu’un périodique français vendu à l’étranger*” (VIDAL, novembro de 2006, p. 27).

MONDE
diplomatique
HORS-SÉRIE

MANUEL D'HISTOIRE *critique*



DE LA RÉVOLUTION INDUSTRIELLE
À NOS JOURS

Primeira edição de *Manuel d'histoire critique*, de outubro de 2014

2 L'INTERNATIONALE DU DIPLO

Diferentes momentos marcaram a propagação de *Le Monde Diplomatique* ao redor do mundo. No artigo “*L’Internationale du Diplo*”, o jornalista francês Dominique Vidal revisita a trajetória que culminaria em 65 edições internacionais (34 impressas, 31 eletrônicas) em 2006, com as estreias da edição húngara em novembro e das edições finlandesa e kuaitiana em dezembro.

Entretanto, Vidal inicia sua narrativa confrontando *Le Monde Diplomatique* com outros exemplos na imprensa internacional: à época, a revista americana *Newsweek* tinha 4 edições internacionais; o jornal *The International Herald Tribune*, vinculado ao americano *The New York Times*, 9; a revista francesa *Elle*, 15; *Le Monde Diplomatique*, 65, presentes em 25 idiomas além do francês. Enquanto as outras publicações contam com estratégias mercadológicas e campanhas publicitárias, porém, a gazeta francesa, nas palavras do editor, contaria principalmente com o “sonho” de um outro mundo possível.²¹⁴

Le Monde Diplomatique pretenderia assim oferecer outro *asset*: as ideias. Vidal diz, como vimos noutra página: “Esta abertura ao mundo não é de ontem. Muito cedo, *Le Monde Diplomatique* pretendeu ser um jornal internacional realizado na França, muito mais que um jornal francês vendido no exterior”.²¹⁵

Na década de 1970, Portugal e Grécia foram os primeiros países a lançar edições da revista, num contexto marcado pela derrocada de suas ditaduras e pelo processo de redemocratização nesses países. Foram as primeiras, historicamente, a difundir as análises de *Le Monde Diplomatique* sobre política internacional.²¹⁶

Além das fronteiras europeias, *Le Monde Diplomatique* consolidou novas tentativas durante a década de 1980, com edições publicadas em espanhol. A primeira, no México, em janeiro de 1979, com 36 páginas de traduções francesas e 4 páginas especialmente dedicadas à América Latina, sob direção de José Maris Ruines Aldunate, com um comitê composto por Gonzalo Arroyo, Odile-Guilpain, Pedro Vuskovic e Rolando Weismann²¹⁷, encerrada após o

²¹⁴ VIDAL novembro de 2006, p. 27.

²¹⁵ Traduzido do original: “*Cette ouverture sur le monde ne date pas d’hier. Très tôt, Le Monde Diplomatique se voulut un journal international réalisé en France plus qu’un périodique français vendu à l’étranger*” (VIDAL, novembro de 2006, p. 27).

²¹⁶ VIDAL, novembro de 2006, op. cit.

²¹⁷ Cf. LE MONDE DIPLOMATIQUE, fevereiro de 1979, p. 22.

assassinato do editor Yvan Menéndez em 5 de novembro de 1986.²¹⁸ A intrincada história das diferentes edições mexicanas merece um parêntesis: Yvan Menéndez foi encontrado amordaçado em seu carro – o 359º jornalista assassinado na América Latina entre 1970 e 1986.²¹⁹ Antes de Menéndez, uma outra edição do *Monde Diplomatique* circulou no país, sob a responsabilidade de Luis Javier Solana e Federico Fasano – uma versão *pirate* que, lembrou Claude Julien, acumulava graves de erros na tradução do francês ao espanhol, títulos errôneos e contradições inadmissíveis, a tal ponto que a edição foi encerrada em julho de 1986.²²⁰ Tempos depois, outra edição foi fundada no México. Em 23 de outubro 1998, porém, outro editor foi assassinado, também encontrado estrangulado em seu carro: o jornalista mexicano Claudio Cortés García, que também escrevia para a revista *La Crisis*.²²¹ Uma década depois, mais uma tentativa: estreou a 5 de setembro de 2008 a *Ediciones LeMondeDiplomex*, liderada pelo jornalista francês Jean-François Boyer, com 44 páginas (31 de traduções francesas, 8 de matérias mexicanas e 5 de publicidade), junto ao diário *La Jornada*. Tampouco durou, mas por questões financeiras.

De volta à década de 1980, outras tentativas de edições em espanhol se dariam em Buenos Aires e depois em Madri. De Buenos Aires e Ciudad de México, Claude Julien à época via “duas capitais que jogam [*jogavam*] um papel essencial no difícil encaminhamento de toda a América Latina a uma democracia forte o bastante para resistir aos golpes de Estado e tentações ditatoriais, aos desastres econômicos agravados por regimes militares, às vontades imperiais de grandes potências”.²²² Entretanto, ainda eram tentativas elementares, que não duraram por muito tempo. Depois viria uma versão trimestral em árabe, realizada em Túnis entre 1987 e 1998, posteriormente transferida a Beirute. Foram todas, vale destacar novamente, iniciativas muito efêmeras.

A segunda onda de internacionalização se iniciou na década de 1990, mais ampla e mais duradoura. Foram iniciadas as duas primeiras grandes edições internacionais do *Monde Diplomatique*: uma em alemão, publicada como suplemento do berlinense *Die Tageszeitung*²²³; outra em italiano, publicada como suplemento no romano *Il Manifesto*. Em 1999, o

²¹⁸ VIDAL, novembro de 2006, p. 27.

²¹⁹ JULIEN, dezembro de 1986, p. 1.

²²⁰ JULIEN, dezembro de 1986, p. 1.

²²¹ RAMONET, dezembro de 1998, p. 2.

²²² Traduzido do original: “[...] deux capitales qui jouent un rôle essentiel dans le difficile cheminement de toute l’Amérique latine vers une démocratie assez forte pour résister aux coups d’Etat et tentations dictatoriales, aux désastres économiques aggravés par les régimes militaires, aux visées impériales des grandes puissances” (JULIEN, dezembro de 1986, p. 1).

²²³ Por tempo indeterminado, a edição alemã também foi publicada na revista *Die WochenZeitung*, de Zurique. Cf. LE MONDE DIPLOMATIQUE, maio de 1995, p. 2.

britânico *Guardian Weekly* passou a publicar mensalmente 16 páginas traduzidas.²²⁴ Ainda nessa época, *Le Monde Diplomatique* se firmaria em Buenos Aires (Capital Intelectual) e em Madri (L-Press, depois Cybermonde)²²⁵, voltando a ser traduzido também em português (com a editora progressista Campo Comunicação) e em grego (com o diário *Eleftherotypia*).

A conquista da independência editorial e financeira de *Le Monde Diplomatique* diante de *Le Monde* propiciou uma aceleração para o surgimento de novas edições internacionais. Em 1996, eram apenas 5 edições internacionais impressas, com uma tiragem total de 500 mil exemplares. Em 1999, 10 edições. Em 2000, 13 edições impressas – e aí cruzaram a marca de 1 milhão de exemplares. Em 2001, 16 edições impressas. Em 2003, 23 edições impressas. Em fins de 2004, 25 edições impressas, totalizando uma tiragem de 1,5 milhão de exemplares. Em 2006, 34 edições impressas incluindo a francesa. Entretanto, na contracorrente dessa expansão, muitos países perderam suas edições por falta de recursos financeiros, como Áustria, Líbano, México, Turquia e Venezuela. Apesar de não contarem mais com as páginas impressas, muitos países mantiveram edições apenas eletrônicas: das rotativas ao ciberespaço, *Le Monde Diplomatique* somava 31 edições em 2006.

Outros fatores se destacam na aceleração das edições internacionais, principalmente condições técnicas e diretrizes editoriais, ambas alavancadas por uma ferramenta: a internet. Por um lado, a internet permitiu catalisar o desenvolvimento das edições internacionais por oferecer condições primeiramente técnicas para transmitir os artigos franceses às suas filiais, a tempo de serem traduzidos e publicados com apenas dias (e não mais meses) de diferença da matriz francesa. Na mesma linha, permitiu o surgimento de edições estritamente eletrônicas. Por outro, fora das páginas e fora das redações, a internet também começava a engendrar outras articulações, que derivariam nos primeiros movimentos internacionais descentralizados, por exemplo, dos protestos de Seattle e de Gênova – que, dentro das redações do *Monde Diplomatique*, engatilharia propostas para outras edições internacionais, interessadas e atraídas pela dimensão do altermundialismo na década de 2000. No fim de

²²⁴ Segundo Flavie Holzinger, a primeira iniciativa inglesa aconteceu em fevereiro de 1997, com uma versão web. Em setembro de 1998, tornou-se suplemento impresso no *Guardian Weekly*, dirigido por Wendy Kristianasen (HOLZINGER, 2013, p. 65).

²²⁵ Inaugurada em 1995 e inicialmente dirigida por Antonio Albiñana na editora L-Press de Madri, a versão espanhola migrou para as Ediciones Cybermonde, de Valencia, com o diretor Ferran Montesa, em 2000. Desde 2008, Ignacio Ramonet, jubilado da matriz francesa, se tornou diretor da edição espanhola (RABADÁN, 2009, p. 284-285, p. 385). A filial espanhola, vale dizer, pode ser considerada a partir daí uma das mais independentes editorialmente entre as edições internacionais: por exemplo, é a única que não traduz obrigatoriamente o editorial do mês de Serge Halimi da versão francesa; quem assina o editorial é Ignacio Ramonet (HOLZINGER, 2013, p. 57).

2010, a expansão atingiu certo equilíbrio, dedicando 83 mil euros a estrear ou a manter edições internacionais.²²⁶

Ao dizer que a abertura do *Monde Diplomatique* ao âmbito internacional não é de “ontem”, Dominique Vidal tem razão. Além da vocação internacional, a revista foi difundida no exterior desde seus primeiros tempos “diplomáticos”. Nas décadas de 1950 e 1960, era encaminhada às embaixadas francesas noutros países. Em 1981, já sob a batuta de Claude Julien, o número de exemplares encaminhados a outros países correspondia a quase 50% da difusão. Em 2010, além das edições internacionais, *Le Monde Diplomatique* dedicava 22% de sua impressão francesa ao exterior.²²⁷ E, em 2011, mais uma vez além das edições internacionais, a versão francesa da revista estava presente em 92 países – apesar de escalas radicalmente diferentes, por exemplo, com meros 5 exemplares encaminhados a Gana, 10 para Guiné, 20 para a Nigéria, 1.600 para a Argélia e quase 3.000 para o Canadá.²²⁸

Três eixos estratégicos de expansão marcaram *Le Monde Diplomatique* ao longo do tempo: edições europeias (tendo como principais polos a alemã e a italiana), edições árabes (como a egípcia) e edições latino-americanas (como a argentina).²²⁹

2.1 IDEIAS INTERNACIONAIS

Apesar da notável expansão de *Le Monde Diplomatique* em âmbito mundial, é interessante notar que esse movimento se fez, por assim dizer, “à francesa”. A concepção da maioria das edições internacionais se deu timidamente, sem que Paris simbolizasse seu centro irradiador, pois, na tese de Dominique Vidal, o desejo de contar com uma tradução ou uma edição própria de *Le Monde Diplomatique* partiu da iniciativa dos próprios jornalistas e intelectuais mundo afora. Por isso, a matriz francesa desconsidera absolutamente a possibilidade de que esta internacionalização se traduza, na expressão de Vidal, num “império da imprensa mundial”:

²²⁶ Informação presente na tese de Flavie Holzinger, citando a newsletter de *La correspondance de la presse* de 7 de outubro de 2010. Cf. HOLZINGER, 2013, p. 53.

²²⁷ HOLZINGER, 2013, p. 35.

²²⁸ HOLZINGER, 2013, p. 36.

²²⁹ RABADÁN, 2009.

Nem imaginamos que isto represente um império da imprensa mundial! A maior parte destas edições nasce da forte motivação de um pequeno grupo de homens e – mais frequentemente – de mulheres que não contam o tempo que dedicam a esta causa e trabalham com recursos reduzidos. Tanto é assim que o equilíbrio de diversas delas permanece frágil... Além disso, a criação da maior parte das edições estrangeiras de *Le Monde Diplomatique* não resultou de uma prospecção realizada a partir de Paris. Quase todos os parceiros tiveram, eles próprios, a iniciativa. Estão entre os herdeiros do Maio de 68 espalhados pelo mundo, que pertencem ao movimento altermundialista ou representam, simplesmente, órgãos de imprensa social que querem cobrir melhor as realidades internacionais, todos desejosos, sobretudo, de contribuir para a difusão do *Diplô*, veículo que julgam sério, documentado e crítico.²³⁰

Fisgo desse trecho três expressões-chave para compreender a última onda de internacionalização de *Le Monde Diplomatique*: os *herdeiros* do Maio de 1968, o *boom* movimento *altermundialista* e o selo fixado à revista como “documentado e crítico”.

Três expressões que descortinam diferentes interpretações. Das memórias do maio francês de 1968, época do Quartier Latin QG para “mais intelectuais por metro quadrado que qualquer outro canto do mundo”²³¹, como escreveu o historiador Eric Hobsbawm, outorgou-se à rebeldia estudantil, de matiz romântica revolucionária, diversos simbolismos, impressões e interpretações.²³² Nas palavras do sociólogo Michael Löwy:

²³⁰ Traduzido do original: “*Qu’on n’imagine pas, au total, un empire de presse mondial! La plupart de ces éditions reposent sur la forte motivation d’un tout petit groupe d’hommes et – plus souvent – de femmes, qui ne comptent pas leur temps et disposent de moyens réduits. Si bien que l’équilibre de nombre d’entre elles demeure fragile... La création de la plupart des éditions étrangères du Monde Diplomatique n’a d’ailleurs pas résulté d’une prospection depuis Paris: presque tous nos partenaires en ont pris eux-mêmes l’initiative. Qu’ils comptent parmi les héritiers de mai 68 dispersés à travers le monde, appartiennent à la mouvance altermondialiste ou représentent simplement des organes de presse soucieux de mieux couvrir les réalités internationales, tous souhaitent surtout bénéficier de l’approche du Diplo, qu’ils jugent sérieuse, documentée et critique*” (VIDAL, novembro de 2006, p. 27).

²³¹ HOBBSAWM, 2003, p. 235-236.

²³² RIDENTI, 2000, p. 266-267.

Maio de 1968 não foi uma revolução, mas uma imensa onda de contestação social, cultural e política, sustentada em suas expressões mais radicais por uma aspiração revolucionária. Seu imaginário se alimentava de revoluções do passado e do presente – desde a Comuna de Paris até as revoluções vietnamita e cubana; trata-se, porém, de um evento inovador, com características originais. Os gestos herdados do passado, como a construção de barricadas com paralelepípedos que passam de mão em mão numa cadeia solidária, não têm a mesma função: são atos simbólicos. Não há fuzis ou granadas, e menos ainda metralhadoras ou canhões. A violência é controlada e limita-se ao arremesso de pedras e de paralelepípedos, ao qual respondem – do lado das “forças da ordem” – com o cassetete e o gás lacrimogênio. Às vezes os jovens lançam coquetéis molotov, que servem sobretudo para incendiar os carros – encarnação material da alienação mercantil – ou as próprias barricadas, a fim de impedir o avanço da polícia. O brilho dos incêndios nas ruas de Paris iluminou a imaginação social das últimas décadas, não só na França, mas um pouco em todo o mundo.²³³

Nas próprias páginas de *Le Monde Diplomatique*, nas revisões históricas a 40 anos do Maio de 1968, o politólogo Bernard Lacroix, autor de *L'utopie communautaire. Mai 68, histoire sociale d'une revolte* (2006), relembrou o repertório de agitações heterogêneas da época – manifestações, ocupações, marchas, sequestros, enfrentamento contra as forças da ordem – que, visto em retrospectiva, a ideia de contracultura amalgamou. Por diferentes ângulos, o Maio de 1968 foi caracterizado como um complô, como uma crise mundial da juventude, como um conflito geracional, como uma crise da universidade, um confronto de classes, uma revolta, uma crise da política interna e/ou internacional.²³⁴

Ao invocar o ativismo altermundialista, Dominique Vidal ainda abre outros filões de interpretações – nebuloso, o movimento recebeu diversas designações: altermundialismo, antiglobalização, movimento civil mundial, movimento da justiça global, movimento de resistência global, movimento social internacional, “movimento dos movimentos” e assim por diante. Fluidez presente ainda nas controvérsias sobre seu momento inspirador: antes de desembocar nas manifestações de Seattle (1999) e Porto Alegre (2001), a fonte estaria entre a Eco-92 no Rio, o brotar da Via Campesina no maio belga de 1993, o levante zapatista de Chiapas de 1994, entre outros.²³⁵ Na esquerda francesa da época, diversas filiações, entre tradições militantes e correntes ideológicas antigas, afluíram à nebulosa do altermundialismo: esquerdas pós-maio de 1968, entre esquerda marxista, anarquismo revisitado, mobilizações campesinas, movimentos católicos de solidariedade internacional, movimentos a favor do Terceiro Mundo, movimentos dos *san-papiers*, dos *sans logis* e *sans emploi*, sindicalismo e

²³³ LÖWY, 2009, p. 521-522.

²³⁴ LACROIX, maio de 2008, p. 31.

²³⁵ AGRIKOLIANSKY, GOBILLE, 2011, p. 140.

mídia alternativa, como *Le Monde Diplomatique*.²³⁶ Não por acaso, vale lembrar, *Le Monde Diplomatique* desde a década de 1970 se solidarizou com o terceiro-mundismo²³⁷ e os movimentos de descolonização.²³⁸ Seria a ascensão internacional de *Le Monde Diplomatique*, vale questionar, filha de um certo pós-modernismo (novos movimentos e altermundialismo amalgamados tal como os fóruns mundiais)?

Um detalhe não explorado no editorial de Vidal: nas décadas de 1960 e 1970, diante da instauração das ditaduras civis militares, muitos intelectuais latino-americanos buscaram refúgio na França, época em que Paris se tornou um tipo de “capital” do exílio. Vale lembrar que um dos maiores exílios intelectuais do século XX se deu nessa época: o destino primeiro de muitos intelectuais latino-americanos foi o Chile mas, após o golpe de Augusto Pinochet, a parada final se tornou a França.

Enquanto produtora de ideias e propagadora de ideologias, a França simbolizou, para os intelectuais latino-americanos, inspirados na cultura francesa, uma vanguarda política até meados da década de 1970.²³⁹ Reivindicada pela esquerda francesa na década de 1960, a ideologia terceiro-mundista tentou preencher o vazio deixado pelo desaparecimento dos confrontos de classes no território europeu – e assim, em busca de novos ideais revolucionários, muitos militantes políticos voltaram os olhares aos focos latino-americanos, primeiro a Cuba, depois ao Chile. Enquanto cá miravam certas mentes europeias, mentes latino-americanas lá imigravam, florescendo e proliferando relações com a esquerda francesa da época, escrevendo para revistas importantes como *Les Temps Modernes*, *La Pensée* e *Cahiers de l'Amérique Latine*, compondo temporariamente quadros de prestigiadas universidades como Paris X – Nanterre, Paris VIII – Vincennes e Paris III – Sorbonne Nouvelle.²⁴⁰ Apenas para citar dois exemplos de refugiados latino-americanos: uma vez exilados na capital francesa, o jornalista argentino Carlos Alberto Gabetta²⁴¹ e o historiador

²³⁶ AGRIKOLIANSKY, FILLIEULE, MAYER, 2005, p. 12.

²³⁷ Nos *Mitos revolucionários do Terceiro Mundo*, escritos entre 1972 e 1975, o escritor francês Gérard Chaliand lembra a “euforia” terceiro-mundista florescente no fim da década de 1950, durante a Guerra da Argélia – e logo reforçada pela radicalização da Revolução Cubana. Na Europa, a obra do ensaísta francês Frantz Fanon, de ascendência africana, especialmente *Les damnés de la terre*, inspirou a corrente. Na França, o gatilho foi a Guerra da Argélia; nos Estados Unidos, a Guerra do Vietnã. Tal “euforia” marcou a década de 1960, desenvolvendo-se no contexto da descolonização e do surgimento de movimentos revolucionários armados na Ásia, na África e na América Latina (CHALIAND, 1977, p. 8). Outra obra de destaque foi *Révolution dans la révolution*, do jovem jornalista francês Régis Debray, um pequeno livro que via na América Latina o território destinado ao fim do imperialismo norte-americano. Debray escreveu o livro em Havana, em 1967, meses antes do maio de 1968, em Paris.

²³⁸ AGRIKOLIANSKY, FILLIEULE, MAYER, 2005, p. 28.

²³⁹ RODRIGUES, 2008, p. 28.

²⁴⁰ RODRIGUES, 2008, p. 36.

²⁴¹ Após o golpe de 1976 na Argentina, o jornalista rosarino Carlos Alberto Gabetta se exilou em Paris, onde conheceu Bernard Cassen, depois Claude Julien e Ignacio Ramonet. Anos mais tarde, tentaria realizar *Le Monde*

brasileiro Luiz Felipe de Alencastro escreveram sobre as ditaduras de seus países para *Le Monde Diplomatique* – Alencastro assinava com o pseudônimo Julia Juruna.²⁴²

Se, portanto, para Dominique Vidal, o desejo de ter uma edição própria da revista partiria dos herdeiros do Maio de 1968 espalhados pelo mundo, desejosos, principalmente, por participar da difusão de suas ideias – tal sentimento se justificaria pelo fato de que muitos jornalistas, intelectuais e militantes de outras nacionalidades e outras trajetórias compartilhem sua visão de mundo. Uma visão singular, uma *manière de voir*, como frisado noutras passagens. Assim, no amplo espectro do simbolismo do maio francês e das difusas diretrizes do altermundialismo, *Le Monde Diplomatique* seria visto como “documentado e crítico” por ativistas, estudantes, intelectuais, jornalistas e políticos de outros países. Na visão de Vidal, o principal momento para a internacionalização de *Le Monde Diplomatique* coincide com o desenvolvimento do movimento altermundialista, que “deu a ideia a certos jornais, jornalistas e intelectuais de criar sua própria edição”.²⁴³

Nascido em 18 de junho de 1950, em Paris, Dominique Vidal iniciou a carreira na imprensa comunista francesa, na revista *France Nouvelle*, depois *France Nouvelle: Révolution*. Na manhã de 6 de outubro de 2014, num café na Place d’Italie, a poucas quadras da redação do *Monde Diplomatique*, o jornalista lembrou os descaminhos que o levaram até ali. A partir de 1983 principalmente, Vidal teve conflitos com o Partido Comunista Francês (PCF), pois discordava de seus posicionamentos em questões internacionais, sobretudo a respeito dos países comunistas do leste. Assim, em 1986, figurou entre os 7 dos 20 jornalistas demitidos do *Révolution*, fato que os situaram numa dupla “lista negra”: por um lado, muitas mídias não queriam jornalistas vindos da imprensa comunista; por outro, tais jornalistas passaram a ser considerados inimigos do PCF, logo a imprensa próxima, alinhada ou aliada, tampouco os queria. Vidal passou dois anos desempregado. Por volta de 1987, começou a colaborar com *Le Monde Diplomatique*. Tempos depois, sensível à sua situação, o jornalista Noël Copin (1929-2007), diretor do diário católico *La Croix*, contratou Vidal como secretário de redação. Dissera: “Você vai refazer sua virgindade política”.²⁴⁴

Diplomatique em Barcelona e, finalmente, em Buenos Aires. Da época, ver, entre outros: GABETTA, outubro de 1980; GABETTA, abril de 1982; GABETTA, abril de 1978.

²⁴² O historiador e cientista político catarinense Luiz Felipe de Alencastro foi recebido com outros expatriados na casa da socióloga Violeta Arraes, irmã de Miguel Arraes, governador de Pernambuco deposto pelos militares a 1º de abril de 1964. Exilado a partir de 1966 em Paris, a quilômetros de distância do Brasil, Alencastro, como muitos perseguidos políticos, preferiu se prevenir, escolhendo um pseudônimo para assinar seus artigos no exterior. Assim, Julia Juruna escreveu diversas vezes no *Monde Diplomatique*. Ver, entre outros: JURUNA, janeiro de 1986; JURUNA, agosto de 1983; JURUNA, junho de 1976.

²⁴³ Dominique Vidal em entrevista à autora, no dia 6 de outubro de 2014.

²⁴⁴ Dominique Vidal em entrevista à autora, no dia 6 de outubro de 2014.

Depois de *La Croix*, Vidal foi subdiretor do Centre de Formation des Journalistes, uma das principais escolas francesas de jornalismo, onde era responsável pela editoria internacional. Criou cursos de pós-graduação de jornalismo no exterior – países como Camboja, Líbano e Tunísia. Nessa época, Ignacio Ramonet o convidou para integrar a equipe de *Le Monde Diplomatique*, onde ficou entre 1995 e 2010, quando se jubilou.

No *Monde Diplomatique*, ademais de sua expertise em questões relacionadas ao Oriente Médio, o principal papel de Dominique Vidal era coordenar as edições internacionais – uma aposta que, diz, demorou para darem importância. Nos primeiros tempos, com apenas três edições internacionais (as versões alemã, italiana e mexicana), Vidal precisava enviar a edição francesa impressa, via correio, para os parceiros no exterior. Isto é, à espera da edição francesa impressa para traduzir todos os artigos, os parceiros só publicavam as versões nos seus países com cerca de 30 dias de atraso. O editor tentou desenvolver outro modelo, mais veloz: passou a encaminhar os arquivos franceses assim que finalizados, artigo por artigo, reduzindo o atraso para 7 ou 10 dias após a publicação do número parisiense. Vidal também viajou para diversos países, para conhecer, ajudar e conversar com possíveis parceiros, muitos com equipes diminutas e recursos financeiros limitados.

Dentro do próprio *Le Monde Diplomatique*, a ideia de ter edições internacionais passou a ser respeitada, legitimada e estimulada a partir de fins da década de 1990, mas principalmente nos anos 2000, quando notaram a janela aberta para a difusão de suas ideias. Interessa, portanto, à matriz francesa a difusão de suas ideias mundo afora. Interessa, por sua vez, às edições internacionais o acesso a artigos “únicos” sobre política e relações internacionais.²⁴⁵ Assim foi reiterada a vocação internacional, ou internacionalista, de *Le Monde Diplomatique*, quer dizer, além de suas páginas desde a década de 1950 já dedicadas à política internacional, desde a década de 1970 assinadas por intelectuais e jornalistas de diversas nacionalidades, agora as articulações de seus intelectuais com outras redações e núcleos jornalísticos permitiram imprimir mais uma vez um certo cosmopolitismo à identidade da revista.

Em maio de 2004, para marcar o 50º aniversário da “matriz” – a edição francesa fundada em 1954 –, as edições internacionais se reuniram no Palais de Sports, na Porte de Versailles, no 15º *arrondissement* parisiense.²⁴⁶

Paris foi uma festa: reuniram-se mais de 5.000 convidados, entre escritores, ensaístas, filósofos, jornalistas, militantes, músicos, sindicalistas. Nas palavras de Vidal, o reencontro

²⁴⁵ Dominique Vidal em entrevista à autora, no dia 2 de abril de 2013.

²⁴⁶ VIDAL, junho de 2004, p. 29.

dos intelectuais foi como um eco dos grandes movimentos para a paz com o pós-guerra – ou como os seminários antifascistas da década de 1930. Entre brindes, discursos e, principalmente, reflexões sobre o mundo originado da Guerra Fria – e as melhores vias para transformá-lo. Os editores e colaboradores revisaram a situação política internacional e definiram diretrizes para as próximas iniciativas de *Le Monde Diplomatique*.

Entre as diversas *vozes de resistência*, expressão de Vidal, reverberadas no encontro, intelectuais de diversos campos tomaram a palavra. Na literatura, nomes como o uruguaio Eduardo Galeano (1940-2015), a canadense Naomi Klein e o Nobel português José Saramago (1922-2010). Na política, o porta-voz da Via Campesina José Bové, o dirigente do MST João Pedro Stédile e o líder boliviano Evo Morales, tempos antes de conquistar a presidência de seu país. Entre as vozes femininas e feministas, a socióloga francesa Christine Delphy, a ex-ministra malinesa Aminata Dramane Traoré e a bengalesa Irene Khan, da Anistia Internacional. Além de Antonio Negri, Etienne Balibar, Jacques Derrida (1930-2004) e Régis Debray, dois outros intelectuais tiveram vez e voz, mas transmitidas virtualmente: uma videoconferência do linguista americano Noam Chomsky e um vídeo *in memoriam* do pensador palestino Edward Said (1935-2003). Diretor do *Monde Diplomatique* à época, o sociólogo galego Ignacio Ramonet, por sua vez, dedicou seu discurso à memória de Pierre Bourdieu (1930-2002).

O filósofo franco-argelino Jacques Derrida, “amigo fiel” de *Le Monde Diplomatique*, homenageou a revista, que considerava a *aventura* e a *ambição jornalística* mais notáveis dos últimos 50 anos – e, ainda nas suas palavras, não só em Paris, na França ou na Europa. O discurso na festa “diplomática” no dia 8 de maio de 2004 foi lembrado não muito tempo depois, por ocasião de sua morte, no dia 9 de outubro de 2004.²⁴⁷ Nesta, uma de suas últimas intervenções, dissera: “Nos últimos 50 anos transcorridos, inegável e irreversivelmente transcorridos, *Le Monde Diplomatique* representou, para mim, a honra e a coragem do que foi, através de uma informação objetiva e rigorosa, frequentemente indetectável noutros lados, algo mais que um modelo jornalístico herdeiro do melhor passado; simultaneamente, no mesmo movimento, significou um convite e um estímulo para o futuro”.²⁴⁸

Derrida almejava ler um dia uma história analítica do cinquentenário *Le Monde Diplomatique* – que, julgava, seria uma campanha imensa para os historiadores do futuro.

²⁴⁷ DERRIDA, novembro de 2004, p. 36-37.

²⁴⁸ Traduzido do original: “A lo largo de estos cincuenta años transcurridos, innegable e irreversiblemente transcurridos, *Le Monde diplomatique* ha representado para mí el honor y el coraje de lo que fue, a través de una información objetiva y rigurosa, a menudo inhallable en otros lados, algo más que un modelo periodístico heredado del mejor pasado; simultáneamente, en el mismo movimiento, ha significado un llamado y una exhortación para el futuro” (DERRIDA, novembro de 2004, p. 36).

Recompor tal história requereria lembrar os fundamentos do *Monde Diplomatique* dos tempos de Beuve-Méry, e seus movimentos ao lado do tempo:

E isso certamente através de múltiplos movimentos, com reviravoltas às vezes audazes, inclusive perigosas, ou expostas à própria discussão, que, felizmente, ainda pode ocorrer entre os amigos do diário. Esta fidelidade se manteve através de todas as equipes e suas sucessivas direções. O que mudou, quem poderia negar, é o mundo, não o jornal, mas seu grande homônimo, seu referente desordenado, o próprio mundo. O mundo foi abalado e rachado e reconstruído por todos os tipos de terremotos. Os conceitos e as formas do que ainda ontem se dizia o “mundo da diplomacia” foi radicalmente alterado, mas *Le Monde Diplomatique* não mudou, pelo menos em espírito, em seus princípios fundamentais, mas se altermundializou.²⁴⁹

Por dez horas, o Palais de Sports se tornou palco para diversas intervenções intelectuais, sintonizadas com manifestações musicais e artísticas, ecléticas do jazz ao rap, com Bernard Lubat, Gnawa Diffusion, Gilles Non, La Rumeur, Manu Dibango, Paco Ibáñez, entre outros. Fim de festa, quase à meia-noite em Paris.

Paris, aliás, é o eixo desses círculos concêntricos intelectuais internacionais – muito embora recuse tal centralidade, o que se vê na expressão de Vidal recusando *Le Monde Diplomatique* como um “império da imprensa mundial”, os laços de família entre *Le Monde Diplomatique* e suas filiais internacionais não pode ser caracterizado por relações entre edições “irmãs” ou “primas”, isto é, por relações horizontais no *réseau*. Há certa hierarquia, como veremos, que talvez mereça como metáfora familiar mais oportuna as relações entre uma mãe, matriz parisiense e seus filhos espalhados pelo mundo.

E os filhos pródigos à casa tornam. *Le Monde Diplomatique* realiza reuniões anuais com os editores das edições internacionais – mas, por questões financeiras, nem todos comparecem aos encontros. As reuniões são realizadas em diferentes cidades, como Paris, Londres, Bruxelas e outras capitais, especialmente europeias, por volta de junho. Ali os intelectuais e jornalistas discutem as linhas do *Diplô* no mundo, o que passou e o que virá.

²⁴⁹ Traduzido do original: “Y esto sin duda a través de múltiples desplazamientos, de vuelcos a veces audaces, incluso riesgosos, o expuestos a la discusión misma, cosa que afortunadamente puede seguir ocurriendo entre los amigos del diario. Esta fidelidad se ha mantenido a través de todos los equipos y las sucesivas direcciones. Lo que cambió, quién podría negarlo, es el mundo, no el periódico, sino su gran homónimo, su referente desmesurado, el mundo mismo. El mundo se ha visto sacudido y agrietado y reconstruido por toda clase de sismos. Los conceptos y las formas de lo que aún ayer se denominaba el ‘mundo de la diplomacia’ se alteraron radicalmente, pero *Le Monde diplomatique* no cambió, al menos en el espíritu, sus principios fundacionales, pero se ha altermundializado” (DERRIDA, novembro de 2004, p. 36-37).

2.2 DIRETRIZES

À *propos* mais uma vez da linha editorial e política de *Le Monde Diplomatique*. Na leitura de Dominique Vidal, a linha evoluiu. De caderno especial destinado às chancelarias e consulados parisienses, *Le Monde Diplomatique* se transformou a partir da direção de Claude Julien, que impulsionou uma orientação mais marcada e mais marcante, no sentido do terceiro-mundismo diante de uma ordem bipolarizada. “Tornou-se um jornal *engajado*”, diz Vidal.²⁵⁰ A direção de Ignacio Ramonet seguiu e acentuou essa orientação – tornando-se, aos olhos do jornalista, ainda mais *engajado*, principalmente no sentido do altermundialismo. Para Vidal, Serge Halimi preservou as diretrizes editoriais de Julien e Ramonet, mas afrouxou os laços com o movimento altermundialista, isto é, Halimi e *Le Monde Diplomatique*, sem serem hostis às propostas altermundialistas, agora considerariam que “não é papel do jornal estar diretamente ligado a um movimento”.²⁵¹

É importante lembrar as linhas-mestras de *Le Monde Diplomatique* para compreender como suas diretrizes se ajustam às edições internacionais. Se a revista se posiciona, orgulhosamente vale dizer, com determinada personalidade, identidade e caráter, é preciso compreender até que ponto se mostra flexível para dialogar com suas filiais. No âmbito pragmático, Vidal conta que tentou inculcar a ideia de flexibilidade a respeito das edições internacionais no *Monde Diplomatique* – mas foi difícil, principalmente para as direções aceitarem os diferentes perfis dos parceiros: por exemplo, do comunista italiano *Il Manifesto* ao *mainstream* grego *Eleftherotypia*.

A fim de equilibrar identidade e flexibilidade, a matriz se pautou por um critério jornalístico, não político: se *Le Monde Diplomatique* for impresso como suplemento especial dentro de um diário, a edição deve se limitar a publicar apenas artigos de *Le Monde Diplomatique*, pois os outros artigos, de outros estilos, linhas editoriais e principalmente políticas, já estarão contemplados nos cadernos cotidianos do diário; se, por outro lado, *Le Monde Diplomatique* for idealizado e realizado por uma editora ou por um círculo de intelectuais e jornalistas independentes, a matriz francesa deve aceitar que a edição inclua artigos e editoriais próprios, sobretudo relacionados à realidade do próprio país.

A partir de tais critérios, atualmente é possível observar três tipos de edições internacionais de *Le Monde Diplomatique*. Primeiro, há versões independentes *mistas*, que

²⁵⁰ Dominique Vidal em entrevista à autora, no dia 6 de outubro de 2014, grifo meu.

²⁵¹ Dominique Vidal em entrevista à autora, no dia 6 de outubro de 2014.

mesclam traduções dos artigos franceses, obrigatórias por questões contratuais, e artigos próprios – por exemplo, as edições realizadas na Argentina, no Chile e no Brasil. Segundo, há versões *integrales*, que traduzem 100% das matérias francesas para o próprio idioma – caso das edições encartadas como suplemento noutros jornais, como na Grécia (*Eleftherotypia*) e na Itália (*Il Manifesto*). Terceiro, edições financiadas pela matriz francesa do *Monde Diplomatique*, como a edição espanhola e a versão inglesa. Inicialmente, a redação francesa e *The Guardian* mantinham juntos a edição, mas o berliner britânico quis interromper a parceria – a edição se mantém atualmente, mas sustentada apenas pelo bureau francês.

No campo das traduções, duas edições se destacaram nos últimos tempos: Berlim e Buenos Aires. A edição alemã traduz todos os artigos franceses, repassando-os às edições de Suíça e Luxemburgo e também à efêmera edição da Áustria. A edição argentina, por sua vez, repassa suas traduções para Madri e para a América Latina.

Ainda a respeito da busca de equilíbrio entre identidade e flexibilidade, *Le Monde Diplomatique* estipulou um acordo contratual com as edições internacionais: oficialmente, 70% dos artigos franceses devem ser traduzidos e impressos nas edições internacionais independentes, que podem escolher como preencher os demais 30%, com artigos e editoriais próprios ou de outras edições. Entretanto, essa simples afirmação abriga três imprecisões. Por um lado, ao entrevistar diferentes fontes das edições na Argentina, no Brasil e no Chile, a resposta sobre as proporções variou entre 70% - 30%, 60% - 40% e 50% - 50%, o que já mostra os contornos variáveis da regra. Por outro lado, considerando os 70% oficiais, os editores franceses dizem que a regra não é tão rígida, não é totalmente matemática, pois não vão medir à régua as impressões de suas filiais, tolerando as edições a extraoficialmente extrapolar o conteúdo próprio. Por fim, Vidal cravou 70% - 30% ²⁵², mas Anne-Cécile Robert afirma atualmente 75% - 25%. ²⁵³

Em fins de 2010, Dominique Vidal se aposentou e se despediu do *Monde Diplomatique*. Anne-Cécile Robert assumiu a direção das edições internacionais. Conversei com Dominique Vidal no Café de France, esquina da Place d'Italie com o Boulevard Auguste Blanqui, um encontro amigável, entre cafés expressos e tilintares de talheres de garçons mal-humorados, e quase informal ou, na expressão do editor, sem *langue de bois* [*conversa fiada*]. Encontrei Anne-Cécile Robert, por sua vez, por duas vezes: nos dias 4 de fevereiro de 2013 e 14 de outubro de 2014, entre livros empilhados e estantes repletas de arquivos coloridos do *Monde Diplomatique*, no predinho de tijolo à vista na arborizada e tranquila Avenue Stephen-

²⁵² Dominique Vidal em entrevista à autora, no dia 6 de outubro de 2014.

²⁵³ Anne-Cécile Robert em entrevista à autora, no dia 14 de outubro de 2014.

Pichon. Nos dois encontros, mais formais, a jornalista, uma das poucas representantes da ala feminina na revista, se mostrou mais “diplomática”, quer dizer, mais cautelosa nas palavras e nas expressões escolhidas para responder à entrevista – o que todavia não se traduziu em falta de crítica ou de autocrítica. Diplomáticamente, a editora marcou suas posições, algumas dissonantes das de seu antecessor.

Nascida em 28 de abril de 1967, em Paris, Anne-Cécile Robert se doutorou no Institut d’Études Européennes da Université Paris VIII. Uniu-se ao *Monde Diplomatique* por volta de 1998, a convite do veterano Bernard Cassen, a quem conheceu no Cercle Condorcet. Autora de *Afriques, années zero* (L’Atalante, Nantes, 2008) com Jean-Christophe Servant, e *Un totalitarisme tranquille* (Syllepse, 2001) com André Bellon, Robert costumava escrever mais sobre questões africanas e direito internacional. Em 2010, passou a coordenar as edições internacionais. A respeito das conversações e correspondências com editores de outros países, tanto Robert quanto Vidal destacaram uma expressão para definir a relação com as edições internacionais: família. E há dramas nas melhores famílias.

Apesar de içar *Le Monde Diplomatique* a um fenômeno “único” na imprensa mundial, as edições internacionais são marcadas por certa fragilidade, principalmente financeira. Um primeiro sinal é a imprecisão do número de edições internacionais, lembrando que muitas se iniciam, mas também se despedem dos quiosques muito rapidamente.²⁵⁴ Em março de 2011, seriam 84 edições internacionais, em 27 idiomas (41 impressas, num total de 2.400.000 exemplares, e 43 eletrônicas). Em novembro de 2006, Dominique Vidal celebrava 75 edições, em 26 idiomas, entre versões impressas e digitais. Em fevereiro de 2013, além das 47 edições, Anne-Cécile Robert indicava novas iniciativas na Croácia, no Equador e em Honduras, além de retomar uma edição antiga na Austrália.²⁵⁵ Em outubro de 2014, o total caiu para 31 edições, em 25 idiomas, entre versões impressas e digitais. Enquanto a edição croata fechava portas, a edição sérvia as abria. Estreou nesse mês ainda a edição porto-riquenha, como suplemento de oito páginas no alternativo *Compartir es vivir*. Em julho de 2015, o total subiu para 37 edições, em 20 idiomas (32 impressas e 5 estritamente eletrônicas).

Le Monde Diplomatique foi difundido na América Latina (Argentina, Bolívia, Brasil, Chile, Colômbia, México, Porto Rico, Uruguai, Venezuela), na Ásia (Coreia do Sul, China, Índia, Japão), na Europa (Alemanha, Armênia, Bulgária, Bielorrússia, Croácia, Espanha, Eslováquia, Eslovênia, Finlândia, França, Grécia, Hungria, Itália, Luxemburgo, Noruega,

²⁵⁴ Segundo informações de *Le Monde Diplomatique*, datadas de fevereiro de 2013, o índice das edições internacionais se encontra nos anexos desta tese. Cf: <http://www.monde-diplomatique.fr/int/>

²⁵⁵ Anne-Cécile Robert em entrevista à autora, no dia 4 de fevereiro de 2013.

Polônia, Portugal, República Tcheca, Rússia, Suécia, Suíça, Turquia) e no Oriente Médio (Arábia Saudita, Curdistão, Dubai, Egito, Emirados Árabes Unidos, Iêmen, Irã, Líbia, Kuwait, Palestina, Tunísia) em diferentes momentos ao longo de sua trajetória. Além do francês, do inglês e do espanhol, foi traduzido para idiomas mais “distantes” como curdo sorâni, curdo kurmandji, esperanto, farsi e finlandês, entre outros. No entanto, é difícil precisar o número de edições internacionais pois a rede é muito fluida e às vezes frágil, assim muitas versões são repentinamente encerradas e outras vão e vêm: por exemplo, após a breve experiência de 1975, inicialmente dirigida por Snu Abecassis na editora D.Quixote, após quase quinze anos a edição portuguesa voltou em abril de 1999, assumido pela cooperativa Outro Modo.

Diante da complexa amplitude de *Le Monde Diplomatique*, é imprescindível considerar duas questões: uma intelectual e uma internacional. Por um lado, apesar de suas linhas-mestras, editoriais e políticas, *Le Monde Diplomatique* não pode ser visto como um caderno simples e homogêneo. Há indubitavelmente diversas dimensões para a heterogeneidade intelectual da revista – as nuances dos diferentes autores, ideias e linhas, ainda que predominantemente à esquerda. Por outro lado, o caráter cosmopolita oferece outro campo de tensões para as identidades presentes na revista – dentro da edição francesa, há jornalistas e intelectuais de diversos horizontes, com ideias fortes sobre diferentes países; mas fora da edição francesa, ainda há jornalistas e intelectuais dum leque muito maior, também com posições fortes sobre os próprios países. Nesse jogo de espelhos fragmentados, marcado pela pluralidade de identidades intelectuais nesse contexto extremamente internacionalizado, é preciso considerar como uns e outros se veem refletidos. Diante do risco de esquizofrenia, quão fortes seriam as linhas-mestras do *Monde Diplomatique* para garantir uma identidade?

*

Um desvio delicado aconteceu com a edição norueguesa, que publicou um artigo lançando hipóteses sobre a participação do governo norte-americano nos atentados de 11 de Setembro, na sua edição de julho de 2006. A matriz francesa discordou da “paranoia” da publicação e, na sua edição de dezembro de 2006, publicou um artigo do jornalista político Alexander Cockburn (1941-2012), editor da revista *CounterPunch*, que criticava duramente as teorias da conspiração.²⁵⁶ Tempos depois, a filial norueguesa voltou a afrontar a matriz,

²⁵⁶ COCKBURN, dezembro de 2006, p. 3.

publicando uma resposta a Cockburn na edição de março de 2007, de autoria do filósofo americano David Ray Griffin.

Outra fragilidade é a presença tímida na Ásia e a ausência nos Estados Unidos. Ali, *Le Monde Diplomatique* se faz presente apenas através da edição eletrônica britânica. Apesar das discussões iniciais com as revistas *The Nation* e *Harpers*, a ideia não vingou. Dizem, segundo a editora, que os americanos não estão tão “interessados” no que os franceses pensam sobre relações internacionais.²⁵⁷ Por volta de 2010/2011, a matriz francesa recebeu uma proposta da revista *Forbes* – o que, na visão de Anne-Cécile Robert: “Quer dizer que *Le Monde Diplomatique* é um jornal prestigiado. É uma referência. Mesmo sendo um jornal com suas convicções, ideias, opiniões muito marcadas, é também uma referência. Disse ‘não’ à revista *Forbes*, pois seria muito complicado do ponto de vista editorial”.²⁵⁸

Nos melhores momentos, porém, o nascimento das edições internacionais sempre é comemorado. Tanto Vidal quanto Robert dizem que, na maioria das vezes, jornalistas, intelectuais e acadêmicos *leitores* primeiramente de diversas nacionalidades vão bater à porta do *Monde Diplomatique* francês para dialogar e negociar a possibilidade de levar a revista a seus países. Logo, o pontapé inicial é muito simples, informal, casual. “É uma network, mas profissional. Muitos somos amigos, discutimos notícias, trocamos experiências. Enfim, pensamos o mundo”, define Vidal.²⁵⁹ Uma relação amigável, mas profissional.

Palavras a respeito dos *leitores* do *Monde Diplomatique*: além dos mais fieis e “ativos”, reunidos na Association Les Amis du Monde Diplomatique, a revista conta com diferentes perfis de leitores. Em novembro de 1985, o estudo *Sofres 30.000* mostrava que o público-alvo da revista era predominantemente masculino (69,7%), relativamente jovem entre 25 e 34 anos (31,1%) e entre 35 e 49 anos (27,5%), com ensino superior (67,8%), principalmente atuantes nos negócios – *affaires cadres* (36,7%) e nas profissões intermediárias (21,2%), vivendo nas áreas metropolitanas de Paris (53,1%).²⁶⁰ Na época, os leitores totalizavam 557 mil, na difusão de 52.698 exemplares.²⁶¹

Por volta de outubro de 1998, outro estudo, do Conseil Sondage Analyses (CSA), mostrava informações sobre o perfil dos leitores, entre eventuais e assinantes, destacando o elevado nível sociocultural do público: 60% com bacharelado, com hábitos culturais muito fortes, entre cinema, museus e teatro, com cultura literária e livresca acima da média dos

²⁵⁷ Anne-Cécile Robert em entrevista à autora, no dia 4 de fevereiro de 2013.

²⁵⁸ Anne-Cécile Robert em entrevista à autora, no dia 14 de outubro de 2014.

²⁵⁹ Dominique Vidal em entrevista à autora, no dia 2 de abril de 2013.

²⁶⁰ Cf. LE MONDE DIPLOMATIQUE, novembro de 1985, p. 25.

²⁶¹ HOLZINGER, 2013, p. 41.

franceses.²⁶² Realizado entre 2009 e 2010, um terceiro estudo, da Audipresse, mostrava certa linearidade no perfil: predominantemente masculino (55%), mas mais velho (43% com mais de 40 anos, 27% entre 35 e 49 anos, 15% entre 25 e 34 anos), com alta escolaridade (79% com bacharelado, entre eles 60% com pós-graduação) e maior concentração urbana, principalmente na área metropolitana de Paris (72%) – o leitor envelheceu e se intelectualizou ainda mais.²⁶³ Na perspectiva do historiador Nicolas Harvey, *Le Monde Diplomatique* difere da maioria das mídias radicais anticapitalistas francesas por seu *elitismo*, isto é, por seu foco nos leitores de alto capital cultural, interessados nas palavras de experts, intelectuais e jornalistas prestigiados, versando sobre temas complexos e num estilo austero.²⁶⁴ Assim, em linhas gerais, entre os leitores da revista na França e no mundo, dois segmentos merecem destaque especial. De um lado, os formadores de opinião: artistas, ativistas, intelectuais, jornalistas, parlamentares, professores e dirigentes de organizações da sociedade civil, atraídos pelo debate plural sobre questões fundamentais na política nacional e pela cobertura de assuntos internacionais. De outro, o segundo segmento é formado por acadêmicos, entre estudantes e professores universitários. Assim, diversos outros tipos de leitores ficaram fora dos estudos referidos, como intelectuais de diversas nacionalidades, interessados a ponto de querer levar o selo para seus países.

Mas há mais. Simbolizado como “polo de resistência intelectual”, *Le Monde Diplomatique* atrai ainda diferentes etiquetas: resistência intelectual, guerra ideológica, batalha de ideias – um vocabulário, como diz o historiador Maxime Szczepanski-Huillery, senão militar, no mínimo militante.²⁶⁵ O bureau parisiense do *Monde Diplomatique* divide, literalmente, espaço com outras iniciativas, mais militantes: o Observatoire Français des Médias e, desde 2007, a Association Mémoire des Luttes, idealizada por Ignacio Ramonet e Bernard Cassen. Antes abrigada na Maison de l’Amérique Latine, no Boulevard Saint-Germain, a partir de 2003, a Association Les Amis du Monde Diplomatique migrou para o mesmo endereço.²⁶⁶ Em maio de 1995, Les Amis foram oficialmente reunidos para cumprir prioritariamente um desígnio: angariar os 10 milhões de francos necessários para a fundação da filialização do *Monde Diplomatique* dentro do *Monde*.²⁶⁷ Nas palavras de Claude Julien, para contribuir, por vias materiais e intelectuais, ao desenvolvimento e à independência do

²⁶² Traduzido para a edição argentina, esse estudo sobre o perfil dos leitores franceses do *Monde Diplomatique* está disponível nos anexos desta tese.

²⁶³ HOLZINGER, 2013, p. 45.

²⁶⁴ HARVEY, 2011, p. 221.

²⁶⁵ SZCZEPANSKI-HUILLERY, 2009, p. 16-17.

²⁶⁶ SZCZEPANSKI-HUILLERY, 2009, p. 499.

²⁶⁷ SZCZEPANSKI-HUILLERY, 2009, p. 502.

Monde Diplomatique.²⁶⁸ Na crítica de Szczepanski-Huillery²⁶⁹, porém, *Les Amis* atravessaram tensões entre sua proposta inicial e a vontade manifesta de uma ala considerável de leitores, desejosos de articular ações militantes – uma tensão que ficaria mais nítida em junho de 1998, com a instituição da *Attac*.²⁷⁰

Pensar, portanto, como *Le Monde Diplomatique* foi/é lido implica considerar diferentes perspectivas: quem escreve, o que escreve e para quem escreve *Le Monde Diplomatique*. No jogo de espelhos a aproximar campos jornalísticos, intelectuais e militantes como seus autores e, ao mesmo tempo, como seus leitores, a revista impulsionou a difusão de suas ideias além das fronteiras francesas. E, nessa linha, é preciso considerar que leitores, de outras nacionalidades, quiseram participar mais ativamente dessa difusão, ao propor fundar edições nos seus próprios países.

Ao receber propostas para iniciar novas edições, Anne-Cécile Robert busca informações sobre os potenciais parceiros – suas posições, seus históricos, seus *backgrounds*. Para a editora, o ponto principal é ter certeza de que estão de acordo nas questões editoriais e políticas. “E, sobre a situação financeira das outras edições, nós não somos gananciosos. Não queremos dinheiro. Queremos espalhar nossas ideias ao redor do mundo”, diz.²⁷¹ Nessa linha, *Le Monde Diplomatique* estipula as taxas impostas às edições internacionais, referentes aos direitos autorais da edição francesa, segundo as condições financeiras de cada país.

Ao assumir o lugar de Dominique Vidal, a quem reconhece pelo trabalho “excepcional”, Anne-Cécile Robert buscou dar continuidade à consolidação da rede de edições internacionais, por exemplo, intermediando relações com as embaixadas e instituições culturais francesas nos países, “linkando” seus editores e procurando financiamento mediante *subvention européenne*.²⁷² Também buscou divulgar a rede, por exemplo, com iniciativas como uma mesa-redonda aberta sobre as edições internacionais na Université Paris VIII – Saint-Denis, em maio de 2014, na efeméride do 60º aniversário de *Le Monde Diplomatique*, e uma mesa-redonda sobre as edições internacionais no primeiro Forum Mondial de la Langue Française em Montreal, em julho de 2012.

²⁶⁸ JULIEN, fevereiro de 1996, p. 2.

²⁶⁹ Atualmente responsável pela Bibliothèque Belle Beille, da Université d’Angers, o historiador Maxime Szczepanski-Huillery abordou, entre outras questões, o papel dos leitores/militantes da Association Les Amis du Monde Diplomatique e suas relações na revista. Szczepanski-Huillery defendeu uma ótima tese de doutorado em ciência política na Université de Picardie, em 2009, com foco na politização de *Le Monde Diplomatique* e suas vinculações com a ideologia terceiro-mundista e, tempos depois, com o movimento altermundialista.

²⁷⁰ SZCZEPANSKI-HUILLERY, 2009, p. 502.

²⁷¹ Anne-Cécile Robert em entrevista à autora, no dia 4 de fevereiro de 2013.

²⁷² Anne-Cécile Robert em entrevista à autora, no dia 14 de outubro de 2014.

De tempos em tempos, a editora faz uma pilha das edições internacionais impressas, para conferir seu andamento. Nas línguas e contextos sócio-políticos fora de seu domínio, conta com a ajuda dos editores especializados e às vezes de intelectuais desses países, colaboradores do *Monde Diplomatique*.

Em janeiro de 2013, Robert recebeu uma mensagem de um jornalista lituano, interessado em iniciar uma edição na Lituânia – um país cujo contexto político não lhe é familiar. Primeiro pediu ajuda a um dos jornalistas do *Monde Diplomatique* para obter informações e, depois, conversou com o diretor do jornal, para saber se suas ideias se alinhavam, pois: “O ponto principal é ter certeza de que estamos de acordo em questões políticas. É garantir que estamos de acordo com a linha editorial”, justifica.²⁷³

Diante dessas diretrizes todas, estar de acordo em questões editoriais e políticas salta como a premissa mais importante. Para Vidal, a matriz francesa do *Monde Diplomatique* é “indiscutivelmente anticapitalista, altermundialista, terceiro-mundista”, o que o posicionariam à esquerda no espectro político, mas:

Não diria, como muitos dizem, que todas as edições de *Le Monde Diplomatique* são esquerdistas. Nem todas são *left-wing*, nem todas são *mainstream*. Nem todas são altermundialistas. Mas é claro que todos esses movimentos mundiais – como os antiglobalização, como mostrou o Occupy Wall Street e outros movimentos nos países árabes, na Espanha e na Rússia – se alinham e fazem sentido com *Le Monde Diplomatique*. Então, o ponto comum entre as edições internacionais é a visão crítica. O mais importante – e essa é a chave para a história de *Le Monde Diplomatique* – é a crítica. Mesmo os que não concordam politicamente podem encontrar informação séria e real no *Monde Diplomatique*, com análises profundas e perspectiva.²⁷⁴

Mas, apesar dessa declaração, o editor vê as fragilidades das edições internacionais como reflexo da fragilidade da imprensa à esquerda atual:

É difícil separar a vida de *Le Monde Diplomatique* e a de suas edições internacionais. A fraqueza das edições internacionais é a fraqueza da imprensa de esquerda atual. É claro que estamos vivendo um tempo de muitas possibilidades, de novas possibilidades. Mas, na questão financeira, é um tempo difícil para a imprensa de esquerda. Nós tivemos boas e más experiências. Nós iniciamos e encerramos edições, muitas brevemente. Mas, em linhas gerais, podemos nos orgulhar de certas conquistas.²⁷⁵

²⁷³ Anne-Cécile Robert em entrevista à autora, no dia 14 de outubro de 2014.

²⁷⁴ Dominique Vidal em entrevista à autora, no dia 2 de abril de 2013.

²⁷⁵ Dominique Vidal em entrevista à autora, no dia 2 de abril de 2013.

Por *esquerda*, Dominique Vidal compreende primeiramente uma crítica hostil à sociedade capitalista, devido a suas injustiças de diversas ordens. Logo, uma busca por *alternativas*, no plural, frisa, ao mesmo tempo justas socialmente e respeitando a identidade social e cultural dos povos. Por fim, uma aversão às políticas imperialistas, a partir dos ideais de justiça e de igualdade.²⁷⁶ Considera, assim, a matriz francesa indiscutivelmente anticapitalista, altermundialista, terceiro-mundista – características, diz, de uma imprensa contemporânea de esquerda.²⁷⁷

Para Anne-Cécile Robert, por sua vez, as edições internacionais herdariam o DNA do *Monde Diplomatique* francês: a crítica ao imperialismo, ao colonialismo e ao capitalismo neoliberal.²⁷⁸ Uma questão de valores, na sua expressão. Por valores, refere-se às ideias de justiça, liberdade, solidariedade. Entretanto, a editora não gosta das expressões *direita* e *esquerda*. Essencialmente prefere ver os intelectuais de *Le Monde Diplomatique* como *free-minders*, opostos ao imperialismo e à dominação de qualquer sorte: de ricos sobre pobres, de brancos sobre negros, de homens sobre mulheres, e assim por diante. “Se isso quer dizer *left-wing*, então, sim, estamos à esquerda”, diz.²⁷⁹

A editora interpreta *Le Monde Diplomatique* como uma crítica ao imperialismo, lembrando que, nos tempos de Guerra Fria, assistiam a dois imperialismos e, assim, a revista preferiu não tomar partido de um imperialismo ou de outro. “Para nós”, define a editora, “não se trata de tomar posição de quaisquer ‘competições’, mas se trata de criticar os mecanismos, as lógicas e os casos de dominação, de criticar as injustiças – e não necessariamente entrar numa guerra entre X ou Y”.²⁸⁰ Aliás, Robert discorda do pressuposto de uma relação mais direta entre o boom de *Le Monde Diplomatique* e o altermundialismo – que, a seu ver, foi um acelerador, mas não foi um fator capital. Em outras palavras, defende que a revista se desdobrou em edições internacionais por mérito próprio, mas não intrinsecamente relacionado a condições contextuais como o aflorar do movimento no mundo e na França.

Todavia, entre uma revista francesa difundida no exterior e uma revista internacional nascida na França, Anne-Cécile Robert e Dominique Vidal têm visões semelhantes: mais justo seria dizer *Le Monde Diplomatique* um periódico internacional nascido na França.

²⁷⁶ Dominique Vidal em entrevista à autora, no dia 6 de outubro de 2014.

²⁷⁷ Dominique Vidal em entrevista à autora, no dia 6 de outubro de 2014.

²⁷⁸ Anne-Cécile Robert em entrevista à autora, no dia 4 de fevereiro de 2013.

²⁷⁹ Anne-Cécile Robert em entrevista à autora, no dia 4 de fevereiro de 2013.

²⁸⁰ Anne-Cécile Robert em entrevista à autora, no dia 14 de outubro de 2014.

A mencionada vocação internacional da revista se reflete também no cosmopolitismo da redação e do quadro “viajado” de intelectuais e jornalistas colaboradores. No núcleo parisiense, apenas para citar exemplos: o diretor Serge Halimi nasceu na Tunísia, o ex-redator-chefe Alain Gresh nasceu no Egito, a editora Mona Chollet é suíça, o novo redator-chefe adjunto Benoît Bréville estudou no Canadá, o ex-diretor Ignacio Ramonet é espanhol e viveu por muito tempo no Marrocos.

Se compreender o mundo é essencial para *Le Monde Diplomatique*, além da diversidade de perfis e trajetórias, o bureau francês valoriza titulações acadêmicas dentro e fora da redação: “Intelectuais escrevem no *Monde Diplomatique* – e todos os jornalistas de *Le Monde Diplomatique* são diplomados, são doutores”, diz Robert.²⁸¹ A partir da década de 1980, vale lembrar, foi pedido aos redatores para se diplomar e se especializar em certas áreas geográficas (África, América Latina e Oriente Médio, por exemplo) ou em determinados setores (direito internacional, história, literatura e assim por diante).²⁸² Na imprensa tradicional, são versadas as expressões *especialistas* e/ou *setoristas*. Assim, Serge Halimi se dedica especialmente à cobertura relacionada a política e cultura norte-americana; Renaud Lambert, a América Latina, Escócia, Inglaterra e Irlanda; Pierre Rimbart, a Europa; Martine Bulard, a questões econômicas e Ásia; Laurent Bonelli, a União Europeia; Benoît Bréville, a Canadá e Estados Unidos; Alain Gresh, a política e cultura islâmica e Oriente Médio; Anne-Cécile Robert, a questões de direito internacional, União Europeia e África.²⁸³ Noutros tempos presentes na redação, Bernard Cassen e principalmente Ignacio Ramonet transitavam mais livremente no mapa-múndi, abordando questões relacionadas a Europa e América Latina, mas também ao destino de outros “destinos” mais distantes.

Para Anne-Cécile Robert, *Le Monde Diplomatique* estaria entre um jornal e uma *revue*. “Uma de nossas preocupações é trazer para o público leitor [*leigo*] as ideias do mundo acadêmico. E trazer para os intelectuais um pouco do mundo real”.²⁸⁴ Assim, na perspectiva editorial, dois duelos intelectuais sobre questões internacionais também marcaram as páginas de *Le Monde Diplomatique*. O primeiro, protagonizado por Tariq Ramadan. O segundo, por Bernard-Henri Lévy.

Intelectual suíço de origem egípcia, Tariq Ramadan é atualmente professor de estudos islâmicos contemporâneos na Oxford University. Autor de *Islam and the arab awakening* (Oxford University Press, 2012) e *Etre musulman européen* (Éditions Tawhid, 1999), entre

²⁸¹ Anne-Cécile Robert em entrevista à autora, no dia 14 de outubro de 2014.

²⁸² HARVEY, 2011, p. 63; HOLZINGER, 2013, p. 153.

²⁸³ HARVEY, 2011, p. 81.

²⁸⁴ Anne-Cécile Robert em entrevista à autora, no dia 4 de fevereiro de 2013.

outros, o escritor assina *L'Islam en questions* (Actes Sud, 2000) com o editor Alain Gresh. A personalidade de Ramadan se tornou relevante no *Monde Diplomatique*, por ser emblemática da questão sobre a conciliação entre o Islã, o laicismo e o movimento altermundialista.²⁸⁵ Como dito noutras páginas, não há consenso sobre o Islã no *Monde Diplomatique*. Enquanto Gresh considera o Islã político progressista, um potencial aliado nas lutas antiliberais, Cassen não pensa assim. A partir desse contrassenso fundamental, a redação francesa rachou, por exemplo, nas discussões sobre a liberdade religiosa, quando senadores franceses aprovaram a lei que proíbe do uso de véus muçulmanos e a presença de outros símbolos religiosos nas instituições públicas, em 2004.²⁸⁶

Ramadan escreveu três vezes no *Monde Diplomatique*.²⁸⁷ Na última intervenção, respondeu a Olivier Roy, à época diretor do Centre National de la Recherche Scientifique (CNRS) e autor de *L'Islam mondialisé* e *Les illusions du 11-Septembre* (Seuil, 2002), que criticava a corrente do islamismo a impor um *islam-code* infligido do deserto afegão à universidade americana, que poderia criar condições favoráveis a ações violentas.²⁸⁸ Ramadan refuta o artigo de Roy, que, na sua interpretação, mais esfumaçaria do que iluminaria as tendências islâmicas.²⁸⁹

Tempos depois, Dominique Vidal escreveria a respeito de Ramadan, respondendo a uma acusação do escritor Thierry Jonquet (1954-2009) no *Monde* de 7 de novembro de 2003, em que dizia que Vidal minimizava e isentava Ramadan de seus “transbordamentos antisemitas”.²⁹⁰ Vidal escreveu que o filósofo suíço cometera uma “imperícia emblemática” ao se referir ao judaísmo, real ou supostamente simbólico, de certos intelectuais. Isso não justificaria, porém, a caça às bruxas ao redor de Ramadan. Para Vidal, tanto nos seus escritos quanto nas suas intervenções, Ramadan nunca expressou antisemitismo. Ao contrário, dizia Vidal, Radaman seria um dos raros pensadores muçulmanos a criticar claramente as violências contra os judeus.²⁹¹

Se Tariq Ramadan foi alvo de controvérsias *dentro* do próprio *Monde Diplomatique*, Bernard-Henri Lévy foi alvo de controvérsias por *fora*. Pensador francês de origem argelina, BHL protagonizou o movimento dos *nouveaux philosophes* na década de 1970. Autor de *L'idéologie française* (Grasset, 1981), *Éloge des intellectuels* (Grasset, 1987) e uma série de

²⁸⁵ HARVEY, 2011, p. 188.

²⁸⁶ HARVEY, 2011, p. 176.

²⁸⁷ RAMADAN, abril de 1998, p. 13; RAMADAN, junho de 2000, p. 12-13; RAMADAN, julho de 2002, p. 2.

²⁸⁸ ROY, abril de 2002, p. 2.

²⁸⁹ RAMADAN, julho de 2002, p. 2.

²⁹⁰ VIDAL, dezembro de 2002, p. 2.

²⁹¹ VIDAL, dezembro de 2002, p. 2.

Questions de principe (de I a X, publicadas entre 1983 e 2006), o *intello star* BHL é várias vezes citado, aliás criticado, por diversos autores no *Monde Diplomatique*. Além de expressões como *intelectual midiático, novo reacionário*²⁹² e *duvidoso*²⁹³, ironizado como *intelectual impostor* que nunca traiu ou nunca mentiu²⁹⁴, o epifenômeno BHL “estrelou” um dossiê digital da revista: *L'imposture Bernard-Henri Lévy*²⁹⁵, inspirado no livro dos jornalistas Nicolas Beau e Olivier Toscer.

Em dezembro de 2003, ao resenhar *Qui a tué Daniel Pearl?* (Grasset), de Bernard-Henri Lévy, o historiador britânico William Dalrymple criticou o livro, “ambicioso” por combinar investigação jornalística e estilo literário, mas com equívocos inaceitáveis e erros factuais de primeira importância sobre a história do jornalista americano Daniel Pearl, repórter do *Wall Street Journal* sequestrado e brutalmente assassinado no Paquistão.²⁹⁶ O editor Serge Halimi, por sua vez, criticou o estilo BHL, com seus editoriais efêmeros nos *bloc-notes* do *Le Point* e suas análises superficiais, tendo “cúmplices” como intelectuais, industriais midiáticos e políticos – ao invés de criticá-los, o filósofo novo BHL daria preferência os poderosos no auge de seu poder.²⁹⁷

Em fevereiro de 2004, Lévy pediu a palavra no *Monde Diplomatique*, para responder às críticas de Dalrymple. Para Lévy, seu crítico cruzou a linha ao passar para insultos “ridículos” e acusações “infundadas”. Uma última palavra ao *Monde Diplomatique*, o autor-alvo criticou a imprensa para reproduzir a resenha do historiador, nas suas palavras “absurda” e “errada”.²⁹⁸ Além das discórdias intelectuais, o xis da questão estava essencialmente nas representações sobre a realidade paquistanesa e a Al-Qaeda, num tabuleiro geopolítico pós-11 de Setembro.

Cito os *affaires* Tariq Ramadan e Bernard-Henri Lévy não só por retratarem dissensões intelectuais, implicâncias e rivalidades pessoais, mas por se referirem a discordâncias ideológicas sobre questões internacionais, o que reflete não só nas páginas parisienses do *Monde Diplomatique*, mas reverbera nas edições internacionais. Tais questões,

²⁹² MASCHINO, outubro de 2002, p. 28-29.

²⁹³ DALRYMPLE, dezembro de 2003, p. 30-31.

²⁹⁴ RIMBERT, janeiro de 2010, p. 28.

²⁹⁵ *Le Monde Diplomatique* organizou um dossiê digital reunindo diversos artigos diretamente relacionados a Bernard-Henri Lévy. A pequena introdução já dá o tom irônico versado a BHL que, diz *Monde Diplomatique*, por amar a América, provavelmente conhece a expressão *work in progress*. Assim, a revista reservou um espaço no site para criticar cada novo livro, nova intervenção ou nova controvérsia do autor. Ver <http://www.monde-diplomatique.fr/dossier/BHL>

²⁹⁶ DALRYMPLE, dezembro de 2003, p. 30-31.

²⁹⁷ HALIMI, dezembro de 2003, p. 30.

²⁹⁸ LÉVY, fevereiro de 2004, p. 26-27.

por exemplo, poderiam impulsionar um estudo à parte, sobre o impacto das desavenças nas edições árabes – e se o dito prestígio do *Monde Diplomatique* poderia amortizar esse impacto.

*

Anne-Cécile Robert atribui à vocação internacional de *Le Monde Diplomatique* seu status de seriedade e de prestígio, justamente por não focar apenas a França, mas abordar países “esquecidos” pela imprensa tradicional – o que teria atraído leitores, de países diferentes, de realidades diferentes, para assinar a edição francesa, mas talvez também para iniciar uma edição própria do *Monde Diplomatique*. “*Le Monde Diplomatique* é, voilà, uma instituição”, diz.²⁹⁹

A editora considera a revista como uma tribuna para intelectuais de diversas nacionalidades e diversos repertórios – incluindo sindicalistas, militantes, estudantes. Uma revista internacional mas, na sua expressão *très française*. Isto é, como expressão da cultura francesa e da *universalidade*. Nas suas palavras:

A França ficou marcada pela Revolução Francesa, com essa ideia de que nós podemos portar um ideal universal de justiça, de fraternidade, de direitos humanos. Universal, por se referir ao mundo inteiro. E talvez *Le Monde Diplomatique* seja muito francês nesse sentido, por portar esse ideal do universal, isto é, a ideia de que todos os povos finalmente têm essa ideia comum, esse fim comum de progredir e de fazer avançar os valores. Por muito francês [*très français*], podemos dizer, tem esse desejo de fazer progredir esses valores universais e, também, de dar a palavra aos intelectuais do mundo inteiro.³⁰⁰

Para Serge Halimi, as edições internacionais são a prova de uma mensagem *universalista* do *Monde Diplomatique*.³⁰¹ Como diretor da revista francesa, o jornalista atribui o sucesso das edições internacionais presentes na América Latina à expertise e à sofisticação das análises, “pois talvez as redações desses países não têm os elementos para permitir fazer as pesquisas sobre o norte da África ou o Oriente Médio”.³⁰²

À expressão de Robert, Halimi acrescenta:

²⁹⁹ Anne-Cécile Robert em entrevista à autora, no dia 14 de outubro de 2014.

³⁰⁰ Anne-Cécile Robert em entrevista à autora, no dia 14 de outubro de 2014.

³⁰¹ Serge Halimi em entrevista à autora, no dia 28 de novembro de 2014.

³⁰² Serge Halimi em entrevista à autora, no dia 28 de novembro de 2014.

Sim, mas é um jornal *très français* que publica um discurso do presidente Rafael Correa em Paris, quando o resto da imprensa não aborda. Um jornal *très français* que publica um texto do subcomandante Marcos [*do Exército Zapatista de Libertação Nacional*]. Um jornal *très français* que foi muito solidário aos grandes combates da esquerda latino-americana, notavelmente no momento do golpe no Chile, contra Salvador Allende, ou do golpe na Argentina, três anos mais tarde. Um jornal que se interessava pelo Brasil, num momento em que poucos lembravam do país. Nós nos interessamos pelo Brasil antes ainda que se tornasse um país emergente – enquanto outros só se interessam por países que se tornam um ator no mercado ou uma economia potencial, para depois descobrir que há uma sociedade que vive ali.³⁰³

Entre tribuna intelectual e instituição, entre jornal e *revue* teórica, entre páginas internacionais e *très françaises*, aos olhos de seus editores, *Le Monde Diplomatique* defende um jornalismo reflexivo, não *événementiel* no fluxo dos acontecimentos.

A partir dessas diretrizes editoriais e políticas, *Le Monde Diplomatique* encontrou um lugar ao sol no território latino-americano, majoritariamente impulsionado por iniciativas próprias de intelectuais e jornalistas latino-americanos. Ao mesmo tempo, os intelectuais franceses passaram a minutar a América Latina com bons e admirados olhos, especialmente na virada do novo século.

Le Monde Diplomatique encontrou na América Latina, em termos editoriais, um terreno privilegiado, pois logo a língua espanhola se tornou a principal liga de edições internacionais, antes das árabes. Vidal considera que, por outro lado, em termos políticos, a influência de *Le Monde Diplomatique* nos países latino-americanos, como na Argentina e no Chile, se destacou, superando a influência da revista nos países europeus – além das versões francesa, alemã e italiana, diz, outras edições tiveram impacto menor, circunscrito a pequenas confrarias intelectuais.³⁰⁴

Além de destacar o interesse da revista *très française* a vozes como Rafael Correa e o subcomandante Marcos, do Exército Zapatista de Libertação Nacional (EZLN), a solidariedade às esquerdas no Chile de Salvador Allende ou na Argentina, Serge Halimi, por sua vez, vê uma relação simbiótica entre França e América Latina expressa entre a *expertise* dos intelectuais franceses e a linha latino-americana presentemente mais *progressista*.³⁰⁵ Para Halimi, nas edições internacionais “há uma espécie de simbiose entre as redações, da linha mais progressista na América Latina e do conteúdo proposto por *Le Monde Diplomatique*, mais focado nas questões internacionais, que as redações presentes talvez não poderiam

³⁰³ Serge Halimi em entrevista à autora, no dia 28 de novembro de 2014.

³⁰⁴ Dominique Vidal em entrevista à autora, no dia 6 de outubro de 2014.

³⁰⁵ Serge Halimi em entrevista à autora, no dia 28 de novembro de 2014.

produzir sozinhas”.³⁰⁶ Diante das diversas edições internacionais, o diretor considera que, ao lado da Europa, a América Latina é a zona do mundo onde a mensagem *universalista* do *Monde Diplomatique* encontra muita ressonância.

Na mesma linha, para Robert, a América Latina é o espaço mais dinâmico para as edições internacionais de *Le Monde Diplomatique*. Se historicamente a revista acompanhou os desdobramentos políticos na região desde as ditaduras militares, atualmente admira-se com “a luta excepcional dos povos latino-americanos para se libertar do ultra-liberalismo e da dominação americana dos Estados Unidos”.³⁰⁷ Diante de uma Europa “congelada”, entre outras expressões, a editora assim define o interesse pela América Latina: um *laboratório da liberdade*, na busca de transformações sociais a partir da democracia.³⁰⁸

Questiono Vidal a respeito dessa admiração europeia diante das atuais experiências latino-americanas. O que pensa sobre o olhar dos intelectuais europeus a fenômenos latino-americanos? A resposta:

Direi como penso francamente. *Pas faire de la langue de bois [sem conversa fiada]*, como dizemos. Há dois tipos de intelectuais que não podem compreender os fenômenos latino-americanos, como o peronismo e o bolivarianismo. O primeiro tipo corresponde a intelectuais anticomunistas, cujo anticomunismo é tal que é incompreensível, por exemplo, ao correspondente do *Monde* o que acontece na Venezuela. O segundo tipo corresponde aos que sempre precisam de um ídolo. Foi Mao Tse Tung durante a revolução cultural, Che Guevara durante “um, dois, três Vietnãs”. Os que tiveram uma certa adoração por Gorbachev ou por Ho Chi Minh. Todos que, na minha opinião, têm um “pró-comunismo” tão forte não podem compreender, pois têm uma visão acrítica. Vivemos num momento de convulsão mundial tal (nas forças internacionais, enfraquecimento da hegemonia americana, crise europeia, crise financeira internacional, desaparecimento da alternativa comunista antiga) que, se não temos uma visão crítica, estamos perdidos. Por muito tempo, o que se escreveu nos jornais e no *Monde Diplomatique* sobre Venezuela ou sobre Cuba...³⁰⁹

Que por ora fiquem as reticências de Vidal, como primeira pista para a trajetória trilhada nas páginas seguintes, rumo à América Latina.

³⁰⁶ Serge Halimi em entrevista à autora, no dia 28 de novembro de 2014.

³⁰⁷ Anne-Cécile Robert em entrevista à autora, no dia 14 de outubro de 2014.

³⁰⁸ Anne-Cécile Robert em entrevista à autora, no dia 14 de outubro de 2014.

³⁰⁹ Dominique Vidal em entrevista à autora, no dia 6 de outubro de 2014.

LE MONDE *diplomatique*

EDIÇÃO PORTUGUESA

MENSAL, II SÉRIE, N.º 75, JANEIRO 2013, 4,50 EUROS, DIRECTORA: SANDRA MONTEIRO

Propinas, drogas:
A avaliação de políticas
públicas e a investida
anti-público

LUÍSA CERDEIRA, BELMIRO CABRITO,
TOMÁS PATROCÍNIO, NUNO SERRA,
JOÃO CASTEL-BRANCO GOULÃO



MARCO COSTA, promotor de votos 187y can't see the figure 27 (2012). Ocho Imagem 6, 6

Dossiê

Crise da justiça, tolerância à corrupção, assalto de privados: como defender a democracia?

MARCELO MORICONI
LUÍS BERNARDO
MATHILDE GOANEC

Frente antipopular

SERGE HALIMI

As potências emergentes do presente não são dignas herdeiras dos anticolonialistas e dos anti-imperialistas do passado. Os países do Sul controlam uma parte crescente da economia mundial. É justo que assim seja. Mas esta riqueza está tão mal distribuída que a desigualdade dos rendimentos é ainda mais pronunciada na África do Sul ou na China do que nos Estados Unidos. E as fortunas assim constituídas servem mais para comprar empresas e bens de prestígio ocidentais do que para melhorar as condições de vida e de saúde das populações indiana, chinesa, árabes ou africanas.

É um pouco o recomeço da era dos barões gatunos. No fim do século XIX impuseram-se na América dinastias industriais cuja rapacidade foi lendária (John D. Rockefeller, J.P. Morgan, Cornelius Vanderbilt). Progressivamente, elas suplantaram as grandes famílias europeias nos sectores do petróleo, dos transportes e da banca. Inicialmente rivais, os concorrentes transatlânticos entenderam-se, um pouco mais tarde, para explorar os trabalhadores do mundo inteiro, para aumentar desmesuradamente a remuneração dos seus accionistas e para esgotar as reservas da Terra.

As monarquias do Golfo e as oligarquias chinesas, indianas ou russas sonham com o mesmo tipo de transferência de estatuto – e com o mesmo entendimento. Tal como os patrões americanos de outrora, elas apresentam-se como capazes de dar lições universais. Questionado sobre o projecto, (demasiado) depressa abandonado, de nacionalizar um dos seus empreendimentos industriais na Lorena, o multimilionário indiano Lakshmi Mittal classificou esta ideia como um «salto atrás». E preveniu: «Talvez um

investidor pense duas vezes antes de investir em França»^[1]. O primeiro-ministro russo recorreu a um argumento do mesmo tipo para comentar um aumento da fiscalidade em Paris: «Na Rússia, quer se seja rico ou pobre, a taxa de tributação é de 13%. Ditem-nos que os oligarcas devam pagar mais, mas nós não queremos que os capitais saiam para o estrangeiro, em circuitos opacos»^[2]. Pequim não é menos obstinada na defesa das receitas liberais. Em Junho de 2012, o presidente chinês mostrou-se aliviado depois da vitória eleitoral da direita grega; o patrão do principal fundo soberano chinês, accionista da GDF Suez, condenou sem rodeios a existência na Europa de «leis sociais obsoletas» que «conduzem à preguiça e à indolência, mais do que a trabalhar arduamente»^[3].

O historiador britânico Perry Anderson recorda que no Congresso de Viena, em 1815, se verificou uma concertação entre cinco potências (França, Reino Unido, Rússia, Áustria e Prússia) para prevenir a guerra e esmagar as revoluções. A seu ver, a ordem mundial está agora a ser governada por uma nova «pentarquia», informal, que reúne os Estados Unidos, a União Europeia, a Rússia, a China e a Índia. Esta Santa Aliança conservadora, constituída por potências rivais e cúmplices, sonha com estabilidade. Mas o mundo que ela está a construir garante que vão ocorrer novos sobressaltos económicos. E vai alimentar, faça ela o que fizer, as próximas revoltas sociais.

[1] Entrevista ao *Le Figaro*, Paris, 13 de Dezembro de 2012.

[2] Entrevista com Dimitri Medvedev, *Le Figaro*, 26 de Novembro de 2012.

[3] *Le Monde*, 14 de Novembro de 2011, <http://blog.monde-diplo.net>.

BRASIL

Rio veste trajo olímpico

JACQUES DENIS, ANNE VIGNA

ESTADOS UNIDOS

Um protesto apaixonado por si próprio

THOMAS FRANK

MUNDO ÁRABE

Monarquias: o próximo alvo?

HICHAM BEN ABDALLAH EL-ALAOUI

EUROPA

Finlândia: a busca da escola igualitária

PHILIPPE DESCAMPS

CHINA

Caminhos da nova fotografia

PHILIPPE PATAUD-CÉLÉRIER

RTP

Serviço público é incompatível com privatização

DIANA ANDRINGA, CAMILO AZEVEDO, ANTÓNIO LOUÇA



El conflicto minero en España

Por Pascual Serrano (p. 3)

"The Economist", el semanario de las clases dominantes

Por Alexander Zevin (pp. 6 y 7)

LE MONDE en español diplomatique

año XVI n.º 203 Septiembre de 2012

Publicación mensual, www.monde-diplomatique.es

4 euros

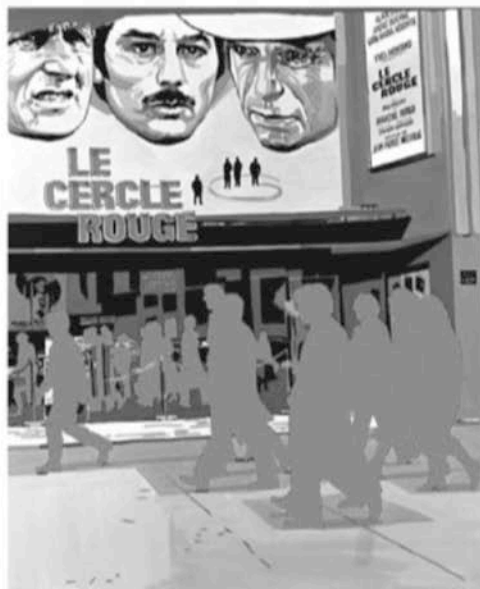
Otoño caliente

Por IGNACIO RAMONET

Como si las vacaciones de verano fuesen un manto de olvido que dispase la brutalidad de la crisis, los medios de comunicación han tratado de distraernos con dosis masivas de embrutecimiento colectivo: Eurocopa de fútbol, Juegos Olímpicos, aventuras estivales de 'famosos', etc. Desean hacernos olvidar que una nueva andanada de recortes se avecina y que el segundo rescate de España será socialmente más lastimoso...

En una conversación pública mantenida en agosto pasado (1) con el filósofo Zygmunt Bauman coincidíamos en la necesidad de romper con el pesimismo imperante en nuestra sociedad desengañada del modo tradicional de hacer política. Debemos dejar de ser sujetos individuales y aislados, y convertirnos en agentes del cambio, en activistas sociales interconectados. "Tenemos el deber de tomar el control de nuestras propias vidas" afirmó Bauman... Vivimos un momento de grave incertidumbre donde el ciudadano no sabe realmente quién está al mando, y esto hace que perdamos la confianza en los políticos y en las instituciones tradicionales. El efecto en la población es una situación constante de miedo, de inseguridad... Los políticos sugestionan a los ciudadanos para que siempre tengan miedo, y así poder controlarlos, constreñir sus derechos y limitar las libertades individuales. Estamos en un momento muy peligroso, porque las consecuencias de todo esto afectan nuestra vida diaria: nos repiten que debemos tener seguridad en el trabajo, mantenerlo a pesar de las duras condiciones de empleo y de precariedad, porque así obtendremos dinero para poder gastar... El miedo es una forma de control social muy poderosa.

Si el ciudadano ya no sabe quién está al mando es porque se ha producido una bifurcación entre poder y política. Hasta hace poco, política y poder se confundían. En una democracia, el candidato (o la candidata) que, por la vía política, conquistaba electoralmente el poder Ejecutivo, era el único que podía ejercerlo (o delegarlo) con toda legitimidad. Hoy, en la Europa neoliberal, ya no es así. El éxito electoral de un Pre-



sidente no le garantiza el ejercicio del poder real. Porque, por encima del mandatario político, se hallan (además de Berlin y Angela Merkel) dos supremos poderes no electos que aquí no controla y que le dictan su conducta: la tecnocracia europea y los mercados financieros.

Estas dos instancias imponen su agenda. Los eurocratas exigen obediencia ciega a los tratados y mecanismos europeos que son, genéticamente, neoliberales. Por su parte, los mercados sancionan cualquier indisiplina que se desvíe de la ortodoxia ultraliberal. De tal modo que, prisionero del cauce de esas dos rígidas riberas, el río de la política avanza obligatoriamente en dirección única sin apenas margen de maniobra. O sea: sin poder.

"Las instituciones políticas tradicionales son cada vez menos creíbles" dijo Zygmunt Bauman- porque no ayudan a solucionar los problemas en los que los ciudadanos se han visto envueltos de repente. Se ha producido un colapso entre las democracias (lo que la gente ha votado), y los dictados impuestos por los mercados, que engullen los derechos sociales de las personas, sus derechos fundamentales".

Estamos asistiendo a la gran batalla del Mercado contra el Estado. Hemos llegado a un punto en que el Mercado, en su ambición totalitaria, quiere controlarlo todo: la economía, la política, la cultura, la sociedad, los individuos... Y ahora, asociado a los medios de comunicación de masas que funcionan como su aparato ideológico, el Mercado desea también desmantelar el edificio de los avances sociales, eso que llamamos: "Estado de bienestar".

Está en juego algo fundamental: la igualdad de oportunidades. Por ejemplo, se está privatizando (o sea: transfiriendo al mercado) de forma silenciosa la educación. Con los recortes, se va a crear una educación pública de bajo nivel en el que las condiciones de trabajo estructuralmente van a ser difíciles, tanto para los profesores como para los alumnos. La enseñanza pública va a tener cada vez más dificultades para favorecer la emergencia de jóvenes de origen humilde. En cambio, para las familias acomodadas, la enseñanza privada

(Continúa en la página 2)

(1) En el marco del Foro Social organizado en el seno del Festival Rubicon Sanjabar en Barcelona (Cataluña) del 18 al 21 de agosto de 2012. www.rubiconfestival.com/foro

URBANISMO DE LA SOLEDAD

Las Vegas, fase suprema de Estados Unidos

Creyendo que una victoria en Nevada será decisiva para las elecciones presidenciales estadounidenses del próximo 6 de noviembre, los dos candidatos principales han dedicado a la región sumas que superan lo comprensible. En Las Vegas, metrópolis de este Estado y capital del juego, todo es desmesurado, comenzando con el urbanismo, que aísla a los individuos y deteriora las relaciones sociales.

Por ALLAN POPELARD y PAUL VANNIER *

S trip. De norte a sur esta avenida, de siete kilómetros, concentra la mayor parte de los casinos, hoteles y salas de espectáculos de Las Vegas. Recorrerla equivale a una vuelta al mundo en ochenta minutos. Frente a la pirámide del hotel Luxor se erige el enorme castillo Excalibur. No lejos de allí, en la explanada del Venetian, suenan constantemente Las cuatro estaciones de Vivaldi. Algunos gondoleros navegan en una piscina entre las reproducciones del Palacio Ducal y el Campanile. Los enamorados se besan y se fotografían, mientras sobre el puente del Rialto se demoran los pescantes, safiadores. A pasos de allí, entre un símil de la Torre Eiffel y un Arco de Triunfo en modelo reducido, el hotel París-Las Vegas da al Sena. Súbitamente se despiertan las aguas durmientes del río: ollas y chorros de agua surgen. En otro lugar, exacta el cráter de un volcán: columnas de fuego, lluvia torrencial de lava. El rugido de las voces, los estremecimientos y vivas de la multitud amplifican el estruendo.

Al igual que las sendas centrales de las exposiciones coloniales, a lo largo de las cuales las metrópolis edificaban, antaño, pabellones en estilo autóctono, Strip hace posible la celebración espacial de una "república imperial". Atendida día y noche, repleta de turistas y automóviles, la calle se organiza como un largo corredor que canaliza el recorrido de las pasarelas y galerías. Desde las salas de juego hasta las atracciones, el pasante es devorado por un circuito saturado de luces de neón y letreros luminosos, por infinitas galerías comerciales. Hay vaporizadores que difunden perfumes sintéticos. Encastros en las paredes o disimulados en las columnas, pequeños altavoces emiten débiles murmullos y cantos patrióticos: "God Bless the USA". Ni sofá con darse un respiro en un bar, el mostrador estará abarrotado de tramposas. No hay tiempo ni espacio alguno favorable a la divagación secreta del pensamiento. Es un espectáculo total que distrae, captura y desorienta los sentidos. El ordenamiento urbano

Advertisement for 'El Atlas geopolítico de Le Monde diplomatique' featuring a globe and text: 'Nuevas potencias emergentes a partir del 17 de septiembre www.monde-diplomatique.es'



diPioteca
Recensioni e segnalazioni
MILANO 22 02

LE MONDE
diplomatique
il manifesto



Publication mensuelle et supplément
al numero ordinario de il manifesto
n. 9, anno XXI, settembre 2014

- Giudicare è un atto politico
Sudamerica. Colpi di stato soft
Ucraina, dilemma per i miliziani
Tip. Accordi di libero scambio a 360°
Un'intesa insolita sulla prostituzione
Egitto. Sinai, una «sporca guerra»
Cina. La rabbia cerca i sindacati
Dall'utopia digitale al caos sociale

LA POLITICA FRANCESE SENZA BUSSOLA

La sinistra non può morire

Malgrado il fallimento della sua politica di stampo liberista, il presidente François Hollande non demorde: «Non ci sono altre strade». Temendo di dover pagare ben presto il prezzo di questa ostinazione, un numero crescente di socialisti ed ecologisti chiede una svolta a sinistra.

di FREDERIC LORON *

NEL DIBATTITO politico non c'è adesso solo scier- che ma, ma anche veleni. Dittate le diavole e sulle quali si offerma la schiera complicate di esperti ed editorialisti, la più tossica è certamente quella che annuncia con gravità da professi la fine delle categorie «sinistra» e «destra», con il superamento delle loro antinomie politiche. Non ci si è sfermati abbastanza sull'impetuosa vicinanza formale, e sull'obiettiva collisione, fra il «no destra» e sinistra della sinistra di destra e il «superamento della destra e della sinistra» (che non signif. uno più nulla) dell'estrema sinistra.

Che ironia sorprendente questo pensiero ideologico nella padule e nell'equivoco, con gli uni che inseguono il proprio fantasma, la riconciliazione umanitaria sotto il primato dell'ultima sinistra nazionale, e gli altri che invocano la ragionevolezza del buon governo, che ottiene «nessa serietà» l'accordo con i conservatori - e ci vorrà ancora un po' di tempo perché i commentatori mediatici che difendono questo tipo di umanità acquisiscono consapevolezza di quanto c'è in comune e con quali che difendono l'altro tipo.



SCOTT GARDINATI

È vero, ecco un primo ministro che vetiva sul, la sinistra può morire (G), mascherando da oscura predizione il proprio oscuro progetto, e non sembrano esserci più dubbi. A maggior ragione quando perdono le stesse strade alcuni intellettuali depressi: «La sinistra è più morta, quel che ne rimane è poltiglia o è una parodia, perché non ci occupiamo d'altro?», dichiara Régis Debray al Nouvel Observateur (3 luglio 2014). Due errori in una sola frase: da un lato si confonde la sinistra, e come categoria politica generale, con le sue miserande realizzazioni partitiche, dall'altro non si pensa che se non ci occupiamo della sinistra, sarà la destra a occuparsi di noi.

In ogni caso, c'è di che stupirsi per il fatto che la «sinistra» sia implicitamente ricondotta al solo «partito socialista», partito che, come è ormai assodato, ha volò più a ovest di destra. Se è vero che quest'ultimo può morire - e si potrebbe anche dire: se è ampicabile che muoia -, la sinistra invece è un altro paio di maniche e deve avere una durata ben diversa. Perché è un'altra. È egualitaria e vera democrazia.

* È un saggio, tratto da Le Média en Action, revue européenne et consensuelle d'écologie, Le Lézard qu'écologie, Parigi, 2014.

STRANE ALLEANZE IN MEDIORIENTE
Stato islamico, mostro provvidenziale

Le conquiste militari dello Stato islamico in Iraq e in Siria, rapide ed estese, stupiscono il mondo. Lo Stato islamico approfitta della decomposizione degli Stati in Medio Oriente e incrocia la strategia degli Stati Uniti. Per estirpare il cancro jihadista, Barack Obama cerca di contare prima di tutto sugli attori della regione. Il focus su questo comodo spauracchio risparmia a tutti faticose messe in discussione.

di PETER HARLING *

LO STATO ISLAMICO, movimento jihadista che controlla ormai una gran parte del nord-est della Siria e del nord-ovest dell'Iraq, appare tanto determinato e sicuro di sé quanto confuso e in regine che lo circonda. Non ha nulla di un nuovo Stato, perché respinge il concetto di frontiera e prescinde in gran parte dalle istituzioni. In compenso, ci insegna molte cose sulla situazione in Medio Oriente, e soprattutto su quella degli Stati nella regione, per non parlare delle politiche estere occidentali.

Questo movimento conquistatore ha un'identità chiara in modo sorprendente, se si considera la sua composizione - volontari afflitti da tanti paesi - e le sue origini. La storia comincia in Iraq

quando, dopo l'invasione statunitense del 2003, un gruppo di neo-chiama di din della guerra e in Afghanistan mette in piedi una succursale di al Qaeda in Iraq. Molto presto, la loro dottrina si discosta da quella della casa madre: devono la prima al nemico ma non rispetto all'Occidente. Invece, come possono essere gli Stati Uniti o Israele, ignorando sempre più l'Occidente statunitense, essi scatenano una guerra confessionale fra ebrei e sciti, poi entrano in una lega e fratricida. La loro violenza, e stessa, è rivolta contro i traditori i prevaricati e spinti verso i sunniti, cioè nel loro stesso campo. L'auto distruzione che ne deriva, fra il 2007 e il 2008, riduce il movimento ad alcuni estremisti associati entro i confini del deserto iracheno.

* È un saggio, tratto da L'International Crisis Group, settembre 2014, pagina 1.

La nuova guerra fredda

di SERGE HALIMI

NEL 1960 Ronald Reagan riasunse in una formula la sua visione dei rapporti fra Stati Uniti e Unione sovietica: «Noi vinciamo. Loro perdono». A dodici anni di distanza, il suo immediato successore alla Casa Bianca, George W. Bush, ebbe di che rallegrarsi: «Il mondo intero, diviso fino a ieri in due schieramenti armati, riacquiesce che esiste ormai una sola superpotenza dominante: gli Stati Uniti d'America». Così finiva ufficiosamente la guerra fredda.

Ma anche questa è acqua passata. Quel periodo è finito il giorno in cui la Russia ne ha avuto abbastanza di «perdere», rendendosi conto che la sua retrocessione programmata non avrebbe avuto mai fine. Anche perché di volta in volta i suoi vicini venivano attratti (o assorbiti) in un'alleanza economico-militare contrapposta a Mosca. Lo ha detto nel marzo scorso, a Bruxelles, lo stesso Barack Obama: «Gli anni della Nato post-fuggiana e nel corso il Baltico abbiamo rafforzato la nostra presenza in Polonia e siamo pronti a fare anche di più» (1). Davanti al parlamento russo, Vladimir Putin ha deciso: quella di posizione non come inerenti a un'inferna politica di argimento - portata avanti, a suo dire, dalle potenze occidentali contro il suo Paese fin dal XVIII secolo (2).

La nuova guerra fredda sarà tuttavia diversa da quella precedente. Come ha ribadito il presidente degli Stati Uniti, «Il Russia, contrariamente all'Unione sovietica, non si pone alla testa di un blocco di nazioni, e non ispira un'ideologia globale. Inoltre, nell'attuale confronto l'America non si richiama più alla fede religiosa per avvalorare il proprio «destino manifesto» di superpotenza imperiale, contrapposta a un'impero del Male» (3) nato rito da Reagan in ragione del suo ateismo. Al contrario, Putin si richiama - e non senza successo - le o ritate del fondamentalismo e ristabi-

no. E al momento di annettermi la Crimea ci è affrettato a ricordare che quello era il luogo «ovvero fu battezzato con Vladimir (...) un battesimo ortodosso, determinante per i fondamenti della cultura, dei valori e della civiltà del popolo russo, ucraino e bielorusso».

È dunque chiaro che Mosca non ammetterebbe di veder installare in Ucraina le basi d'appoggio dei suoi avversari: né lo accetterebbe la popolazione russa, portata al color bianco da una propaganda nazionalista anche più accentratrice - che è tutto dire - dei lavaggio dei cervelli occidentali. Ora, negli Stati Uniti come in Europa i fautori del megariforma fanno a gara ad alzare la posta: proclami marziali, valanghe di sanzioni incoerenti che derivano solo a rafforzare la determinazione nel campo avversario. «La nuova guerra fredda sarà forse ancora più pericolosa - come avverte l'esperto americano Stephen F. Cohen, uno dei maggiori conoscitori della Russia - perché a differenza di quello passato, non incontra alcuna opposizione: né da parte dell'amministrazione o del Congresso, e neppure dai media, dalle università, dai think tank» (3).

Una ricetta di sicuro efficace per i per i catastrofici esiti...

- (1) Discorso di Barack Obama a Bruxelles, 26 marzo 2014.
(2) Discorso di Vladimir Putin davanti al Parlamento russo, 19 marzo 2014.
(3) Intervento alla Conferenza annuale Russo-Etati Uniti, Washington, 16 giugno 2014. Ripreso da The Nation, New York, 12 agosto 2014.

Edizioni Punto Rosso
Luigi Vinci
IL PROBLEMA DI LENIN
Dai punti di vista degli interessi di classe del proletariato, la verità è sempre una: «... o di una parte che è il proletariato, nella lotta per il potere, non abbia allea a una che l'organizza». A sua volta, il "modo scientifico" dell'analisi sociale e della politica rivoluzionaria è quello che si pone "dal punto di vista del rapporto di classe nella società" (Lenin)
Collana il presente come storia, pag. 800, 25 euro. Anche in e-book
Francesco Villani
CIF DEI RIBELLI
Un'esperienza partigiana
Presentazione di Luigi Vinci
Collana il presente come storia, pag. 78, 9 euro. Anche in e-book
Via G. Pepe 14 - 20159 Milano - Tel. e fax 02/87234046
edizioni@punterosso.it - www.punterosso.it

LE MONDE

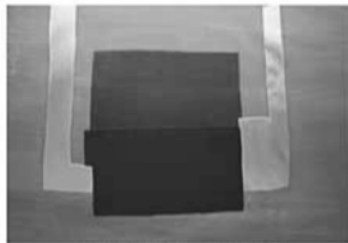
diplomatique

ENGLISH EDITION

FEBRUARY 2011 N° 1102

Price: £3

THE ARAB WALL BEGINS TO FALL



AMEL BENNYIS – 'The big Yes' (2007)

The impossible happened

BY SERGE HALIMI

Political leaders often claim a situation is so complex that any attempt to change it would be disastrous. This is not always the case. After 9/11, President George Bush offered a clear choice: "Either you are with us or you are with the terrorists." According to President Sarkozy, the choice in Tunisia was between a friendly dictator and "a Taliban-type regime in North Africa" (1). This suits both sides: a dictator can claim to be the last bastion against militant Islam, and the Islamists can claim that they alone oppose the dictator.

But if there is a social or democratic movement, and new players, the scenario suddenly changes. The embattled authorities look out for subversive activity among the protesters. If they find it, they exploit it. If not, they invent it.

In an interview with the Tunisian ambassador to UNESCO, Mezri Haddad, on 13 January (the day before Zine al-Abidine Ben Ali fled), the opposition leader Nejib Chebbi criticised "development in which low pay provided the only comparative advantage in international competition" and "provocative displays of illicit wealth in the cities", and claimed that "the people are all against the regime" (2). Haddad responded: "The people will ransack your fine house in La Marsa, that is what people do in societies where there is no fear of the police ...

Ben Ali saved Tunisia from the fanatics and fundamentalists in 1987 ... He must remain in power, come what may, because the country is under threat from the fanatics and their neo-Bolshevik allies."

A few hours later, Haddad called on the man who "saved Tunisia" to stand down. On 16 January, Chebbi became the new minister for regional and local development. Revolution in Arab nations is rare but rapid. Less than a month after Mohamed Bouazizi's suicide drew attention to the grievances of unemployed graduates, the Trabelsi family houses in Carthage had been seized, political prisoners had been released and Tunis was full of peasants demanding the abolition of privileges.

The historic events in Tunis have a familiar, French Revolutionary feel. A spontaneous movement spreads, widely diverse social strata are brought together, absolutism is vanquished. At which point, there are two alternatives left: take your winnings and leave, or double your stakes. Generally, one section of society (the liberal bourgeoisie) tries to stem the flood; another (peasants, employees in dead-end jobs, unemployed workers, poor students) backs the tide of protest, in the hope that the ageing autocracy and the monopolists will be swept

Continued on page 2

INSIDE THIS ISSUE

Arab world on fire: fear is gone and repression is failing	Page 3	In need of electricity: Democratic Republic of Congo could supply Africa	Page 8
Tunisia: why a revolution started here, and why it succeeded	Page 4	Why Europe's far right is becoming dangerously popular	Page 12
Algeria: riots and demos by people tired of being poor in a rich country	Page 6	Female voices: in the most improbable places, women are being heard	Page 14
Standoff in Ivory Coast: why the leadership contest continues	Page 7	Last men standing: America's footballers keep the flag flying	Page 15

Freedom makes you giddy

Part way through a revolution, only one thing seemed certain in Egypt: there is no longer an Arab exception to the worldwide desire for dignity, human rights, and possibly democracy

BY ALAIN GRESH

Hosni Mubarak's decision to replace his cabinet and appoint a vice-president (Omar Sulaiman, 74, head of army intelligence), something he had refused to do since he became president in 1981, had no effect on the hundreds of thousands of Egyptian demonstrators who want him to relinquish all power. His vague calls for dialogue with the opposition, and for economic and social reforms, were also ineffectual. The tension on Egypt's streets did not abate.

Mustafa al-Fekki, head of the Foreign Relations Committee in the Egyptian parliament and a member of the ruling National Democratic Party, called on Mubarak to make "unprecedented reform" to avoid "a revolution". He told Al Jazeera on 28 January: "The security option alone is not sufficient, and the president is the only one who can put an end to these events." The heart of the establishment was visibly disintegrating, just as opposition spread to all classes and ages, even clerics from al-Azhar, previously a pro-government institution, joined in the demonstrations.

All repression (100 deaths in four days), and extraordinary measures to detach 85 million people from the world (AFP said the shutdown of the internet was a world first) failed to deter the demonstrators. They went on shouting "Mubarak Must Go!". Mubarak's eventual promise to stand down in September looked unlikely to stop the protests.

Meanwhile thousands of people took to the streets in Jordan, Yemen, Algeria and Sudan, demanding that their countries follow Tunisia's example. Each has a specific context: in Yemen, tensions between North and South; in Jordan, frictions between Transjordanians and Palestinians; in Sudan, the secession of the South (see *Sudan's south succeeds*, page 10); in Egypt, the Coptic question. And yet they exploded because of the same longstanding problems and frustrations, the same shared aspirations.

The authoritarian regimes of the Middle East and North Africa failed to take their people into account. These regimes are – or rather, were – the Arab exception: regimes of an unprecedented and astonishing longevity that remained immune to the great wave of democratisation which has swept through eastern Europe, Latin America and Africa. Mubarak has ruled since 1982; Ali Abdallah Saleh has governed Yemen since 1978; Abdullah II has ruled Jordan since 1999, succeeding his father Hussein who came to the throne in 1952. In Syria, Bashar al-Assad replaced his father, who seized power in 1970; in Morocco,

Muhammad VI succeeded his father, crowned in 1961; in Libya, Gaddafi has ruled since 1969 (and is grooming his son to succeed him). Ben Ali had ruled Tunisia uninterrupted since 1987.

Irrespective of the differences between conditions in these countries, the personal and political rights, and freedom of expression, of their citizens had been systematically abused, often through the use of emergency laws that were kept in place for more than 30 years. The *mukhabarat* (secret police) remain all-powerful and ill treatment, torture and death in detention are not uncommon, in Egypt and beyond. WikiLeaks' publication of cables from the US embassy in Cairo complaining of police brutality and detention of political dissenters only confirmed what we already knew. Iran was severely criticised for similar practices, but no one challenged Egypt's status as loyal ally of the West. The Mubarak regime's disregard for its citizens, with security forces ever-present, left them hungry for dignity and fed the revolt.

These regimes had grabbed not only political but economic power, and become predators of national riches, as in Tunisia. States that had been founded upon independence from colonial rule, and had promised basic protection, social welfare and education, rotted under the effects of corruption, globalisation and *ishlah* (opening to the free market). Even access to university education, which in Egypt once opened the way to decent civil service jobs, no longer offered opportunities to the frustrated young, who watched nouveau-riches spend their wealth. A demographic increase put millions of the young on the job market, with no prospects other than emigration to the Gulf or Europe, neither of which could absorb the growing tide of unemployed.

The growth figures bandished by the champions of neoliberalism – Egypt, Tunisia and Jordan were often praised by international financial organisations – did not mask worsening poverty. In Egypt, social movements have been protesting for years with strikes, struggles by agricultural workers, and demos on the outskirts of the big cities, as in Tunisia (Gafsa), Jordan and Yemen. But never before had the demand for political change been openly and massively expressed.

Continued on page 2

ISSN 1478-6591

Alain Gresh is vice president of *Le Monde-diplomatique*

LE MONDE

diplomatie

& NOVAJAGAZETA

1/2013

ISSN 2242-2949 48 sivua

KANSAIN-
VÄLISTÄ
JOURNALISMIA
SUOMEKSI!

KURJISTUMISEN MAANTIEDE

Kreikan kriisin maisema

Taluskriisi on murentanut Kreikan valtion perustan samaan aikaan kun ankara taluskuri tuntuu kipeästi kreikkalaisten arkielämässä. Kreikan säästöpaketin purkaminen on maan opposition mukaan kriisin ratkaisemisen ehdoton edellytys, mutta samaan aikaan on kuitenkin puuttuttava eliitin laajoihin etuoikeuksiin.

Kreikkalaisten keskipalkka on laskenut parissa vuodessa 45 prosenttia ja työttömyys kasvaa rajusti. Yleinen niukkuus ja yhtiöläinen yksityistäminen johtavat myös alueellisten erojen kasvuun.

Maahanmuuttajien entistäkin tukala asema on käynyt sietämättömäksi, kun äärioikeisto terrorisoi vähemmistöjä kriisin varjolla.

Kreikka on Euroopan taloudellisen ja sosiaalisen kriisin enurintamassa myös yhteiskunnallisen muutok-



sen laboratorio. Kreikan opposition mukaan EU:n ja IMF:n ajama säästöpaketti pakottaa Kreikan taloudelliseen holhoukseen ja muuttaa sen eurovyöhykkeen finanssiirto-maaksi.

Oppositiojohtaja Alexis Tsipras kuitenkin korostaa, että Kreikan ongelmat palaavat maan eriarvoisuuteen ja poliittisen järjestelmän korruptioon.

Tsipras vaatii eurooppalaista velkahelpotusta, jotta Kreikan eliittejä yhdistävä korruptoitunut järjestelmä voitaisiin purkaa ja pelastaa maa täydelliseltä romahdukselta. **sivut 5-8**

Kirjailijat käräjillä

JELENA MILASHINA

Dzeržinskin kaupungissa Nižni Novgorodin alueella on käynnissä erikoinen oikeudenkäynti kaksiosaisen ihmisoikeusraportin ympärillä. Syyttäjän mukaan Tšetšeniän sodan aikaisia sotarikoksia selvittelevä teos on äärimielinen ja uhkaa Venäjän intressejä. **sivu 39**

SUOMEN KOULUIHME RANSKALAISIN SILMIN **sivu 29**





11. September - en innsidejobb?

11. september er et av de mest dramatiske og uventede hendelsene i verdenshistorien. Det er et døgn som har endret verdensordenen og som har satt inn en stoppekilde for den globale økonomien. I Norge er det et døgn som har satt inn en stoppekilde for den norske økonomien. Det er et døgn som har satt inn en stoppekilde for den norske økonomien. Det er et døgn som har satt inn en stoppekilde for den norske økonomien.

Palestinerne i Libanon - de som historien glemte

Palestinerne i Libanon har vært en gruppe som historien har glemte. De har vært en gruppe som har levd i et land som ikke er deres hjemland. De har vært en gruppe som har levd i et land som ikke er deres hjemland. De har vært en gruppe som har levd i et land som ikke er deres hjemland.



ÁFRICA LESTE
**A DEMOCRACIA
EM DISPUTA**

POR SERGIO GAZDAR

8



INDOESTÁLIA
**MUÇULMANOS
X
MUÇULMANOS**

POR DIOGO SALGUEIRO

12



NO ARRETO
**O DESAFIO
DA AMAZÔNIA**

POR MARCE SARTELI

30

LE MONDE

diplomati**que** BRASIL

UM NOVO OLHAR SOBRE O MUNDO UM NOVO OLHAR SOBRE O BRASIL



América Rebelde

Entrevista com NOAM CHOMSKY

PÁGINA 4



14 MEDICAMENTOS COMO
ARMAS DE GUERRA

28 SADE E O ESPÍRITO
DO CAPITALISMO

32 A (RE)DESCOBERTA
DA LITERATURA INDIANA

LE MONDE *diplomatique*

NÚMERO 1
OCTUBRE DE 2014

EDICIÓN *de* PUERTO RICO

SUPLEMENTO DE
COMPARTIR ES VIVIR

Los bombardeos occidentales en Irak y en Siria anuncian una larga campaña contra la Organización del Estado Islámico. La retórica de la administración Obama recuerda cada vez más a la política emprendida por el presidente George W. Bush, aquella que llevó al desastre actual. Ésta, sin embargo, es tanto más peligrosa puesto que Estados Unidos armó una coalición heteróclita alrededor de objetivos poco claros.

Por Alain Gresh*

Que nadie se equivoque. Lo que estamos presenciando es un nuevo impulso de la "guerra contra el terrorismo", en la misma línea que la cruzada iniciada por el presidente George W. Bush tras los atentados del 11 de septiembre de 2001. A su llegada a la Casa Blanca, Barack Obama había procedido a realizar revisiones indispensables tras los bochornosos fracasos sufridos en Irak y Afganistán. Su administración había prohibido la expresión "guerra contra el terrorismo" y, sobre todo, se había comprometido a sacar a Estados Unidos de esos dos atoladeros. Estas medidas también reflejaban un cansancio de la opinión estadounidense ante esas intervenciones tan costosas en vidas humanas y dinero. Por último, Washington "pivotaba" en dirección a Asia con la intención de olvidar un poco ese "Middle East, middle of nowhere" ("Medio Oriente, el medio de la nada") (1) que describía un experto estadounidense: exceptuando el petróleo, la región ya no presentaba un gran interés estratégico. Pero las crisis se sucedían a diario en el Departamento de Estado y Washington no se retiró. Una prueba de esto es el uso acrecentado de los drones y asesinatos selectivos en Pakistán, Yemen y Somalia, la supervivencia del campo de detención de Guantánamo, el mantenimiento de un contingente en Afganistán, el renovado apoyo a Israel durante su intervención en Gaza durante el invierno de 2014...

El discurso de Obama del 10 de septiembre pasado que anunciaba operaciones contra la Organización del Estado Islámico (OEI) (2) en Irak y Siria marca el comienzo no de la destrucción de esa fuerza, sino de una escalada cuyo final nadie puede predecir. El presidente de Estados Unidos privilegia la acción militar en detrimento de la acción política.

En efecto, Obama no cae en el sim-



UNA COALICIÓN BÉLICA SIN PRECEDENTES

“Guerra contra el terrorismo”, parte III

plismo ideológico de los neoconservadores y se niega, por ahora, a enviar a sus soldados (aunque ya haya mil quinientos asesores estadounidenses en el terreno). También mide mejor los obstáculos que Bush, lo cual explica su voluntad de presentar su accionar como sostenido por el consenso internacional. Desentendiéndose de sus responsabilidades, el Consejo de Seguridad de las Naciones Unidas adoptó el 19 de septiembre pasado una declaración lo

suficientemente vaga para que Washington pudiera considerarla como una luz verde a su intervención militar y ningún gobierno protestara.

A simple vista, la coalición de Estados creados contra la OEI parece más temible que aquella conformada en el pasado contra el régimen de Muamar Gadafi. Durante su cumbre en Newport (País de Gales), el 4 y 5 de septiembre de 2014, la Organización del Tratado del Atlántico Norte (OTAN)

anunció que estaba conformando un "núcleo" de la coalición contra la OEI con diez países, entre los que se encuentran Francia, Estados Unidos y Turquía. El 15 de septiembre, en París, veintiséis Estados -entre los que se contaban los miembros del Consejo de Cooperación para los Estados Árabes del Golfo (CCEAG) (3), Rusia y China- prometieron su participación *a priori* en ese esfuerzo. Argelia, tan reticente a las intervenciones occidentales en la

región, apoya la coalición en Irak. Incluso Irán, que no la ha integrado, considera como un peligro mortal a la OEI y sus sanguinarios ataques contra los chilitas.

En el plano religioso, Al Azhar en el Cairo y el Consejo de los Grandes Ulemas de Arabia Saudita en Riyad predicaron en ese sentido, y este último denunció no solo a la OEI, sino también el Hezbollah, los houthi yemenitas y las milicias chilitas iraquíes. Ni siquiera en 1990-1991, durante la guerra que siguió a la invasión de Kuwait por Saddam Hussein, pudo formarse una alianza tan unánime.

Los eslabones débiles

Sin embargo, como lo recordaba Lenin cuando analizaba las alianzas imperialistas durante la Primera Guerra Mundial, "una cadena vale lo que vale su eslabón más débil". Ahora bien, la cadena que se supone debe envolver y ahogar a la OEI no tiene solamente uno, sino varios elementos frágiles.

Mientras que pertenece a la OTAN y comparte mil doscientos kilómetros de fronteras con Irak y Siria, Turquía aparece como el eslabón más precario. Ankara primero justificó su prudencia -especialmente su negativa a permitir que Washington utilice la base de Incirlik para realizar acciones militares en la zona, aunque sí lo autoriza para llevar a cabo acciones humanitarias y logísticas- por los cuarenta y nueve rehenes capturados por la OEI en el consulado turco de Mosul durante la toma de esta ciudad la noche del 9 de junio. La liberación de estos rehenes el 19 de septiembre no levantó sus reservas.

Estas se explican, primero, por su participación en el conflicto sirio y la prioridad dada a la caída del régimen de Bashar al Assad. Turquía permitió que se instalara en su territorio redes de reclutamiento para la oposición, incluida la más radical, vinculada a Al Qaeda e incluso a la OEI. Los turcos representan una de las principales nacionalidades entre los combatientes extranjeros que la integran (4). Tierra de asilo para cerca de un millón y medio de refugiados sirios, Turquía teme que una intervención directa contra la OEI provoque una ola de atentados en su territorio.

La reserva más seria de Ankara respecto de la coalición tiene que ver con los Kurdos. Implicada en un diálogo político interno con el Partido de los Trabajadores de Kurdistán (PKK), con el objetivo, principalmente, de desarmar esta organización, Ankara ve con muy malos ojos su fortalecimiento militar. Ya que, si bien en algunos casos los Kurdos frenaron el avance de la OEI, no fueron los *pesmergas* iraquíes -esos combatientes "dispuestos a enfrentar la muerte", como pretende su nombre- los que mayormente lucharon. Desde la cuasi autonomía de la región kurda de Irak (que se remonta a la primera guerra del Golfo de 1990-1991), sus dirigentes están primeramente interesados en

CONTINUAR. C6

3 DO OUTRO LADO DO ATLÂNTICO

Data de julho de 1999 a estreia de *Le Monde Diplomatique* na Argentina. Na página introdutória da edição, a revista se afirma como “herdeira” de uma história prestigiosa e se reafirma como crítica ao “pensamento único”, expressão dantes citada na *pensée unique* de Ignacio Ramonet.³¹⁰ Nessa linha, a *manière de voir* da matriz francesa se traduz como *punto de vista* singular nas páginas da versão argentina. Almeja-se uma visão crítica a ângulos esquecidos pela imprensa *mainstream*: as destruições do dogma liberal, os perigos do suposto “choque de civilizações”, as oportunidades das novas tecnologias e assim por diante. Uma visão crítica, diz a revista, reverberando Karl Marx, para os que querem compreender, mas também mudar o mundo atual.³¹¹

Na edição inaugural, *El Dipló*³¹² revisita um editorial de Ignacio Ramonet, publicado em outubro de 1993, para expressar a filosofia intelectual e jornalística que a edição argentina pretende herdar e honrar da matriz francesa.³¹³ Um editorial já referido, com uma crítica incisiva sobre a crise de identidade da imprensa, em que o sociólogo espanhol destrincha as motivações profundas no estremecimento de pilares básicos do jornalismo. Se antes informar equivalia a oferecer uma descrição precisa de um acontecimento – no tal *lead* jornalístico: quem?, fez o quê?, quando?, onde?, como?, e por quê? –, informar se tornou um imperativo do “tempo real”, da divulgação (e vulgarização) imediata (e ilusória) da “história”. Assim, também mudaram as ideias de atualidade e de tempo – que envelheceram o jornalismo impresso, irremediavelmente descompassado diante do acontecimento hiper-midiatizado e imagético. Mas, na perspectiva do *Monde Diplomatique*, informar-se não é isso. Na verdade, informar-se cansa.³¹⁴

Para *Le Monde Diplomatique* e, logo, para *El Dipló*, informar-se implica uma atividade produtiva, impossível de se realizar sem esforço e mobilização intelectual. Uma

³¹⁰ RAMONET, fevereiro de 2005.

³¹¹ Cf. LE MONDE DIPLOMATIQUE, julho de 1999.

³¹² Neste estudo, farei referência à edição argentina de *Le Monde Diplomatique* como *El Dipló*, a fim de desviar possíveis confusões entre a matriz francesa e a filial argentina. Porém, outros interlocutores eventualmente se referem ao *Le Monde Diplomatique* com expressões como “*Dipló*”, “*LMD*” e “*MD*”. Na mesma linha, *El Dipló* encontra referência nas expressões “revista”, “magazine” ou “gazeta”, pois a periodicidade mensal, o estilo e a linha editorial diferenciada, mais dedicada à análise e menos à “notícia”, isto é, ao *hard news*, afastam a publicação do perfil de um jornal nos moldes convencionais da imprensa. Não obstante, há mínimas vezes em que a publicação é citada, por outrem, como um jornal.

³¹³ RAMONET, julho de 1999, p. 4.

³¹⁴ RAMONET, julho de 1999, p. 4.

atividade nobre, para que o cidadão dedique parte de seu tempo e de sua energia. Por isso, justifica Ignacio Ramonet, os textos longos, para recordar antecedentes históricos, informações fundamentais, tramas socioculturais, políticas e econômicas a fim de compreender a complexidade de um acontecimento. *El Dipló* pretende se posicionar, assim, fiel às linhas-mestras do *Monde Diplomatique*.

Após a estreia da edição *porteña*, *El Dipló* conquistou outros solos sul-americanos, com edições sucessivas em Santiago, Bogotá, Caracas e La Paz, num contexto sul-americano, principalmente argentino, marcado, na expressão de Carlos Gabetta, na crista da onda neoliberal.³¹⁵ *El Dipló* estreou, portanto, querendo nadar contra essa corrente ideológica e política. No primeiro editorial, Carlos Gabetta dizia que a “fórmula alternativa” ao “neoliberalismo destruidor” deveria fincar raízes na política: isto é, supõe debate e ideias políticas claras, decisões políticas marcantes e participação política ativa.³¹⁶ De uma Argentina “aluna modelo” do neoliberalismo, marcada historicamente pelo peronismo e pelas heranças incertas da ditadura militar, o país passou por diversas transformações desde a redemocratização, acompanhadas de perto por *El Dipló* desde 1999.³¹⁷

Ancorar na América Latina não foi uma travessia fácil. *El Dipló* vingou na Argentina graças à insistente iniciativa do jornalista Carlos Gabetta, que consolidou a edição platina como o principal porto de *Le Monde Diplomatique* do outro lado do Atlântico.

3.1 O PAPEL DE CARLOS GABETTA

Nascido em 28 de setembro de 1943, em Rosário, Santa Fe, Carlos Gabetta foi redator da revista *Panorama*, dirigida por Tomás Eloy Martínez (1934-2010), redator-chefe da revista política *Discusión* e, ao mesmo tempo, na década de 1970, militou no Ejército Revolucionario del Pueblo (ERP), braço armado do Partido Revolucionario de los Trabajadores (PRT). Tempos de radicalização para muitos jornalistas que, como Gabetta e Eloy Martínez,

³¹⁵ GABETTA, agosto de 2003, p. 3.

³¹⁶ GABETTA, julho de 1999, p. 3.

³¹⁷ Este estudo, conforme exposto na introdução, foca 141 edições de *Le Monde Diplomatique* impressas entre julho de 1999 e fevereiro de 2011 na Argentina, período em que a revista foi dirigida pelo jornalista Carlos Gabetta. Além desse corpus principal, faço referências, certamente sinalizadas, a edições especiais publicadas na Argentina (*Anuário* e *Atlas*) e na França (especialmente a revista bimestral *Manière de voir*), e livros de autoria de seus principais intelectuais (Carlos Gabetta na Argentina e Ignacio Ramonet na França), considerados relevantes para este estudo.

acreditavam que o jornalismo e a literatura eram lugares privilegiados para impulsionar transformações sociais.³¹⁸

Entretempos: o PRT surgiu em janeiro de 1965, a partir da fusão de duas organizações políticas – Frente Revolucionario Indoamericano Popular (FRIP), liderado por Mario Roberto Santucho (1936-1976) e Francisco René Santucho (1925-?), e Palabra Obrera, linha trotskista liderada por Nahuel Moreno (1924-1987). O PRT se rompeu não muito tempo depois, a partir de 1967, entre outros fatores, num dissenso entre duas vertentes: uma, que considerava o imperativo da luta armada; outra, que ponderava a estrutura partidária tradicional, caracterizando a guerrilha e a luta armada como estratégias distantes das organizações revolucionárias.³¹⁹ Assim, da ruptura viriam o PRT – El Combatiente, logo PRT – ERP, liderado pelos Santucho; e o PRT – La Verdad, dirigido por Moreno, que depois desembocaria no Partido Socialista de los Trabajadores (PST).

Para os Santucho, na leitura do historiador argentino Martín Mangiantini, a luta revolucionária se daria em três momentos graduais: primeiro, a revolução, ainda frágil, teria uma estratégia defensiva; depois, graças à luta revolucionária, se firmaria um equilíbrio de forças; por fim, a revolução passaria à ofensiva. À época, o PRT – ERP mirava e admirava Fidel Castro, como síntese teórica das ideias revolucionárias, de Marx a Lenin, passando por Trotsky e Mao, donde era preciso lutar por “dois, três, muitos Vietnãs”.³²⁰

Diante desse horizonte revolucionário no PRT – ERP, o jornalista precisou se exilar logo após o golpe que derrubou Isabel Perón. Questão de dias depois do 24 de março de 1976, a militante Maria Elena Amadio foi sequestrada e assassinada pela repressão – e seu companheiro, Carlos Gabetta, precisou se refugiar, primeiro na Itália, depois na França. O PRT – ERP se desarticulou a partir de 1977, desmantelado com a repressão.

Gabetta, assim como muitos intelectuais militantes de partidos e movimentos armados da época, reviu e reconsiderou certas táticas políticas, propostas a favor da guerrilha e da luta

³¹⁸ ULANOVSKY, 2011a, p. 157-158.

³¹⁹ MANGIANTINI, 2013, p. 126.

³²⁰ Diz Mangiantini: “*Y eso también puede considerarse como un gradualismo pero desde el punto de vista de la historia de las ideas revolucionarias – este sector del PRT consideró al castrismo con la síntesis teórica del conjunto de los revolucionarios (desde Marx hasta Lenin, pasando por Trosky y Mao) argumentando que la táctica fundamental para los procesos revolucionarios latinoamericanos era la construcción de guerrillas. (...) Así el PRT se valió de afirmaciones específicas de cada uno de los teóricos preexistentes: la idea de Marx sobre la estrategia de la toma de poder por parte de la clase obrera, basada en las condiciones de las fuerzas productivas y en la estrategia militar; la caracterización que Lenin realizó sobre el éxito de las insurrecciones con posterioridad a una guerra civil prolongada, dada la debilidad que por sí solo poseía el proletariado; las concepciones de la revolución permanente y el programa de transición de Trotsky; y el concepto de guerra prolonga maoísta, para finalizar con un intento de síntesis en el que la Revolución Cubana se caracterizaba por fusionar las diversas tendencias, esto es, la idea de revolución continental exoresada en la consigna de creación de dos, três, muchos Vietnam, y la construcción del ejército revolucionario como método a partir de la guerrilla sobre la base de la unidade politico-militar de la dirección revolucionaria*” (2013, p. 137-138).

armada como via de transformação social, com a instauração de um regime de partido único, o eliminar das propriedades privadas e a economia estatizada. Aliás, vale dizer, parte da esquerda latino-americana atual abdicou do teor revolucionário e dos modelos utópicos e teleológicos comunistas da época, reavaliando ainda suas posições sobre a ideia de democracia formal.³²¹

Revirando suas lembranças, o editor diz que não mudou de ideia sobre a necessidade de “mudar o mundo” – e, declara, se na década de 1970 lutava pelo socialismo, atualmente continua lutando pelos mesmos ideais. Entretanto, a “história” lhe teria feito revisar os métodos, pois o tempo lhe mostraria que, apesar de boas intenções, muito se destrói com mudanças drásticas demais. Diz-se agora mais “evolucionista”³²², que “revolucionário” – e que mudar a realidade não pode ser uma aventura de uma “vanguarda iluminada” do dia para a noite, mas um trajeto pontilhado por uma sociedade.³²³

Em Paris, Gabetta publicou *Todos somos subversivos* em outubro de 1979, depois traduzido e publicado em Buenos Aires, em novembro de 1983. Um livro testemunhal, prefaciado por Osvaldo Soriano (1943-1997), com histórias de militantes, marginalizados e estudantes, entre outros, durante a ditadura. Busca mostrar como *todos* eram considerados subversivos na ótica arbitrária da repressão, a partir de histórias muito diferentes, como o drama de Matilde Herrera, socialite argentina exilada em Paris após o desaparecimento de seus três filhos e suas famílias; o romance de Michel e Lilliane Guilbard, um do Moviment Rural de la Jeunesse Chrétienne de France, outra do Movimiento Rural Católico Argentino; as prisões do senador Hipólito Solari Yrigoyen, alvo de atentados da Triple A. Na Europa, o autor pretendia revelar o que se passava na Argentina; já na Argentina, pretendia registrar como direito à memória.³²⁴ Dedicou as páginas a Maria Elena e a todos os *compañeros*.

Questionei, a partir do livro, se o autor se considerava *subversivo* até os dias atuais. Interessante sua resposta, que define o que pensa sobre o papel dos intelectuais:

³²¹ AGUIRRE, 2013, p. 3.

³²² Talvez inadvertidamente, Carlos Gabetta faz eco ao teórico alemão Eduard Bernstein (1850-1932) e sua perspectiva do “socialismo evolucionário”. Bernstein diferia das ideias expressas nas teorias de Karl Marx e Friderich Engels. Para Bernstein, os social-democratas não deveriam esperar por uma “catástrofe” que semeasse as premissas revolucionárias capazes de levá-los ao poder. Ao contrário, defendia que a social-democracia deveria seguir o caminho parlamentar, promover alianças com outras agremiações e formular um programa de reformas para assegurar melhores condições aos trabalhadores. A lei – mediante uma reforma legislativa – seria o caminho mais lento; a força revolucionária, o caminho mais rápido e radical. Mas, para Bernstein, qual método seria mais promissor dependeria inteiramente do contexto político e de sua relação com as diversas classes e culturas do povo (BERNSTEIN, 1997). A perspectiva evolucionista marcou tempos da Segunda Internacional, entre discussões sobre a transição pós-capitalista (gradualista ou revolucionária) e as perspectivas da crise (improvável ou iminente).

³²³ Carlos Gabetta em entrevista à autora, no dia 1º de setembro de 2014.

³²⁴ GABETTA, 1983, p. 12.

Todo intelectual crítico é subversivo, pois ataca ou questiona a ordem estabelecida. Se está mal, é preciso criticar o que está mal. Se está bem é preciso ver o que se pode melhorar mais. Sempre cito uma frase de Marx, quando escreveu *La cuestión judia [de 1844]*, um livro muito crítico sobre a questão sendo o próprio autor judeu e neto de rabino. Saiu o livro e a comunidade judaica não sabia o que fazer. Disseram que ele se deixou levar por seu “temperamento passional”. E Marx respondeu: a crítica não é uma paixão da mente, mas a mente da paixão. Para mim, essa consideração deveria valer para todos os intelectuais. É preciso apaixonar-se por uma causa, por uma ideia, mas ao mesmo tempo é preciso estar pronto para ver o que está mal.³²⁵

Exilado, Gabetta escreveu para diversas publicações, como o francês *Politique Hebdo* e o italiano *Il Manifesto*. A partir de 1977, graças ao amigo Bernard Cassen, Gabetta passou a colaborar com *Le Monde Diplomatique*, especialmente sobre temas econômicos e políticos latino-americanos. Logo Gabetta tornou-se amigo de Claude Julien e Ignacio Ramonet. Entre seus feitos como jornalista, em 1984, revelou com Sergio Joselovsky na revista argentina *Humor* que, no dia 10 de junho de 1978, o general Jorge Rafael Videla (1925-2013) recebera uma carta assinada por 2.337 jornalistas franceses, indicando nomes de 31 jornalistas assassinados, 40 desaparecidos e 68 presos na Argentina.

De volta para casa, Gabetta participou do semanário alternativo *El Periodista de Buenos Aires*, primeiro número datado de 7 de setembro de 1984. A ideia inicial reunia jornalistas como Osvaldo Soriano, em Buenos Aires; Carlos Gabetta, indo e vindo de Paris; e Andrés Cascioli. Entretanto, Soriano e Cascioli discutiram e romperam pouco tempo antes do lançamento do tabloide, que enfim estreou sob a direção de Cascioli, com Carlos Gabetta como redator-chefe e Carlos Alfieri como redator.³²⁶ A revista reuniu textos de Tomás Eloy Martínez, María Esther Gilio, Jorge Lanata, Horacio Verbitsky, entre outros, além de jovens jornalistas como Sergio Joselovsky e Julio Villalonga, que depois se destacariam. Na lembrança de Horacio Verbitsky, *El Periodista* foi a primeira publicação pós-ditadura a começar a ocupar os feixes de liberdade disponíveis, com estilo contestatário, crítico, investigativo.³²⁷ Já Gabetta, desde 1986 de volta a Buenos Aires, lembra que a revista estava na encruzilhada, hostilizada ao mesmo tempo por radicais governistas e por esquerdistas. O

³²⁵ Carlos Gabetta em entrevista à autora, no dia 1º de setembro de 2014.

³²⁶ ULANOVSKY, 2011a, p. 169.

³²⁷ ULANOVSKY, 2011a, p. 170.

maior impasse, diz no livro de Carlos Ulanovsky, se sintetizava na questão: “Como se faz bom jornalismo em uma sociedade que não tolera as ideias claras e diferentes?”³²⁸

El Periodista acabou em maio de 1989. No início de 1990, Gabetta retornou à Europa, ficando entre Madri e Barcelona. Nunca rompera relações com os amigos franceses do *Monde Diplomatique*, pois mesmo dedicado a outras publicações, o jornalista continuava colaborando com artigos sobre a Argentina e a América Latina. Assim, na cidade catalã, iniciou a revista *cuatroSemanas y Le Monde Diplomatique*, em fins de 1992.

Duas décadas mais tarde, na tarde de 11 de setembro de 2012, na sua casa, no tranquilo bairro de San Telmo, Buenos Aires, entre retratos do jornalista com personalidades como Fidel Castro e Gabriel García Márquez, Gabetta contou que um dos principais entraves para a consolidação de edições internacionais independentes do *Monde Diplomatique* era a posição do diretor Claude Julien, que insistia que os outros países deveriam apenas traduzir os artigos franceses integralmente – “traduzi-los e ponto”. Isso mudaria paulatinamente com Ignacio Ramonet na direção, a partir de 1990 – as discussões a respeito se abrandaram lentamente, o que contribuiu para o processo de internacionalização da revista: “Traduzi-los e ponto. Eu não concordava. Eu dizia: ‘Não pode ser’. Era muito amistoso, mas não concordava. Eu dizia: ‘Mira, Ramonet, não posso fazer um jornal espanhol, com a matéria principal francesa sobre uma questão argelina ou de outra antiga colônia francesa. Que importa isso [para o leitor espanhol]?’”.³²⁹

Carlos Gabetta compartilhou comigo exemplares de *cuatroSemanas y Le Monde Diplomatique*, tabloide de cerca de 48 páginas, custando 475 pesetas espanholas à época, impresso pela Ediciones del Parque. Enquanto *cuatroSemanas* se dedicava a questões especialmente espanholas, *Le Monde Diplomatique* trazia traduzidos os artigos franceses. A edição n.º 14, de março de 1994, contemplava um editorial-manifesto na página 23:

³²⁸ ULANOVSKY, 2011a, p. 171.

³²⁹ Carlos Gabetta em entrevista à autora, no dia 11 de setembro de 2012.

cuatroSemanas

Y LE MONDE DIPLOMATIQUE

Año 2. Número 14. Marzo 1994

475 pesetas

¿Trabajar en España?

(La reforma del mercado laboral)

El Gobierno adopta fórmulas fracasadas,
Albert Recio

El Estado abandona su papel mediador,
F. Pérez Amorós

Los accidentes de trabajo cuestan más que las huelgas,
Vicente Navarro

La Santa Competitividad,
Riccardo Petrella

Opinión

Eduardo Rojo Torrecilla
Antonio García Santesmases
Manuel Alarcón Caracuel
Julia López López



¿Un nuevo imperio ruso?, P. M. de la Gorce, Jordi García-Petit, Luis Ignacio López / Spielberg lucha contra el olvido, Javier Palacio / El Salvador después del Eclipse, Matthew Carr / ¿Para cuándo otra marea negra en Galicia?, S. Losada Figueras, R. García Rodríguez / Argelia, Ignacio Ramonet



cuatroSemanas

Y LE MONDE DIPLOMATIQUE

una voz clara en medio del ruido

A nuestros lectores:

A lo largo de nuestro primer año en el mercado hemos tratado numerosos temas políticos, económicos, sociales, culturales y ecológicos del ámbito nacional e internacional. La "actualidad" no es, para nosotros, la habitual sucesión de hechos sin aparente conexión entre sí, ni con la historia o el entorno regional y mundial. Lo "político" carece de sentido sin el análisis de lo "económico", lo "social", etc. No creemos que, con toda su expresividad, una imagen valga más que mil palabras y, al contrario del tópico periodístico, que sólo es "noticia" que un hombre muerda a un perro, y no al revés. Para *cuatroSemanas*, lo importante es la agresión en sí misma, el destino de la víctima y las razones del agresor, sea éste hombre o perro (quizá, sobre todo, si es perro).

Tratamos de hacer un periódico para gente que, disponiendo de información, necesita al menos de una guía para completarla, reunirla, organizarla y entenderla. También para aquellos que se preguntan críticamente si no hay alternativa posible a lo que nos ofrecen los políticos, la política y los medios de comunicación en casi todo el mundo, y consideran que para defender y perfeccionar la democracia hay que hacer mucho más que ir a votar de tanto en tanto. Por eso abundamos en detalles, citas, fuentes, notas al pie... aún a riesgo de fatigar (1).

Las cartas de numerosos lectores, que ya utilizan *cuatroSemanas* como material de consulta, nos han inducido a publicar un **Índice Temático** completo, de los números 1 al 12, en las páginas que siguen. Es puramente enumerativo, lo que comporta cierto grado de arbitrariedad, dado el carácter pluridisciplinar de los artículos.

El Consejo Editorial

1 Ignacio Ramonet, "Informarse fatiga", *cuatroSemanas* N° 10, noviembre de 1993.

Promoción 1er. Aniversario: 20% de descuento

Prorrogada hasta el 31 de Marzo de 1994

Suscríbase por Fax. (93) 418 90 83, por Teléfono (93) 418 89 63 o por Correo, Ediciones del Parque S.A. Av. Hospital Militar 125, puerta 4, Barcelona 08023.
Entrega en mano, en las principales ciudades de España.

cuatroSemanas

Y LE MONDE DIPLOMATIQUE

Boletín de suscripción

1 año (12 números) España 5.900 ptas. Europa 8.000 ptas. Resto mundo 9.900 ptas.
4.240 6.400 7.920

Nombre y Apellidos Dirección CP

Población Provincia País Tel.

Talón nominal a Ediciones del Parque S.A. (librado en pesetas) Giro postal a Ediciones del Parque S.A.

VISA [] Fecha vto. [] Domiciliación bancaria

Titular cuenta Banco / Caja

Calle CP Ciudad Provincia

Cuenta / Libreta [] Ruego tomen nota que deberán cargar en esta Cuenta / Libreta el recibo que les presente al cobro Ediciones del Parque S.A.

a de de 199 Firma

Y
db

Indice Temático N^{os} 1 al 12 (febrero 1993 a enero 1994)

cuatroSemanas Y LE MONDE DIPLOMATIQUE

Neoliberalismo: el final del camino

El progreso: Manuel Vázquez Montalbán
 La izquierda: J. F. Martín Seco
 La economía: J. F. Martín Seco
 La cultura: J. F. Martín Seco
 La política: J. F. Martín Seco
 La sociedad: J. F. Martín Seco
 La historia: J. F. Martín Seco
 La ciencia: J. F. Martín Seco
 La tecnología: J. F. Martín Seco
 La filosofía: J. F. Martín Seco
 La religión: J. F. Martín Seco
 La literatura: J. F. Martín Seco
 La música: J. F. Martín Seco
 La pintura: J. F. Martín Seco
 La escultura: J. F. Martín Seco
 La arquitectura: J. F. Martín Seco
 La ingeniería: J. F. Martín Seco
 La medicina: J. F. Martín Seco
 La agricultura: J. F. Martín Seco
 La ganadería: J. F. Martín Seco
 La pesca: J. F. Martín Seco
 La minería: J. F. Martín Seco
 La energía: J. F. Martín Seco
 La industria: J. F. Martín Seco
 La construcción: J. F. Martín Seco
 La información: J. F. Martín Seco
 La comunicación: J. F. Martín Seco
 La cultura: J. F. Martín Seco
 La educación: J. F. Martín Seco
 La sanidad: J. F. Martín Seco
 La justicia: J. F. Martín Seco
 La administración: J. F. Martín Seco
 La defensa: J. F. Martín Seco
 La diplomacia: J. F. Martín Seco
 La cooperación: J. F. Martín Seco
 La ayuda: J. F. Martín Seco
 La solidaridad: J. F. Martín Seco
 La fraternidad: J. F. Martín Seco
 La paz: J. F. Martín Seco
 La libertad: J. F. Martín Seco
 La justicia: J. F. Martín Seco
 La igualdad: J. F. Martín Seco
 La armonía: J. F. Martín Seco
 La belleza: J. F. Martín Seco
 La verdad: J. F. Martín Seco
 La justicia: J. F. Martín Seco
 La paz: J. F. Martín Seco
 La libertad: J. F. Martín Seco
 La igualdad: J. F. Martín Seco
 La armonía: J. F. Martín Seco
 La belleza: J. F. Martín Seco
 La verdad: J. F. Martín Seco



cuatroSemanas Y LE MONDE DIPLOMATIQUE

La izquierda ante la debacle socialdemócrata

De España, escrito de grupo: Josep Torrell
 De Francia, Alemania y Austria: Bernard Cassen



cuatroSemanas Y LE MONDE DIPLOMATIQUE

El paro, un cataclismo para las sociedades industriales

El paro: Josep Torrell
 La izquierda: J. F. Martín Seco
 La economía: J. F. Martín Seco
 La cultura: J. F. Martín Seco
 La política: J. F. Martín Seco
 La sociedad: J. F. Martín Seco
 La historia: J. F. Martín Seco
 La ciencia: J. F. Martín Seco
 La tecnología: J. F. Martín Seco
 La filosofía: J. F. Martín Seco
 La religión: J. F. Martín Seco
 La literatura: J. F. Martín Seco
 La música: J. F. Martín Seco
 La pintura: J. F. Martín Seco
 La escultura: J. F. Martín Seco
 La arquitectura: J. F. Martín Seco
 La ingeniería: J. F. Martín Seco
 La medicina: J. F. Martín Seco
 La agricultura: J. F. Martín Seco
 La ganadería: J. F. Martín Seco
 La pesca: J. F. Martín Seco
 La minería: J. F. Martín Seco
 La energía: J. F. Martín Seco
 La industria: J. F. Martín Seco
 La construcción: J. F. Martín Seco
 La información: J. F. Martín Seco
 La comunicación: J. F. Martín Seco
 La cultura: J. F. Martín Seco
 La educación: J. F. Martín Seco
 La sanidad: J. F. Martín Seco
 La justicia: J. F. Martín Seco
 La administración: J. F. Martín Seco
 La defensa: J. F. Martín Seco
 La diplomacia: J. F. Martín Seco
 La cooperación: J. F. Martín Seco
 La ayuda: J. F. Martín Seco
 La solidaridad: J. F. Martín Seco
 La fraternidad: J. F. Martín Seco
 La paz: J. F. Martín Seco
 La libertad: J. F. Martín Seco
 La justicia: J. F. Martín Seco
 La igualdad: J. F. Martín Seco
 La armonía: J. F. Martín Seco
 La belleza: J. F. Martín Seco
 La verdad: J. F. Martín Seco
 La justicia: J. F. Martín Seco
 La paz: J. F. Martín Seco
 La libertad: J. F. Martín Seco
 La igualdad: J. F. Martín Seco
 La armonía: J. F. Martín Seco
 La belleza: J. F. Martín Seco
 La verdad: J. F. Martín Seco



cuatroSemanas Y LE MONDE DIPLOMATIQUE

¿Otro gobierno y otra política para España?

El gobierno: J. F. Martín Seco
 La izquierda: J. F. Martín Seco
 La economía: J. F. Martín Seco
 La cultura: J. F. Martín Seco
 La política: J. F. Martín Seco
 La sociedad: J. F. Martín Seco
 La historia: J. F. Martín Seco
 La ciencia: J. F. Martín Seco
 La tecnología: J. F. Martín Seco
 La filosofía: J. F. Martín Seco
 La religión: J. F. Martín Seco
 La literatura: J. F. Martín Seco
 La música: J. F. Martín Seco
 La pintura: J. F. Martín Seco
 La escultura: J. F. Martín Seco
 La arquitectura: J. F. Martín Seco
 La ingeniería: J. F. Martín Seco
 La medicina: J. F. Martín Seco
 La agricultura: J. F. Martín Seco
 La ganadería: J. F. Martín Seco
 La pesca: J. F. Martín Seco
 La minería: J. F. Martín Seco
 La energía: J. F. Martín Seco
 La industria: J. F. Martín Seco
 La construcción: J. F. Martín Seco
 La información: J. F. Martín Seco
 La comunicación: J. F. Martín Seco
 La cultura: J. F. Martín Seco
 La educación: J. F. Martín Seco
 La sanidad: J. F. Martín Seco
 La justicia: J. F. Martín Seco
 La administración: J. F. Martín Seco
 La defensa: J. F. Martín Seco
 La diplomacia: J. F. Martín Seco
 La cooperación: J. F. Martín Seco
 La ayuda: J. F. Martín Seco
 La solidaridad: J. F. Martín Seco
 La fraternidad: J. F. Martín Seco
 La paz: J. F. Martín Seco
 La libertad: J. F. Martín Seco
 La justicia: J. F. Martín Seco
 La igualdad: J. F. Martín Seco
 La armonía: J. F. Martín Seco
 La belleza: J. F. Martín Seco
 La verdad: J. F. Martín Seco
 La justicia: J. F. Martín Seco
 La paz: J. F. Martín Seco
 La libertad: J. F. Martín Seco
 La igualdad: J. F. Martín Seco
 La armonía: J. F. Martín Seco
 La belleza: J. F. Martín Seco
 La verdad: J. F. Martín Seco



España

Octavi Pelissa (in memoriam), Xavier Folch, N° 1, febrero/93.
La integración va resultando demasiado cara para España, Jorge Fonseca, N° 1, febrero/93.
El neoliberalismo converso del gobierno español, J.F. Martín Seco, N° 1, febrero/93.
El felipismo: lo bueno, lo malo, lo inevitable, Manuel Vázquez Montalbán, N° 1, febrero/93.
Asignatura pendiente de la Defensa española, Vicenç Fisas, N° 1, febrero/93.
La cárcel: institución criminógena, "mundo infralegal", Antonio Doñate, N° 1, febrero/93.
La segunda muerte del Barón de Montesquieu, Claudio Movilla, N° 2, marzo/93.
La independencia del Banco Central debe debatirse, Luis de Sebastián, N° 2, marzo/93.
Auto de fe para violadores, Enrique González Duro, N° 2, marzo/93.
Algo más que un carnaval: un crimen monstruoso, Manuel Vázquez Montalbán, N° 2, marzo/93.
Retrato de grupo de la izquierda española, Josep Torrell, N° 2, marzo/93.
España acumula casi todas las malas notas, María José Aubet, N° 3, abril/93.
Las encrucijadas de la izquierda, Antonio García Santesmases, N° 3, abril/93.
Los socialistas ante su "¿Qué hacer?", Manuel Vázquez Montalbán, N° 3, abril/93.
La convergencia a velocidad alternativa, Luis de Sebastián, N° 4, mayo/93.
¿Hay una alternativa progresista al PSOE?, Francisco Fernández Buey, N° 4, mayo/93.
Luchar contra la resignación, José M° Zufiaur, N° 4, mayo/93.
El factor desmovilización, José Antonio Gimbernat, N° 4, mayo/93.
La tentación de catarsis, Manuel Vázquez Montalbán, N° 4, mayo/93.
Los gitanos en España, Angel Marzo Guarinos, N° 4, mayo/93.
Plutócratas en el poder y ciudadanos fuera de la política, María José Aubet, N° 5, junio/93.
En el país de los indecisos, Manuel Vázquez Montalbán, N° 5, junio/93.
¿Quién elige al Consejo Superior del Poder Judicial?, Antonio Doñate, N° 5, junio/93.
El "ajuste", un muerto en excelente estado de salud, J. F. Martín Seco, N° 6, julio/93.
Derechas e izquierdas después de las elecciones, Antonio García Santesmases, N° 6, julio/93.
Las tribulaciones de Izquierda Unida, Manuel Vázquez Montalbán, N° 6, julio/93.
El penúltimo disfraz de Alfonso Guerra, Manuel Vázquez Montalbán, N° 7, agosto/93.

Los Jóvenes contra el servicio militar, Antonio Gómez Movellán, N° 8, septiembre/93.
Déficit público, prestaciones sociales, salarios: los chivos expiatorios, J. F. Martín Seco, N° 9, octubre/93.
La envoltura de las desgracias, José María Zufiaur, N° 9, octubre/93.
Opinión (crisis económica), Jordi Roca Rusmet, Xavier Muñoz Pujol, Antonio Gutiérrez Vegara y Horacio Vázquez Rial, N° 9, octubre/93.
Fin de fiesta español (industria automovil), Carlos Schwartz, N° 9, octubre/93.
Seat Lux, Carlos Gabetta, N° 10, noviembre/93.
La Virgen Invertebrada, Manuel Vázquez Montalbán, N° 10, noviembre/93.
Los magrebíes en España, Dionisio García Flórez, N° 10, noviembre/93.
Las Comunidades Autónomas españolas se proyectan hacia el exterior, Caterina García Segura, N° 11, diciembre/93.
Opinión (autonomías), Francesc de Carreras, Juan Botella Corral, Antonio García Trevijano y Encarna Otero Cepeda, N° 11, diciembre/93.
Memoria de la soledad, el coraje y la esperanza, Josep Torrell, N° 11, diciembre/93.
El poder se desentiende de la pobreza, Jean-Pierre Palacio, N° 12, enero/94.
Es el capital, no los trabajadores, el que produce poco y gana demasiado, José Manuel Agüera Sirgo, N° 12, enero/94.
Gravar el capital especulativo, José Manuel Agüera Sirgo, N° 12, enero/94.
Opinión (economía), Agustín Moreno, Fabián Estapé, Miren Etxezarreta, Jorge Fonseca, N° 12, enero/94.

Europa

La izquierda francesa, descorazonada y sin proyecto, Bernard Cassen, N° 2, marzo/93.
Malos tiempos y mala prensa para la social democracia, Carlos Gabetta, N° 2, marzo/93.
El rompecabezas de las lenguas, Bernard Cassen, N° 2, marzo/93.
Yugoslavia: los inaceptables postulados del plan Owen-Vance, Svebor Dizdarevic, N° 3, abril/93.
Monsieur le President, Carlos Gabetta, N° 3, marzo/93.
La anhelada, inevitable y caótica reunificación alemana, Jordi García-Petit, N° 4, mayo/93.
Zíngaros: los trastos de Europa, Alain Reyniers, N° 4, mayo/93.
Cuando la Comunidad Europea baja los brazos, Jean-Louis Levat, N° 5, junio/93.
El debate sobre Bosnia y los límites de la Intervención, Mariano Aguirre, N° 5, junio/93.
Sueños de Sarajevo, Alfonso Armada, N° 5, junio/93.

Griegos y turcos otra vez frente a frente, Christophe Chiclet, N° 6, julio/93.
Racismo con fondo de música de rock, Brigitte Patzöld, N° 6, julio/93.
Italia: corrupción, criminalidad y política, François Vitrani, N° 7, agosto/93.
La sociedad, sacrificada al libre cambio, Bernard Cassen, N° 7, agosto/93.
España y Francia, contrapeso de la Alemania reunificada, Jordi García-Petit, N° 7, agosto/93.
El Norte en la trampa de las deslocalizaciones, Jacques Decornoy, N° 7, agosto/93.
La guerra ha terminado, Carlos Gabetta, N° 9, octubre/93.
Sobrevivir, Ignacio Ramonet, N° 9, octubre/93.
¿Quién destruye realmente a Yugoslavia?, Miguel Ángel Nieto Solís, N° 10, noviembre/93.
Un tribunal excepcional, Francisco Tomé de Castro, N° 10, noviembre/93.
Europa, a pesar de todo, René Lenoir, N° 10, noviembre/93.
Europa a cal y canto, Xavier Tamareu Badimón, N° 10, noviembre/93.
La utopía Europa, Carlos Gabetta, N° 10, noviembre/93.
Es necesario preservar la diversidad cultural, Jack Ralite, N° 11, diciembre/93.
El ejemplo francés, Ignacio Ramonet, N° 11, diciembre/93.
El fantasma de la liquidación recorre Europa, Luis Ignacio López, N° 12, enero/94.
La Guerra Fría también acabó en Italia, Joan E. Garcés, N° 12, enero/94.
El latido de los corazones, Luigi Pintor, N° 12, enero/94.
El nacionalismo griego, encorsetado por las presiones internacionales, Christophe Chiclet, N° 12, enero/94.
Una lifting para la Unión Europea, Elvira Altés, N° 12, enero/94.

América Latina

Uruguay rechaza las privatizaciones, Mario Benedetti, N° 1, febrero/93.
Cuba, fortaleza asediada, Janette Habel, N° 2, marzo/93.
Sin novedades sobre el retorno de Aristide, Jean-Michel Caroit, N° 2, marzo/93.
Hora de moderar la utopía en El Salvador, Rodolfo Mattarollo, N° 3, abril/93.
EE.UU. y América Latina: entre los reflejos de la guerra fría y la tentación proteccionista, Jean-Michel Caroit, N° 3, abril/93.
Argentina: ¿ante un "milagro" o un espejismo?, Jorge Fonseca, N° 4, mayo/93.
La virtud en los tiempos del cólera, Luis Bilbao, N° 4, mayo/93.
El militarismo cabaiga de nuevo en Venezuela, Humberto Márquez, N° 4, mayo/93.

Secuestros de niños y tráfico de órganos, Maite Pineró, N° 4, mayo/93.
Los indígenas de Ecuador toman la vía de las ondas, Marc Bertola y Patricia Pradel, N° 5, junio/93.
Los barrios de chabolas de Lima, o la furia de vivir, Carmen Bader y Jean-Michel Rodrigo, N° 5, junio/93.
Palabras que quieren olvidar el olvido, Eduardo Galeano, N° 5, junio/93.
Colombia: la ley de los señores de la guerra, Hubert Prolongeau, N° 6, julio/93.
Guatemala: ¿Paz y democracia o la guerra permanente? Blanche Petrich, N° 6, julio/93.
La democracia haitiana, rigurosamente vigilada, Jean-Michel Caroit, N° 7, agosto/93.
Acuerdos que interrumpen la división Norte-Sur, Tito Drago, N° 7, agosto/93.
Veinte años después (golpe de Estado en Chile), Carlos Gabetta, N° 8, septiembre/93.
Poder y flaquezas de un dragón sudamericano (Chile), Luis Ignacio López, N° 8, septiembre/93.
Prohibido aspirar a la soberanía y la igualdad (Chile), Joan Garcés, N° 8, septiembre/93.
Opinión (Chile), Mario Benedetti, Elvira Altés, Marta Harnecker, Marcos Roitman y Atilio Borón, N° 8, septiembre/93.
Fidel Castro corre contra el reloj, por Jean-Michel Caroit, N° 8, septiembre/93.
Entrevista al dirigente opositor Rolando Prats (Cuba), Roberto Montoya, N° 8, septiembre/93.
Brasil: ¿quién despertará al gigante adormecido? por Argemiro Procópio Filho, N° 9, octubre/93.
La vuelta a la esclavitud en los años 90 (Brasil), Francisco Tomé de Castro, N° 9, octubre/93.
El holocausto de los niños de la calle (Brasil), Paulo Evaristo Arns, N° 9, octubre/93.
EE.UU./Nicaragua: Una visión anclada en el pasado, Lisa Haugart, N° 9, octubre/93.
El realismo de los hijos del Che, Roberto Sánchez, N° 10, noviembre/93.
¿Hacia una Asociación de Estados del Caribe y Centroamérica? Gil Toll, N° 11, diciembre/93.
La explosiva y reaccionaria penetración neo-pentecostal en América Latina, Manuela Cantón Delgado, N° 11, diciembre/93.
Continúa en el Caribe el pulso entre David y Goliat, José Manuel Martín Medem, N° 12, enero/94.
No hasten símbolos para reparar el genocidio, Rigoberta Menchú, N° 12, enero/94.

EE.UU.

¿Dispondrá Clinton de los medios para sus proyectos? Serge Halimi, N° 1, febrero/93.
Octubre de 1962: cuando el mundo estuvo a punto de estallar (Cuba-EE.UU.), Luis Ignacio López, N° 2, marzo/93.
Clinton busca una "nueva visión" diplomática, Michael Klare, N° 2, marzo/93.
Un héroe de nuestro tiempo (Kissinger), Jacques Decornoy, N° 2, marzo/93.

¿Una Casa de Muñecas para Hillary Rodham Clinton? Garry Wills, N° 2, marzo/93.
Las tribulaciones del mercado único norteamericano, Jean-Michel Lacroix, N° 3, abril/93.
Clinton abandona el ultraliberalismo, Serge Halimi, N° 3, abril/93.
La democracia estadounidense, rehén de los poderosos, Serge Halimi, N° 6, julio/93.
Los hijos de la doctrina Reagan no cumplen la ley, Mariano Aguirre, N° 6, julio/93.
Cómo buscar y ganar dos guerras y media, Mariano Aguirre, N° 8, septiembre/93.
Tienen 15 años... y matan. Ingrid Carlander, N° 8, septiembre/93.
Un instrumento de la hegemonía estadounidense, Pierre Lapitz, N° 11, diciembre/93.
TLC: la polémica y sus lecciones, Luis de Sebastián, N° 11, diciembre/93.
Washington se prepara para nuevas expediciones guerreras, Michael Klare, N° 11, diciembre/93.
¿Garantizará Bill Clinton el derecho a la salud? Elisabeth Chamorand, N° 12, enero/94.

Rusia

El Cáucaso en llamas, Ignacio Ramonet, N° 3, abril/93.
La tentación regionalista en una Rusia debilitada, Jean Radvanyi, N° 5, junio/93.
El volcán ruso, Ignacio Ramonet, N° 6, julio/93.
Yeltsin ha sentado un peligroso precedente de violencia, Rafael Poch-de-Feliu, N° 10, noviembre/93.
El volátil lugar de Rusia en Europa, Marc Ferro, N° 10, noviembre/93.
Opinión, Jaume Colomer, Manuel B. Alvarez, Josep Fontana, Antonio Remiro, N° 10, noviembre/93.

Mundo árabe

Marruecos sigue obstruyendo el referéndum, Andrés Medina, N° 1, febrero/93.
El laberinto argelino, Ignacio Ramonet, N° 2, marzo/93.
El Islam y las simplificaciones de Occidente, François Burgat, N° 6, julio/93.
Marruecos, la transición inmóvil, Andrés Medina, N° 8, septiembre/93.
La cristiandad unida contra el último Estado musulmán de España, Bernard Vincent, N° 9, octubre/93.
Una doble amnesia alimenta el discurso xenofobo, Alain de Libera, N° 9, octubre/93.
De Brooklyn a Peshawar, la "otra" conexión islamista, Mariano Aguirre, N° 9, octubre/93.
La sociedad argelina, atenzada entre islamistas y militares, El-Arby En-nachoui, N° 11, diciembre/93.
Cuando el islamismo amenaza al mundo, Alain Gresh, N° 12, enero/94.

Economía mundial

Todos somos liberales, Antonio García Santesmaces, N° 1, febrero/93.
¿Cómo repartir el costo de la unión

económica y monetaria? Denis Clerc, N° 1, febrero/93.
Encadenar a tiempo al gigante especulativo, Luis de Sebastián, N° 1, febrero/93.
Los corrosivos fermentos de la recesión, Michel Chossudovsky, N° 4, mayo/93.
Interdependencia, multipolaridad, caos, Jacques Decornoy, N° 4, mayo/93.
El GATT significa "EE.UU. antes que nadie", Marie-France Toinet, N° 4, mayo/93.
Vivir sin el GATT, Bernard Cassen, N° 5, junio/93.
Océano Pacífico: ¿centro de la economía mundial en el siglo XXI? Alberto Silva, N° 5, junio/93.
Las esperanzas del capitalismo en China, Roland Lew, N° 6, julio/93.
El dinero de la diáspora china, nervio del crecimiento, Frédéric F. Clairmonte, N° 6, julio/93.
Multinationales contra estados y sociedades, Carlos Gabetta, N° 6, julio/93.
La gran kermesse de la economía financiera, Ibrahim Warde, N° 6, julio/93.
Una crisis tan suave, y sin embargo..., Serge Halimi, N° 8, septiembre/93.
Es necesario un desarme económico mundial, Riccardo Petrella, N° 8, septiembre/93.
¿Sobrevivirá la industria europea del automóvil a la mundialización? Laurent Carroué, N° 9, octubre/93.
Sin transnacionales no hay salvación, Jacques Decornoy, N° 9, octubre/93.
Los dragones tienen fuego para rato, Pablo Bustelo, N° 10, noviembre/93.
El fantasma de la guerra comercial, Bernard Cassen, N° 11, diciembre/93.

Oriente Próximo

Israel: la deportación, Daphna Golan, N° 3, abril/93.
Gobierno laborista, ideología expansionista, Adrián MacLiman, N° 3, abril/93.
Alarma en Israel, Ignacio Ramonet, N° 4, mayo/93.
Treinta y cinco años de resistencia en Gaza, Nadine Picaudou, N° 5, junio/93.
Instituciones palestinas, Adrián MacLiman, N° 5, junio/93.
Irak en la mira de los EE.UU., Mariano Aguirre, N° 7, agosto/93.
Israel y Siria, la paz contra Palestina, Adrián MacLiman, N° 8, septiembre/93.
El insoportable castigo de los habitantes de Gaza, Annie Fiore, N° 8, septiembre/93.
Inestabilidad e intervenciones extranjeras en el Mar Rojo, Dionisio García Flórez, N° 8, septiembre/93.
El enemigo del enemigo de Israel, Horacio Vázquez Rial, N° 9, octubre/93.
Turquía quiere acabar con la guerrilla kurda, Christian Chesnot, N° 11, diciembre/93.
Reformar la OLP y luchar por los derechos palestinos, Edward W. Said, N° 12, enero/94.

Asia-Pacífico

Nueva Delhi ante la marea nacionalista, por Rolf Gauffin, N° 4, mayo/93.
El agotamiento de los Jemeres rojos cambuyanos, Christophe Peschoux, N° 11, diciembre/93.

cuatroSemanas
 y LE MONDE DIPLOMATIQUE

¿A quiénes y para qué votan los ciudadanos?

Publicado en el número 10 de mayo de 1993. El contenido de este número fue publicado en el número 10 de mayo de 1993.



Publicado en el número 10 de mayo de 1993. El contenido de este número fue publicado en el número 10 de mayo de 1993.

cuatroSemanas
 y LE MONDE DIPLOMATIQUE

España: la elección es ahora

Chen era el abuelo: Juan Francisco Martínez Sierra

Derechos e impuestos: Antonio García Flórez

Impugnando Unidos: Manuel Vázquez Rial

Multinacionales: Carlos Gabetta



Publicado en el número 8 de septiembre de 1993. El contenido de este número fue publicado en el número 8 de septiembre de 1993.

cuatroSemanas
 y LE MONDE DIPLOMATIQUE

El nuevo desorden internacional

Publicado en el número 9 de octubre de 1993. El contenido de este número fue publicado en el número 9 de octubre de 1993.



Publicado en el número 9 de octubre de 1993. El contenido de este número fue publicado en el número 9 de octubre de 1993.

cuatroSemanas
 y LE MONDE DIPLOMATIQUE

Chile, veinte años

Un ángel desconocido: Luis Ignacio López

Publicado en el número 12 de enero de 1994. El contenido de este número fue publicado en el número 12 de enero de 1994.



Publicado en el número 12 de enero de 1994. El contenido de este número fue publicado en el número 12 de enero de 1994.



Africa

Los impenitentes herederos del "desarrollo separado" (África del Sur), Lucía Alonso Ollacarizqueta, N° 7, agosto/93.

La ayuda condicionada empobrece al Tercer Mundo, Julius Nyerere, N° 10, noviembre/93.

Cultura

Bartolomé de las Casas: el discurso del indio metropolitano, Francisco Fernández Buoy, N° 1, febrero/93.

Ernst Jünger, la sonrisa del diablo, por Rafael García Alonso, N° 1, febrero/93. Un mito inagotable en tiempos de infortunio (Malcom X), Achille Mbembé, N° 2, marzo/93.

El filme barroco de una existencia prolífica (Malcom X), Achille Mbembé, N° 2, marzo/93.

Derek Walcott, vagabundo de las Antillas, Alain Jouffroy, N° 2, marzo/93.

El cine japonés descubre los infortunios de la inmigración, Marc Tessier, N° 3, abril/93.

El "milagro" del cine francés, Octavi Martí, N° 3, abril/93.

Convalecencia del compromiso, Mario Benedetti, N° 3, abril/93.

Miró, otro, Miquel Molins Nubiola, N° 3, abril/93.

El silencio y la voz, Joan Miró, N° 3, abril/93.

Crisis y desaliento: volver al 98, Valeriano Bozal, N° 5, junio/93.

La vitalidad del "color mestizo", Pierre Osetrov-Foucher, N° 6, julio/93.

La interminable agonía del cine español, Octavi Martí, N° 6, julio/93.

El tamaño como opción, Eva Lesmes, N° 6, julio/93.

¿Será posible que haya existido una mujer así? (Simone Weil), José Ignacio González Faus, N° 7, agosto/93.

La política, y experiencias en España (Simone Weil), Francisco Tomé de Castro, N° 7, agosto/93.

Mujeres afrocaribeñas: una literatura por descubrir, Anna Soler-Pont, N° 7, agosto/93.

Punto final, un relato de Alecia Mackenzie, N° 7, agosto/93.

La segunda, milagrosa vida del cine latinoamericano, Paulo Antonio Parangana, N° 7, agosto/93.

Los secretos mafiosos, al hilo de la literatura, Giorgio Longo, N° 8, septiembre/93.

El cine alemán revisa su propia historia, Josep Torrell, N° 8, septiembre/93.

La cuestión de la cultura y el poder, Bernard Cassen, N° 9, octubre/93.

Feria Internacional del Libro en Zimbabue, Anna Soler-Pont, N° 9, octubre/93.

El cine indio, bastión contra el fanatismo, Vijay Singh, N° 9, octubre/93.

Pasolini: una pasión proletaria, Josep Torrell, N° 10, noviembre/93.

Cine y moral islámica, Gönül Dönmez Colin, N° 10, noviembre/93.

Diario de un joven luchador antifascista, Stephen Spender, N° 10, noviembre/93.

Una nueva Biblioteca para América Latina, Ernest Cañada, N° 12, enero/94.

Religión

Teología social versus iluminación teológica, Jean-Michel Caroit, N° 1, febrero/93.

Golpismo vaticano en Haití, Jean-Michel Caroit, N° 1, febrero/93.

¿El Catecismo del Concilio de Trento?, José Ignacio González Faus, N° 2, marzo/93.

Ecología

Presas gigantes, gigantescos desastres, Christian Ferré, N° 2, marzo/93.

Otra revolución verde para el 2020, Alain Vidal-Naquet, N° 5, junio/93.

Vertidos radiactivos al mar: nunca más, Ramón Varela Díaz, N° 6, julio/93.

La tierra da para todos, pero no para cualquier cosa, Ignacio de Senillosa, N° 7, agosto/93.

El plan de regeneración de playas del MOPT (España), Sebastián Losada Figueiras, N° 9, octubre/93.

En busca de una mayor seguridad en los mares, Philippe Boisson, N° 12, enero/94.

Armamentismo

Crisis de las industrias militares..., Laurent Carroué, N° 1, febrero/93.

Cómo paliar los terribles efectos de las guerras y las sequías, Vicenç Fisas, N° 6, julio/93.

Proliferación y proliferadores nucleares, ¿una paradoja?, Vicente Garrido Rebolledo, N° 8, septiembre/93.

Comunicación-tecnologías

Publicidad y manipulación social, Jacques Blociszewski, N° 4, mayo/93.

La ciudadanía indefensa ante una interesada "representación" de la realidad, Eduardo Álvarez Puga, N° 5, junio/93.

Nefastos efectos de la ideología político-mediática, François Brune, N° 5, junio/93.

El mito del progreso sólo a través de la tecnología, Victor Scardigli, N° 6, julio/93.

Informática y utopía, Philippe Breton, N° 9, octubre/93.

La Revolución de las Imágenes Virtuales, Antoni Mercader, N° 10, noviembre/93.

La virtualidad real en el arte, por Agueda Simó, N° 10, noviembre/93.

Los videobúitres de Los Ángeles, Yves Eudes, N° 10, noviembre/93.

Informarse fatiga, Ignacio Ramonet, N° 10, noviembre/93.

El furor de los "reality shows", Eduardo Giordano y Carlos Zeller, N° 11, diciembre/93.

La droga mundial de los videojuegos, Ingrid Carlander, N° 12, enero/94.

Narcotráfico

Narcotráfico y finanzas: la droga como arma política, Luis Ignacio López, N° 5, junio/93.

Primera condena europea del "narcotráfico", Gregorio Díaz Dionis, N° 10, noviembre/93.

Mujer

Feminismo y pornografía en los EE.UU., Nora Catelli, N° 1, febrero/93. Todo el poder a las mujeres, Gabriel

García Márquez, N° 2, marzo/93.

La mujer española y el mercado de trabajo, María José Aubet, N° 3, abril/93.

Mujeres del Magreb, la fuerza oculta, Elvira Altés, N° 3, abril/93.

La geo-cultura de la exclusión, Elvira Altés, N° 7, agosto/93.

La Cienicienta va al mercado, Elvira Altés, N° 11, diciembre/93.

Organismos

y Derecho internacional

Ingerencias, caridad y derecho internacional, Monique Chemillier-Gendreau, N° 1, febrero/93.

Humanitarismo e imperios, Alain Joxe, N° 1, febrero/93.

Intervenir, Ignacio Ramonet, N° 1, febrero/93.

ONU: Una reforma imprescindible, en la nueva situación mundial, Vicenç Fisas, N° 4, mayo/93.

Las Naciones Unidas, reducidas al papel de bomberos, Maurice Bertrand, N° 7, agosto/93.

Los Estados pueden impedir legalmente la arbitrariedad, por Monique Chemillier-Gendreau, N° 7, agosto/93.

El lento avance hacia la aplicación efectiva de los Derechos Humanos, Rodolfo Mattarollo, N° 7, agosto/93.

Autoridad perdida, Ignacio Ramonet, N° 7, agosto/93.

La ONU en Somalia: ¿misión imposible?, Vicenç Fisas, N° 9, octubre/93.

OTAN: En busca de la seguridad perdida, Mariano Aguirre, N° 11, diciembre/93.

Mundo Laboral

La hora de repartir el trabajo y sus beneficios, Bernard Cassen, N° 3, abril/93.

Construir la civilización del tiempo liberado, André Gorz, N° 3, abril/93.

Recelos de los sindicatos europeos, Jacques Freyssinet, N° 3, abril/93.

Sociedad

El sida, escuela de solidaridad para las sociedades plébricas, Jean-Paul Jean, N° 3, abril/93.

La eutanasia, un problema moral y legal de nuestro tiempo, Hernán Hornmazábal Malaree, N° 12, enero/94.

Vender los despojos de la vida, Antonio Doñate, N° 12, enero/94.

Evolución mundial

El fin del milenio y nosotros, Carlos Gabetta, N° 1, febrero/93.

Entre Río de Janeiro y Alcasser, Carlos Gabetta, N° 2, marzo/93.

Los desafíos del siglo XXI, Mariano Aguirre, N° 4, mayo/93.

El mundo va mal, Carlos Gabetta, N° 5, junio/93.

Nuevos tiempos, Ignacio Ramonet, N° 5, junio/93.

El vacío palpable: ciudadanía sin nación, Javier Franzé, N° 5, junio/93.

Sobre el volcán, Carlos Gabetta, N° 7, agosto/93.

Historia y moral, Ignacio Ramonet, N° 8, septiembre/93.

Democracias risibles, Ignacio Ramonet, N° 12, enero/94.

Preguntas tontas, Carlos Gabetta, N° 12, enero/94.

Uma voz clara em meio ao ruído: A nossos leitores: Ao longo de nosso primeiro ano no mercado, tratamos de diversos temas políticos, econômicos, sociais, culturais e ecológicos no âmbito nacional e internacional. A “atualidade” não é, para nós, a habitual sucessão de fatos sem nítida conexão entre si, nem com a história ou o entorno regional e mundial. O “político” carece de sentido sem a análise do “econômico”, do “social” etc. Não acreditamos que, com toda sua expressividade, uma imagem valha mais que mil palavras e, ao contrário da visão jornalística de que só é notícia que um homem morda um cachorro, e não ao contrário. Para *cuatroSemanas*, o importante é a agressão em si mesma, o destino da vítima e as razões do agressor, seja ele homem ou cachorro (talvez, sobretudo, se for cachorro). Tratamos de fazer um periódico para gente que, dispondo de informação, precisa ao menos de um guia para contemplá-la, reuni-la, organizá-la e entendê-la. Também para aqueles que se perguntam criticamente se não há alternativa possível à que nos oferecem os políticos, a política e os meios de comunicação em quase todo o mundo, e consideram que para defender e aperfeiçoar a democracia é preciso fazer muito mais que votar de tempos em tempos. Por isso, abundamos em detalhes, citações, fontes, referências – ainda que sob o risco de cansar [...].³³⁰

Três detalhes se destacam nesse trecho. Na última linha do texto de março de 1994, *cuatroSemanas* invoca a já referida ideia expressa no editorial de *Le Monde Diplomatique* de outubro de 1993: informar-se cansa.³³¹ No parágrafo anterior, a ideia de democracia como algo muito além das urnas, o que lança vestígios sobre as posições de Carlos Gabetta, afastado desde a década de 1970 de movimentos armados. Por fim, a rubrica *una voz clara en medio del ruido* da revista espanhola, que tempos depois migraria e se firmaria como *slogan* na edição argentina do *Monde Diplomatique*.

A experiência barcelonesa durou até meados de 1994. Logo Gabetta voltaria a Buenos Aires, onde passaria quase quatro anos tentando estabelecer e estabilizar *El Dipló*.

³³⁰ Traduzido do original: “*Una voz clara en medio del ruido: A nuestros lectores: A lo largo de nuestro primer año en el mercado hemos tratado numerosos temas políticos, económicos, sociales, culturales y ecológicos del ámbito nacional e internacional. La “actualidad” no es, para nosotros, la habitual sucesión de hechos sin aparente conexión entre sí, ni con la historia o el entorno regional y mundial. Lo “político” carece de sentido sin el análisis de lo “económico”, lo “social”, etc. No creemos que, con toda su expresividad, una imagen valga más que mil palabras e, al contrario del tópico periodístico, que sólo es “noticia” que un hombre muerda a un perro, y no al revés. Para cuatroSemanas, lo importante es la agresión en sí misma, el destino de la víctima y las razones del agresor, sea éste hombre o perro (quizá, sobre todo, si es perro). Tratamos de hacer un periódico para gente que, disponiendo de información, necesita al menos de una guía para contemplarla, reunirla, organizarla y entenderla. También para aquellos que se preguntan críticamente si no hay alternativa posible a los que nos ofrecen los políticos, la política y los medios de comunicación en casi todo el mundo, y consideran que para defender y perfeccionar la democracia hay que hacer mucho más que ir a votar de tanto en tanto. Por eso abundamos en detalles, citas, fuentes, notas al pie – aún a riesgo de fatigar [...]*”.

³³¹ RAMONET, julho de 1999, p. 4.

Não foi a primeira tentativa argentina. Gabetta menciona que, na década de 1980, o jornalista argentino Hugo Kliczkowsky³³² tentou fundar uma edição, mas aceitando a prerrogativa de uma revista tal qual esperava a matriz francesa, isto é, mera tradução. O projeto não vingou. Gabetta, por sua vez, argumentava que era preciso atrair argentinos. Queria lançar uma revista fiel à linha editorial do *Monde Diplomatique*, mas com assuntos nacionais como chamariz para novos leitores argentinos. Familiarizados com a experiência de *cuatroSemanas* y *Le Monde Diplomatique*, os editores franceses já estavam mais abertos a essa possibilidade. O porém: o capital.

O acordo editorial entre Gabetta e Ramonet: a edição deveria traduzir 70% dos artigos franceses, podendo preencher os 30% restantes com artigos argentinos – cifra que *El Dipló* nunca respeitou à risca. Marco de uma relação amistosa, o acordo de meados de 1999 estipulava o valor simbólico de mil dólares por mês por todos os direitos autorais. Outro custo, maior, era a remuneração para jornalistas e intelectuais. Gabetta queria bons profissionais políglotas, que dominassem inglês e francês, além do castelhano. Por isso e por questões ideológicas, pretendia oferecer salários bons – afinal, pensava o editor, uma revista de esquerda não poderia submeter seus profissionais a salários ruins.³³³

O editor demorou a encontrar investidores dispostos a apostar nesse projeto, caro e arriscado, na Argentina. Cruzou-lhe o caminho o empresário Hugo Sigman, da editora Capital Intelectual – “um empresário progressista, mas um empresário”, destacaria o jornalista. Gabetta lhe propôs um projeto de negócios, admitindo que *perderiam* dinheiro por dois ou três anos, até poderem equilibrar as contas – e, de fato, viriam a equilibrá-las no 30º mês. Assim, estreou *Le Monde Diplomatique Edición Cono Sur – El Dipló* em julho de 1999.³³⁴

Carlos Gabetta convocou jornalistas veteranos como Marta Vassallo, Luis Bilbao e Carlos Alfieri, com quem já tinha trabalhado dez anos antes, no *El Periodista de Buenos Aires*, para integrar a redação, inicialmente na Calle Acuña de Figueroa, depois na Avenida Córdoba. Além de profissionais mais experientes, apostou em jovens jornalistas como Creusa Munõz, Luciana Rabinovich e Pablo Stancanneli, inicialmente como estagiários. Tempos depois, os três se tornaram redatores e, enfim, editores.

Outras edições latino-americanas começaram a deslanchar na época. Certa vez, Gabetta recebeu um telefonema do jornalista chileno Victor Hugo de la Fuente – “um velho

³³² Hugo Kliczkowsky é argentino, mas vive há tempos na Espanha. Desde 2011, tentei por diversas vias, mas não foi possível localizá-lo para pedir uma entrevista para esta tese.

³³³ Carlos Gabetta em entrevista à autora, no dia 11 de setembro de 2012.

³³⁴ Carlos Gabetta em entrevista à autora, no dia 11 de setembro de 2012.

amigo, também exilado na França”.³³⁵ Queria levar *Le Monde Diplomatique* ao Chile. Gabetta fez uma ponte entre Fuente e os franceses, propondo-lhes um acordo: a filial argentina poderia disponibilizar 100% das traduções francesas à edição chilena, assim como os 30% de artigos argentinos, num custo de mil dólares por mês – quantia que, depois, seria partilhada em 75% para os argentinos, 25% para os franceses. Chile aceitou o acordo – assim como as edições posteriores, como Bolívia, Colômbia, México, Peru e Uruguai.

Além de centralizar as traduções dos artigos – disponíveis ainda à edição espanhola –, a edição argentina é considerada uma liderança estratégica para *Le Monde Diplomatique* na América Latina, graças a Carlos Gabetta, que teve importante papel nessa expansão editorial, visitando outras capitais latino-americanas e ajudando outros jornalistas e intelectuais a firmarem novas edições.³³⁶ Mas diferentemente da edição argentina, mais sólida, muitas edições latino-americanas não se consolidaram, principalmente por falta de investimentos e recursos financeiros. Na casa dos 30 mil exemplares, a edição argentina também é encontrada nas principais cidades uruguaias. A versão chilena vingou graças ao capital de Victor Hugo de la Fuente, que vive entre Paris e Santiago. Por seu turno, *Le Monde Diplomatique Brasil* estreou em agosto de 2007, vinculado ao Instituto Pólis – mas a primeira edição eletrônica foi ao ar antes, em dezembro de 1999, por iniciativa do jornalista Antonio Martins.³³⁷

Tempos antes, outro telefonema importante para Carlos Gabetta: Ignacio Ramonet o procurou, contando que recebera uma carta de um velho leitor do *Monde Diplomatique* francês. Ressabiado, o sociólogo espanhol pediu para o amigo argentino conferir quem era esse sr. Gunter Holzmann. Gabetta apurou e descobriu que se tratava de um judeu alemão, militante da juventude socialista na década de 1930, que se refugiou no Peru e na Bolívia. O resto da história já foi narrado noutra página: Gunter Holzmann doou 5 milhões de francos (equivalentes à época a 1 milhão de dólares) para *Le Monde Diplomatique*, investidos na aquisição de ações do jornal.³³⁸

Lembrado por sua personalidade forte³³⁹ e por seu papel articulador para as edições latino-americanas³⁴⁰, Gabetta teve papel importante na história d’*El Dipló*. Considera, aliás, que *El Dipló* herda “tudo” do *Monde Diplomatique*. Na nossa primeira entrevista, em setembro de 2012, assim definiria a linha editorial da revista: um *republicanismo de esquerda*

³³⁵ Carlos Gabetta em entrevista à autora, no dia 11 de setembro de 2012.

³³⁶ Anne-Cécile Robert em entrevista à autora, no dia 2 de fevereiro de 2013.

³³⁷ SAYURI, 2011.

³³⁸ Carlos Gabetta em entrevista à autora, no dia 11 de setembro de 2012.

³³⁹ Dominique Vidal em entrevista à autora, no dia 6 de outubro de 2014.

³⁴⁰ Anne-Cécile Robert em entrevista à autora, no dia 2 de fevereiro de 2013.

– “do centro-esquerda à esquerda mais radical, mas sempre muito democrática. Que aceita e respeita as regras republicanas”.³⁴¹

No nosso segundo encontro, em setembro de 2014, Gabetta radicaria a definição de *republicanismo de esquerda* a:

[...] algo certamente relacionado à Revolução Francesa, uma maneira de entender a democracia. Uma república consiste em dizer se todos podemos ter jornais, se todos podemos nos educar, se todos podemos opinar e se todos podemos votar. Isto é, liberdade política. Os direitos humanos e políticos. A esquerda entende os direitos humanos como econômicos, políticos e sociais. Uma república de esquerda seria uma república que, preservando o critério da divisão dos poderes, avance nas liberdades políticas e na igualdade de direitos econômicos, políticos e sociais. É preciso reduzir as desigualdades ao seu nível mínimo. Assim compreendo a ideia de republicanismo de esquerda.³⁴²

A ideia de *republicanismo de esquerda* do argentino Carlos Gabetta caminha paralelamente ao pensamento esboçado pela editora francesa Anne-Cécile Robert, ao caracterizar *Le Monde Diplomatique* como uma revista internacional mas, na sua expressão, ainda *très française*.³⁴³ De um lado e de outro, a principal ideia é a defesa de determinados valores a demarcar a linha da matriz francesa e, conseqüentemente, as diretrizes para as edições latino-americanas.

*

Na edição de julho de 2000, *El Dipló* publicou um dossiê especial França – Argentina. No dossiê, o economista argentino Eric Calcagno introduz a ideia das relações antigas entre as duas culturas, que teriam todos os ingredientes para escrever um “romance”:

³⁴¹ Carlos Gabetta em entrevista à autora, no dia 11 de setembro de 2012.

³⁴² Carlos Gabetta em entrevista à autora, no dia 1º de setembro de 2014.

³⁴³ Anne-Cécile Robert em entrevista à autora, no dia 14 de outubro de 2014.

Não faltam em dois séculos nem militares, nem escritores e viajantes, nem artistas, arquitetos e pensadores que não possam ser os protagonistas de uma ficção maior que abarque ambas margens. A sensação de influências, nutrida de clichês (um galicismo aceitado), articuladas em mitos individuais, de Santiago de Liniers a Jean-Paul Sartre, ou coletivos, como Carlos Gardel, termina às vezes por ofuscar as dimensões de uma realidade complexa. [...] Talvez olhar-se no espelho do outro seja um exercício pertinente, não para a importação de soluções prontas para usar, que não sobrevivem à diferença de histórias e de contextos, mas para nutrir a reflexão com uma nova perspectiva aos próprios desafios. Não é um exercício fácil, mas “às vezes é preciso se afastar das coisas, pôr um mar no meio, para ver as coisas de perto”, tal como escrevia Alejo Carpentier em seu *Concierto Barroco*.³⁴⁴

Olhar-se no espelho do outro. A expressão do economista se enquadra perfeitamente para as relações imbricadas entre *Le Monde Diplomatique* e *El Dipló*, nos seus metadiscursos marcados por metáforas visuais: o outro olhar, o *punto de vista* singular, a tal *manière de voir*. Além disso, simboliza o escopo deste estudo: de um lado, compreender como os intelectuais franceses miram e admiram as experiências latino-americanas, passadas e presentes; de outro, compreender como os intelectuais argentinos contemplam a história francesa, seu legado revolucionário e seu farol civilizatório.

A ideia do dossiê, portanto, era iluminar as dimensões dessa realidade complexa, a partir de três eixos: cultura, economia e sociedade. Enquanto o economista Alfredo Calcagno lembra a escola francesa de regulação econômica, o escritor Pedro Sondereguer perambula na influência francesa na vida urbana argentina. Enquanto a jornalista Silvia Hopenhayn comenta o contexto e as influências da literatura francesa, o historiador Gregorio Weinberg aborda o modelo francês na história das ideias.

Intelectual e historiador argentino, Gregorio Weinberg (1919-2006) cita a difusão do iluminismo e da *intelligentsia* francesa, do romantismo social e do utopismo que deixaria vestígios em diversos pensadores latino-americanos, como Esteban Echeverría (1805-1851) e Juan María Gutiérrez (1808-1878), assim como Domingo Sarmiento (1818-1888) e Juan Bautista Alberdi (1810-1884). Dali, o historiador salta para o século XX, com a influência intelectual de Jean-Paul Sartre (1905-1980) e Maurice Merleau-Ponty (1908-1961), depois de

³⁴⁴ Traduzido do original: “No faltan en dos siglos ni militares, ni escritores y viajeros, ni artistas, arquitectos y pensadores que no puedan ser los protagonistas de una ficción más vasta que abarque ambas orillas. La sensación de influencias, nutrida de clichés (un galicismo aceptado), articuladas en mitos individuales, de Santiago de Liniers a Jean-Paul Sartre, o colectivos, como Carlos Gardel, termina a veces por opacar las dimensiones de una realidad compleja [...]. Tal vez mirarse en el espejo del otro sea un ejercicio pertinente, no para la importación de soluciones listas para usar, que no sobreviven a la diferencia de historias ni contextos, sino para nutrir la reflexión con una nueva mirada a los propios desafíos. No es un ejercicio fácil, pero "a veces es necesario alejarse de las cosas, poner un mar de por medio, para ver las cosas de cerca", tal como escribía Alejo Carpentier en su *Concierto Barroco*” (CALCAGNO, julho de 2000).

Claude Lévi-Strauss (1908-2009), Jacques Lacan (1901-1981) e Michel Foucault (1926-1984), entre outros – autores presentes, diz Weinberg, na ponta da língua de todos os intelectuais e estudantes de humanidades na Argentina e nos vizinhos da América Latina.³⁴⁵ Volta no tempo para citar ainda historiadores como Alexis de Tocqueville (1805-1859), Felicité de Lamennais (1782-1854) e François Guizot (1787-1874), Marc Bloch (1886-1944) e Lucien Febvre (1878-1956), Fernand Braudel (1902-1985) e Jacques Le Goff (1924-2014), a ponto de notar que o index seria interminável ao ampliar o campo para outras disciplinas.

Entretanto, Weinberg assinala o momento primeiro para a influência intelectual francesa na Argentina com o revolucionário de *mayo* Mariano Moreno (1778-1811), que traduziu e difundiu *O contrato social* de Jean-Jacques Rousseau para insuflar o “espírito republicano” na ex-colônia ibérica, em 1810.³⁴⁶

Assim, desenrolando o novelo proposto por Gregorio Weinberg nas próprias páginas d’*El Dipló*, ao aludir aos ideias revolucionários republicanos de 1789, Carlos Gabetta e Anne-Cécile Robert acabam por se alinhar nas suas considerações sobre as balizas básicas de *Le Monde Diplomatique* e sobre o papel a cumprir a partir delas.

³⁴⁵ WEINBERG, julho de 2000.

³⁴⁶ WEINBERG, julho de 2000.

LE MONDE

en Diplo
diplomatique

Argentino, febrero, octubre y mayo de 1999

El primer ministro
El primer ministro argentino, Fernando de la Rúa, en un momento de su discurso durante la inauguración de la primera edición de la revista *Le Monde Diplomatique* en Buenos Aires.

El primer ministro
El primer ministro argentino, Fernando de la Rúa, en un momento de su discurso durante la inauguración de la primera edición de la revista *Le Monde Diplomatique* en Buenos Aires.

El primer ministro
El primer ministro argentino, Fernando de la Rúa, en un momento de su discurso durante la inauguración de la primera edición de la revista *Le Monde Diplomatique* en Buenos Aires.

El primer ministro
El primer ministro argentino, Fernando de la Rúa, en un momento de su discurso durante la inauguración de la primera edición de la revista *Le Monde Diplomatique* en Buenos Aires.

El primer ministro
El primer ministro argentino, Fernando de la Rúa, en un momento de su discurso durante la inauguración de la primera edición de la revista *Le Monde Diplomatique* en Buenos Aires.

Argentino, febrero, octubre y mayo de 1999

La coartada de la globalización



Indica que los gobiernos latinoamericanos se están enfrentando a una crisis de legitimidad. El autor sugiere que la globalización es una coartada para ocultar intereses particulares.

El autor continúa argumentando que la globalización es un concepto que se utiliza para justificar políticas que benefician a unos pocos en detrimento de la mayoría de la población.

El autor continúa argumentando que la globalización es un concepto que se utiliza para justificar políticas que benefician a unos pocos en detrimento de la mayoría de la población.

El autor continúa argumentando que la globalización es un concepto que se utiliza para justificar políticas que benefician a unos pocos en detrimento de la mayoría de la población.

El autor continúa argumentando que la globalización es un concepto que se utiliza para justificar políticas que benefician a unos pocos en detrimento de la mayoría de la población.

Argentino, febrero, octubre y mayo de 1999

El espectro del Imperio

El autor discute el concepto de imperio y su relevancia en el mundo contemporáneo. Menciona que el imperio no es solo un concepto geográfico, sino también político y cultural.

El autor discute el concepto de imperio y su relevancia en el mundo contemporáneo. Menciona que el imperio no es solo un concepto geográfico, sino también político y cultural.

El autor discute el concepto de imperio y su relevancia en el mundo contemporáneo. Menciona que el imperio no es solo un concepto geográfico, sino también político y cultural.

3.2 DINÂMICA FRANCO-ARGENTINA

Há tempos o jornalista Carlos Gabetta escreve seus *diarios ciudadanos*, anotações e reflexões pessoais, escritas a *vuela pluma*. Diários, diz, de um argentino “muy ‘viajado’” que, por sua profissão jornalística, minuta suas observações sobre a realidade.³⁴⁷ Gabetta se orgulha, não se pode negar, de seu cosmopolitismo – um argentino que viveu por muito tempo na França –, mas, como intelectual transterrado como diria José Gaos, pondera:

[...] se algum leitor pensa que me “afrancesei”, direi que estamos de acordo. Mas me encantaria explicar-lhe que se tivesse vivido na Holanda teria me holandizado, na Alemanha alemanhizado, ou no Uruguai uruguizado, mas que em qualquer um desses países teria continuado sendo inelutavelmente argentino; não no sentido “patriótico” vulgar, que sempre acaba se prestando para qualquer coisa, mas no sentido de pertencimento a uma comunidade, a uma cultura específica.³⁴⁸

No dia 20 de maio de 2000, o argentino escreveu no *diário ciudadano*:

Chego a Londres no fim do dia e de umas breves férias, para participar da reunião anual de trabalho com vários – uma vintena – dos que fazem as edições estrangeiras de *Le Monde Diplomatique*. No dia seguinte acordo cedo e, logo depois do café, saio para passear na Russell Square, em pleno Bloomsbury. Confirmo que os parques e os jardins ingleses têm muito mais graça que os franceses. À noite, jantar e quase bebedeira com todos esses amigos, a metade mulheres. Cada um tinha dormido como pôde, mas o certo é que na manhã seguinte, fria e algo chuvosa, todo mundo, como combinado, estava às 10 o'clock na porta de *The Guardian* para a primeira reunião. Subimos rapidamente e mal tínhamos nos sentado – eu, pelo menos – quando Esner, um dos diretores do *Guardian* responsáveis pela edição de *El Dipló* em inglês, arrancou sem preâmbulos: bem-vindos ao trabalho. Ele se manteve ao longo do dia quase sem abrir a boca, prestando verdadeira atenção, apesar de que era evidente que não compreendia muitas coisas em francês. Nove horas de trabalho sem cochichos, diálogos paralelos, brincadeiras ou gente se levantando... Trabalho duro, coletivo, sério e bem feito.³⁴⁹

³⁴⁷ GABETTA, 2013, p. 173.

³⁴⁸ Traduzido do original: “[...] pero si algún lector piensa que me he ‘afrancesado’, le diré que estamos de acuerdo. Pero me encantaría explicarle que si hubiese vivido en Holanda me había holandizado, en Alemania alemanizado, o en Uruguay uruguayizado, pero que en cualquiera de esos países hubiese seguido siendo ineluctablemente argentino; no en el sentido ‘patriótico’ vulgar, que siempre acaba prestándose para cualquier cosa, sino en el de pertenencia a una comunidad, a una cultura específica” (GABETTA, 2013, p. 17).

³⁴⁹ Traduzido do original: “Llego a Londres al final del día y de unas breves vacaciones, para participar en la reunión anual de trabajo con varios – una vintena – de los que hacen las ediciones extranjeras de *Le Monde Diplomatique*. Al día siguiente me despierto temprano y luego de desayunar salgo a dar un paseo por Russell Square, en pleno Bloomsbury. Confirmo que los parques y los jardines ingleses tienen mucha más gracia que los

A narrativa ilustra uma das primeiras reuniões anuais dos editores estrangeiros do *Monde Diplomatique* – na época, anotou o editor no diário, eram 51 edições, em 30 idiomas. Na lembrança de Gabetta, o encontro era absolutamente amistoso e democrático – e esses editores representavam o que de “melhor”, política e humanamente, se poderia encontrar na imprensa. Era um encontro de *soñadores concretos*.³⁵⁰

Realizada no mês de junho, a reunião anual dos diretores das edições internacionais do *Monde Diplomatique* é um dos principais momentos para diálogo e intercâmbio de ideias sobre as experiências das edições nos diferentes países – nem todos os diretores podem comparecer a todos os eventos, por motivos econômicos. Um *rendez-vous* de jornalistas e intelectuais, que administram empresas – mas que, ressalva o jornalista argentino, o estilo não é empresarial. “Discutimos abertamente sobre tudo – e o dinheiro não está acima dessa relação. É um encontro amistoso. Um clima de camaradas”.³⁵¹

Apesar da impressão de horizontalidade, *Le Monde Diplomatique* mantém certa relação hierarquizada com as edições internacionais. Afinal, Paris é a matriz, Buenos Aires e as outras edições são filiais, franquias, subsidiárias. Ao se propor a publicar versões do *Monde Diplomatique* nos seus países, esses jornalistas e intelectuais compactuam com a ideia de que é preciso seguir a linha editorial da revista francesa. Nessa ótica, consideram que não bastaria simplesmente fundar um jornal crítico, independente e internacional “novo”, pois valorizam a marca “tradicional” *Le Monde Diplomatique*. Assim, a fim de absorver esse prestígio, preferem lidar com as requisições (não rígidas, friso, mas presentes) da matriz francesa a iniciar um projeto editorial e político mais “original”.

Nas dinâmicas franco-argentinas, enquanto Carlos Gabetta publicou editoriais focados em questões nacionais e latino-americanas, como voltadas a Cuba e Venezuela, por exemplo, Ignacio Ramonet teve traduzidos editoriais dedicados a questões internacionais de grande angular, com críticas a líderes como Barack Obama (n.º 114), George W. Bush (n.º 66), Nicolas Sarkozy (n.º 100), Silvio Berlusconi (n.º 32) e Vladimir Putin (n.º 37), e a regiões

franceses. Por la noche, cena y casi borracheira con todos esos amigos, la mitad mujeres. Cada uno había dormido su mona como pudo, pero lo cierto es que a la mañana siguiente, fría y algo lluviosa, todo el mundo, como convenido, a las 10 o'clock en la puerta de The Guardian para la primera reunión. Subimos rápidamente y no habíamos acabado de sentarnos – yo al menos – que Esner, uno de los directores de The Guardian a cargo de la edición de El Dipló en inglés, arrancó sin preámbulos: bienvenidos a trabajar. Se mantuvo el largo día casi sin abrir la boca, prestando verdadera atención, a pesar de que era evidente que se le escapaban muchas cosas en francés. Nueva horas de trabajo sin peroratas, diálogos paralelos, chistes o gente que se levanta... Trabajo duro, colectivo, serio y bien hecho” (GABETTA, 2013, p. 193-194).

³⁵⁰ GABETTA, 2013, p. 194-195.

³⁵¹ Carlos Gabetta em entrevista à autora, no dia 11 de setembro de 2012.

mais “distantes” da realidade latino-americana, como Kosovo (n.º 97) e Somália (n.º 92). Também ficaram marcados editoriais simbolizados por capitais e metrópoles, como Caracas (n.º 79), Londres-Bagdá (n.º 74) e Porto Alegre (n.º 19), e por retratos de países fotografados em momentos particulares, como Irã *atômico* (n.º 85), México *fraturado* (n.º 86) e Polônia *paranoica* (n.º 94).³⁵²

*

Além das traduções dos artigos franceses, o *staff* argentino se divide em diversas funções. Fora Gabetta, Carlos Alfieri é o principal veterano na redação de Buenos Aires.

Nascido em 30 de outubro de 1942, em Lanús, Alfieri começou a estudar filosofia na Universidad de Buenos Aires (UBA), mas não concluiu a graduação, pois ainda jovem, aos 25 anos, iniciou sua carreira jornalística. Escreveu para *Radiolandia*, de 1969, um jornalismo próximo à literatura folhetinesca, da Editorial Julio Korn, líder de revistas de espetáculos e entretenimento da época.³⁵³ Alfieri confessa que não lhe interessava intelectualmente o estilo popularesco da revista, mas, dizia, a labuta ajudava a pagar as contas no fim do mês. Também escreveu para a Editorial Abril, instalada na Argentina a partir de 1952, com César Civita e as revistas de Mickey e Donald, com os direitos cedidos por Walt Disney³⁵⁴ – exemplo propício para a crítica midiática para pensar o Pato Donald, de Ariel Dorfman e Armand Mattelart.³⁵⁵

Na retrospectiva de Alfieri, nos anos seguintes seria decisivo seu ingresso no diário *La Opinión*, de Jacobo Timerman, idealizador ainda da revista *Primera Plana* (1962), da revista *Confirmado* (1965) e do diário *El Diálogo* (1969). Timerman, lendariamente lembrado como “ogro das redações” e magnânimo mentor dos jovens cronistas, foi um dos principais renovadores do jornalismo argentino.³⁵⁶

³⁵² Atualmente no *Monde*, a jornalista Flavie Holzinger analisou, entre outras questões, os editoriais de Ignacio Ramonet no *Monde Diplomatique*. Na sua interessante tese de doutorado em geopolítica defendida na Université Paris VIII – Saint-Denis, em 2013, Holzinger também notou essa particularidade na titulação original dos editoriais franceses: a localização geográfica, algo próximo ao léxico diplomático, por exemplo “Davos” (março de 1996), “Porto Alegre” (janeiro de 2001), “Bolívia” (novembro de 2003) e “Turquia” (novembro de 2004). Para Holzinger, esses toponônimos não se limitam a designar um território nacional, pois os textos se referem ao Estado, seu povo, sua política e sua sociedade, com representações sociais, políticas e econômicas. A autora ainda destacou o recurso de exclamações (por exemplo, “Viva Brasil!”, de janeiro de 2003) e interrogações (“Oublier le sud?”, de abril de 1991; “Quelle Europe?”, de junho de 1994; “Où va Israël?”, de agosto de 1998, entre outros) a dar o tom dos títulos jornalísticos (HOLZINGER, 2013, p. 165-166).

³⁵³ ULANOVSKY, 2011, p. 244.

³⁵⁴ ULANOVSKY, 2011, p. 141.

³⁵⁵ DORFMAN, MATTELART, 2001; VARELA, 2010.

³⁵⁶ MOCHKOVSKY, 2013.

Fundado em 4 de maio de 1971, *La Opinión* marcou um momento singular do desenvolvimento do jornalismo argentino, mesclando análise política, crítica cultural, informação e às vezes literatura. Inspirado no francês *Le Monde*, o tabloide não tinha fotografias, só ilustrações e textos, longos, muito longos, assinados por jovens jornalistas do calibre de Tomás Eloy Martínez e Julian Delgado. Ao pensar *La Opinión*, diz a biógrafa Graciela Mochkofsky, Timerman³⁵⁷ pretendia uma publicação moderna, que deveria escrever sobre economia a partir de uma posição ideológica de direita; sobre política a partir do centro; e sobre cultura a partir de uma linha de esquerda – a fórmula não era “original”, diz Mochkofsky, correspondendo a certos elementos de *Le Monde*.³⁵⁸

Ali Alfieri experimentava a ideia de “revolução” presente entre jovens jornalistas, cujo foco de irradiação era a Revolução Cubana. “Todos estávamos contagiados por essa grande utopia revolucionária”, lembrou, no dia 1º de setembro de 2014, num café na nova redação porteña de *El Dipló*, na Calle Paraguay.³⁵⁹

Em 1975, nos primeiros momentos do “terrorismo” da Triple A, Alfieri teve um amigo, *compañero* jornalista, encontrado morto nos campos de Ezeiza – Jorge Money, repórter sequestrado e assassinado. No dia 28 de abril, 16 artistas, escritores e jornalistas receberam ameaças da Triple A – entre eles, Carlos Civita, Mario Benedetti e Tomás Eloy Martínez.³⁶⁰ Para ilustrar a atmosfera da época, até fins de setembro de 1974, destaca a jornalista Gabriela Esquivada, o Centro de Estudios Latinoamericanos contabilizou 132 ataques à imprensa: 25 atentados a bomba a diários e revistas; 15 prisões de jornalistas; 14 fechamentos definitivos de mídias – entre elas, *Noticias*, da guerrilha peronista Montoneros, e *El Mundo*, adquirido pelo PRT; 14 agressões intimidatórias a jornalistas; 10 ameaças a jornalistas assinadas pela Triple A; 9 sequestros de edições de diários, livros e revistas; 7 demissões de jornalistas ordenadas por motivos políticos; 6 apropriações de TVs e editoriais; 5 assassinatos de jornalistas; 5 atentados a bomba a cinemas e teatros; 5 ataques armados a mídias; 4 decretos a limitar gradualmente a liberdade de expressão; 4 ações judiciais contra

³⁵⁷ Uma historietta interessante presente na biografia “não autorizada” escrita por Graciela Mochkofsky, Timerman, *el periodista que quiso ser parte del poder*: a certo ponto, Jacobo Timerman considerou a possibilidade de narrar sua história com uma biografia “talvez autorizada”. Precisaria, porém, da ajuda de um jornalista para escrevê-la. Timerman pediu indicações para o agente literário Guillermo Schavelzon, que lhe indicou Carlos Gabetta, por ser um *periodista cincuentón* que vivera sua época. A Mochkofsky, Gabetta contou o breve encontro com um temperamental Timerman: “Nos encontramos a meia quadra do restaurante onde tínhamos marcado e, acompanhando-me ao seu andar, fiz-lhe a carinhosa pergunta de rigor: ‘Como anda, Jacobo?’ Ele parou e me encarou: ‘Sabe o que respondeu Heráclito quando na sua velhice lhe fizeram a mesma pergunta estúpida?’” (MOCHKOFSKY, 2013, p. 441). No fim, Gabetta nunca foi oficialmente convidado a escrever a biografia de Timerman.

³⁵⁸ MOCHKOFSKY, 2013, p. 103-107.

³⁵⁹ Carlos Alfieri em entrevista à autora, no dia 1º de setembro de 2014.

³⁶⁰ ULANOVSKY, 2011a, p. 61.

jornalistas; 3 recusas de amparos judiciais; 2 boicotes econômicos a diários; 2 invasões; 1 sequestro e tortura de um jornalista; 1 tentativa de sequestro de outro.³⁶¹ Jacobo Timerman, tempos depois, também foi sequestrado por militares, em 1977.³⁶²

Diante desse contexto cinzento, Alfieri decidiu se exilar, passando dez anos num retiro espanhol. Voltou brevemente à Argentina para participar de *El Periodista de Buenos Aires*, mas logo voltou para a Europa, onde passaria outros vinte anos entre Madri e Barcelona – a primeira temporada de exílio, forçado por questões políticas; a segunda, por motivações econômicas. Tornou-se editor da revista espanhola *Interview* e encontrou sua verve no jornalismo cultural. Na Espanha, ainda colaborou com a *Revista de Occidente*, idealizada por José Ortega y Gasset (1883-1955) na década de 1920, e com a *Claves de Razón Práctica*, dirigida por Fernando Savater.

Num dia de 2008, Carlos Gabetta ligou para Alfieri, convidando-o para voltar a Buenos Aires e se unir à redação de *El Dipló*. Autor de *Conversaciones* (Katz Editores, 2008), Alfieri agora é um dos editores da revista, além de coordenador das coleções de livros, de autores argentinos e franceses, publicados pela Capital Intelectual. Assim como a matriz francesa edita a revista bimestral *Manière de voir* e os *Atlas* especiais, a redação argentina edita outras publicações, a fim de engrossar o orçamento, como as coleções *Los libros del Dipló*, o *Anuário* e os *Atlas*.³⁶³

Alfieri considera *El Dipló* um periódico de esquerda, de tendência “progressista muito crítica”. “Penso”, diz, “que o único papel [do intelectual] é ser crítico”.³⁶⁴ Pondera que muitas vezes acadêmicos e literatos têm conhecimento profundo dos assuntos abordados, mas não têm ferramentas e *savoir faire* de edição jornalística para expressar esse conhecimento. Assim, Alfieri vê seu papel na edição e revisão dos textos, tornando-os mais palatáveis ao leitor “leigo” da revista – como diz Gabetta, feito por especialistas e editada por jornalistas.³⁶⁵

³⁶¹ ESQUIVADA, 2010, p. 348-349.

³⁶² Um paralelo interessante, talvez oportuno nesta nota, destaca a mentalidade da época da ditadura argentina. Jacobo Timerman, *publisher* poderoso, fundador de diversas inovadoras publicações no país, foi (surpreendentemente) sequestrado em 1977, acusado de lavar dinheiro dos guerrilheiros Montoneros a partir de seu vínculo com o financista David Graiver (1941-1976). Entretanto, antes de ser preso e torturado, Timerman pensava que só os “culpados”, isto é, os guerrilheiros e seus cúmplices, estavam vulneráveis e eram submetidos aos horrores da tortura. “*Si uno no había hecho ‘nada’, no tenía que temer. Si uno era ‘importante’ y tenía aliados, mucho menos todavía*”, relata Graciela Mochkofsky na biografia não autorizada de Timerman (2013, p. 267). O pensamento corrobora a ideia diametralmente oposta, presente no livro *Todos somos subversivos* de Carlos Gabetta a respeito da arbitrariedade das torturas e prisões perpetradas pelos militares.

³⁶³ Nas coleções de livros, os argentinos traduziram, por exemplo, *La explosión del periodismo*, de Ignacio Ramonet, *Escritos libertarios*, de Noam Chomsky, e *Revoluciones que cambiaron la historia*, de Benoît Bréville e Dominique Vidal.

³⁶⁴ Carlos Alfieri em entrevista à autora, no dia 12 de setembro de 2012.

³⁶⁵ Carlos Gabetta em entrevista à autora, no dia 11 de setembro de 2011.

Ao lado de Alfieri, outros jornalistas, mais jovens, contribuem nesse processo de edição: Creusa Muñoz, Luciana Garbarino, Luciana Rabinovich e Pablo Stancanelli. Em linhas gerais, todos dizem se identificar com a linha editorial de *El Dipló*. Na rotina redacional, extraoficialmente, Alfieri se centra mais em questões culturais; Stancanelli, políticas; e Muñoz, internacionais.

Gabetta investiu em jovens talentos, rejuvenescendo a redação argentina. Além da diferença geracional, apostou em recém-formados de outros repertórios e itinerários além do jornalismo. Creusa Muñoz nasceu em 1978, estudou relações internacionais na Universidad Nacional de Rosario e, no último semestre da universidade, viajou a Buenos Aires para conversar com Carlos Gabetta. Diante da proposta de estágio, arriscou: tornou-se depois redatora júnior e redatora sênior; agora coordena as tarefas da redação, distribuindo as notas e matérias entre os outros editores. Luciana Garbarino nasceu em 1986, estudou jornalismo na UBA e em 2011, logo após a graduação, foi incorporada à equipe – diferentemente de seus companheiros, porém, não era leitora assídua de *Le Monde Diplomatique*, revista que conheceu graças a seu pai.

Filha de argentinos, mas nascida no Rio em 1984, Luciana Rabinovich, por sua vez, estudou letras na UBA e se pós-graduou em relações internacionais na Universidad Torcuato di Tella. Também iniciou como estagiária e coordenou a edição eletrônica de *El Dipló*, até pedir demissão, em setembro de 2014, para se dedicar a um mestrado no Brasil. Rabinovich vê uma interessante diferença de abordagens: na sua leitura, os franceses abordariam mais questões e revisões “históricas”, enquanto os argentinos pensariam mais as “atualidades” argentina e latino-americana.³⁶⁶

Filho de diplomatas, Pablo Stancanelli, por fim, nasceu em Lima, em 1975, viveu na Argentina, na Itália e na Suíça, onde leu *Le Monde Diplomatique* pela primeira vez. Iniciou os estudos de filosofia na UBA, mas ainda não concluiu o curso. Viu que a revista iria se instalar em Buenos Aires em 1999 e, conversando com um “amigo fanático” por Pierre Bourdieu, decidiu encaminhar seu currículo para a vaga de estagiário. Passou por todas as funções da redação: estagiário, redator, editor.

Talvez sinal geracional, a presença feminina mais forte na redação argentina contrasta com a mais tímida no bureau francês. Enquanto o staff argentino conta com certo equilíbrio entre 3 jornalistas homens (entre eles, 2 veteranos) e 3 jornalistas mulheres, o francês contava com 8 jornalistas homens e 2 jornalistas mulheres por volta de 2006 – o que sinaliza a difícil

³⁶⁶ Luciana Rabinovich em entrevista à autora, no dia 11 de setembro de 2012.

feminilização da revista.³⁶⁷ Ao analisar o quadro francês, Nicolas Harvey notou que enquanto importante parte da redação, num marco geracional pré-1968, talvez não tivesse sensibilidade à causa feminista, certos jornalistas se declararam feministas de *première heure*. Velado, o conflito se manifestou, por exemplo, na década de 1990, quando três mulheres trabalharam sucessivamente por um breve período na redação francesa: a integração fracassara, pois além de ouvirem conversações machistas, elas alegaram ser consideradas *simples secrétaires*. Uma declarou se sentir como uma “máquina de escrever”. Outra jornalista afirmou que enquanto “alguns [*antigos colegas*] detestam as mulheres, outros as amam demais”.³⁶⁸

Outro ponto interessante é a especialização, presente tanto na equipe francesa quanto na equipe argentina. Enquanto os franceses, como dissera Anne-Cécile Robert, são todos diplomados e doutores³⁶⁹, os argentinos também investem na formação acadêmica, ainda que iniciante, como os mestrados de Creusa Muñoz e Luciana Rabinovich. Buscar se aprimorar intelectualmente, aliando o universo jornalístico e a arena acadêmica não é, diga-se de passagem, tão usual nas redações quanto se possa imaginar.

Entre as referências teóricas e inspirações intelectuais, os jornalistas destacam um heterogêneo leque de autores. Muñoz, por exemplo, cita Samuel Huntington, Robert Keohane e Joseph Nye “no mundo”, e Juan Gabriel Tokatlian, Roberto Russell e Rut Diamint entre os argentinos.³⁷⁰ Garbarino cita Antonio Gramsci, Eric Hobsbawm, Marx, Martí, Michel Foucault e Pierre Bourdieu, além de teóricos do discurso, como Eliseo Verón e Ernesto Laclau.³⁷¹ Rabinovich, por sua vez, se refere a autores “clássicos” como Bourdieu, Foucault, Hobsbawm, Marx, Negri e Said – entre argentinos “mais contemporâneos”, Oscar Terán e Beatriz Sarlo; entre jornalistas, Alfredo Zaiat e Juan Forn.³⁷²

O diferencial no segmento geracional anterior, de Carlos Gabetta e Carlos Alfieri, é a experiência com diversas outras publicações e um passado marcado pela proximidade com a militância política – para Gabetta no ERP e para Alfieri na redação de *La Opinión*. Assim como Alfieri, Stancanelli iniciou seus estudos universitários em filosofia, mas à época de nosso encontro, no movimentado e musical café La Esquina, a poucos metros da redação de

³⁶⁷ Para Nicolas Harvey, porém, não se trata de uma dificuldade isolada no *Monde Diplomatique*, mas infelizmente uma realidade enfrentada na imprensa francesa e no mercado de trabalho francês. Cf. HARVEY, 2011, p. 327-330.

³⁶⁸ Traduzido do original: “‘*Ils me regardent comme si j’étais une machine à écrire*’. Une autre ancienne journaliste affirmait que ‘certains [*anciens collègues*] détestent les femmes, d’autres les aiment trop’” (HARVEY, 2011, p. 330).

³⁶⁹ Anne-Cécile Robert em entrevista à autora, no dia 14 de outubro de 2014.

³⁷⁰ Creusa Muñoz em entrevista à autora, no dia 11 de setembro de 2012.

³⁷¹ Luciana Garbarino em entrevista à autora, no dia 11 de setembro de 2012.

³⁷² Luciana Rabinovich em entrevista à autora, no dia 11 de setembro de 2012.

Le Monde Diplomatique na Calle Paraguay, tampouco tinha concluído o bacharelado. Assim como o veterano, o jovem editor passou a priorizar o ofício jornalístico, dedicando menos tempo para a filosofia.

A questão geracional é interessante, pois mostra como os jovens bacharéis formaram sua própria visão de jornalismo, o que é flagrante, por exemplo, na frase de Stancanelli: “Minha visão do jornalismo é basicamente a do *Monde Diplomatique*”.³⁷³ Stancanelli critica a imprensa argentina, a seu ver, “quase *farándula*”, isto é, simples entretenimento, espetáculo, showbiz. Na sua leitura, *El Dipló* ofereceria outro olhar. “Dizia o primeiro editorial de Ignacio Ramonet na Argentina: buscar informação requer esforço. Não basta a leitura dinâmica dos diários, os dez minutos de TV à noite. Estar informado quer dizer buscar fontes, opinar, participar das discussões. Um jornalismo *intelectual*.”³⁷⁴

O editor indica, entretanto, uma diferença importante na dinâmica no eixo Paris – Buenos Aires: assim como as demais edições internacionais, a edição argentina não tem a estrutura empresarial do *Monde Diplomatique* francês – a estrutura tripartida, a escolha do diretor e os recursos financeiros, entre outros. Além disso, *Le Monde Diplomatique* conta 60 anos na França, consolidando prestígio e uma gama de colaboradores internacionais, já *El Dipló* conta apenas 15 anos na Argentina, e ainda lhe falta investimento, por exemplo, para reportagens especiais latino-americanas.

No paralelo, a admiração ao *Monde Diplomatique* francês não é tímida entre os veteranos. “*Le Monde Diplomatique* é um dos periódicos mais prestigiados do mundo”, diz Alfieri, na casa dos 70 anos: “Eu era um leitor. Quando vivi na Espanha, lia *Le Monde Diplomatique* da França. Era um leitor aficionado”.³⁷⁵ Entrelaçando passado, presente e futuro, o jornalista admirava *Le Monde Diplomatique*, gosta e orgulha-se de escrever n’*El Dipló* e espera continuar ali.

*

Em novembro de 2010, Carlos Gabetta traçou uma linha paralela entre as agitações sociais na França, tendo como fio condutor a crise financeira, e o imperativo de repensar a política na Argentina. No editorial “*París/Buenos Aires*”, dizia o editor que a resposta “fácil” diante das diversas manifestações de insatisfação popular francesas seria: “Se as coisas estão

³⁷³ Pablo Stancanelli em entrevista à autora, no dia 12 de setembro de 2012.

³⁷⁴ Pablo Stancanelli em entrevista à autora, no dia 12 de setembro de 2012, grifo meu.

³⁷⁵ Carlos Alfieri em entrevista à autora, no dia 1º de setembro de 2014.

tão mal que até na França acontecem enfrentamento desse calibre, por que a Argentina deveria ser uma exceção?”³⁷⁶ A resposta mais fértil, mas mais difícil, assinalou, implicaria analisar a realidade argentina, pois o que importaria, diante das crises, é o estado das ferramentas institucionais de um país. Outras sociedades, como a francesa, talvez pudessem enfrentar a crise melhor e propor alternativas, mas não a argentina peronista, pois amarrada num *estéril enfrentamiento de siempre*. Para Gabetta, pois, a menos que um governo, pressionado por sua sociedade – o que valeria tanto para a França quanto para a Argentina – se atreva a mudar radicalmente os rumos, a crise financeira internacional poderia acabar com as democracias e a paz mundial – a menos que antes acabe com o capitalismo.³⁷⁷

Discussões desse estilo serão abordadas nas próximas páginas, segmentadas em três vertentes, vale dizer, inevitavelmente entrelaçadas: questões econômicas, questões políticas e questões midiáticas.³⁷⁸ Nas questões econômicas, a linha-mestra é a crítica antineoliberal diante das crises financeiras, especialmente a argentina de 2000 e a internacional de 2008, que, no entanto, não se esgotam nos meandros das especulações mirabolantes do mercado e nas repercussões na economia real: invadem, afinal, os campos da política. No âmbito político se destaca a discussão sobre alternativas, principalmente com o altermundialismo. Logo, nas questões políticas, por sua vez, o fio condutor será o tom antiimperialista de *Le Monde Diplomatique*, que se traduz nas páginas d'*El Dipló*.³⁷⁹ Nas questões midiáticas, por fim, volta-se à crítica sobre a imprensa internacional e assim, lateralmente, às propostas editoriais e políticas da revista, tanto em sua matriz francesa quanto em sua filial argentina.

(Um parêntesis preciso: peço, previamente, desculpas pela avalanche de citações neste capítulo, entre trechos destacados de artigos e declarações dos intelectuais argentinos e franceses. Justifico-os, porém, pois seu escopo é justamente introduzir e ilustrar as posições do *Monde Diplomatique* a respeito de diversas questões. E justifico certas citações maiores neste e noutros capítulos por motivos tanto literários quanto ideológicos – certas aspas, no jargão jornalístico, merecem maior destaque, pois, muito mais que quaisquer paráfrases, a versão original pode enfatizar o tom literário ou o teor ideológico de quem o expressa).

Destrinchar *El Dipló* implica observar, por um lado, as posições francesas firmadas na revista argentina – aliás, impressas por Paris e literalmente traduzidas na revista argentina.

³⁷⁶ Traduzido do original: “*Si las cosas están tan mal que hasta en Francia se producen enfrentamientos de ese calibre, ¿por qué Argentina debería ser la excepción?*” (GABETTA, novembro de 2010, p. 2).

³⁷⁷ GABETTA, novembro de 2010, p. 2.

³⁷⁸ Alicerces analíticos semelhantes, segmentados em questões econômicas, questões políticas e questões midiáticas, foram utilizados para a análise anterior, referente à minha dissertação de mestrado, que se dedicou à análise do *Le Monde Diplomatique Brasil* (SAYURI, 2011).

³⁷⁹ Questões de política nacional mais específicas, como as relações entre a história argentina e a herança peronista serão abordadas no capítulo 4: *Encontros e desencontros*.

Mas, por outro, observar os passos próprios, os ideais e os interesses da edição latino-americana, nos editoriais de Carlos Gabetta e nos artigos assinados por intelectuais convidados por Buenos Aires.

3.3 QUESTÕES ECONÔMICAS

Diversos artigos marcaram as páginas d'*El Dipló*, desde fins de 1999, sobre a crise financeira que assolou a economia argentina durante a década de 1990 e o início da década de 2000, e sobre as convulsões políticas após o fim dos tempos de Carlos Menem (1989-1999) e com os instáveis presidentes Fernando de la Rúa (1999-2001), Ramón Puerta (2001), Adolfo Rodríguez Saá (2001), Eduardo Camaño (2001-2002) e Eduardo Alberto Duhalde (2002-2003), até a ascensão de Néstor Kirchner (2003-2007).

Na década de 1990, diante da hiperinflação, o ministro Domingo Cavallo lançou o projeto de conversibilidade para zerar a inflação: um peso passou a valer um dólar. No dizer de Carlos Gabetta, “nada ilustra melhor a continuidade ideológica e de interesses que uniu o processo de destruição do Estado, da indústria nacional e da entrega de empresas e recursos ao exterior, iniciada na ditadura militar em 1976, que a inevitável presença do economista Domingo Cavallo, alto funcionário da ditadura e ministro dos governos de Menem e De La Rúa”.³⁸⁰

Após a conversibilidade, a Argentina voltou a crescer, mas ao custo de uma imensa e impagável dívida externa. Ou ao custo, na análise dos economistas Alfredo e Eric Calcagno, de um modelo de país, encurralado num dilema entre a dependência dos volúveis capitais externos e a independência, a soberania nacional.³⁸¹ Após meses agravando a crise, o governo argentino declarou moratória de sua dívida em dezembro de 2001, quando a instabilidade econômica e política levou cinco presidentes à Casa Rosada no intervalo de 12 dias.

Tempos antes, em setembro de 1999, na terceira edição d'*El Dipló*, o cientista político e historiador belga Eric Toussaint abordava o círculo “infernado” da dívida e a campanha Jubileu 2000, que exigia a revogação imediata da dívida impagável dos países mais pobres.

³⁸⁰ Traduzido do original: “Nada ilustra mejor la continuidad ideológica y de intereses que unió el proceso de destrucción del Estado, de la industria nacional y de entrega de las empresas y recursos al extranjero iniciada en 1976 por la dictadura militar, que la infaltable presencia del economista Domingo Cavallo, alto funcionario de la dictadura y ministro de Economía de los gobiernos de Menem y De la Rúa” (GABETTA, agosto de 2008, p. 3).

³⁸¹ CALCAGNO, CALCAGNO, fevereiro de 2000, p. 1.

Desde 1997, lembrava o autor, os países do Terceiro Mundo e do Leste Europeu se tornaram vítimas de uma nova crise, por três razões: a queda de suas exportações, a diminuição dos fluxos de capital e o aumento das taxas de juros.

Além dessa tríade, um agravante: os ricos investidores pausaram suas apostas nos países emergentes à época (latino-americanos como Argentina, Brasil e Chile, e sudeste asiático) – entre 1997 e 1999, os fluxos financeiros aos países periféricos caíram 47%. Diante da impossibilidade de quitar as dívidas, os países passaram a acumular déficits sociais, com aumento do desemprego, degradação dos serviços públicos, desregulação das relações trabalhistas, aumento da miséria e das violações de direitos humanos. Para Toussaint, negar-se a anular a dívida externa e aceitar a imposição de políticas de ajuste equivalia a abandonar os povos ao perigo, à própria sorte, criticou o historiador.³⁸²

Em julho de 2000, Carlos Gabetta caracterizava a gravidade da crise argentina como risco à dissolução nacional. Para os argentinos, não era mais uma questão de desemprego ininterrupto e miséria, de retrocesso profundo nas ciências e tecnologia, de declínio universitário, de corrupção institucional e política, de *marasmo provincial* ou quaisquer índices socioeconômicos que moldavam a grave crise. Era a iminência de um quadro definitivo: a dissolução nacional, um *destino colonial* de um Estado encurralado, engessado, claramente incapaz de tomar decisões econômicas e financeiras sem a tutela das instituições internacionais: um *callejón sin salida*.³⁸³

No paralelo às notícias “quentes” da época, com estatísticas e números sobre capitais, consumo e desemprego na ordem do dia, *El Dipló* pautou suas críticas a partir de análises sobre o modelo econômico *per se*. Assim, a dívida externa concretizaria um projeto político que direcionava o país ao encolhimento do Estado e à desregulação, um modelo herdado da ditadura militar na década de 1970, que culmina na década de 1990 – a dívida “velha” pulou de 7.875 milhões de dólares em 1975 a 45.087 milhões em 1983; a dívida “nova” saltou de 58.588 milhões de dólares em 1991 a 144.657 milhões em 1995.³⁸⁴ Um modelo, para os economistas Alfredo e Eric Calcagno, no qual a vertiginosa dívida atuou como locomotiva do expresso neoliberal. O xis da questão, portanto, não estaria apenas na economia, mas na política. Assim, seria “perfeitamente ilusório”, na crítica dos autores, buscar uma saída com

³⁸² TOUSSAINT, setembro de 1999.

³⁸³ GABETTA, julho de 2000, p. 1.

³⁸⁴ CALCAGNO, CALCAGNO, junho de 2000, p. 4-5.

os beneficiários do modelo. No bojo da dívida externa e da dolarização estaria uma lógica política, explícita ou implícita.³⁸⁵

Os Calcagno argumentam que as alternativas ao neoliberalismo existem, mas não são milagrosas. Questionam mais uma vez um modelo de país para a Argentina, a partir de considerações éticas, morais e políticas, depois econômicas, isto é, oposto à ordem neoliberal, que prima a economia, impondo o mercado como horizonte da ética, da moral e da política.³⁸⁶ Logo as alternativas existem, mas precisam ser pensadas a partir de uma mudança de paradigma: sair do modelo que vampirizou o Estado³⁸⁷ e transformou o país num cassino³⁸⁸, num palco de tragédia grega protagonizado pelo *establishment* financeiro.³⁸⁹ Na época, ironizaram os economistas, a imprensa internacional dedicava artigos de tom de epitáfios à Argentina.³⁹⁰

Os Calcagno escreveram diversos artigos para *El Dipló*. Nascido em La Plata, em 1967, o sociólogo Eric Calcagno y Maillmann faz parte de uma família com fortes laços com os âmbitos acadêmicos e diplomáticos e com a França. Alfredo Domingo Calcagno (1891-1962), seu avô, foi reitor da Universidad Nacional de La Plata e embaixador argentino da Unesco em Paris, nos tempos do presidente Arturo Frondizi. Alfredo Eric Calcagno, seu pai, formado no Institut d'Études Politiques de Paris, atuou por muito tempo na comissão econômica para América Latina e Caribe nas Nações Unidas. Eric Calcagno, por sua vez, se graduou na Sorbonne, foi diretor do Centro de Estudios del Pensamiento Económico Nacional na Universidad de Buenos Aires – e foi embaixador argentino em Paris entre 2005 e 2007, e senador da Frente para la Victoria em Buenos Aires entre 2007 e 2011, no governo da presidente Cristina Kirchner; desde 2012, leciona na Universidad Nacional de Avellaneda.

Críticos do modelo neoliberal, Alfredo e Eric Calcagno publicaram diversos livros juntos, como *Una Argentina posible* (2006) e *El universo neoliberal* (1995). Diante da crise argentina, versaram suas críticas ao próprio modelo, “retrógrado” e “troglodita”, nas suas perspectivas, cujo principal obstáculo para o desenvolvimento seria o sistema de renda imposto desde 1975 que, na dimensão política, visa a intangibilidade de seu estilo de acumulação econômica centrado no setor financeiro. Na política, isso se traduziria em diversas pressões, do financiamento de campanhas a golpes de mercado, passando por subornos. Ali convergem duas dimensões críticas: nos elos externos, a dívida e a moratória

³⁸⁵ CALCAGNO, CALCAGNO, junho de 2000, p. 4-5.

³⁸⁶ CALCAGNO, CALCAGNO, julho de 2000, p. 6-7.

³⁸⁷ CALCAGNO, CALCAGNO, janeiro de 2001, p. 9.

³⁸⁸ CALCAGNO, CALCAGNO, março de 2001, p. 6.

³⁸⁹ CALCAGNO, CALCAGNO, junho de 2001, p. 6.

³⁹⁰ CALCAGNO, CALCAGNO, novembro de 2001, p. 4-5.

proposta pelos norte-americanos; nos elos internos, a fragilidade política argentina, inexpressiva e ineficaz.³⁹¹

Para Gabetta, o caos econômico pôs em xeque a legitimidade e a soberania nacional, um xeque à própria República.³⁹² Na sua leitura, a crise argentina amalgamava matérias-primas explosivas: um modelo econômico neoliberal, uma liderança política corrupta e uma sociedade angustiada, que logo passaria a dar sinais de revolta massiva. Além da bancarrota, o editor via a explosão do caos social e da crise institucional no país.

Certa vez, a crise argentina, aliás, foi o exemplo fortuito para Pierre Rosanvallon, fazendo eco às teses keynesianas, ilustrar sua ideia de que a compreensão da sociedade não pode se limitar à economia ou à cultura, mas passa pelo político. “Tomando um exemplo mais próximo de nós”, escreveu o historiador, por volta de 2003, “pode-se dizer que a atual crise atravessada pela Argentina não pode ser interpretada simplesmente a partir dos fatores econômicos e financeiros que são sua causa imediata. Ela só adquire sentido quando situada na longa história de um declínio ligado à dificuldade recorrente de fundar a nação no reconhecimento de obrigações compartilhadas”.³⁹³

Ainda Gabetta interpreta a crise financeira como reflexo de uma crise política num país “mafioso”. Em agosto de 2001, o editor escreveu: “A crise do modelo neoliberal e sua democracia cativa conduz agora a uma bifurcação de dois caminhos: de um lado, o totalitarismo ou a anarquia, o país definitivamente dependente e cada vez mais atrasado; de outro, uma democracia dinâmica, uma República autônoma e igualitária”.³⁹⁴ Era, na sua escrita entusiasta, a hora da sociedade civil, mobilizada, nos bairros nos grêmios estudantis e políticos, nas universidades e nas ruas.³⁹⁵

Em dezembro de 2001, a sociedade argentina gritou “basta!” com *cacerolas*. Diante da magnitude das manifestações engatilhadas a partir de 19/12, *El Dipló* precisou imprimir duas edições em janeiro de 2002 – a primeira, na gráfica no dia 27/12, mancheteou que a sociedade passava a puxar o freio da crise; a segunda, excepcionalmente finalizada a 2/1, atualizou a edição, sublinhando que a sociedade começou a se mobilizar mais fortemente por uma mudança profunda.³⁹⁶ Gabetta narra:

³⁹¹ CALCAGNO, CALCAGNO, outubro de 2001, p. 20.

³⁹² GABETTA, abril de 2001, p. 3.

³⁹³ ROSANVALLON, 2003, p. 73.

³⁹⁴ Traduzido do original: “*La crisis del modelo neoliberal y su democracia cautiva conduce ahora a una bifurcación de caminos: de un lado el totalitarismo o la anarquía, el país definitivamente dependiente y cada vez más atrasado; del otro, una democracia dinámica, una República autónoma e igualitaria*” (GABETTA, agosto de 2001, p. 3).

³⁹⁵ GABETTA, agosto de 2001, p. 3.

³⁹⁶ GABETTA, janeiro de 2002, p. 3.

A Argentina finalmente explodiu. A mansidão de uma sociedade com um histórico de lutas e alto nível de organização política, sindical e corporativa, estava ficando assombrosa. Por muito menos que uma taxa de 20% de desempregados, 14 milhões vivendo abaixo da linha da pobreza e uma perda de poder aquisitivo de cerca de 50% nos últimos cinco anos, os argentinos costumavam virar o país de cabeça para baixo. No entanto, até esse dia histórico em que dezenas de milhares de cidadãos saíram às ruas espontaneamente para dizer “basta”, parecia que a sociedade estava atordoada, incapaz de expressar seu descontentamento diante de uma situação insustentável. Mas na quarta-feira, 19 de dezembro, os argentinos recuperaram seu instinto vital. [...] A revolta começou onde deveria começar: milhares de desesperados, na sua esmagadora maioria trabalhadores desempregados há anos e privados de todos os benefícios econômicos e sociais, avançaram nos supermercados para procurar comida. E continuou onde era lógico continuar: depois de um discurso absurdo do impassível ex-presidente Fernando de la Rúa, a classe média empobrecida iniciou um “*cacerolazo*” em todos os bairros de quase todas as cidades do país e, depois, tão espontaneamente como todo o resto, saiu à rua e se dirigiu à Plaza de Mayo, em Buenos Aires, ou às sedes da mais alta autoridade em outras cidades.³⁹⁷

O grito ecoou além-mar. No dia 24 de dezembro de 2001, a Attac-France emitiu uma nota oficial, expressando solidariedade com os manifestantes argentinos, que seriam vítimas das políticas “criminais” perpetradas na ditadura militar e nas sucessivas presidências civis, seguindo ao pé da letra as exigências do consenso de Washington tuteladas pelo FMI.³⁹⁸

Para Gabetta, era preciso olhar a crise argentina sob o prisma da oportunidade – entre o “abismo” e a “alternativa”, como mostraram as “lições” da história, como as revoluções, as lutas independentistas latino-americanas, o New Deal americano e a IV República francesa, que certamente encontrariam conflitos internos e “traições”, mas que indicaram alternativas, salvo dimensões e distâncias diferentes, apoiadas por suas sociedades.³⁹⁹

³⁹⁷ Traduzido do original: “*Finalmente Argentina estalló. La mansedumbre de una sociedad con un nutrido historial de luchas y alto nivel de organización política, sindical y corporativa, iba resultando asombrosa. Por muchísimo menos que una tasa del 20% de desocupados, 14 millones de personas viviendo por debajo de los umbrales de pobreza y una pérdida de poder adquisitivo cercana al 50% en los últimos cinco años, los argentinos solían poner el país patas arriba. Sin embargo, hasta ese día histórico en el que decenas de miles de ciudadanos salieron a las calles espontáneamente a decir basta, parecía que la sociedad se encontraba aturdida, impotente para manifestar su descontento ante una situación insostenible. Pero el miércoles 19 de diciembre los argentinos recuperaron su instinto vital. [...] La sublevación empezó por donde tenía que empezar: miles de desesperados, en su abrumadora mayoría trabajadores en paro desde hace años y desprovistos de toda cobertura económica y social, se abalanzaron sobre los supermercados para procurarse comida. Y siguió por donde era lógico que siguiera: después de un absurdo discurso del estólido ex presidente Fernando de la Rúa, la empobrecida clase media inició un “cacerolazo” en todos los barrios de casi todas las ciudades del país y luego, tan espontáneamente como todo lo demás, salió a la calle y se dirigió a la Plaza de Mayo en Buenos Aires, o a las sedes de la máxima autoridad en otras ciudades*” (GABETTA, janeiro de 2002, p. 2-3).

³⁹⁸ ATTAC-FRANCE, janeiro de 2002, p. 7.

³⁹⁹ GABETTA, agosto de 2004, p. 2.

O elogio às possibilidades engendradas pela sociedade civil, buscando alternativas ao neoliberalismo, marcou tanto *Le Monde Diplomatique* quanto *El Dipló*, tanto Ignacio Ramonet quanto Carlos Gabetta. Uma crítica ao neoliberalismo, escreveu o editor argentino, sistema confiante após a implosão soviética e a capitulação socialdemocrata, orgulhoso de sua preeminência ideológica e midiática nas sucessivas crises financeiras internacionais – México e Rússia à época.⁴⁰⁰ Girando a sorte na rodada do milênio da OMC, em dezembro de 1999, milhares de manifestantes, entre trabalhadores, intelectuais e ativistas se reuniram para protestar em Seattle, que firmou, nas letras de Gabetta, uma *social resistência planetária*, com diversas organizações sociais de distintas correntes culturais, políticas, religiosas, líderes camponeses, ecologistas, sindicais, artistas e intelectuais. O editor esperava que tal *social resistência* se estendesse o bastante para convencer ou derrubar políticos “patéticos” e burocratas, “covardes” cívicos penhorando o presente e o futuro de suas nações. Uma expectativa otimista, ressalvo, insuflada por intelectuais e militantes, que não se concretizou...

Ramonet escreve nas mesmas linhas. Via, no limiar do novo milênio, a resistência ilustrada nas mobilizações de Seattle. Na sua interpretação, na dinâmica capitalista, a globalização alcançara os últimos rincões do planeta, atropelando a independência dos povos e a diversidade política. Era, para o sociólogo, uma nova era de “conquista”, como na época dos descobrimentos e das colonizações.

Os conquistadores? Poderosos conglomerados e multinacionais, na tríade Estados Unidos, Europa e Japão. À diferença, porém, dos colonizadores, esses novos conquistadores não se importariam com territórios, mas com mercados – capitais, mercantilizando as palavras e as coisas, os corpos e os espíritos.⁴⁰¹ Diante disso, os cidadãos multiplicariam as mobilizações contra os novos poderes, convencidos de que é preciso se opor à globalização tal. Depois de Seattle, Praga e Gênova, os olhos se virariam para Porto Alegre – onde se reuniram *nuevos soñadores*, não só como protesto contra as injustiças e as desigualdades provocadas pelo neoliberalismo, mas para tentar, com espírito construtivo e positivo, propor um marco teórico para uma outra globalização – um outro mundo possível, mais humano e mais solidário.⁴⁰²

Assim, para *Le Monde Diplomatique* e para *El Dipló*, a resposta para as crises financeiras estaria na sociedade civil e nos movimentos sociais. Em tom bravo, irritado, Gabetta questiona: quem disse que era preciso regular o capitalismo? *¿Le Monde*

⁴⁰⁰ GABETTA, dezembro de 1999, p. 3.

⁴⁰¹ RAMONET, dezembro de 1999, p. 40.

⁴⁰² RAMONET, janeiro de 2001, p. 40.

diplomatie? Sí, señor. Irritado, pois há tempos defendia a regulação dos mercados, mas a ideia nunca repercutiu como pretendia. Diante do agravamento da crise argentina, a imprensa internacional passou a defender o mesmo argumento d’*El Dipló* – uma imprensa, lembrou o editor, que por décadas fez elogios à globalização neoliberal e ao “fim da história”.⁴⁰³

Apesar de sublinhar, mais uma vez, um promissor movimento mundial de resistência, de Seattle a Gênova, de Viena a Lima, de Seul a Buenos Aires, convergentes na busca de propostas alternativas, Gabetta indicava limites. A virtude: “O às vezes caótico arco de proposições políticas, ecológicas, de gênero etc. reconhece um único fio condutor, que une esses grupos em filigrana: a democracia, a horizontalidade, a participação”.⁴⁰⁴ O vício: “As dificuldades para articular tantas diferenças num programa comum, uma falha que em certos países e circunstâncias poderia levar os setores realmente necessitados a se dividir, pendendo à direita”.⁴⁰⁵

Abriu-se um novo momento: durou duas décadas o desconcerto com o colapso da URSS e, assim, o capitalismo voltou a seus impulsos primitivos, mostrando as garras logo após a queda do muro de Berlim, devorando, ilustra Gabetta, impiedosamente tudo que se move, como no filme *Yellow Submarine*, dos Beatles – e devorando a si mesmo.⁴⁰⁶

Em novembro de 2007, ainda no longo prelúdio da crise financeira internacional, a voracidade do capitalismo voltou à baila nas páginas d’*El Dipló*. Para Ramonet, o capitalismo nesse momento subvertia sua própria lógica, convertendo suas mínimas regras em *nenhuma* regra. Novos atores, como os *private equities*, com titãs famintos como Blackstone Group, Carlyle Group, Colony Capital, Eurazeo e KKR, entre outros. No voraz apetite nas especulações, o editor fisga a gula:

⁴⁰³ GABETTA, agosto de 2002, p. 3.

⁴⁰⁴ Traduzido do original: “*El por momentos caótico arco de proposiciones políticas, ecológicas, de género, etc. reconoce un único hilo conductor, que une en filigrana a esos grupos: la democracia, la horizontalidad, la participación*” (GABETTA, agosto de 2002, p. 3).

⁴⁰⁵ Traduzido do original: “*Las dificultades para articular tantas diferencias en un programa común, una falencia que en ciertos países y circunstancias podría acabar conduciendo a los sectores realmente necesitados a apartarse hacia la derecha*” (GABETTA, agosto de 2002, p. 3).

⁴⁰⁶ GABETTA, agosto de 2002, p. 3.

Enquanto que o discurso crítico contra o horror econômico – que um dia foi chamado de altermundialista – se embaralha e se torna rapidamente inaudível, um novo capitalismo se instala, ainda mais brutal e conquistador. É o de uma nova categoria de fundos-abutres, os *private equities*, fundos de investimento rapineiros com apetite de ogro, que dispõem de capitais colossais. [...] O fenômeno desses fundos rapineiros surgiu há quinze anos, mas estimulado por créditos baratos e a favor da criação de instrumentos financeiros cada vez mais sofisticados, ganhou nos últimos tempos uma dimensão preocupante. O princípio é simples: um clube de investidores milionários decide comprar empresas que imediatamente eles administram de maneira privada, longe da Bolsa e de suas regras estorvantes, e sem ter de prestar contas a acionistas exigentes. A ideia é contornar os próprios princípios da ética do capitalismo, apostando somente na lei da selva. [...] Alguns pensavam que, com a globalização, o capitalismo finalmente estava saciado. Agora se vê que sua voracidade parece ilimitada. Até quando?⁴⁰⁷

À época, antes mesmo dos agravantes içarem a crise financeira mundial a níveis tão turbulentos a ponto de serem inegáveis, o economista francês Frédéric Lordon resgatou um histórico das crises econômicas contemporâneas: 1978, a quebra do mercado de ações; 1990, a quebra dos *junk bonds* e a crise das financeiras de poupanças e empréstimos norte-americanos; 1994, a quebra dos titulares de *debéntures* americanos; 1997, a fase asiática da crise financeira internacional, arrastando-se por Tailândia, Hong Kong e Coreia; 1998, a segunda fase, passando por Rússia e Brasil; 2001 a 2003, o estouro da bolha da Internet. E 2007, por fim, a crise americana a simbolizar o auge ideal dos desdobramentos fatais da especulação liberada. O eterno retorno? A ideia ilusória de que, a cada crise, o sistema capitalista se autocorrigue, se autorregula, se autorregenera *ad eternum*. A crise americana, apostava o autor, estava só começando, mas, como a globalização globaliza o mercado e sua “estupidez financeira”, não ficaria limitada aos Estados Unidos.⁴⁰⁸

O *crack* viria em 2008, tão ou mais grave que 1929. Se tudo começou com o estouro da bolha da internet em 2001, quando os investimentos migraram num ritmo insano ao mercado imobiliário e o sistema de *subprimes*, o Federal Reserve aumentou as taxas de juros

⁴⁰⁷ Traduzido do original: “*Al tiempo que el discurso crítico contra el horror económico -llamado en otro tiempo altermundialista- se hace confuso y se vuelve repentinamente inaudible, se instala un nuevo capitalismo, todavía más brutal y conquistador. Es el de una nueva categoría de fondos buitres, los private equities, fondos de inversión rapaces con apetito de ogro, que disponen de capitales colosales. [...] El fenómeno de estos fondos rapaces surgió hace quince años, pero estimulado por créditos baratos y a favor de la creación de instrumentos financieros cada vez más sofisticados, cobró en los últimos tiempos una dimensión preocupante. El principio es simple: un club de inversores afortunados decide comprar empresas a las que inmediatamente después administra de manera privada, lejos de la Bolsa y sus normas coactivas, y sin tener que rendir cuentas a accionistas puntillosos. La idea es eludir los principios éticos del propio capitalismo, apostando exclusivamente a las leyes de la jungla. [...] Había quienes creían que con la globalización el capitalismo se daría finalmente por satisfecho. Ahora vemos que su voracidad parece sin límites. ¿Hasta cuándo?*” (RAMONET, novembro de 2007, p. 40).

⁴⁰⁸ LORDON, setembro de 2007.

em 2005, detonou a máquina e desencatilhou um efeito dominó que, desde agosto de 2007, fez tremer o sistema internacional – Merrill Lynch, Northern Rock, Société Générale tiveram perdas colossais⁴⁰⁹ e arrastaram as agências de *ratings* Standard&Poors, Moody’s, Fitch, entre outras. O colapso do Lehman Brothers, de setembro de 2008, foi a primeira peça a cair nesse imenso dominó econômico mundial.

Nas páginas d’*El Dipló*, Ignacio Ramonet arriscou que o *crash* marcaria a crise do século, um fim de era para o capitalismo – e nada voltaria a ser como antes. Nada?

No calor da hora, Ramonet definiu a crise como momento decisivo para o capitalismo – a quebra de Wall Street (campo financeiro) seria confrontável com o que representou a queda do muro de Berlim (âmbito geopolítico). Um *cambio de mundo* e um *giro copernicano*, descreveu.⁴¹⁰ O capitalismo se destruiria por sua própria voracidade, confirmando ainda uma regra do cinismo neoliberal: privatizar os benefícios, mas socializar as perdas. Nessa lógica, as autoridades americanas correram para resgatar os *banksters* de Wall Street, às custas dos cidadãos – sim, os governos se mobilizaram, destacou, mas para salvar os bancos. “Socialismo para os ricos, e capitalismo selvagem para os pobres”, criticou.⁴¹¹ Entretanto, o cataclismo econômico acontecia num momento de vazio teórico das esquerdas, especialmente europeia, presa no choque da crise, quando seria tempo de almejada “audácia”.

Em outubro de 2008, Carlos Gabetta também embarcou na ideia do naufrágio do capitalismo diante da crise. Diante das incertezas da época, da perspectiva de recessão mundial de maior ou menor calibre, das mudanças climáticas, da ascensão de novas potências como Brasil, China, Índia e Rússia, o argentino via dois caminhos. Por um lado, um abismo. Por outro, uma trilha para oportunidades. Para a América Latina, a oportunidade estaria aí, ancorada na crise financeira internacional, aportada nos movimentos sociais e nos governos progressistas. Diante do pesadelo do horror econômico, era a hora se sonhar outro mundo:

⁴⁰⁹ RAMONET, fevereiro de 2008.

⁴¹⁰ RAMONET, outubro de 2008.

⁴¹¹ RAMONET, outubro de 2008.

De um terremoto surgem fendas, novas formações. Mas é preciso esperar o fim do terremoto para ver o que ficou no topo e o que ficou no abismo, ou simplesmente que nova geografia se moldou. O tremor, na América Latina, se dá na forma de conflitos internos de cada país, mais ou menos intensos [...]. Os novos líderes latino-americanos, os sistemas institucionais que representam e os movimentos sociais que os apoiam devem lidar com tudo isso. Com uma base econômica ligada às comoções mundiais, o terremoto mesmo, e com instituições e sociedades abaladas, à procura de uma nova estabilidade. [...] Quem serão os que terão dado um salto adiante na história da civilização e quem estarão atrás? Pois assim funciona a história. E assim como dessa crise se pode imaginar um fim catastrófico, também se pode acreditar nas possibilidades de uma sorte de final feliz universal. O homem produziu armas nucleares para se exterminar, é verdade; mas também fez muito para se satisfazer e se reproduzir, para buscar a felicidade. Para se tornar “verdadeiramente humanos”, como bem concluiu Marx. [...] Durante as guerras de independência, as burguesias da América sabiam o que faziam e em que mundo estavam. Reconheceram seus interesses. A oportunidade está aí novamente, desta vez nas mãos das majorias. Será sonhar demais?⁴¹²

Ao lado do sonhar de Gabetta, Serge Halimi convidava a pensar o “impensável”. Se nos últimos 30 anos, marca o autor, o ultraliberalismo impôs seu pensamento, fundamentando um mundo individualista, egoísta e egocêntrico, simplesmente inviável, onde afinal estaria a esquerda?⁴¹³ Por 30 anos, reitera o autor, a mínima ideia de alterar nos fundamentos da ordem liberal, com o propósito quiçá de melhorar as condições de vida dos povos, chocou com respostas cínicas: “Tudo isso é muito arcaico; nossa lei é a globalização; os caixas estão vazios e os mercados não aceitaram; vocês sabem que o muro de Berlim caiu?”, ironiza.⁴¹⁴

As alterações foram outras: privatizar e transformar os bens e serviços públicos em máquinas de dinheiro, quase caça-níqueis, erosão dos direitos sociais, o que impactou na vida

⁴¹² Traduzido do original: “*De un terremoto surgen grietas planetarias, nuevas formaciones. Pero hay que esperar a que el terremoto acabe para ver qué quedó en la cima y qué en el abismo, o simplemente qué nueva geografía se ha conformado. El temblor, en América Latina, se da en forma de enfrentamientos internos en cada país, de mayor o menor grado [...]. Los nuevos líderes latinoamericanos, los sistemas institucionales que representan y los movimientos sociales que los sustentan tienen que lidiar con todo eso. Con una base económica ligada a las conmociones mundiales que es el terremoto mismo, y con unas instituciones y unas sociedades que se estremecen arriba, en busca de una nueva estabilidad. [...] ¿Quiénes serán los que habrán dado un salto adelante en la historia de la civilización y quiénes uno atrás? Porque así funciona la Historia. Y del mismo modo que de esta crisis se puede imaginar un final cataclísmico, también se puede creer en las posibilidades de una suerte de final feliz universal. El hombre ha producido armas nucleares para auto exterminarse, es verdad; pero también de sobra como para satisfacerse y reproducirse, aspirar a la felicidad. Para devenir “realmente humanos”, como bien concluyó Marx [...]. Durante las guerras de independencia, las burguesías de América sabían lo que hacían y en qué mundo estaban. Habían reconocido sus intereses. La oportunidad está otra vez ahí, esta vez en manos de las mayorías. ¿Será mucho soñar?*” (GABETTA, outubro de 2008, p. 3).

⁴¹³ HALIMI, novembro de 2008.

⁴¹⁴ Traduzido do original: “*Todo esto es bien arcaico; nuestra ley es la globalización; las cajas están vacías, y los mercados no lo aceptarán; ¿ustedes saben que el Muro de Berlín se cayó?*” (HALIMI, novembro de 2008).

cotidiana e nas mentalidades, cada vez mais individualistas. Para Halimi, o *crash* de 2008 seria a derrocada de um sistema. A esquerda oficial, critica o editor, acompanhou o liberalismo. Mas teria uma outra esquerda no horizonte, capaz de desempoeirar seus projetos mais modestos e tímidos, como um aumento do salário mínimo, uma taxa de James Tobin ⁴¹⁵, um novo acordo de Bretton Woods? Assim como Gabetta, Halimi destaca o tempo de incertezas acalentado com a crise:

Durante as décadas keynesianas, a direita liberal pensou o impensável e aproveitou uma grande crise para impô-lo. Desde 1949, Friedrich Hayek, o padrinho intelectual da corrente que iniciaram Ronald Reagan e Margaret Thatcher, lhes tinha explicado: “A principal lição que um liberal deve sacar do êxito dos socialistas é que sua valentia para ser utópicos (...) torna cada dia possível o que até muito pouco tempo parecia irrealizável”. Então, quem irá propor o questionamento do núcleo do sistema, o livre mercado? “Utópico”? Hoje tudo é possível quando se trata dos bancos...⁴¹⁶

Gabetta volta a Marx.⁴¹⁷ A implosão econômica de 2008 seria o momento culminante de um *big bang* datado por volta da primeira crise do petróleo, em 1973. Gabetta pede desculpa pelo *marxismo de manual*, ao afirmar o imperativo de diagnosticar a mudança na composição orgânica do capital à época, devido à aceleração das descobertas científicas e tecnológicas, versadas na produção. A acumulação do capital e o boom dos petrodólares – um momento de “excepcional” liquidez do mercado –, o prodigioso salto das tecnologias de informação e de transportes, entre outros fatores, empurraram o capital da produção, rumo ao promissor setor financeiro. Essa seria a nebulosa.

Diante da crise financeira, uma época perigosa, mas “apaixonante” – conforme caracterizou o editor, citando Gramsci: “Pessimismo da inteligência, otimismo da vontade”.⁴¹⁸ No mundo, Gabetta identifica sistemas e culturas institucionais críticas, sistemas democráticos falidos, com confusos vaivéns. Na Argentina, assinala uma particularidade: sua

⁴¹⁵ Referida por Ignacio Ramonet no editorial de dezembro de 1997, anteriormente citado, a ideia da taxa inspirada no economista James Tobin direcionou a fundação da Action pour une Taxe Tobin d’Aide aux Citoyens (Attac), que depois se tornaria a Association pour la Taxation des Transactions Financières et pour l’Action Cityoenne (Attac).

⁴¹⁶ Traduzido do original: “Durante las décadas keynesianas, la derecha liberal pensó lo impensable y aprovechó una gran crisis para imponerlo. Desde 1949, Friedrich Hayek, el padrino intelectual de la corriente que iniciaron Ronald Reagan y Margaret Thatcher, les había explicado: ‘La principal lección que un liberal consecuente debe sacar del éxito de los socialistas es que su valentía para ser utópicos (...) hace cada día posible lo que hasta hace muy poco tiempo parecía irrealizable’. Entonces, ¿quién propondrá el cuestionamiento del núcleo del sistema, el librecombio? ¿‘Utópico’? Hoy todo es posible cuando se trata de los bancos...” (HALIMI, novembro de 2008).

⁴¹⁷ Diversas vezes Carlos Gabetta cita Karl Marx nos seus editoriais, por exemplo, de janeiro de 2000, abril de 2000, junho de 2000, abril de 2001, entre outros.

⁴¹⁸ GABETTA, junho de 2010.

sociedade, seus políticos, suas instituições e seus intelectuais avistam a crise a partir de uma visão esfumada, de seu passado incerto e nebuloso. Entre os vizinhos sul-americanos, se os Mujicas, os Lulas e os Chávez se arriscam a fracassar na tormenta, diz o editor, no mínimo representam uma novidade – enquanto os argentinos, para versar um argentinismo, se prendem a uma lógica e uma cultura *del despelote [desordem, caos]*.⁴¹⁹ Entre o mundo e a Argentina, Gabetta é ao mesmo tempo pessimista e otimista mas, ao dizer que todos os desenlaces desse drama global ainda estão abertos, apostas suas fichas na possibilidade de uma mudança radical.

Apesar de Carlos Gabetta, Ignacio Ramonet e Serge Halimi indicarem o momento oportuno para buscar alternativas e propor outros modelos, não indicam *que fazer* pragmaticamente para mudar o mundo *de facto*. Distantes da crônica cotidiana da imprensa econômica, da torrente informacional das oscilações dos mercados, das pílulas informativas dos recordes negativos conquistados na crise, os editores observam as questões econômicas a partir de perspectivas temporais mais longas, mais decantadas, às vezes mais desencantadas. Não destacam muitos números, tão volúveis e voláteis quanto uma tarde em Wall Street, mas, a partir de revisões históricas e referências teóricas, criticam o *coeur* do capitalismo contemporâneo: o modelo neoliberal.

Questionam a fábula do *pensamento único*, fórmula de Ignacio Ramonet, desnudando a fragilidade da economia nas trêmulas mãos “invisíveis” do mercado que, na expressão de outros autores, catapultaria “ditaduras de acionistas”⁴²⁰ e um “império do medo”.⁴²¹ Um *pensamento*, já se disse noutras páginas, que simboliza a doutrina contemporânea neoliberal do capital internacional, que vem se definindo desde a década de 1940, com os acordos de Bretton Woods de 1944 – que deram origem ao Banco Mundial e ao FMI – e o Plano Marshall de 1947, uma nova ordem fincada no capitalismo, alicerçada ainda nos admiráveis avanços tecnológicos e sua fabulosa mundialização das informações, potencializando as teses neoliberais do *laissez faire*.⁴²²

*

A crítica de *Le Monde Diplomatique* e *El Dipló* à globalização é evidente. Muitos teóricos se debruçaram sobre o mapa-múndi global, a fim de compreender o globo não só

⁴¹⁹ GABETTA, junho de 2010.

⁴²⁰ PIVERT, março de 2009.

⁴²¹ BURGI, março de 2009.

⁴²² RAMONET, fevereiro de 1995.

como aglomerado de Estados, nações e sociedades nacionais, em suas relações de interdependência e dependência, imperialismo e multilateralismo. Mas, como provocou Octavio Ianni, é mais:

A descoberta de que a terra se tornou mundo, de que o globo não é mais apenas uma figura astronômica, e sim o território no qual todos encontram-se relacionados e atrelados, diferenciados e antagônicos – essa descoberta surpreende, encanta e atemoriza. Trata-se de uma ruptura drástica nos modos de ser, sentir, agir, pensar e fabular. Um evento heurístico de amplas proporções, abalando não só as convicções, mas também as visões de mundo.⁴²³

De fato, abala. Para o sociólogo britânico Anthony Giddens, a globalização pode ser definida como a intensificação dialética das relações sociais em escala mundial, “linkando” lugares distantes de tal modo que acontecimentos localizados são modelados por eventos ocorrendo a milhas de distância.⁴²⁴

Nos últimos tempos, as principais críticas à globalização foram fervilhadas por intelectuais e líderes da sociedade civil no campo da oposição ao atual modelo econômico. Muitos, inebriados pela tônica altermundialista, fizeram apenas literatura militante. Entretanto, intelectuais não visceralmente opostos à economia de mercado também fizeram críticas incisivas sobre os rumos da globalização: Prêmio Nobel de 2001, o economista americano Joseph Stiglitz, por exemplo, criticou as vãs promessas de reduzir índices de pobreza durante a última década do século XX, promessas nem consideradas no século XXI. Criticou o papel de instituições como OMC, FMI e Banco Mundial, que não cumpriram os compromissos nem garantiram a estabilidade da economia mundial.⁴²⁵

Teria passado, porém, a *belle époque* do FMI e do Banco Mundial. Se antes, relembra Bernard Cassen no *Monde Diplomatique*, os fâmulos de Washington, generosamente remunerados, entre limusines e hotéis 5 estrelas, elaboravam programas de “ajuda” a países que sequer conheciam ou reconheciam, programas uma vez feitos, para sempre arquivados, agora as condições do jogo são outras. Para Cassen, dois fenômenos furtaram o brilho que ostentavam FMI e Banco Mundial: primeiro, o fracasso de suas políticas, que foram obrigados a admitir; depois, os olhares vigilantes de muitos manifestantes mobilizados nas suas reuniões de cúpula internacional.⁴²⁶ Cassen ainda destaca um ponto curioso: se antes a

⁴²³ IANNI, 2001, p. 13.

⁴²⁴ GIDDENS, 1991, p. 60.

⁴²⁵ STIGLITZ, 2002, p. 32.

⁴²⁶ CASSEN, setembro de 2000.

OMC foi o alvo preferencial das manifestações internacionais contra a globalização neoliberal, agora está sendo ultrapassada pelas instituições de Bretton Woods, o Banco Mundial e o FMI. Um salto qualitativo, sinal de solidariedade entre os hemisférios norte e sul, diz o autor:

[...] Ainda que o livre mercado tenha consequências em todos os países, desenvolvidos ou não, o FMI e o Banco Mundial operam essencialmente nos países menos industrializados e são relativamente “invisíveis” na tríade Estados Unidos – Europa – Japão. Nesses países, o debate público a respeito de tais instituições tinha ficado confinado às associações de solidariedade com o Terceiro Mundo e a uns poucos meios de difusão, mas esses tempos ficaram para trás. Agora é cada vez mais evidente que existe uma identidade ideológica de enfoque e uma divisão de trabalho concertada – ainda que não isenta de conflitos – entre a OCDE, a OMC, o Banco Mundial, o FMI, o G8 e a Comissão Europeia. A título de controle global, reações também globais e exigências de mudanças radicais.⁴²⁷

O editor frisa que, paradoxalmente, de dentro das instituições de Bretton Woods e de certos círculos americanos vieram umas das críticas mais contundentes. Cita, por exemplo, o caso de Joseph Stiglitz, ex-chefe de economistas e vice-presidente sênior para políticas de desenvolvimento do Banco Mundial, que criticou severamente a atuação do FMI na crise asiática e que, como dito, criticou os malefícios e as promessas imaginárias da globalização.

Nas discussões ao redor da globalização, a crítica efervescente entre a *intelligentsia* e as lideranças da sociedade civil passou por um momento de (in)definição. Era, afinal, do contra – uma *antiglobalização*? Ou contra a globalização tal qual a atual, defendendo um outro paradigma – uma *alterglobalização*?

Entre diversos teóricos, as ideias de Milton Santos (1926-2001) talvez se situem mais próximas a *Le Monde Diplomatique* e *El Dipló* – não por acaso, a expressão *pensamento único* marca o subtítulo de seu último livro. Se, de um lado, brilha o extraordinário progresso das ciências e das tecnologias; de outro, esse vertiginoso progresso, reservado a privilegiados atores globais, ofusca as disparidades e desigualdades socioeconômicas. Santos criticava a tirania da informação e do dinheiro, que produziria novos totalitarismos, o empobrecimento galopante das massas e o encolhimento drástico do papel dos Estados. Via reações na Ásia, na

⁴²⁷ Traduzido do original: “[...] Aunque el libre comercio tiene consecuencias en todos los países, desarrollados o no, el FMI y el BM operan esencialmente en los países menos industrializados y son relativamente ‘invisibles’ en la tríada EEUU-Europa-Japón. En estos países, el debate público respecto de dichas instituciones había quedado confinado a las asociaciones de solidaridad con el Tercer Mundo y a unos pocos medios de difusión, pero esos tiempos han pasado. Ahora resulta cada vez más evidente que existe una identidad ideológica de enfoque y una división de trabajo concertada -aunque no exenta de conflictos- entre la OCDE, la OMC, el Banco Mundial, el FMI, el G8 y la Comisión Europea. A dispositivo de control global, reacciones también globales y exigencias de cambios radicales” (CASSEN, setembro de 2000).

África e na América Latina, nos movimentos populares que poderiam levar a uma outra globalização. Assim, a globalização oscilaria entre *fábula* legitimada pelo pensamento único, *perversidade* sistêmica e *possibilidade* aberta para novas civilizações planetárias.⁴²⁸

À época áurea do altermundialismo, Bernard Cassen via de um lado do Atlântico, no alto dos alpes suíços, os especuladores e capitalistas de toda sorte, políticos e presidentes de transnacionais, reunidos em Davos. De outro, em Porto Alegre, sociedades simbolizadas por sindicatos e movimentos, a defender um mundo diferente do imposto pelo neoliberalismo dominante.⁴²⁹ Via, assim, o fórum na capital gaúcha como um *verdadero viraje*, em sua diversidade imensa, com movimentos opostos à globalização neoliberal.

Porto Alegre, por quê? Nas impressões superotimistas de Ignacio Ramonet,

Porque Porto Alegre se tornou há tempos uma cidade emblemática aos olhos dos que pensam que verdadeiramente é possível outro mundo. Capital do Rio Grande do Sul, o mais meridional do Brasil, na fronteira com Argentina e Uruguai, Porto Alegre é um tipo de laboratório social que os observadores vindos de todo mundo miram com certa fascinação. [...] Nesta cidade singular, onde se desenvolve uma democracia diferente das demais, o Fórum Social Mundial levantará outra globalização que não exclua os povos. Há dez anos que o capital e o mercado tentam nos convencer de que, contrariamente ao que diziam as utopias socialistas, são eles – e não o povo – que fazem a história e a felicidade humana. Em Porto Alegre, novos sonhadores lembrarão que não só a economia é mundial, mas também a proteção do meio ambiente, a crise das desigualdades sociais e a preocupação com os direitos humanos são questões mundiais. E que aos cidadãos do planeta corresponde se encarregar delas.⁴³⁰

Friso, novamente, o tom superotimista do sociólogo espanhol, referindo-se à capital gaúcha como palco de uma “democracia diferente das demais” em janeiro de 2001, o que sinaliza um entusiasmo excessivo por parte da esquerda europeia diante do “laboratório latino-americano” para outros mundos possíveis.

⁴²⁸ SANTOS, 2004.

⁴²⁹ CASSEN, fevereiro de 2001.

⁴³⁰ Traduzido do original: “*Porque Porto Alegre se ha convertido desde hace unos años en una ciudad emblemática a los ojos de quienes piensan que verdaderamente es posible otro mundo. Capital del Estado de Rio Grande do Sul, el más meridional de Brasil, en la frontera con Argentina y Uruguay, Porto Alegre es una suerte de laboratorio social que los observadores venidos de todas partes miran con cierta fascinación. [...] En esta ciudad singular, donde se desarrolla una democracia diferente de las demás, el Foro social mundial tratará de poner en pie otra mundialización que no excluya a los pueblos. Hace diez años que el capital y el mercado intentan convencernos de que contrariamente a lo que afirmaban las utopías socialistas, son ellos y no la gente quienes hacen la historia y la felicidad humanas. En Porto Alegre nuevos soñadores recordarán que no sólo la economía es mundial, sino que también la protección del medio ambiente, la crisis de las desigualdades sociales y la preocupación por los derechos humanos son cuestiones mundiales. Y que a los ciudadanos del planeta les corresponde encargarse de ellas*” (RAMONET, janeiro de 2001, p. 40).

Todavia após um sopro de otimismo sobre as possibilidades do altermundialismo nos primeiros encontros de Porto Alegre, o movimento perdeu fôlego ao longo do tempo. Outro momento de (in)definição para o movimento viria a marcar os últimos tempos. Em janeiro de 2008, a revista internacional *Utopie Critique* levantou a questão: já era a hora de pensar um *pós-altermundialismo*?⁴³¹

O neologismo estrelou um colóquio organizado por *Utopie Critique*, ao lado da Association Mémoires de Luttés, idealizada por Ignacio Ramonet e Bernard Cassen, com a participação de diversos integrantes do conselho internacional do Fórum Social Mundial – desde 2010 descentralizado e fragmentado em milhares de eventos espalhados pelo mundo.

Autor de *Tout sur Attac* (Mille et Une Nuits, 2002), *Tout a commencé à Porto Alegre* (Mille et Une Nuits, 2003) e *Manifeste altermondialiste* (Mille et Une Nuits, 2006), outrora mais enérgico e excitado pelas potencialidades altermundialistas, Bernard Cassen também versou sua interrogação ao *pós-altermundialismo*. Lembrando um encontro de intelectuais no dia 16 de fevereiro de 2000, na redação parisiense de *Le Monde Diplomatique*, em que se idealizou o que seria o primeiro Fórum Social Mundial, na capital gaúcha, dizia não imaginar a dimensão que tomaria o movimento mundial. E não imaginar o “impasse” vivido com a ascensão ao poder na Bolívia, no Equador, no Paraguai e na Venezuela de líderes vindos de movimentos populares que, com *altibajos*, iniciariam políticas de ruptura com o neoliberalismo. Diz “impasse”, pois as propostas coincidiam com as expressadas nos fóruns, suscitando dilemas: que atitude adotar? Solidarizar-se aos novos governos? Ou cruzar os braços e olhar para outro lado, pois governos são governos, portanto suspeitos? Dilemas, ainda alimentados com as ideias de John Holloway nas páginas de *Mudar o mundo sem tomar o poder* (2003), que levariam a uma questão crucial: e o poder? Diz Cassen: “A palavra ‘poder’ está ausente no vocabulário de muitos de seus atores, salvo para estigmatizá-la, muitas vezes como reação às derivas totalitárias de Estados-partidos. Ao contrário, o contrapoder e a desobediência civil são consideradas as alavancas privilegiadas para a mudança”.⁴³²

Na tarde de 10 de novembro de 2014, na sua sala na Association Mémoire des Luttés, entre retratos com o ex-presidente Lula e o governador gaúcho Tarso Genro em Porto Alegre, com o ex-presidente Hugo Chávez em Caracas e com o amigo alemão Gunter Holzmann em

⁴³¹ HOLZINGER, 2013, p. 313.

⁴³² Traduzido do original: “[...] la palabra “poder” está ausente del vocabulario de muchos de sus actores, salvo para estigmatizarla, muy a menudo en reacción a las derivas totalitarias de Estados-Partidos. Por el contrario, el contrapoder y la desobediencia civil son consideradas las privilegiadas palancas del cambio” (CASSEN, janeiro de 2010).

Santa Cruz de la Sierra, Bernard Cassen ponderou sobre a ideia de altermundialismo atualmente, ideia difusa tal qual uma malha de metrô – metáfora presente na sua pensata no livro bilíngue *Voix rebelles du monde/Rebel voices of the world* (2007):

Oui, o altermundialismo. [...] Gosto da metáfora do metrô. Quando pegamos o metrô La Défense ao Château de Vincennes, a Attac fez o altermundialismo 100%, pegamos o metrô La Défense e descemos ao fim da linha. Mas os sindicatos, a CGT sobe no metrô na estação Concorde e desce na Tuileries. Como o movimento altermundialista é composto por organizações muito diferentes, os sindicatos, as igrejas, as associações, tudo o que você quiser. Que têm ideias diferentes. Que têm missões diferentes. Para pôr essa nebulosa sob um chapéu, um título comum foi o altermundialismo. Mas não há unidade. É uma convergência de proposições. É um processo de conscientização. [...] Atualmente, não sei muito o que quer dizer.⁴³³

Por *pós-altermundialismo*, Cassen pretende expressar duas ideias. Por um lado, não refutar, mas dar continuidade à proposta altermundista. Por outro, marcar a diferença radical entre o momento em que o movimento aflorou, foi identificado e foi intitulado, e o momento em que governos *progressistas* ascenderam ao poder na América Latina – que viriam a mudar o jogo. Diante de governos simpáticos às suas propostas, o movimento altermundialista, arisco diante de partidos e governos, ficou desnordeado e perdeu seu rumo.⁴³⁴ Assim, para voltar aos trilhos (do metrô, para dar continuidade à sua metáfora), seria preciso repensar a articulação dos movimentos, dispersos, com partidos e governos que lhes deem a possibilidade de discutir alternativas.

Se o *altermundialismo* atravessou ou atravessa uma crise atualmente, se definiu ou se indefiniu, vale questionar os impactos no *Monde Diplomatique* e suas edições internacionais. Na edição argentina, já dissemos, Gabetta indicara limites ao “promissor” movimento mundial que, apesar de seu “virtuoso” (e caótico) arco de proposições políticas⁴³⁵, tinha inerentes dificuldades para articular tantas vertentes e reivindicações diferentes num só movimento.⁴³⁶

Em janeiro de 2007, às vésperas do Fórum Social Mundial no Quênia, o economista egípcio Samir Amin questionava n’*El Dipló: ¿Qué altermundialismo?*

⁴³³ Bernard Cassen em entrevista à autora, no dia 10 de novembro de 2014.

⁴³⁴ Bernard Cassen em entrevista à autora, no dia 10 de novembro de 2014.

⁴³⁵ Traduzido do original: “*El por momentos caótico arco de proposiciones políticas, ecológicas, de género, etc. reconoce un único hilo conductor, que une en filigrana a esos grupos: la democracia, la horizontalidad, la participación*” (GABETTA, agosto de 2002, p. 3).

⁴³⁶ Traduzido do original: “*Las dificultades para articular tantas diferencias en un programa común, una falencia que en ciertos países y circunstancias podría acabar conduciendo a los sectores realmente necesitados a apartarse hacia la derecha*” (GABETTA, agosto de 2002, p. 3).

Amin critica os movimentos que cada vez menos questionariam os princípios fundamentais do capitalismo, o que hipotecaria sua habilidade para propor alternativas, apesar de necessárias e possíveis, pensando na construção de um sistema internacional policêntrico.⁴³⁷ Entretanto, o autor considera que a radicalização das lutas não aconteceu nos movimentos sociais, em prol de um necessário “realismo” e a apreensão para não se ilhar na extrema esquerda – e critica os movimentos sociais que se resignaram, fixando fins mais modestos para suas lutas: retroceder no neoliberalismo, mas apenas para promover alternativas relacionadas a um capitalismo com “rosto humano”.⁴³⁸ Assim, Amin faz uma ressalva importante:

Diante desses desafios, o altermundialismo, quer dizer, o projeto de construir “outro mundo possível”, se conjuga no plural. Existe um altermundialismo que poderia se qualificar como “brando”, que inspira tomadas de posição que se encontram tanto nas sociedades opulentas (certo “ecologismo radical”) quanto nos países pobres encurralados (com os fundamentalismos para-religiosos ou para-étnicos). Um altermundialismo progressista não poderia, por sua parte, se comprometer com tais caminhos. Ainda que necessite realizar uma indispensável leitura crítica dos limites das experiências das esquerdas contemporâneas. Apesar dessas diferenças, que depois de tudo constituem uma das grandes riquezas do universo altermundialista, e frente ao principal perigo que representa a possibilidade de novas guerras preventivas lideradas pelos Estados Unidos, todo o leque do altermundialismo, desde o mais radical ao mais moderado, deveria unir suas forças. É a única maneira de construir finalmente esse outro mundo possível que todos querem.⁴³⁹

Se um dia a edição francesa de *Le Monde Diplomatique* foi marcada como o jornal “não-oficial” do movimento altermundialista, atraindo militantes e movimentos sociais, se *evidentemente*, na expressão italizada de Serge Halimi, o declínio do altermundialismo afetou

⁴³⁷ AMIN, janeiro de 2007.

⁴³⁸ AMIN, janeiro de 2007.

⁴³⁹ Traduzido do original: “*Frente a estos desafíos, el altermundialismo, es decir, el proyecto de construir "otro mundo posible", se conjuga en plural. Existe un altermundialismo que podría calificarse de "blando", que inspira tomas de posición que se encuentran tanto en las sociedades opulentas (cierto "ecologismo radical") como en las de los países pobres acorralados (con los fundamentalismos parareligiosos o paraétnicos). Un altermundialismo progresista no podría, por su parte, comprometerse en tales caminos. Aunque necesite realizar una indispensable lectura crítica de los límites de las experiencias de las izquierdas contemporâneas. [...] A pesar de estas diferencias, que después de todo constituyen una de las grandes riquezas del universo altermundialista, y frente al principal peligro que representa la posibilidad de nuevas guerras preventivas libradas por Estados Unidos, todo el abanico del altermundialismo, desde el más radical hasta el más moderado, debería unir sus fuerzas. Es la única manera de construir finalmente ese otro mundo posible que todos desean*” (AMIN, janeiro de 2007).

a revista mais duramente que a outras mídias⁴⁴⁰, nos últimos se firmou a ideia de que não seria seu papel estar diretamente ligado a um movimento, muito embora as críticas à globalização neoliberal continuem pululando nas suas páginas.

*

Recapitulando, portanto, os posicionamentos de *Le Monde Diplomatique* e *El Dipló*⁴⁴¹ a partir da dimensão econômica: por um lado, a crítica à globalização neoliberal e suas instituições tentaculares, como FMI e Banco Mundial; por outro, a esperança na sociedade civil e nos movimentos sociais para buscar alternativas, alterglobalização. Tanto na crise argentina de 2001 quanto na crise financeira internacional de 2008, os intelectuais se adiantaram meses, indicando contratempos adiante, lances arriscados e sinais de perigo no mercado, prestes a explodir. Após a explosão, continuaram martelando, em diferentes metáforas e variações, que muitas vezes dão a impressão literal de *déjà vu*⁴⁴², a mesma ideia inicial: a chave para fugir da crise não estaria no mercado, simplesmente não poderia estar trancada na caixa preta própria a detonar a crise. Deveria-se procurar noutros cantos políticos, noutros canteiros civis. Deveria-se procurar na política.

Arena onde se assiste à galvanização do poder entre as potências mundiais: os países não mais se polarizam meramente entre alas leste e oeste, não se apartam simplesmente entre hemisférios norte e sul, nem se equilibram na pirâmide entre primeiros, segundos e terceiros mundos. No quadro atual, a política e as relações internacionais se desequilibram com os

⁴⁴⁰ Traduzido do original: “A l'évidence, le déclin de l'altermondialisme nous a atteints plus durement que d'autres” (HALIMI, outubro de 2009, p. 28).

⁴⁴¹ Um breve comentário: diversos editoriais de dimensão altermundialista foram traduzidos da matriz francesa para as versões latino-americanas, mas é possível observar uma dedicação especial da edição chilena ao altermundialismo, mais marcante que a da edição argentina. Um dos fatores para essa presença mais forte foi a realização dos fóruns chilenos, encontros vinculados ao Fórum Social Mundial. Outra singularidade na edição chilena é a maior abertura aos movimentos estudantis, principalmente a partir de 2011, com a crise das universidades e o despontar de Camila Vallejo, que além de escrever para *Le Monde Diplomatique* no Chile, participou de um livro com o selo da Editorial AÚN Creemos en los Sueños: *Otro Chile es posible*.

⁴⁴² No editorial “*El mundo... y Argentina*”, de junho de 2010, Carlos Gabetta usa um recurso inusitado na imprensa tradicional. Diz que os leitores não estão equivocados diante da sensação de *déjà vu*, pois republica os editoriais “*El big bang de la crisis*”, de março de 2009, e “*Democracias fallidas*”, de abril de 2009, suprimindo os subtítulos originais e reorganizando as referências bibliográficas. Um recurso semelhante foi utilizado outras vezes – nos editoriais “*Entre reformas y revolución (1)*”, de dezembro de 2007, e “*Entre reformas y revolución (2)*”, de janeiro de 2008, além da série “*República o país mafioso*”, de outubro de 1999, outubro de 2000, julho de 2002, março de 2005, agosto de 2008 e janeiro de 2011, que inclusive está presente no subtítulo do livro *La encrucijada argentina: República o país mafioso* (Editora Planeta, 2012), que reúne editoriais e entrevistas, com personalidades como Leandro Despouy, Manuel Garrido e Marta Oyahamarte. O editor justifica o recurso não certamente por comodidade, ou por um certo “exercício de arrogância” (o clássico *los habíamos dicho*; em português: *nós avisamos*), mas para reiterar um quadro econômico e institucional global, que não variou ou não mudou no seu ponto essencial, mas se agravou – e, por isso, volta aos primeiros argumentos a fim de refletir sobre a continuação da atualidade (GABETTA, junho de 2010, p. 3).

malabarismos da economia, em que os ricos dos países ricos dançam nas costas dos pobres, os ricos dos países pobres tentam acompanhar seu compasso e os pobres dos países pobres não conseguem sequer ficar de pé.⁴⁴³ E se a economia mundializada invade a política, é de se questionar os rumos da política nas relações internacionais.

3.4 QUESTÕES POLÍTICAS

Se o século XX definiu a partir da pá de cal jogada num muro grafitado a 8 de novembro de 1989⁴⁴⁴, o século XXI despertou com torres tombando a 11 de setembro de 2001. Se a questão colonial marcou as lutas independentistas do Terceiro Mundo, a pedra fundamental do mapa-múndi contemporâneo é a luta contra o imperialismo.

Após setembro de 2001, os Estados Unidos redinamizaram o papel da política militar no âmbito internacional. Os atentados de 2001, atribuídos a Al-Qaeda e a Osama Bin Laden, contra as torres gêmeas do World Trade Center, em Nova York, abalaram o início deste século. É a partir desse horizonte que iremos abordar as questões de política internacional nas páginas d’*El Dipló*.

Três dossiês de dez artigos foram publicados entre outubro e dezembro de 2001, com a rubrica “¿*Terrorismo contra terroristas?*”. No editorial de outubro, Ignacio Ramonet lembrou outro 11 de Setembro: pilotos miravam o símbolo de um sistema político detestado, explosões, desmoronamentos, escombros. Nova York, 2001? Não: Santiago, Chile, 1973, com o bombardeio do palácio presidencial e o golpe do general Augusto Pinochet contra o presidente socialista Salvador Allende, com a “cumplicidade” norte-americana.⁴⁴⁵ Ramonet lamenta e sagra a legítima compaixão às vítimas dos atentados de Nova York, mas questiona se os Estados Unidos podem ser considerados um país “inocente”.

“Não participou por acaso em ações políticas violentas, ilegais e às vezes clandestinas na América Latina, África, Oriente Médio, Ásia, cuja consequência é um bando trágico de mortos, ‘desaparecidos’, torturados, presos, exilados...?”, questiona.⁴⁴⁶ E provoca: “A atitude dos líderes e das mídias ocidentais, seus exagerados esforços pró-americanos, não devem

⁴⁴³ SAYURI, 2011.

⁴⁴⁴ GUILLEBAUD, 2003, p. 35.

⁴⁴⁵ RAMONET, outubro de 2001, p. 40.

⁴⁴⁶ Traduzido do original: “¿*No participó acaso en acciones políticas violentas, ilegales y a menudo clandestinas en América Latina, África, Medio Oriente, Asia, cuya consecuencia es una cohorte trágica de muertos, ‘desaparecidos’, torturados, encarcelados, exiliados...?’” (RAMONET, outubro de 2001, p. 40).*

mascarar a cruel realidade. No mundo todo, e sobretudo nos países do hemisfério sul, a sensação que a opinião pública manifesta com maior frequência a propósito dos condenáveis atentados é: ‘o que acontece é muito triste, mas eles merecem’”.⁴⁴⁷

Ramonet argumenta que, nos tempos de Guerra Fria, os norte-americanos se lançaram na cruzada contra o comunismo – esse era o adversário. Desde 1991, os norte-americanos, na perspectiva do editor, alegariam instaurar uma nova ordem mundial, mais justa, ao preço, caro, de ser a *sua* ordem, tornando alvos os adversários no caminho. Desde 2001, o terrorismo se tornou elemento estratégico primordial – esse é o adversário agora.⁴⁴⁸

Carlos Gabetta caminha na mesma linha: condena os atrozos atentados por suas milhares de vítimas civis, mas convida a analisar as consequências das políticas norte-americanas sobre o resto do mundo. Atentados injustificáveis, mas não impossíveis de compreender, na sua ótica. O editor argentino volta ao mesmo ponto do amigo galego: desde a implosão da URSS a marcar o fim da Guerra Fria, os Estados Unidos ascenderam como única potência mundial, uma potência “imperial”.⁴⁴⁹ Lembra, também, o histórico de intervenções americanas em diversas guerras e em “latrocínios latino-americanos”, com invasões a Cuba e Granada, conspirações para golpes contra governos progressistas, como de Jacobo Arbenz na Guatemala (1954) e Salvador Allende no Chile (1973). Interpreta assim que os Estados Unidos se comportam com estilo violento, ilegal e arbitrário nas questões internacionais, o que levou o intelectual americano Noam Chomsky a definir o país como o *terrorista mundial n.º 1*.⁴⁵⁰

Entre colchetes: apesar das severas críticas, como vimos e veremos, ao caráter imperialista da política dos Estados Unidos, muitos autores e editores lamentam a trágica dimensão humana do 11 de Setembro, que deixou mais de 3.200 mortos e 6.291 feridos. Tampouco embarcaram nas teorias de conspiração que passaram a pulular noutras mídias. Assim, em dezembro de 2006, *El Dipló* traduziu um artigo do jornalista político americano Alexander Cockburn (1941-2012), editor da revista *CounterPunch*. Como já se mencionou noutra página, à revelia da matriz francesa, a edição norueguesa de *Le Monde Diplomatique* publicou um artigo lançando hipóteses sobre a participação do governo norte-americano nos atentados de 11 de Setembro. A redação francesa discordou do texto “paranoico” e, na sua

⁴⁴⁷ Traduzido do original: “*La actitud de los dirigentes y medios de comunicación occidentales, sus exagerados pujos proestadounidenses, no deben enmascarar la cruel realidad. En todo el mundo, y sobre todo en los países del Sur, la sensación que la opinión pública manifiesta con mayor frecuencia a propósito de los condenables atentados es: ‘Lo que les pasa es muy triste, pero se lo merecen’*” (RAMONET, outubro de 2001, p. 40).

⁴⁴⁸ RAMONET, outubro de 2001, p. 40.

⁴⁴⁹ GABETTA, outubro de 2001, p. 3.

⁴⁵⁰ GABETTA, outubro de 2001, p. 3.

edição de dezembro de 2006, publicou a crítica de Cockburn – na edição argentina, ilustrada como “paranoicos” do complô. Para Cockburn, as teorias da conspiração, oriundas na esquerda norte-americana, revelavam um “infantilismo” político, além de um vazio teórico e estratégico.⁴⁵¹

Colchetes feitos, volto às críticas. Alvo preferencial das críticas antiimperialistas d’*El Dipló*, pois, os Estados Unidos são vistos como dominadores despóticos, outrora genocidas (contra os índios), escravistas (contra os negros), expansionistas (contra os mexicanos) e colonialistas (contra os porto-riquenhos).⁴⁵² A hiperpotência dirigiria a política internacional, manejando lances por todo o tabuleiro geopolítico, com dianteiras diplomáticas e militares, econômicas e financeiras, científicas, culturais e tecnológicas. Na perspectiva de Ramonet, ao se alicerçar no poder da informação e das tecnologias, dos símbolos e dos imaginários, os Estados Unidos instaurariam, com a cumplicidade de seus dominados, um *delicioso despotismo*.⁴⁵³ Na visão sociológica de Pierre Bourdieu e Loïc Wacquant, trata-se de um imperialismo simbólico da ideologia neoliberal, de Berlim a Buenos Aires, de Londres a Lisboa, presente simultaneamente por todos lados, a partir de um modelo único: a sociedade norte-americana da era pós-fordista e pós-keynesiana.⁴⁵⁴

Ao lado dos Estados Unidos, o verdadeiro *eixo do mal* estaria, segundo o julgamento do *Monde Diplomatique*, na globalização neoliberal, nas suas frentes econômica, ideológica e militar. À tríade OMC, FMI e Banco Mundial, a acusação: impor a ditadura do mercado e o culto da ganância, provocando colapsos cá e lá, como crises da Turquia à Argentina. Outros réus seriam os produtores culturais – universidades, prestigiosos institutos de investigação, mídias –, ideólogos que teriam instaurado uma indústria persuasiva a convencer corações e mentes de que a mundialização trará um final feliz universal. Por fim, após o 11 de Setembro, as intervenções militares, acusadas de se impor não só politicamente fora de seus domínios, mas cultural, ideológica e simbolicamente.⁴⁵⁵ No editorial, o veredicto: culpados.

As discussões sobre o Islã político, já foi dito noutras páginas, é ponto de divergência entre os intelectuais de *Le Monde Diplomatique* – muito embora tais divergências não palpitem aos olhos ao folhear as edições d’*El Dipló*. Para o editor Alain Gresh, o amálgama entre Islã, islamismo e terrorismo é muito presente na mídia e, por isso, considera que o Islã político substituiu o comunismo como inimigo principal na política internacional vista do

⁴⁵¹ COCKBURN, dezembro de 2006.

⁴⁵² RAMONET, maio de 2000, p. 40.

⁴⁵³ RAMONET, maio de 2000, p. 40.

⁴⁵⁴ BOURDIEU, WACQUANT, maio de 2000, p. 12.

⁴⁵⁵ RAMONET, março de 2002, p. 40.

Ocidente⁴⁵⁶, posição também presente nos editoriais de Carlos Gabetta e Ignacio Ramonet. No Oriente, Gresh considera que o Islã político pode ser socialmente progressista, dando continuidade às lutas antiliberais. Editor franco-egípcio, especializado em Oriente Médio, Gresh pôde impor *sua* linha editorial nesse campo, contando com apoio editorial de Ramonet.⁴⁵⁷ Entretanto, curiosamente, nos três dossiês imediatamente publicados após os atentados de Nova York, entre outubro e dezembro de 2001, Gresh não teve nenhum artigo traduzido na edição de Buenos Aires.

Antes, em setembro de 2001, Gresh teve traduzido um artigo sobre os enfrentamentos entre israelenses e palestinos que tinham se tornado notícia diária na imprensa internacional. Ali argumentou que era preciso priorizar absolutamente a defesa internacional dos palestinos na política, até o momento garantidas apenas por missões civis internacionais. Uma saída política para o conflito, como recordaram “valentemente”, definiu o editor, personalidades dos dois campos, como os ministros Yasser Abed Rabbo, Nabil Amr, Hisham Abdul Razzek e os intelectuais Hanan Ashrawi, Sari Nuseibeh, Salim Tamari entre os palestinos, e o ex-ministro Yossi Bellin e escritores como Amos Oz e A.B. Yehoshua entre os israelenses. Fora isso, lamentou que a única saída seria uma escalada de violência que culminaria num confronto bélico marcado por “eles e os outros”, uma guerra cujo transcurso seriam vencidos “eles e os outros”.⁴⁵⁸

Em novembro de 2001, Gresh publicou “*Islamophobia*” na edição francesa, mas não teve o artigo traduzido na edição argentina. Inicia tal texto com um trecho intrincado, que professava: “O senhor, teu Deus, te entregará essas nações e lhes infligirá um grande pânico, até que sejam destruídas. Entregará às tuas mãos os reis dessas nações, tu farás desaparecer o nome deles do céu e nenhum resistirá perante ti, até que os tenha destruído”. Gresh questiona se esse apelo violento estaria dissimulado no Alcorão, para logo responder: é um trecho do Antigo Testamento, Deuteronômio 7, versículos 23 e 24.⁴⁵⁹

Gresh questiona as razões para, após o 11 de Setembro, alguns intelectuais tentarem difundir a ideia de que o Alcorão encobriria as *fontes do mal* nos países islâmicos. Parte de Edward Said para questionar a ideia de Islã, que definiria uma relativamente pequena dimensão do que se passa no mundo muçulmano, que cobriria milhões de indivíduos e um punhado de países, tradições e línguas. Amalgamar tudo num só pote, provoca, equivale a

⁴⁵⁶ HARVEY, 2011, p. 199-200.

⁴⁵⁷ HARVEY, 2011, p. 200.

⁴⁵⁸ GRESH, setembro de 2001.

⁴⁵⁹ GRESH, novembro de 2001.

esquecer a história.⁴⁶⁰ O autor cita inclusive *The New York Times* para lembrar que, após a ruína da URSS, alguns políticos e *think tanks* norte-americanos buscavam outro novo inimigo – e o fundamentalismo muçulmano se transformara rapidamente na principal ameaça à pretensa paz mundial.

Em setembro de 2004, Alain Gresh publicou outro artigo nas páginas portenhas de *Le Monde Diplomatique* – não o primeiro desde setembro de 2001, mas talvez um dos mais interessantes a este estudo. Abordava a ideia, equivocada a seu ver, de guerra contra o “terrorismo”, lembrando novamente que o terrorista, preferencialmente associado ao muçulmano, substituiu o inimigo antes simbolizado pelos comunistas na Guerra Fria, pedra no caminho para os interesses hegemônicos dos Estados Unidos. O inimigo, definiu o editor criticando a ótica norte-americana, seria o terrorismo, os Estados bárbaros e canalhas, maquinistas das armas de destruição massiva. O inimigo da vez eram os iraquianos, os *outros* que detestariam os valores ocidentais, que rechaçariam os ideias de liberdade e de democracia.⁴⁶¹ Gresh critica:

A Guerra Fria, especialmente na década de 1980, mobilizou pouco e foi sobretudo uma questão de Estados maiores; o comunismo já tinha perdido grande parte de sua força de atração e o espantinho vermelho já não suscitava grandes caças às bruxas. A guerra contra o terrorismo evoca outras ressonâncias: uma parte da opinião pública ocidental e muçulmana está disposta a acreditar que os conflitos atuais encobrem um choque entre civilizações. As divisões já não seriam então entre fortes e fracos, ricos e pobres, poderosos e despossuídos, mas entre “eles” e “nós”. Cada país ocidental renunciaria ao conceito ultrapassado de “luta de classes” para alistar-se nas fileiras da “luta contra o outro”. Se iniciaria então uma guerra de mil anos, cujo único resultado seria afiançar a ordem estabelecida.⁴⁶²

Tempos antes, em setembro de 2000, Alain Gresh abordara a ideia de democracia após a ruína da União Soviética e o fim da Guerra Fria, que abririam um espaço favorável para pensar e repensar o sistema de liberdades civis e individuais, os direitos sociais e econômicos,

⁴⁶⁰ GRESH, novembro de 2001.

⁴⁶¹ GRESH, setembro de 2004, p. 14-16.

⁴⁶² Traduzido do original: “*La Guerra Fría, especialmente en los años 1980, movilizó poco y fue sobre todo una cuestión de estados mayores; el comunismo ya había perdido gran parte de su fuerza de atracción y el espantajo rojo ya no suscitaba grandes cazas de brujas. La guerra contra el terrorismo evoca otras resonancias: una parte de la opinión pública occidental y musulmana está dispuesta a creer que los conflictos actuales encubren un choque entre civilizaciones. Las divisiones ya no pasarían entonces entre fuertes y débiles, ricos y pobres, pudientes y desposeídos, sino entre ‘ellos’ y ‘nosotros’.* Cada país occidental renunciaría al concepto trasnochado de la ‘lucha de clases’ para alistarse en las filas de la ‘lucha contra el otro’. Se libraría entonces una guerra de mil años, cuyo único resultado sería afianzar el desorden establecido” (GRESH, setembro de 2004, p. 14-16).

advertindo, criticamente, que o desenvolvimento da “poderosa” democracia norte-americana indicava que a mercantilização “invasora” asfixiaria a prática democrática.⁴⁶³ Crítica que se torna mais ilustrada no trecho:

Mas os Estados Unidos interpretaram sua vitória sobre o comunismo como a vitória de sua concepção de democracia, reduzida a umas receitas e a uma vitrine eleitoral. Atesta-o a reunião auspiciada por Washington (entre os dias 25 e 27 de junho passado, em Varsóvia), de 107 países “democráticos”. Democrático Egito, onde as eleições são meramente formais, o analfabetismo massivo e a liberdade de organização reduzida a sua mínima expressão? Democrático Kuwait, onde o sufrágio exclui as mulheres e a milhares de cidadãos de “segunda classe”? Democráticos Turquia, Azerbaijão, Peru, Quênia? De fato, o único ponto em comum dos “107” é que se consideram “amigos” dos Estados Unidos.⁴⁶⁴

Para Gresh, a democracia seria uma busca indelével, um caminho pontilhado por armadilhas – a maior delas, os corruptíveis interesses particulares.

*

De volta a setembro de 2001, no primeiro dossiê d’*El Dipló* sobre terrorismo, o escritor paquistanês Tariq Ali refutou, como muitos autores, as ideias de “choque de civilizações”, do teórico americano Samuel P. Huntington (1927-2008), lembradas por diversos intelectuais midiáticos.

Em 1993, Huntington, diretor de estudos estratégicos de Harvard, publicou *Clash of civilizations*, contrariando outro teórico, Francis Fukuyama e sua tese do “fim da história”. Para Huntington, a derrota da URSS marcava o fim das querelas ideológicas, mas não da história. A partir daí, pós-Guerra Fria, a cultura pautaria os conflitos do mundo – e não a política ou a economia. Ali, por sua vez, argumenta que o que está em jogo é, na verdade, justamente o poder político e o domínio econômico.⁴⁶⁵

⁴⁶³ GRESH, setembro de 2000, p. 40.

⁴⁶⁴ Traduzido do original: “Pero Estados Unidos interpretó su victoria sobre el comunismo como la victoria de su concepción de la democracia, reducida a unas recetas y a una vitrina electoral. Lo atestigua la reunión auspiciada por Washington (entre el 25 y el 27 de junio pasado, en Varsovia) de 107 países ‘democráticos’. ¿Democrático Egipto, donde las elecciones son mera forma, el analfabetismo masivo y la libertad de organización reducida a su mínima expresión? ¿Democrático Kuwait, donde el sufragio excluye a las mujeres y a cientos de miles de ciudadanos de ‘segunda zona’? ¿Democráticos Turquía, Azerbaiyán, Perú, Kenya? De hecho, el único punto en común de los ‘107’ es que se los considera “amigos” de Estados Unidos” (GRESH, setembro de 2000, p. 40).

⁴⁶⁵ ALI, outubro de 2001, p. 8.

No segundo dossiê de 2001, o jornalista neozelandês Nicky Hager mergulha nos jogos de espões norte-americanos, contando a história da National Security Agency (NSA) – que treze anos depois, diga-se de passagem, dominaria as manchetes com as graves revelações de Edward Snowden.⁴⁶⁶ As estratégias norte-americanas de controle de informação eletrônica foram elaboradas inicialmente contra as potências do Eixo, depois contra a União Soviética. Surpreende que uma agência americana tão sofisticada e poderosa não pôde rastrear a movimentação das peças que levaria ao xeque-mate de 11 de Setembro? Sim. Mas, ressalva o repórter, a principal função da NSA não era defender o país de ameaças externas potenciais como o terrorismo, mas garantir acesso global às comunicações para incrementar a preeminência americana nos âmbitos econômico, militar e político.⁴⁶⁷

No último dossiê de 2001, Ignacio Ramonet comenta o impacto simbólico pretendido pelos ataques, marcando os principais monumentos da grandeza dos Estados Unidos, nas dimensões econômica (World Trade Center), militar (Pentágono) e política (Casa Branca). Volta à questão da globalização, mas a partir de outro prisma. Interpreta o editor espanhol que, após o fim de época marcado no dia 9 de novembro de 1989 com a queda do muro de Berlim, 11 de setembro de 2001 inaugura um novo período histórico, em que a globalização financeira passa a coexistir com a globalização do terror e de múltiplas criminalidades, favorecendo o esvaziamento dos débeis Estados.⁴⁶⁸ Diante da fraqueza dos Estados, o império, diz Ramonet:

Atacado pela primeira vez no seu território, no santuário de sua própria metrópole e de uma maneira particularmente mortífera, os Estados Unidos decidiram reagir transformando a situação política internacional. Num primeiro momento, o mundo segurou a respiração, temendo uma resposta precipitada e impulsiva de sua parte. No entanto, sob a influência do secretário de Estado Colin Powell, que se mostrou a personalidade mais lúcida na administração americana, os Estados Unidos conseguiram manter o sangue frio. E souberam capitalizar a comoção internacional e a solidariedade manifestada por quase todas as chancelarias (com a notória exceção do Iraque) para consolidar sua hegemonia planetária.⁴⁶⁹

⁴⁶⁶ No dia 9 de junho de 2013, o analista americano Edward Snowden, ex-técnico de informática da CIA, revelou aos jornais *The Guardian* e *The Washington Post* o sistema de vigilância global realizado pela agência americana NSA. Após a revelação do esquema de espionagem eletrônica, Edward Snowden foi acusado de divulgar informações sobre a defesa americana, entre outros crimes – e, desde 2013, está refugiado na Rússia.

⁴⁶⁷ HAGER, novembro de 2001, p. 26.

⁴⁶⁸ RAMONET, dezembro de 2001, p. 20-21.

⁴⁶⁹ Traduzido do original: “*Atacado por primera vez en su territorio, en el santuario de su propia metrópoli y de una manera particularmente mortífera, Estados Unidos decidió reaccionar trastornando la situación política internacional. En un primer momento el mundo contuvo el aliento, temiendo una respuesta precipitada e impulsiva de su parte. Sin embargo, bajo la influencia del secretario de Estado Colin Powell, que ha resultado ser la personalidad más lúcida de la administración estadounidense, Estados Unidos logró conservar su sangre*”

Um Estado frágil, mas agressivo. Para Ramonet, os atentados ricochetearam noutros países, cerrando brechas para as liberdades, o respeito à democracia e aos direitos humanos. Em prol da “justa guerra”, a trinca democracia, direitos civis e direitos humanos foi deliberadamente ignorada e, assim, graças à “guerra mundial contra o terrorismo”, outros países como França, Inglaterra e Itália também reforçaram suas legislações repressivas⁴⁷⁰ – nos Estados Unidos, o Patriot Act foi outorgado a 26 de outubro de 2001.⁴⁷¹

Ainda no último dossiê, o linguista americano Noam Chomsky publicou suas críticas. Para Chomsky, a campanha militar norte-americana reincide na lógica de sua tradicional política *predatória*. Volta, também, ao argumento: sim, deve-se lamentar os milhares de mortos nos atentados agressivos e instantâneos; mas sim, deve-se lamentar que a política americana não contribui para amenizar a violência, mas para alastrá-la e intensificá-la. Ao proferir uma conferência em Cambridge, Massachusetts, em 2001, o filósofo citou exemplos como a conquista do México, as invasões do Haiti e das Filipinas, o apoio a governos autoritários no Iraque e a ocupações israelenses nos territórios da Palestina, as intervenções na Nicarágua e na Guatemala.⁴⁷² Se, segundo os manuais militares americanos, o terrorismo é o uso calculado, calculista, com fins políticos ou religiosos, da violência, do medo e da intimidação, Chomsky indica a similaridade da definição ao que, reivindicando esse tipo de práticas, os Estados Unidos denominaram como *low-intensity wars*.⁴⁷³

*

Valorizado por *Le Monde Diplomatique*, Noam Chomsky teve seus livros *Actos de Agresión* (2000) e *Cartas de Lexington* (2000) resenhados na revista.⁴⁷⁴ Linguista, filósofo e ativista, atualmente o autor é professor no Instituto de Tecnologia de Massachusetts (MIT). Elogiado por seu rigor e sua coragem intelectual, Chomsky reúne nas *Cartas* uma série de críticas à mídia “loot”, que corresponderia a *lies of our times*, jogo de palavras para as mentiras de nosso tempo. Aos olhos do *Monde Diplomatique*, a coragem do filósofo

fría. Y supo capitalizar la conmoción internacional y la solidaridad manifestada por casi todas las cancillerías (con la notoria excepción de Irak) para consolidar su hegemonía planetaria” (RAMONET, dezembro de 2001).

⁴⁷⁰ RAMONET, janeiro de 2002, p. 40.

⁴⁷¹ RAMONET, março de 2004, p. 40.

⁴⁷² CHOMSKY, dezembro de 2001, p. 30.

⁴⁷³ CHOMSKY, dezembro de 2001, p. 31.

⁴⁷⁴ CAMUSSO, outubro de 2001, p. 9.

americano seria justamente manifestar suas posições, nítida e às vezes diametralmente diferentes da maioria da mídia de seu país.

Após as invasões do Afeganistão (2001) e do Iraque (2003), Chomsky retornaria a *El Dipló* em agosto de 2003, defendendo sua tese: a “estratégia imperial” norte-americana, reverberada pelas principais revistas do *establishment*. Chomsky interpreta que, às vésperas da invasão do Iraque – justificada pela ameaça de armas químicas, senão “imaginárias”, talvez “inventadas”, nas suas expressões –, o alvo do ultimato não era realmente Saddam Hussein, mas as Nações Unidas. No fundo, o recado seria: “rendam-se ou invadiremos mesmo sem seu *insignificante aval*”.⁴⁷⁵ Em maio de 2004, o teórico reiterou sua ideia: o terrorismo como pretexto norte-americano para exercer seu imperialismo. Um terrorismo, diria, arbitrário, focado no momento no Oriente Médio, ocultando as ações dos aliados aos interesses dos Estados Unidos – que não seriam “terroristas”, mas “combatentes da liberdade”, como a mídia outrora etiquetara o próprio Osama Bin Laden, nos tempos em que o árabe aterrorizava os soviéticos.⁴⁷⁶

Noam Chomsky não foi o único a destacar os interesses ocultos dos Estados Unidos. Samir Amin, economista egípcio marxista e ex-militante do Partido Comunista Francês, atualmente vive em Dakar, Senegal. Escreveu para *Le Monde Diplomatique* diversas vezes, desde a década de 1970. Em janeiro de 2007, num artigo questionador do altermundialismo, destacou a ambição americana de firmar sua hegemonia militar no mundo inteiro – e o Oriente Médio despontaria como região prioritária, por quatro razões: possui recursos petrolíferos generosos e dominá-los daria aos norte-americanos uma posição privilegiada, escanteando tanto seus aliados (Europa e Japão) quanto seus possíveis rivais (China) numa posição de dependência energética; passa por um momento de debilidade e confusão, que permitiria ao agressor assegurar uma vitória fácil no tempo imediato; ali os americanos encontrariam uma porta para o *velho* mundo, o que facilitaria uma ofensiva militar contra outros polos (China, Índia, Rússia); e ali os americanos encontram um aliado, Israel, com armas nucleares. Para Amin, o projeto não estaria só no papel, mas teria avançado nas ocupações de Afeganistão, Iraque e Palestina; nas intimidações de Irã, Líbano, Síria.⁴⁷⁷

Era o momento de um *neoimperialismo* americano, segundo Ignacio Ramonet, um tipo de *imperialismo* que renovaria a ideia romana de um domínio moral, mas agora fundada na convicção de que o livre mercado, a globalização e a propagação da civilização ocidental são

⁴⁷⁵ CHOMSKY, agosto de 2003, p. 16-17.

⁴⁷⁶ CHOMSKY, maio de 2004.

⁴⁷⁷ AMIN, janeiro de 2007.

positivas e imperiosas para o mundo inteiro, ideia agora agravada por um domínio militar e midiático contra povos, vistos aos olhos do imperador, *inferiores*.⁴⁷⁸ Seria o “terrorismo” capitalista ocidental.⁴⁷⁹

O escritor uruguaio Eduardo Galeano também contribuiu para a discussão da guerra do *bem* contra o *mal*, indicando “identikits” demoníacos – ou, como intitulou o texto irônico, mais literário, mas político, os *diablos del Diablo*. Um mal multifacetado, que seria muçulmano, mulher, negro, judeu, índio, gay. Que seria o *outro* aos olhos dos dominantes.

Do diabo muçulmano, Galeano critica: “Em tempos atuais, os mísseis fabricam muito mais inimigos que os inimigos que destripam. Mas que será de Deus, no fim, sem inimigos? O medo manda, as guerras comem medo. A experiência prova que a ameaça do inferno é sempre mais eficaz que a promessa do céu. Bem-vindos sejam os inimigos”.⁴⁸⁰ Assim, Bush se firmaria no poder graças à oportuna ascensão de Bin Laden como “Satã maior”.

Do diabo judeu, Hitler não teria “inventado” nada, afinal os judeus seriam, ironiza o autor, imperdoáveis assassinos e “culpados de todas as culpas”: as bancarrotas econômicas, as crises financeiras internacionais, as derrotas militares. Ora, satiriza Galeano, os judeus que originariam a febre amarela, a peste negra e as pestes todas.⁴⁸¹

Do diabo mulher, essas *bruxas* que formariam o harém de Satã. Do diabo gay, esses *filhos* do inferno. Do diabo índio, seres *bestiais* que teriam abrigado Satã uma vez expulso da santa Europa. Do diabo negro, inimigo da luz e da inocência.⁴⁸²

Galeano critica claramente a demonização do *outro*, o não rico, não hétero, não *civilizado*, não católico, não branco. O outro é *outro*, não fiel aos valores ocidentais. O diabo é *estrangeiro*. E pobre:

⁴⁷⁸ RAMONET, maio de 2003.

⁴⁷⁹ GABETTA, agosto de 2005.

⁴⁸⁰ Traduzido do original: “*En tiempos actuales, los misiles fabrican muchos más enemigos que los enemigos que destripan. Pero, ¿qué sería de Dios, al fin y al cabo, sin enemigos? El miedo manda, las guerras comen miedo. La experiencia prueba que la amenaza del Infierno es siempre más eficaz que la promesa del Cielo. Bienvenidos sean los enemigos*” (GALEANO, agosto de 2005).

⁴⁸¹ GALEANO, agosto de 2005.

⁴⁸² GALEANO, agosto de 2005.

Em cada um se esconde um delinquente, talvez um terrorista. [...] Nos bairros malditos esperam, agachados, mordendo invejas, tragando rancores, os autores de sua próxima desgraça. São vagantes, maltrapilhos, bêbados, drogados, carne de cárcere ou de bala, gente sem dentes, nem caminho nem destino. Ninguém os aplaude, mas esses ladrões de galinha fazem o que podem imitando, modestamente, aos mestres que ensinam ao mundo as fórmulas de sucesso. Ninguém os compreende, mas eles querem ser cidadãos exemplares, como esses heróis de nosso tempo que violam a terra, envenenam o ar e a água, estrangulam salários, assassinam empregos e sequestram países.⁴⁸³

*

Eric Hobsbawm, assinatura aquilatada por *Le Monde Diplomatique*, assim como Noam Chomsky e Edward Said, mirou a questão do imperialismo americano a partir de um viés histórico. Para Hobsbawm, o império americano teria características singulares diante dos outros exemplos históricos mundiais – o espanhol nos séculos XVI e XVII, o britânico nos séculos XIX e XX –, contrastando superioridade tecnológica e militar com vulnerabilidade econômica e impopularidade política.⁴⁸⁴

Na crítica do historiador marxista, a globalização içou um ponto inédito em três dimensões: a política, a interdependência internacional e a tecnologia decisiva para questões econômicas e militares. Diz Hobsbawm que “à diferença do projeto imperial americano – e essa é a grande novidade –, todas as grandes potências e todos os impérios sabiam que não eram os únicos e ninguém procurava dominar todo o mundo por si só. Ninguém se considerava invulnerável, ainda que era certo que todos se consideravam o centro do planeta”.⁴⁸⁵ Entretanto, a meta americana não seria ocupar o mundo todo, mas estimular guerras, instalar governos amigos e ir embora. Assim, a guerra do Iraque ilustraria a *frivolidade* dos decisores de Washington: “Iraque é um país derrotado, mas negou a se

⁴⁸³ Traduzido do original: “*En cada uno se esconde un delincuente, quizás un terrorista. [...] En los barrios malditos esperan, agazapados, mordiendo envidias, tragando rencores, los autores de su próxima desgracia. Son vagonetas, pelagatos, borrachos, drogadictos, carne de cárcel o bala, gentes sin dientes, ni camino, ni destino. Nadie los aplaude, pero estos ladrones de gallinas hacen lo que pueden imitando, modestamente, a los maestros que enseñan al mundo las fórmulas del éxito. Nadie los comprende, pero ellos aspiran a ser ciudadanos ejemplares, como esos héroes de nuestro tiempo que violan la tierra, envenenan el aire y el agua, estrangulan salarios, asesinan empleos y secuestran países*” (GALEANO, agosto de 2005).

⁴⁸⁴ HOBBSAWM, junho de 2003, p. 22-23.

⁴⁸⁵ Traduzido do original: “*A diferencia del proyecto imperial estadounidense –y esa es la gran novedad– todas las grandes potencias y todos los imperios sabían que no eran los únicos y nadie procuraba dominar todo el mundo por sí solo. Nadie se consideraba invulnerable, aun cuando es cierto que todos se creían el centro del planeta*” (HOBBSAWM, junho de 2003, p. 22).

submeter. [...] A política evocada pelos extremistas de Washington, isto é, uma total reestruturação do Oriente Médio, não tem sentido”.⁴⁸⁶

Hobsbawm define o imperialismo como dominação e manejo do mundo. Para tal, expressões como *eixo do mal* e *roadmap* ricocheteariam como frases feitas nas pretensões imperialistas americanas, que almejam abrigar uma certa ilusão de poder – e não uma estratégia real.

Americano radicado na Europa, professor na American University of Paris, Phillip S. Golub assinou mais um texto forte sobre o império americano, que estaria construindo uma “ideologia imperial”. Diante, pois, da prerrogativa de guerras humanitárias, alguns teóricos caracterizariam os Estados Unidos como “império magnânimo”.

Golub parte do historiador Arthur Schlesinger Jr., que, meses antes do 11 de Setembro, arremessara a hipótese de que os Estados Unidos, apesar das tentações de superpotência, não cairiam no imperialismo, pois nenhuma nação estaria apta para assumir isoladamente o papel de árbitro mundial no século XXI. Na mesma linha, o diplomata Charles William Maynes (1938-2007) afirmara que os Estados Unidos tinham potencialidades imperiais, mas não tinham vocação imperialista. Mas Golub parte dessas ideias, justamente para refutá-las: a seu ver, um “prodigioso fervor imperialista” se apoderou do país desde fins do século XIX, aplaudido por políticos, jornalistas, empresários. O que mudou no século XXI, pós-11 de Setembro, é que, pela primeira vez, a força *manu militari* agora vem escoltada por um discurso explícito de legitimação do império – com vozes, por exemplo, de Charles Krauthammer, editorialista do *Washington Post*, de Max Boot, editorialista do *Wall Street Journal*, e de Robert Kaplan, mentor para política internacional de George W. Bush; nas universidades, vozes como Stephen Peter Rosen, diretor do Olin Center, da Harvard University, e Robert Kagan, do Carnegie Endowment for International Peace. Um império, diria o historiador Paul Kennedy, maior que a *pax* britânica, o tempo napoleônico, o império romano.⁴⁸⁷

Para Golub, a semântica de Bush tampouco falha: as constantes referências ao enfrentamento entre civilização e barbárie, a guerra contra o mal, a pacificação dos bárbaros – flagrante de um pensamento imperial. Na análise do intelectual, Bush e a nova direita norte-americana estariam dispostos a batalhar para garantir a prosperidade do império – literalmente

⁴⁸⁶ Do original: “*Irak es un país derrotado, pero que se negó a someterse. Estaba en tal estado de debilidad que era fácil vencerlo. Si bien no hay que olvidar su riqueza petrolífera, el objetivo fundamental de la operación fue realizar una demostración de fuerza a nivel internacional. La política que evocan los extremistas de Washington, es decir, una total reestructuración de Medio Oriente, no tiene sentido*” (HOBSBAWM, junho de 2003, p. 22-23).

⁴⁸⁷ GOLUB, setembro de 2002, p. 24-25.

batalhar, mediante a guerra, submetendo povos *indóceis* do Terceiro Mundo e derrubando governos de Estados *ilegais*. Atuariam, assim, isoladamente ou com alianças circunstanciais, unilateralmente, defendendo seus próprios interesses nacionais. Quanto ao *resto* do mundo: o Terceiro Mundo, submisso; a Europa, subordinada; o Oriente Médio, *pacificado*.⁴⁸⁸

Golub retornou às páginas d'*El Dipló* em outubro de 2007, analisando o traumatismo de “fim do império”. Diante do fracasso na ocupação no Iraque, Golub diagnosticava a instauração de uma crise no bojo da elite estado-unidense, momento mesmo em que desmoronava a primazia do consenso de Washington e a emergência de outras potências econômicas – uma crise mais profunda que a provocada pela derrota no Vietnã décadas atrás. “O cúmulo da ironia: essa crise afeta a coalizão de ultranacionalistas e neoconservadores que se formou na década de 1970, precisamente para terminar com a ‘síndrome do Vietnã’, restaurar o poderio norte-americano e reativar a ‘vontade de vitória’ no país”, escreveu o autor, mestre em relações internacionais e história contemporânea na Université Paris IV e doutor em relações internacionais na University of Sussex.⁴⁸⁹

Uma fratura exposta: diante do desacordo sobre os rumos da guerra no Iraque, publicamente expresso por parte de veteranos norte-americanos, somou-se o dissenso entre agências de inteligência e principais instituições do Estado. Na indignação do general norte-americano William Odom, a invasão teria sido o mais importante “desastre estratégico” da história norte-americana. Na versão do coronel Larry Wilkerson, ex-chefe de Estado maior de Colin Powell, um “erro de dimensão histórica”. Na definição de Zbigniew Brzezinski, ex-diretor do National Security Council, uma “calamidade moral, histórica e estratégica”.⁴⁹⁰ Por dentro, foi marcada a ferro a ideia de que a guerra quebrou o exército e comprometeu gravemente a legitimidade norte-americana. Por fora, as sequelas da fratura foram outras: o assoreamento da hegemonia norte-americana na América Latina, na Europa, no Leste Asiático. “O *american dream* foi substituído pela imagem de um Leviatã militar que só mostra desprezo pela opinião pública internacional e que viola as mesmas regras instituídas pelos Estados Unidos”.⁴⁹¹

⁴⁸⁸ GOLUB, setembro de 2002.

⁴⁸⁹ Traduzido do original: “*El colmo de la ironía: esa crisis afecta a la coalición de ultranacionalistas y neoconservadores que se formó en la década del '70, precisamente para tratar de terminar con el 'síndrome de Vietnam', restaurar el poderío estadounidense y reactivar la 'voluntad de victoria' en el país*” (GOLUB, outubro de 2007, p. 20).

⁴⁹⁰ GOLUB, outubro de 2007, p. 20.

⁴⁹¹ Traduzido do original: “*El American dream fue reemplazado por la imagen de un Leviatán militar que sólo muestra desprecio por la opinión pública internacional y que viola las mismas reglas que Estados Unidos instituyó*” (GOLUB, outubro de 2007, p. 20).

Se desde meados do século XX os dirigentes americanos consideravam ter a singular responsabilidade histórica de governar o mundo, agora seriam obrigados a observar o mapa-múndi por outro ângulo, por outras lentes. Se seu reinado neste mundo era algo “esperado”, agora seria alvo de questionamentos metralhados por diversos franco-atiradores. Phillip S. Golub assim assinala o princípio de uma crise, questionando-a como o início do fim do império americano – uma *desimperialização* que, ao estilo das experiências pós-coloniais, pode ser um processo longo e traumático.

*

Faço um breve parêntesis. Assim como a tônica altermundialista insuflou discursos otimistas de *Le Monde Diplomatique*, também as vicissitudes da crise financeira internacional e os reveses do “imperialismo” americano suscitaram sopros de superotimismo nessas páginas “diplomáticas”, traduzindo muitas vezes mais expressão de um *wishful thinking* que de uma análise aprimorada. E, no afã revolucionário, diria Norberto Bobbio, muitos são pessimistas quanto ao passado, mas otimistas quanto ao futuro.⁴⁹²

Se a última década do século XX viu a governança internacional dos Estados Unidos, após transformações geopolíticas com a ruína soviética e a hegemonia instaurada das ideias e políticas neoliberais, a globalização dos mercados financeiros e das tecnologias da informação, a primeira década do século XXI testemunhou um tabuleiro internacional diferente após os atentados de 11 de Setembro, quando a guerra ao terror e o imperialismo americano foram muito discutidos.

Diante do fracasso na invasão ao território iraquiano, a implosão da bolha do mercado imobiliário americano e a crise financeira internacional, discutiu-se (às vezes celebrou-se) mais intensamente a crise do neoliberalismo e o colapso do poder americano: flagrante de contradições inerentes e do caráter insustentável do próprio sistema, a crise contemporânea, final, seria a crise do neoliberalismo sob a hegemonia americana.⁴⁹³ Eric Hobsbawm, Giovanni Arrighi, Immanuel Wallerstein e outros intelectuais indicaram o início do fim do império americano – muitos, como no *Monde Diplomatique*, muitas vezes mais inspirados por uma certa expectativa, entre uns e outros atribuindo uma dimensão revolucionária a tal fim de época. Outros pensadores, inclusive de esquerda, criticaram o “mito” do colapso do poder americano construído sem evidências convincentes além da retórica, contrargumentado, por

⁴⁹² BOBBIO, 2006, p. 82.

⁴⁹³ DUMÉNIL, LÉVY, 2014, p. 183.

exemplo, que o poder militar e o fator econômico norte-americanos continuam os mais poderosos do mundo.⁴⁹⁴

Mas não é tudo. É também flagrante nessas discordâncias uma movimentação de ideias no tempo. *Finito* o século XX, passadas a derrocada soviética e a derrota ideológica de uma esquerda, o século XXI permitiria retomar o fio de uma história interrompida? Viria o tempo almejar, realisticamente, uma dimensão revolucionária nos rumos do mundo? Tilintam, no tumulto, os guizos desse otimismo...⁴⁹⁵

E se um certo otimismo contra o imperialismo norte-americano agora se volta à América Latina, há de se lembrar que há muito tempo tais ideias floresceram na América Latina. Ainda a princípios do século XX, uma das flâmulas fincadas pelas ideias internacionais comunistas na América Latina foi o antiimperialismo. Na época, o escritor uruguaio José Enrique Rodó, o jornalista cubano José Martí e o poeta nicaraguense Rubén Darío, além da proximidade literária no modernismo hispano-americano, partilhavam proximidade política na tessitura intelectual crítica às atitudes dos Estados Unidos em relação à América Latina. Rodó, com *Ariel*; Darío, com *Azul*; e Martí, considerado mártir da independência cubana, identificava os Estados Unidos como o gigante Golias diante da América Latina, aliás *Nuestra América*, como Davi.⁴⁹⁶

*

Em dezembro de 2007, o escritor francês Christian Salmon alfinetou mais uma vez o imperialismo americano e suas histórias fabulosas, simplórias e maniqueístas construídas sobre uma luta entre o bem e o mal, uma disputa entre os vencedores e os perdedores. O autor desgaveta um artigo do premiado jornalista Ron Suskind publicado no *New York Times* dias antes do pleito presidencial americano de 2004. Suskind lembrava uma conversa com Karl Rove, assessor aliado do republicano, que teria dito no verão de 2002: “Somos um império agora. E, quando agimos, criamos nossa própria realidade. Enquanto vocês estudam essa realidade – judiciosamente, como queiram –, nós agimos de novo, criando outras novas realidades, que vocês podem igualmente estudar. É assim que as coisas se passam. Nós somos os atores da história. [...] E a vocês, a todos vocês, só resta estudar o que fazemos”.⁴⁹⁷

⁴⁹⁴ FIORI, 2008.

⁴⁹⁵ GUILLEBAUD, 2003, p. 61.

⁴⁹⁶ PRADO, PELLEGRINO, 2014, p. 99.

⁴⁹⁷ Traduzido do original: “*Ahora somos un imperio, prosiguió, y cuando actuamos, creamos nuestra propia realidad. Y mientras ustedes estudian esa realidad criteriosamente, como desean hacerlo, nosotros volvemos a*

Para Salmon, essas palavras são dignas de um “Maquiavel midiático”, mais esperadas de um filme hollywoodiano que de um gabinete da Casa Branca. Em março de 2003, a invasão ao Iraque ilustrou esse desejo norte-americano de inventar sua própria versão da realidade, com muitas estratégias de comunicação. Além de 500 jornalistas na unidade do exército americano, uma parafernália tecnológica eletrônica capaz de produzir, em tempo real, vídeos dos combates, animações, diagramas, mapas.

Na crítica de Salmon, em setembro de 2002, no discurso de Bush no primeiro aniversário do 11 de Setembro, abrindo caminho e preparando terreno para a invasão do Iraque, foi armado um estratégico circo midiático para “informar” os norte-americanos sobre o grande combate que a potência logo deveria enfrentar. A imagem: Bush ao pé da Estátua da Liberdade, iluminada por poderosos projetores. As mil palavras: não foram sequer necessárias, pois a ideia era imprimir a própria imagem no tempo, transformando-a numa bela *story* em tempo real.⁴⁹⁸ Para Salmon, uma “estratégia de Sheherazade”, satírica expressão cunhada pelo jornalista Ira Chernus, da Colorado University. À la Sheherazade, uma vez condenados à morte política, Bush e Rove começaram a contar histórias – histórias tão fabulosas que o rei (ou, neste caso, o povo americano que teoricamente governa o país) esqueceria sua condenação capital.⁴⁹⁹

Entre o tom irônico e o sarcástico, entre a linha teórica e a jornalística, entre a perspectiva histórica e a análise contemporânea, os textos de *Le Monde Diplomatique*, tanto na França quanto na Argentina, focam críticas às políticas imperialistas, tendo as diretrizes norte-americanas como alvo preferencial. Na revista, se a crítica econômica se foca no neoliberalismo, a crítica política privilegia o imperialismo. Além de se cruzarem em diversos momentos, essas dimensões são perpassadas ainda por outra crítica, midiática, que se refere ao próprio papel do intelectual e do jornalista.

Em agosto de 1999, *El Dipló* traduziu um artigo do intelectual palestino Edward Said, crítico da Aliança Atlântica nos bombardeios de Kosovo. Um lapso moral elementar, na visão do escritor: se se quer intervir para aliviar a injustiça – segundo a ideia de intervenção humanitárias que, ressalva, diversos progressistas e liberais invocaram para justificar os bombardeios –, seria preciso antes assegurar não agravar a situação. Nesse contexto, o status dos Estados Unidos lhe lembrava o de “um tirano um pouco estúpido”, mas com força *bruta*

actuar y creamos otras realidades nuevas, que ustedes también pueden estudiar; y así es como pasan las cosas. Nosotros somos los actores de la historia. [...] Y a ustedes, a todos ustedes, no les queda otra cosa que estudiar lo que nosotros hacemos” (SALMON, dezembro de 2007, p. 22).

⁴⁹⁸ SALMON, dezembro de 2007, p. 22-23.

⁴⁹⁹ SALMON, dezembro de 2007.

capaz de infligir mais estragos que qualquer outra potência na história.⁵⁰⁰ Para Said, a mídia contribuiu para agravar uma situação já delicada, dando voz a testemunhos parciais de atores *submergidos* na crueldade da guerra, apenas aclarando as posições da OTAN e ignorando movimentos de oposição nos Estados Unidos, Grécia, Itália. Nessa linha, critica o autor, editores e intelectuais “progressistas” fecharam os olhos diante da destruição da Iugoslávia.

Após a Guerra Fria, continua a pergunta: os EUA e sua política econômica-militar, conduzida para o benefício e o oportunismo, continuarão dirigindo o mundo, ou podemos ainda ver uma poderosa resistência, tanto intelectual como moral, a essa hegemonia? Para nós que vivemos nos EUA ou somos seus cidadãos, a primeira obrigação é desmistificar a linguagem e as imagens utilizadas para justificar as práticas assimétricas de Washington, estabelecer um nexo entre a política seguida na Birmânia, Indonésia, Irã e Israel, e a aplicada na Europa, demonstrar que remetem a uma mesma estratégia, ainda quando se tenta apresentá-las como diferentes. Não pode haver resistência sem memória e sem universalismo. Se a limpeza étnica é um mal na Iugoslávia – quem poderá duvidar? –, então também é um mal na Turquia, Palestina, África, qualquer outro lugar. As crises não terminam quando a CNN para de cobri-las.⁵⁰¹

O antiimperialismo de *Le Monde Diplomatique*, às vezes versado como antiamericanismo, abriga assim uma outra crítica, no campo midiático, onde certas mitologias, mentiras e distorções seriam reverberadas. Nessa perspectiva, tanto imperialismo quanto neoliberalismo seriam ideologias dominantes do “pensamento único”, que encontraria eco nas principais mídias *mainstream*.

⁵⁰⁰ SAID, agosto de 1999, p. 10.

⁵⁰¹ Traduzido do original: “*En la posguerra fría, sigue planteada la pregunta: ¿Estados Unidos y su política económico-militar, conducida por el beneficio y el oportunismo, seguirá dirigiendo al mundo, o podemos todavía encarar una poderosa resistencia, tanto intelectual como moral, a esta hegemonía? Para aquellos de entre nosotros que vivimos en Estados Unidos o somos sus ciudadanos, la primera obligación es desmistificar el lenguaje y las imágenes utilizadas para justificar las prácticas asimétricas de Washington, establecer un nexo entre la política seguida en Birmania, en Indonesia, en Irán y en Israel, y la aplicada en Europa, demostrar que remiten a una misma estrategia, aun cuando se intenta hacerlas aparecer como diferentes. No puede haber resistencia sin memoria y sin universalismo. Si la limpieza étnica es un mal en Yugoslavia -¿quién lo pondría en duda?-, entonces es también un mal en Turquía, en Palestina, en Africa y en cualquier otro lugar. Las crisis no se terminan cuando la CNN deja de cubrirlas*” (SAID, agosto de 1999, p. 10).

3.5 QUESTÕES MIDIÁTICAS

Claude Julien dizia um *devoir d'irrespect*. Ignacio Ramonet, um baluarte contra a *pensée unique*. Serge Halimi, um ofício intelectual *singular*. Além das posições já expressadas noutras linhas por Bernard Cassen, Ignacio Ramonet e Serge Halimi na redação francesa, e por Carlos Gabetta no bureau argentino, muitas críticas e metadiscursos sobre o jornalismo ocuparam as páginas da revista. Três pontos-chaves permitem estruturar essas críticas: as pressões do jogo jornalístico, a liberdade de imprensa e as alternativas editoriais possíveis. Por último, na convergência desse tripé, a proposta de *Le Monde Diplomatique*.

3.5.1 O JOGO JORNALÍSTICO

Digo *jogo* para simbolizar o campo de tensões para a atividade jornalística, com regras próprias, obstáculos e adversários, árbitros e suas arbitrariedades. Campo de tensões internas (pressões do deadline e do editor, interesses do diretor e do *big boss*, conflitos de ordem ética, pessoal e profissional) e externas (lobbies, publicidade, poderes políticos e econômicos, muitas vezes ameaças materiais e imateriais de diversas artilharias inimigas – milícias e militares, mas, por que não?, hackers e espiões), muitas vezes um simples repórter lida com o jornalismo menos como um ofício de dimensões cívicas, de matiz democrático, e mais como pauta pautada, jogo jogado. Assim, efeito colateral de um sistema político e midiático em que se esfumam as fronteiras entre interesse público e interesses particulares.

No front da história política, a mídia é um dos celeiros privilegiados para se estudar a movimentação das ideias pois, como certa vez postulou o historiador Jean-Nöel Jeanneney, na dimensão cotidiana de um jornal, de uma rádio, de uma revista, se reflete constantemente a vida política de um país – e, com todos astigmatismos que se queira, “vê-se aí reunido, com relevos acentuados, o jogo que é jogado no mundo político”.⁵⁰²

Dizia Said que o intelectual deveria ser um perturbador do *status quo*. Difícil imaginar esse papel na imprensa contemporânea, quando o jornalista passa, ao contrário, a legitimar o *status quo*. No *Monde Diplomatique*, o sociólogo francês Alain Accardo questionou as razões para o discurso midiático convergir “espontaneamente” à legitimação da ordem. Instiga, no fundo, o que fazem os jornalistas – e o que *deveriam* fazer. À diferença de teóricos

⁵⁰² JEANNENEY, 2003, p. 224-225.

apocalípticos, Accardo teve o mérito de considerar que o observador do sistema midiático deve partir do princípio que, majoritariamente, os jornalistas não estão “maquiavelicamente” focados em manipular seus públicos-alvo para o maior aproveitamento, quer seja o lucro quer seja o político, dos acionistas da mídia particular ou dos investidores capitalistas. Se por ventura os jornalistas se comportam como *condicionadores* não é tanto porque pretendem, de fato e propositalmente, condicionar a opinião pública à direita ou à esquerda, ao norte ou ao sul, a Flamengo ou Fluminense, mas porque estão eles mesmos *condicionados* para tal.⁵⁰³

Ser jornalista requer se equilibrar, às vezes fazer malabarismos, num campo de tensões. Ser intelectual também. Isso vale para as mais diversas publicações, no colorido leque da extrema esquerda à extrema direita. O sociólogo não lhes faz *mea culpa*, mas indica as limitações dos jornalistas, uma vez inseridos numa determinada *media*. Diz Accardo:

Os financistas e os mercadores que se apoderaram da parte essencial das mídias, salvo contadas exceções, geralmente não precisam indicar aos jornalistas o que precisam dizer ou divulgar. Não precisam lhes violentar a consciência nem transformá-los em propagandistas. O sentido da dignidade jornalística não o aceitaria. Para que a informação de imprensa esteja garantida o melhor possível no melhor dos mundos capitalistas, é preferível deixar que o *personal* jornalístico faça livremente seu trabalho (salvo circunstâncias e casos particulares), ou mais exatamente, dar-lhe a sensação de que seu trabalho não obedece a outras exigências, a outras limitações que impõem as regras específicas do jogo jornalístico, aceitadas por todos. É preciso se remeter à consciência profissional.⁵⁰⁴

Assim, Accardo observa operar um mecanismo de cooptação, aberta ou velada, que garante um recrutamento que impede, na maioria dos casos, a entrada de *zorros* no galinheiro ou hereges na missa⁵⁰⁵ – ou, noutras palavras, as ovelhas negras das redações. Mas Accardo lembra que, se o microcosmo jornalístico é um espaço privilegiado para a observação *in vivo* do que acontece nos campos da produção e da difusão dos bens simbólicos, o sucesso de tal mecanismo se ancora basalmente na “espontaneidade” dos que se entregam livremente ao sistema, voluntariamente fechando os olhos e as mentes à ideologia dominante e ao

⁵⁰³ ACCARDO, outubro de 2000, p. 34-35.

⁵⁰⁴ Traduzido do original: “*Los financistas y los mercaderes que se apoderaron de la parte esencial de los medios, salvo contadas excepciones, generalmente no necesitan indicar a los periodistas lo que tienen que decir o mostrar. No necesitan violentarles la conciencia ni transformarlos en propagandistas. El sentido de la dignidad periodística no lo aceptaría. Para que la información de prensa esté garantizada lo mejor posible en el mejor de los mundos capitalistas, es preferible dejar que el personal periodístico haga libremente su trabajo (salvo circunstancias y casos particulares), o más exactamente, darle la sensación de que su trabajo no obedece a otras exigencias, a otras limitaciones que las que imponen las reglas específicas del juego periodístico, aceptadas por todos. Hay que remitirse a la ‘conciencia profesional’*” (ACCARDO, outubro de 2000, p. 34).

⁵⁰⁵ ACCARDO, outubro de 2000, p. 34-35.

pensamento único.⁵⁰⁶

*

Autor de *D'une guerre l'autre* (Flammarion, 1998) e *Imperium* (Czytelnik, 1993), o jornalista polonês Ryszard Kapuscinski (1932-2007) também lembra as pressões propulsadas com as novas tecnologias, que atraíram e arquitetaram conglomerados midiáticos com ambições planetárias, pautados pela instantaneidade e o tempo real, subvertendo as condições da investigação jornalística. “Os jornalistas idealistas, esses doces sonhadores em busca da verdade que antes dirigiam as mídias, foram substituídos por homens de negócios nas direções das empresas de imprensa”.⁵⁰⁷ Assim, critérios de autenticidade e valores de verdade ficaram sob a égide das leis de mercado, e tal metamorfose midiática traz agora uma pergunta fundamental: como compreender o mundo? Se a mídia reflete o mundo de maneira superficial e fragmentada – não realmente reflete, do verbo refletir, ponderar, pensar.

Para Kapuscinski, porém, ainda há alternativas jornalísticas, resistentes nas trincheiras do ofício – mas às vezes é difícil dispor do tempo necessário para assimilá-los, tão letárgicas estão as sociedades. E, diz, “ninguém ignora que nas redações dos diários, dos estúdios de rádio e TV, há jornalistas sensíveis e talentosos, gente que estima a seus contemporâneos, que considera que nosso planeta é um lugar apaixonante, que vale a pena conhecer, compreender e salvar”.⁵⁰⁸

Ryszard Kapuscinski morreu no dia 22 de janeiro de 2007. Para lembrar o primeiro aniversário de sua morte, *El Dipló* publicou um tributo do romancista chileno Luis Sepúlveda, que conhecera o repórter polonês no inverno alemão de 1986, em Bonn. Trocaram correspondências por fax por um tempo e depois voltaram a se reencontrar em Turim, como jurados do Prêmio Grinzane Cavour de 2002. No ano seguinte, Kapuscinski foi laureado com o Prêmio Príncipe das Astúrias, em Oviedo. Nos três encontros, um trago tranquilo e um diálogo nostálgico sobre os rumos do jornalismo.

De Turim, o romancista lembra dos testemunhos de empobrecimento da profissão jornalística e de suas substituições galopantes, da estupidez de acreditar num jornalismo

⁵⁰⁶ ACCARDO, outubro de 2000, p. 35.

⁵⁰⁷ Traduzido do original: “*Los periodistas idealistas, esos dulces soñadores en busca de la verdad que antes dirigían los medios, han sido reemplazados por hombres de negocios a la cabeza de las empresas de prensa*” (KAPUSCINKI, setembro de 1999, p. 26-27).

⁵⁰⁸ Traduzido do original: “*Y nadie ignora que en las redacciones de los diarios, en los estudios de radio y de televisión, hay periodistas sensibles y de gran talento, gente que estima a sus contemporáneos, que considera que nuestro planeta es un lugar apasionante, que vale la pena conocer, comprender y salvar*” (KAPUSCINKI, setembro de 1999, p. 27).

investigativo no Google, do amadorismo dos jovens jornalistas após a universidade. De Oviedo, narra a não tão surpreendente investida, infelizmente, de uma jovem repórter que improvisadamente pedira para entrevistar o jornalista veterano:

– Nunca li nada seu, me explica de que falam seus livros? – perguntou a jornalista, e Ryszard Kapuscinski, esse homem que falava perfeitamente espanhol, francês, português, italiano, inglês, russo, que tinha sobrevivido a 30 revoluções e em quatro ocasiões esteve a ponto de perder a vida, e que ademais era autor de uns vinte livros de leitura obrigatória para qualquer um que se sinta digno de ser um jornalista, simplesmente respondeu: “Meus livros não falam”.⁵⁰⁹

A resposta marca assim o tom melancólico de um *outro* tempo do jornalismo, que um dia talvez tenha sido um mister mais “nobre”, mais “iluminado” – ou, no mínimo, mais “iluminador”. No entanto, nas críticas de *Le Monde Diplomatique*, esse tempo passou.

3.5.2 A LIBERDADE DE IMPRENSA

Em agosto de 2001, Serge Halimi publicou mais uma crítica ao jornalismo “adulador” dos poderes. O argumento do autor: se caíam muros da censura do Estado, outros se erigiram, mas menos visíveis. Os muros agora são abertos, dando a ilusão de uma liberdade relativa. Nos diários, rádios e TVs, mais se pretende pronunciar as palavras “marca” e “produto” para definir o que antes os jornalistas preferiam designar “informação”. “Esqueceram, é certo, que o capitalismo se expandiu com a ‘liberdade de imprensa’, que numa economia liberal a ‘informação’ ia servir, em primeiro lugar, para vender e se vender: ao leitor, ao anunciante, ao acionista”, critica.⁵¹⁰

Halimi critica convescotes industriais – nas linhas cruzadas como Silvio Berlusconi e Rupert Murdoch, com François Pinault e TF1, acionistas da TV Breizh; Lagardère Média e Vivendi Universal, sócios na TV Satellite; Hachette Filipacchi Médias e Pinault, *Le Monde* e *Le Figaro*, sócios para uma TV parisiense – que nos levam a tropeçar nos mesmos nomes e nos mesmos interesses de classes, sem poder distinguir o que é público e o que é mercado –

⁵⁰⁹ Traduzido do original: “– Nunca he leído nada suyo, ¿me explica de qué hablan sus libros? – consultó la periodista, y Ryszard Kapuscinski, ese hombre que hablaba perfectamente español, francés, portugués, italiano, inglés, ruso, que había vivido e informado los sucesos más relevantes de la segunda mitad del siglo XX, que había sobrevivido 30 revoluciones y en cuatro ocasiones estuvo a punto de perder la vida, y que además era autor de una veintena de libros de lectura obligatoria para cualquiera que se sienta digno de ser un periodista, simplemente respondió: ‘mis libros no hablan’” (SEPÚLVEDA, janeiro de 2008).

⁵¹⁰ Traduzido do original: “Olvidaban, es cierto, que el capitalismo se había expandido con la “libertad de prensa”, que en una economía liberal la ‘información’ iba a servir, en primer lugar, para vender y venderse: al lector, al anunciante, al accionista” (HALIMI, agosto de 2001, p. 26).

ou, noutros termos, o que é interesse público e o que é interesse *do* público. Assim, Halimi critica que exaltar a liberdade de imprensa serve, muitas vezes, para mascarar a tirania das mídias e de seus proprietários sobre a vida política e sociocultural.⁵¹¹

Também Ignacio Ramonet, em dezembro de 2002, mencionou diversos exemplos de concentração de interesses nos conglomerados midiáticos – AOL adquiriu Nestcape, CNN a revista *Time* e a produtora Warner Bros; General Electric se apoderou da NBC; News Corporation, de Rupert Murdoch, a produtora Fox e os diários *The Times* e *New York Post*; Serge Dassault, dono de *Le Figaro*, arrematou *L'Express*, *L'Expansion* e outras 14 publicações; Jean-Luc Lagardère, dono de diários como *Nice-Matin* e *La Provence*, dominou as revistas *Elle*, *Pariscopes*, *Paris Match*, e o polo editorial da Vivendi Universal, com Larousse, Laffont, Bordas.⁵¹² Para Ramonet, a concentração midiática conspira contra a liberdade de imprensa e de informação, pois privilegia a lógica do lucro às últimas consequências, o que *per se* seria incompatível com as sociedades democráticas.

Ramonet voltaria à questão em outubro de 2003, ao introduzir as propostas do Observatório Internacional de Mídias como *quinto poder*, contrapondo-se aos “excessos” do poder midiático, que passou a expressar apenas os interesses de gigantes midiáticos que, por sua vez, se espelham nos interesses do *establishment* econômico.⁵¹³

Lembra o autor que, por muito tempo, a imprensa foi, no marco democrático, um baluarte da liberdade contra os abusos dos três poderes tradicionais, inclusive dentro das regras do jogo democrático, com condenações de inocentes nos tribunais e leis discriminatórias ratificadas nos parlamentos. O papel do jornalista era revelar essas violações aos direitos, um papel que muitas vezes lhes custou muito, com atentados e assassinatos em diversos países, do México às Filipinas. Entretanto, esse *quarto poder*, imbuído de vocação cívica e valentia, viu se perderem suas diretrizes, diante dos conglomerados contemporâneos – gigantes como AOL Time Warner, News Corps e General Electric, na trilha do capital financeiro e das invenções tecnológicas – que se tornaram, por seu peso econômico e sua importância ideológica, atores, cúmplices ou difusores da globalização neoliberal. Ao propor, portanto, um *quinto poder* – uma expressão do movimento mundial reunido em Porto Alegre, sublima o sociólogo –, Ramonet espera, podemos dizer, um Davi diante de Golias. Alega que o observatório não pretende, porém, restringir liberdades:

⁵¹¹ HALIMI, agosto de 2001, p. 26-27.

⁵¹² RAMONET, dezembro de 2002, p. 40.

⁵¹³ RAMONET, outubro de 2003, p. 34-35.

Um dos direitos mais preciosos do ser humano é o de comunicar livremente seu pensamento e suas opiniões. Nenhuma lei deve restringir arbitrariamente a liberdade de expressão ou de imprensa. Entretanto, as empresas midiáticas não podem exercê-las a não ser sob a condição de não infringir outros direitos tão sagrados como o de que todo cidadão possa acessar uma informação não contaminada. Ao abrigo da liberdade de expressão, as empresas midiáticas não devem poder difundir informações falsas, nem realizar campanhas de propaganda ideológica ou outras manipulações.⁵¹⁴

No livro *L'explosion du journalisme* (Galilée, 2011), Ramonet relembra a proposta do observatório, num contexto de *guerra midiática*:

Nós propusemos criar um *quinto poder* cuja função seria denunciar o superpoder de quaisquer grandes grupos midiáticos que, em algumas circunstâncias, pararam de defender os cidadãos e agiram contra eles. Isso se constata, atualmente, em diversos países. Na Venezuela, no Equador, na Bolívia, na Argentina e em outros Estados onde a oposição conservadora foi derrotada nas eleições democráticas, os principais grupos de imprensa, de rádio e de televisão engatilharam uma verdadeira *guerra midiática* contra a legitimidade dos novos presidentes, respectivamente Hugo Chávez, Rafael Correa, Evo Morales, Cristina Fernández.⁵¹⁵

É interessante a escolha do editor para ilustrar seu argumento, com casos latino-americanos. De fato, é extremamente delicada a questão da liberdade de imprensa no contexto democrático, pois a censura se camufla em armadilhas mais sutis, em ciladas cotidianas. Mas também são delicadas as propostas para se regular a mídia, como se viu nas discussões recentes na Venezuela e na Argentina.

Um caso ilustrativo da complexidade da censura em tempos democráticos: *El Dipló* dedicou uma página para discutir o caso do jornalista Julio Nudler, que revelaria censuras no periódico portenho *Página/12* no dia 24 de outubro de 2004. Nudler afirmava que sua habitual coluna fora barrada por Ernesto Tiffenberg, diretor do diário, pois continha fortes

⁵¹⁴ Traduzido do original: “Uno de los derechos más preciados del ser humano es el de comunicar libremente su pensamiento y sus opiniones. Ninguna ley debe restringir arbitrariamente la libertad de expresión o de prensa. Pero las empresas mediáticas no pueden ejercerla sino bajo la condición de no infringir otros derechos tan sagrados como el de que todo ciudadano pueda acceder a una información no contaminada. Al abrigo de la libertad de expresión, las empresas mediáticas no deben poder difundir informaciones falsas, ni realizar campañas de propaganda ideológica, u otras manipulaciones” (RAMONET, outubro de 2003, p. 40).

⁵¹⁵ Traduzido do original: “Nous avons proposé de créer un cinquième pouvoir dont la fonction serait de dénoncer le superpouvoir de quelques grands groupes médiatiques qui, dans certaines circonstances, ont cessé de défendre les citoyens et agi contre eux. Comme cela se constate, actuellement, dans des nombreux pays. Au Venezuela, en Équateur, en Bolivie, en Argentine et dans d’autres États où l’opposition conservatrice a été battue lors d’élections démocratiques, les principaux groupes de presse, de radio et de télévision ont déclenché une véritable guerre médiatique contre la légitimité des nouveaux présidents, respectivement Hugo Chávez, Rafael Correa, Evo Morales, Cristina Fernández” (RAMONET, 2011, p. 53).

críticas e graves denúncias a integrantes do governo argentino – à época, liderado pelo presidente Néstor Kirchner. Os jornalistas de *Página/12* se solidarizaram com Nudler, assim como a Unión de Trabajadores de Prensa de Buenos Aires (UTPBA).

Nudler, nas palavras de Carlos Gabetta, era um jornalista prestigiado e de larga trajetória. Nesse gancho, o editor d'*El Dipló* lembrava que, nas sociedades democráticas, a censura pode se mascarar mediante mecanismos mais sutis, como situações cotidianas em que um editor recusa um texto de um repórter alegando imprecisão ou falta de clareza, falta de páginas, pautas mais urgentes e uma série de eteceteras.

Página/12 imprimiu suas primeiras páginas no dia 26 de maio de 1987, dirigido por Jorge Lanata e, inicialmente, Adriana Schettini, Ricardo Ibarlucía e Sylvina Wagner. Tinha a proposta de desviar-se do bombardeamento informativo dos principais matutinos, compartilhando da filosofia jornalística de privilegiar bom jornalismo – e não superinformação⁵¹⁶ – com nomes como Tomas Eloy Martínez, Osvaldo Soriano e Horacio Verbitsky. Ali, segundo Carlos Ulanovsky, Osvaldo Soriano introduziu ideias da imprensa francesa, como o bom nível do texto do *Libération*, os títulos mais coloquiais e a inserção social, tal como se dedicara durante seu exílio europeu. Ex-Montonero, o escritor Horacio Verbitsky propôs que o diário poderia conquistar importância como viga do sistema democrático.⁵¹⁷ Ex-*Página/12*, a repórter Graciela Mochkofsky considera que a casa investiu em jornalismo interpretativo e fomentou um estilo literário no texto jornalístico, definindo-se como um diário independente politicamente, crítico do poder.⁵¹⁸

Diante do ruidoso caso de Julio Nudler, esperava-se um pronunciamento da associação *PERIODISTAS*, fundada em 1995, por um grupo de profissionais de distintas mídias e de diversas orientações político-ideológicas, para defender a liberdade de expressão – entre os fundadores estavam Andrew Graham-Yooll, Ariel Delgado, Atilio Cadorín, Hermenegildo Sabat, Horacio Verbitsky, Jacobo Timerman, James Neilson, Joaquín Morales Solá, Jorge Lanata, José Ignacio López, Magdalena Ruiz Guiñazú, Mariano Grondona, Nelson Castro, Oscar Serrat, Osvaldo Soriano, Roberto Guareschi, Rogelio García Lupo, Rosendo Fraga, Santo Biasatti, Tomás Eloy Martínez, além de Carlos Gabetta e Ernesto Tiffenberg.

PERIODISTAS, oficialmente grafado assim, com letras maiúsculas, foi uma associação atuante na defesa da liberdade de imprensa e no direito à informação na Argentina. A jornalista Gabriela Esquivada lembra que Ernesto Tiffenberg, diretor de *Página/12* e

⁵¹⁶ ULANOVSKY, 2011, p. 181-182.

⁵¹⁷ ULANOVSKY, 2011, p. 182-183.

⁵¹⁸ MOCHKOFKY, 2013, p. 427.

integrante de *PERIODISTAS*, justificou a decisão de não publicar a nota de Julio Nudler – e que muitos independentes viram censura no caso, enquanto outros editores preferiram não participar da discussão.⁵¹⁹ Horacio Verbitsky pedira, na nota “*Títeres y titireteros*”, publicada no *Página/12* de 14 de novembro de 2004, que publicassem a história de Nudler. Destacou, porém, que a denúncia contra o político Claudio Moroni se fundamentava primeiramente no “memorável” livro *Saqueo asegurado*, do economista Roberto Guzmán. Segundo Esquivada, Verbitsky investigou os cargos e ultimou: “Teria sido melhor se *Página/12* tivesse publicado a nota, mas sua sustentação parca não a habilita para considerá-la censurada”.⁵²⁰

Após assembleia extraordinária, *PERIODISTAS* publicou uma nota em que dizia se comprometer a se envolver em casos em que poderes públicos, direta ou indiretamente, afetassem a liberdade de expressão de um jornalista – e que considerava o caso relatado por Julio Nudler como dinâmica habitual nas relações entre um jornalista e seu editor, nada mais. Carlos Gabetta e outros discordavam: nos seus juízos, era censura. No dia 5 de novembro, em desacordo com o pronunciamento, onze integrantes renunciaram – Ana Barón, Carlos Gabetta, Claudia Acuña, Claudia Selser, Jorge Lanata, María Laura Avignolo, María Moreno, Norma Morandini, Silvia Naishtat, Tomás Eloy Martínez, Uki Goñi – o que abriu uma crise dentro da associação, dissolvida definitivamente no dia 10 de novembro.⁵²¹

3.5.3 AS ALTERNATIVAS EDITORIAIS

Entre as alternativas editoriais, destaco três exemplos encontrados nos arquivos d’*El Dipló*: uma editora, uma produtora e uma rádio.

Em setembro de 1999, Eric Hobsbawm (1917-2012) teve o prólogo francês de seu livro *Era dos extremos: o breve século XX (1914-1991)* publicado nas edições, francesa e argentina, entre outras, de *Le Monde Diplomatique*. Da primeira edição de 1994, na Inglaterra, o livro foi logo difundido em diversos idiomas, salvo o francês – o universo francófono, diz, só o descobriria por iniciativa do magazine francês *Le Monde Diplomatique* e da editora belga Complexe.⁵²²

Hobsbawm ficou surpreso com a resistência dos editores franceses, afinal, tivera diversos livros anteriores traduzidos na França. Dificilmente provocaria prejuízo, considerando o desempenho noutros mercados editoriais. Tampouco o desinteresse do leitor

⁵¹⁹ ESQUIVADA, 2010, p. 127.

⁵²⁰ ESQUIVADA, 2010, p. 127.

⁵²¹ GABETTA, dezembro de 2004, p. 34.

⁵²² HOBBSAWM, setembro de 1999, p. 32-33.

francês seria uma justificativa plausível. Entretanto, todos os editores franceses recusaram o livro. Investigando as razões para tal desdém, o historiador britânico cita a revista universitária americana *Lingua Franca*, especializada em discussões e *escândalos* intelectuais, na voz de Tony Judt, que questionava o que poderia ter acontecido com o livro. Para Judt, três forças se conjugaram para amarrar o calhamaço de Hobsbawm: um antimarxismo agressivo entre os intelectuais franceses e as restrições no campo das edições de ciências humanas, mas, sobretudo o rechaço ou o medo da comunidade editorial para se opor a essas tendências.

Cita o autor ainda Pierre Nora, da Gallimard, que, como editor francês *lui-même*, dissera que todos os editores, querendo ou não, estão obrigados a considerar a conjuntura intelectual e ideológica em que se inscreve sua produção. Trocando em miúdos, o novo livro de Hobsbawm despontara numa atmosfera inóspita, daí a falta de entusiasmo para apostar nas suas possibilidades – e, na França, no momento ainda custava digeri-lo. Por fim, Hobsbawm agradece à editora Complexe⁵²³, que tornou possível a edição francesa e “aos amigos parisienses que, nos últimos anos, demonstraram que nem todos os intelectuais franceses viam com maus olhos que seus compatriotas lessem obras de autores que não gozavam dos favores das modas *bienpensantes* da década de 1990”.⁵²⁴

Em outubro de 2007, o jornalista Christian Christensen, professor da Stockholm University, destacou a produtora Brave News no contexto da revitalização do documentário político, impulsionados por sucessos como *Fahrenheit 9/11* (2004) e *Bowling for Columbine* (2002) de Michael Moore; *The corporation* (2003) de Mark Achbar & Jennifer Abbot; *The fog of war*, de Errol Morris; *Central Al-Jazeera* (2004) de Jehane Noujaim; *Super size me* (2004) de Morgan Spurlock e *An inconvenient truth* (2006) de Davis Guggenheim – se a linha permitir atualizações, adicionaria *Inside job* (2010), de Charles Ferguson. Os documentários ativistas/políticos estariam conquistando mais espaço, com a Brave New Films e a Brave News Theater, criadas em 2004 pelo cineasta Robert Greenwald, produtor/diretor de *Irak for*

⁵²³ Ainda no mercado editorial, *El Dipló* publicou na edição de outubro de 2002 um artigo da literata Celina Manzoni, citando as experiências de editoras independentes argentinas como Adriana Hidalgo, Beatriz Viterbo, Biblos, Ediciones de la Flor e La Rosa Blindada, dedicadas a estratégias diferentes das multinacionais e um “voluntarismo militante”, contribuindo à resistência no âmbito cultural. Às vezes designadas “alternativas” ou “pequenas”, as editoras independentes argentinas atuavam com audácia e persistência, apesar das crises, inundações e incêndios, pressões e prisões no passado. Celina aborda, em linhas muito gerais, como dedicados a antropologia, filosofia e história, muitos editores constituem um fundo de divulgação acadêmica, de alto nível e acessibilidade. Para esses editores, a ideia de sucesso está relacionada à possibilidade de realizar uma atividade vocacional da que, ademais, garantam pagar as contas no fim do mês: uma vocação convertida em ofício.

⁵²⁴ Traduzido do original: “[...] A los amigos parisinos que, en los últimos años, demostraron que no todos los intelectuales franceses veían con malos ojos que sus compatriotas leyeran obras de autores que no gozaban de los favores de las modas *bienpensantes* de los años 90” (HOBSBAWM, setembro de 1999, p. 33).

sale (2006), *The big buy: Tom Delay's stolen congress* (2006), *Outfoxed: Rupert Murdoch's war on journalism* (2004), *Uncovered: the war on Iraq* (2004), entre outros.

Greenwald criou a produtora Brave News Films em 2004. A ideia era realizar documentários *instantâneos* sobre temas políticos “quentes”, rodados a baixo custo, mas de alta qualidade, difundidos rapidamente num marco militante mais dilatado possível. Assim, abordou a indústria da guerra, a corrupção política, o poder das corporações. A ideia era relativamente simples, apesar da logística complexa: obter financiamento com a contribuição de cidadãos comuns via internet (o que se popularizou atualmente como *crowdfunding*) para realizar documentários de baixo orçamento sobre questões políticas e socioeconômicas atuais, distribuindo diretamente as produções na internet (rompendo o círculo e o crivo das oligopólicas estruturas de distribuição e difusão cinematográfica). Para Christensen, os documentários formam parte de uma estratégia política maior, pois, na sua sinopse, “o filme não é um fim em si mesmo, mas o ponto de partida de um debate e de uma ação política”.⁵²⁵

Em janeiro de 2008, Danielle Follett e Thomas Boothe narraram a história do *Democracy Now*, um programa de informação progressista que pretendia romper com as emissões difundidas nas rádios particulares. Um pequeno punhado de militantes organizou uma petição, de 70 signatários, para convencer a rádio de uma comunidade rural do noroeste do Tennessee, majoritariamente republicana, mineira e agrícola, a passar o programa. Foi uma pequena vitória, simbólica mas importante para *Democracy Now*, idealizado por Amy Goodman e a Pacifica Radio em 1996, atualmente difundido em rádios universitárias, rádios digitais e cooperativas – de 30 a 700 estações. A pequena casa se mantinha com doações, direitos autorais e, curiosamente, camisetas personalizadas. Ainda marginal, o programa independente era alvo de críticas por “tomar partido”, num contexto jornalístico em que, criticam Boothe e Follett, os oligopólios da informação tentam preservar uma ilusória neutralidade em suas programações. Nas transmissões, *Democracy Now* já entrevistou personalidades como Evo Morales, Hugo Chávez, Edward Said, Naomi Klein, Noam Chomsky e Robert Fisk. O trunfo, aos ouvidos dos autores, é que “se *Democracy Now* é popular num rincão tão republicano como o noroeste do Tennessee, é provavelmente porque muitos americanos, de esquerda ou de direita, suportam cada vez menos o poder das grandes empresas e dos governos sobre a comunicação”.⁵²⁶

⁵²⁵ CHRISTENSEN, outubro de 2007.

⁵²⁶ Traduzido do original: “*Si Democracy Now es popular en una región tan republicana como el noreste de Tennessee, es probablemente porque muchos estadounidenses, de izquierdas o derechas, soportan cada vez menos el poder de las grandes empresas y del gobierno sobre la comunicación*” (FOLLETT, BOOTHE, janeiro de 2008).

Fora das páginas platinas, destaco duas outras alternativas editoriais empreendidas pela revista francesa. Uma, datada de 1986, quando os intelectuais de *Le Monde Diplomatique* passaram a gravar uma “cassete” intitulada *Dossiers Internationaux* com a Radio Zinzine, uma rádio livre fundada por integrantes da comunidade Longo Maí, cooperativa agrícola autogerida, de ideologia rural alternativa.⁵²⁷ Outra, desde 1989, com a parceria da revista com o programa *Là-bas si j'y suis*, produzido pelo jornalista Daniel Mermet e atualmente no ar na *France Inter*. Todo mês, os jornalistas do *Monde Diplomatique* participam da emissão, comentando os assuntos abordados na edição impressa⁵²⁸ – o que também se tornou uma interessante tribuna para promover a revista.⁵²⁹

3.5.4 À PROPOS

Em janeiro de 2005, Ignacio Ramonet voltou à questão da concentração midiática, num contexto marcado pelo *fabuloso* desenvolvimento tecnológico, que dispõe a informação a um alcance internacional imenso e veloz. Ao mesmo tempo, porém, o jornalismo minguava.

O editor registra que, pela primeira vez desde 1990, a matriz francesa de *Le Monde Diplomatique* foi tragada pela crise do jornalismo impresso, com uma queda de 12% na difusão. O editorial atribui o impacto negativo a uma combinação de causas externas (a expansão dos domínios da internet e da cultura web, com informação *gratuita* mesclando fatos verificados e rumores, análises documentadas e impressões *fantasiosas*) e causas internas (a galopante perda de credibilidade do jornalismo impresso, entre erros, manipulações e mentiras). Nas sociedades hipermediatizadas, Ramonet vê paradoxalmente um estado de *insegurança informativa*, pois a informação prolifera, mas sem garantias de confiabilidade. Diante disso, a proposta de *Le Monde Diplomatique* era continuar melhorando seu conteúdo editorial, convidando a mobilização e a solidariedade de seus leitores para defender a independência da revista, que se define:

⁵²⁷ HOLZINGER, 2013, p. 108.

⁵²⁸ HOLZINGER, 2013, p. 108.

⁵²⁹ HARVEY, 2011, p. 147.

Somos o jornal da sociedade em movimento, dos que querem que o mundo mude. E estamos dispostos a nos mantermos fiéis a princípios fundamentais que caracterizam nossa maneira de informar. Moderando a aceleração midiática; apostando num jornalismo das luzes para dissipar as sombras da atualidade; interessando-nos por situações que não estão sob os refletores da atualidade, mas que ajudam a compreender melhor o contexto internacional; propondo dossiês cada vez mais completos, mais profundos e melhor documentados sobre os grandes temas contemporâneos; indo ao fundo dos problemas, com método, rigor e seriedade; apresentando informações e análises inéditas que muitas vezes permaneciam ocultos e atrevendo-nos a ir na contracorrente das mídias dominantes. Estamos convencidos de que a qualidade da informação depende do debate cívico. A índole desse debate determina em última instância a riqueza da democracia.⁵³⁰

Em janeiro de 2007, Ignacio Ramonet voltou à crise do jornalismo impresso, com impacto na França e no mundo. Voltou aos argumentos propostos nos editoriais anteriores: o jornalismo *espetáculo*, a internet *fascinante*, os conglomerados contemporâneos e os poderes econômicos e políticos a orquestrá-los. Lembrou que a publicidade se limita a 5% das páginas da revista francesa, o que seria um ato simbólico para preservar sua independência diante dos interesses do mercado.⁵³¹ Voltou a convocar os leitores, contando com sua solidariedade, mostrando ainda novidades: inovações temáticas, novas seções, novo layout, mas mantendo o estilo e o conteúdo.⁵³²

Tempos extremamente diferentes de 1954, quando *Le Monde Diplomatique* nasceu na França. Também diferentes de 1999, quando *El Dipló* surgiu na Argentina. A informação digital agora transcorre como um *fluido vital* nas veias da sociedade⁵³³, nas redes eletrônicas, nos smartphones, nas telas diminutas. É o ápice do que Ignacio Ramonet designava a *tiranía* da informação. Nesse *looping* informativo nas sinuosidades das redes eletrônicas, seria o fim do jornalismo de papel?

No *Monde Diplomatique*, a jornalista Marie Benilde lembra que um banqueiro do BNP-Paribas, convidado de um congresso da imprensa francesa em Estrasburgo, em 2006,

⁵³⁰ Traduzido do original: “Somos el periódico de la sociedad en movimiento, de los que quieren que el mundo cambie. Y estamos dispuestos a mantenernos fieles a principios fundamentales que caracterizan nuestra manera de informar. Moderando la aceleración mediática; apostando a un periodismo de las luces para disipar las sombras de la actualidad; interesándonos en situaciones que no están bajo los reflectores de la actualidad pero que ayudan a comprender mejor el contexto internacional; proponiendo dossiers cada vez más completos, más profundos y mejor documentados sobre los grandes temas contemporáneos; yendo al fondo de los problemas, con método, rigor y seriedad; presentando informaciones y análisis inéditos que muchas veces permanecían ocultos y atreviéndonos a ir a contracorriente de los medios dominantes. Estamos convencidos de que de la calidad de la información depende la del debate cívico. La índole de este debate determina en última instancia la riqueza de la democracia” (RAMONET, janeiro de 2005, p. 40).

⁵³¹ HOLZINGER, 2013, p. 39.

⁵³² RAMONET, janeiro de 2007, p. 40.

⁵³³ LE CROSNIER, agosto de 2008.

causou furor ao dizer que os jornalistas se encontravam na mesma situação que os operários da indústria siderúrgica da década de 1970: fadados a desaparecer, mas sem saber disso ainda.⁵³⁴ Os anos seguintes mostraram contextos desoladores: em 2009, *The Washington Post* fechou escritórios fora da capital, *Los Angeles Times* e *Chicago Tribune* quase faliram; mais de 2.300 jornalistas foram demitidos na França, 24.500 nos Estados Unidos – em bom português, no jargão jornalístico isso é “passaralho”.⁵³⁵ Na linha da autora, cito outro exemplo, mais atual: se em 2000 *The New York Times*, prestigiado internacionalmente, faturou 3,5 bilhões de dólares, em 2012 as cifras caíram para 1,9 bilhão de dólares.

Em dez anos, a internet saltou na participação nos faturamentos das indústrias culturais de 4% a 22%, enquanto a imprensa despencou de 40% para 14%. Além da *gratuidade* da internet, a jornalista vê um desinteresse evidente do público diante do conteúdo pago oferecido por uma elite jornalística com pouca credibilidade, sobretudo por suas propensões ideológicas. Por outro lado, a web 2.0 atraiu muitos, muitos leitores, a se tornarem também produtores de conteúdos – vídeos no YouTube, fotos no Facebook, comentários e até análises da atualidade nas diversas redes digitais. Atrás do “tempo perdido”, os jornais e revistas não singularizaram seus conteúdos, mas apostaram na rapidez: estar presente em todo lugar, em todo momento, em todas as mídias. Quanto aos jornalistas, diz Benilde, foram intimados a mostrar mais serviço. Os tais jornalistas multimídias passaram a se pautar por um ritmo insano, desviando-se do que deveria ser sua prioridade absoluta: a busca de informações inéditas e verídicas, com ângulos de abordagens originais.⁵³⁶

Desde fins do século XX, outros atores conquistaram espaço e ciberespaço: novas empresas de telecomunicações, poderosos buscadores (Google) e infinitos portais, novos produtores de software (Oracle, Microsoft) e arrojados gadgets (smartphones, tablets), além das onipresentes redes sociais (Facebook, Foursquare, Instagram, Twitter, YouTube). A internet virou um território disputado – um estudo do Boston Consulting Group, por exemplo, destacou que a maior fatia da economia digital (mais de 50%) é engolida por operadoras de telecomunicações, seguidas por companhias como Google e Facebook (22%) e por fabricantes de gadgets (14%). As empresas jornalísticas ficam na lanterna, com apenas 7% do faturamento do negócio digital no mundo inteiro. Esse é o jogo jornalístico no século XXI.

⁵³⁴ BENILDE, fevereiro de 2010.

⁵³⁵ No Brasil, a expressão “passaralho” se refere às demissões em massa nas redações. Remete a pássaros, revoada que destrói tudo por onde passa. Desde 2010, no eixo Rio-São Paulo, passaram sobre redações grandes como Editora Abril, Editora Globo, *Folha de S.Paulo*, *O Estado de S. Paulo*, *Valor Econômico*, além de atingirem redações menores, como *Caros Amigos*.

⁵³⁶ BENILDE, fevereiro de 2010.

*

Vista como efeito *catastrófico* para o jornalismo impresso por Dominique Vidal ⁵³⁷, assolado como “terra de ninguém” na expressão Carlos Alfieri ⁵³⁸, a internet teve impacto inegável para o papel. Alfieri destaca que quase todos os diários internacionais tiveram impressionante queda no papel, salvo uma exceção de um jornal alemão, mas não se lembrava para citá-lo.

Ignacio Ramonet lembra esse ponto fora da curva no livro *L’explosion du journalisme* (2011): a revista alemã *Die Zeit*, com mais de 500 mil exemplares. Segundo Ramonet, o diretor Giovanni di Lorenzo fez algo “muito simples”: após estudar detalhadamente as expectativas dos leitores, decidiu ignorar os conselhos dos experts de mídia, recusar os modismos e continuar apostando em artigos longos e documentados, sérios e até “difíceis” de ler. Convencido de que era preciso remar contra a corrente das tendências midiáticas atuais – a brevidade, a frivolidade e a simplicidade, além do caráter veloz e urgente no *timing* imposto às notícias –, Di Lorenzo considerou que os leitores queriam informações *estampillées*, isto é, carimbadas, confiáveis, legitimadas.⁵³⁹ Familiar o argumento, não?

Diz o editor: “*Die Zeit* e todos os jornais que não traíram seus leitores, que preservaram sua credibilidade e que mantêm sua exigência de qualidade, não estão nada ameaçados de extinção. Eles não desaparecerão”.⁵⁴⁰ O editor não diz, mas não seria difícil imaginar que Ramonet considera *Le Monde Diplomatique* ao lado de *Die Zeit* como exemplos emblemáticos de tal resistência no papel.

Todavia, na França, *Le Monde Diplomatique* enfrentou dificuldades desde 2004 (a primeira vez desde 1999), mas conta com um capital e uma armação administrativa mais sólida que as demais edições internacionais. Na Argentina, *El Dipló* enfrentou dificuldades entre 1999 e 2001 (os 30 meses do *business plan* da Capital Intelectual até conquistarem relativo equilíbrio econômico) e depois, com a crise do jornalismo impresso no mundo todo. Apesar das diferenças, ficam lado a lado nas críticas partilhadas sobre a mídia. Críticas que descompõem os *outros* (de um jornalismo adulator, espetacular, implicado por interesses políticos e lobbies econômicos) e, ao mesmo tempo, compõem sua pretendida identidade (de

⁵³⁷ Dominique Vidal em entrevista à autora, no dia 6 de outubro de 2014.

⁵³⁸ Carlos Alfieri em entrevista à autora, no dia 1º de setembro de 2014.

⁵³⁹ RAMONET, 2011, p. 130-131.

⁵⁴⁰ Traduzido do original: “*Die Zeit et tous les journaux qui n’ont pas trahi leurs lecteurs, qui ont su conserver leur crédibilité et qui maintiennent leur exigence de qualité, ne sont nullement menacés d’extinction. Ceux-là ne disparaîtront pas*” (RAMONET, 2001, p. 131).

um jornalismo sério, documentado e crítico, comprometido com ideais e valores como liberdade e justiça).

No jogo jornalístico, por exemplo, ao criticar a atuação de jornalistas diante das pressões cotidianas, *Le Monde Diplomatique*, e logo *El Dipló*, enumera diversos fatores estruturais – mas se esquece, vale dizer, que seus próprios jornalistas mui raramente vão a campo. Que seus jornalistas e intelectuais escrevem de dentro das redações e das universidades, num *timing* privilegiado, mas que nos bastidores da imprensa *mainstream* há, sim, talentosos e jovens repórteres que fazem malabarismos para conciliar suas convicções éticas às diretrizes do editor e, principalmente, do diretor da casa. Friso, pois muito frequentemente aos jornalistas, peões num tabuleiro muito maior, são atribuídas as tais manipulações midiáticas. Por isso é novamente bem-vinda a frase de Ryszard Kapuscinski: “Ninguém ignora que nas redações dos diários, dos estúdios de rádio e TV, há jornalistas sensíveis e talentosos, gente que estima a seus contemporâneos, que considera que nosso planeta é um lugar apaixonante, que vale a pena conhecer, compreender e salvar”.⁵⁴¹

Na liberdade de imprensa, por sua vez, *Le Monde Diplomatique* critica os conglomerados midiáticos que, por seus vínculos políticos e econômicos, representariam uma ameaça à liberdade de expressão. Ao indicar os vícios dos outros, transversalmente elogia as próprias virtudes – a tal *singularidade* que pretende garantir sua independência. Nesse ponto, é interessante ver edições internacionais reimprimirem tais críticas dos editoriais franceses de *Le Monde Diplomatique*, o que é compreensível na versão argentina na editora Capital Intelectual, mas é muito diverso o contexto de produção das edições internacionais, do comunista italiano *Il Manifesto* ao *mainstream* grego *Eleftherotypia*.

Nas alternativas editoriais, por fim, *Le Monde Diplomatique* destaca experiências alternativas, modestas, pequenas, como exemplos de Davi contra Goliás nas batalhas midiáticas. No episódio do historiador Eric Hobsbawm, não deixou de capitalizar o fato de que muitos leitores só descobririam *Era dos extremos* graças a amigos franceses do autor no *Monde Diplomatique* e à editora belga Complexe.⁵⁴²

Le Monde Diplomatique, já se disse, se vale de um metadiscorso elogioso para definir sua identidade – às vezes, *avec arrogance*. Claude Julien pedia, ainda na década de 1980, silêncio, ponderação e crítica: “É preciso descobrir uma nova maneira de ver, e sem dúvida

⁵⁴¹ Traduzido do original: “Y nadie ignora que en las redacciones de los diarios, en los estudios de radio y de televisión, hay periodistas sensibles y de gran talento, gente que estima a sus contemporáneos, que considera que nuestro planeta es un lugar apasionante, que vale la pena conocer, comprender y salvar” (KAPUSCINKI, setembro de 1999, p. 27).

⁵⁴² HOBBSAWM, setembro de 1999, p. 32-33.

uma nova maneira de dizer. *Le Monde Diplomatique* certamente não tem a pretensão de realizá-la, mas tem a ambição de tentar alcançá-la”.⁵⁴³ Não faltam adjetivos auto-elogiosos e auto-atribuídos às edições de *Le Monde Diplomatique*, tanto nas vozes de seus jornalistas e intelectuais quanto nas letras de seus editoriais, como “sério”, “documentado”, “crítico”, “influyente”, “prestigioso”, “prestigiado”, “respeitado”, “singular”. Num folheto institucional de 2010/2011, *Le Monde Diplomatique* se declara “rigoroso”, “independente”, “crítico”, ancorando-se nos pilares: cultura/ideias, geopolítica, mídias, ciência, economia e transformações sociais.⁵⁴⁴ Destaco *culture/idées*, palavras-chaves nas quais a revista diz pretender participar dos grandes debates intelectuais, dando a palavra aos autores e decifrando os *enjeux* políticos.⁵⁴⁵ Entre redação de jornalistas, tribuna de intelectuais e QG de ativistas, *Le Monde Diplomatique* se tornou, aos olhos de seus produtores e de seus leitores mais fieis, uma “instituição”.

Há duas contradições, entretanto, a destacar. Primeiro, *Le Monde Diplomatique* confronta um paradoxo entre a proposta de que “informar-se cansa”⁵⁴⁶, do editorial francês de Ignacio Ramonet de outubro de 1993, desengavetado por Carlos Gabetta para expressar a filosofia jornalística da edição estreante argentina de julho de 1999, e os tempos atuais, de uma sociedade hipermediatizada e extremamente veloz. Se a proposta das edições de *Le Monde Diplomatique* é informar, vale questionar: a quem? Se informar-se cansa, quem atualmente irá dispor de tempo e de energia para ler seus longos artigos de mais de 20 mil caracteres, minutar e conferir suas referências bibliográficas?⁵⁴⁷

Mas é preciso tentar, dirão, pois muitos leitores valorizam justamente esses diferenciais da revista. Sim, é preciso insistir, uma vez dedicados a essa proposta de

⁵⁴³ Traduzido do original: “*Il faut découvrir une nouvelle manière de voir, et sans doute aussi une nouvelle manière de dire. Le Monde diplomatique n’a certes pas la prétention d’y avoir réussi, mais il garde l’ambition de tout faire pour tenter d’y parvenir*” (JULIEN, novembro de 1987, p. 4).

⁵⁴⁴ A partir de informações de 2010, este folheto institucional indica ainda os números de difusão de *Le Monde Diplomatique*: 158.051 exemplares vendidos na França, sendo 50% de assinantes; 34.298 exemplares vendidos no exterior; 1.342.000 leitores e 723.000 leitores/mês no site.

⁵⁴⁵ Além de “cultura/ideias”, vale identificar os outros pilares. Por “geopolítica”, *Le Monde Diplomatique* destaca o interesse sobre conflitos internacionais. Por “mídias”, propõe a ideia de “informar sobre a informação”, isto é, abordar questões relacionadas ao jornalismo. Por “ciência”, propõe abordar inovações científicas e ecológicas. Por “economia”, defende uma concepção econômica diferente da “ordem dominante”. Por “transformações sociais”, por fim, abrange grandes reportagens, dossiês e análises que exploram questões da sociedade, do trabalho à cultura.

⁵⁴⁶ RAMONET, julho de 1999, p. 4.

⁵⁴⁷ É interessante notar as referências bibliográficas presentes no *Monde Diplomatique*. Apenas para ilustrar a diversidade de fontes, destaco dois editoriais. No “*Lumpenpolítica*”, Carlos Gabetta cita mais uma vez Marx para embasar seu argumento a partir da ideia de *lumpenproletariado*, e ao longo do editorial, cita informações da rádio *La Tribu*, da Organização Internacional do Trabalho (OIT) e da Unesco, além de declarações publicadas nos diários *Clarín*, *La Nación* e *Le Monde Diplomatique* (GABETTA, janeiro de 2000). Ignacio Ramonet, por sua vez, ao firmar sua “*Besoin d’utopie*”, parte do *Manifesto Comunista* de Marx e Engels, costurando ideias de Pierre Bourdieu e Victor Hugo, além de citar a revista *Forbes* (RAMONET, maio de 1998).

compreender e de mudar o mundo. Entretanto, se tiverem tais ambições, é preciso instigar, convidar, atrair realmente o leitor, diante de uma sociedade tal superinformada e a um só tempo desinformada, diante de uma atualidade veloz de metrópoles convulsionadas, onde de manhã acordamos já grudados no celular, “zapeamos” notícias e *fait divers* no tablet, conferimos o trânsito na rádio dentro dos carros já engarrafados no trânsito, à tarde “zigzagueamos” no trabalho entre abas e abas repletas de imagens e hiperlinks, à noite assistimos à TV para pensar na vida, ou para não pensar, marcamos um café com os amigos no Facebook, narramos o evento no Twitter e mostramos o quão divertido está o encontro no Instagram. Socializamos o tempo todo, compartilhamos o tempo todo.

Nesse ritmo vertiginoso, quem cogitará parar num quiosque, desembolsar 4,50 euros, ou 25 pesos, ou 15 reais⁵⁴⁸, para adquirir uma revista de cerca de 40 páginas, com milhares de letras pequenas, belas ilustrações⁵⁴⁹ mas raras fotografias, que afirma oferecer uma visão crítica sobre um mundo em estado crítico? Como seduzir o leitor *real* para esboçar reações diferentes de um bocejo diante das abstrações analógicas, dos pensamentos ritmados por outro compasso? Como convencer o leitor *ideal* a embarcar na ideia de que se informar cansa, de que se informar requer uma atividade produtiva, uma mobilização intelectual do leitor real? Como tentar mudar as regras do jogo jornalístico?

A resposta, se há, evidentemente não é simples. Se mesmo poderosos diários, como os americanos *The New York Times* e *The Washington Post*, tremulam para conseguir manter seu papel de papel, *Le Monde Diplomatique* também está tentando encontrar essas respostas. Diferentemente de outros veículos que mergulharam fundo na web, porém, as revistas francesa e argentina ainda preservam uma vocação internacional e uma vocação impressa, que não é engolida como as pílulas de notícias e flashes midiáticos. Pede, por outro lado, para ser digerida linha a linha, página a página.

⁵⁴⁸ Para se ter ideia dos preços de *Le Monde Diplomatique*, conferidos em novembro de 2014: 74 euros anuais para a assinatura da edição francesa (o equivalente a cerca de 230 reais); 320 pesos anuais para a assinatura da edição argentina (no instável câmbio atual, corresponderia por volta de 93 reais). A assinatura da edição *Le Monde Diplomatique Brasil*, por sua vez, custa 150 reais.

⁵⁴⁹ A dimensão imagética e iconográfica de *Le Monde Diplomatique* mereceria um estudo à parte. Com poucas fotografias, mas ótimas e interessantes ilustrações, a revista privilegiou as artes clássica e contemporânea e apostou em ilustradores considerados *avant-garde*, com cartoons, quadrinhos, tirinhas etc. No seu 50º aniversário, em maio de 2004, o *mensuel* publicou *Les 50 ans du Monde Diplomatique*, com as Éditions Cercle d’Art, um belo livro de arte, destacando a iconografia que ilustrou textos de Ignacio Ramonet, John Berger, Alain Jouffroy, entre outros. Em outubro de 2010, publicou o livro *Le Monde Diplomatique en bande dessinée*, com a Homecooking Books, com os melhores quadrinhos, de artistas como Jochen Gerner, Grégory Jarry e Victor Gurrey, entre outros. Além das ilustrações, a cartografia tem um peso importante nas páginas da revista, ilustrando o que o texto não pode expressar e explicar isoladamente – destaque para as cartas do jornalista e geógrafo Philippe Rekacewicz. Desde 2003, passou a publicar séries geopolíticas ou temáticas como *Atlas*. Exemplos dessas imagens se encontram nos anexos desta tese.

É bem-vinda, nessa tônica, a provocação de Robert Darnton n’*O beijo de Lamourette*: “Será que os editores de jornais, os diretores de cinema, os produtores de televisão e os editores de livros colaboram inadvertidamente num esforço geral de tornar a cultura digerível, transformando-a num *mingau sensacionalista*? As próprias indústrias culturais estarão organizadas para tornar seus produtos de fácil consumo?”⁵⁵⁰ Fugir a essas fórmulas inevitavelmente levaria um produto mais sólido, mais sisudo, como se pretende *Le Monde Diplomatique*, a ficar de fora do menu midiático atual?

Disse dois descompassos. O segundo está entre o pretendido discurso de originalidade de *Le Monde Diplomatique* (uma *manière de voir* francesa, uma *voz clara* argentina) que o diferenciaria das demais publicações, e a reprise notável de argumentos, tanto nas questões midiáticas quanto nas questões políticas e econômicas. No fundo, *Le Monde Diplomatique* opõe-se à lógica da dominação: das deliberações econômicas dos ricos a explorar os pobres, das intervenções imperialistas dos poderosos a oprimir os fracos. Das críticas furiosas marteladas contra o imperialismo, sobretudo simbolizado por diretrizes políticas norte-americanas, abriram-se brechas, entretanto, às perspectivas esperançosas sobre alternativas, rebeldias e resistências possíveis, sobretudo latino-americanas.

Uma vez acorde original, outras vezes reiteradas variações de uma mesma valsa, um passo antineoliberal, outro antiimperialista. Assim, ao abordar essas questões, foram destacadas as continuidades editoriais de *Le Monde Diplomatique*. Entretanto, é possível enfatizar ainda rupturas, quando a essa marselhesa se mescla o tango d’*El Dipló*.

⁵⁵⁰ DARNTON, 2010, p. 14, grifo meu.

4 ENCONTROS E DESENCONTROS

Muitos encontros marcaram *Le Monde Diplomatique* e suas edições internacionais. Entretanto, presentes foram ainda desencontros, editoriais e políticos – entre certos conflitos resolvidos *diplomaticamente* fora das páginas do *Diplomatique*, e outros que culminariam, por exemplo, para além das páginas da edição argentina.

Carlos Gabetta se despediu d'*El Dipló* em fevereiro de 2011. Oficialmente, no editorial simplesmente intitulado “*Le Monde Diplomatique*”, o editor revisitou a trajetória da *madre* parisiense para destacar a relevância editorial da revista. Lembrou os primeiros tempos de Claude Julien, na década de 1970, expressos por *Le devoir d’irrespect* que sintetiza, na leitura do editor, a ideia de que o jornalista não deve tornar suas as verdades do poder – e que, citando o livro, “não tem outra alternativa a não ser revelar o que todo poder se esforça por ocultar; que meter o dedo nas contradições e nas imposturas; que atrair os olhares sobre o que é difícil perceber; que escutar a quem não tem meios para se fazer escutar”.⁵⁵¹

A Julien, Gabetta atribuiu a transformação do “esclerosado” especial diplomático a uma “prestigiosa publicação progressista” de política internacional, que saltou de 40 mil a 200 mil exemplares de difusão na língua francesa, além de suas 75 edições internacionais, à época, correspondentes a 41 impressas e 34 eletrônicas. Para Gabetta, *Dipló* oferece aos leitores uma interpretação dos principais acontecimentos mundiais contextualizados nas suas dimensões econômica, política, social. O editor fez uma interessante ressalva: “*El Dipló* não espera que todo mundo esteja de acordo, mas que o debate seja intelectualmente honesto, profissionalmente sério e formalmente respeitoso”.⁵⁵²

Definiu a linha editorial de *Le Monde Diplomatique* como um *republicanismo de izquierda*, que quer dizer, novamente na sua interpretação, uma perspectiva histórica, ética e moral que propõe um mundo mais livre e mais justo⁵⁵³ – nessa linha estariam as diretrizes de Claude Julien, preservadas por Ignacio Ramonet e Serge Halimi, na edição francesa. Após

⁵⁵¹ Traduzido do original: “[...] no tiene otra alternativa que revelar lo que todo poder se esfuerza por ocultar; que meter el dedo en las contradicciones y las imposturas; que atraer las miradas sobre aquello que es difícil de percibir; que escuchar a aquellos que no tienen medios para hacerse escuchar” (JULIEN apud GABETTA, fevereiro de 2011, p. 2-3).

⁵⁵² Traduzido do original: “*El Dipló* no aspira a que todo el mundo estea de acuerdo, sino a que el debate sea intelectualmente honesto, profesionalmente serio y formalmente respetuoso” (GABETTA, fevereiro de 2011, p. 2-3).

⁵⁵³ Traduzido do original: “¿La ‘línea’ editorial? Republicanismo de izquierdas; esto último en sentido amplio: un punto de vista histórico, ético y moral que propugna un mundo más libre y más justo” (GABETTA, fevereiro de 2011, p. 2-3).

a revisão histórica, Carlos Gabetta finalmente revelou que esse seria seu último editorial na *Edición Cono Sur*, após quase doze anos na direção argentina:

Toca aos leitores julgar se nesse tempo fomos fieis a esses critérios profissionais, a essa ética e a essa moral. Da minha gestão, apenas posso dizer que tentei honestamente, apoiado em todos os momentos por um secretariado eficiente, uma equipe de jornalistas profissionais, tradutores e revisores valiosos, e jovens muito bem formados que deram seus primeiros passos aqui e hoje, digo com orgulho, são profissionais de primeiro escalão. Quanto aos colaboradores externos de todos esses anos, a lista de nomes fala por si mesma: o que se diz “um luxo”; sem dúvidas, uma honra. Por fim, queria expressar meu agradecimento profundo aos leitores por sua fidelidade, adesões e discrepâncias, por terem sabido distinguir nossa “voz clara em meio ao ruído” durante todos esses anos. Por último, dar as boas-vindas a José Natanson, na certeza de que, apoiado por uma equipe de profissionais experientes e, sobretudo, fieis aderentes à “linha” e aos critérios do *Dipló*, saberá dar continuidade a essa filosofia jornalística.⁵⁵⁴

Esta foi a despedida oficial. Extraoficialmente, há mais. O editor decidiu sair do *Monde Diplomatique* após desentendimentos com Hugo Sigman, proprietário da editora Capital Intelectual e, portanto, detentor do contrato com a matriz francesa.

Nascido em 1944, em Buenos Aires, Hugo Sigman estudou medicina na Universidad de Buenos Aires (UBA). Tornou-se um rico empresário argentino, com atividades nas áreas farmacêuticas e veterinárias, nos Laboratorios Elea e Biogénesis-Bagó. Na área cultural, fundou a editora Capital Intelectual e a produtora K&S Films, com o amigo Oscar Kramer (1937-2010).

Sigman se casou com a bioquímica Silvia Gold, com quem fundou a companhia farmacêutica Chemo, em 1977, em Barcelona. Lado a lado, o casal agora dirige a fundação Mundo Sano, iniciada pelo pai de Silvia, Roberto Gold, em 1993, em Buenos Aires. Todas as empresas “familiares” estão reunidas sob a rubrica Grupo Insud.

⁵⁵⁴ Traduzido do original: “Toca a los lectores juzgar si en este tiempo hemos sido fieles a esos criterios profesionales, a esa ética y a esa moral. De mi gestión solo puedo decir que lo he intentado honestamente, apoyado en todo momento por un secretariado eficiente, un equipo de periodistas profesionales, traductores y correctores de gran valía y por jóvenes muy bien formados que hicieron aquí sus primeros pinitos y hoy, lo digo con orgullo, son profesionales de primer nivel. En cuanto a los colaboradores externos de todos estos años, la lista de nombres habla por sí misma: lo que se dice ‘un lujo’; sin dudas un honor. Me queda expresar mi agradecimiento profundo a los lectores por su fidelidad, adhesiones y discrepancias; por haber sabido distinguir nuestra ‘voz clara en medio del ruido’ durante todos estos años. Por último, dar la bienvenida a José Natanson, en la certeza de que, apoyado por un equipo de profesionales con experiencia y, sobre todo, fieles adherentes a la ‘línea’ y los criterios de el *Dipló*, sabrá dar continuidad a esta filosofía periodística” (GABETTA, fevereiro de 2011, p. 2-3).

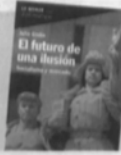
Vindo do Partido Comunista Argentino (PCA), Sigman, nas palavras de Gabetta, seria dono de uma das maiores fortunas do país. No nosso primeiro encontro, no dia 11 de setembro de 2012, assim o jornalista narrou o desentendimento com o empresário:

Por um lado, ele vem do Partido Comunista Argentino, que é ultra-kirchnerista. Por outro lado, passou a fazer negócios com o governo de Cristina Kirchner. No *Monde Diplomatique*, eu tinha a mesma relação com esse governo que sempre tive por toda a minha vida, isto é, apoiava os pontos positivos e criticava os pontos negativos. E, quando o governo de Cristina Kirchner passou a dar sintomas do que se tornaria agora, autoritário e corrupto, passei a ter problemas com Hugo Sigman. Não problemas diretos, pois nunca me disse nada. Fez como fariam os empresários habituais, quer dizer, começou a me complicar a vida. Por exemplo, com o atraso nos salários. Outro exemplo: em 2009, quando completamos dez anos da edição argentina, fiz um acordo com a embaixada francesa para fazer uma grande festa. E ele decidiu cancelar essa festa, o que me constrangeu diante da embaixada. *Bueno*, enfim, um diretor de jornal não pode estar brigado com o patrão.⁵⁵⁵

No desentendimento entre Hugo Sigman e Carlos Gabetta, a corda arrebentou para o lado mais fraco. Assim, Gabetta decidiu sair de *Le Monde Diplomatique*, sem ocultar certa mágoa, pois os franceses não o apoiaram absolutamente. “Eles preferiram o negócio. Nunca pedi que eles interviessem, mas... Assim desapareci de *Le Monde Diplomatique*, como se nunca tivesse participado dessa história”.⁵⁵⁶

⁵⁵⁵ Carlos Gabetta em entrevista à autora, no dia 11 de setembro de 2012.

⁵⁵⁶ Carlos Gabetta em entrevista à autora, no dia 11 de setembro de 2012.



El futuro de una ilusión

Julio Godio

Desde mediados de febrero en su kiosco

Argentina, camino a las elecciones generales: reforma política y bipartidismo

por Beatriz Rajland, Fernando Pita y Daniel Campione
páginas 4 a 7

LE MONDE «el Dipló» diplomatique

el Dipló, una voz clara
en medio del ruido
Capital Intelectual S.A.
Av. Córdoba 827, 12º A
(1054) Buenos Aires, Argentina
Publicación mensual
Año XII, N° 140, febrero 2011
Precio del ejemplar: \$14
En Uruguay: 100 pesos
www.eldipto.org



Pobreza, desempleo, corrupción y represión

Sublevación en el mundo árabe



Manifestación en Túnez. 24-1-11 Néstor Salazar / Corbis

La rebelión popular que sacudió Túnez durante las últimas semanas y causó la dimisión y huida del país de su presidente Ben Ali, que se mantenía en el poder desde hacía 23 años, fue un proceso vertiginoso y sorpresivo para la mayoría de los observadores políticos del mundo. Pero las causas no eran secretas: pobreza, desempleo, corrupción, marginación de la juventud y represión sistemática de la disidencia. El incendio se ha extendido rápidamente a otros países árabes, en especial Egipto, generando desconcierto en las grandes potencias e Israel.

Dossier: 20: **La rebelión exitosa**, por Hicham Ben Abdallah El Alaoui 21: **Viejas estructuras, jóvenes manifestantes**, por Amin Allal 22: **Un drama con muchos actos**, por Olivier Plot 24: **Contradicciones argelinas**, por Kader A. Abderrahim 25: **Egipto en el espejo de la revolución tunecina**, por Sarah Ben Néfissa 40: **Lo imposible sucede**, por Serge Halimi

En este número

- 2 Staff, Encuentros
- 3 *Le Monde diplomatique*
por Carlos Gabetta
- Argentina,
camino a las elecciones generales
- 4 **Democracia versus "ingeniería política"**
por Beatriz Rajland
- 6 **La Unión (7) Cívica Radical**
por Fernando Pita y Daniel Campione
- 8 **El fantasma del pachamamismo**
por Renaud Lambert
- 10 **El militarismo estadounidense**
por William Pfaff
- 12 **Afganistán, nuevo tormento alemán**
por Philippe Leymarie
- 15 **Adolf Eichmann en Argentina**
por Ignacio Klitch
- 16 **El sistema de salud suizo, amenazado**
por Michaël Rodriguez
- 18 **Olas que agitan la plaza financiera helvética**
por Sébastien Guex
- 19 **Stéphane Hessel, una vida de novela**
por Ignacio Ramonet
- 26 **Hacia el nacimiento de Sudán del Sur**
por Gérard Prunier
- 28 **Crónica de una independencia**
por Marc Lavergne
- 29 **En las revistas**
- 30 **¿A la caza de los cristianos de Oriente?**
por Rudolf El-Kareh
- 32 **Al asalto de la agricultura orgánica**
por Philippe Baqué
- 35 **Joan Manuel Serrat, poeta**
por Osvaldo Gallone
- 36 **El cine cambia su piel**
por Javier Porta Fouz
- 38 **Los libros del mes**

Editorial, por Carlos Gabetta

Le Monde diplomatique



Le Monde diplomatique, edición Cono Sur, agosto de 2009



Le Monde diplomatique, edición Cono Sur, septiembre de 2009

La edición "madre" francesa de *el Dipló* fue fundada en 1954, pero el periódico tal como se lo conoce actualmente "nacido" en los primeros años de la década del 70, cuando Claude Julien fue elegido director. Autor de un libro de cabecera sobre periodismo, *Le devoir d'irrespect* (*El deber de ser irrespetuoso*) (1), cuya tesis se puede resumir en que un periodista no puede, no debe, hacer suyas "las verdades del poder del Estado, de los partidos de oposición, del dinero, de los que orientan y deciden" y que "no tiene otra alternativa que revelar lo que todo poder se esfuerza por ocultar; que meter el dedo en las contradicciones y las imposturas; que atraer las miradas sobre aquello que es difícil de percibir; que escuchar a aquellos que no tienen medios para hacerse escuchar", Julien convirtió en poco tiempo al pasablemente esclerosado periódico "diplomático" (se acababan los tiempos en que París era la capital del mundo y el francés la lengua internacional), en *el Dipló* que conocemos: una prestigiosa publicación progresista de política internacional, que pasó en un par de décadas de 40.000 a más de 200.000 ejemplares de difusión en lengua francesa y más de un millón de ejemplares en todo el mundo a través de sus 75 ediciones en 28 lenguas, de las cuales 41 en papel y 34 electrónicas.

La fórmula es simple. El "deber de ser irrespetuoso" ante cualquier forma de poder se traduce en un meticuloso respeto hacia los lectores, hacia los ciudadanos. La pura enumeración de hechos fuera de contexto, propia de las publicaciones cotidianas, la radio y la televisión; el trabajo de los periodistas que "llegan, ven e informan", es en *el Dipló* responsabilidad de especialistas de cada tema; de estudiosos, en general académicos o periodistas especializados, trabajando en equipo con la redacción del periódico. Artículos de opinión, pero apoyada ésta en datos concretos, con abundancia de notas al pie y bibliografía. Es decir, opinión fundamentada; temas ubicados en su contexto histórico, local, regional e internacional; tratados en su dimensión económica, política, social, histórica e incluso ambiental.

En *el Dipló* trabajamos sobre la idea de base de que todo está relacionado; de que lo que llamamos azar, casualidad o destino es solo el encadenamiento de causas y circunstancias que no conocemos.

Así, los lectores reciben cada mes una

interpretación de los principales problemas y sucesos mundiales debidamente contextualizados; pueden establecer relación entre los sucesos locales, regionales y mundiales; verificar los hechos y ampliar sus conocimientos sobre cada tema sin compartir necesariamente las opiniones vertidas. *El Dipló* no aspira a que todo el mundo esté de acuerdo, sino a que el debate sea intelectualmente honesto, profesionalmente serio y formalmente respetuoso.

¿La "línea" editorial? Republicanismo de izquierdas; esto último en sentido amplio: un punto de vista histórico, ético y moral que propugna un mundo más libre y más justo. Los sucesores de Julien, Ignacio Ramonet y Serge Halimi, han continuado y profundizado esta orientación y estilo de trabajo.

La edición Cono Sur

Los lectores se preguntarán "¿a qué viene" este repaso. Pues a que éste es mi último editorial en la edición Cono Sur, que tengo el honor de haber dirigido desde que Capital Intelectual aceptó mi propuesta de publicarlo en estos pagos. La edición de marzo próximo estará a cargo de un prestigioso intelectual y periodista, José Natanson (ver recuadro).

En estos casi 12 años, desde julio de 1999, *el Dipló* Cono Sur, publicó también varios *Atlas* mundiales, una importante colección de libros y fue extendiendo sus ediciones desde Argentina a Bolivia, Chile, Colombia, Perú, México, Venezuela y Uruguay, en estrecha colaboración con profesionales y empresas de esos países y con los altibajos, éxitos y fracasos propios de toda edición independiente en tiempos de crisis mundial de la profesión y de crisis mundial a secas.

Toca a los lectores juzgar si en este tiempo hemos sido fieles a esos criterios profesionales, a esa ética y a esa moral. De mi gestión solo puedo decir que lo he intentado honestamente, apoyado en todo momento por un secretariado eficiente, un equipo de periodistas profesionales, traductores y correctores de gran valía y por jóvenes muy bien formados que hicieron aquí sus primeros pinitos y hoy, lo digo con orgullo, son profesionales de primer nivel. En cuanto a los colaboradores externos de todos estos años, la lista de nombres habla por sí misma: lo que se dice "un lujo"; sin dudas un honor.

Me queda expresar mi agradecimien-

to profundo a los lectores por su fidelidad, adhesiones y discrepancias; por haber sabido distinguir nuestra "voz clara en medio del ruido" durante todos estos años.

Por último, dar la bienvenida a José Natanson, en la certeza de que, apoyado por un equipo de profesionales con experiencia y, sobre todo, fieles adherentes a la "línea" y los criterios de *el Dipló*, sabrá dar continuidad a esta filosofía periodística. ■

carlos.gabetta@gmail.com

1 Claude Julien, *Le devoir d'irrespect*, Alain Moreas, París, 1979.

© Le Monde diplomatique, edición Cono Sur

José Natanson

Periodista y politólogo recibido en la Universidad de Buenos Aires, José Natanson es desde este mes de febrero el nuevo director de *Le Monde diplomatique*, edición Cono Sur. Natanson trabajó durante ocho años en el diario *Página/12*, para el cual cubrió campañas electorales, viajes presidenciales y diferentes acontecimientos en Argentina y el exterior. Desde 2007 escribe una columna en la edición dominical del periódico, que apunta a poner en contexto los debates nacionales y ofrecer una mirada de fondo acerca de los principales temas de actualidad. Paralelamente, Natanson se desempeñó como jefe de redacción de *Nueva Sociedad*, revista de análisis político y discusión académica para América Latina editada por la Fundación Friedrich Ebert. En el ámbito académico, se desempeñó como investigador del Instituto Gino Germani de la Universidad de Buenos Aires en temas de participación política, ciudadanía y procesos electorales, y como consultor del Programa de Naciones Unidas para el Desarrollo (PNUD). Condujo programas de radio y televisión y es autor de tres libros: *El presidente inesperado*, *El gobierno de Kirchner según los intelectuales argentinos* (Homo Sapiens); *Buenos muchachos. Vida y obra de los economistas del establishment* (Libros del Zorzal), y *La nueva izquierda. Triunfos y derrotas de los gobiernos de Brasil, Argentina, Venezuela, Chile, Bolivia, Uruguay y Ecuador* (Debate/Random House Mondadori). ■

LE MONDE «el Dipló»
diplomatique

¡Suscríbase!

Lo invitamos a suscribirse

Llamando a los teléfonos / fax: (54 11) 4511 8150 / 4511 8152 de lunes a viernes de 13 a 19 hs.
Por mail: secretaria@eldiplo.org

Deseo suscribirme a *Le Monde diplomatique*

Apellido y Nombre: _____
Dirección: _____
Código postal: _____ Localidad: _____
Provincia: _____ País: _____
Teléfono: _____ Fax: _____
E-mail: _____
Documento (tipo y número): _____

FORMAS DE PAGO

Tarjeta de crédito (Visa o Mastercard), depósito o transferencia bancaria
Cheque o giro postal a la orden de "Capital Intelectual SA",
Av. Córdoba 827 12° A (C1054AAH), Buenos Aires, Argentina.

Argentina: un año (12 números) 140 pesos
Extranjero: un año (12 números) 95 dólares

4.1 O FATOR KIRCHNER

El Dipló estreou na Argentina do presidente Carlos Menem, do Partido Justicialista, que ficou no poder entre 8 de julho de 1989 e 10 de dezembro de 1999. É interessante reler a história argentina nos editoriais da revista, nos instáveis e breves governos de Fernando de la Rúa (1999-2001), Ramón Puerta (2001), Adolfo Rodríguez Saá (2001), Eduardo Camaño (2001-2002) e Eduardo Alberto Duhalde (2002-2003), até a ascensão de Néstor Kirchner (2003-2007). Essa será a trilha percorrida *en passant*, a fim de compreender o contexto que levou à despedida de Gabetta.

Em outubro de 1999, o editor publicou o editorial “*República, o país mafioso*” (1) – que viria a ser o primeiro de muitos artigos nesse tom. Era tempo eleitoral, o quarto geral desde o fim da ditadura, diante de uma sociedade “cética” e desencantada com a crise econômica, a corrupção nos três poderes, a desigualdade galopante e o desmantelamento da estrutura social. Carlos Gabetta cita, como costume, eventos extraordinários recentes para tentar revelar a realidade argentina: em setembro de 1999, por exemplo, um Boeing 737 provocara uma catástrofe ao sair da pista no aeroporto de Buenos Aires, atravessando em chamas uma avenida abarrotada de carros e parando nas instalações de um campo de golfe; saldo: mais de 70 mortos. Na raiz da tragédia, o editor lembra as declarações do piloto Enrique Piñeyro, que relevara anos antes que os aeroportos argentinos eram muito perigosos, com radares antigos, informações meteorológicas imprecisas e aviões decolando apesar do excesso de peso. Cita ainda o poeta César Fernández Moreno (1919-1985), que resumira as décadas de golpes de Estado, frustrações e ruínas nacionais com um aforismo cruel: “ser argentino é como ter uma mãe idiota”.⁵⁵⁷

Tal epígrafe de Moreno foi impressa novamente nas páginas d’*El Dipló*, acompanhada por outro *chiste* crítico, presente nas rodas intelectuais internacionais de economistas e sociólogos: “Todos os casos são compreensíveis e explicáveis”, diz Gabetta, “menos o sucesso do Japão e o fracasso da Argentina... Uma *boutade*, sem dúvida, pois o primeiro se explica, no mínimo desde o pós-guerra, por racionalidade, trabalho, investigação, perseverança e institucionalidade; o segundo por todo o contrário”.⁵⁵⁸

⁵⁵⁷ GABETTA, outubro de 1999, p. 1-20.

⁵⁵⁸ Traduzido do original: “*Es bastante conocido el chiste que circula entre economistas y sociólogos internacionales sobre la evolución histórica de los países: todos los casos son comprensibles y explicables, menos el éxito de Japón y el fracaso de Argentina... Una boutade, sin dudas, porque el primero se explica, al*

Primeiro pessimismo: jovens sem futuro, velhos sem presente, trabalhadores pobres mais empobrecidos, marginalidade e corrupção. Para Gabetta, a decadência argentina não reflete apenas o fenômeno da globalização neoliberal e suas questões sociais, mas a sua própria lógica interna: instituições, dos três poderes do Estado aos sindicatos, partidos políticos, tragadas por uma espiral de corrupção, clientelismo e todo tipo de delitos de uma desfaçatez tal que poderiam render uma novela ou uma ópera. Na análise do autor, a degradação política do país leva à corrupção colossal, à impunidade total e à violência, onde passa a imperar o comportamento das máfias.⁵⁵⁹

Em outubro de 2000, o jornalista republicou o editorial “*República, o país mafioso*” (2), com a justificativa de que, um ano após sua primeira publicação, a situação só se agravara no país, com imobilismo total no governo, desesperança total na sociedade.⁵⁶⁰

Outro pessimismo: enquanto os vizinhos latino-americanos, como Brasil, Chile e Venezuela, buscavam seu próprio caminho, a Argentina diminuía como *piel de zapa*, degradada, com legisladores e juízes corruptos, políticos suspeitos, províncias devastadas e mais de três milhões de miseráveis. Um país, afirma o autor, entre a tragédia e o absurdo.⁵⁶¹ Um país mafioso, paralisado, quebrado⁵⁶², uma *republiqueta*⁵⁶³, uma *república bananera*⁵⁶⁴, uma sociedade no marasmo e à deriva.⁵⁶⁵

Em julho de 2002, o editor abordou a decomposição do país mafioso. Partiu de outro episódio: a repressão policial brutal sobre uma marcha de *piqueteros* em Avellaneda, no mês anterior, que provocou duas mortes, dezenas de feridos e de presos, e a invasão de diversas casas e de um endereço da Izquierda Unida. Para Gabetta, foi um salto qualitativo na decomposição política e institucional do país, donde não se poderia esperar *nada civilizado*.⁵⁶⁶

Às vésperas das eleições presidenciais de 2003, Carlos Gabetta via o fantasma peronista de Carlos Menem rondar a Argentina – um arquétipo de uma sociedade que, na análise do autor, nos últimos 25 anos, abandonou o terreno do simplesmente simbólico e se assumiu na realidade como o país *de las mafias y la farandula* no poder.⁵⁶⁷ Num discurso furioso, criticou:

menos desde la posguerra, por racionalidad, trabajo, investigación, perseverancia e institucionalidad; el segundo por todo lo contrario” (GABETTA, julho de 2008, p. 3).

⁵⁵⁹ GABETTA, outubro de 1999, p. 1-20.

⁵⁶⁰ GABETTA, outubro de 2000, p. 1.

⁵⁶¹ GABETTA, outubro de 2000, p. 4.

⁵⁶² GABETTA, julho de 2001.

⁵⁶³ GABETTA, outubro de 2002.

⁵⁶⁴ GABETTA, julho de 2002.

⁵⁶⁵ GABETTA, maio de 2001.

⁵⁶⁶ GABETTA, julho de 2002.

⁵⁶⁷ GABETTA, abril de 2003, p. 3.

Se em 1973, o general Perón tinha consentido à Triple A que se metralhasse a juventude peronista, Menem encontrou esse caminho aberto pelos crimes da ditadura e pela esperança dos sobreviventes na democracia. Tudo que precisou fazer – e o fez – foi caminhar decidido pelo pavimento econômico inaugurado por José Alfredo Martínez de Hoz. E que fez majoritariamente a sociedade argentina? Festejou, adulou, especulou e repartiu as migalhas da orgia financeira e as gastou em Miami, Búzios ou Punta del Este, enquanto os trabalhadores consentiam a entrega de suas obras sociais e caixas de aposentadoria a especuladores particulares e se esqueciam dos desempregados e de sua militância sindical. Se durante a ditadura essa maioria tinha olhado para outro lado quando se cometiam crimes e aceitado o circo mundial do futebol (somos direitos e humanos, se dizia), agora fingiu não se inteirar do endividamento do país, da catástrofe industrial, educativa e sanitária e de que filões inteiros da sociedade se afogavam na pobreza ou na miséria: estava demasiadamente ocupada se masturbando com o sexo e as riquezas fulgurantes que mostravam as capas das revistas *Gente* e *Caras*. No último quarto de século, a Argentina pareceu dar razão a quem pensa que os países que carecem de aristocracia estão condenados a ser governados por tiranos ou por mafiosos. O resto é história recente. Uma esquerda oportunista que se empoleira sobre as expectativas de liberdade, igualdade, decência e soberania dessa outra sociedade, minoritária mas numerosa, que encarna as aspirações de conformar uma república e uma nação dignas desse nome, e acaba entregando essa conta à direita do partido radical, o mais rançoso, casposo e *estólido* da política nacional.⁵⁶⁸

Em maio de 2003, Carlos Gabetta dizia que, após tropeços no tormentoso século XX, a política argentina finalmente entrava no século XXI. Ficaram para trás o partido militar (depois dos crimes e da aventura das Malvinas), o partido radical (após a “arrasadora” vitória de Raúl Alfonsín, a “absurda” administração de Fernando de la Rúa, a frustrada tentativa de Leopoldo Moreau).⁵⁶⁹

⁵⁶⁸ Traduzido do original: “*Si en 1973 el general Perón había consentido a la Triple A y que se ametrallase a la juventud peronista, Menem encontró ese camino despejado por los crímenes de la dictadura y la esperanza de los sobrevivientes en la democracia. Todo lo que tuvo que hacer –y lo hizo– fue marchar decidido por el pavimento económico inaugurado por José Alfredo Martínez de Hoz. ¿Y qué hizo mayoritariamente la sociedad argentina? Lo festejó, lo aduló, especuló, se repartió las migas de la orgía financiera y se las gastó en Miami, Buzios o Punta del Este, mientras los trabajadores consentían la entrega de sus obras sociales y cajas de jubilación a especuladores privados y se olvidaban de los desocupados y de su militancia sindical. Si durante la dictadura esa mayoría había mirado a otra parte cuando se cometían crímenes y aceptado el circo del mundial de fútbol (somos derechos y humanos, decía), ahora fingió no enterarse del endeudamiento del país, de la debacle industrial, educativa y sanitaria y de que panes enteros de la sociedad se hundían en la pobreza o la miseria: estaba demasiado ocupada masturbándose con el sexo y las riquezas fulgurantes que mostraban las portadas de Gente y de Caras. En el último cuarto de siglo, Argentina pareció darle razón a quienes piensan que los países que carecen de aristocracia están condenados a ser gobernados por tiranos o mafiosos. El resto es historia reciente. Una izquierda oportunista que se encarama sobre las expectativas de libertad, igualdad, decencia y soberanía de esa otra sociedad, minoritaria pero numerosa, que encarna las aspiraciones de conformar una República y una Nación dignas de ese nombre, y acaba entregando ese caudal a la derecha del partido radical, lo más ranco, casposo y estólido de la política nacional*” (GABETTA, abril de 2003, p. 3).

⁵⁶⁹ GABETTA, maio de 2003, p. 3.

O que restou? O peronismo, mas obrigado a definir seu perfil ideológico – não, esmiúça o editor, o peronismo do ministro José López Rega (1916-1989), da ex-presidente María Estela Martínez, *a.k.a* Isabelita Perón, do metalúrgico Lorenzo Miguel (1927-2002) e do ex-presidente Carlos Menem. Teria restado um peronismo totalmente oposto, do advogado Néstor Kirchner, que, para o jornalista, se instalaria no centro do espectro político, com um discurso soberanista e ligeiramente à esquerda. À espera do domingo dia 18, as eleições poderiam marcar um recomeço, uma nova institucionalidade para salvar o país, ou um retorno aos tempos tormentosos.⁵⁷⁰ Foi o primeiro sopro de otimismo nos editoriais argentinos d’*El Dipló* – e Néstor Kirchner (1950-2010), da Frente para la Victoria, foi eleito.

Gabetta voltou à política nacional em março de 2004. Via a renegociação da dívida como ponto crucial para Kirchner, tal como a rebelião dos *carapintadas*, de militares de extrema direita, na Semana Santa de 1987 fora para Alfonsín. O desenlace, define o editor, é uma lembrança triste para os argentinos, que viram, na Plaza de Mayo, Alfonsín ceder aos rebeldes, assinando sua sentença de morte política na frase: “A casa está em ordem... Feliz Páscoa”.⁵⁷¹ Na memória, ficou:

Semana Santa de 1987 foi um momento único, concentrado e dramático, um Aleph, uma oportunidade perdida por pequenez intelectual e covardia política, ao fim do qual a sociedade e seus dirigentes tomaram rumos distintos. Seu desenlace explica o que viria depois: a revanche do *establishment* especulador, o menemismo, a *farandulización* da política, a corrupção desbocada, o Pacto de Olivos, a ruína do país... Não poderia ser de outro modo, porque desapontando a sociedade, Alfonsín e seu governo tinham escolhido voltar ao clientelismo, ao *pasteleo comiteril*, ao compromisso com o mundo dos negócios e os dirigentes sindicais e a utilização das forças de segurança e militares como espiões da política. O país mafioso existe desde sempre, mas nunca tinha se instalado em todos os setores do poder como pôde fazê-lo depois da interrupção da Semana Santa de 1987.⁵⁷²

⁵⁷⁰ GABETTA, maio de 2003, p. 3.

⁵⁷¹ GABETTA, março de 2004, p. 3.

⁵⁷² Traduzido do original: “*Semana Santa de 1987 fue un momento único, concentrado y dramático, un Aleph, una oportunidad desaprovechada por pequeñez intelectual y cobardía política, al cabo del cual la sociedad y sus dirigentes tomaron rumbos distintos. Su desenlace explica lo que vino después: la revancha del establishment especulador, el menemismo, la farandulización de la política, la corrupción desbocada, el Pacto de Olivos, el desguace del país... No podía ser de otro modo, porque decepcionando a la sociedad, Alfonsín y su gobierno habían elegido volver al clientelismo, el pasteleo comiteril, la componenda con el mundo de los negocios y los dirigentes sindicales y la utilización de las fuerzas de seguridad y militares como recaudadores y espías de la política. El país mafioso existe desde siempre, pero nunca se había instalado en todos los resortes del poder como logró hacerlo después del quiebre de Semana Santa de 1987*” (GABETTA, março de 2004, p. 3).

Similar sinuca se encontrava Kirchner, eleito legal e legitimamente, mas num impasse entre honrar ou as expectativas da sociedade ou o compromisso com o FMI. Era a “hora da verdade” para o presidente.⁵⁷³

Em novembro de 2004, o editor já se questionava se o presidente simulava regredir, quando na realidade avança; ou avançar, quando na realidade regressa. Via pontos positivos como a “vigorosa” renovação da Corte Suprema, a “audaz” política de direitos humanos, a atitude firme diante de pressões de certas alas das forças armadas. Mas via a continuidade de pontos negativos, o tal país mafioso.⁵⁷⁴ Para Gabetta, o inimigo interno do kirchnerismo era o peronismo – e o fogo amigo viria do Partido Justicialista, “nervo e motor” da confraria financeira, política e sindical que saqueara o país.⁵⁷⁵

Na lógica do editor, que considera “neoliberalismo e máfias” como sinônimos, restaria ao presidente uma alternativa possível: romper com o *establishment* para tornar a Argentina, como dizia seu mote, um país “sério”.⁵⁷⁶ Diante, porém, das instituições ainda mais fragilizadas⁵⁷⁷, Gabetta critica Kirchner por ter escolhido outro caminho, não se opondo ao *establishment* econômico, político, midiático. Ao longo do primeiro governo kirchnerista, o editor fez suas críticas, mas moderadamente, sempre lembrando os feitos mais progressistas do presidente – a leitura de seus editoriais não oculta certa impressão de *déjà vu*.⁵⁷⁸ Para Gabetta, Kirchner teve seu estilo e até seus erros *justificados* pela gravidade da crise.⁵⁷⁹

Tempos depois, outro Kirchner despontou na política nacional: Cristina Fernández, senadora elogiada pelo editor na sua campanha presidencial, pois representaria um desejo de mudança da sociedade argentina, tendo *claridad y franqueza* nas suas propostas “lúcidas”, na pretendida reconstrução do Estado democrático, com um “pacto institucional” entre o capital e o trabalho, para um modelo de construção econômica e social. A principal promessa: não haveria retorno ao neoliberalismo. Assim, Gabetta festejou Cristina, que teria descartado a “liturgia peronista”, tal como Néstor já tinha esboçado.⁵⁸⁰

⁵⁷³ GABETTA, maio de 2004, p. 3.

⁵⁷⁴ GABETTA, novembro de 2004, p. 3.

⁵⁷⁵ GABETTA, novembro de 2004, p. 3.

⁵⁷⁶ GABETTA, março de 2005, p. 3.

⁵⁷⁷ GABETTA, outubro de 2005, p. 3; GABETTA, novembro de 2006, p. 3.

⁵⁷⁸ No editorial “*Nada nuevo que decir*”, de dezembro de 2005, Carlos Gabetta compõe um editorial de cerca de 12 mil caracteres a partir de textos não inéditos, amarrando anotações aleatórias de seu caro diário (de 30 de julho de 1995, 5 de maio de 1996 e 12 de maio de 1996), trechos de um artigo antigo da revista *3Puntos* (de 14 de novembro de 1997) e informações argentinas mais “atuais”, de 25 de novembro de 2005 (GABETTA, dezembro de 2005, p. 3).

⁵⁷⁹ GABETTA, maio de 2008, p. 3.

⁵⁸⁰ GABETTA, agosto de 2007, p. 3.

Num contexto argentino marcado por um definhamento dos partidos que monopolizaram o século XX – o militar, o peronista e o radical –, onde os socialismos e os liberalismos se fragmentam e se entrecruzam, o editor via Cristina Fernández como promessa socialdemocrata, num kirchnerismo de matriz peronista. Para Gabetta, Cristina prometera com *meridiana claridad y franqueza*: instituições sólidas e republicanas, integração e desenvolvimento social.⁵⁸¹

Às vésperas do pleito presidencial, em outubro de 2007, na 100ª edição de *Le Monde Diplomatique Edición Cono Sur* – “uma tribuna jornalística internacional que não só pretende informar a sociedade, mas contribuir para transformá-la e participar de sua evolução”, lembrava seu editor⁵⁸² –, era ponderado o tom do editorial. Repassou a conversibilidade de 1999, a crise deflagrada de 2000, a revolta e o grito *que se vayan todos* de 2001, e a ascensão de Néstor Kirchner para marcar que, num contexto muito diferente, o novo governo não seria uma transição entre o caos e um mínimo de equilíbrio. Não herdaria uma crise, mas uma situação relativamente equilibrada, com boas perspectivas e muitos *perigos* à vista.⁵⁸³

Uma vez vitoriosa, Cristina Fernández ainda foi elogiada por Carlos Gabetta, que apostava que a presidente eleita seria menos peronista e mais *kirchnerista*, sob a sigla da Frente para la Victoria, uma fórmula mista com um setor do radicalismo, apoiada por forças da esquerda – e, destaca o editor, “oposta a seus tradicionais rivais liberais... e a um setor do peronismo”.⁵⁸⁴ A presidente teria despontando no momento justo das aspirações da sociedade por mudança, mas o editor questionava se poderia romper o círculo de frustrações nacionais, de oportunidades perdidas. Questionava se iria querer romper, se tentaria e se a sociedade a acompanharia nesse trajeto. E brincou a sério: “Dá vontade de escrever ‘não perca os próximos capítulos’ para disfarçar os nervos, porque a verdade é que se abriu um período apaixonante da história deste país”.⁵⁸⁵

A novela estava longe do fim. Diante da crise do campo, de 2008, Gabetta iniciou suas primeiras críticas a Cristina, que teria escolhido dar de ombros às suas propostas iniciais, privilegiando o “pior peronismo” no seu mandato presidencial.⁵⁸⁶ Assim, Gabetta reiterou diversas vezes a questão da *república* Argentina, diante uma sociedade “tradicionalmente”

⁵⁸¹ GABETTA, setembro de 2007, p. 3.

⁵⁸² Traduzido do original: “[...] *el Dipló es una tribuna periodística internacional que no sólo pretende informar a la sociedad, sino contribuir a transformarla y participar de su evolución*” (GABETTA, outubro de 2007, p. 3).

⁵⁸³ GABETTA, outubro de 2007.

⁵⁸⁴ GABETTA, novembro de 2007, p. 3.

⁵⁸⁵ Traduzido do original: “*Dan ganas de escribir ‘no se pierda los próximos capítulos’ para disimular los nervios, porque la verdad es que se ha abierto un periodo apasionante de la historia de este país*” (GABETTA, novembro de 2007, p. 3).

⁵⁸⁶ GABETTA, maio de 2008, p. 3.

individualista, frívola e violenta, que não se identifica com o Estado, este, por sua vez, suspeitamente envolvido com empresários, na energia e nos jogos de azar.⁵⁸⁷ Voltando a citar acontecimentos recentes a revelar a realidade argentina, tal como a tragédia do Boeing 737, lembrou o incêndio da discoteca portenha Cromagnon, em dezembro de 2004, que provocou a morte de quase 200 jovens – e nas investigações se revelaram diversas corrupções, entre bombeiros, inspetores, policiais, etc. Além disso, pais de jovens mortos instalaram um “santuário” obstruindo a rua, interrompendo o cotidiano – não tiveram, critica o editor, a mínima consideração de espaço público, pois poderiam perfeitamente abrigar o pequeno templo *dentro* da antiga discoteca. Esses sintomas sinalizariam uma sociedade alucinada, com instituições fragilizadas, entre heranças ditatoriais, pequenez intelectual e niilismo nacional. Para Gabetta, a tragédia simbolizava o país: Argentina Cromagnon.⁵⁸⁸

A certo ponto, o editor até apostou na ideia do kirchnerismo, como novo momento do peronismo, com economia mais forte e um impulso transformador inicial de Néstor Kirchner. Entretanto, considera que o kirchnerismo não demorou para confrontar os limites de sua proposta progressista, logo marchando ao esquecimento e à traição de suas ideias iniciais.⁵⁸⁹

Gabetta critica intensamente o peronismo, nas suas diferentes vertentes:

[...] o peronismo, que nos últimos 40 anos ofereceu primeiro o trágico *pintorequismo* do último Perón (o massacre de Ezeiza, a Triple A, o “bruxo” López Rega, a *esperpéntica* Isabel Perón); logo o menemismo, uma tentativa bem-sucedida de juntar a Bíblia e o califado (a grande burguesia liberal e seus sócios internacionais com os setores populares, os sindicatos e a classe média), que acabou na maior catástrofe econômica e financeira da história do país. E agora o kirchnerismo, a “esquerda” peronista, da que ainda não se sabe se se trata de um grupo de homens de negócios mais ou menos legais que tratou de se ordenar, ou de um grupo de bravos ex-militantes progressistas que encontrou sua oportunidade, mas a quem os anos, a realidade das coisas e uma vaga ideologia acabaram por torná-lo mais do mesmo.⁵⁹⁰

⁵⁸⁷ GABETTA, agosto de 2008, p. 3.

⁵⁸⁸ GABETTA, dezembro de 2008, p. 3.

⁵⁸⁹ GABETTA, maio de 2009, p. 3.

⁵⁹⁰ Traduzido do original: “[...] *el peronismo, que en los últimos 40 años ofreció primero el trágico pintoresquismo del último Perón (la masacre de Ezeiza, la Triple A, el ‘brujo’ López Rega, la esperpéntica Isabel Perón); luego el menemismo, un logrado intento de juntar la Biblia y el calefón (la gran burguesía liberal y sus socios internacionales con los sectores populares, los sindicatos y la clase media), que acabó en la mayor catástrofe económica y financiera de la historia del país. Y ahora el kirchnerismo, la ‘izquierda’ peronista, de la que no acaba de saberse si se trata de un grupo de hombres de negocios más o menos legales que trata de adecentarse, o de uno de bravos ex militantes progresistas que encontraron su oportunidad, pero a quienes los años, la realidad de las cosas y una vaga ideología han acabado por transformar en más de lo mismo*” (GABETTA, dezembro de 2009).

Se por um minuto um certo otimismo palpitou nas páginas d'*El Dipló*, o pessimismo voltou a marcá-las veementemente. O editor lembra, diversas vezes nos editoriais, que, sim, elogiou Cristina Fernández durante a campanha presidencial, mas a acusa de esquecer suas *lúcidas* propostas eleitorais, cedendo, apesar do discurso progressista, às regras do jogo político de sempre e à *maraña populista*. Ilustra seu argumento, desta vez, com as Aerolíneas Argentinas, companhia cuja renacionalização virou trunfo de outra ordem, pois o governo ali construía um séquito de *favoritos* de competência questionável, que se tornariam alvos de graves acusações e passariam a fretar aviões para assistir a jogos de futebol.⁵⁹¹ Assim, Gabetta acusa Cristina de suscitar esperanças falsas, por “desperonizar” sua campanha e mais tarde “peronizar” seu governo.⁵⁹²

Para Gabetta, diferentes momentos marcaram o populismo argentino, a partir de Perón: 1945-1951, de estilo democrático-revolucionário; 1951-1955, tirânico e caótico; 1973-1976, social-democrático e fascio-caótico; 1989-1999, democrático-neoliberal; e, no presente kirchnerismo, puro clientelismo.⁵⁹³

Em novembro de 2010, assim o editor definiria o peronismo: uma cultura explícita da imoralidade política.⁵⁹⁴ Em dezembro de 2010, expôs no editorial sete cartas de leitores, respostas às suas críticas ao peronismo. Revelou que um dos leitores o insultou, rude e vulgarmente. Num contexto argentino polarizado, branco e preto, sem entretons, o editor se disse alvo de acusações de “trair” a causa progressista, passando para o “outro lado”, isto é, fazendo o jogo da direita. Os sete leitores informavam sua decisão de não ler mais *El Dipló*.⁵⁹⁵

Ao revisitar seus argumentos, respondendo aos leitores, o editor lembra que a questão peronista não é apenas um debate entre intelectuais, mas uma discussão sócio-política de primeira ordem. Dá pistas do desconforto dentro de *Le Monde Diplomatique*, ao dizer: “O espírito do editorial questionado por esses e talvez outros leitores (*inclusive no bojo da nossa redação*), é esse: tratar de extrair o melhor de cada momento histórico nacional, de cada experiência, e incorporá-lo ao melhor de outras experiências, de outros momentos históricos. Aprender com os erros do passado; detectar velhas taras nos fenômenos novos; algo que, diga-se de passagem, é muito perceptível no governo atual”.⁵⁹⁶ Justificaria assim o editorial, diante da ausência sensível de autocrítica argentina.

⁵⁹¹ GABETTA, fevereiro de 2010.

⁵⁹² GABETTA, março de 2010.

⁵⁹³ GABETTA, 2013, p. 377.

⁵⁹⁴ GABETTA, novembro de 2010, p. 2-3.

⁵⁹⁵ GABETTA, dezembro de 2010, p. 2-3.

⁵⁹⁶ Traduzido do original: “*El espíritu del editorial cuestionado por esos y quizá otros lectores (incluso en el seno de nuestra redacción), es ese: tratar de extraer de cada momento histórico nacional, de cada experiencia,*

Em janeiro de 2011, Carlos Gabetta martelou o último prego, com o editorial “*República o país mafioso (y 3)*”. Ali, pede *reiteradas disculpas por reiterar lo ya reiterado*, citando a crônica cotidiana do desmantelamento do país, com as ocupações de Formosa e Villa Soldati, a máfia dos táxis de Buenos Aires, os pesos falsos alastrados nas ruas e nas casas de câmbio, o crime organizado, seus *barra bravas* e suas malas de cocaína despachadas desacompanhadas a destinos internacionais, a indústria paralela do sexo e seus *puticlubes*, e assim por diante.⁵⁹⁷ Diante de outra disputa eleitoral, relembra a Argentina como uma grotesca runfla de políticos inaptos e desalmados, enredada na trama mafiosa nas províncias, cidades e bairros, dominada por narcotraficantes e cafetões, onde cada *puntero* político se revela sócio do escalão superior, aos líderes dos partidos, aos parlamentares e à presidência.

Em fevereiro de 2011, o editorial de despedida. Vale reler as passagens:

[...] Queria expressar meu agradecimento profundo aos leitores por sua fidelidade, adesões e discrepâncias, por terem sabido distinguir nossa “voz clara em meio ao ruído” durante todos esses anos. Por último, dar as boas-vindas a José Natanson, na certeza de que, apoiado por uma equipe de profissionais experientes e, sobretudo, fieis aderentes à “linha” e aos critérios do *Dipló*, saberá dar continuidade a essa filosofia jornalística.⁵⁹⁸

No editorial de despedida, ao revisitar a trajetória de *Le Monde Diplomatique*, na França e na Argentina, Carlos Gabetta instiga diversos questionamentos sobre os rumos da revista. Diria ironicamente a “certeza” de que José Natanson daria continuidade à filosofia jornalística d’*El Dipló*?

*

Em setembro de 2012, Carlos Gabetta me recebeu no seu apartamento no bairro de San Telmo, Buenos Aires. Lembrou com carinho seus tempos d’*El Dipló* e sua determinação, talvez teimosia, para fazer vingar o projeto, primeiro em Barcelona, depois em Buenos Aires. Questionei como o jornalista analisava a edição argentina atual, após sua saída. O ex-diretor

lo mejor que ha dejado e incorporarlo a lo mejor de otras experiencias, de otros momentos históricos. Aprender de los errores del pasado; detectar viejas taras en fenómenos nuevos; algo que, dicho sea de paso, es muy perceptible en el gobierno actual” (GABETTA, dezembro de 2010, p. 2-3, grifo meu).

⁵⁹⁷ GABETTA, janeiro de 2011, p. 203.

⁵⁹⁸ Traduzido do original: “[...] *Me queda expresar mi agradecimiento profundo a los lectores por su fidelidad, adhesiones y discrepancias; por haber sabido distinguir nuestra ‘voz clara en medio del ruido’ durante todos estos años. Por último, dar la bienvenida a José Natanson, en la certeza de que, apoyado por un equipo de profesionales con experiencia y, sobre todo, fieles adherentes a la ‘línea’ y los criterios de el Dipló, sabrá dar continuidad a esta filosofía periodística*” (GABETTA, fevereiro de 2011, p. 2-3).

respondeu: “Continua sendo uma ótima publicação. Os 70% continuam sendo traduções literais dos artigos franceses – isto é, o mesmo que fazíamos na minha época como diretor. E os artigos argentinos são bons”.⁵⁹⁹ No entanto, ponderou: “Muitas vezes publicam notas interessantes, mas que não refletem a realidade do país. Principalmente as notas mais alinhadas ao kirchnerismo, que perderam a perspectiva crítica. Não estou dizendo por ressentimento, mas com franqueza”.⁶⁰⁰

Em setembro de 2014, voltei a Buenos Aires, onde reencontrei Carlos Gabetta no café El Hipopótamo, na Avenida Brasil. Entre espressos e *medialunas*, o jornalista se declarou radicalmente oposto ao peronismo. Disse ainda não considerar o kirchnerismo à esquerda e, tal como a crítica presente nos seus editoriais, relevou a presidência de Néstor Kirchner, que teria atuado com certo “realismo” e uma perspectiva “progressista”, pois a realidade lhe empurrava a isso. Cristina Fernández, por sua vez, teria se revelado “arbitrária”, envolvendo-se com políticos corruptos. Questionei novamente sua análise sobre a edição argentina de *Le Monde Diplomatique* – e sua resposta foi muito mais severa:

Leio a edição francesa, pois, francamente, o que se publica na edição argentina não me interessa. É sociologia vulgar. [...]. O que acontece é o seguinte: *Le Monde Diplomatique*, tanto o francês quanto o argentino, embarcou em apoiar movimentos populistas. A Cristina Kirchner na Argentina, a Hugo Chávez na Venezuela, a Rafael Correa no Equador. Ressalvo: são [governos e líderes] distintos, certamente. [Mas] saí de *Le Monde Diplomatique* por isso. Hugo Sigman, o proprietário da empresa [a editora *Capital Intelectual*] e da franquia, passou a me provocar problemas, pois eu criticava muito o governo. Em outro momento, eu tinha elogiado muitíssimo, tinha escrito notas muito elogiosas sobre Cristina Fernández durante sua primeira campanha. Mas depois o governo mudou. Isso complicou meu papel de jornalista. Nós podemos errar. Mas é preciso dizer que está bem o que está bem, que está mal o que está mal. Se erramos, admitimos e pedimos desculpas. O diretor não queria de nenhuma maneira que eu criticasse Cristina Fernández. Nem o governo espanhol, pois ele mantém negócios com Felipe Gonzalez e o rei espanhol. Eu disse “não”. E precisei ir embora. Os franceses o apoiaram, pois também estão nessa posição. Na França, eles apoiam a Jean-Luc Mélenchon, que tem como heróis Hugo Chávez e Cristina Fernández. Não concordo com esse tipo de populismo. Em vez de continuar estudando os acontecimentos, criticando o que é preciso criticar e apoiando o que é preciso apoiar...⁶⁰¹

⁵⁹⁹ Carlos Gabetta em entrevista à autora, no dia 11 de setembro de 2012.

⁶⁰⁰ Carlos Gabetta em entrevista à autora, no dia 11 de setembro de 2012.

⁶⁰¹ Carlos Gabetta em entrevista à autora, no dia 1º de setembro de 2014.

A saída do diretor argentino teve impactos diferentes em Paris e em Buenos Aires. Anne-Cécile Robert lamentou sua saída, atribuindo a Gabetta um papel muito importante na expansão do *Monde Diplomatique* na América do Sul. À época, para estreitar relações com a nova direção, o editor Renaud Lambert visitou Buenos Aires para discutir os rumos da edição, e José Natanson foi convidado para visitar Paris para conhecer a matriz.⁶⁰²

Dominique Vidal, por sua vez, imagino que por má informação e não por má-fé, comentou que Gabetta não pediu demissão, mas se aposentou.⁶⁰³ Imaginou que o jornalista, na casa dos 68 anos à época, estava exausto – e que jovens jornalistas poderiam assumir a edição. Entretanto, Vidal adicionou:

Sempre houve ricas discussões com os latino-americanos, mas não acredito que essas discussões foram ao ponto de forçá-lo a pedir demissão. [...] Havia muitas discussões, especialmente sobre o caso venezuelano. Em certo momento, Carlos Gabetta esteve muito favorável à experiência de Chávez, como todo mundo na época na América Latina. Mas, ao mesmo tempo, ele foi muito sensível, como argentino e com a experiência de Perón, à dimensão populista de Chávez. O que não foi o caso aqui, em Paris. Mesmo eu, que não conheço muito sobre América Latina, estava sensível, e não positivamente, sobre a dimensão populista de Chávez.⁶⁰⁴

Amigo de longa data de Carlos Gabetta, Bernard Cassen à época julgou que não era papel do *Monde Diplomatique* francês interferir ou se posicionar diante do conflito no bureau argentino. Das raízes do conflito, Cassen respondeu sucintamente: “Hugo é muito pró-Cristina, Carlos é muito anti-Cristina. Eram desacordos de fundo. Além do mais, Hugo é amigo pessoal de Cristina”.⁶⁰⁵

Maurice Lemoine, um compadre e um companheiro, mas não um amigo íntimo de Gabetta, saiu do *Monde Diplomatique* francês na mesma época do argentino, mas por razões diferentes: Gabetta se demitiu por questões políticas em janeiro de 2011, Lemoine se aposentou em outubro de 2010. Lemoine não acompanhou proximamente o *affaire* Gabetta, mas arriscou duas interpretações interessantes.

Primeiro, uma *singularidade* argentina: “Diferentemente de outros latinos, os argentinos não gostam muito ao verem europeus escrevendo sobre a Argentina. E eles

⁶⁰² Anne-Cécile Robert em entrevista à autora, no dia 4 de fevereiro de 2013.

⁶⁰³ Dominique Vidal em entrevista à autora, no dia 6 de outubro de 2014.

⁶⁰⁴ Dominique Vidal em entrevista à autora, no dia 6 de outubro de 2014.

⁶⁰⁵ Bernard Cassen em entrevista à autora, no dia 10 de novembro de 2014.

consideram que conhecem a América Latina melhor que os outros”.⁶⁰⁶ Segundo, as discussões dentro do *Monde Diplomatique* francês, possivelmente tão fortes como no argentino: “Uma redação não é um partido político. Há discussões fortes, debates”, ilustrados por determinadas desavenças na revista francesa, como acerca das Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia (FARC) e do véu islâmico.⁶⁰⁷

Na redação portenha, as impressões foram diferentes. Entre as jovens jornalistas, predomina a ideia de não ruptura. Creusa Muñoz caracterizou como uma saída *pacífica*.⁶⁰⁸ Luciana Rabinovich, como uma transição *tranquila*.⁶⁰⁹ É instigante, porém, o discurso do editor Carlos Alfieri – instigante, pois revela tensões ocultas na história oficial. Em setembro de 2012, não quis contar os bastidores da saída de Gabetta, mas disse:

Tivemos mudanças, como a mudança de diretor. Posso dizer que, dentro dessa tendência progressista e de esquerda de *Le Monde Diplomatique* no mundo, cada diretor imprime um matiz pessoal. Há diferenças de estilo. [...] Não posso contar [*os bastidores da saída de Carlos Gabetta*]. Só posso dizer em linhas gerais: há uma tensão dialética no jornalismo entre o diretor de redação e o proprietário do jornal. Às vezes, há sintonia entre os dois “chefes”. Outras vezes, há curtos-circuitos. E prevalece o proprietário do jornal. Isso vale para toda a imprensa, de todas as ideologias e de todos os países. Só posso dizer isso.⁶¹⁰

Alfieri nunca foi peronista, mas nunca se definiu anti-peronista, por considerar a dualidade *simplista*. Tampouco quis responder, em setembro de 2014, sobre o que francamente pensa sobre o posicionamento de *Le Monde Diplomatique* diante do governo de Cristina Kirchner – seu silêncio, porém, diz muito:

⁶⁰⁶ Maurice Lemoine em entrevista à autora, no dia 27 de novembro de 2014.

⁶⁰⁷ Maurice Lemoine em entrevista à autora, no dia 27 de novembro de 2014.

⁶⁰⁸ Creusa Muñoz em entrevista à autora, no dia 11 de setembro de 2012.

⁶⁰⁹ Luciana Rabinovich em entrevista à autora, no dia 11 de setembro de 2012.

⁶¹⁰ Carlos Alfieri em entrevista à autora, no dia 12 de setembro de 2012.

[Silêncio] Não quero responder sobre isso. A linha editorial é do diretor, não a fixo eu. Sou editor, não diretor. O que é evidente é que, na época anterior, de Carlos Gabetta como diretor, havia uma oposição muito frontal a esse governo. E, na atual gestão, de José Natanson, essa oposição foi moderada, numa linha de apoio levemente crítico ao governo, com uma maior expectativa positiva ao governo. Destaco que não é uma posição de apoio incondicional. Não é assim. Só que, observando as duas publicações, pode-se dizer que antes era uma oposição às vezes muito dura, com a qual eu tampouco estava frequentemente de acordo. Às vezes me parecia talvez excessivo esse enfrentamento. Tanto antes quanto agora, defendo uma crítica vigorosa, mas cautelosa. Quero dizer, estar muito ligado aos fatos e esfriar as posições mais belicosas. [...] Mudou apenas na cobertura de política nacional. Na política internacional não, afinal é a linha de *Le Monde Diplomatique* da França. A personalidade de *Le Monde Diplomatique* segue tal e qual, salvo essa “moderação” frente ao governo. Não digo eu, basta ler os editoriais e os artigos sobre política nacional para notar que é assim. Não é nenhuma descoberta. É [observação] objetiva. Continuamos trabalhando com absoluta liberdade na maioria dos assuntos. [Silêncio].⁶¹¹

Digo que o silêncio de Carlos Alfieri diz muito pois o editor não quis responder sobre o posicionamento d’*El Dipló* diante do governo de Cristina Kirchner, entretanto, diz, ainda “na maioria dos assuntos”, considera que os jornalistas podem trabalhar com liberdade.

*

Na Argentina, a discussão sobre o papel dos jornalistas se intensificou com a ascensão dos Kirchner, declaradamente “inimigos” de diários como *Perfil*, temporariamente “amigos” de outros como *Clarín*. Na imprensa argentina se instalou um discurso polarizador, contrapondo duas posições: de um lado, o jornalismo “militante”, oficialista, que sustentava – uns com sincera convicção política, outros com claro oportunismo, critica a repórter Graciela Mochkofsky – que a única alternativa possível para os jornalistas era apoiar as causas, isto é, o governo e suas políticas; de outro, o jornalismo “independente”, crítico, que pretendia opor-se ao governo, acastelando investigações contra corrupção e outros discursos. Entre os dois lados, os desiludidos – uns amargariam o cinismo no jornalismo, outros migrariam para campos diferentes e áreas afins.⁶¹²

Arriscado dizer que *El Dipló* possa simbolizar uma virada drástica dos dois polos, o estilo “independente” de Carlos Gabetta *versus* o “oficialista” de José Natanson,

⁶¹¹ Carlos Alfieri em entrevista à autora, no dia 1º de setembro de 2014.

⁶¹² MOCHKOFKY, 2013, p. 21-22.

principalmente pois nada é tão simples. Entretanto, sim, uma chispa flamejou da brusca guinada na direção.

*

Visitei a redação portenha de *Le Monde Diplomatique* pela primeira vez em 2010, um charmoso prédio antigo na movimentada Avenida Córdoba. Era uma pequena redação, com mesas de madeira maciça compartilhadas pelos integrantes do *staff*, onde privilegiavam o diálogo e as discussões sobre temas cotidianos e políticos. Na visita seguinte, em 2012, já num pretensioso prédio novo na Calle Paraguay, QG do Grupo Insud, muitos jornalistas pediram para realizar as entrevistas no fragoroso Café La Esquina, a poucos metros do número 1535. O perfil físico da redação mudou, com curiosas divisórias e mesas isoladas – o bureau assumiu um estilo mais burocrático e, *off the record*, jornalistas lamentaram a agora ausência de diálogo com a mudança física e hierárquica.

Fora das gravações, um integrante argentino criticou as vezes em que *Le Monde Diplomatique* se versa como uma revista de escritório, distante da rua e da realidade – e que *Le Monde Diplomatique*, mais interessado historicamente pela própria França, pelo Oriente Médio ou por seus antigos quintais coloniais, como a África, teria ainda uma visão mais romântica da América Latina. Diz a fonte, advertindo que não é anticastrista ou antichavista, que talvez a questão geracional tenha transformado esse quadro: Maurice Lemoine, Ignacio Ramonet e Bernard Cassen, mais velhos, viveram os tempos da Revolução Cubana e o frisson intelectual ao redor de Che Guevara, e teriam uma certa visão sobre a América Latina; Serge Halimi e Renaud Lambert, mais jovens, já teriam outros olhos, mais críticos a Fidel Castro e Hugo Chávez, por exemplo. Outra crítica feita sob a condição de anonimato foi a ausência de assuntos argentinos no *Monde Diplomatique* francês, pois, na interpretação da fonte, a Argentina não se enquadraria especialmente no esquema “simplista” que valorizava a ascensão da esquerda progressista ao poder na América Latina.

A partir de março de 2011, José Natanson assumiu as rédeas d’*El Dipló*. Nascido na Argentina, em 1977, Natanson foi redator e colunista do diário *Página/12*, desde 2007, e depois diretor paralelamente da revista *Nueva Sociedad*. No nosso breve encontro na redação portenha, no dia 12 de setembro de 2012, o diretor foi extremamente esquivo, para não dizer rude, com respostas ríspidas e sem sinal de crítica ou autocrítica. Focou-se mais no papel de diretor de *Le Monde Diplomatique* enquanto empreendimento – e menos como uma revista com propostas editoriais e políticas. O acordo editorial com os franceses? “Não posso revelar

nossa contabilidade”.⁶¹³ As heranças da matriz parisiense presentes na revista porteña? “Não é uma herança. São traduções”.⁶¹⁴ O espaço ocupado por *Le Monde Diplomatique* na imprensa argentina? “Atualmente imprimimos 25.700 exemplares. Quantos assinantes? Não posso dizer. Não queremos que os concorrentes se inteirem disso”.⁶¹⁵

Ao assumir a direção, José Natanson renovou a identidade gráfica da revista, com o redesenho do layout, a inclusão de novas seções e a inauguração de uma nova página web, com notas especiais e o arquivo histórico d’*El Dipló*. Publicou *La explosión del periodismo*, de Ignacio Ramonet, traduzido para o castelhano, sob o selo da Capital Intelectual, e editou o *Anuário 2011*, uma retrospectiva de um *ano turbulento*, mas *apaixonante*. Por fora da revista, um ano marcado por acontecimentos como os levantes da Primavera Árabe e movimentos como o Occupy Wall Street – e um paralelo possível entre a crise na Europa de 2011 e a crise na Argentina de 2001.⁶¹⁶ Por dentro, ainda que nenhuma linha o cite, um tempo também turbulento, marcado pela despedida de Carlos Gabetta.

Além de questões respondidas a partir de um viés de estrutura empresarial, o diretor tampouco quis discorrer sobre questões políticas. Questionei, por exemplo, sua análise sobre a política argentina atual. “Eu? Desde 2000? Não sei. Não posso nem resumir nem analisar agora os últimos dez anos”. E o que pensa sobre a liberdade de imprensa no país? “Eu? Não sei. Penso que há liberdade de imprensa. Há uma discussão sobre a Lei da Mídia, mas é isso. Não sei”.⁶¹⁷

Politólogo e autor de *El presidente inesperado. El gobierno de Kirchner según los intelectuales argentinos* (2004), *Buenos muchachos. Vida y obra de los economistas del establishment* (2005) e *La nueva izquierda* (Random House, 2007), Natanson poderia perfeitamente responder às questões. Poderia, mas, *qué sé yo*, expressão diversas vezes dita pelo jornalista, não quis.

Assim, apenas para se ter uma ideia da atual perspectiva d’*El Dipló* sobre política nacional, cito o editorial publicado a outubro de 2014, que aborda o kirchnerismo como “cultura política”. Diz Natanson que, ao contrário dos mais críticos, os que defendem a ideia de que o atual ciclo político foi uma sucessão de impulsos destrutivos atrás de uma máscara de falso progressismo, o *kirchnerismo sunita* tem uma visão mais simples: o kirchnerismo se transformará num “épico da resistência”. Diz-se distante, porém, do apocalipse e da

⁶¹³ José Natanson em entrevista à autora, no dia 12 de setembro de 2012.

⁶¹⁴ José Natanson em entrevista à autora, no dia 12 de setembro de 2012.

⁶¹⁵ José Natanson em entrevista à autora, no dia 12 de setembro de 2012.

⁶¹⁶ NATANSON, dezembro de 2011.

⁶¹⁷ José Natanson em entrevista à autora, no dia 12 de setembro de 2012.

idealização, sustentando a tese de que, a despeito das eleições presidenciais previstas para 2015, o kirchnerismo sobreviverá como “cultura política”.⁶¹⁸ Natanson vê um governo radicalmente diferente de Gabetta, ao afirmar que, com o apoio *entusiasta* de um setor significativo da sociedade, o domínio das principais chaves institucionais e uma liderança talentosa, o governo de Cristina Kirchner conta com todos os elementos para pilotar uma transição serena e inaugurar um “novo tempo político”.⁶¹⁹

⁶¹⁸ NATANSON, outubro de 2014.

⁶¹⁹ NATANSON, outubro de 2014.

Escriben: JOSÉ MATANSON PEDRO BRIDGER EZEQUIEL ADAMOVSKY MARTÍN RODRÍGUEZ MARISTELLA SVAMPÁ CLAUDIO ZENGER NOELLE BURCI CARLOS ALFIERI

LE MONDE diplomatique

EL MUNDO EN UN MOMENTO DEL PASADO DEL FUTURO
NOVIEMBRE 2011

ISSN 1875-6450
ISSN 1875-6468
ISSN 1875-6476
ISSN 1875-6484
ISSN 1875-6492
ISSN 1875-6500

www.lesmondes.org



Argentina 2001 Europa 2011

A diez años del inicio de la crisis argentina, los mercados atacan a Europa. Un balance a una década del estallido y un análisis a fondo de la delicada situación europea.

Europa: mercados versus democracia

por Sergio Marchi, presidente de la Unión de Agricultores Rumanos
Colores de el estado financieros en Grecia e Italia.
El ascenso de la Turquía (páginas 36 y 40)

La geopolítica mundial se juega en Medio Oriente

Pág. 18

por Juan García

Elecciones en Rusia: el regreso de Putin

Pág. 20

por Ana Escobar

JOSÉ NATANSON GABRIEL PURICELLI LEANDRO MORGENFELD IGNACIO RAMONET
RENAUD LAMBERT WOLFGANG STREECK FEDERICO LORENZ SERGE HALIMI

LE MONDE diplomatique

el dipló, una voz clara en medio del ruido
mayo 2015

Capital Intelectual S.A.
Paraguay 1535 (1061)
Buenos Aires, Argentina
Publicación mensual
Año XVI, Nº 191
Precio del ejemplar: \$38
En Uruguay: 100 pesos

www.eldiplo.org



En un escenario multipolar, el gobierno refuerza los vínculos con la región y profundiza las relaciones con China y Rusia.

Argentina en el nuevo mapa mundial

Dossier



Presidencia de la Nación/handout/dpa/Corbis

Alemania: potencia a la fuerza

Páginas
21 a 28

La crisis financiera obligó a Berlín a recuperar protagonismo. Sin proponérselo, Alemania está asumiendo un rol cada más dominante en Europa, mientras enfrenta sus propios problemas: inmigración, precariedad laboral y ascenso de la extrema derecha.

*

Desde abril de 2010, o jornalista Renaud Lambert é o editor responsável por questões latino-americanas no *Monde Diplomatique* francês, posto antes ocupado pelo veterano Maurice Lemoine. Nascido na França, em 1974, Lambert foi repórter no programa *Là-bas si j'y suis*, da rádio *France Inter*, e participou da produção do documentário *Les nouveaux chiens de garde* (2012).

Arisco, Lambert não quis comentar muito sobre sua trajetória jornalística e intelectual, no nosso *rendez-vous* no bureau francês do *Monde Diplomatique*, na tarde de 2 de outubro de 2014 – ressabiado, disse, da *mise-en-scène* do jornalismo por jornalistas e para jornalistas.⁶²⁰ Lambert considera *Le Monde Diplomatique* uma *esquerda da esquerda*, na expressão do sociólogo Pierre Bourdieu, mas pensa que a revista se afasta do *esquerdismo*: *Le Monde Diplomatique* não julgaria *a priori*, diz, uma esquerda que queira ascender ao poder para mudar o mundo. Assim, o editor vê com bons olhos as experiências latino-americanas, iniciadas a partir das vitórias de Hugo Chávez de 1998 – um momento histórico, diz o editor, que verteria a América Latina em “fonte de esperança”.⁶²¹

Entretanto, Lambert admite não dominar muito a história da Argentina – e, como muitos intelectuais franceses, nas palavras do editor, não dominar o peronismo, fenômeno singular e extremamente diferente de quaisquer experiências europeias. Destaca que, tal como os outros latino-americanistas presentes no *Monde Diplomatique*, também tem suas predileções: enquanto Ignacio Ramonet se interessa mais por Cuba e Maurice Lemoine por Venezuela, Lambert foca seu olhar no Brasil. O editor sublinha que, paradoxalmente, a revista francesa tende a *deixar de lado* a Argentina, recorrendo à própria edição argentina para tratar *desse país tão específico*.⁶²²

Renaud Lambert e Maurice Lemoine concordam neste ponto – o que corrobora a hipótese de que *Le Monde Diplomatique* não dedique ênfase à Argentina devido ao “enigma” peronista. Para Lemoine, um europeu no território latino-americano pode identificar a direita, a esquerda, a história de um partido, a linha de outro. Entretanto, diz, é difícil identificar o que é o “mistério” do peronismo, um fenômeno argentino que transborda no espectro político da ultradireita à ultraesquerda. Se *Le Monde Diplomatique* tende a, de fato, *deixar de lado* a

⁶²⁰ Renaud Lambert em entrevista à autora, no dia 2 de outubro de 2014.

⁶²¹ Renaud Lambert em entrevista à autora, no dia 2 de outubro de 2014.

⁶²² Renaud Lambert em entrevista à autora, no dia 2 de outubro de 2014.

Argentina, Lemoine justifica com sinceridade: os franceses não compreendem os argentinos.⁶²³ Por sua vez, Bernard Cassen não ocultou, sinceramente, certa irritação ao ser questionado sobre o assunto argentino: “É muito complicado. Não posso comentar o peronismo em dois minutos. Há um mistério do peronismo”.⁶²⁴

Entre maio de 1954 e dezembro de 2011, cerca de 255 notas francesas foram escritas sobre a Argentina. Entre os autores da casa, destacam-se Bernard Cassen, Carlos Gabetta e Maurice Lemoine. Também intelectuais convidados assinaram textos, entre uma crítica histórica do sociólogo francês Alain Labrousse, um trecho do livro *Cauchemars* do escritor argentino Julio Cortazar⁶²⁵ e um artigo do senador argentino Hipolito Solari Irigoyen.⁶²⁶

Em setembro de 1975, Bernard Cassen resenhou o livro *Argentine: révolution et contre-révolution* (Seuil, 1975), de François Gèze e Alain Labrousse – Labrousse que, nas páginas 12 e 13 de novembro de 1973, lembrava o peronismo como um fenômeno complexo, diante do qual os europeus ficam singularmente intrincados para julgá-lo, pois lhes parece particularmente contraditório aproximar as dimensões peronista e revolucionária.⁶²⁷

Assim, a fim de compreender o que é a Argentina – ou melhor, como os intelectuais de *Le Monde Diplomatique*, dos dois lados do Atlântico, compreendem a Argentina –, é preciso voltar a um fator antes de Kirchner: Perón.

4.2 O FATOR PERÓN

Nos editoriais d'*El Dipló*, Carlos Gabetta criticou diversas vezes o peronismo. Certa vez de setembro de 2005, a 50 anos do golpe militar contra Juan Domingo Perón (1895-1974), lembrou o peronismo como uma palavra que poderia expressar o zero e o infinito, considerando o contraditório e “quase sempre delirante”, expressões do editor, acúmulo de interpretações feitas por historiadores e por fãs do movimento e de seu líder.⁶²⁸ De fato, diversos autores assinalam a singularidade do peronismo, ainda muito presente na memória argentina. Tanto no poder quanto na oposição, há décadas o peronismo ocupa o centro das

⁶²³ Maurice Lemoine em entrevista à autora, no dia 27 de novembro de 2014.

⁶²⁴ Bernard Cassen em entrevista à autora, no dia 10 de novembro de 2014.

⁶²⁵ CORTAZAR, outubro de 1983.

⁶²⁶ IRIGOYEN, dezembro de 1978.

⁶²⁷ LABROUSSE, novembro de 1973.

⁶²⁸ GABETTA, setembro de 2005, p. 3.

discussões da política argentina. Para compreender as contraditórias interpretações do fenômeno, é preciso lembrar o amplo espectro peronista, com alas de direita e de esquerda.

Se o peronismo se manifestou primeiramente como um movimento social avassalador, como em 1945 ou em 1973, outras vezes se mostrou como uma estrutura de poder quase *autista*, uma força política a viver de suas tradições, como o governo de Isabel Perón às vésperas do golpe de 1976.⁶²⁹ Mas se miramos a questão a partir da perspectiva do sociólogo argentino Torcuato di Tella, farto “de ouvir que o peronismo pode ser qualquer coisa, populista autoritário de orientação nacionalista primeiro, depois neoliberal e mais tarde pragmático inclinado à esquerda, tudo devido às extravagantes decisões de seus líderes”⁶³⁰, é preciso considerar os diferentes momentos e contextos sócio-políticos a engendrar tais contradições – e desviar da visão maniqueísta, de que o peronismo simbolizaria simplesmente ou o bem ou o mal, sem claros-escuros.

Di Tella considera dois elementos essenciais ao populismo: a presença de elites frustradas, antagônicas ao *status quo*, e massas mobilizadas.⁶³¹ De um populismo autoritário a uma linha ideológica socialdemocrata, se o último episódio *evolutivo* do peronismo foi a “transversalidade” com Néstor Kirchner a partir de 2003, ancorado por apenas um setor peronista e por movimentos independentes, principalmente da esquerda, moderada ou não tão moderada⁶³², vale voltar à sua gênese: quem foi Perón?

Se a Argentina prosperou até a crise de 1929, após o golpe do tenente J. F. Urriburu, a 6 de setembro de 1930, derrubando o governo de Hipólito Yrigoyen (1852-1933), da União Cívica Radical, o país viveria logo a *década infame*, simbolizada primeiramente pelo Pacto Roca-Runciman (1933), entre Argentina e Inglaterra. Viveria sucessões de fraudes eleitorais e arbitrariedades contra opositoristas, até outro golpe de Estado, a 4 de junho de 1943, impetrado contra o presidente-juiz Ramon Castillo (1873-1944) por outra força-motriz – uma ala das Forças Armadas, nacionalista, o Grupo de Oficiales Unidos (GOU), do qual fazia parte o coronel Perón. Após a renúncia do general Pedro Pablo Ramírez (1884-1962) e a ascensão de E. J. Farrell (1887-1980), no início de 1944, Perón se tornaria vice-presidente de seu país, além de acumular os postos de ministro da Guerra e Secretário do Trabalho e Segurança Social.

⁶²⁹ JOZAMI, 2009, p. 169.

⁶³⁰ No original: “*Ya estoy cansado de oír que el peronismo puede ser cualquier cosa, populista autoritário de orientación nacionalista primero, luego neoliberal y más tarde pragmático inclinado a la izquierda, todo debido a las atrabiliarias decisiones de sus líderes, a quienes todos siguen por mero deseo de poder*” (DI TELLA, 2009, p. 149).

⁶³¹ DI TELLA, 2009, p. 151.

⁶³² DI TELLA, 2009, p. 161.

Dos pampas de Lobos, o coronel Juan Domingo Perón foi designado Secretário do Trabalho e Segurança Social em dezembro de 1943. Com apoio do movimentos sindical e dos *descamisados*, passou a desenvolver uma política voltada aos direitos dos trabalhadores, conquistando notoriedade, popularidade e autoridade. Em outubro de 1945, foi destituído e preso por militares, por pressões de grupos conservadores e de adversários dentro do próprio grupo. Foi libertado graças a uma mobilização histórica de trabalhadores, aglomerados na Praça de Maio no dia 17 de outubro de 1945. A partir dessa “vitória política”, o coronel despontou como candidato *natural* para disputar a presidência.⁶³³

Livre, Perón prometeu construir uma nação forte e justa. Dias depois, o militar se casou com a atriz Eva Duarte, que se tornaria Evita. Perón, no Partido Laborista (PL), foi eleito no dia 4 de junho de 1946.

Entre 1946 e 1952, o primeiro período presidencial de Perón foi muito favorecido pela situação argentina no contexto internacional pois, enquanto se desenrolou a guerra, o país acumulou divisas no exterior – só com a Inglaterra, a Argentina tinha crédito de 1 bilhão e 700 milhões de dólares.⁶³⁴ No primeiro mandato, Perón impulsionou o crescimento econômico, ao mesmo tempo em que oferecia aumentos salariais e outros benefícios sociais aos trabalhadores. Do ponto de vista político, porém, a centralização do poder e o crescente autoritarismo do Executivo já davam nítidos sinais e, assim, o Partido Laborista, antes sustentáculo da candidatura peronista, foi dissolvido logo após a posse do coronel, dando lugar ao Partido Único da Revolução Nacional, depois ao Partido Justicialista, lembrado finalmente apenas como Partido Peronista.

Símbolo dessas duas dimensões – um olho nos trabalhadores, outro no poder – está a Constituição Justicialista, jurada no dia 1º de maio de 1949, que instaurava a possibilidade de reeleições. Assim, a 11 de novembro de 1951, Perón foi reeleito, mas diante de outro contexto, com a economia agravada e a política assolada por arbitrariedades perpetradas contra opositores antiperonistas. Em 1955, Perón renunciou e se exilou no Paraguai de Alfredo Stroessner (1912-2006), depois na República Dominicana de Rafael Trujillo (1891-1961), depois na Espanha de Francisco Franco (1892-1975) – interessante itinerário no exílio, a julgar pelas presentes ditaduras nesses países.

Perón retornou à Argentina no dia 20 de junho de 1973, época em que se evidenciou a disputa dentro do peronismo, entre a ala revolucionária e a ala ortodoxa.⁶³⁵ Perón infartou no

⁶³³ CAPELATO, 2009, p. 49; NEIBURG, 1997, p. 107-108.

⁶³⁴ PRADO, 1981, p. 49.

⁶³⁵ OLLIER, 2009, p. 76.

dia 1º de julho de 1974. Ainda apesar de sua morte e da perseguição ao justicialismo logo do golpe de 1976 contra Isabelita Perón, sua viúva, o peronismo continuou com uma vitalidade política singular.⁶³⁶ Nas palavras da historiadora Maria Ligia Coelho Prado, “Perón caiu, Perón morreu, mas o peronismo permaneceu e permanece como forte corrente político-ideológica até hoje, abrigando homens da direita e da esquerda”.⁶³⁷

Entre a direita, uma vertente nacionalista e conservadora. Entre a esquerda, uma aliança das massas e dos movimentos, animados com o tom peronista antiimperialista e a apostar na possibilidade de um salto revolucionário que caminhe para o socialismo. Para Prado, “a ambiguidade do peronismo como fenômeno histórico, principalmente depois da queda de Perón, se traduz na composição interna do movimento, em que lutam, dentro de suas próprias fileiras, uma ala direitista, conservadora e outra esquerdista, progressista”.⁶³⁸

Nos tempos de Perón, o comunismo foi um catalisador de sentimentos e de temores de desintegração da sociedade e da instauração do caos. À época, o “inimigo” era visto no comunismo (com o fantasma das revoluções no México e na Rússia), no imperialismo (simbolizado, por exemplo, com o acordo anglo-argentino Roca-Runciman) e nas corruptas oligarquias políticas.⁶³⁹ Entretanto, o imaginário peronista assumiu um caráter muito singular na indicação dos adversários, de tal sorte que, pouco a pouco, a propaganda política foi compondo um bloco único de “inimigos”: os antiperonistas. Ao explorar a expressiva propaganda política peronista, tendo a justiça social como sua *prima donna*⁶⁴⁰, a historiadora Maria Helena Rolim Capelato evidencia como a propaganda pôde firmar na memória argentina a ideia de peronistas como sinônimo de argentinos, patrióticos – e, na outra face, antiperonistas como inimigos da pátria.⁶⁴¹

Muitos intelectuais argentinos, a partir dessa linha de partilha, se confrontariam com o peronismo. Perón, afinal, justificava a submissão dos intelectuais e dos artistas à dimensão nacional, alegando que, apesar do talento e da inteligência, eles deveriam esquecer seus interesses individuais e se subordinar ao módulo nacional – o que fraturou uma disputa a partir do momento em que os intelectuais passaram a defender a arte engajada na questão nacional.⁶⁴² Fratura que polarizou peronistas de um lado; comunistas, independentes e liberais, de outro. Assim, muitos intelectuais argentinos não se identificaram com o

⁶³⁶ OLLIER, 2009, p. 76.

⁶³⁷ PRADO, 1981, p. 59.

⁶³⁸ PRADO, 1981, p. 71-72.

⁶³⁹ CAPELATO, 2009, p. 56.

⁶⁴⁰ CAPELATO, 2009, p. 206.

⁶⁴¹ CAPELATO, 2009, p. 58.

⁶⁴² CAPELATO, 2009, p. 124.

peronismo – e muitos se opuseram frontalmente, por ali ver refletido um fenômeno fascista, tais como os letrados reunidos nas universidades e nas revistas como *Sur* e *Imago Mundi*, *Centro e Contorno*.

A irrupção do peronismo, a partir de 1945, foi um ponto de inflexão na história da esquerda argentina. Nas tradições políticas e historiográficas, muitos autores identificaram o Partido Comunista Argentino (PCA) como um bloco monolítico de orientação antiperonista. Apesar do predomínio dessa orientação, o rechaço ao peronismo estava muito distante de uma unanimidade entre os comunistas – na verdade, foi controverso e às vezes versado como estratégia para reforçar o verticalismo de seus principais líderes.⁶⁴³

A ascensão do peronismo em 1946 traçara uma linha divisória entre a esquerda “tradicional” e os intelectuais nacionalistas. Entre 1946 e 1955, nos primeiros governos de Perón predominou uma visão clássica antiperonista entre os intelectuais. Após o golpe de 1955, a declarada Revolução Libertadora marcou outra periodização da história argentina, momento que impôs aos intelectuais uma revisão de suas críticas – um período de intensa atividade intelectual, pululando diversos livros e revistas, modernização teórica e científica nas universidades.⁶⁴⁴ Na *ola* da Revolução Cubana e da incorporação de novas correntes de pensamento, inspiradas em autores como Jean-Paul Sartre e Maurice Merleau-Ponty, despontaria uma *nova* esquerda argentina, que não se identificava mais com a esquerda “tradicional” sob a tutela do Partido Comunista e do Partido Socialista. Assim, principalmente após o outro golpe militar, de 1966, a esquerda argentina se radicalizou, inebriada ainda com a morte de Che Guevara em 1967, o Maio de 1968, o *Cordobazo* de 1969⁶⁴⁵ e a morte do general Pedro Aramburu por guerrilheiros Montoneros em 1970.⁶⁴⁶

No campo intelectual da esquerda radicalizada, a questão não era mais a revolução – mas o imperativo da revolução e *como* realizá-la: com a construção de um partido revolucionário?, com a guerrilha?, com a transformação do peronismo *por dentro*?⁶⁴⁷

A partir de 1973, no retorno definitivo de Perón à Argentina, muitos intelectuais passaram a flertar com o peronismo, um flerte relacionado à radicalização ideológica de certas alas e ao fortalecimento das vertentes revolucionárias do peronismo – uma força política de centro-esquerda, que mais tarde veria frustrada sua possibilidade de se tornar uma alternativa.

⁶⁴³ JÁUREGUI, 2009.

⁶⁴⁴ DIEGO, 2010, p. 395.

⁶⁴⁵ “Cordobazo” foi um importante movimento de protesto em maio de 1969 em Córdoba, uma das cidades industriais mais importantes da Argentina, cuja consequência mais imediata foi a queda do governo do militar Juan Carlos Onganía, deposto por um novo golpe de estado, do general Alejandro Agustín Lanusse.

⁶⁴⁶ DIEGO, 2010, p. 406.

⁶⁴⁷ DIEGO, 2010, p. 407.

Assim, o conglomerado de intelectuais peronistas era tão *variopinto*, expressão do jornalista argentino Eduardo Jozami, que reunia endosso de certos católicos, esquerdistas da União Democrática e intelectuais nacionalistas.⁶⁴⁸ Muito embora a convocatória peronista entre os intelectuais tenha continuado restrita desde 1983, seria apressado dizer que o apaixonamento dos intelectuais sobre a questão peronista ficou para trás, não só por se manifestar na discussão sobre os últimos anos, mas por usualmente voltar a se expressar no debate político e cultural atual.⁶⁴⁹

Entre 1974 e 1975, o enfrentamento entre intelectuais revolucionários e direitas peronistas passaria a marcar a ferro as desilusões revolucionárias. Outro golpe, de 1976, selaria o destino das esquerdas – muitos intelectuais foram assassinados, como Haroldo Conti (1925-1976), Francisco Urondo (1930-1976) e Rodolfo Walsh (1927-1977), outros resistiram, outros tantos se exilaram.⁶⁵⁰ A repressão arrou as utopias revolucionárias com tal agressividade que, na memória da historiadora Beatriz Sarlo, passaram do *esplendor final* ao *desmoronamento fulminante*: viraram “pó”.⁶⁵¹

A historiadora evoca Ezequiel Martínez Estrada e Ernesto Sabato, que um dia se questionaram: “Como um líder com um perfil tão autoritário e um movimento de massas dirigido verticalmente, com todas as contrassenhas de um carnaval político, pôde arrebatrar seguidores de uma lealdade absolutamente inquebrantável?”⁶⁵² O questionamento evidenciava o enigma que levaria a um conflito de interpretações e às discussões sobre o peronismo, que ocupou um longo capítulo da ensaística argentina: o enigma peronista, considerado chave-mestra para compreender a Argentina.

*

Volto à ambiguidade do peronismo como palavra-chave para compreender como degingolaram as discussões n’*El Dipló*. Palavra que, para o antropólogo Federico Neiburg:

⁶⁴⁸ JOZAMI, 2009, p. 173.

⁶⁴⁹ JOZAMI, 2009, p. 186-187.

⁶⁵⁰ DIEGO, 2010, p. 415.

⁶⁵¹ SARLO, 2005, p. 207-209.

⁶⁵² SARLO, 2005, p. 37.

[...] serve para nomear o movimento político nascido em meados da década de 1940, identificado com a figura do coronel Juan Perón; para qualificar o período da história da Argentina que se inicia em 1945 e termina em 1955, abraçando os dez anos de seus dois primeiros governos; para designar o partido político criado por Perón logo após sua vitória nas eleições de 1946 e que sobrevive até hoje com outras denominações; para fazer referência à identidade política dos que, desde aquela época, invocam sua figura e a recordação de seus governos para legitimar diferentes posições no campo da política. O adjetivo *peronista* também serviu, e até hoje ainda serve, para descrever uma doutrina política, um tipo de governo, uma forma de discurso.⁶⁵³

Os intelectuais argentinos não ficaram alheios à construção do mito peronista, mas muitos participaram ativamente de suas discussões e sua invenção. O peronismo buscou se apresentar como movimento político marcado por uma radical descontinuidade em relação às tradições políticas anteriores – e se dedicou a transformar o “novo” em seu principal capital político, donde o sucesso para laurear essa representação sobre sua própria constituição foi uma de suas mais duradouras vitórias. Para Neiburg, isso provocou entre esse *fenômeno novo* e as *novas perspectivas* e inovações no campo intelectual.⁶⁵⁴

Invocando Pierre Bourdieu, Federico Neiburg lembra como as representações construídas simbolicamente se imbricam num campo de disputa. Assim, as interpretações do peronismo evidenciam, todavia mais acirradamente, o que vale para quaisquer representações que tomem a questão nacional como referente. Entre diferentes interpretações do fenômeno, quer como a crítica a uma anomalia de um *gênio maligno* ou a uma forma de *totalitarismo*, quer como a reivindicação de uma experiência *nacionalista* ou *nacional-popular* ou como uma “autêntica” revolução, os intérpretes se escoravam em argumentos essencialistas, em definições sobre a “verdade” do peronismo, buscando legitimar suas ideias num movimento *peronizador* ou *desperonizador*.⁶⁵⁵

Ao lado de Neiburg, não se pretende destrinchar a “verdade” do peronismo versado nas páginas de *Le Monde Diplomatique*, mas discutir seus argumentos a fim de compreender – e não justificar – as visões, críticas e ações desses intelectuais sobre a questão.

No dossiê 75, de setembro de 2005, diversos intelectuais abordaram a questão. No editorial, Carlos Gabetta interrogou o que era o peronismo *hoy*, a 70 anos do 17 de outubro que catapultou Juan Perón e a 50 anos do golpe da Revolução Libertadora. Lembrou que, quando Perón dizia “peronistas somos todos”, imprimia um matiz muito profundo na

⁶⁵³ NEIBURG, 1997, p. 15.

⁶⁵⁴ NEIBURG, 1997, p. 176.

⁶⁵⁵ NEIBURG, 1997, p. 217.

identidade argentina. O editor postula que tanto Yrigoyen quanto Perón, um radical outro peronista, representaram, em momentos distintos, uma sociedade que precisava mudar. A partir de 1945, a ascensão do peronismo *forçara* a integração socioeconômica de imensas massas de trabalhadores, rurais e urbanos, mas nunca teria tentado realmente conciliar classes. Nesse ponto, o editor considera que o movimento peronista se marcou mais por um amorfismo pouco democrático, que por uma diversidade diante de fins comuns. Vê um laço entre peronistas e liberais, unidos diante do temor de uma revolução de esquerda, coincidindo nos métodos antidemocráticos e terroristas – o assassinato de inocentes por militares na Plaza de Mayo em junho de 1955, o massacre do movimento esquerdista nos campos de Ezeiza em junho de 1973. De sua logo esquizofrênica identidade, a Argentina assim ficaria marcada por uma patologia social, nos grifos do editor, com *misticismo agudo*, *mitomania* e *cleptomania* num largo etcetera.⁶⁵⁶

Escritor e ex-guerrilheiro dos Montoneros, Miguel Bonasso também contribuiu para a discussão. Militante do justicialismo, Bonasso se debruça sobre o *pecado original* do peronismo, dos vícios estruturais que o levaram à derrocada de 1955. Cita o silêncio do presidente, diante do padre Hernán Benítez, admirador fanático de Evita, que observara como a conspiração oligárquica conquistava terreno com os erros do governo popular. Antes, Arturo Jauretche, um dos intelectuais nacionalistas endossadores do peronismo desde seus primórdios, alertara para o peso do personalismo, que veria aflorar uma burocracia cortesã que dizia “amém”, mas que paulatinamente isolaria o líder do âmbito sócio-político. Questiona Bonasso a partir das anedotas expressivas e religiosas se estaria aí a raiz dos males passados pelo peronismo nas décadas de 1970 e 1990, até a crise de representatividade de 2001, a disputa de 2003 e o confronto dentro do Partido Justicialista, entre Néstor Kirchner e Eduardo Duhalde.⁶⁵⁷

Bonasso destaca que, apesar de tais males, o peronismo continua ocupando o mapa político argentino, até quase tornar realidade a ironia de seu fundador: “peronistas somos todos”. Ressalva que essa condição totalizadora e transversal (convocando anarquistas, católicos, conservadores nacionalistas, radicais yrigoyenistas, socialistas – e oportunistas), que ao mesmo tempo garante sua continuidade temporal, revela sua fragilidade – e, como John William Cooke, da esquerda peronista, descrevia como um *gigante míope e invertido*. Mas, para Bonasso:

⁶⁵⁶ GABETTA, setembro de 2005, p. 3.

⁶⁵⁷ BONASSO, setembro de 2005, p. 4-5.

A verdade é muito mais complexa e a certos dirigentes honestos do justicialismo, como Héctor Cámpora, lhes levaram anos para compreendê-la e assumí-la. Em grande medida porque o revanchismo classista dos vencedores, o regresso do país a um status neocolonial com sua seqüela de injustiça social e crescente subdesenvolvimento, a instabilidade política e um autoritarismo militar cada vez mais impiedoso, foram borrando as contradições, debilidades e misérias do primeiro peronismo. Do mesmo modo que a necessidade de unificar as crescentes lutas populares elevou a níveis míticos as virtudes do líder, omitindo totalmente seus vícios.⁶⁵⁸

No dossiê, Marta Vassallo, jornalista d'*El Dipló*, abordou o papel da Juventude Peronista (JP), germinada a partir de 1957 como resistência peronista clandestina contra a ditadura da Revolução Libertadora de 1955. Vassallo define a JP como um fenômeno massivo, de crescimento meteórico, mas de breve vida (1972-1974), como um braço popular de duas organizações político-militares peronistas, as Forças Armadas Revolucionárias (FAR) e os Montoneros. Vassallo ressalta que a juventude politizada não peronista buscava alternativas de mudança social por fora das estruturas da esquerda tradicional – o Partido Comunista e o Partido Socialista – que, movidas por seu antiperonismo, se aliaram aos *libertadores* de 1955 – e o Cordobazo de 1969 marcaria o apogeu dessa confluência de forças.

Inspirado no Maio de 1968 francês e na contracultura americana, o *juvenilismo* argentino via crescer drasticamente o caráter heterodoxo e heterogêneo da JP, proliferando JP Regionales, que postulavam a libertação dos presos políticos, a revogação das leis repressivas da ditadura e a realização de eleições livres. Vassallo lembra que a JP resgatava o peronismo histórico como projeto de desenvolvimento nacional, admirando e assumindo a oposição imperialismo *versus* nação como contradição principal a enfrentar. Entre a juventude, os Montoneros talvez teriam a melhor definição para o relacionamento com o coronel: “filhos ilegítimos” de Perón. Filhos, lamenta a autora, que o coronel não quis – e que foram castigados pela Triple A, principalmente após a morte de Perón.⁶⁵⁹

Por fim, Alfredo e Eric Calcagno abordaram a economia ambígua do peronismo, que marcaria dois momentos argentinos no século XX. Ilustram, a partir da referência literária das personalidades do médico (Dr. Jekyll) e do monstro (Sr. Hyde), do romance do escritor

⁶⁵⁸ Traduzido do original: “*La verdad es mucho más compleja y a ciertos dirigentes honestos del justicialismo, como Héctor Cámpora, les llevó años entenderla y asumirla. En gran medida porque el revanchismo clasista de los vencedores, el regreso del país a un status neocolonial con su secuela de injusticia social y creciente subdesarrollo, la inestabilidad política y un autoritarismo militar cada vez más despiadado, fueron borrando las contradicciones, debilidades y miserias del primer peronismo. Del mismo modo que la necesidad de unificar las crecientes luchas populares elevó a niveles míticos las virtudes del conductor, omitiendo por completo sus defectos*” (BONASSO, setembro de 2005, p. 4-5).

⁶⁵⁹ VASSALLO, setembro de 2005.

escocês Robert Louis Stevenson (1850-1894), o movimento que mudou “duas vezes” a realidade do país: a política econômica na versão nacional popular, com orientação de justiça social (entre 1946-1955 e 1973-1974) e o neoliberalismo ortodoxo (1989-1999). Assim, o primeiro *coquetel* vertido pelo primeiro peronismo incluía ingredientes como uma Argentina industrial, com pilares políticos e econômicos para um governo democrático e popular. Por dentro, trabalhadores organizados, forças armadas e empresários argentinos articulados. Por fora, o pós-guerra, com movimentos políticos a pedir maior justiça social enquanto fervilhavam as descolonizações. A partir de 1976, porém, findou a Argentina industrial, dominada por dimensões financeiras – e, ao retornar ao poder em 1989, com Carlos Menem, o peronismo teria imposto um neoliberalismo *ortodoxo*, com âncoras cambiais naufragando com a abertura irrestrita a importações, a dívida externa, a desarticulação do Estado. Por fora, o “pensamento único” içava seu auge, com o FMI impondo as políticas econômicas. Para os Calcagno, todavia, ainda era uma incógnita qual seria, entre Jekyll e Hyde, o papel escolhido por Kirchner.⁶⁶⁰

Entre o Dr. Jekyll e o Sr. Hyde, entre Perón, Menem e Kirchner, as inquietações identitárias perpassam as páginas da edição argentina de *Le Monde Diplomatique*, entre um farol francês e uma luz latino-americana.

4.2.1 INQUIETAÇÕES IDENTITÁRIAS

Ao discutir os intelectuais e a invenção do peronismo, Federico Neiburg critica os dilemas sobre a identidade argentina, que seriam construções sociais a legitimar o discurso de seus intérpretes. A partir de 1955, cada intérprete procurou fazer valer sua interpretação sobre o peronismo e, assim, sobre a Argentina – como se o peronismo fosse, a um só tempo, a manifestação de um *enigma* e a revelação de um *fenômeno inédito*.⁶⁶¹ Na crítica de Neiburg, todos concordavam que *explicar* o peronismo equivalia a *explicar* a Argentina. No fundo, as interpretações abrigavam projetos para as duas Argentinas, uma visível, urbana, moderna e cosmopolita; outra oculta, rural e provinciana.⁶⁶²

Na década de 1930 se impôs uma discussão sobre a argentinidade, contrapondo duas Argentinas: uma do interior, resistente à modernização – uma Argentina exótica, explorada e autêntica, onde viveria a alma profunda da pátria; outra, moderna, culta e cosmopolita,

⁶⁶⁰ CALCAGNO, CALCAGNO, setembro de 2005, p. 8-9.

⁶⁶¹ NEIBURG, 1997, p. 87-88.

⁶⁶² NEIBURG, 1997, p. 88.

simbolizada pela capital Buenos Aires.⁶⁶³ O fantasma das duas Argentinas retornou e encarnou o espírito do primeiro peronismo, entre 1946 e 1955 e, diante da oposição de muitos intelectuais, Perón aliás dizia existir duas forças no país: o povo e o antipovo.⁶⁶⁴

O questionamento “*por qué somos como somos...*”⁶⁶⁵ reflete essa inquietação identitária, não só argentina, mas latino-americana. Ou, nas palavras da historiadora argentina Patricia Funes: “As perguntas ‘como somos?’ ou ‘por que não somos como...?’, quer dizer, a sempre congelante análise sobre as identidades se refere imediatamente a um jogo de espelhos que a ensaística latino-americana recorreu com peculiar fruição”.⁶⁶⁶ Ou ainda, na indagação do intelectual chileno Carlos Altamirano: “Já não se trata de responder apenas à pergunta ‘quem somos?’, mas também porque não somos de determinado modo: por que nossas repúblicas nominais não são repúblicas verdadeiras?”⁶⁶⁷

Há tempos a questão marca o discurso intelectual latino-americano – do *Facundo* de Domingo Sarmiento ao *Ariel* de Rodó, passando por Martí, Martínez Estrada e Octavio Paz. No labirinto argentino, é flagrante o questionamento de Carlos Gabetta num jogo de espelhos em que brilha um certo reflexo francês: república ou país mafioso?

Esse questionamento deu o tom para diversos editoriais do argentino, que cita na primeira linha o jornalista francês Georges Clemenceau (1841-1929), redator-chefe do literário *L’Aurore* nos tempos da carta “*J’accuse!*” de Zola, sobre a Argentina aniversariante, no centenário de sua independência (1910):

⁶⁶³ TERÁN, 2004, p. 56.

⁶⁶⁴ TERÁN, 2004, p. 64.

⁶⁶⁵ A questão “*por qué somos como somos...*” fica literalmente impressa no *Monde Diplomatique*, por exemplo, com a elogiosa crítica de Adolfo Coronato sobre o livro compilado pela socióloga argentina Susana Torrado, que reúne estudos de 40 intelectuais sobre o desenvolvimento demográfico, econômico e sócio-cultural da Argentina no século XX. Na edição de maio de 2008, Coronato diz que, graças ao livro *monumental*, a antiga indagação sobre *quem somos* e *donde viemos* poderia entrar, no século XX, na dimensão mais comprometida às voltas do *como somos* e *por que somos como somos*, uma premissa para a construção do futuro.

⁶⁶⁶ Traduzido do original: “*Las preguntas ‘¿cómo somos?’ o ‘¿por qué no somos como...?’, es decir, el siempre álgido examen sobre las identidades refiere inmediatamente a un juego de espejos que la ensayística latinoamericana ha recorrido con peculiar frucción*” (FUNES, 2006, p. 11).

⁶⁶⁷ Traduzido do original: “*En este caso, ya no se trata de responder sólo a la pregunta de ¿quiénes somos?, sino también por qué no somos de determinado modo: ¿por qué nuestras repúblicas nominales no son repúblicas verdaderas?*” (ALTAMIRANO, 2010, p. 16).

É difícil subscrever agora a afirmação que alguma vez os argentinos inspiraram a Georges Clemenceau: “Um povo capaz de alinhar desenvolvimentos de pensamento e de caráter como aqueles cuja manifestação me fisgou às vezes a atenção durante minha viagem, pude abordar com plena esperança os problemas do futuro”. Nada nas instituições nem na política, quase nada na sociedade, autoriza hoje aquele otimismo. [...] Jovens sem futuro, idosos desamparados, trabalhadores empobrecidos, classe média se descompondo, marginalidade, insegurança, corrupção, desnacionalização... Onde ficou o “granadeiro do mundo”, o país de futuro que vislumbrou Clemenceau?
668

Talvez sem querer, Carlos Gabetta reúne aí diversos elementos extremamente simbólicos para esta tese: cita um jornalista francês, que teve papel determinante no *affaire Dreyfus*, que por sua vez impulsionou o surgimento dos intelectuais, que no território latino-americano abraçaram a questão identitária há tempos. Outros paralelos: quem questiona o caráter argentino republicano é um intelectual que se exilou em Paris e que quis levar *Le Monde Diplomatique* a Buenos Aires, uma revista politizada cuja linha seria, nas suas palavras, um *republicanismo de izquierda*, que teria raízes, na sua mirada, nos ideias revolucionários franceses. Assim, ao frisar “a República Argentina não é tal”⁶⁶⁹, isto é, não é republicana, mas mafiosa, nos tempos do bicentenário de sua independência, o editor reaviva discussões sobre a Argentina passada e presente.

Em maio de 2007, Gabetta também traçava paralelos entre Argentina e França.⁶⁷⁰ Para Gabetta, tanto França quanto Argentina consolidam alianças políticas fortes, à direita e à esquerda, mas que disputam na realidade o que se pode compreender como o centro, um magma de ideologias e de interesses de setor altamente *volátil*.⁶⁷¹ Nos dois países, o editor vê fortes contradições políticas, de interesses e de lideranças, assim como frequentes movimentações e vaivéns no selar e romper alianças. Na França, vê desemprego estrutural e pressões imigratórias, conflitos sociais, insegurança urbana, declive econômico e industrial, descontento e desesperança. Na Argentina, vê um declive mais grave, após décadas de

⁶⁶⁸ Traduzido do original: “Es difícil suscribir ahora la afirmación que alguna vez los argentinos inspiraron a Georges Clemenceau: ‘Un pueblo capaz de poner en línea desarrollos de pensamiento y de carácter como aquellos cuya manifestación me ha llamado a veces la atención durante mi viaje, puede abordar con plena esperanza los problemas del porvenir’. Nada en las instituciones ni en la política, casi nada en la sociedad, autoriza hoy aquel optimismo. [...] Jóvenes sin futuro, personas mayores desamparadas, trabajadores empobrecidos, clase media en descomposición, marginalidad, inseguridad, corrupción, desnacionalización... ¿Dónde ha quedado el ‘granero del mundo’, el país de futuro que vislumbró Clemenceau?” (GABETTA, outubro de 2000).

⁶⁶⁹ GABETTA, 2013, p. 14.

⁶⁷⁰ No já mencionado editorial “*París/Buenos Aires*”, de novembro de 2010, Carlos Gabetta comparava situações políticas de França e Argentina diante da crise financeira internacional. No editorial “*Populistas, liberales y sociedad*”, de maio de 2007, volta a compará-las, desta vez, relacionando-as à ideia de populismo.

⁶⁷¹ GABETTA, maio de 2007, p. 3.

violência e irresponsabilidade, marcada por miséria e retrocesso econômico, científico, institucional. “Poderia adicionar que nos dois países é visível o afã cidadão de manter e consolidar o sistema democrático, mas isso seria forçar a barra, porque o que na França é um exercício da vida toda, entre nós ainda é uma acrobacia difícil, algo que praticamos com dificuldade, ainda que agora com dedicação. Os franceses ainda confiam em suas instituições; os argentinos não têm razões para tal”.⁶⁷²

Ponto primordial para tal, na perspectiva de Gabetta, é o surgimento do peronismo, que teria suscitado ódios liberais e populistas. E o movimento social, nesse momento argentino atual, transbordaria o “populismo” e o liberalismo, querendo outro tipo de participação democrática e pedindo perdidos níveis de igualdade. Mas tanto populistas quanto liberais estariam compartilhando os mesmos métodos, disputando os mesmos alvos sociais.⁶⁷³

Ignacio Ramonet, à época diretor do *Monde Diplomatique* na França, escreveu nessa edição sobre o “populismo” francês, enganchado no triunfo de Nicolas Sarkozy – uma direita agressiva, *brilhante* e *orgulhosa* – a 6 de maio de 2007, contra a socialista Ségolène Royal. Para Ramonet, Sarkozy mesclaria voluntarismo e autoridade, personalização e provocação, nacionalismo e liberalismo, conjugados talento, retórica e um domínio temível das mídias – arenas em que, sem timidez, arbitrou a discussão sobre as linhas limítrofes entre direita e esquerda. Na composição de seu primeiro gabinete, destaca o editor, o perímetro da direita incluiria agora parte do Partido Socialista, na sua ala “social-liberal”, numa paradoxal direitização da esquerda francesa. Seria o fim do gaullismo, dando lugar ao sarkozismo, “um populismo francês que se propõe a reunir no bojo a todas as direitas, dos lepenistas aos sociais-liberais, sem esquecer os centristas, cativando-as mediante uma ilusão de movimento e de abertura qualificados como ‘modernos’ e ainda ‘progressistas’”.⁶⁷⁴

Ramonet interpreta o fracasso da esquerda francesa como uma derrota intelectual, por não ter produzido, por imobilismo ou por incompetência, uma nova teoria política. A esquerda teria perdido essa batalha das ideias, após, uma vez no poder, tolher salários e fechar fábricas, liquidar setores industriais e leiloar serviços públicos. O sociólogo critica ainda os

⁶⁷² Traduzido do original: “*Se podría agregar que en los dos países es visible el afán ciudadano por mantener y consolidar el sistema democrático, pero eso sería forzar las cosas, porque lo que en Francia es un ejercicio de toda la vida, entre nosotros sigue siendo una acrobacia difícil, algo que practicamos con dificultad, aunque ahora con empeño. Los franceses aún confían en sus instituciones; los argentinos no tienen razones para hacerlo*” (GABETTA, maio de 2007, p. 3).

⁶⁷³ GABETTA, maio de 2007, p. 3.

⁶⁷⁴ No original: “*La era del gaullismo se termina, sustituida por la del sarkozismo, es decir, un populismo francés que se propone reunir en su seno a todas las derechas, de los lepenistas a los social-liberales, sin olvidar a los centristas, cautivándolas mediante una ilusión de movimiento y de apertura calificados de ‘modernos’ y aun de ‘progresistas’*” (RAMONET, maio de 2007, p. 40).

que atribuem a culpa do fracasso à mídia – o que seria, nas suas impressões, um tipo de lamentação infantil e incompetência – pois antes da mídia *mercenária*, quem dita as regras é o poder dos mercados. Para Ramonet, por fim, as esquerdas se veriam diante de uma derrota decisiva, um fim de época. Se quiserem voltar aos trilhos da história, será preciso repensar e refundar suas ideias a fim de construir, “como se diz nesses tempos na América Latina”, friso, nas palavras do editor, um *socialismo do século XXI*.⁶⁷⁵

Nas primeiras e na última página de *Le Monde Diplomatique Edición Cono Sur* de maio de 2007, portanto, se veem refletidos os dois lados do espelho. Para Gabetta, a Argentina com as sequelas do peronismo, incapaz de confiar nas suas instituições – bem diferentes dos franceses, tão politizados, tão cívicos, num ideal de republicanismo revolucionário do século XVIII. Para Ramonet, a França iludida com a lábria do sarkozismo, uma direita a ofuscar uma esquerda fracassada – bem diferente dos latino-americanos, tão críticos e *avant-garde*, num socialismo revolucionário do século XXI. Dos dois lados do Atlântico bradariam vitória os populistas?

4.2.2 YO, POPULISTA?

Desde a década de 1950, o populismo latino-americano se tornou alvo de estudos, especialmente por sociólogos, historiadores e cientistas políticos. Ponto controverso e complexo, o populismo recebeu diversas interpretações. Convém lembrar, como propõe a historiadora Maria Ligia Coelho Prado, que fenômenos históricos muito diferentes foram denominados “populistas” na América Latina, assim como movimentos sociais e políticos na África, na Ásia, nos Estados Unidos, no Leste Europeu e na Rússia.⁶⁷⁶

Prado destaca que, na América Latina, o populismo se referiu a situações históricas diferentes, em vários países – em certos territórios, seus líderes ascenderam ao poder; em outros, almejaram, mas jamais o conquistaram. Em linhas gerais, consideraram-se populistas os governos de Getúlio Vargas (1930-1945/1951-1954) e de João Goulart (1961-1964) no Brasil; de Juan Domingo Perón (1946-1955) na Argentina; de Victor Paz Estensoro (1952-1956/1960-1964) e de Hernán Siles Zuazo (1956-1960) na Bolívia; de José Maria Velasco Ibarra (1934-1935/1944-1947/1952-1956/1961 e 1968-1972) no Equador; de Lázaro Cárdenas

⁶⁷⁵ RAMONET, maio de 2007, p. 40, grifo meu.

⁶⁷⁶ PRADO, 1981, p. 7.

(1934-1940) no México; além dos movimentos políticos apistas (liderado por Victor Raul Haya de la Torre no Peru) e do gaitanismo (liderado por Jorge E. Gaitán na Colômbia).⁶⁷⁷

Enquanto os sociólogos argentinos Gino Germani e Torcuato di Tella partiam do pressuposto do populismo como “transição”, nas passagens de uma sociedade “tradicional” (agrária, atrasada, pré-capitalista) para a “moderna” (capitalista, industrial, urbana), o politólogo Francisco Weffort e a historiadora Maria Ligia Coelho Prado consideraram o populismo marcado pela manifestação das classes populares nas lutas sócio-políticas. Nessa linha, o populismo corresponderia a uma manipulação das massas por parte do líder, mas também a uma satisfação de aspirações longamente acalentadas por parte das massas.⁶⁷⁸

Entretanto, é preciso historicizar e contemporizar. No Brasil, na década de 1950, a palavra “populismo” brotou primeiro como ideia desmerecedora, negativa, pejorativa do adversário político – e só depois como parâmetro de âmbito acadêmico.⁶⁷⁹ De lá para cá, a ideia “populismo” tornou-se elástica e a-histórica, tal qual, ilustra Jorge Ferreira, uma etiqueta que poderia ser afixada a tudo – e, ao mesmo tempo, atida a nada. Ou, na bela expressão da historiadora Angela de Castro Gomes, o populismo se revelaria “um gato de sete vidas”.

Angela de Castro Gomes analisou a trajetória do “populismo” nas ciências sociais no Brasil. Na primeira linha, logo observou: escrever sobre o populismo sempre será um risco, por incompletude ou por má compreensão, pois trata-se de um conceito com um dos mais altos graus de elasticidade, plasticidade e solidificação, tanto na arena acadêmica quanto na imprensa, oscilando entre uma retórica sociológica erudita e uma retórica política popular.⁶⁸⁰ A historiadora considera o “populismo” estigmatizador de políticos e da política – e não está sozinha ao considerar imprecisos o conceito e as tipologias construídas para a compreensão do fenômeno, sendo acompanhada por muitos historiadores contemporâneos ao questionar as premissas teóricas do “populismo”. “O populista, portanto, é o adversário, o concorrente, o desafeto. O populista é o outro”, criticou Jorge Ferreira.⁶⁸¹ Atualmente, a expressão carrega alta carga ideológica, que eletriza apenas o campo magnético do outro: o populista é o outro.

Ao investigar a propaganda política no “populismo latino-americano”, a historiadora Maria Helena Rolim Capelato lembra que o termo é tão eclético a ponto de caracterizar uma longa lista de políticas, abrigando diferentes periodizações temporais e uma pluralidade de governos, perpassando Yrigoyen na Argentina e Alessandri no Chile, Collor no Brasil e

⁶⁷⁷ PRADO, 1981, p. 9.

⁶⁷⁸ WEFFORT, 1978; PRADO, 1981, p. 75.

⁶⁷⁹ FERREIRA, 2013, p. 9-13.

⁶⁸⁰ GOMES, 2013, p. 18-20.

⁶⁸¹ FERREIRA, 2013, p. 124.

Cárdenas no México, Haya de la Torre e Belaunde Terry no Peru e assim por diante. Expressões do populismo “clássico” se encontrariam nos governos de Vargas, Perón e Cardenas – mas tampouco nesses casos as interpretações intelectuais foram consensuais ou alinhadas. A historiadora alerta que o termo transitou da arena acadêmica ao vocabulário político, passando a designar um “estilo”, um tipo de discurso ou um aglomerado de táticas de propaganda política. Capelato destaca que, na América Latina, o termo “populismo” provoca polêmicas, *grosso modo*, ao redor de duas visões opostas: de um lado, a crítica ao autoritarismo (tido como característica capital dos fenômenos populistas); de outro, a valorização de um certo caráter democrático (de inclusão, principalmente dos trabalhadores, na vida política).⁶⁸²

Diferentes interpretações, portanto, marcaram a trajetória do “populismo”. Historiadores como Angela de Castro Gomes, Jorge Ferreira e Maria Helena Rolim Capelato, entre outros, reviraram a história do conceito. Assim, antes de trancá-lo na gaveta, vale lembrar certos marcos.

Nas décadas de 1960 e 1970, a teoria da modernização de Gino Germani foi o primeiro passo na teorização do “populismo”, que foi definido como um fenômeno típico de países subdesenvolvidos, como na América Latina, que não seguiram os passos da democracia liberal europeia, na transição de uma sociedade tradicional para uma sociedade moderna num rápido processo de urbanização e industrialização, mobilizando massas populares. Impacientes, tais massas exigiram participação política – e uma das chaves a essa impaciência esteve, segundo a teoria, no “populismo”.⁶⁸³ Torcuato di Tella, por sua vez, foi além: o boom demográfico e as aspirações participativas das massas populares teriam forçado alterações no sistema político e, a certo ponto, as massas se aliaram às camadas médias, ressentidas estas por não se tornarem camadas dominantes – e diante desse quadro despontaram líderes oriundos das camadas médias, prontos para manipular massas. Ainda de acordo com a teoria da modernização, após a transição, o capitalismo se consolidaria nesses países, e a sociedade atrasada e oligárquica abriria caminho para uma sociedade desenvolvida e democrática.

Muitas críticas foram feitas a tal teoria. Octavio Ianni, por exemplo, criticou a ideia, sugerida pelos teóricos da modernização, de docilidade das massas diante das manipulações populistas – e Maria Helena Rolim Capelato, por seu turno, relativizou o poder da propaganda política, cujo sucesso dependeria dos códigos de afetividade e elementos histórico-culturais de

⁶⁸² CAPELATO, 2013.

⁶⁸³ FERREIRA, 2013, p. 124.

sua sociedade-alvo, uma vez que, sem tais elementos, uma máquina propagandística, ainda que poderosa e sofisticada, cairia no vazio. Outra crítica se voltou à clivagem entre atraso x desenvolvimento, tradição x modernidade, que revelava um prisma evolucionista da história.

No Brasil, o mais importante teórico foi Francisco Weffort, que enfatizou a ideia de Estado de compromisso modernizante, com o argumento principal: o populismo impôs-se nos nós da repressão com a manipulação política, embora a chave de seu sucesso tenha sido a satisfação de algumas demandas dos trabalhadores – um equilíbrio instável entre mobilização e dominação das classes populares.

Na década de 1980, principalmente, as análises sobre o “populismo” foram revistas radicalmente na América Latina, muitas por autores argentinos.⁶⁸⁴ Entre outros fatores, destacou-se o papel dos movimentos sociais, cuja participação no processo de redemocratização, no Brasil, na Argentina e alhures, incitou mudanças de foco diante dos trabalhadores – não mais compreendidos como atores “inconscientes” ou “passivos”, mas, ao contrário, ativos e certamente capazes de realizar suas próprias escolhas a partir de um espectro de possibilidades políticas, o que respingou nas interpretações sobre o “populismo” como simples manipulação dos trabalhadores pelo Estado personificado por um líder carismático e demagogo.

No fim da década de 1990, diversos cientistas contribuíram para desacreditar tais premissas do “populismo”. Nos dias atuais, todavia, o “populismo” continua na ponta de línguas afiadas. Muitos autores insinuam o ressurgimento do “populismo” na América Latina, um “neopopulismo” marcado pela assunção de lideranças carismáticas através da mídia e escoltado por benesses cedidas mediante políticas públicas. Para muitos historiadores, a questão teórica resvala para o território do jogo político, onde a expressão “populista”, pejorativa, foi pregada a líderes como Hugo Chávez ou Néstor Kirchner, isto é, como arma para tachar adversários.

*

Feitas essas ponderações, diversas vezes *Le Monde Diplomatique* mergulhou na areia movediça da discussão sobre o “populismo” de certos governos e fenômenos latino-americanos – já fora dos marcos temporais de Perón, palpita o questionamento mais contemporâneo sobre o potencial populista de certos governos, tais como Evo Morales na

⁶⁸⁴ CAPELATO, 2013, p. 131.

Bolívia, Hugo Chávez na Venezuela e Néstor Kirchner na Argentina. A ilustrar a discussão: Carlos Gabetta certa vez focou seu editorial no populismo, uma discussão na “ordem do dia”. Alvejado por críticas da direita (pois suas ações impactariam nos interesses econômicos nacionais ou internacionais) e da esquerda socialdemocrata (por seu estilo e seu desapego institucional) e da esquerda revolucionária (por não ir até o “fim”, fazendo jogo da direita), o populismo sustentaria todas essas críticas, na medida em que não ancoram seu estilo político, nem sua ética nem sua estética, nem seus critérios morais em posições como a direita (que quereria manter as diferenças) ou como a esquerda (que quereria abolir as diferenças). “Ao contrário, o populismo aspira harmonizá-las”, aclara o ex-editor, “respondendo segundo as circunstâncias históricas ou as necessidades e exigências de umas e outras, pois definitivamente não é um projeto de transformação social ou de consolidação de um sistema, mas uma pura dinâmica de poder”.⁶⁸⁵ Assim, Gabetta compreende a ausência de uma “teoria” populista e o *passe-partout* dos programas de governo populistas, entre a direita, o centro e a esquerda de acordo com as circunstâncias – e, no mapa-múndi contemporâneo, fortes correntes populistas “pipocariam” em diversos países, como na América Latina:

[...] Desse ponto de vista, os populismos de direita, os tirânico revolucionários e os democrático progressistas (os latino-americanos atuais, por exemplo), expressam o populismo global em todas as suas variantes. Na medida em que são ideologicamente distintos, mas se apoiam nos mesmos setores sociais, esses populismos não podem menos que formular uma proposta contraditória e inaplicável por definição, mas ao mesmo tempo expressam cabalmente a dinâmica política do momento; são a expressão política da crise, sua força mais ativa. São a crise, definitivamente, dirimindo no poder político a luta que acontece nas entranhas do sistema.⁶⁸⁶

Daí Gabetta assinala o kirchnerismo, o “populismo” indígena boliviano e o “populismo” revolucionário venezuelano, com um só ponto de partida: a crise global, de tal

⁶⁸⁵ Traduzido do original: “*Por el contrario, el populismo aspira a armonizarlas, respondiendo según las circunstancias históricas a las necesidades o exigencias de unas u otras, porque en definitiva no es un proyecto de transformación social ni de consolidación de un sistema, sino una pura dinámica de poder*” (GABETTA, junho de 2006, p. 3).

⁶⁸⁶ Traduzido do original: “[...] *Desde este punto de vista, los populismos de derecha, los tiránico revolucionarios y los democrático progresistas (los latinoamericanos actuales, por ejemplo), expresan al populismo global en todas sus variantes. En la medida en que son ideológicamente distintos, pero se apoyan en los mismos sectores sociales, estos populismos no pueden menos que formular una propuesta contradictoria e inaplicable por definición, pero al mismo tiempo expresan cabalmente la dinámica política del momento; son la expresión política de la crisis, su fuerza más activa. Son la crisis, en definitiva, dirimiendo en el poder político la lucha que tiene lugar en las entrañas del sistema*” (GABETTA, junho de 2006, p. 3).

sorte que todos caminhariam na mesma direção, mas com rotas e velocidades diferentes. E “todos” atravessariam árduas disputas internas.⁶⁸⁷

*

Diversas declarações dos intelectuais integrantes do *Monde Diplomatique* se destacam a partir desse ponto. Primeiro, vale lembrar a crítica de Dominique Vidal, na sua expressão, sem *langue de bois* [conversa fiada]:

Há dois tipos de intelectuais que não podem compreender os fenômenos latino-americanos, como o peronismo e o bolivarianismo. O primeiro tipo corresponde a intelectuais anticomunistas, cujo anticomunismo é tal que é incompreensível, por exemplo, ao correspondente do *Monde* o que acontece na Venezuela. O segundo tipo corresponde aos que sempre precisam de um ídolo. Foi Mao Tse Tung durante a revolução cultural, Che Guevara durante “um, dois, três Vietnãs”. Os que tiveram uma certa adoração por Gorbachev ou por Ho Chi Mihn. Todos que, na minha opinião, têm um “pró-comunismo” tão forte não podem compreender, pois têm uma visão acrítica. [...] Por muito tempo, o que se escreveu nos jornais e no *Monde Diplomatique* sobre Venezuela ou sobre Cuba...⁶⁸⁸

Intervi após as reticências de Vidal, citando os artigos elogiosos a Cuba e Venezuela publicados no *Monde Diplomatique*. Vidal retrucou: “Sim, houve uma espécie de moda intelectual por Hugo Chávez – a qual Ignacio Ramonet não escapou. E ainda não é o pior. Quando Bernard Cassen comenta Chávez, tem-se a impressão de que ele é Chávez. [...] É uma moda mundial, mas é uma moda *très française*”.⁶⁸⁹

Noutro contexto e inadvertidamente, Bernard Cassen fez justamente o que prevera Dominique Vidal:

⁶⁸⁷ GABETTA, junho de 2006, p. 3.

⁶⁸⁸ Dominique Vidal em entrevista à autora, no dia 6 de outubro de 2014.

⁶⁸⁹ Dominique Vidal em entrevista à autora, no dia 6 de outubro de 2014.

Em 2006, no Fórum de Caracas, após o fim do fórum, Chávez fez uma reunião com 100, 150 representantes de movimentos sociais, numa grande sala militar. Pediu para algumas pessoas fazerem um balanço das proposições presentes no fórum, a respeito de uns quatro setores. Enquanto os representantes falavam, Chávez anotava – com a esquerda, canhoto. No fim, Chávez disse: “Escutei atentamente a vocês. Anotei. Mas tudo o que vocês pedem, nós já fazemos. E vocês o que fazem?” Ninguém pôde responder. A ascensão de governos progressistas ao poder na América Latina teve um significado histórico enorme. Em dez anos, Chávez, Lula, Correa, Evo. Foi formidável. [...] Chávez sempre admirou o Brasil. Toda vez que o vi, ele estava obcecado pelo Brasil. Era fundamental. *Moi, je dit, c’est Chávez qui parle*: “Eu disse a Lula: ouça, Lula, é você é o chefe. É você o mais importante”.⁶⁹⁰

Questionei Maurice Lemoine se identificaria, no amplo arco de Chávez a Kirchner, governos latino-americanos populistas – e o que compreendia por populistas.

A segunda pergunta é a mais importante. Isso já não quer dizer nada. Suponho que historicamente a palavra “populista” tinha um sentido, agora a usam para desqualificar qualquer governo a incomodar. Logo, já não quer dizer nada. Se por “populista” se quer explicar que está apoiado pelo povo, a mim me parece bem. A mim me parece bem. Talvez fosse mais fácil escrever isso, estou trabalhando num livro sobre os golpes *light*, os golpes modernos. Historicamente ao dizer populismo se quer dizer também demagogia. Para mim, demagogia seria fazer promessas e não cumpri-las. Mas se você pega a Venezuela, realmente houve progressos sociais. Logo não é demagogia. Se isso é populismo, sou populista. Esta é uma grande discussão. Para se ter uma ideia, na França, “populismo” pode se referir a Marine Le Pen, da ultradireita, a Jean-Luc Mélenchon, da esquerda. Querem deslegitimar os dois [...].⁶⁹¹

Carlos Gabetta, por sua vez, não vê com bons olhos a possível dimensão populista de determinados governos. Lembro também aspas suas já referidas: “O que acontece é o seguinte: *Le Monde Diplomatique*, tanto o francês quanto o argentino, embarcou em apoiar movimentos populistas. A Cristina Kirchner na Argentina, a Hugo Chávez na Venezuela, a Rafael Correa no Equador. [...] Saí de *Le Monde Diplomatique* por isso”.⁶⁹²

Na França, a fragilidade, tanto da direita quanto da esquerda, teria aberto brechas para Jean-Luc Mélenchon e Marine Le Pen. “Um, populismo que se diz de esquerda. Outro, populismo de extrema direita”.⁶⁹³ Na Argentina, Juan Domingo Perón teria encontrado

⁶⁹⁰ Bernard Cassen em entrevista à autora, no dia 10 de novembro de 2014.

⁶⁹¹ Maurice Lemoine em entrevista à autora, no dia 27 de novembro de 2014.

⁶⁹² Carlos Gabetta em entrevista à autora, no dia 1º de setembro de 2014.

⁶⁹³ Carlos Gabetta em entrevista à autora, no dia 1º de setembro de 2014.

brechas num contexto de golpe militar e da década infame. “Nem a esquerda nem a direita tinham resposta para isso – e surgiu um líder que dizia tê-la”.⁶⁹⁴

Para Gabetta, os intelectuais europeus, especialmente franceses, encontraram fontes de esperança nos territórios latino-americanos, diante das desilusões da esquerda europeia. Era o *giro a la izquierda* a marcar a efervescência da América Latina “rebelde”.

4.3 AMÉRICA LATINA REBELDE

Um *giro a la izquierda*, na expressão do historiador Carlos Aguirre. Uma década, diversas ascensões de governos progressistas, com movimentos e líderes identificados com posições antineoliberais e tom antiimperialista, que reivindicam (parcialmente, no mínimo) as pautas políticas e sociais das tradições socialistas e socialdemocratas na América Latina. Que rumam à descolonização cultural, econômica e política dos povos latino-americanos. Que simbolizam uma mudança em relação às décadas anteriores em que predominaram ditaduras, isto é, governos burocráticos e autoritários, e modelos democráticos restritos, pautados pela economia neoliberal.⁶⁹⁵ Que, com o militar Hugo Chávez na Venezuela (1998), o metalúrgico Luiz Inácio Lula da Silva no Brasil (2002), o advogado Néstor Kirchner na Argentina (2003), o líder cocaleiro Evo Morales na Bolívia (2005), a médica Michelle Bachelet no Chile (2005), o economista Rafael Correa no Equador (2006), o médico Tabaré Vázquez e o agricultor José Pepe Mujica no Uruguai (2004 e 2009), apesar das diferenças de estilos e trajetórias, inclinaram à esquerda seus mandatos presidenciais, distanciando-se do consenso de Washington. Que, assim, lideraram uma revisão da ortodoxia neoliberal na economia, articularam políticas de direitos humanos, amenizaram a miséria com políticas sociais. Que, apesar dos pesares, se propõem alternativas radicalmente distintas à hegemonia do capital, ainda são alvo para discussões, considerando as perguntas pendentes que só o tempo poderá responder – e, por trás dessas interrogações, levam um questionamento capital: o que é ser de esquerda na América Latina do século XXI.⁶⁹⁶

Para Aguirre, partindo das tradições marxistas revolucionárias, as agendas atuais das esquerdas abrigariam um antiimperialismo militante (às vezes mais retórico que real), um nacionalismo (presente na defesa dos recursos naturais e das soberanias nacionais), um

⁶⁹⁴ Carlos Gabetta em entrevista à autora, no dia 1º de setembro de 2014.

⁶⁹⁵ AGUIRRE, 2013, p. 1.

⁶⁹⁶ AGUIRRE, 2013, p. 1.

esforço na redistribuição da riqueza e propostas de organização independente dos setores populares – e, assim, se distanciaram dos antigos modelos políticos e econômicos centralistas e autoritários identificados com os partidos comunistas.⁶⁹⁷

Sociólogo italiano e latino-americanista, Massimo Modonesi marca a mudança de *época*, paradoxalmente, diz, justificada pelo tal *fim da história*⁶⁹⁸ – que, como lenda, atrás da euforia triunfalista a inspirá-la, contém certo fundo de verdade. Na ótica de Modonesi, entre fins da década de 1970 e princípios da década de 1990, findaria um ciclo histórico iniciado nos primeiros atos do século XX: um ciclo de lutas políticas e sociais de inspiração anticapitalista, antiimperialista e socialista, que disputavam o poder em diversas dimensões. Um ciclo, diz Modonesi, que incluía momentos de crise e de equilíbrio da estrutura de dominação.⁶⁹⁹ Assim, a década de 1980 assistiria à dissipação de um *modelo* de conflito – e os vencedores se apressariam a declarar o fim de todo conflito, por convicção ou por intenções de injetar um quê psicossocial que intoxicaria o imaginário coletivo e marcaria uma visão de época. Na América Latina, isso se intensificaria a partir de três fatores: o militarismo, o eleitoralismo e o neoliberalismo.

Por militarismo, o sociólogo italiano se refere certamente aos golpes e ditaduras latino-americanas – Argentina, Brasil, Chile, Paraguai, Uruguai. Por eleitoralismo, o autor se refere aos rumos das transições democráticas, que consolidaram a ideia da democracia eleitoral como o “melhor” dos mundos possíveis. E, no marco da *alternância* sem *alternativa*, o neoliberalismo pôde se firmar como consenso inevitável com a impressão de pluralismo político. “Foram os anos do ‘pensamento único’ nos quais a alternância política confirmava a ausência de alternativa socioeconômica”⁷⁰⁰ – interessante escolha de expressão do autor, citando a ideia já referida de Ignacio Ramonet.

Identificar o modelo neoliberal foi o primeiro passo para dismantelar o sistema – modelo que passou a ocupar o centro de diversas discussões de partidos e movimentos de oposições, de intelectuais latino-americanos. Por volta de 1994, com o levante zapatista de

⁶⁹⁷ AGUIRRE, 2013, p. 4.

⁶⁹⁸ Para o filósofo nipo-americano Francis Fukuyama, o capitalismo liberal seria o *nec plus ultra* da vida política e econômica da história. No seu ensaio de 1989, o fim da história não teria no capitalismo um sistema “perfeito”, mas eliminaria quaisquer alternativas melhores a esse sistema. A partir do ensaio *The end of history?*, que tomaria corpo no livro *The end of history and the last man* (1992), o filósofo afirma que, com o desenvolvimento científico, técnico e tecnológico, os tempos modernos obrigariam a todos os Estados a se modernizar, se quisessem sobreviver às pressões das potências mais avançadas, abrindo horizontes ilimitados de desenvolvimento econômico para satisfazer necessidades materiais – e o capitalismo, nesse ínterim, seria o único sistema “possível”. Ver, entre outras, a crítica do historiador marxista Perry Anderson, *O fim da história: de Hegel a Fukuyama* (1992).

⁶⁹⁹ MODONESI, 2013, p. 152.

⁷⁰⁰ Traduzido do original: “*Fueron los años del ‘pensamiento único’ en los cuales la alternancia política confirmaba la ausencia de alternativa socio-económica*” (MODONESI, 2013, p. 157).

Chiapas, essa visibilidade política conquistaria contornos mais nítidos, com as primeiras movimentações de uma resistência declaradamente antineoliberal – de Chiapas ao MST no Brasil, os *cocaleros* na Bolívia, os *piqueteros* na Argentina, que desembocaria nas manifestações de Seattle no amanhecer do movimento altermundialista⁷⁰¹ e nos fóruns de Porto Alegre. Na interpretação do teórico, isso marcaria um novo ciclo de mobilização, fator que mudaria a ordem real e simbólica, provocando um horizonte de crise hegemônica – o que impactaria nas urnas, ocasião oportuna para o protagonismo de políticos antineoliberais ou, no mínimo, não tão identificados com o neoliberalismo.

Entre épocas, arrematado o momento hegemônico do neoliberalismo, ainda resiste a dominação neoliberal. Nessa arena conflitiva, as crises econômicas e políticas descortinam um palco potencial para o *antagonismo* como fenômeno a transcender suas balizas estruturais e protagonizar processos de transformação. Nesse capítulo efervescente da história do tempo presente, Massimo Modonesi indica a incerteza dos desenlaces, a partir de interrogações de inspiração gramsciana: “Como soldar o presente ao futuro, satisfazendo as necessidades urgentes do presente e trabalhando utilmente para criar e ‘antecipar’ o futuro? Como projetar o presente ao futuro? Como prefigurar nas lutas de hoje a sociedade de amanhã?”⁷⁰²

Tempos diferentes, épocas diferentes. A fim de compreender esse *giro a la izquierda* na América Latina, seus símbolos, seus movimentos e suas possibilidades, vale folhear e destrinchar as páginas, argentinas e francesas, de *Le Monde Diplomatique*.

*

Três edições da revista bimestral *Manière de voir*, especialmente compilando artigos antigos de *Le Monde Diplomatique* presentes na matriz francesa, focaram questões latino-americanas: em novembro/dezembro de 1997, *Amérique Latine, du ‘Che’ à Marcos* (n.º 36); em junho/julho de 2003, *L’Amérique Latine en effervescence* (n.º 69); e em dezembro de 2006/janeiro de 2007, *Amérique Latine rebelle* (n.º 90).

⁷⁰¹ MODONESI, 2013, p. 158-161.

⁷⁰² MODONESI, 2013, p. 177.

Manière de voir 36

LE MONDE diplomatique

AMÉRIQUE LATINE

Ignacio Ramonet
Bernard Cassen
Maurice Lemoine

DU "CHE" À MARCOS

Mariela Aguirre
Jean-Pierre Alloux
Carmen Bader
Claude Bataillon
Jean-Claude Bukrer
Jean-Michel Caroit
Jorge Castaneda
André Corten
Régis Debrey
Edouardo Galeano
Janette Habel
Sous-commandant Marcos
James Petras
Francis Pisani
Hubert Prolongeau
Michel Raffoul
Philippe Rodent
Jean-Michel Rodrigo
Gilles de Staal

Illustrations d'Antonio Seguí

Bimestriel
NOVEMBRE-DÉCEMBRE 1997

M 2796 - 211 - 45,00 F - 10



Manière de voir 69

LE MONDE diplomatique

Bimestriel
JUN - JUILLET 2003

L'AMÉRIQUE LATINE EN EFFERVESCENCE

Ignacio Ramo y Cajal
Mauricio Llanusa

Pablo Aguado
Jorge Bascuola
Hernando Calvo Céspedes
Marie-Agnès Combes
Carlos Gabetta
Gabriel García Márquez
Bernd Gillies
Jazelle Hibel
Azeo-Sophie Le Marff
Carlos Montiel
Emilio Moro
Raul Post
Ren Reyes Morales
Eduardo Sader
Marc Saint-Upiéry
José María Tortosa



Illustrations : Auro

Manière de voir 90

Le Monde *diplomatique*

Trimestriel
Décembre 2006 - janvier 2007

Amérique latine rebelle



SPRINGER, UNIVERSITÄTS- und VERLAGSWISSENSCHAFTEN, VERLAGSWISSENSCHAFTEN, UNIVERSITÄTS- und VERLAGSWISSENSCHAFTEN
UNIVERSITÄTS- und VERLAGSWISSENSCHAFTEN, UNIVERSITÄTS- und VERLAGSWISSENSCHAFTEN, UNIVERSITÄTS- und VERLAGSWISSENSCHAFTEN
UNIVERSITÄTS- und VERLAGSWISSENSCHAFTEN, UNIVERSITÄTS- und VERLAGSWISSENSCHAFTEN, UNIVERSITÄTS- und VERLAGSWISSENSCHAFTEN

Edição n.º 90 de *Manière de voir*, de dezembro de 2006/janeiro de 2007

Na revista de fins de 1997, Régis Debray e Jorge Castañeda revisitam a história nicaraguense, Maurice Lemoine a equatoriana, Bernard Cassen a argentina e a chilena. A edição ainda conta com escritos de Eduardo Galeano, Mariano Aguirre e Marcos, o subcomandante do Exército Zapatista de Libertação Nacional (EZLN).

Escritor e ex-vice-presidente nicaraguense, entre 1986 e 1990, Sergio Ramirez via no fim de século um território latino-americano inédito e paradoxal, pós-ditaduras e pós-possíveis revoluções. Introduzindo a edição de *Manière de voir*, Ramirez assinala um paradoxo semelhante ao da Revolução Sandinista: “Nós tínhamos conquistado o que não estávamos buscando – a democracia – e não conquistamos o que nós aspirávamos – a justiça e o bem-estar da população”.⁷⁰³ Lembra o escritor que após o triunfo da Revolução Cubana, a esquerda se inspirou na vitória via armas para garantir tais fins – mas sublinha a “democracia” como a principal lição histórica, de tal sorte que nenhum paradigma econômico dedicado à justiça social poderia partir de um regime autoritário.

Ramirez define “democracia” como consenso, uma *novidade* de fins do século XX. Na América Latina, onde a esquerda se rebelou e onde a direita teve ao lado as forças armadas tradicionais, o jogo democrático marcaria uma partilha do poder através de eleições: “Qualquer violação substancial das regras do jogo significaria um retorno à violência, ao autoritarismo, uma transgressão ao processo de paz e, assim, a qualquer possibilidade de estabilização econômica. Um risco para todos. Para refletir”.⁷⁰⁴

Pós-revoluções, portanto, o escritor nicaraguense destaca outra *novidade*: o discurso zapatista, ao propor não a conquista do poder simplesmente, mas o diálogo nos espaços democráticos de participação. Pós-revoluções, por fim, Ramirez espera que as esquerdas possam contribuir com ideias novas, mais que com ideologias.

Após a transição Che – Marcos, a efervescência: no verão europeu de 2003, a revista reuniria artigos assinados por Jorge Beinstein, Emir Sader e Carlos Gabetta, Ignacio Ramonet e Maurice Lemoine.

Viva Brasil! Assim Ignacio Ramonet dá o tom para tal efervescência. O editorial de janeiro de 2003 revisitado é um dos principais pilares para compreender esta *Manière de voir*. Diante da vitória lulista de outubro de 2002, o editor celebrou, eufórico: “Pela primeira vez, o imenso Brasil – 170 milhões de habitantes, décima potência industrial do mundo – está

⁷⁰³ Traduzido do original: “*Ce paradoxe rappelle beaucoup celui de la révolution sandiniste : nous avons obtenu ce que nous ne cherchions pas - la démocratie - et n'avons pas atteint ce à quoi nous aspirions - la justice et le bien-être pour la population*” (RAMIREZ, dezembro de 1997, p. 2).

⁷⁰⁴ Traduzido do original: “*N'importe quelle violation substantielle des règles du jeu signifierait un retour à la violence, à l'autoritarisme, une atteinte au processus de paix et, en conséquence, à toute opportunité de stabilité économique. Un risque pour tous. A méditer*” (RAMIREZ, dezembro de 1997, p. 2).

prestes a ser governado, sob condições democráticas, por um líder da esquerda radical que recusa a globalização neoliberal. É um acontecimento de primeira grandeza. Num contexto muito diferente, lembra o que significou, em 1970, a vitória de Salvador Allende à presidência do Chile... Este 1º de janeiro de 2003 marca assim o início de um novo ciclo histórico na América Latina”.⁷⁰⁵ É preciso sublinhar o otimismo extremo de Ramonet referente a um Lula “esquerda radical”?, enquanto no Brasil assistíamos a uma versão Lulinha “paz e amor”? Assim como a questão altermundialista, marcada por uma literatura militante, a alta expectativa mostra como às vezes o otimismo cega a militância.

Hipérboles à parte, na perspectiva de Ramonet, o ciclo anterior durou cerca de duas décadas, entre 1983 e 2002, marcadas por tiranias militares, repressões e revoltas armadas. E marcadas por três fenômenos principais: o aniquilamento das guerrilhas (fora as FARC colombianas e o EZLN mexicano), a consolidação de regimes democráticos e a experimentação sistemática de políticas neoliberais.⁷⁰⁶ O jogo virou a partir no fim da década de 1990 e, para Ramonet, um xeque-mate viria a partir de 2003, com a posse de Lula como indicador *mais manifesto* das mudanças esperadas, como indicador de que os povos latino-americanos poderiam ainda escolher seus destinos e seus modelos, recusando o projeto neoliberal por um outro paradigma econômico, mais humano e mais solidário. Nisto, concordo, que as vitórias do *giro a la izquierda* traduziram uma busca por outras possibilidades – mas não seria demasiado cinismo, espero, admitir que muitas de tais potencialidades não se concretizaram na realidade.

É interessante minutar 1997, 2003 e 2007 como linha do tempo, quer dizer, como marcos de observações do *Monde Diplomatique* francês à América Latina – 1997, após o levante zapatista de Chiapas e os primeiros passos para reconstruir resistências e investigar alternativas diante de Washington; 2003, Chávez, Lula e logo Kirchner; 2007, outro momento latino-americano *de ouro*.

No editorial de *Manière de voir* n.º 90, na virada para 2007, Ignacio Ramonet definia o momento latino-americano com a hiperbólica expressão *age d'or*. Parte da hipótese de que, ao longo de sua *trágica* história desde o século XIX, a América Latina viveria agora um marcante tempo de paz, prosperidade e, principalmente, consolidação democrática. Elenca,

⁷⁰⁵ Traduzido do original: “*Pour la première fois, l'immense Brésil - 170 millions d'habitants, dixième puissance industrielle du monde - s'apprête à être gouverné, dans des conditions démocratiques, par un leader issu de la gauche radicale qui rejette la mondialisation libérale. C'est un événement de première grandeur. Dans un environnement fort différent, il rappelle ce que signifia, en 1970, l'élection à la présidence du Chili du socialiste Salvador Allende... Ce 1er janvier 2003 marque ainsi le début d'un nouveau cycle historique en Amérique latine*” (RAMONET, janeiro de 2003, p. 1).

⁷⁰⁶ RAMONET, janeiro de 2003, p. 1.

novamente, as vitórias, entre eleições e reeleições, de candidatos de esquerda ou centro-esquerda na região: Hugo Chávez na Venezuela, Lula no Brasil, Néstor Kirchner na Argentina, Tabaré Vázquez no Uruguai, Evo Morales na Bolívia, Martín Torrijos no Panamá, Michelle Bachelet no Chile – e inclui Alan García no Peru, justificando pois seu partido, a Aliança Popular Revolucionária Americana (APRA), integra a Internacional Socialista.⁷⁰⁷

Vitórias inéditas, mantidas dentro das regras do jogo democrático. Ramonet lembra que, sob pretextos diversos, projetos progressistas foram interrompidos por golpes militares ou intervenções diretas dos Estados Unidos na região. Ilustra o argumento com as situações de Jacobo Arbenz na Guatemala, João Goulart no Brasil, Juan Bosch na República Dominicana e Salvador Allende no Chile – derrubados em 1954, 1964, 1965 e 1973, por golpes militares endossados pelos Estados Unidos no contexto da Guerra Fria. Contexto em que uma única experiência se manteria: Cuba, mas ao alto custo de um embargo comercial *devastador* e de diversas querelas, como a crise dos mísseis de outubro de 1962. Ramonet questiona por que projetos progressistas, que por décadas foram minados, agora voltam a marcar a América Latina – e “por que uma voga rosa e vermelha pode cobrir tantos Estados sem ser interrompida como antes?”⁷⁰⁸ O que mudou?

Primeiro, o fracasso das experiências neoliberais latino-americanas na década de 1990 – que, na interpretação do autor, teriam saqueado esses países, arrastando suas sociedades à pobreza e suas indústrias nacionais à bancarrota, levando, finalmente, seus povos à revolta. Aí, uma interessante escolha de exemplo do editor espanhol: a revolta popular na Argentina, de 21 de dezembro de 2001, que provocou a renúncia do presidente Fernando de la Rúa, e principalmente o colapso das políticas neoliberais de Carlos Menem entre 1989 e 1999 – revolta na América Latina que corresponderia na Europa ao simbolismo da queda do muro de Berlim, de 9 de novembro de 1989, isto é, a recusa de um modelo *dogmático*.⁷⁰⁹

Na perspectiva do sociólogo, outra chave para compreender a questão é o contemporâneo contexto internacional: pós-11 de setembro de 2001, os Estados Unidos passaram a focar suas preocupações geopolíticas no Oriente Médio, onde está o petróleo e onde estão seus principais *inimigos* atuais. Nesse novo xadrez geopolítico, a “distração” favoreceu a eclosão, na América Latina, de muitas experiências de esquerda que, para

⁷⁰⁷ RAMONET, dezembro de 2006/janeiro de 2007, p. 4.

⁷⁰⁸ Traduzido do original: “*Pourquoi ce qui n’a pas été consenti durant des décennies est-il aujourd’hui accepté? Pourquoi une vague rose et rouge peut-elle recouvrir tant d’Etats sans être stoppée comme naguère?*” (RAMONET, dezembro de 2006/janeiro de 2007, p. 4).

⁷⁰⁹ RAMONET, dezembro de 2006/janeiro de 2007, p. 5.

Ramonet, devem ser aproveitadas por seus líderes a fim de acelerar reformas esperadas há muito tempo.⁷¹⁰

Entre reformas e revolução. Em dezembro de 2007, Carlos Gabetta surfou nessa onda latino-americana: “Nunca, desde as revoltas e guerras de independência, a América Latina viveu um clima social e político como o atual”.⁷¹¹ Destaca a agitação dos movimentos sociais, formulando demandas e elaborando propostas emancipatórias e igualitaristas. Assim como Ramonet, Gabetta argumenta que as décadas de políticas neoliberais bastaram para acabar com a *ilusão* dos benefícios do desenvolvimento capitalista ancorado nos investimentos internacionais e nas *buenas intenciones* das multinacionais – e que a pobreza, a marginalidade massiva e a desigualdade extrema, provocadas pelo neoliberalismo, despertaram a consciência de milhões de latino-americanos para o imperativo de explorar outras vias.⁷¹² E, assim como Ramonet, Gabetta comenta o contexto internacional favorável a essa explosão, com o tom imperial dos Estados Unidos, cujo vigor estaria menor militar e economicamente, restringindo suas possibilidades de intervenção.

Mas Gabetta tem um olhar mais crítico sobre a realidade latino-americana – na sua expressão, longe de ser *idílica*.⁷¹³ Há oportunidade, mas há mais: para o jornalista, o inimigo não estaria só fora dos territórios latino-americanos, mas dentro. Estaria presente entre fortes contradições internas, mesclando hábitos culturais e políticos de transgressão “muito arraigados”, profundo desapego à lei, intensa corrupção, violência, negativa influência de mitos, utopismo, messianismo, caudilhismo e clientelismo político.⁷¹⁴ Na visão do editor, esse tanque de contradições deveria ser vertido por um processo emancipatório e igualitarista.

No duo duelo contra um inimigo externo e um inimigo íntimo, múltiplo, esses processos teriam até agora cunhado três métodos, tipificados pelo editor: o tumultuoso e arrebatador, próprio dos populismos (peronismo argentino e outros); o democrático reformista (Chile, de Salvador Allende); e o revolucionário ditatorial (Cuba, de Fidel Castro). Três métodos que, apesar de proporem progressos importantes, teriam tentado e fracassado em diversos modos e diferentes circunstâncias. Três modelos que agora coexistem e se superpõem, cujas diferenças, contudo, arriscariam o equilíbrio da região, o que se expressaria

⁷¹⁰ RAMONET, dezembro de 2006/janeiro de 2007, p. 5.

⁷¹¹ Traduzido do original: “Nunca, desde las revueltas y guerras de la Independencia, América Latina vivió un clima social y político como el actual. En todos los países de la región los movimientos sociales se agitan y organizan, formulan demandas y elaboran programas emancipatorios e igualitaristas” (GABETTA, dezembro de 2007, p. 2).

⁷¹² GABETTA, dezembro de 2007, p. 2.

⁷¹³ GABETTA, dezembro de 2007, p. 2-3.

⁷¹⁴ GABETTA, dezembro de 2007.

nos atritos entre Argentina e Uruguai, Chile e Bolívia, Colômbia e Venezuela, nas rusgas verbais entre os diferentes presidentes.⁷¹⁵

Da herança peronista, já se disse diversas vezes o que pensa Gabetta. Já Allende, para o argentino, teria protagonizado a mais democrática, *generosa* e moderna tentativa reformista da história latino-americana – mas a experiência chilena evidenciaria infelizmente que nada valeram a legitimidade institucional e o respeito democrático diante de um império inexorável. A Revolução Cubana, por sua vez, resistira a diversas agressões, mas ao preço de se subjugar a partilhar o sistema político e econômico do *gran fracaso revolucionario* do século XX: a União Soviética.⁷¹⁶

Assim, Gabetta vê diversos impasses nas atuais experiências latino-americanas, com fragmentações e enfrentamentos. Vê nos governos ditos progressistas não uma *revolução*, mas uma pilha de *reformas* “anunciadas”. Diz “anunciadas”, pois os governos não teriam realizado reais mudanças, como reformas agrárias, leis contra monopólios, impostos ao mercado financeiro e um real Estado de bem-estar social, tal como propuseram. Por fim, Gabetta se volta mais uma vez ao farol francês, um *respeitável* marco institucional republicano⁷¹⁷, ao dizer:

Enfim, que a complexidade do processo latino-americano atual excede esse espaço e, certamente, a capacidade de qualquer analista. Seria pretencioso oferecer receitas que, por outro lado, podem ser desordenadas a qualquer momento pela situação internacional ou pela evolução dos movimentos sociais. O tempo dirá quem cumpriu com seus mandatos; que método foi o mais eficaz. Sobretudo, dirá se desta vez a América Latina pôde finalizar o processo emancipatório e igualitário que o século das luzes e as revoluções francesa e americana inspiraram a suas sociedades e líderes há 200 anos.⁷¹⁸

Entre reformas *versus* revolução. Em janeiro de 2008, Carlos Gabetta voltou à questão no editorial d’*El Dipló*. Considera a oposição *bizantina* e inútil, pois diante da realidade latino-americana, qualquer política simpática simplesmente ao bom republicanismo, à

⁷¹⁵ GABETTA, dezembro de 2007.

⁷¹⁶ GABETTA, dezembro de 2007.

⁷¹⁷ GABETTA, 2013, p. 18.

⁷¹⁸ Traduzido do original: “*En fin, que la complejidad del proceso latinoamericano en curso excede este espacio y, por supuesto, la capacidad de cualquier analista. Sería pretencioso ofrecer recetas que, por otra parte, pueden ser desbaratadas en cualquier momento por la situación internacional o por la evolución de los movimientos sociales. El tiempo dirá quiénes cumplieron con sus mandatos; qué método fue el más eficaz. Sobre todo, dirá si esta vez América Latina pudo completar el proceso emancipatorio e igualitario que el Siglo de las Luces y las revoluciones francesa y estadounidense inspiraron a sus sociedades y líderes hace doscientos años*” (GABETTA, dezembro de 2007, p. 3).

igualdade de oportunidades e à distribuição mais igualitária de renda – o “ABC” de um país moderno – seria considerada *revolucionária*, pois transformaria radicalmente a realidade.⁷¹⁹

Gabetta desengaveta a história mais uma vez: vê situações variadas nos países latino-americanos, mas considera que o capitalismo não está agora no auge, como no fim do século XIX, época que esbravejaram as lutas impulsionadas por anarquistas, comunistas e socialistas, ou como no século XX, momento de *glória* dos populismos latino-americanos. Diante de um capitalismo colapsado no século XXI, marcado por uma crise histórica, maiores desigualdades e marginalização massiva, o editor pondera que fazer frente a essa realidade também seria *revolucionário*.⁷²⁰

O então editor d’*El Dipló* tem uma interessante leitura do tempo e da história. Em setembro de 2003, a 30 anos do golpe no Chile, lembrou assim a década de 1970: enquanto os americanos se embrenhavam no Vietnã, a Revolução Cubana continuava a inspirar movimentos guerrilheiros determinados a assaltar o poder e instaurar o socialismo; além-mar, a África se libertava; a América Latina via católicos se aliando com revolucionários laicos – e o padre Camilo Torres morria na Colômbia empunhando uma metralhadora. Depois do Maio de 1968 francês, “proibido proibir”, “paz e amor”, a penicilina e a pílula, a liberação sexual, as revoltas contra Stalin...

Nesse contexto, a experiência chilena e a cubana eram micro-laboratórios onde se incubaram as duas vias possíveis de uma revolução que, ao menos assim parecia, a maioria dos cidadãos do mundo desejava. Ainda que a revolução cubana tivesse a auréola do mito e até um ícone, Che Guevara, a que despertava unanimidade mundial era a chilena: ali parecia confluir a um jorro luminoso, festivo e final de todas as correntes da fonte da modernidade, desde o humanismo, o panteísmo, o iluminismo e a ilustração ao marxismo. *Liberté, égalité, fraternité*, por fim.⁷²¹

Nas lembranças de Carlos Gabetta, a queda de Salvador Allende provocou uma frustração universal. Foi um ponto de inflexão para as esquerdas. Ainda na sua leitura do tempo, relembrou as décadas de 1980 e 1990: no breve período da *perestroika* e da *glasnost* de Mikhail Gorbatchov na URSS, muitos, inclusive o editor, imaginaram que era a hora da

⁷¹⁹ GABETTA, janeiro de 2008, p. 3.

⁷²⁰ GABETTA, janeiro de 2008, p. 3.

⁷²¹ Traduzido do original: “*En este contexto, la experiencia chilena y la cubana eran microlaboratorios donde incubaban las dos vías posibles de una revolución que, al menos así parecía, la mayoría de los ciudadanos del mundo deseaba. Aunque la revolución cubana tenía la aureola del mito y hasta un ícono, Che Guevara, aquella que concitaba unanimidad mundial era la chilena: allí parecían confluír hacia un borbotón luminoso, festivo y final todas las corrientes de la fuente de la modernidad, desde el humanismo, el panteísmo, el iluminismo y la ilustración al marxismo. Liberté, égalité, fraternité, por fin*” (GABETTA, setembro de 2003, p. 2-3).

social democracia, do socialismo na liberdade. Mas viriam outros desencantamentos, com Felipe González, François Mitterand e Bettino Craxi, que não puderam afrontar o capitalismo neoliberal. Após as ditaduras, as redemocratizações na América Latina brindaram de um lado a democracia, de outro o capitalismo.

2003, por sua vez, novo século, novo milênio, novo momento: três décadas após a queda de Allende, a resposta ao rumos do capital se daria nas ruas (Buenos Aires, Caracas, Porto Alegre) e nas urnas (Kirchner, Chávez, Lula), como expressão política do fracasso do modelo neoliberal. Assim, entre passado e presente, o intelectual joga sua visão histórica ao futuro: “Capitalismo tardio? Nova ilusão reformista? As discussões sobre isso podem se prolongar ao infinito, mas aí está a História para aprender. [...] É só um momento de um processo histórico de transição”, afirma. “Não contemplar essa complexidade, não considerar a necessidade do tecido social para recuperar sua fortaleza e coerência, não acompanhar – de maneira crítica e vigilante, mas ativa – o desenvolvimento do processo, significa ignorar as lições da História”, arremata.⁷²²

Assim, Gabetta considera o mapa-múndi contemporâneo mais “perigoso” que nos tempos da Guerra Fria que, diante do temor de uma calamidade nuclear, permitiu décadas de certa “racionalidade internacional, prosperidade econômica e desenvolvimento democrático”, com avanços consideráveis nas liberdades políticas e na igualdade socioeconômica. Enquanto isso, os territórios terceiro-mundistas também teriam seus avanços: a relativa prosperidade na América Latina, as independências na Ásia e na África. Ressalva o intelectual que não pretende idealizar essa época, mas admitir que se avançava, aos tropeços, mas se avançava.⁷²³

Após a implosão soviética em 1991, os Estados Unidos se incumbiriam dum caráter imperial, liderando duas décadas de neoliberalismo – aí adiciono uma ideia do sociólogo brasileiro Emir Sader no *Dipló*: a América Latina pagaria um preço muito alto por ter sido laboratório privilegiado dos experimentos neoliberais, tornando-se uma das zonas mais instáveis do mundo, em termos socioeconômicos e políticos.⁷²⁴ Nesse tabuleiro internacional intrincado, dois xeques: por um lado, a crise financeira internacional; por outro, a guerra ao terror. De tal sorte que a paz mundial e as democracias estariam à mercê de diversos

⁷²² Traduzido do original: “¿Capitalismo tardío? ¿Nueva ilusión reformista? Las discusiones sobre esto pueden prolongarse al infinito, pero allí está la Historia para aprender de ella. [...] es sólo un momento de un proceso histórico de transición. No contemplar esta complejidad; no tener en cuenta la necesidad de que el tejido social de base recupere su fortaleza y coherencia; no acompañar –de manera crítica y vigilante, pero activa– el desarrollo del proceso, comporta ignorar las enseñanzas de la Historia” (GABETTA, setembro de 2003, p. 3).

⁷²³ GABETTA, setembro de 2002, p. 3.

⁷²⁴ SADER, fevereiro de 2003, p. 6-7.

“perigos”. Gabetta veria assim um momento crucial para a América latina, entre o autoritarismo e o destino colonial, ou a democracia e a integração independente.⁷²⁵

Das críticas d’*El Dipló* ao imperialismo norte-americano, *prepotente, irresponsável e de ambições hegemônicas* nas palavras de Gabetta, uma aposta nas possibilidades das jovens democracias sul-americanas. Para o então editor, duas seriam as possibilidades: ou Bolívar, ou Monroe. De um lado, a independência e integração sul-americana, cuja primeira manifestação se simbolizaria pelo congresso do Panamá, convocado por Simón Bolívar em 1826. De outro, a órbita dos Estados Unidos, cujas tentativas se encontrariam na Doutrina Monroe e na primeira conferência da União Panamericana de 1899.⁷²⁶

*

“É um Quixote, mas não está louco”. Carlos Gabetta cita a frase de Bonaparte, a respeito do general-libertador venezuelano Francisco de Miranda, para marcar suas impressões sobre diferentes líderes latino-americanos: Chávez, Fidel, Lula e Kirchner. Justifica que a mídia, os intelectuais de direita e certos intelectuais da esquerda socialdemocrata costumam caracterizar como *quixotadas*, isto é, como delírios, iniciativas desses governantes: Venezuela, a soberania diante dos Estados Unidos, que ambiciona seu petróleo; Cuba, a soberania, também a *tiro de piedra* dos Estados Unidos, que ainda não teria engolido a perda de sua *isla-cabaret*; Brasil, rebelde que ousou tirar 50 milhões da fome; Argentina, maré mafiosa que pretende se tornar um país “sério”.⁷²⁷

Crítico, porém, das possíveis ilusões suscitadas por esses governantes, Gabetta considera que, na realidade, o único razoável seria pensar uma *modesta utopia*. Que as sociedades latino-americanas ainda lutam por sua independência política *real*. Que diante do pessimismo atual, diagnosticado com desigualdades crônicas, desemprego agudo, especulação febril, Estados desorientados, conflitos armados, desordens climáticas e pandemias, esses *pujos* revolucionários corresponderiam a uma nova onda independentista. Nesse viés, Chávez, Fidel, Lula e Kirchner lembrariam quixotes, mas não estariam loucos. Deveriam honrar os valores de *libertad, igualdad e solidariedad* – e, mais uma vez, é revelante a escolha de

⁷²⁵ GABETTA, setembro de 2002, p. 3.

⁷²⁶ GABETTA, setembro de 2000, p. 3.

⁷²⁷ GABETTA, junho de 2004, p. 3.

expressões do editor, invocando os ideais franceses tão simbólicos de *liberté, égalité e fraternité*.⁷²⁸

Eis a América Latina do século XXI: vibrante, mas carregada de contradições. E, num viés marxista, a esquerda teria virado “a página do livro” do momento em que o capitalismo teria dado tudo de si.⁷²⁹ E a atual esquerda encontraria na América Latina um terreno fértil para cultivar outras experiências: um eixo Bolívia-Cuba-Venezuela com propostas socialistas, outro de Argentina, Brasil, Chile, Equador, Paraguai e Uruguai com alternativas dentro do capitalismo, mais distributivo e mais harmônico. Todos com altas possibilidades, mas limites imediatos. Entre otimismo e pessimismos, entre oportunidades e colapsos, entre alternativas vibrantes e vias contraditórias, um “fim de época”:

A muitos, a muitíssimos, esse ponto de vista continua parecendo uma ingenuidade, um *wishfull thinking* sofisticado, mas não sentem vocês, simplesmente lendo atentamente os bons jornais, que estamos vivendo um tormentoso, violento, confuso, imprevisível e apaixonante fim de época? [...] A América Latina tem todas as ativas para sair adiante. Riquezas, território e unidade cultural; camponeses, metalúrgicos, classes médias, cientistas e intelectuais produto de um trânsito marginal e caótico, mas trânsito por fim, para a modernidade. Tempos duros e apaixonantes, que pedem por estadistas e visionários da história antes que políticos que podem deixar passar a oportunidade.⁷³⁰

Para Gabetta, a ascensão das esquerdas latino-americanas nos processos democráticos atuais muito diferem das décadas de 1960 e 1970, pois quase inexitem movimentos armados importantes a pedir a destruição da ordem burguesa e o socialismo revolucionário. Eleitos democraticamente, esses governos pretenderiam aprofundar e consolidar a democracia, erradicando desigualdades – e isso, sim, seria revolucionário. Logo, nessas *democracias revolucionárias*, expressão do editor, as forças armadas e as intervenções militares não seriam mais o fator de desequilíbrio, mas as pressões dos lobbies políticos, da especulação financeira e da difamação midiática.⁷³¹ A fim de empreender transformações revolucionárias, essas

⁷²⁸ GABETTA, junho de 2004, p. 3.

⁷²⁹ No original: “*La izquierda ha llegado, también por fin, a la página del libro que habla del momento en que el capitalismo habrá dado todo de sí; pero su propia realidad es el marasmo consecutivo a un fracaso estruendoso*” (GABETTA, junho de 2004, p. 3).

⁷³⁰ Traduzido do original: “*A muchos, a muchísimos, este punto de vista les sigue pareciendo una ingenuidad, un wishfull thinking sofisticado, ¿pero no sienten ustedes, simplemente leyendo con atención los buenos periódicos, que estamos viviendo un tormentoso, violento, confuso, imprevisible y apasionante fin de época? [...] América Latina tiene todas las bazas para salir adelante. Riquezas, territorio y unidad cultural; camponeses, mano de obra industrial, clases medias, científicos e intelectuales producto de un tránsito marginal y caótico, pero tránsito al fin, por la modernidad. Tiempos duros y apasionantes, que reclaman estadistas y visionarios de la historia antes que políticos al uso que pueden dejar pasar la oportunidad*” (GABETTA, junho de 2004, p. 3).

⁷³¹ GABETTA, janeiro de 2006, p. 2-3.

democracias precisariam enfrentar, ou no mínimo contornar, tais pressões – uma tarefa hercúlea, mas promissora e *apaixonante*: “Em todo caso, algo pelo qual nos próximos anos valerá viver e lutar na América Latina”.⁷³²

Nem tudo são flores no terreno latino-americano, obviamente. Nas páginas platinas de *Le Monde Diplomatique*, Carlos Gabetta e Ignacio Ramonet escreveram diversos textos sobre as atuais possibilidades da América Latina. Todavia, duas questões mais sensíveis se destacam por evidenciar contradições e discordâncias entre seus intelectuais: Cuba e Venezuela⁷³³, com seus controversos comandantes, Fidel Castro e Hugo Chávez.

4.3.1 CUBA

50 anos após a vitória da Revolução Cubana, a imprensa internacional descortinou distintas visões sobre os ecos da revolução e, principalmente, sobre o destino político de Cuba. Em 1º de janeiro de 1959, os guerrilheiros castristas triunfavam na ilha caribenha. Em 1º de janeiro de 2009, diversos intelectuais e jornalistas se voltaram às memórias revolucionárias, evidenciando antigas e novas perspectivas para a ilha. *El Dipló* também embarcou nessas discussões.

A importância de Cuba como marco da primeira revolução que se tornou socialista na América Latina, no contexto internacional marcado pelo acirramento da Guerra Fria, suscitou e suscita até hoje interpretações diferentes, polarizadas ou na defesa incondicional do castrismo ou na crítica cruel às diretrizes revolucionárias. Entretanto, há uma visão crítica de esquerda que admite as conquistas sociais da revolução e seus esforços para a construção socialista, mas assume uma posição crítica em relação aos limites das liberdades democráticas na ilha caribenha.⁷³⁴

Do Institut des Hautes Études de l'Amérique Latine (IHEAL), a politóloga francesa Janette Habel assinou no *Monde Diplomatique* um artigo interessante sobre o *dilema* cubano no 50º aniversário da revolução. Dilema que se expressaria na citação do sociólogo cubano Aurelio Alonso: “Sair do caos sem cair na lei da selva”.⁷³⁵

⁷³² Traduzido do original: “*Menuda tarea, pero apasionante y prometedora. En cualquier caso, algo por lo que en los próximos años valdrá la pena vivir y luchar en América Latina*” (GABETTA, janeiro de 2006, p. 3).

⁷³³ Questões que destrincho, não por acaso, pois Cuba e Venezuela estão entre os regimes mais repressivos em termos de liberdade de expressão. Segundo o *Press Freedom Index* de 2015, organizado pela liga internacional Reporters Sans Frontières, Cuba está em 169º e Venezuela em 137º entre os 180 países investigados.

⁷³⁴ MISKULIN, 2003, p. 26.

⁷³⁵ HABEL, janeiro de 2009.

Habel privilegia a pluralidade de vozes na análise, citando como fontes a historiadora norte-americana Michelle Chase, a socióloga cubana Mayra Espina, o politólogo cubano Juan Valdés Paz, o diretor da revista *Temas* Rafael Hernández e o diretor da revista *Criterios* Desiderio Navarro, entre outros. A autora costura ideias das fontes, tecendo discussões acerca do tema. Marcante também é a presença de interrogações ao longo do artigo: “O que se discute? Em que consistem as diferenças? Militantes, investigadores, intelectuais e alguns círculos estudantis estão em busca de um socialismo alternativo. Essa busca vem acompanhada por um retorno crítico sobre o socialismo real e o balanço da queda da URSS [...]. É preciso mudar. Mas o que, quando e como?”⁷³⁶ Questões vibrantes, pois Habel não mira apenas a revolução no retrovisor, mas questiona o destino cubano após o afastamento de Fidel desde 2008, passando o poder para o irmão, Raúl Castro.

Além da linha sucessória a lembrar a importância da questão geracional, Habel destaca que nunca foi tão expressiva a distância entre os jovens e os velhos revolucionários. As novas gerações veem a ditadura de Fulgencio Batista como uma história longínqua, que nada teria a ver com seu presente. E, pensando no seu futuro, questionam, por exemplo, por que é preciso pedir autorização para viajar?, por que a internet é restrita?

A sucessão colidiu com uma concomitância imprevista de dificuldades de diversas ordens, como a crise financeira internacional, a hipercentralidade burocrática, três ciclones consecutivos, a prosperidade da economia informal e do mercado negro. Assim, ao admitir publicamente que o modelo não está no rumo certo, e que era preciso empreender mudanças estruturais, Raúl gerou muitas esperanças. Duas questões assim se impuseram nas discussões: a economia e a liberdade de expressão/participação popular. No fundo, tais questões contêm outro interrogante: quem lidera Cuba? Se há correntes internas, se há *raulistas* e *fidelistas*, se há discussões sobre o socialismo e a democracia? Assim, para Habel, é preciso discutir esses pontos para compreender como avançar, como mudar.⁷³⁷

Uma chave para compreender as discussões sobre Cuba é a ideia de “transição” – se haverá ou não; se sim, se haverá antes ou após a morte de Fidel Castro. Na crítica de Carlos Gabetta, os adversários da Revolução Cubana consideram que a transição levará ao capitalismo, puro e duro. Gabetta, pró-revolução, espera que o tempo do capitalismo já tenha passado – e que ofereceu o que tinha para oferecer, mas agora só contribui para conflitos e

⁷³⁶ Traduzido do original: “¿De qué se discute? ¿En qué consisten las diferencias? Militantes, investigadores, intelectuales y algunos círculos estudiantiles están en busca de un socialismo alternativo. Esta búsqueda está acompañada por un retorno crítico sobre el socialismo real y el balance de la caída de la URSS [...]. Hay que cambiar. Pero ¿qué, cuándo y cómo? [...]” (HABEL, janeiro de 2009).

⁷³⁷ HABEL, janeiro de 2009.

opressões – mas que o momento do socialismo ainda não se deflagrou. Considera assim que, fora da linha soviética, o socialismo ainda não se concretizou.⁷³⁸

No campo soviético vê o editor três entraves essenciais: 1. a progressiva composição de uma classe dirigente, *enquistada* no poder, cada vez mais distante da sociedade, que se pretenderia sem classes; 2. a onipresença do partido e seus principais líderes, com a pretensa infalibilidade de suas teorias e formulações dogmáticas, a reprimir toda dissidência e a ferir a liberdade de imprensa, abolindo a crítica; 3. a produtividade, pois o socialismo não pôde migrar o estímulo do progresso individual próprio do capitalismo para outro modelo capaz de igualar suas performances e suas implicações positivas. Para Gabetta, Cuba padece desses três males, por ser um regime de partido único que centraliza a economia, sem pluralismo político nem liberdade de expressão.⁷³⁹

Gabetta modera suas críticas, argumentando que uma abertura de Cuba seria possível para ultrapassar esses obstáculos, num contexto latino-americano favorável, com os governos progressistas e projetos de integração.⁷⁴⁰ Uma abertura *audaz*, capaz de combinar maior democracia política e transformações econômicas de inspiração socialista.

Ideias semelhantes, mas de diferente tom palpitam nas palavras de Ignacio Ramonet. Biógrafo de Fidel Castro, o sociólogo reuniu uma série de entrevistas, que duraram mais de 100 horas, com as memórias do comandante cubano num livro de mais de 600 páginas, intitulado *Fidel Castro: biografia a dos voces* (2006).

Até 2011, Ignacio Ramonet não publicou textos folhosos relacionados a Cuba no *Monde Diplomatique*. Um deles, traduzido n' *El Dipló*, de abril de 2002. Ali Ramonet narrou um mal-estar na mídia francesa acerca do Salón del Libro de La Habana. A França foi uma das nações convidadas para a festa literária. Muitos criticaram especialmente o sociólogo, que publicizara seu último livro no Teatro Karl Marx, diante de milhares de espectadores – entre eles, Fidel Castro, Joseph Stiglitz e Robert Mundell. Os críticos diziam que sua participação equivalia à França avaliar Cuba.

Ramonet argumenta que há 40 anos os americanos impõem um embargo comercial *devastador*, com consequências trágicas para os habitantes da ilha, além de uma guerra

⁷³⁸ GABETTA, abril de 2007, p. 30-31.

⁷³⁹ GABETTA, abril de 2007, p. 30-31.

⁷⁴⁰ A respeito dos projetos de integração, Carlos Gabetta expressou noutro editorial suas críticas. Apesar de simpático ao fervilhar de ideias da Unasur, do Mercosul, da Aliança Bolivariana para as Américas (Alba) – como alternativa à Área de Livre Comércio das Américas (Alca), dos distintos movimentos políticos e econômicos, vê aí um mosaico de instituições regionais que expressa, ao mesmo tempo, desconcerto, confusão e busca de um rumo. Vê, de um lado, a inexistência de concretização de propostas; de outro, discursos e disposições para atuar politicamente, com independência frente aos Estados Unidos, pedindo vez e voto nas reuniões de cúpulas internacionais (GABETTA, janeiro de 2009).

ideológica e midiática contra Cuba. Que, contudo, o pequeno país soberano teve conquistas *excepcionais* no desenvolvimento humano: fim do racismo, emancipação feminina, erradicação do analfabetismo, elevação do nível cultural, redução drástica da mortalidade infantil, índices admiráveis nas questões de saúde e de educação. Entretanto, o autor ressalva que, no âmbito das liberdades, a situação está longe de ser satisfatória. Nesse campo, há duas referências interessantes: primeiro, o editor se refere às críticas presentes no próprio *Le Monde Diplomatique*, citando artigos de Françoise Barthélemy, Janette Habel e Lisandro Otero; segundo, cita um informe da Anistia Internacional, que indicaria 13 presos políticos (de *opinión*) no fim de 2000. Ramonet cita, mas critica o informe, que não menciona torturas, sequestros ou assassinatos, mas dá a impressão de *gulag* na ilha – e faz um *mea culpa* ao mencionar que as “democracias” vizinhas, entre aspas do autor, como Honduras e Haiti, México e Brasil, ainda teriam sindicalistas, opositores e jornalistas assassinados impunemente, além de violação dos direitos culturais, econômicos e sociais, o analfabetismo, a mortalidade infantil e assim por diante.⁷⁴¹

Ramonet lamenta a posição de certos politólogos de *pacotilla*, que se apressaram a declarar a queda iminente de Cuba após a dissolução da URSS: “É não compreender a verdadeira índole desse regime”.⁷⁴² Para o sociólogo, o regime mudou muito, deixando para trás pontos importantes da “velha ortodoxia socialista”, mudando leis de agricultura, abrindo o turismo e dinamizando a vida cultural – e, nesse prisma, o país seria *infinitamente* mais aberto que há dez anos. Esses politólogos, uma roda de “nostálgicos inconsoláveis do anticomunismo” e amargos “ex-combatentes” da Guerra Fria, na definição do autor, criticaram a participação de personalidades francesas no Salón, especialmente a de Ramonet – que lançaria o livro *Propagandas silenciosas*, inspirado, novamente na definição do autor, no espírito subversivos dos mestres frankfurtianos, Adorno, Benjamin e Marcuse.⁷⁴³

No Salón, Ramonet citou a derrota da URSS, derrota flagrante que deveria passar uma lição histórica: “Um regime sem democracia e uma economia sem mercado levam à catástrofe”.⁷⁴⁴ Com a palavra, Fidel confirmaria já não existir um “modelo” na política – e que ninguém compreenderia muito bem a ideia atual de socialismo. No fim, o saldo: mais de um milhão de visitantes no Salón, com a difusão de 5 milhões de livros e diversas discussões intelectuais. “Os editores franceses puderam apresentar livremente os livros de autores

⁷⁴¹ RAMONET, abril de 2002, p. 18.

⁷⁴² RAMONET, abril de 2002, p. 18-19.

⁷⁴³ RAMONET, abril de 2002, p. 18-19.

⁷⁴⁴ Traduzido do original: “*Un régimen sin democracia y una economía sin mercado llevan a la catástrofe*” (RAMONET, abril de 2002, p. 18-19).

críticos do regime, como Cabrera Infante, Reinaldo Arenas, Jesús Díaz, José Triana, Raúl Rivero, etc. As autoridades não censuraram nenhum livro. O que confirma mais uma vez que o anticastrismo primário é o liberalismo dos imbecis”.⁷⁴⁵

A partir desses três textos, de Carlos Gabetta, Ignacio Ramonet e Janette Habel, é possível notar certas tendências analíticas. Habel vê o imperativo de mudança na ilha e interroga muito sobre como realizá-la. Gabetta concorda com a necessidade de mudança, mas é muito mais incisivo nas suas críticas, principalmente relacionadas ao tom autoritário de Havana. Já Ramonet admite as fragilidades insulares caribenhas, mas elogia festivamente as conquistas do regime, que precisa mudar, mas que já teria mudado “muito”. Assim, e apesar da talvez semelhança das linhas de pensamento, os tons são diferentes.

Em março de 2008, após a renúncia de Fidel Castro, Gabetta lhe diria um homem, simplesmente um homem diante de uma das oportunidades únicas da História, que teria se tornado um *gran hombre* no século XX.⁷⁴⁶ Já Ramonet o perfilaria como um combatente, com trajetória única, liderança e imensa influência. Não economizou nos adjetivos: respeitoso, modesto e discreto, defensor de sentido ético e moral muito elevados, princípios rigorosos. “Não é nem o monstro que descrevem algumas mídias ocidentais, nem o Superman que apresentam às vezes as mídias cubanas”, diz Ramonet. “Fidel Castro é uma curiosa mescla de idealismo e pragmatismo. Sonha com uma sociedade perfeita sabendo que as condições materiais são extremamente difíceis de transformar. Abandona seu cargo presidencial, convencido da estabilidade do sistema político cubano”.⁷⁴⁷

Entretanto, na edição de outubro de 2010, a primeira página d’*El Dipló* estampava em letras garrafais: Cuba assume o fracasso do “socialismo real”. Para Gabetta, o último grande sonho do século XX encontrava o fim – e o despertar cubano, nas palavras do argentino, ainda deveria procurar respostas no presente século XXI.⁷⁴⁸

⁷⁴⁵ Traduzido do original: “Los editores franceses pudieron presentar libremente los libros de autores críticos del régimen, como Cabrera Infante, Reinaldo Arenas, Jesús Díaz, José Triana, Raúl Rivero, etc.16. Las autoridades no censuraron ningún libro. Lo cual confirma una vez más que el anticastrismo primario es el liberalismo de los imbéciles” (RAMONET, abril de 2002, p. 19).

⁷⁴⁶ GABETTA, março de 2008, p. 3.

⁷⁴⁷ Traduzido do original: “No es ni el monstruo que describen algunos medios de comunicación occidentales, ni el Superman que presentan a veces los medios de comunicación cubanos. [...] Fidel Castro es una curiosa mezcla de idealismo y pragmatismo. Sueña con una sociedad perfecta sabiendo que las condiciones materiales son extremadamente difíciles de transformar. Abandona su cargo presidencial, convencido de la estabilidad del sistema político cubano” (RAMONET, março de 2008).

⁷⁴⁸ GABETTA, outubro de 2010, p. 3.

4.3.2 VENEZUELA

Em outubro de 1999, Ignacio Ramonet publicou seu primeiro editorial dedicado a Hugo Chávez. Um retrato às avessas de seus detratores, para quem o presidente venezuelano se revelaria *carapintada*, ditatorial, golpista, jacobino autoritário, aliado de Fidel, reencarnação de Perón ou de Torrijos.⁷⁴⁹

Comandante que protagonizou uma tentativa de golpe em 1992, eleito em 1998, Chávez encontraria apoio nas forças de esquerda e nos desprivilegiados, iniciando uma revolução “pacífica e democrática” que inquietou os propagandistas da globalização. Diante das desigualdades e da miséria do país, Ramonet não se surpreende com os 88% de venezuelanos favoráveis à proposta de convocar uma constituinte para redigir uma nova Constituição e pôr um ponto final no regime corrupto dos partidos tradicionais. Tampouco se surpreende com a campanha de “demonização” midiática contra o presidente e sua revolução.

Ramonet cita Chávez, que cita Gramsci: “Estamos vivendo ao mesmo tempo uma morte e um nascimento. A morte de um modelo esgotado, detestado; e o nascimento de um novo rumo político, diferente, que leva a esperança de um povo... O velho demora a morrer, e o novo ainda não ocupou suas marcas, mas essa crise ilumina uma revolução”.⁷⁵⁰ Segundo Ramonet, Chávez compreendia que a democracia não é uma questão apenas de igualdade política, mas de igualdade social, econômica e cultural – e seriam esses os fins da revolução bolivariana.⁷⁵¹

Após o golpe de 11 de abril de 2002 contra Chávez, Ramonet definiria a situação como um “crime perfeito”, perpetrado por uma coalizão dos poderosos, entre a Opus Dei, a oligarquia financeira, a burguesia branca e um sindicalismo corrompido – que se declararia a “sociedade civil”, reverberada pela mídia. Destacou a quase ausência de alvoroço internacional diante do golpe contra um governo que, respeitando as liberdades, lideraria um programa “moderado” de transformações sociais e incorporaria a “única experiência atual de socialismo democrático na América Latina”.⁷⁵²

Do golpe frustrado, Carlos Gabetta destacaria duas lições. Primeiro, as convicções democráticas a respeito do resto do mundo a partir dos Estados Unidos e da União Europeia.

⁷⁴⁹ RAMONET, outubro de 1999, p. 48.

⁷⁵⁰ Traduzido do original: “*Estamos viviendo al mismo tiempo una muerte y un nacimiento. La muerte de un modelo agotado, detestado; y el nacimiento de un nuevo rumbo político, diferente, que lleva la esperanza de un pueblo... El viejo tarda en morir, y el nuevo todavía no ocupó sus marcas, pero esta crisis alumbró una revolución*” (RAMONET, outubro de 1999, p. 48).

⁷⁵¹ RAMONET, outubro de 1999, p. 48.

⁷⁵² RAMONET, junho de 2002, p. 40.

Dos americanos, o editor não se surpreende com o apoio ao governo golpista. Dos europeus, já se admira com a justificativa do golpe por democratas como Felipe González. Segundo, a reiteração das dificuldades e a ferocidades dos inimigos aos governos democráticos dedicados a reformas progressistas na América Latina. O argentino faz uma ressalva interessante: “Mais além das opiniões que cada qual sustente sobre o estilo do presidente Chávez, é inquestionável que é um governo legítimo, referendado por várias eleições limpas em que obteve uma maioria absoluta”.⁷⁵³ Friso, pois Gabetta expressa noutros editoriais opiniões e críticas a Chávez – para citar um exemplo, considera incompreensível a *hermandad* declarada com o Irã, pois, argumenta, a Venezuela não precisaria nem de petróleo nem de aliança fraternal com uma *teocracia medieval* que nega o Holocausto e quer riscar Israel do mapa.⁷⁵⁴

Outra *lição* venezuelana, porém, elogiada pelo editor: a linha chavista teria mostrado que, se realmente se tenta adotar uma política soberana, desenvolver o país e atender as expectativas dos mais necessitados, ainda as mais mínimas e elementares, é preciso acabar com os privilégios das elites.⁷⁵⁵ À época, em setembro de 2004, Chávez vencia sua oitava disputa eleitoral, com mais de 59%, convocatória com participação recorde. Gabetta ironizou a surpresa dos críticos diante do fenômeno chavista:

E os especialistas internacionais em democracia formal começavam a dar sinais de desconcerto: por acaso a Venezuela não foi por décadas um modelo exemplar de alternância democrática? Por acaso não tinha evitado o populismo, essa falha que conduzia países riquíssimos, como a Argentina, a uma decadência sem fim? De fato, a democracia cristã, apoiada pelo Vaticano e pelas direitas liberais do mundo desenvolvido, e a socialdemocrata Acción Democrática, apoiada pela bem-pensante Internacional Socialista, o Partido Democrata americano e a esquerda caviar europeia, tinham se alternado democraticamente no poder todos esses anos.⁷⁵⁶

Para Gabetta, compreender a ascensão de Chávez requer compreender que, após as consequências drásticas do neoliberalismo na América Latina, diversos presidentes foram

⁷⁵³ Traduzido do original: “*Más allá de las opiniones que cada cual sustente sobre el estilo del presidente Chávez, es incuestionable que el suyo es un gobierno legítimo, referendado por varias elecciones limpias en las que obtuvo una mayoría absoluta*” (GABETTA, maio de 2002, p. 3).

⁷⁵⁴ GABETTA, dezembro de 2007, p. 3.

⁷⁵⁵ GABETTA, setembro de 2004, p. 3.

⁷⁵⁶ Traduzido do original: “*Y los expertos internacionales en democracia formal comenzaban a dar muestras de desconcierto: ¿acaso Venezuela no había sido por décadas un modelo ejemplar de alternancia democrática? ¿Acaso no había evitado el populismo, esa lacra que conducía a países riquísimos, como Argentina, a una decadencia sin fin? En efecto, la Democracia Cristiana, apoyada por el Vaticano y las derechas liberales del mundo desarrollado, y el socialdemócrata Acción Democrática, apoyado por la bienpensante Internacional Socialista, el Partido Demócrata estadounidense y la gauche caviar europea, se habían alternado democráticamente en el poder todos esos años*” (GABETTA, setembro de 2004, p. 3).

destituídos ou obrigados a renunciar, outros foram julgados, outros se tornaram fugitivos da justiça – e enquanto esses atores saíam de cena, outros elementos surpresa passaram a protagonizar o palco, como o zapatismo mexicano, os piqueteros argentinos, os indígenas bolivianos, equatorianos e peruanos, os sem-terra no Brasil. Dessa mirada da evolução política latino-americana se poderia compreender as *formidáveis* mudanças políticas atuais, entre as quais o processo venezuelano seria o mais determinado e *espetacular*.⁷⁵⁷

Se Gabetta transparece certo otimismo a Chávez, não há palavra mais forte para expressar o ânimo de Ramonet. Além de *Fidel Castro: biografía a dos voces* (2006), Ramonet publicou *Hugo Chávez: mi primera vida* (2013), também a partir de mais de 100 horas de entrevistas gravadas com o comandante. Após a morte de Chávez em março de 2013, Ramonet ocupou duas páginas do *Monde Diplomatique* francês, lembrando o itinerário do revolucionário, que estaria ao lado de Che Guevara, Emiliano Zapata e Salvador Allende no “imaginário dos humildes da América Latina”.⁷⁵⁸ Um iluminado incumbido de reinventar a esquerda latino-americana.

Perpassando sua infância e juventude, Ramonet retrata o caudilho como um estudante brilhante, depois um militar dedicado, que lera tudo de Simon Bolívar, Simón Rodríguez e Ezequiel Zamora, fontes para suas ideias de independência e soberania, igualdade e justiça social, inclusão e integração latino-americana.⁷⁵⁹

Ingressante à academia militar sem cultura política, Chávez ressurgiu quatro anos depois, em 1975, aos 21 anos, com uma única ideia em mente: acabar com um regime corrupto e refundar a república. Ele precisaria esperar ainda 25 anos. 25 anos de conspirações silenciosas dentro das forças armadas. E o encontro de quatro acontecimentos decisivos: a grande revolta – o *Caracazo*⁷⁶⁰ – contra a terapia de choque neoliberal em 1989; o fracasso da rebelião militar de 1992; a experiência fecunda de dois anos na prisão; e o encontro com Fidel Castro em 1994. A partir daí, sua vitória eleitoral é certa. Viria em 1998. Porque, ele dizia citando Victor Hugo, “nada é mais poderoso no mundo do que uma ideia cujo tempo chegou”.⁷⁶¹

⁷⁵⁷ GABETTA, setembro de 2004, p. 3.

⁷⁵⁸ RAMONET, abril de 2013, p. 22-23.

⁷⁵⁹ RAMONET, abril de 2013, p. 22-23.

⁷⁶⁰ “Cordobazo” foi um movimento de protesto em fevereiro de 1989 em Caracas, em repúdio ao pacote de medidas econômicas imposto pelo governo do presidente Carlos Andrés Pérez. Levantes populares dividiram as ruas com ônibus apedrejados, invasões e gangues urbanas – manifestações massacradas por militares.

⁷⁶¹ Traduzido do original: “Il lui faudra encore attendre vingt-cinq ans. Vingt-cinq ans de conspirations silencieuses au sein des forces armées. Et le concours de quatre événements décisifs : la grande révolte populaire — le caracazo— contre la thérapie de choc néolibérale, en 1989; l'échec de la rébellion militaire de 1992 ; l'expérience féconde de deux années de prison ; et la rencontre, en 1994, avec Fidel Castro. A partir de là, sa victoire électorale est certaine. Elle interviendra en 1998. Parce que, disait-il en citant Victor Hugo, ‘rien n'est plus puissant au monde qu'une idée dont le temps est venu’” (RAMONET, abril de 2013, p. 23).

Veio o tempo – e Chávez chegou ao poder. Ali, Ramonet via o venezuelano como líder de uma política consistente de apropriação dos recursos naturais do país pelo Estado, priorizando as demandas de saúde e de educação num balanço bolivariano *espetacular* para os mais pobres e, assim, desagradando os mais poderosos interesses nacionais e internacionais.

No *Diplô* de agosto de 2007, impressiona o elogio às conquistas chavistas: o presidente teria “refundado” a nação, legitimada por uma nova Constituição, respeitando a democracia e as liberdades; devolvendo a dignidade a milhões de marginalizados, resgatando a PDVSA, a principal empresa de telecomunicações e a empresa de eletricidade, nacionalizando campos petrolíferos, distribuindo milhões de hectares entre os camponeses, alfabetizando milhões de *niños* e adultos – entre 1999 e 2005, a pobreza caiu de 42,8% para 33,9%. Assim, diante desses feitos, Ramonet questiona se realmente surpreende que Chávez tenha se tornado um alvo na mira dos *dueños del mundo*. Ao ver do editor, isso desencadearia uma virulenta campanha midiática internacional contra o comandante, alvo de miseráveis calúnias que, com inestimáveis fundos financeiros, orquestrariam uma difamação tanto nos diários quanto nas organizações de direitos humanos, “enroladas” ao serviço de desígnios *tenebrosos*.⁷⁶²

Por que tanto ódio? Porque em momentos em que a socialdemocracia passa na Europa por uma crise de identidade, as circunstâncias históricas parecem ter confiado a Chávez a responsabilidade de assumir a liderança, em escala internacional, de reinvenção da esquerda. Enquanto que no velho continente a construção europeia teve como efeito tornar praticamente impossível toda alternativa ao neoliberalismo, no Brasil, Argentina, Bolívia e Equador, inspirados no exemplo venezuelano, se sucedem experiências que mantêm viva a esperança de realizar a emancipação dos mais humildes.⁷⁶³

Enlaço desse trecho outro questionamento: diante, pois, de novos momentos emblemáticos latino-americanos, quais são os rumos da esquerda europeia?

⁷⁶² RAMONET, agosto de 2007, p. 48.

⁷⁶³ Traduzido do original: “¿Por qué tanto odio? Porque en momentos en que la socialdemocracia pasa en Europa por una crisis de identidad, las circunstancias históricas parecen haber confiado a Chávez la responsabilidad de asumir la conducción, a escala internacional, de la reinvencción de la izquierda. Mientras que en el viejo continente la construcción europea tuvo como efecto hacer prácticamente imposible toda alternativa al neoliberalismo, en Brasil, Argentina, Bolivia y Ecuador, inspirados por el ejemplo venezolano, se suceden experiencias que mantienen viva la esperanza de realizar la emancipación de los más humildes” (RAMONET, agosto de 2007, p. 48).

4.3.3 ESQUERDAS EUROPEIAS

Foram diversas derrotas para a esquerda europeia em junho de 2007. Derrota dos socialistas franceses, dos socialistas espanhóis, tremenda fragilidade do governo italiano e iminente regresso da direita berlusconiana, avanços da direita na Bélgica, na Holanda, na Polônia e na península escandinava. Além das derrotas eleitorais, Carlos Gabetta palpitava crises internas e dissoluções. O motivo para tal horizonte desolador seria a impossibilidade de impor políticas de esquerda (como a distribuição da renda para reduzir desigualdades e melhores serviços sociais para a maioria, mediante maiores impostos para os mais ricos) num contexto de capitalismo globalizado. Na Europa, Gabetta via uma esquerda reformista acostumada a administrar com maior sensibilidade social os excedentes do capitalismo na reconstrução do pós-guerra. Nos tempos atuais, porém, o reformismo, tanto liberal quanto socialdemocrata, teria se esgotado. Diante desse cenário complexo, a esquerda europeia estaria perdida, sem propostas.⁷⁶⁴ O impasse para as esquerdas seria reformular de vez sua visão do capitalismo, suas propostas alternativas e os atores sociais que deveriam realizá-las. Traçando paralelos entre a América Latina e a Europa, diz o editor:

Ainda que a situação política se mostre invertida e a situação econômica seja conjunturalmente favorável, essas novas regras do jogo também valem para a América Latina, onde governos populistas ou de centro-esquerda governam vários países importantes, enquanto o resto se debate em conflitos políticos internos graves, como é o caso da Colômbia e do México. [...] De qualquer maneira, aos governos progressistas de América Latina chegará a hora de enfrentar os limites do capitalismo atual, com a dimensão agregada que têm os problemas no subdesenvolvimento. É por isso que uma definição precisa da conjuntura global é o verdadeiro problema das esquerdas e do progressismo.⁷⁶⁵

Um *labirinto*. Assim a editora Anne-Cécile Robert definiria a desorientação da esquerda europeia. A atual fragilidade seria desdobramento da progressiva conversão ao liberalismo econômico na década de 1980 e, ao mesmo tempo, da profunda perda de pontos

⁷⁶⁴ GABETTA, junho de 2007, p. 3.

⁷⁶⁵ Traduzido do original: “*Aunque la situación política se presenta invertida y la económica es coyunturalmente favorable, estas nuevas reglas del juego son también válidas para América Latina, donde gobiernos populistas o de centroizquierdas gobiernan en varios países importantes, mientras el resto se debate en conflictos políticos internos graves, como es el caso de Colombia y México. [...] En cualquier caso, a los gobiernos progresistas de América Latina les habrá llegado la hora de enfrentar los límites del capitalismo actual, con la dimensión agregada que tienen los problemas en el subdesarrollo. Es por eso que una definición precisa de la coyuntura global es el verdadero problema de las izquierdas y el progressismo*” (GABETTA, junho de 2007, p. 3).

políticos de referência, que transformou a Europa num terreno ideal para uma esquerda sem projeto próprio.⁷⁶⁶

Para Robert, a esquerda sofreu diversos *electroshocks* no século XX e, desorientada, tornou-se permeável a confusões intelectuais e verbais: a degradação ditatorial e o fracasso econômico da URSS, o cinismo político de certas figuras emblemáticas da socialdemocracia, a dissolução da efervescência libertária da década de 1970. Choques que provocaram, nas palavras da editora, uma profunda crise de identidade e uma depressão coletiva na Europa. “Toda uma cultura política foi se decompondo progressivamente, facilitando a aceitação da Europa tal como se está construindo. Confunde-se a integração continental com o internacionalismo trabalhista de outrora, quando na realidade a União Europeia parece mais uma sociedade anônima que uma expressão da solidariedade transfronteiriça dos dominados”.⁷⁶⁷

No silêncio das discussões ideológicas, o continente se despolitizou: não seria nem de direita nem de esquerda. Esse vazio ideológico asfixiou os espaços para a argumentação e a racionalidade política, impedindo imaginar outra concepção para a integração continental. Assim, critica Robert, “entre fracasso ideológico, connivência social e incultura histórica, a Europa se tornou o Triângulo das Bermudas da esquerda. Suas forças e seus representantes desaparecem em corpo e alma de seu território, um atrás do outro”.⁷⁶⁸

Outra interessante interpretação para os rumos das esquerdas europeias no *Monde Diplomatique* está no filósofo belga Jean Bricmont, para quem a esquerda adormecida ficou quase muda quando o discurso dominante dos direitos humanos destaca os direitos políticos e ignora os direitos econômicos e sociais.⁷⁶⁹ Bricmont considera que, enquanto existiu, o comunismo forçou tanto aliados quanto adversários a refletir politicamente, propondo programas e prioridades. Fim do comunismo, fim das discussões, fim da história?

Para Bricmont, a ênfase das esquerdas atuais aos direitos políticos, diminuindo a importância dos direitos econômicos e sociais, reflete talvez o mal-estar de muitos “ex” – ex-comunistas, ex-trotskistas, ex-maoístas – devido à remissão dos direitos individuais no

⁷⁶⁶ ROBERT, maio de 2005, p. 18.

⁷⁶⁷ Traduzido do original: “*Toda una cultura política se fue descomponiendo progresivamente, facilitando la aceptación de Europa tal como se la está construyendo. Se confunde la integración continental con el internacionalismo obrero de antaño, cuando en realidad la Unión Europea se parece más a una sociedad anónima que a una expresión de la solidaridad transfronteriza de los dominados*” (ROBERT, maio de 2005, p. 18).

⁷⁶⁸ Traduzido do original: “*Entre fracaso ideológico, connivencia social e incultura histórica, Europa se convirtió en el Triángulo de las Bermudas de la izquierda. Sus fuerzas y sus representantes desaparecen en cuerpo y alma de su territorio, uno tras otro*” (ROBERT, maio de 2005, p. 19).

⁷⁶⁹ BRICMONT, agosto de 2006, p. 52.

período leninista. O filósofo ilustra essa debilidade da esquerda com a ideologia do “nem-nem” nos conflitos atuais: nem Slobodan Milosevic nem a OTAN, nem Bush nem Saddam, nem Sharon nem Hamas. Para o autor, seriam falsas simetrias, pois nesses conflitos há um lado agressor e um lado agredido – e equalizar ambos seria abandonar a ideia de soberania nacional.⁷⁷⁰ Considera que o século XX não foi o século do socialismo, mas da descolonização, que permitiu a milhões escapar de uma forma extrema de opressão. Assim, pensa que o século XXI seria o fim da hegemonia norte-americana – donde “outro mundo” voltará a ser possível e talvez se volte a discutir realmente o socialismo.⁷⁷¹

*

Diante do labirinto europeu, uma luz latino-americana. Diante do mosaico latino-americano, um farol francês. Nesses caminhos cruzados, entrelaçados, tropeçados, vale destacar os nós entre *Le Monde Diplomatique* e sua América Latina *rebelle*.

De sua herança terceiro-mundista, *Le Monde Diplomatique* acompanhou a realidade latino-americana desde as ditaduras. Lembrando o passado, a editora Anne-Cécile Robert destaca o interesse francês pela teologia da libertação, pelos movimentos fervilhantes ao redor de Che Guevara e Fidel Castro, e por “escritores de envergadura universal, com uma relação à justiça social muito forte nos povos latino-americanos”.⁷⁷² Pensando o presente, diz:

Atualmente nós estamos muito admirados da luta excepcional dos povos latino-americanos para se libertar do ultra-liberalismo e da dominação americana dos Estados Unidos. Isso é um exemplo, nós consideramos, para o mundo inteiro – mesmo se somos críticos de algumas derivações e alguns erros de alguns regimes. A América Latina é muito interessante e muito importante para nós, pois é um laboratório da liberdade.⁷⁷³

Na visão de Anne-Cécile Robert, a América Latina suscitou e suscita muito interesse para *Le Monde Diplomatique*, como uma “fonte de ensinamento” que *seduziu* os intelectuais franceses, que viram ali uma busca de transformação social por esquerdas ancoradas na democracia. Uma lupa nesta visão: as expressões da editora, “fonte de ensinamento” e *seduziu*. Para Robert, a Europa viveria tempos muitos diferentes da América Latina – estaria *congelada* dentro da UE, a possibilidade para buscar alternativas e transformação social seria

⁷⁷⁰ BRICMONT, agosto de 2006, p. 52.

⁷⁷¹ BRICMONT, agosto de 2006, p. 52.

⁷⁷² Anne-Cécile Robert em entrevista à autora no dia 14 de outubro de 2014.

⁷⁷³ Anne-Cécile Robert em entrevista à autora no dia 14 de outubro de 2014.

muito mais complicada. Para Robert, vale lembrar, a Europa configuraria um tipo de “Triângulo das Bermudas” para as esquerdas.

Bernard Cassen, por sua vez, adiciona um fator paralelo: após três décadas, a ideologia liberal teria convencido os intelectuais europeus, especialmente franceses, de que não era possível mudar. “*No alternative*, é assim como é, é preciso se ajustar à mundialização, ao mercado. Essa visão liberal assolou as consciências e os espíritos”.⁷⁷⁴ Assim, mirar a América Latina lhes teria permitido ver o mundo por outro prisma: a partir de Hugo Chávez, os governos progressistas mostrariam que é possível dizer “não” – ao imperialismo e ao neoliberalismo, isto é, aos Estados Unidos, ao Banco Mundial, ao FMI. E “é revolucionário dizer ‘não’”.⁷⁷⁵ Por linhas paralelas às de Robert, Cassen diz: “Se, em geral, é a América Latina que imita a Europa, lá nós vimos que havia ensinamentos a tirar das experiências latino-americanas”.⁷⁷⁶

Renaud Lambert se afina a tais ideias, mas com tons diferentes. O editor compreende a importância da América Latina para *Le Monde Diplomatique* a partir de elos externos e internos. Quanto aos internos, destaca a presença de notáveis latino-americanistas na revista: Bernard Cassen, Ignacio Ramonet, Maurice Lemoine. Além deles, Claude Julien, que transformaria *Le Monde Diplomatique* a partir de 1973, na época em que Augusto Pinochet tomava o poder no Chile, gatilho para a contrarrevolução neoliberal – e assim se poderia compreender por que o magazine, ancorado na defesa do Terceiro Mundo e dos povos oprimidos do hemisfério sul, se virou para a América Latina.⁷⁷⁷ Logo, nos elos externos, isto é, a própria realidade latino-americana, a maré de ideias progressistas teria tornado esses territórios uma “zona rica de esperança”, “um contraponto importante frente à lógica imposta na Europa de que não há alternativa ao modelo neoliberal”.⁷⁷⁸ Mas,

⁷⁷⁴ Bernard Cassen em entrevista à autora, no dia 10 de novembro de 2014.

⁷⁷⁵ Bernard Cassen em entrevista à autora, no dia 10 de novembro de 2014.

⁷⁷⁶ Bernard Cassen em entrevista à autora, no dia 10 de novembro de 2014.

⁷⁷⁷ Renaud Lambert em entrevista à autora, no dia 2 de outubro de 2014.

⁷⁷⁸ Renaud Lambert em entrevista à autora, no dia 2 de outubro de 2014.

É preciso precisar. Quando digo que a América Latina se tornou uma fonte de esperança, penso na América Latina no período que se inicia com a eleição de Hugo Chávez na Venezuela [em 1998] e que penso que se encerre neste momento [atual, em 2014/2015]. A América Latina encontra dificuldades agora, que não conhecia em 2005 ou em 2000. O cenário latino-americano parece mudar, mas quando digo que se tornou uma fonte de esperança, refiro-me à América Latina entre os anos 2000 e 2010 principalmente. Uma época que, na França e outros lugares, o Partido Socialista nos explicava que o Estado não pode tudo. Na mesma época, na Venezuela, por exemplo, Hugo Chávez mostrava que o Estado, mesmo se não podia tudo, podia muito. E podia sobretudo ajudar a esquerda a mudar o mundo. Para responder à sua questão: sim, parece-me que houve uma alternância. E que as ideias outrora fundadas pela esquerda, no governo – no caso da França, do Partido Socialista – foram esquecidas. E essas ideias foram defendidas em outra parte do mundo, que reivindicavam uma *história comum*, da Revolução Francesa, da Comuna de Paris, da Revolução Cubana no caso do combate latino-americano.⁷⁷⁹

É importante destacar a resposta de Lambert, um intelectual mais jovem, mas talvez mais ponderado que seus companheiros Cassen e Ramonet. Apesar de ver na América Latina uma “fonte de esperança” para as esquerdas, o editor observa os limites de suas possibilidades. Entretanto, é interessante marcar outro ponto de seu contraponto: as ideias da esquerda, se esquecidas por socialistas francesas, reverberaram, frutificaram, brotaram em outra parte do mundo, no território latino-americano que reivindicaria uma *história comum*: da Revolução Francesa, da Comuna de Paris, da Revolução Cubana.

Serge Halimi destaca o interesse antigo do *Monde Diplomatique* pela América Latina, desde os movimentos revolucionários, a vitória de Cuba, os movimentos contrarrevolucionários, o golpe no Chile. Agora, justifica o interesse presente pelas experiências latino-americanas *positivas*, consideradas *tentativas*, maiores ou menores, de fugir do modelo neoliberal.⁷⁸⁰ “É por isso que observamos a América Latina. Nós não procuramos os modelos lá fora, mas nós sabemos que os modelos não são necessariamente os exemplos de regressão social dos Estados Unidos e da Europa”.⁷⁸¹

Dominique Vidal, já destaquei noutros momentos, assinala criticamente uma moda intelectual *très française* diante da América Latina – relacionada a Chávez, especialmente.⁷⁸² Vidal critica seus amigos, Cassen e Ramonet, que não teriam escapado a essa adoração de ídolos. “Isso mudou no *Monde Diplomatique*, após as saídas de Maurice Lemoine e Ignacio

⁷⁷⁹ Renaud Lambert em entrevista à autora, no dia 2 de outubro de 2014, grifo meu.

⁷⁸⁰ Serge Halimi em entrevista à autora, no dia 28 de novembro de 2014, grifo meu.

⁷⁸¹ Serge Halimi em entrevista à autora, no dia 28 de novembro de 2014.

⁷⁸² Dominique Vidal em entrevista à autora, no dia 6 de outubro de 2014.

Ramonet, ambos aposentados. Um jornalista mais jovem, Renaud Lambert, é tipicamente o caso: teve seu momento de adoração por Chávez, mas agora tem uma visão mais crítica”.⁷⁸³

Deste lado do Atlântico, Carlos Gabetta também viu essa faísca de esperança, mas com outros olhos:

[...] uma esperança que nasceu justamente da desorientação da esquerda europeia. Isso vale para a ala de esquerda que representa *Le Monde Diplomatique*. Eles não sabem o que fazer com sua própria realidade e por isso miram as experiências latino-americanas, porque consideram que esses governos têm apoio popular, mas não têm. Esses governos, autoritários e corruptos, abandonaram a ideia de esquerda. Gostaria que *Le Monde Diplomatique* recuperasse sua atitude crítica.⁷⁸⁴

*

Outubro, 1991. Mais de 40 mil indígenas ocupam as ruas guatemaltecas de Quetzaltenango, bradando entre tambores, flautas e acordeões: “*Se ve, se siente, el pueblo está presente*” – “*Ça se voit, ça se sent, le peuple est bien présent*”. Aos ouvidos franceses, um grito dos *oprimidos* e dos *revolucionários latinos todos*.⁷⁸⁵

Junho, 1994. Indígenas equatorianos se rebelam contra uma lei agrária, bufando alternativas possíveis ao modelo neoliberal. E camponeses bolivianos. E manifestantes mexicanos. “Está por todo lado um retrato, o de Che Guevara. Apesar do ‘fim da história’, são eles incuráveis ‘comunistas’ todos esses incríveis latinos? Ou marxistas? Marxólogos? Marxianos?”⁷⁸⁶

Quem questiona é Maurice Lemoine, que revisita:

⁷⁸³ Dominique Vidal em entrevista à autora, no dia 6 de outubro de 2014.

⁷⁸⁴ Carlos Gabetta em entrevista à autora, no dia 1º de setembro de 2014.

⁷⁸⁵ LEMOINE, maio de 1998, p. 13.

⁷⁸⁶ Traduzido do original: “*C’est, partout, un portrait, celui de Che Guevara. Malgré « la fin de l’histoire », sont-ils donc incurablement « communistes » tous ces incroyables Latins ? Ou marxistes ? Marxisants ? Marxiens ?*” (LEMOINE, maio de 1998, p. 13).

É na Argentina, com a vinda dos imigrantes e dos refugiados políticos, notavelmente após o aniquilamento da Comuna de Paris (1871), que é implantando o ideal socialista. O primeiro partido comunista latino-americano aflora em 1918. A maior parte dos outros partidos comunistas do continente são fundados entre 1920 e 1930. Mas as grandes correntes populares que vão arar essas terras ferozmente independentes de espírito – a Aliança Popular Revolucionária Americana (APRA) no Peru, o Movimento Nacionalista Revolucionário (MNR) na Bolívia, o peronismo na Argentina – escapam a seu controle.⁷⁸⁷

Lemoine resgata a revolução vitoriosa de Fidel Castro que, diante das agressões americanas, se proclamara “oficialmente” marxista-leninista. Da ilha para a cordilheira, assinala outro “triunfo” das teses do Kremlin: o encontro de comunistas, cristãos progressistas, socialistas, sociais-democratas e radicais na Unidad Popular, que levaria pela primeira vez um marxista ao poder: Salvador Allende. Após o golpe, aliás, os golpes latino-americanos, muitos partidos comunistas migraram para a clandestinidade e a luta armada. “As lutas revolucionárias, vitoriosas ou não, logo devem pouco ao Partido Comunista. Ao contrário, as teorias de ‘San Carlos’ – Saint Charles (Karl Marx) como se referia maliciosamente Che Guevara na sua juventude – lhes impregnaram, assim como animaram diversos dissidentes dos diferentes Partidos Comunistas”.⁷⁸⁸

Diante do fim da URSS, do fim das guerrilhas e do minguante poder dos partidos comunistas na América Latina, que lutas restaram? Para Lemoine, muitas, sob novos matizes, novos protestos, novos partidos: lutas sociais, lutas indígenas, lutas agrárias. Símbolo de tantas lutas, antigas, novas e renovadas, estaria o “triplo signo” de Marx (na persona do subcomandante Marcos), dos zapatistas e do admirável mundo novo www, a internet. Admirador latino-americano, Lemoine costura Allende, Fidel e Zapata, Chiapas, Buenos Aires e Paris, num novelo cuja linha principal seria o pensamento marxista: “Nós podemos discordar de tal ou tal método. Mas não da própria causa. E não é ‘San Carlos’ que irá desmenti-los”.⁷⁸⁹

⁷⁸⁷ Traduzido do original: “*C'est en Argentine, avec l'arrivée d'émigrés et de réfugiés politiques, notamment après l'écrasement de la Commune de Paris (1871), que s'est implanté l'idéal socialiste. Le premier Parti communiste d'Amérique latine y voit le jour en 1918. La plupart des autres PC du continent sont fondés entre 1920 et 1930. Mais les grands courants populaires qui vont modeler ces terres farouchement indépendantes d'esprit - Alliance populaire révolutionnaire américaine (APRA) au Pérou, Mouvement nationaliste révolutionnaire (MNR) en Bolivie, péronisme en Argentine - échappent à leur contrôle*” (LEMOINE, maio de 1998, p. 13).

⁷⁸⁸ Traduzido do original: “*Les luttes révolutionnaires, victorieuses ou non, doivent donc peu aux PC. En revanche, les théories de « San Carlos » - saint Charles (Karl Marx) comme l'appelait malicieusement Che Guevara dans sa jeunesse - les imprègnent, de même que les ont animés nombre de dissidents des différents PC*” (LEMOINE, maio de 1998, p. 13).

⁷⁸⁹ Traduzido do original: “*On peut ne pas être d'accord avec telle ou telle des méthodes employées. Mais pas avec la cause elle-même. Et ce n'est pas « San Carlos » qui le démentira*” (LEMOINE, maio de 1998, p. 13).

Editor responsável por questões latino-americanas no *Monde Diplomatique* francês antes de Renaud Lambert, Maurice Lemoine foi citado *passim* nestas páginas. Nascido na França, em 1944, Lemoine atuou na revista *Autrement*, na rádio *France Culture* e liderou *La Chronique d'Amnesty Internacional*, entre 1993 e 1996. É escritor viajante – ou viajante escritor. Diferentemente de seus companheiros midiáticos, não se graduou ou pós-graduou. Vindo de uma família humilde sem formação política, aprendeu o ofício jornalístico na própria prática. Abriu, porém, o faro jornalístico a partir de suas viagens: viveu na África e num kibutz de Israel, viajou a América Latina e, de volta à França, passou a escrever. Assim, considera-se um *periodista de terreno*.

Na década de 1980, Lemoine passou a colaborar com *Le Monde Diplomatique*, “uma mescla de jornalistas de campo e de intelectuais”, na sua definição. A partir de 1996, tornou-se subchefe de redação e, por volta de 2006, chefe de redação – após o narrado episódio Attac-France.⁷⁹⁰

Lemoine claramente se identifica com a linha do *Monde Diplomatique*, como leitor e como jornalista. Uma revista de *esquerda*, expressão do ex-editor:

Na realidade, os jornais e os jornalistas dizem: “Estamos produzindo informação”. Nunca vão dizer: “Somos de direita”. Nunca vão dizê-lo ou aceitá-lo. Bom, assim é visto *Le Monde Diplomatique* como um misto de dinossauros arcaicos de esquerda dos anos não sei quantos de Karl Marx. Na verdade, não é assim. *Le Monde Diplomatique* é um jornal muito razoável. Não está nem no delírio nem no extremismo, mas... Tem uns, como dizer, pilares.⁷⁹¹

Por pilares, Lemoine pretende destacar uma visão política, social e humana do mundo. Se questionado o que é a esquerda contemporânea, o ex-editor responde: “Na França? Bom, nós no *Monde Diplomatique* consideramos que, atualmente, a esquerda está na América Latina. Com seus defeitos e seus erros, mas, sim, a esquerda está por lá”.⁷⁹² Para Lemoine, a França atual passa pelo que passou a América Latina na década de 1990, desesperançosa e encurralada. No retrovisor do jornalista, após o levante zapatista de 1994, viriam à baila líderes não tão “clássicos”: Lula, ex-sindicalista; Chávez, ex-militar; Evo, cocalero; Mujica, ex-guerrilheiro.

⁷⁹⁰ Conforme citado no primeiro capítulo, as acusações de fraude na Attac -France provocaram tensões na redação, que culminaram no pedido de demissão do redator-chefe Alain Gresh e do redator-chefe adjunto Dominique Vidal, de suas funções hierárquicas, para marcar a contrariedade às intervenções de Ignacio Ramonet e Bernard Cassen sobre a disputa pela direção do movimento. Maurice Lemoine assumiu como redator-chefe, Anne-Cécile Robert e Serge Halimi como redatores-chefes adjuntos.

⁷⁹¹ Maurice Lemoine em entrevista à autora, no dia 27 de novembro de 2014.

⁷⁹² Maurice Lemoine em entrevista à autora, no dia 27 de novembro de 2014.

Lemoine lembra que por muito tempo não gostou da ideia de líderes – por defender, como a esquerda francesa, justifica, que era preciso protagonismo do povo. Viria a mudar de ideia, ao considerar imperativa uma voz de liderança, para cristalizar as ideias, levá-las e teorizá-las. À importância dos líderes, acrescenta outro fator: o papel da mídia. Se, como pensa, os jornalistas devem ser os observadores do presente, devem ainda recordar páginas do passado para compreender os rumos políticos. Assim, os holofotes no Leste Europeu e na União Soviética teriam eclipsado a América Latina no panorama midiático, principalmente após o fim das ditaduras militares. “A América Latina desapareceu. E reapareceu com Chávez, Lula, Kirchner e tudo isso”.⁷⁹³

A fim de compreender a complexidade da dimensão latino-americana e seus desdobramentos dentro do *Monde Diplomatique*, vale destacar a posição de Maurice Lemoine a respeito de determinadas questões.

Primeiro, Cuba: o editor considera a transição imprescindível, mas difícil, devido às pressões norte-americanas na ilha, onde tentariam entrar como um cavalo de Troia. Lemoine defende Cuba ativamente, apesar de dizer que o regime não corresponde ao que se espera da esquerda. No nosso encontro na manhã de 27 de novembro de 2014, num café ao pé da Basílica de Sacré Coeur, 18^o *arrondissement*, lembro o argumento da politóloga francesa Janette Habel, referindo-se aos jovens cubanos que não viveram a revolução e que não compreendem a restrição de certas liberdades individuais – e Lemoine interrompeu:

Sorrio, pois Janette Habel é uma amiga, mas há dez anos escreve o mesmo artigo: para onde vai Cuba? *[risos]*. O que ela diz é certo. Certamente os jovens não podem entender, mas... [...] Certamente os jovens cubanos têm dificuldade para entender o que está acontecendo, pois apesar do que ouvem lá dentro, ouvem muito lá de fora. Isso é interessante. Paris, por exemplo. Posso dar duas imagens sobre a cidade. Ou vamos nesse café simpático e tal *[ao lado da Basílica de Sacré-Couer]*, e assim é Paris, uma cidade linda. Ou vamos ao lado onde eu vivo, um bairro de merda, e assim é Paris. Então, para os jovens cubanos, há uma imagem *[sobre o mundo]* de fora: “Oh, é uma maravilha!” Mas quando vão descobrem uma visão diferente [...].⁷⁹⁴

Segundo, Venezuela: o editor valoriza as conquistas chavistas, com os programas sociais e as missões. Lemoine defende o regime, a seu ver alvejado por críticas midiáticas, por ponderar um impasse: se a imprensa internacional destina críticas, muitas injustas, à Venezuela, é preciso escolher um lado da trincheira. Num jogo midiático desequilibrado, o

⁷⁹³ Maurice Lemoine em entrevista à autora, no dia 27 de novembro de 2014.

⁷⁹⁴ Maurice Lemoine em entrevista à autora, no dia 27 de novembro de 2014.

jornalista não confia na possibilidade de defender os méritos do regime e, ao mesmo tempo, criticar o que deve ser criticado, o que daria artilharia aos *inimigos*. Para Lemoine, criticar o que deve ser criticado seria cair na *armadilha*.⁷⁹⁵

Entre tantos intelectuais e jornalistas, Maurice Lemoine foi o único a claramente demarcar a discussão interna do *Monde Diplomatique* a respeito de tais questões. Além das amigáveis linhas paralelas entre diferentes opiniões a respeito de outras questões, é possível identificar uma linha divisória clara a respeito de Cuba e Venezuela:

No *Monde Diplomatique* há duas correntes. Pertencço a uma, a de Ignacio Ramonet e Bernard Cassen. Estamos na briga. Não somos militantes. Somos capazes de fazer críticas, mas estamos na briga [*destaca punhos cerrados*]. Outra corrente pretende ouvir e observar desde cima, mas não se envolver demais. No *Monde Diplomatique* há duas visões. A de Claude Julien estava envolvida com o terceiro-mundismo. A de Ignacio Ramonet, Bernard Cassen e eu, está envolvida na briga contra o capitalismo – ou o neoliberalismo, como dizemos, talvez para não soar marxista e blábláblá. Mas, no fim, é contra o capitalismo. Estamos na briga. Então se atacam a Chávez, vamos defendê-lo. Se atacam a Evo, vamos defendê-lo. Mas também com boas razões: nesse outro lado do mundo saíram milhões da pobreza. Enquanto nesse lado do mundo, cada vez temos mais pobreza. Por que vou me envergonhar de defender governos, onde sei que há erros, mas que conquistaram isso? O mecanismo da mídia é muito interessante. De 2002 a 2012, o Brasil era o “exemplo” – não tinha nenhuma crítica ao Brasil, fora *Le Monde Diplomatique*, que dera apoio crítico ao país. Para *Le Monde* e *Libération* etc., não tinha crítica ao Brasil, pois tinham inventado uma boa esquerda e uma má esquerda. No lado mau estava Chávez; no lado bom, Lula. De repente sumiu Chávez – e vieram as críticas ao Brasil. Portanto, na realidade, não há um maestro da orquestra. Por que disse apoio crítico ao Brasil? Pois certamente a política interna, a reforma agrária e tudo o mais, foi decepcionante para muitos. Entretanto, na dinâmica regional, o Brasil é muito importante. E a política de Lula certamente é diferente da política de Cardoso e de Collor. Não dá para tirar tudo. É como o apoio de João Stédile. Estamos decepcionados, mas não vamos dizer: “Viva a direita!” [*risos*].⁷⁹⁶

Se há duas visões dentro do *Monde Diplomatique*, vale identificá-las. De um lado, poderíamos destacar Maurice Lemoine, Ignacio Ramonet e Bernard Cassen, que estariam “na briga”. De outro, poderíamos indicar certamente Dominique Vidal, talvez Renaud Lambert e Serge Halimi.

Para Nicolas Harvey, a cobertura de Cuba e de Venezuela, esta última como experiência do neobolivarianismo na América Latina, constitui uma *major* clivagem editorial

⁷⁹⁵ Maurice Lemoine em entrevista à autora, no dia 27 de novembro de 2014.

⁷⁹⁶ Maurice Lemoine em entrevista à autora, no dia 27 de novembro de 2014.

no *Monde Diplomatique*.⁷⁹⁷ De um lado, o historiador polarizaria os republicanos de esquerda (Bernard Cassen, Ignacio Ramonet, Maurice Lemoine), mais favoráveis à defesa dos regimes de Cuba e de Venezuela. De outro, os antigos comunistas (Dominique Vidal, Alain Gresh), mais declaradamente críticos ao matiz autoritário de tais regimes, em prol da defesa das liberdades individuais.⁷⁹⁸

“*Le Monde Diplomatique* é um organismo humano, com suas brigas humanas, brigas políticas”, meditou Lemoine. Apesar de vibrantes, as discussões travadas na redação francesa de *Le Monde Diplomatique* não provocaram graves tremores fora do QG parisiense na Avenue Stephen-Pichon. Entretanto, no QG portenho, na Calle Paraguay, os desencontros pesaram mais que os encontros.

*

Buenos Aires, 30 de agosto de 2014. Desembarco no aeroporto internacional de Ezeiza por volta das 23:00. Literalmente aliciada por taxistas, entro num possante azulado, com destino a um hotel simples no moderno bairro Puerto Madero. No caminho, diversos *flashes* flagrantes do país mafioso que tanto martelara Carlos Gabetta: pesos falsos, *puticlubes* e ocupações irregulares.⁷⁹⁹ Aliás, a máfia do táxi não é imaginária: nessa noite tive 600 pesos furtados num golpe do motorista malandro, um (simpático) senhor branco e grisalho, na casa dos 60.

Paris, 28 de novembro de 2014. Espero no metrô Château-Rouge, 18^o *arrondissement*, às 13:00. Por dentro, uma algazarra colossal de passageiros, corrompendo catracas sem timidez – famílias inteiras, idosos e jovens, entre esfarrapados e engomados. Por fora, ofertas de documentos (falsos talvez?) aos passantes. Ali encontro Maurice Lemoine, que define o metrô como fronteira entre a turística basílica de Sacré-Coeur e o esquecido bairro de Château-Rouge, onde predominam imigrantes africanos. Assim, Lemoine diz duas imagens possíveis da cidade-luz – uma da basílica, outra de seu *barrio de mierda*.⁸⁰⁰

Narro tais episódios para ilustrar as imagens refletidas cá e lá: como Carlos Gabetta vê Buenos Aires; como Maurice Lemoine vê Paris. Um, desiludido com os rumos argentinos, admirador da cultura francesa e dos ideias republicanos. Outro, desiludido com a esquerda

⁷⁹⁷ Além da América Latina, destaquei anteriormente, para o historiador Nicolas Harvey, as discussões sobre o Islã, a fratura pós-colonial e o conflito israelo-palestino são pontos sensíveis discutidos dentro da redação do *Monde Diplomatique*.

⁷⁹⁸ HARVEY, 2011, p. 192.

⁷⁹⁹ Carlos Gabetta em entrevista à autora, no dia 1^o de setembro de 2014.

⁸⁰⁰ Maurice Lemoine em entrevista à autora, no dia 27 de novembro de 2014.

européia, aficionado da cultura latino-americana e suas possibilidades revolucionárias. Assim, vale destacar como tais imagens podem colidir e explodir, justapor-se e opor-se – e como é preciso, pois, olhar-se no espelho do outro.

Páginas atrás, destaquei as continuidades editoriais de *Le Monde Diplomatique*, nos seus posicionamentos sobre questões econômicas, políticas e midiáticas – um acorde original, sintonizado no tempo presente, afinado nas inquietações de seus intelectuais contra a *virtuose* de duas notas só: o neoliberalismo e o imperialismo. Se agora se pretende enfatizar rupturas, é preciso ouvir as vozes dissonantes dentro do *Monde Diplomatique* muito além de intrigas mesquinhas de seus intelectuais. Evidenciar os encontros e os desencontros desses jornalistas e intelectuais permite fotografar uma movimentação de ideias interessante, que por sua vez permite compreender impasses do próprio tempo presente.

Se os encontros – isto é, as críticas ao neoliberalismo e ao imperialismo – suscitaram olhares otimistas a uma América Latina *rebelde*, que se reerguia após as ditaduras e transições democráticas, que se erguia contra o “pensamento único” neoliberal e o império americano, ao mesmo tempo essa América Latina *rebelde*, uma vez observada por prismas diferentes, evidencia desencontros entre os intelectuais do *Monde Diplomatique*.

Ali Anne-Cécile Robert observa um “laboratório da liberdade”, em contraposição a uma Europa congelada.⁸⁰¹ Bernard Cassen ouve o eco de um “‘não’ revolucionário”, em resposta a quem lamentava ou festejava a ausência de alternativas.⁸⁰² Renaud Lambert radiografa uma “zona rica de esperança” para uma esquerda europeia, francamente francesa, que esquecera seus ideais.⁸⁰³

Vale um parágrafo, porém: apesar de darem breves lembretes de que é preciso considerar os contextos diferentes dos países latino-americanos, as singularidades de suas situações políticas atuais e suas histórias, muitas vezes certos intelectuais deslizam num discurso *homogeneizador* da América Latina, como se fosse um continente harmônico e harmonizado. Assim, é arriscado depositar esperanças fervorosas na geopolítica latino-americana, com condições de temperatura e de pressão muito diferentes a cada país.

A Argentina é um bom exemplo para compreender a complexidade da excitação energética de muitos intelectuais pela América Latina. Situar Néstor Kirchner no mesmo barco que Hugo Chávez ou Evo Morales é esquecer um leme primordial que marcou a memória do país: Juan Domingo Perón. Assim, é muito delicado situar simplesmente o kirchnerismo no

⁸⁰¹ Anne-Cécile Robert em entrevista à autora no dia 14 de outubro de 2014.

⁸⁰² Bernard Cassen em entrevista à autora, no dia 10 de novembro de 2014.

⁸⁰³ Renaud Lambert em entrevista à autora, no dia 2 de outubro de 2014.

giro a la izquierda latino-americano sem considerar a história argentina. E, dentro do *Monde Diplomatique*, é preciso lembrar dois pontos: entre os argentinos, apesar de elogiar o governo de Néstor Kirchner como “honesto” diante das circunstâncias e de endossar a primeira campanha de Cristina Fernández, Carlos Gabetta escreveu diversas críticas ao kirchnerismo, principalmente nos seus últimos meses à frente d’*El Dipló*; entre os franceses, Renaud Lambert declarou que, paradoxalmente, a edição europeia tende a *deixar de lado* a Argentina, voltando-se à edição argentina para tratar *desse país tão específico*.⁸⁰⁴

Cuba e Venezuela simbolizam outros desencontros entre os intelectuais. As discussões sobre o destino incerto da ilha pós-Fidel Castro, ou sobre o próprio Fidel Castro, mostram diferentes linhas de pensamento. Enquanto Carlos Gabetta, sem esquecer de frisar sua simpatia à Revolução Cubana, considera a mudança de modelo imperativa, criticando o tom autoritário de Havana, Ignacio Ramonet admite fragilidades, mas festeja as conquistas do regime, que precisa mudar, mas que já teria mudado “muito” – se o diabo está no detalhe, a diferença está no tom.

Quanto à Venezuela e ao próprio Hugo Chávez, o tom também foi diferente entre Gabetta e Ramonet – a quem destaque, entre outros autores, pois eram à época diretores das edições argentina e francesa, respectivamente. Em nenhum momento, Gabetta versa críticas a Chávez a partir de um viés de direita, isto é, acusando-o alucinadamente – entretanto, faz críticas muito pontuais, como a aliança com o Irã.⁸⁰⁵ Em nenhum momento, por sua vez, Ramonet versa críticas a Chávez – ponto.

A provocativa crítica de Dominique Vidal de uma “adoração de ídolos” latino-americanos por intelectuais franceses⁸⁰⁶ pode ser discutível, mas está longe de ser um delírio. Não é nulo quando Bernard Cassen diz: “Se tivemos dois líderes no século XX foram Chávez e Fidel”.⁸⁰⁷ Ou quando Ramonet, autor de *Fidel Castro: biografía a dos voces* (2006) e *Hugo Chávez: mi primera vida* (2013), se “despede” dos dois líderes: em março de 2008, na renúncia de Fidel, lembrando-o como um combatente, com trajetória única, liderança e imensa influência, uma mescla de idealismo e de pragmatismo – “não é nem o monstro que descrevem algumas mídias ocidentais, nem o Superman que apresentam às vezes as mídias cubanas”⁸⁰⁸; e em março de 2013, na morte de Chávez, rememorando o itinerário do revolucionário, que estaria ao lado de Che Guevara, Emiliano Zapata e Salvador Allende no

⁸⁰⁴ Renaud Lambert em entrevista à autora, no dia 2 de outubro de 2014.

⁸⁰⁵ GABETTA, dezembro de 2007, p. 3.

⁸⁰⁶ Dominique Vidal em entrevista à autora, no dia 6 de outubro de 2014.

⁸⁰⁷ Bernard Cassen em entrevista à autora, no dia 10 de novembro de 2014.

⁸⁰⁸ Traduzido do original: “No es ni el monstruo que describen algunos medios de comunicación occidentales, ni el Superman que presentan a veces los medios de comunicación cubanos” (RAMONET, março de 2008).

panteón do “imaginário dos humildes da América Latina”.⁸⁰⁹ Ou quando Ramonet, enquanto editor do *Monde Diplomatique*, refuta críticas relacionadas a agressões a direitos humanos nos governos dos dois comandantes: o informe da Anistia Internacional, que indicaria 13 presos políticos em Cuba⁸¹⁰; e organizações de direitos humanos “enroladas” na campanha de difamação midiática da Venezuela.⁸¹¹

Entretanto, a perspectiva de Maurice Lemoine tampouco é diminuta para compreender tais posições de Cassen e Ramonet. Lemoine admite que, principalmente em casos-chave como Cuba e Venezuela, certos jornalistas de *Le Monde Diplomatique* se veem compelidos a escolher um lado. Se é certo dizer que, apesar das sensibilidades e afinidades diferentes, os jornalistas do *Monde Diplomatique* estão à esquerda, também é certo dizer que uns preferem entrar “na briga”, outros não. Para Lemoine, diante de uma batalha midiática díspar, dominada pela mídia *mainstream* mais favorável à direita, uma revista como *Le Monde Diplomatique* não poderia ficar no muro, ao mesmo tempo defendendo os pontos positivos e criticando os pontos negativos de governos como os de Fidel Castro e de Hugo Chávez. Admitir as críticas, mesmo minimamente, significaria cair na *armadilha*.⁸¹²

Maurice Lemoine, entretanto, pondera que jornalistas como Ignacio Ramonet e Bernard Cassen não são considerados *militantes*, de tal sorte que poderiam, sim, lançar críticas a tais governos: se quisessem, mas não querem, pois a *briga* é maior. Avistando a *bigger picture*, valeria abrir mão de determinadas críticas em prol da *luta* contra o capitalismo. Valeria, assim, defender “líderes”, na palavra de Lemoine, como Chávez, Correa, Evo, Fidel, Kirchner, sem os quais esse novo momento latino-americano não existiria. Ao lado da voz popular, Lemoine valoriza assim a importância de vozes de liderança, como destacara, a fim de cristalizar as ideias, levá-las e teorizá-las.⁸¹³ Vozes que, para o ex-editor, encontrariam ressonância no território latino-americano, mas seriam inaudíveis atualmente na esquerda francesa.

Ao lado dos “ídolos”, na expressão de Vidal, Gabetta voltaria suas críticas a outro léxico: “populistas”. E, nessa tônica, não estaria disposto a endossar o kirchnerismo, o “populismo” indígena boliviano e o “populismo” revolucionário venezuelano.⁸¹⁴

Ao longo dessas páginas, saltaram diversas referências do argentino Gabetta à cultura e aos ideais franceses: a ideia de república, a politização e, para abreviar, *liberté, égalité*,

⁸⁰⁹ RAMONET, abril de 2013, p. 22-23.

⁸¹⁰ RAMONET, abril de 2002, p. 18.

⁸¹¹ RAMONET, agosto de 2007, p. 48.

⁸¹² Maurice Lemoine em entrevista à autora, no dia 27 de novembro de 2014.

⁸¹³ Maurice Lemoine em entrevista à autora, no dia 27 de novembro de 2014.

⁸¹⁴ GABETTA, junho de 2006, p. 3.

*fraternité, por fin.*⁸¹⁵ Ao mesmo tempo, ao longo dessas páginas, autores europeus ressaltaram a admiração diante das alternativas experimentadas no território latino-americano, polo oposto de uma realidade europeia engessada para as esquerdas – o espanhol Ramonet, os franceses Cassen, Lambert, Lemoine, Robert e Vidal. Palpita, entre os franceses, um encantamento com o “novo”: o laboratório latino-americano como uma nova utopia, um cadinho de elementos de modelos. Se no século XX retumbaram o hino da Internacional e os versos da Marselhesa nas cidades argentinas letradas e politizadas⁸¹⁶, agora os sons ribombariam de volta ao velho continente?

Por um lado, intelectuais latino-americanos dedicariam, como dedicaram noutros momentos históricos, prestígio à intelectualidade francesa – o que se concretizaria, por exemplo, com *Le Monde Diplomatique*, uma revista francesa “importada” na América Latina. Por outro lado, intelectuais europeus também dedicariam certo fascínio sobre a realidade latino-americana, diante da ascensão de novos governos “progressistas”. Entre o prestígio e o fascínio, estaria nessa esperança um matiz de romantismo⁸¹⁷? Esses espelhos, coloridos e fragmentados, mas não oxidados, revelam, no fundo, uma incógnita ainda maior: entre ideias e ilusões, o que é ser de esquerda no século XXI?

⁸¹⁵ GABETTA, setembro de 2003, p. 2-3.

⁸¹⁶ CATTARUZZA, 2013, p. 376.

⁸¹⁷ LÖWY, SAYRE, 1993; LÖWY, SAYRE, 2008; LÖWY, SAYRE, 2015.

5 ENTRE IDEIAS E ILUSÕES

No fim do século XX, muitas certezas desmoronaram com o desenlace de um mundo antes bipolarizado e a ascensão de uma nova ordem mundial, a ponto de nos deslizarem ao “fim da história”⁸¹⁸ com a derrocada do socialismo “real” e o “triunfo” do capitalismo.

Entre batalhas ideológicas e revoluções, o *breve* século XX marcou o tempo do engajamento político dos intelectuais, cujo momento glorioso se escreveu entre o fim da Segunda Guerra Mundial e o colapso do comunismo.⁸¹⁹ Se, como provocou Tony Judt, para o intelectual do século XX, desencantado com as promessas fracassadas do século XIX, o comunismo oferecia a única e última perspectiva de reencantamento do mundo⁸²⁰, para o intelectual do século XXI, desencantado com as ilusões passadas, que ideias restam?

Nesses *tempos fraturados*, Eric Hobsbawm lamenta o papel dos intelectuais relegado às lembranças do passado. Onde estariam os intelectuais no presente? Para Hobsbawm, ou estão silenciosos ou estão mortos. Num livro póstumo, mas atualíssimo, o historiador marxista cita interações vibrantes entre intelectuais e a mídia, como os levantes da Primavera Árabe e o movimento Occupy, mas critica o quadro contemporâneo de uma sociedade tragada por um incessante entretenimento midiático, em que muitos ativistas agora se esquecem dos filósofos, preferindo como fontes inspiradoras mais astros e roqueiros como Bono Vox.⁸²¹ Uma sociedade despolarizada num período de crescimento econômico e consumo, de irracionalidade política e alta tecnologia. Na crítica do historiador, este seria o dilema do século XXI: como poderia a antiga e independente tradição crítica dos intelectuais dos séculos XIX e XX sobreviver agora, num tempo paradoxalmente marcado pela irracionalidade ideológica e política, mas compassada por avanços incríveis na ciência e na tecnologia?⁸²² Como interpretar o mundo agora? E como transformá-lo?

*

⁸¹⁸ Cf. ANDERSON, 1992.

⁸¹⁹ HOBBSAWM, 2013, p. 229.

⁸²⁰ JUDT, 2007, p. 230.

⁸²¹ HOBBSAWM, 2013, p. 230-231.

⁸²² HOBBSAWM, 2013, p. 234.

O que é escrever? Por que se escreve? Para quem se escreve? ⁸²³ Nas breves linhas de *Que é a literatura?*, de 1948, Jean-Paul Sartre destrincha o dever do escritor “engajado”. Responder a tais interrogações filosóficas poderá revelar como *Le Monde Diplomatique* compreende o papel dos intelectuais. Resposta esta que, entre outras passagens, se destacaria nas palavras de Claude Julien:

No fim das contas, a escolha de quem escreve depende de seu temperamento mais do que de suas análises. E, muitas vezes, precede-os. Isso proporciona uma grande oportunidade de se indignar! Pois, se é assim, a reflexão não teria nenhum outro papel a não ser servir paixões obscuras disfarçadas por argumentos suficientemente elaborados para fornecer-lhes um essencial adorno de respeitabilidade? Mas, para afirmar o contrário, seria preciso avançar numa reivindicação insustentável: tudo, a cultura adquirida, a soma do conhecimento, o poder do discernimento, a habilidade de triar, pesar, medir, avaliar, a sutil combinação de inteligência e de sensibilidade, todos esses ingredientes que nutrem o pensamento e que contribuem para a escrita iriam funcionar com a precisão implacável de uma máquina, o rigor de uma ciência a excluir qualquer risco de erro, mas também, e sobretudo, ignorando toda ética – assim, a razão racional que seria a única garantia de toda a sabedoria, toda a verdade, toda a virtude. As escolhas de quem escreve são tanto mais complexas e mais simples. E muito limitadas as opções para ele. Fugindo das especulações e de todos carreirismos, dedicado exclusivamente à sua arte, ele pode optar por se afastar do barulho e da fúria que muitas vezes perturba a vista, borra a compreensão, paralisando o pensamento. Esse mundo acelerado, intoxicado por sua própria excitação, logo cedo condenou tal renúncia: querer assim se abstrair dos redemoinhos e das tempestades, diz-se, seria trair a solidariedade fraterna dos homens, abandonar à própria sorte trágica suas vítimas das crises que afligem o planeta, talvez empurrando-as mais profundamente nos seus dramas de fome, humilhação e sangue.⁸²⁴

⁸²³ SARTRE, 2004, p. 7.

⁸²⁴ Traduzido do original: “*Au bout du compte, le choix de celui qui écrit dépend de son tempérament plus que de ses analyses. Et souvent les précède. Voilà qui fournira une belle occasion de s’indigner ! Car, s’il en est ainsi, la réflexion n’aurait donc d’autre rôle que de servir d’obscures passions en les habillant d’arguments suffisamment élaborés pour leur fournir une indispensable parure de respectabilité ? Mais, à affirmer le contraire, on avancerait une insoutenable prétention : tout, la culture acquise, la somme des connaissances, la faculté de discernement, l’aptitude à trier, peser, jauger, apprécier, la subtile combinaison de l’intelligence et de la sensibilité, tous ces ingrédients qui nourrissent la pensée et concourent à l’écriture fonctionneraient avec l’implacable précision d’une machine, la rigueur d’une science excluant tout risque d’erreur mais aussi et surtout ignorant toute éthique, bref la raison raisonnante qui serait l’unique garante de toute sagesse, de toute vérité, de toute vertu. Les choix de celui qui écrit sont à la fois plus complexes et plus simples. Et fort limitées les options qui se présentent à lui. Fuyant tout affairisme et tout arrivisme, se consacrant exclusivement à son art, il peut choisir de se retirer loin du bruit et de la fureur qui trop souvent troublent la vue, brouillent l’entendement, paralysent la réflexion. Ce monde trépidant, grisé de sa propre fébrilité, a tôt fait de condamner pareille retraite : vouloir ainsi s’abstraire des remous et des tempêtes, dit-on, serait trahir la fraternelle solidarité des hommes, abandonner à leur sort tragique les victimes des crises qui déchirent la planète, peut-être les enfoncer davantage dans leur drame de faim, d’humiliation et de sang*” (JULIEN, outubro/novembro de 2014, p. 61).

Resposta que ainda se encontraria nas posições de Serge Halimi:

Para que serve um jornal? Para aprender e compreender. Para dar alguma coerência à colisão do mundo, onde outras informações se empilham. Para pensar tranquilamente seus combates, identificar e divulgar quem os leva. Para nunca ficar amarrado a um poder ao nome das referências que aparecem assim que suas ações lhes desmentem. Para recusar a prisão identitária de um “choque de civilizações” esquecendo que o legado do “Ocidente” é o saque do Summer Palace, a destruição ecológica, mas também o sindicalismo, a ecologia, o feminismo – a Guerra da Argélia e os “carregadores de malas”. E que o “Sul”, os países emergentes que desfizeram a ordem colonial, engloba forças religiosas medievais, oligarquias predatórias, e movimentos que os combatem – a gigante taiwanesa Foxconn e trabalhadores de Shenzhen. Para que serve um jornal? Em tempos de recuo e de resignação, para resgatar as trilhas das novas relações sociais, econômicas, ecológicas. Para combater as políticas de austeridade, para estimular ou repreender as sociais-democracias sem fôlego nem seiva. É, por exemplo, nestas colunas que foi popularizada a ideia de uma taxa sobre as transações financeiras, depois de um teto de rendas. Às vezes, um jornal pode, portanto, também lembrar que a imprensa nem sempre esteve ligada com os industriais e os *marchands* contra aqueles que pretendem salvar o planeta e mudar o mundo.⁸²⁵

Entre ideias e ilusões, altas apostas e ambições – pretender salvar o planeta e mudar o mundo –, *Le Monde Diplomatique* abre atualmente uma arena interessante para se discutir o papel dos intelectuais, dos jornalistas e dos militantes na virada do século XX, na aurora do século XXI. Lembrando palavras primordiais de Ignacio Ramonet: “*Le Monde Diplomatique* é mais que um jornal, é uma causa... A causa da justiça, da paz, dos povos que procuram sair de sua dependência”.⁸²⁶

⁸²⁵ Traduzido do original: “*A quoi peut servir un journal? A apprendre et à comprendre. A donner un peu de cohérence au fracas du monde là où d’autres empilent des informations. A penser posément ses combats, à identifier et faire connaître ceux qui les portent. A ne jamais rester solidaire d’un pouvoir au nom des références qu’il affiche sitôt que ses actions les démentent. A refuser le verrouillage identitaire d’un « choc des civilisations » oubliant que l’héritage de l’« Occident », c’est le sac du Palais d’été, la destruction de l’environnement, mais aussi le syndicalisme, l’écologie, le féminisme — la guerre d’Algérie et les « porteurs de valises ». Et que le « Sud », les pays émergents qui défont l’ordre colonial, englobe des forces religieuses moyenâgeuses, des oligarchies prédatrices, et des mouvements qui les combattent — le géant taiwanais Foxconn et les ouvriers de Shenzhen. A quoi peut servir un journal? En des temps de reculs et de résignations, à défricher les sentiers de nouveaux rapports sociaux, économiques, écologiques. A combattre les politiques austéritaires, à aiguillonner ou à tancer des social-démocraties sans souffle et sans sève. C’est, par exemple, dans ces colonnes que fut popularisée l’idée d’une taxe sur les transactions financières, puis celle d’un plafonnement des revenus. Parfois, un journal peut donc aussi rappeler que la presse n’a pas toujours partie liée avec les industriels et les marchands contre ceux qui entendent sauver la planète et changer le monde*” (HALIMI, outubro de 2012, p. 21).

⁸²⁶ Traduzido do original: “*Le Monde Diplomatique n’est pas qu’un journal, c’est une cause... La cause de la justice, de la paix, des peuples qui cherchent à sortir de leur dépendance*” (RAMONET apud SZCZEPANSKI-HUILLERY, 2005, p. 163).

Entre alternativo, revista científica e revista intelectual ⁸²⁷, *Le Monde Diplomatique*, já se frisou noutras páginas, se destaca por um caráter híbrido, como cruzamento de diferentes campos, que fortalecem a autoridade, o prestígio e o relevo da revista mundo afora mas, ao mesmo tempo, fragilizam determinadas discussões, fontes de conflitos pessoais e profissionais. Se na França a justaposição dessas diferentes lógicas deriva uma revista original ⁸²⁸, na Argentina tal originalidade ainda amalgama elementos europeus e fenômenos latino-americanos. Entre Paris e Buenos Aires, portanto, germinam outros labirintos, outras pontes, outros questionamentos.

Este capítulo quer compreender quem são os intelectuais, os jornalistas e os revolucionários possíveis presentes no *Monde Diplomatique* dos dois lados do Atlântico: o que compreendem por seus compromissos e seus papéis na sociedade, o que compreendem por “esquerda” e por “revoluções” e, por fim, após o breve século XX, que ideias restam aos intelectuais no século XXI?

5.1 PAPÉIS DOS INTELECTUAIS

É possível discutir o papel dos intelectuais nas páginas de *Le Monde Diplomatique* e d’*El Dipló*. No encontro entre franceses e argentinos, vale destacar o dossiê divulgado em maio de 2006 – lá batizado *guerre des idées, cá guerra de las ideas*. Na página 28, uma nota interessante nesse diálogo: “*Nota de la redacción Cono Sur: el dossier que sigue fue concebido en Francia para el mundo francófono, pero a nuestros lectores no se les escapará que cambiando los nombres y alguna circunstancia, lo que se expresa es válido para Argentina y en general para América Latina*”.

No primeiro artigo, o cientista político Laurent Bonelli e o historiador Hervé Fayat radiografam o papel dos intelectuais franceses, dos *compañeros* ao mundo dos *empresários*. Tidos como uma “espécie rara”, a julgar pelo *Dictionnaire des intellectuels français* de Jacques Julliard e Michel Winock, que identificava apenas 140 intelectuais vivos em 2002 – ou não tão “rara”, se forem considerados os 12.000 investigadores do Centre National de la Recherche Scientifique (CNRS) ou 50.000 docentes universitários, além de artistas, escritores

⁸²⁷ HARVEY, 2011, p. 300.

⁸²⁸ HARVEY, 2011, p. 10.

e jornalistas –, os intelectuais compõem uma categoria imprecisa cujas definições dependem de suas proezas e sua *fuerza*, pois, segundo os autores:

De suas proezas porque, salvo que se admita o fato de que trabalhar principalmente com o intelecto e despontar com essa qualidade no debate público possa ser um denominador suficiente, é difícil notar que princípio de classificação permitiria reunir a um analista de mídia, um prêmio Nobel de Física, um cineasta, um assessor do governo, um geneticista, um antropólogo e um poeta. E de sua força, já que do caso Dreyfus às greves de novembro/dezembro de 1995, passando pela Guerra da Argélia, esse grupo deve sua existência pública às sucessivas mobilizações que esboçaram suas modalidades e traçaram suas linhas divisórias. Isso significa que sua definição depende diretamente do trabalho daqueles que têm um interesse prático de sua existência, do que o dicionário antes mencionado constitui um exemplo particularmente emblemático.⁸²⁹

Laurent Bonelli e Hervé Fayat assim destacam diferentes papéis atribuídos aos intelectuais franceses ao longo da história, partindo de Émile Zola no *affaire* Dreyfus, ato inaugural para o intelectual como *pleonismo* para a esquerda.⁸³⁰ Mais tarde, grifam, viriam representações contraditórias mas não estanques, como “intelectuais revolucionários”, “intelectuais específicos” e “intelectuais políticos” – que evidenciam que sua legitimidade incide no campo erudito, mas sua definição advém de outras arenas: o político, o poder, o partido. Além disso, avultam outras representações como *compañero de ruta*, popularizado por Jean-Paul Sartre; “intelectual específico”, invocado por Michel Foucault; ou “intelectual coletivo”, proposto por Pierre Bourdieu.⁸³¹

El Dipló destacou trechos de livros de Edward Said, Gilles Deleuze, Jean-Paul Sartre, Michel Foucault, Paul Nizan, Pierre Bourdieu a respeito do papel dos intelectuais. De Foucault, um trecho destacado de *Estrategias de poder* sobre o “intelectual específico” (Paidós, 1999):

⁸²⁹ Traduzido do original: “*De sus hazañas porque, salvo que se admita el hecho de que trabajar principalmente con el intelecto y aparecer con esta cualidad en el debate público pueda ser un denominador suficiente, resulta difícil percibir qué principio de clasificación permitiría reunir a un analista de medios de comunicación, un premio Nobel de Física, un cineasta, un asesor de gobierno, un genetista, un antropólogo y un poeta. Y de su fuerza, ya que del caso Dreyfus a las huelgas de noviembre-diciembre de 1995, pasando por la guerra de Argelia, este grupo debe su existencia pública a las sucesivas movilizaciones que esbozaron sus modalidades y trazaron sus líneas divisorias. Esto significa que su definición depende directamente del trabajo de aquellos que tienen un interés práctico en que exista, del que el diccionario antes mencionado constituye un ejemplo particularmente emblemático*” (BONELLI, FAYAT, maio de 2006, p. 28).

⁸³⁰ BONELLI, FAYAT, maio de 2006, p. 28.

⁸³¹ BONELLI, FAYAT, maio de 2006, p. 28-30.

Durante muito tempo, o intelectual chamado “de esquerda” tomou a palavra e experimentou o reconhecimento de seu direito para falar como dono da verdade e da justiça. Era ouvido – ou ele pretendia se fazer ouvir – como representante do universal. Ser intelectual era ser um pouco a consciência de todos. (...) Há já uns anos que não se pede ao intelectual que cumpra esse papel. (...) Os intelectuais se acostumaram a não trabalhar no universal, no exemplar, no justo e verdadeiro para todos, mas em setores determinados, certos pontos precisos onde lhes situavam suas condições de trabalho, ou melhor suas condições de vida (a casa, o hospital, o asilo, o laboratório, a universidade, os vínculos familiares ou sexuais). Assim ganharam indubitavelmente uma consciência muito mais concreta e imediata das lutas. E nelas encontraram problemas que não eram universais, mas específicos, distintos às vezes dos do proletariado ou das massas. E, entretanto, aproximaram-se deles, acredito que por dois motivos: porque se tratavam de lutas reais, concretas, cotidianas, e porque costumavam se encontrar, ainda que de outra maneira, com o mesmo adversário que o proletariado, o campesinato ou as massas (as multinacionais, o aparato judicial e policial, a especulação imobiliária); a isto denominarei o intelectual específico, por oposição ao intelectual universal.⁸³²

De Bourdieu, por sua vez, um fragmento de *Contrafuegos 2* (2001), sobre a ideia de “intelectual coletivo”:

⁸³² Traduzido do original: “Durante mucho tiempo, el intelectual llamado ‘de izquierda’ tomó la palabra y experimentó el reconocimiento de su derecho a hablar como dueño de la verdad y la justicia. Se lo escuchaba -o él pretendía hacerse escuchar- como representante de lo universal. Ser intelectual era ser un poco la conciencia de todos. (...) Hace ya unos cuantos años que no se le pide al intelectual que cumpla ese papel. (...) Los intelectuales se acostumbraron a no trabajar en lo universal, lo ejemplar, lo justo-y-verdadero-para-todos, sino en sectores determinados, ciertos puntos precisos donde los situaban sus condiciones de trabajo, o bien sus condiciones de vida (la vivienda, el hospital, el asilo, el laboratorio, la universidad, los vínculos familiares o sexuales). Así ganaron sin duda una conciencia mucho más concreta e inmediata de las luchas. Y en ellas encontraron problemas que no eran universales sino específicos, distintos a veces a los del proletariado o las masas. Y sin embargo, se acercaron a ellos, creo que por dos motivos: porque se trataba de luchas reales, concretas, cotidianas, y porque solían encontrarse, aunque de otra manera, con el mismo adversario que el proletariado, el campesinado o las masas (las multinacionales, el aparato judicial y policial, la especulación inmobiliaria); a esto denominaré el intelectual específico, por oposición al intelectual universal”.

Numerosos estudos históricos mostraram o papel que desempenharam os *think tanks* na produção e imposição da ideologia neoliberal que hoje governa o mundo; à produção desses *think tanks* conservadores, grupos de expertos pagos pelos poderosos, devemos opor as produções de redes críticas, que reúnem “intelectuais específicos” (no sentido de Michel Foucault) num verdadeiro intelectual coletivo capaz de definir por si mesmo os objetos e fins de sua reflexão e ação, isto é, autônoma. Esse intelectual coletivo pode e deve cumprir primeiramente funções negativas, críticas, trabalhando na produção e difusão das ferramentas de defesa contra o poder simbólico, perpetrado frequentemente com autoridade científica; com a força que dá a competência e a autoridade do coletivo reunido, pode submeter o discurso dominante a uma crítica lógica que aponta particularmente ao léxico (“globalização”, “flexibilidade”, etc.), mas também à argumentação (...); pode submetê-lo a uma crítica sociológica, prolongação da primeira, evidenciando os determinantes que pesam sobre os produtores do discurso dominante (começando pelos jornalistas, em particular de economia) e suas produções; pode, finalmente, opor uma crítica propriamente científica à autoridade pretensamente científica dos expertos, sobretudo em economia. Mas também pode cumprir uma função positiva, contribuindo a um trabalho coletivo de invenção política. A queda dos regimes de tipo soviético e o debilitamento dos partidos comunistas na maioria dos países (...) libertou o pensamento crítico. Mas a *doxa* neoliberal ocupou todo o espaço então vazio e o pensamento crítico se refugiou no “pequeno mundo” acadêmico, onde se complace de si mesmo, sem estar em condições de inquietar a ninguém sobre nada. De modo que se deve reconstruir todo o pensamento político crítico, o que não pode ser obra de um só maestro do pensamento libertado unicamente aos recursos de seu pensamento singular, ou porta-voz autorizado por um grupo ou uma instituição para transmitir a suposta palavra dos que não a têm. É aí onde o intelectual coletivo pode cumprir seu papel, insubstituível, contribuindo para criar as condições sociais de uma produção coletiva de utopias realistas.⁸³³

⁸³³ Traduzido do original: “Numerosos estudios históricos mostraron el papel que desempeñaron los think tanks en la producción e imposición de la ideología neoliberal que hoy gobierna el mundo; a la producción de estos think tanks conservadores, grupos de expertos pagados por los poderosos, de-bemos oponer las producciones de redes críticas, que reúnen a “intelectuales específicos” (en el sentido de Foucault) en un verdadero intelectual colectivo capaz de definir por sí mismo los objetos y fines de su reflexión y acción, es decir, autónomo. Este intelectual colectivo puede y debe cumplir en primer lugar funciones negativas, críticas, trabajando en la producción y difusión de las herramientas de defensa contra el poder simbólico, pertrechado a menudo con la autoridad de la ciencia; con la fuerza que da la competencia y la autoridad del colectivo reunido, puede someter el discurso dominante a una crítica lógica que apunta particularmente al léxico (“globalización”, “flexibilidad”, etc.), pero también a la argumentación (...); puede someterlo a una crítica sociológica, prolongación de la primera, poniendo en evidencia los determinantes que pesan sobre los productores del discurso dominante (empezando por los periodistas, en particular de economía) y sus producciones; puede finalmente oponer una crítica propiamente científica a la autoridad pretendidamente científica de los expertos, sobre todo en economía. Pero también puede cumplir una función positiva, contribuyendo a un trabajo colectivo de invención política. La caída de los regímenes de tipo soviético y el debilitamiento de los partidos comunistas en la mayoría de los países (...) liberó al pensamiento crítico. Pero la doxa neoliberal ocupó todo el espacio que quedó entonces vacante y el pensamiento crítico se refugió en el “pequeño mundo” académico, donde se autocomplace de sí mismo, sin estar en condiciones de inquietar a nadie acerca de nada. De modo que hay que reconstruir todo el pensamiento político crítico, lo cual no puede ser obra de un solo maestro del pensamiento librado sólo a los recursos de su pensamiento singular, o portavoz autorizado por un grupo o una institución para transmitir la supuesta palabra de los que no la tienen. Es ahí donde el intelectual colectivo puede cumplir

De Deleuze, uma breve declaração de suas conversações com Foucault, no livro *Microfísica do poder* (1979). De Nizan, um parágrafo de *Les chiens de garde* – na versão castelhana, *Los perros guardiones* (1932). De Sartre, uma justificativa do dito “intelectual burguês” ao aceitar assumir a direção do diário maoísta *La cause du peuple* (1972). De Said, por fim, um fragmento memorável de suas conferências de Reith (1993):

A política está em toda parte. Não podemos escapar a ela refugiando-nos no reino da arte pela arte e do pensamento puro, como tampouco no reino da objetividade desinteressada ou da teoria transcendental. Os intelectuais pertencem a seu tempo, pertencem ao rebanho dos homens conduzidos pela política de representação massiva encarnada pela indústria da informação ou das mídias; não podem resistir senão impugnando as imagens e os informes oficiais, assim como as justificativas emanadas do poder e difundidas por mídias cada vez mais poderosas (e não só por mídias, mas por correntes inteiras de pensamento que alimentam e mantêm o consenso sobre a atualidade dentro de uma perspectiva aceitável). Para realizá-lo, o intelectual deve proporcionar o que Wright Mills chama de “desmascaramentos”, ou inclusive versões alternativas, através das quais se esforçará, tanto quanto suas capacidades permitirem, para dizer a verdade. (...) O intelectual, no sentido que compreendo, não é um pacificador, nem um construtor de consenso, mas alguém que compromete e arrisca todo seu ser sobre a base de um sentido crítico constante, alguém que rechaça a qualquer preço as fórmulas fáceis, as ideias preconcebidas, as confirmações complacentes das opiniões e atos dos poderosos e outras mentalidades convencionais. Alguém que não só as rechaça passivamente, mas que se compromete de forma ativa a dizê-lo em público. (...) A decisão primordial que enfrenta o intelectual é a seguinte: ou se alia com a estabilidade dos vencedores e dos dominadores, ou – e este é o caminho mais difícil – considera alarmante essa estabilidade, como uma situação de ameaça de extinção total aos fracos e aos perdedores, e considera a experiência de sua subordinação assim como a lembrança das vozes e das pessoas esquecidas.⁸³⁴

su papel, irremplazable, contribuyendo a crear las condiciones sociales de una producción colectiva de utopías realistas”.

⁸³⁴ Traduzido do original: “*La política está en todas partes. No podemos escapar a ella refugiándonos en el reino del arte por el arte y del pensamiento puro, como tampoco en el de la objetividad desinteresada o la teoría transcendental. Los intelectuales son de su tiempo, pertenecen al rebaño de los hombres conducidos por la política de representación masiva encarnada por la industria de la información o de los medios; no pueden resistírsele sino impugnando las imágenes y los informes oficiales, así como las justificaciones emanadas del poder y difundidas por medios cada vez más poderosos (y no sólo por los medios, sino por corrientes enteras de pensamiento que alimentan y mantienen el consenso sobre la actualidad dentro de una perspectiva aceptable). Para lograrlo, el intelectual debe proporcionar lo que Wright Mills llama “desenmascaramientos”, o incluso versiones alternativas, a través de las cuales se esforzará, tanto como sus capacidades se lo permitan, por decir la verdad. (...) El intelectual, en el sentido que yo lo entiendo, no es un pacificador ni un constructor de consenso, sino alguien que compromete y arriesga todo su ser sobre la base de un sentido crítico constante, alguien que rechaza a cualquier precio las fórmulas fáciles, las ideas preconcebidas, las confirmaciones complacentes de las opiniones y actos de los poderosos y otras mentalidades convencionales. Alguien que no sólo las rechaza pasivamente sino que se compromete en forma activa a decirlo en público. (...) La decisión*

Para Laurent Bonelli e Hervé Fayat, paralelamente a tais representações, porém, estariam verdadeiros empresários que dominam as instâncias de difusão, divulgação e vulgarização nos círculos editoriais, midiáticos e políticos, como uma ponte entre diferentes universos sociais. É ilustrativa, por exemplo, a ponte de Jacques Julliard e Michel Winock, os autores do *Dictionnaire*: Julliard, no cruzamento entre os campos editorial, universitário, sindical, por suas posições altas na revista *Esprit* e no *Le Nouvel Observateur*, na École des Hautes Études en Sciences Sociales (EHESS) e na Confédération Française Démocratique du Travail (CFDT); Winock, por sua vez, por suas atuações no Science-Po, na editora *Le Seuil*, na revista *L'Histoire* e no *Le Figaro Littéraire*.⁸³⁵ Julliard e Winock que, na crítica de Bonelli e Fayat, negam a legitimidade de determinados autores e criticam militâncias partidárias, mas ao mesmo tempo se envolvem em comissões governamentais e em *think tanks* liberais como a Fondation Saint-Simon.⁸³⁶

Na crítica de Bonelli e Fayat, por dependerem do reconhecimento da mídia e do empresariado, dos governantes e dos altos escalões políticos, esses intelectuais ficam amarrados, limitados ao aperfeiçoamento apenas das ideias dominantes e suas derivações, num giro conservador inédito. Entretanto, respiram e ressalvam os autores, intervenções intelectuais como o apoio às paradas de fins de 1995, o compromisso concreto de sociólogos e juristas com os *sans-papiers*, os estudos sobre os efeitos negativos das políticas de mercado ou da concentração da mídia, demonstram que muitos intelectuais continuam recusando o mundo tal como é. E “utilizando as armas do saber para apoiar a resistência e participar na criação de alternativas políticas, indicam que mais além das celebrações interessadas do grupo, outra história dos intelectuais é possível. E pode se escrever”.⁸³⁷

primordial que enfrenta el intelectual es la siguiente: o bien se alía con la estabilidad de los vencedores y los dominadores, o bien –y éste es el camino más difícil– considera alarmante esa estabilidad, como una situación que amenaza de extinción total a los débiles y los perdedores, y toma en cuenta la experiencia de su subordinación así como el recuerdo de las voces y personas olvidadas”.

⁸³⁵ BONELLI, FAYAT, maio de 2006, p. 28-30.

⁸³⁶ A Fundação Saint-Simon foi uma das instituições mais representativas da aliança entre intelectuais e industriais – aliança controversa que visava reformas na sociedade através de análises do mundo contemporâneo. Liderada pelo historiador François Furet, ao lado do empresário Roger Faroux, a Fundação Saint-Simon se revelou um projeto político ambicioso, propondo um enlace mais efetivo entre o liberalismo e a esquerda francesa. Os integrantes da fundação eram majoritariamente liberais, alguns anticomunistas e vinculados a institutos americanos, destacando-se Pierre Rosanvallon, Alain Minc, Emmanuel Le Roy Ladurie, Pierre Nora e Simon Nora (CORREA, 2008).

⁸³⁷ Traduzido do original: “Utilizando las armas del saber para apoyar la resistencia y participar en la creación de alternativas políticas, indican que más allá de las celebraciones interesadas del grupo, otra historia de los intelectuales es posible. Y que puede escribirse” (BONELLI, FAYAT, maio de 2006, p. 30).

Além do retrato da intelectualidade francesa traçado por Bonelli e Fayat, o dossiê inclui dois outros textos interessantes – Antoine Schwartz e María Pía López discutem, na França e na Argentina, o campo cultural dos livros.

O cientista político francês Antoine Schwartz lembra a França das décadas de 1960 e 1970, época de diversas edições entusiastas das ciências humanas, com expoentes editoriais como Claude Lévi-Strauss, Fernand Braudel, Jean-Paul Sartre e Pierre Bourdieu, num momento de efervescência científica e política em que ilustres intelectuais impuseram sua marca no debate público e contribuíram para o prestígio da cultura francesa. Lembra, mas lamenta as transformações posteriores no mercado editorial francês, que se tornou um mercado estreito com modesto crescimento. De um lado, a própria produção intelectual justificaria tais mudanças, com a tendência academicista, especializada e técnica, que dificilmente desperta interesse a um público maior. De outro, a nova relação com os livros, diante de um filão de leitores ávidos por informações acessíveis e abreviadas. Nesse contexto, Schwartz critica a indústria editorial atual, encurralada numa sucessão de obras “descartáveis”, de livros ruins e pseudolivros de “ensaístas medíocres e mediáticos” nas estantes das livrarias e dos hipermercados.⁸³⁸

Pessimismo paralelo marca a crítica de María Pía López, diretora do Museo del Libro, Buenos Aires. López lembra também momentos produtivos e intensos do campo cultural argentino, em que intelectuais se faziam ouvir, em que livros se faziam ler. Momentos distantes de uma atualidade em que muitos *fossos* foram escavados entre escritores, livros e leitores. Assim como o politólogo francês, a autora argentina atribui à universidade, “tradicional usina” de conhecimento, uma certa responsabilidade nesse abismo: cada vez mais academicista, a universidade teria se isolado a partir das predominantes regulamentações burocráticas e valorações produtivistas, que a distanciaram das discussões culturais e intelectuais. Ao lado das universidades enclausuradas, López indica um mundo cultural atravessado por lógicas *facciosas*, isto é, fragmentárias: pequenas panelinhas e confrarias, que revelam como as omissões e as presenças nas citações são ditadas por afinidades, amistosas ou institucionais.⁸³⁹

Última peça do dossiê, um artigo de Serge Halimi aborda a animosidade norte-americana contra os “intelectuais”. Diagnostica o editor que, desde fins do século XVIII, nos Estados Unidos a “elite” é considerada condescendente, artificial, afeminada, manipuladora e mais intelectual, pouco prática. Esperta, a direita sobretudo soube se aproveitar desse

⁸³⁸ SCHWARTZ, maio de 2006, p. 32-33.

⁸³⁹ LÓPEZ, maio de 2006, p. 33.

arquétipo cultural, acastelando o interesses dos ricos e dos poderosos ao dirigir sua ira contra essa elite “instruída e amoral”.⁸⁴⁰ Nos tempos mais presentes, tal antiintelectualismo se versou através de políticos republicanos como Joseph McCarthy, Richard Nixon, Ronald Reagan e George W. Bush, cada qual a seu estilo se expondo como um porta-voz da maioria “silenciosa”, insultada pelas decisões dos intelectuais, num discurso simplista ao opor o erudito/cosmopolita contra o simples/tradicional. Mas que intelectuais americanos resistiriam atualmente? Para Halimi, poucos, pois, “de seu lado, a imprensa e as mídias veiculam os modelos mais acabados da ideologia mercantil e do individualismo, enquanto a universidade entrou nos moldes da *business school*”.⁸⁴¹ Na crítica do editor, muitos dos melhores professores agora agem como se fossem administradores de empresa, ocupando-se primordialmente de seu próprio bolso, com melhores salários, mais bônus e menos horas de cátedra – às vezes blefando, tal qual um jogo de truco, abandonar a universidade e/ou a editora para procurar melhores condições noutros cantos.

Em maio de 2006, o editorial francês de Ignacio Ramonet questionava: “Ainda há intelectuais que são referência? Como a explosão midiática tumultuou seu magistério? Por que o ódio tipicamente fascista (cf. Goebbels) do ‘intelectual’ ou a aversão que lhe dedica a direita americana se justapõe a uma espécie de autodestruição pelo excesso de exibição (cf. Bernard-Henri Lévy)? Sem esquecer uma interrogação central sobre a maneira que agora, no mercado editorial e na universidade, que os interesses privados alistam pensadores prestigiados”.⁸⁴²

Tempos antes desse dossiê, em abril de 2001, o sociólogo francês Alain Accardo e o cientista político Philippe Corcuff revisitam a ideia de Julien Benda para abordar uma nova traição dos intelectuais franceses: uma mudança cultural que corrói as instituições universitárias por dentro, como efeito das políticas liberais impulsionadas desde a década de 1980 e de uma lógica de servidão voluntária entre os docentes-investigadores. Tal como Halimi, Accardo e Corcuff criticam o atual quadro das universidades, administradas como empresas, cujo produto é o diploma. Nessa lógica privatizada, as universidades abririam

⁸⁴⁰ HALIMI, maio de 2006, p. 34.

⁸⁴¹ Traduzido do original: “*De su lado, la prensa y los medios vehiculan los modelos más acabados de la ideología mercantil y del individualismo, mientras que la universidad entró en el molde de la business school*” (HALIMI, maio de 2006, p. 34).

⁸⁴² Traduzido do original: “*Y a-t-il encore des intellectuels qui font référence ? Comment l’explosion médiatique a-t-elle bouleversé leur magistère ? Pourquoi, à la haine typiquement fasciste (cf. Goebbels) de l’« intellectuel » ou à l’aversion que lui voue la droite américaine, se juxtapose une sorte d’autodestruction par excès d’exhibition (cf. Bernard-Henri Lévy) ? Sans oublier une interrogation centrale sur la manière dont désormais, dans l’édition et à l’université, les intérêts privés enrôlent des penseurs prestigieux*” (RAMONET, maio de 2006, p. 1)

portas para “clientes” desejosos de uma formação rápida, mirando o “perfil” pedido pelo mercado de trabalho.⁸⁴³ Esse novo modelo mina por dentro a condição dos intelectuais nas arenas acadêmicas, e:

A amargura de muitos universitários se vê agravada pelo contexto político e os sucessivos desencantos a respeito dos diversos componentes da esquerda. Depois de acariciar muitos sonhos intelectuais, pedagógicos e/ou políticos, nosso *homo academicus* viu como se reduziram progressivamente seus horizontes e terminou por escutar, às vezes de má vontade, às vezes complacente, os cantos da sirene do “realismo”, que o convidam a se acomodar às transformações decretadas como inelutáveis do mundo tal como é.⁸⁴⁴

Em outubro de 2002, o jornalista Maurice T. Maschino ocupou três páginas da edição francesa de *Le Monde Diplomatique* para destilar sua crítica aos intelectuais *novos reacionários*. Autor de *Oubliez les philosophes* (2001) e *L'école de la lâcheté* (2007), entre outros, Maschino questiona:

Uma vez na linha de frente para defender corajosamente, contra os poderes e a opinião pública, causas desesperadas (caso Calas, caso Dreyfus, independência da Argélia, paz no Vietnã etc.), muitos intelectuais franceses – de Alain Finkielkraut a Jacques Julliard, de Philippe Sollers a André Glucksmann, de Luc Ferry a Pascal Bruckner e tantos outros – agora parecem se alinhar com as teses dominantes mais temerosas e mais conservadoras. Arautos da globalização liberal, *généflecteurs* dos Estados Unidos, adeptos incondicionais do general Sharon, obsequiosos compartes dos grandes patrões, bajuladores de todos os poderes e principalmente das principais mídias, esses “intelectuais” não usurpam sua função e não traem Voltaire, Hugo, Zola, Gide, Sartre, Foucault e Bourdieu?⁸⁴⁵

⁸⁴³ ACCARDO, CORCUFF, abril de 2001, p. 29-30.

⁸⁴⁴ Traduzido do original: “*La amargura de muchos universitarios se ve agravada por el contexto político y los sucesivos desencantos con respecto a los diversos componentes de la izquierda. Después de haber acariciado muchos sueños intelectuales, pedagógicos y/o políticos, nuestro homo academicus ha visto cómo se reducían progresivamente sus horizontes y ha terminado por escuchar, a veces de mala gana, a veces complacido, los cantos de sirena del ‘realismo’, que le invitan a acomodarse a las transformaciones decretadas como ineluctables del mundo tal y como es*” (ACCARDO, CORCUFF, abril de 2001, p. 29-30).

⁸⁴⁵ Traduzido do original: “*Naguère en première ligne pour défendre avec courage, contre les pouvoirs et l’opinion publique, des causes désespérées (affaire Calas, affaire Dreyfus, indépendance de l’Algérie, paix au Vietnam, etc.) beaucoup d’intellectuels français – d’Alain Finkielkraut à Jacques Julliard, de Philippe Sollers à André Glucksmann, de Luc Ferry à Pascal Bruckner et tant d’autres – semblent désormais s’aligner sur les thèses dominantes les plus frileuses et les plus conservatrices. Hérauts de la mondialisation libérale, généflecteurs transis des Etats-Unis, soutiens inconditionnels du général Sharon, obséquieux complimenteurs des grands patrons, adulateurs de tous les pouvoirs et principalement de celui des grands médias, ces « intellectuels » n’usurpent-ils pas leur fonction et ne trahissent-ils pas Voltaire, Hugo, Zola, Gide, Sartre, Foucault et Bourdieu?*” (MASCHINO, outubro de 2002, p. 28-29).

Os tempos mudaram. Para Maschino, se o Maio de 1968 ainda teve ares revolucionários, a descoberta do *gulag* e do “socialismo real”, assim como a independência dos países da África e da Ásia, provocou um traumatismo entre intelectuais franceses. “A perda de suas ilusões, ou de suas esperanças, os levaram muito, nas décadas de 1970 e 1980, a se refugiar num silêncio constrangido e a renegar os engajamentos de suas juventudes”.⁸⁴⁶

Entre os exemplos, Maschino acusa Bernard-Henry Lévy, Jean-Paul Dollé e Pierre Nora (este último um intelectual, diz, de um desprezo quase aristocrático ao não hesitar, eventual e esquizofrenicamente, a “dissociar o que pensa e o que escreve”).⁸⁴⁷ O autor critica ferozmente os intelectuais midiáticos, que não se dedicam mais a escrever livros substanciais para compartilhar o *conhecimento*, mas que buscam o *reconhecimento* como intelectuais, o mais visíveis possíveis, o mais presentes nas telas e nas páginas.⁸⁴⁸

Por quê? Para Maschino, pois os intelectuais se aburguesaram. Engolidos pela economia de mercado, os mestres teriam se rendido às conferências pagas de 10.000 euros, os filósofos teriam se integrado ao *brain-trust* das empresas e aos comitês diretivos – entre eles, Alain Minc, André Glucksmann, André Comte-Sponville, Luc Ferry, Pascal Bruckner, Philippe Sollers. Maschino não hesita ao escolher palavras fortes para criticá-los: “politicamente submissos”, “ideologicamente servis”, “aduladores dos grandes” e “bajuladores cortesãos”.⁸⁴⁹ Apesar da fúria, o autor dedica suas últimas linhas a um rastro de esperança, ainda que bruta:

⁸⁴⁶ Traduzido do original: “*La perte de leurs illusions, ou de leurs espérances, en a conduit beaucoup, dans les années 1970 et 1980, à se réfugier dans un silence gêné et à renier les engagements de leur jeunesse*” (MASCHINO, outubro de 2002).

⁸⁴⁷ MASCHINO, outubro de 2002.

⁸⁴⁸ MASCHINO, outubro de 2002.

⁸⁴⁹ MASCHINO, outubro de 2002.

Ao contrário desses descontentes, que, tomando seus desejos como realidade, expressam regularmente o “fim dos intelectuais”, os intelectuais – os verdadeiros – são mais do que nunca necessários: diante de uma sociedade onde a escola está se deteriorando, onde a TV derrama altas doses de seus disparates sobre milhões de cidadãos, onde os jornais se degradam e, muito frequentemente, cultivam o *fait divers* mais do que o fato verdadeiro, só os intelectuais podem estimular a reflexão. Para se distanciar do acontecimento bruto. Para ver, ler e compreender de outra forma. Para tirar alguma distância em relação ao evento cru. “O papel do intelectual é agora o mesmo que antes”, diz Michel Onfray, “no princípio de Diógenes (ou de Bourdieu), ser a má consciência do seu tempo, da sua época. O inseto, o mosquito, o rebelde com o qual não se reproduz o sistema social. O intelectual pode pensar e dar ideias para a política, pouco dotadas para o pensamento e a reflexão. Deve denunciar as injustiças, os erros do sistema, as mecânicas alienantes...” Sem concessão.⁸⁵⁰

*

Le Monde Diplomatique pretende ensaiar, historicizar, manifestar, posicionar, provocar, refletir sobre a atualidade – assim o magazine compreende o papel dos intelectuais. Muitos intelectuais se tornaram *habitués* nessas páginas “diplomáticas”, revisitados, elogiados e criticados, quer como autores, quer como fontes e referências. Entre 1999 e 2011, nas páginas platinas foram revisitados itinerários de intelectuais como Daniel Barenboim por Edward Said (n.º 28), Guy Debord por Guy Scarpetta (n.º 86), Günter Grass e Juan Goytisolo (n.º 5), Noam Chomsky (n.º 28 e n.º 98), Pierre Bourdieu (n.º 32)⁸⁵¹, Stéphane Hessel por Ignacio Ramonet (n.º 140).⁸⁵² Para *El Dipló*, Osvaldo Gallone escreveu sobre o escritor

⁸⁵⁰ Traduzido do original: “*Contrairement à ces esprits chagrins, qui, prenant leurs désirs pour la réalité, annoncent régulièrement la « fin des intellectuels », les intellectuels - les vrais - sont plus que jamais nécessaires : dans une société où l'école se délabre, où la télévision déverse à hautes doses ses inepties sur des millions de citoyens, où les journaux s'avalissent et, trop souvent, cultivent le fait divers plutôt que le fait vrai, seuls des intellectuels peuvent inciter à réfléchir. A prendre quelque distance à l'égard de l'événement brut. A voir, lire et entendre autrement. 'Le rôle d'un intellectuel est aujourd'hui le même qu'autrefois, rappelle Michel Onfray: sur le principe de Diogène (ou de Bourdieu), être la mauvaise conscience de son temps, de son époque. Le taon, la mouche du coche, le rebelle avec lequel on ne reproduit pas le système social. L'intellectuel peut penser et fournir des idées aux politiques, peu doués pour la pensée et la réflexion. Il doit dénoncer les injustices, les tares du système, les mécaniques aliénantes... ' Sans concession” (MASCHINO, outubro de 2002).*

⁸⁵¹ Pierre Bourdieu morreu no dia 23 de janeiro de 2002, em Paris. A tempo, *Le Monde Diplomatique* publicou e *El Dipló* traduziu o último discurso do sociólogo, realizado num encontro com militantes e intelectuais gregos em Atenas, entre 3 e 6 de maio de 2001. Na ocasião, Bourdieu argumentou o imperativo do diálogo entre intelectuais e os movimentos sociais na Europa. Recusou a oposição funesta, segundo seu julgamento, entre *scholarship* e *commitment* – isto é, entre intelectuais inteiramente dedicados à ciência e intelectuais comprometidos. Recusou assim o acastelamento intelectual nas suas torres de marfim. Recusou, enfim, o distanciamento entre intelectuais e a realidade, investigadores e os movimentos sociais. Intelectuais estes que deveriam inventar um novo papel: ouvir, investigar, inventar, contribuir para engendrar um projeto político novo e coletivo.

⁸⁵² Foram retratados intelectuais de diferentes expertises e nacionalidades, tais como André Malraux (n.º 3), Armand Gatti (n.º 19), César Vallejo (n.º 108), Julio Cortázar (n.º 56), Giangiacomo Feltrinelli (n.º 25), Gonzalo

“extraordinário” e “rebelde” Albert Camus (n.º 128), a literatura “triumfante” de Franz Kafka (n.º 113 e n.º 129), o “dandy” Lucio Mansilla (n.º 119), o “doutor” Marcos Aguinis (n.º 122), um ilustre “desconhecido” Marco Denevi (n.º 115), outro “desconhecido” escritor espanhol Juan Marsé (n.º 127) e o cronista Roberto Arlt (n.º 123). Entre os argentinos, destacam-se ainda Héctor Agosti por Néstor Kohan (n.º 61) e Oscar Terán (n.º 115).⁸⁵³

Além das linhas dedicadas a diversos intelectuais, como autores ou como referências, vale destrinchar o que os próprios intelectuais e jornalistas nas edições francesa e argentina de *Le Monde Diplomatique* compreendem como seus papéis de intelectuais e jornalistas.

Na Argentina, o ex-diretor Carlos Gabetta, na casa dos 70 anos, responde à questão provocada a partir do livro *Todos somos subversivos*, escrito na sua juventude entre a ditadura argentina e o exílio europeu, como destaquei noutro momento:

Todo intelectual crítico é subversivo, pois ataca ou questiona a ordem estabelecida. Se está mal, é preciso criticar o que está mal. Se está bem é preciso ver o que se pode melhorar mais. Sempre cito uma frase de Marx, quando escreveu *La cuestión judia [de 1844]*, um livro muito crítico sobre a questão sendo o próprio autor judeu e neto de rabino. Saiu o livro e a comunidade judaica não sabia o que fazer. Disseram que ele se deixou levar por seu “temperamento passional”. E Marx respondeu: a crítica não é uma paixão da mente, mas a mente da paixão. Para mim, essa consideração deveria valer para todos os intelectuais. É preciso apaixonar-se por uma causa, por uma ideia, mas ao mesmo tempo é preciso estar pronto para ver o que está mal. O que está incorreto. A ideia é melhorar [*o mundo*].⁸⁵⁴

Considera o ex-editor que o espírito crítico marcava *Le Monde Diplomatique* – um espírito crítico que corresponde ao próprio papel do jornalista e do intelectual. “A crítica não é uma paixão da mente, mas uma mente da paixão. Penso que essa é a chave para um

Torrente Ballester (n.º 135), Isadora Aguirre (n.º 118), Isidoro Gilbert (n.º 124), Italo Svevo (n.º 111), John Maxwell Coetzee (n.º 61), Richard Wright (n.º 50) e Vasili Grossman (n.º 113). Além de políticos, literatos e acadêmicos, destacam-se cineastas como o franco-suíço Jean-Luc Godard (n.º 98), o espanhol Pedro Almodóvar (n.º 10 e 11), o britânico Peter Watkins (n.º 9) e o americano Woody Allen (n.º 12). Entre os alvos de críticas, o escritor franco-argelino Bernard Henri-Lévy (n.º 10), o argentino Marcos Aguinis (n.º 121) e o peruano Mario Vargas Llosa (n.º 137).

⁸⁵³ Oscar Terán morreu no dia 21 de março de 2008, em Buenos Aires. Escrevera anos antes n’*El Dipló* uma breve retrospectiva sobre a relação entre intelectuais e a política na Argentina. Lembrou o marco inaugural da intelectualidade argentina com Bartolomé Mitre, Domingo Sarmiento, Juan B. Alberdi, as discussões da *argentinidad* com Ernesto Quesada, Leopoldo Lugones, Ricardo Rojas. Perpassou a relação entre intelectuais e o peronismo, entre opositores e simpatizantes do coronel Juan Domingo Perón, o entusiasmo eletrizante entre intelectuais e a revolução. Após sua morte, o escritor Mario Goloboff resenhou *Historia de las ideas en la Argentina: diez lecciones iniciales*, último livro de Oscar Terán, impresso postumamente.

⁸⁵⁴ Carlos Gabetta em entrevista à autora, no dia 1º de setembro de 2014.

intelectual. Defender apaixonadamente uma causa, mas com perspectiva crítica. Não há nada perfeito nesse mundo”.⁸⁵⁵

Mais jovem, o editor Pablo Stancanelli, de 40 anos atuais, traça trilha semelhante: “Mais além do jornalismo militante, o papel do intelectual é sempre ser crítico a respeito de tudo”, define.⁸⁵⁶ “Um intelectual sempre deve ir além – de um projeto político e de um partido. Deve se adiantar e participar da vida pública a fim de melhorá-la. E para melhorar as discussões, trazendo uma visão mais profunda sobre a vida cotidiana”.⁸⁵⁷

O veterano editor Carlos Alfieri, de 73 anos, não discorda: “Penso que o único papel, útil, é ser crítico. Não vejo outro papel. É preciso tomar posições a partir de uma perspectiva inteligente e crítica”.⁸⁵⁸ Entretanto, acrescenta um comentário importante, que vincula o papel dos intelectuais e dos jornalistas: “Muitas vezes, os escritores, historiadores e professores universitários têm conhecimento profundo dos assuntos abordados, mas não têm as ferramentas jornalísticas para expressar esse conhecimento”, diagnostica. “Na redação, nosso trabalho é dar essa metodologia jornalística. Para serem lidos como textos jornalísticos e não como artigos acadêmicos. Todos os textos são editados e revisados. Isso também provoca uma certa tensão, pois a relação entre jornalistas e intelectuais é complexa”, acrescenta.⁸⁵⁹ Alfieri assim posiciona *Le Monde Diplomatique* como “veículo” para os intelectuais.

Na França, o ex-editor Dominique Vidal, 65, também destaca a importância da transmissão das ideias:

⁸⁵⁵ Carlos Gabetta em entrevista à autora, no dia 11 de setembro de 2012.

⁸⁵⁶ Pablo Stancanelli em entrevista à autora, no dia 12 de setembro de 2012.

⁸⁵⁷ Pablo Stancanelli em entrevista à autora, no dia 12 de setembro de 2012.

⁸⁵⁸ Carlos Alfieri em entrevista à autora, no dia 12 de setembro de 2012.

⁸⁵⁹ Carlos Alfieri em entrevista à autora, no dia 12 de setembro de 2012.

É muito complicado ser um intelectual atualmente. Antes de falar sobre a busca de alternativas, o papel é a transmissão do saber e da experiência dos movimentos trabalhistas, independentistas, altermundialistas. Na minha visão, o primeiro papel dos intelectuais é a transmissão. Estamos vivendo uma crise da transmissão – para parte do ensino secundário e superior. E uma crise de partidos políticos, que também não fazem essa transmissão. Posso dizer, por exemplo, que nas décadas de 1960 e 1970 eu estava no Partido Comunista Francês – e tinha escolas em cada “célula”, depois escolas em cada área geográfica, depois escolas em cada seção e, enfim, tinha uma escola central no nível nacional. Isso não existe mais. Há realmente uma crise de transmissão pelos partidos e uma crise de transmissão pela mídia. Além da transmissão, o segundo papel dos intelectuais é evidentemente a busca de pistas novas – científica, cultural, econômica, literária, política, social – e é tão difícil que é preciso que os intelectuais se organizem por si mesmos, formando grupos e associações para garantir seu trabalho, que, como disse, não é garantido na área da educação, da mídia ou dos partidos.⁸⁶⁰

A editora Anne-Cécile Robert, 48, concorda com a complexidade para atuar como intelectual atualmente, mas parte de outro argumento: “É complicada pois atualmente há muitos *falsos* intelectuais, como Bernard Henri-Lévy, por exemplo”.⁸⁶¹ A editora define um intelectual como alguém capaz de pensar, um trabalhador ou um *instituteur*, um investigador ou um escritor. Assim, também é complexa a relação entre intelectuais e a mídia:

É mais o papel do intelecto na sociedade que é interessante. Isto é, nossa sociedade é sempre capaz de refletir? Atualmente temos a impressão de que embarcamos numa máquina, cada vez mais rápida. É preciso reabilitar o tempo longo, a reflexão, a duração. Infelizmente os intelectuais, no sentido clássico do termo, não desempenham esse papel atualmente. Especialmente os intelectuais midiáticos têm a tendência a ficar no atual, na rapidez, na escrita rápida, seguindo as modas. Não como os intelectuais, no sentido clássico, como Émile Zola ou Pierre Bourdieu mais recentemente, que são capazes de pôr seu pensamento a serviço do interesse geral. No *Monde Diplomatique* desejamos continuar a portar isso, as exigências do pensamento num mundo muito preso ao cotidiano e a urgência. No *Monde Diplomatique*, nós reivindicamos um certo longo prazo, nós recusamos seguir o fluxo dos acontecimentos.⁸⁶²

A editora posiciona *Le Monde Diplomatique* como uma ponte entre um jornal e uma *review*, um jornalismo *exigente*, na sua expressão, distante do *événementiel*, com mais tempo

⁸⁶⁰ Dominique Vidal em entrevista à autora, no dia 6 de outubro de 2014.

⁸⁶¹ Anne-Cécile Robert em entrevista à autora, no dia 14 de outubro de 2014, grifo meu.

⁸⁶² Anne-Cécile Robert em entrevista à autora, no dia 14 de outubro de 2014.

e mais reflexão. “Uma de nossas preocupações é trazer para o público leitor (leigo) as ideias do mundo acadêmico. E trazer para os intelectuais um pouco do mundo real”.⁸⁶³

Nas relações entre intelectuais e jornalistas, um dos relatos mais abertos é o do ex-editor Maurice Lemoine, 71, a única fonte que definitivamente não se declara ou não se identifica como um intelectual – e não conjuga, explícita ou implicitamente, como muitos outros companheiros, a fórmula “nós, os intelectuais”. Assim, Lemoine se define como um jornalista, apesar de outros lhe atribuírem a insígnia intelectual. À questão sobre o papel dos intelectuais, uma resposta coloquial, mas franca:

Não sei, isso você precisa perguntar a Ignacio [*Ramonet*]... [*risos*]. Digo muito sinceramente, não me considero um intelectual. Ademais, o interessante de minha história é que, por vir de uma família muito humilde, eu tinha uma ideia dos intelectuais – descobri esse mundo dos intelectuais, e isso diminuiu um pouco a admiração que eu tinha por esse mundo. Não vou dizer nomes, mas vou contar: me convidaram na Venezuela para um tal grande encontro de intelectuais – desta vez não poderei ir, mas enfim. Quando somos convidados para atos assim, descobrimos que há um monte de intelectuais assim: que passam de hotéis de luxo a hotéis de luxo, discutindo o progressismo na América Latina, e que nunca vão à gente, ao campo, aos bairros. Respeito, mas me incomoda um pouco. Ao ouvi-los, talvez concordamos com uns 75% do que esses intelectuais dizem, mas há 25% totalmente fora da realidade. Além disso, há intelectuais de esquerda, de direita, de tudo. Para mim, acredito que acontece com os intelectuais o mesmo que com os jornalistas: cada um busca um lugar que corresponda a seus sentimentos. Mas, enfim, não sou o melhor para analisar isso...⁸⁶⁴

Lemoine se identifica com o papel dos jornalistas que, entretanto, também lhe desperta questionamentos, principalmente em tempos marcados por manipulações midiáticas, *neoliberais* e *atlantistas*, nas suas expressões. Questionamentos que lhe impõem um dilema, um “sentimento de ser um jornalista em guerra com o jornalismo”.⁸⁶⁵

O editor Renaud Lambert, 41, por outro lado, se identifica com o papel dos intelectuais, relacionando-o intimamente à esquerda:

⁸⁶³ Anne-Cécile Robert em entrevista à autora, no dia 4 de fevereiro de 2013.

⁸⁶⁴ Maurice Lemoine em entrevista à autora, no dia 27 de novembro de 2014.

⁸⁶⁵ Maurice Lemoine em entrevista à autora, no dia 27 de novembro de 2014.

Por função, penso que os intelectuais devem vivificar as ideias, dar força política para que elas se organizem. Não penso que os intelectuais mudam o mundo. Não penso que as ideias mudam o mundo. Mas penso que as ideias dos intelectuais podem participar para mudar o mundo quando as forças sociais se aproveitam delas. Minha ambição, enquanto intelectual... Aliás, nossa ambição no *Monde Diplomatique*, enquanto intelectuais, é disponibilizar, de maneira organizada, as análises e as ideias, relacionadas às soluções, para as forças de esquerda. Susan Watkins, diretora da *New Left Review*, assim descreve o papel da revista – e me parece uma boa definição: dar à esquerda as ideias que a esquerda precisa, se ela existir. Atualmente as forças de esquerdas existem, mas é uma esquerda difusa, não organizada. Não se constituem como força social. Mas espero que elas virão. E quando vierem, espero que elas usem essas ideias à sua disposição. De um lado, esse é o papel dos intelectuais. De outro lado, é atacar o poder, de todas as suas maneiras. Atualmente, o poder é principalmente econômico, que controla o poder político, a justiça e a mídia. E poucas pessoas podem lutar contra esse poder, sem serem ameaçadas. É difícil para um sindicalista, para um assalariado. Um intelectual tem uma posição específica – e pode lutar contra esse poder. Mas, infelizmente, uma grande parte dos intelectuais serve a esse poder.⁸⁶⁶

O diretor Serge Halimi, 60, também traça um paralelo entre intelectuais e jornalistas. Halimi aceitou o pedido de entrevista para este estudo, mas marcada para a manhã de 28 de novembro de 2014, na sua sala no *Monde Diplomatique*, com certas condições: uma conversa de 40 minutos no máximo, com cerca de sete questões. A certo ponto, questionei-o sobre o papel de um jornal. O editor resgatou uma expressão enfatizada páginas atrás: “compreender e fazer compreender”. E adicionou:

⁸⁶⁶ Renaud Lambert em entrevista à autora, no dia 2 de outubro de 2014.

Estamos diante uma situação internacional muito mais indecifrável que o momento da Guerra Fria, uma situação onde as alianças não são determinadas de maneira automática em função do alinhamento a tal ou tal bloco, onde os acontecimentos são assistidos de maneira muito espetacular, como na Síria e no Iraque, os Estados Unidos e o Irã que tinham tendência a colaborar e agora mesmo são inimigos. Isso exige estar muito atento ao que acontece – e consagrar o tempo e uma espécie de energia intelectual, ao que a maior parte dos jornais renunciaram, por pensarem, talvez por razões de mercado, que não são questões que interessam a muitos leitores e não são questões que interessam muito aos anunciantes. Então há muitos jornais que dedicam cada vez menos tempo para as questões internacionais, o que torna o mundo muito difícil de compreender pelos leitores. O que os leva a se dedicarem aos acontecimentos mais espetaculares, mas sem uma análise de fundo. Para nós, nosso trabalho é sobre o longo prazo, as sociedades e suas evoluções, progressivas na questão internacional. Dos países do sul e além. Em outros termos, nós temos o dever de decifrar um mundo cada vez mais indecifrável.⁸⁶⁷

Entretanto, Halimi não escondeu certa impaciência ao ser questionado sobre o papel dos intelectuais, por questão de tempo:

Você faz questões muito amplas: qual é o papel da esquerda, qual é o papel dos jornalistas, qual é o papel dos intelectuais... Francamente, são assuntos aos quais nós dedicamos páginas e páginas. Não gosto muito de resumir em três minutos uma questão como essa, sob o risco de lhe dizer o que me vem à mente e de esquecer coisas que são talvez mais importantes. Ainda assim... O papel dos intelectuais é um pouco o que eu disse a respeito do papel de um jornal. De compreender e fazer compreender. E de tentar promover uma sociedade mais igualitária, mais justa. E ter uma visão e um conhecimento da sociedade suficiente para saber como articular seu discurso.⁸⁶⁸

Entre tantas declarações e definições, há pontos comuns e incomuns a destacar em diferentes níveis. Primeiro, a atitude crítica como imperativo para os intelectuais é um ponto essencial de concordância entre os intelectuais envolvidos e envolvidos por *Le Monde Diplomatique*, tanto na França quanto na Argentina.

Segundo ponto, a mídia como intermediário entre os intelectuais e a transmissão das ideias, um ponto que suscita diversas discussões. Por um lado, declara-se a necessidade de transmitir ideias, no caminho cruzado dos intelectuais à sociedade, da sociedade (e dos movimentos) aos intelectuais. Por outro, critica-se a mídia *mainstream* e os ditos intelectuais

⁸⁶⁷ Serge Halimi em entrevista à autora, no dia 28 de novembro de 2014.

⁸⁶⁸ Serge Halimi em entrevista à autora, no dia 28 de novembro de 2014.

mediáticos – palpitaria aí a máxima, explícita ou implicitamente, “os outros, não nós”, quer dizer, apenas os outros intelectuais, ancorados noutras mídias, são passíveis de críticas).

Terceiro ponto, a independência como palavra-chave para os intelectuais, o que traz diferenças sensíveis entre as definições defendidas por *Le Monde Diplomatique* na França e na Argentina. Carlos Gabetta, já se frisou, argumenta que os intelectuais podem se apaixonar por uma causa e por uma ideia, mas, no seu compromisso, devem estar prontos para criticá-la⁸⁶⁹ com independência – o que nos leva de volta a seu rompimento com a editora Capital Intelectual e, por conseguinte, com *El Dipló* argentino, por suas críticas a Cristina Kirchner e outros governos latino-americanos, por ele considerados e interpretados como “populistas”.

Maurice Lemoine não vê a questão da independência nos mesmos termos que Gabetta. Admite que há determinadas críticas a serem feitas a governos como Cuba e Venezuela, quiçá Argentina, mas, por razões conjunturais, argumenta que não é possível fazê-las, para não dar munção ao outro lado da trincheira, ao inimigo, à direita. Assim, vê o compromisso do intelectual intrinsecamente relacionado com a esquerda, envolvida na *luta* contra o capitalismo neoliberal. Lemoine identifica claramente duas linhas no *Monde Diplomatique*: uma, comprometida com a “briga”; outra, mais distante, que pretende ouvir e observar, mas não se envolver demais com as questões contemporâneas.⁸⁷⁰ De seu lado, lembra:

Era o time de ouro: Ignacio Ramonet, Bernard Cassen e eu. Na realidade, cada um de nós tinha um estilo. Ignacio tinha contato com os “reis” – Fidel Castro, Hugo Chávez –, contato diretamente com a cúpula. Cassen era um ativista dos movimentos sociais, relacionado com Porto Alegre e blábláblá. E eu estava no campo. E nós três formávamos uma equipe muito completa, cada um com sua sensibilidade. E por isso eu acredito, eu digo, e talvez eu me equivoque, que para *Le Monde Diplomatique* houve um período de ouro sobre a América Latina. Estávamos muito envolvidos, sem esquecer o espírito crítico. Além disso, isso é muito importante para explicar o funcionamento de uma equipe como essa, sabendo que há uma adesão permanente do aparato ideológico sobre esses governos. Isso é muito importante. Se tirar isso do contexto, pode dizer que estávamos próximos demais desses governos. Se esquece-se o ataque, a guerra permanente contra Fidel, contra Chávez...⁸⁷¹

Nos últimos anos, os veteranos Bernard Cassen, Ignacio Ramonet e Maurice Lemoine saíram de seus postos oficiais no *Monde Diplomatique* francês, abrindo espaço para

⁸⁶⁹ Carlos Gabetta em entrevista à autora, no dia 1º de setembro de 2014.

⁸⁷⁰ Maurice Lemoine em entrevista à autora, no dia 27 de novembro de 2014.

⁸⁷¹ Maurice Lemoine em entrevista à autora, no dia 27 de novembro de 2014.

intelectuais mais jovens como Serge Halimi e Renaud Lambert. As discussões sobre a relação entre intelectuais e a esquerda, porém, continua vibrante na revista.

Edward Said, um dos intelectuais mais valorizados por *Le Monde Diplomatique*, ao lado de Jacques Derrida, Pierre Bourdieu e Régis Debray, dizia que o papel dos intelectuais não poderia se enquadrar num *slogan*, numa linha partidária ortodoxa ou num dogma político. “Nada deforma mais o desempenho público do intelectual do que os floreios, o silêncio cauteloso, a jactância patriótica e a apostasia retrospectiva acompanhada de auto-dramatização”.⁸⁷² É interessante retornar a Said para discutir as relações entre intelectuais e o poder⁸⁷³, especialmente o poder uma vez conquistado pela esquerda. A Said, que recusava atitudes sectárias, tendo contraponto a defesa e a dedicação ao *universalismo* na cultura e na política. Dizia: trata-se da forma como se pretende entrar na história, de braços abertos ou punhos fechados⁸⁷⁴ – expressões felizes para ilustrar as linhas presentes entre intelectuais de *Le Monde Diplomatique* que, na verdade, revelam dois posicionamentos nas relações entre intelectuais e o poder protagonizado pela esquerda: um certo distanciamento como observadores ou um compromisso mais forte, mais posicionado de um lado da trincheira na batalha de ideias. Nessa trilha, uma bifurcação: ou *Le Monde Diplomatique* não desconfia *a priori* de uma esquerda que pretende ascender ao poder nas palavras de um francês, ou desconfia dos partidos políticos todos, no *que se vayan todos* na expressão de um argentino?

O impasse evidencia a dúplici tentação que se impõe aos homens de pensamento. No fim d’*O século dos intelectuais*, Michel Winock lembra que os homens não vivem no mundo das ideias puras. “O universo político é prenhe de todos os conflitos, de todos os desejos de onipotência, de todos os ódios e de todos os apetites de poder”.⁸⁷⁵ Assim, duas tentações dominariam os intelectuais:

⁸⁷² SAID, 2000, p. 15.

⁸⁷³ Diferentes relações entre intelectuais e o poder foram destacadas por Lewis A. Coser: 1. os próprios intelectuais estão no poder, uma situação *rara* ilustrada historicamente pelos jacobinos; 2. os intelectuais estão fora do poder, mas querem influir e influenciar nas suas decisões; 3. os intelectuais querem legitimar o poder, contribuindo com discursos e escritos a favor do totalitarismo, algo como a serviço do príncipe; 4. os intelectuais querem confrontar o poder, querem criticá-lo (BOBBIO, 1997, p. 112-113).

⁸⁷⁴ SAID, 2013, p. 14.

⁸⁷⁵ WINOCK, 2000, p. 786-787.

Permanecer no mundo da pureza ideal – que é o da linguagem –, mas com risco de se isolar e perder o contato com o mundo; ou aceitar demasiadamente os imperativos do universo político, escolher seu lado, tornar-se partidário, saber calar ou falar sempre com critério – com risco de não passar, assim, de um auxiliar da política ou um funcionário das esperanças em suspenso – mesmo que seja de um partido de oposição. Pensar a política radicalmente é, com muita frequência, escolher o impossível; mas aceitar a política, tal como se apresenta, requer apenas a aliança entre oradores e expertos: onde ficam os homens de pensamento?

876

Na encruzilhada entre o universo da pureza ideal e o universo político, os intelectuais por vezes preferem outro rumo: o silêncio.

No verão francês de 1983, a discussão sobre o silêncio dos intelectuais despontou dois anos depois que a esquerda, que por muitas décadas encarnara esperanças dos intelectuais, conquistou o poder – a vitória de François Mitterrand. O gatilho para tal discussão foi um artigo do historiador Max Gallo, ministro e porta-voz do governo socialista, impresso nas páginas de *Le Monde*.⁸⁷⁷ Vieram as críticas aos intelectuais, calados diante do esquecimento da esquerda em relação ao programa inicial de transformação radical da sociedade francesa, um projeto socialmente audacioso e economicamente antiliberal engavetado. Aos intelectuais, que se encontravam no dilema entre participar episodicamente do poder, como conselheiros do príncipe, ou continuar criticando, a ferro e fogo, todo poder. “Pode-se, em nome do realismo político, renunciar a uma parte de suas ideias, qualificando-as de ilusões ou de utopias, ou nunca se deve ceder em nenhum princípio, nenhum valor, nenhum ideal, com o risco de perder o poder e, portanto, toda possibilidade, por menor que seja, de transformar o real?”, interroga o filósofo francês Francis Wolff.⁸⁷⁸ Em outras palavras, quem é o intelectual? Um crítico ou aliado do poder? Um idealista ou às vezes apegado ao realismo político?

No Brasil, história semelhante se desenrolou por volta de 2005, três anos após a vitória de Lula, escoltada pela esquerda por simbolizar uma “formidável esperança” no âmbito socioeconômico, uma ruptura – digo eu, como “nunca antes na história deste país”, para lembrar a expressão do ex-presidente – e, diz Wolff, a vitória de um político e de um partido que um dia representaram a aliança entre intelectuais e populares. A esquerda no poder, na França e no Brasil, trilhou caminhos que não condiziam com suas ideias iniciais, mas a diretrizes conservadoras, mostrando fidelidade às instituições financeiras internacionais,

⁸⁷⁶ WINOCK, 2000, p. 786-787.

⁸⁷⁷ WOLFF, 2006, p. 45.

⁸⁷⁸ WOLFF, 2006, p. 46.

realismo econômico, rigor orçamentário. Quanto a nossos intelectuais, ou romperam com o PT ou se asilaram num ensurdecador, encastelado, encabulado silêncio.

Ao lado de Lula, outros novos governos latino-americanos luziram, também escoltados por esperanças de intelectuais de esquerda. Diante deles, muitos intelectuais (latino-americanos e franceses, entre outros) também calaram. Mas, se posso dizer, há diversos tipos de silêncio. Um silêncio omissivo, face a críticas conhecidas e reconhecidas, mas jamais ditas a voz alta – um Ignacio Ramonet, por exemplo, em relação a Cuba ou a Venezuela, ou um Carlos Alfieri em relação a Argentina. Um silêncio singelo, surpreso diante de situações imprevistas ou imprevisíveis. Um silêncio simples, de quem desconhece condições reais dos contextos que pretende teorizar. Um silêncio constrangido, de quem apostou alto em certas cartas, mas não viu o jogo virar como o esperado – um Bernard Cassen em relação às expectativas do altermundialismo. Um silêncio arbitrário, proposital, pensado para não dar brechas para as movimentações do inimigo – um Maurice Lemoine, em relação às experiências da América Latina. Por fim, um minuto de silêncio ajuizado, ponderado, propício para refletir em tempos turbulentos, oposto à tagarelice – e os imbecis cujas vozes matracam a altos decibéis nas mídias sociais sobre o tudo e o absolutamente nada, criticados, entre outros pensadores, por Umberto Eco. Os silêncios, afinal, falam.

É imprecisa a relação dos intelectuais de *Le Monde Diplomatique* com a ideia de engajamento e envolvimento político. Muitos defendem o papel da revista como uma tribuna livre ou uma instituição⁸⁷⁹ independente, apesar de simpatizante⁸⁸⁰ das revoluções e dos movimentos progressistas, distante da militância partidária⁸⁸¹ ou do estilo político panfletário.⁸⁸² Para tal ala, *Le Monde Diplomatique* teria corrompido seu papel e perderia sua *raison d'être* se resvasse na política partidária ou no panfleto. Mas é muito tênue a linha entre a independência e a *causa*.

Vale voltar às palavras, mais uma vez, de Ignacio Ramonet: “*Le Monde Diplomatique* é mais que um jornal, é uma causa... A causa da justiça, da paz, dos povos que procuram sair de sua dependência”.⁸⁸³ Ao frisar que a *causa* é maior que o magazine, o editor encontra eco entre seus companheiros: *Le Monde Diplomatique* estaria muito vinculado a certos valores, como a justiça e a solidariedade – e as edições internacionais herdariam o DNA do *Monde Diplomatique* francês: a crítica ao imperialismo, ao colonialismo e ao capitalismo

⁸⁷⁹ Anne-Cécile Robert em entrevista à autora, no dia 14 de outubro de 2014.

⁸⁸⁰ Bernard Cassen em entrevista à autora, no dia 10 de novembro de 2014.

⁸⁸¹ Carlos Alfieri em entrevista à autora, no dia 12 de setembro de 2012.

⁸⁸² Carlos Gabetta em entrevista à autora, no dia 11 de setembro de 2012.

⁸⁸³ RAMONET, março de 2004, p. 7.

neoliberal.⁸⁸⁴ Seria, nas expressões de Anne-Cécile Robert⁸⁸⁵, ainda uma mídia hostil à dominação, dos ricos sobre os pobres, dos homens sobre as mulheres. Seria, na perspectiva de Renaud Lambert, por exemplo, um posicionamento, no conflito estrutural entre trabalho e capital, ao lado do trabalho.⁸⁸⁶

Norberto Bobbio certa vez destacou como os manifestos, nas últimas décadas, se tornaram tribunas preferenciais pelas quais os intelectuais expressaram publicamente o engajamento político. Manifestar sobre o quê? Para Bobbio, os intelectuais intervieram nos principais debates de seu tempo: a *opressão*, compreendida como as violações dos direitos humanos, e a *guerra*, na acepção mais ampla, compreendendo assim as *guerras* civis, insurrecionais, libertadoras, revolucionárias e assim por diante. Nos dois eixos, um impulso: a violência na história, diante da qual os intelectuais se levantariam como porta-vozes das reivindicações da liberdade, da razão, da verdade, da tolerância, da compreensão, do amor.⁸⁸⁷ Uma brecha para outro questionamento de Eric Hobsbawm: após o *Manifesto Comunista* de Karl Marx e Friedrich Engels, que manifestos relevantes foram escritos?, como hão de sobreviver ao século XXI?⁸⁸⁸

*

“Não é fácil ser de esquerda hoje”.⁸⁸⁹ Assim a jornalista Evelyne Pieiller convida o leitor à edição especial de *Manière de voir: Penser est un sport de combat*, de fins de 2014, que faz referência ao documentário de Pierre Carles sobre Pierre Bourdieu, *La sociologie est un sport de combat* (2001):

⁸⁸⁴ Anne-Cécile Robert em entrevista à autora, no dia 4 de fevereiro de 2013.

⁸⁸⁵ Anne-Cécile Robert em entrevista à autora, no dia 14 de outubro de 2014.

⁸⁸⁶ Renaud Lambert em entrevista à autora, no dia 2 de outubro de 2014.

⁸⁸⁷ BOBBIO, 1997, p. 59.

⁸⁸⁸ HOBSBAWM, 2013, p. 18.

⁸⁸⁹ Traduzido do original: “*Il n’est pas facile aujourd’hui d’être de gauche*” (PIELLER, outubro de 2014, p. 4).

Ou, mais exatamente, é relativamente fácil ter uma sensibilidade de esquerda, mas não é fácil pensar à esquerda. Pensar que o combate contra a dominação do capital sob todas as suas formas não é obsoleta, apesar de sua ausência do léxico midiático e da transformação dos explorados em “desprivilegiados”. Pensar que a questão da igualdade social continua sendo fundamental, apesar de sua dissolução como igualdade de acesso a oportunidades de sucesso. Tudo parece complicado e confuso, especialmente por causa da famosa “globalização” e das mutações tecnológicas. As análises de uma esquerda que se quer radical não seriam mais pertinentes: elas enfrentariam um passado... ultrapassado.⁸⁹⁰

Neste dossiê, Evelyne Pieiller reúne escritos de Edward Said, Eric Hobsbawm, Immanuel Wallerstein, Loïc Wacquant e Pierre Bourdieu, entre outros. Para Pieiller, pensar à esquerda, no espírito do iluminismo, é difícil – e por isso é difícil perseverar. Assim, a autora considera pensar à esquerda um *sport de combat*, uma arte marcial. Diríamos uma luta, uma batalha de ideias. Ou uma briga de punhos cerrados contra a impotência melancólica e o sentimento solitário, reafirmando a possibilidade de refletir sobre os jogos de poder nos tempos de “globalização”, onde a análise crítica ainda seja útil para desconstruir racionalidades falaciosas e pretensas fatalidades.⁸⁹¹ Logo, pensar seria recusar a nostalgia, reconquistar os valores de uma esquerda livre, posicionar no ringue da *bataille des idées*.⁸⁹²

“Não é fácil ser de esquerda hoje”.⁸⁹³ Assim, pois, critica e lamenta, mas não lamuria Evelyne Pieiller. Resta agora questionar o que é, enfim, a esquerda contemporânea para os intelectuais de *Le Monde Diplomatique*.

5.2 QUAIS ESQUERDAS

Um dia disseram que a história suspirava seu fim. Um dia no século XX, após o colapso do comunismo soviético, visto como a realização histórica mais sintonizada com o

⁸⁹⁰ Traduzido do original: “*Ou, plus exactement, il est assez aisé d’avoir une sensibilité de gauche, mais il n’est pas facile de penser à gauche. De penser que le combat contre la domination du capital sous toutes ses formes n’est pas obsolète, en dépit de son absence du lexique médiatique et de la transformation des exploités en « défavorisés ».* De penser que la question de l’égalité sociale demeure primordiale, en dépit de sa dissolution en question d’égalité d’accès aux chances de réussite. Tout semble s’être compliqué et brouillé, en particulier à cause de la fameuse « mondialisation » et des mutations technologiques. Les analyses d’une gauche qui se veut radicale ne seraient plus pertinentes : elles porteraient sur un passé... dépassé” (PIEILLER, outubro de 2014, p. 4).

⁸⁹¹ PIEILLER, outubro de 2014, p. 4.

⁸⁹² PIEILLER, outubro de 2014, p. 4.

⁸⁹³ Traduzido do original: “*Il n’est pas facile aujourd’hui d’être de gauche*” (PIEILLER, outubro de 2014, p. 4).

fim pregado pelos ideais de esquerda, disseram que a esquerda desapareceu definitivamente – e o que *fim* da história se simbolizaria como o triunfo definitivo dos ideais até agora considerados característicos da direita.⁸⁹⁴

Um dia disseram que o mundo ainda seria mais igual, mais justo, mais livre. Que outro mundo ainda era possível. Um dia no século XXI, varridas as ruínas da URSS e do muro de Berlim, asfixiadas as experimentações latino-americanas revolucionárias doutros tempos, amargadas as desilusões da esquerda europeia, entreolharam-se e questionaram-se: onde está a esquerda agora?

A polarização *esquerda e direita* ainda palpita na política. Para o filósofo italiano Norberto Bobbio, esquerda e direita são termos antitéticos, que denotam o contraste entre ideologias e movimentos a dividir o universo do pensamento e das ações políticas.⁸⁹⁵ Não se trata de uma armadilha linguística a travar o debate político, mas palavras cujos usos axiológicos, descritivos e históricos justificam sua ainda argumentação. As expressões, afinal, não são engessadas, mas marcham com o tempo: “Acrescento apenas uma prova: tornou-se lugar comum afirmar – com tristeza ou alegria, segundo quem afirma – que a esquerda passou a praticar a política da direita. Tal afirmação não teria nenhum sentido se ‘direita’ e ‘esquerda’ tivessem se transformado em palavras vãs e vazias”.⁸⁹⁶

Para Bobbio, a esquerda considera mais o que une os homens, ao passo que a direita dá maior relevância política ao que diferencia os homens. A distinção reflete um posicionamento em relação à ideia de igualdade. Para a esquerda, a maior parte das desigualdades é social e alterável. Para a direita, é natural e inalterável. Para a esquerda, a igualdade é um ideal. Para a direita, não.⁸⁹⁷ O centro, ainda que dominante, não nulifica a diferença entre os extremos, tanto nas fórmulas “ou direita, ou esquerda” e “nem direita, nem esquerda”, ilustra o filósofo num degradé de diferentes ideologias: entre o preto e o branco há o cinza, mas o entretom não invalida a diferença entre o branco e o preto.⁸⁹⁸

⁸⁹⁴ BOBBIO, 2011, p. 150.

⁸⁹⁵ BOBBIO, 2011, p. 49.

⁸⁹⁶ BOBBIO, 2011, p. 150.

⁸⁹⁷ BOBBIO, 2011; ANDERSON, 2012.

⁸⁹⁸ BOBBIO, 2011, p. 54.

Manière de voir

137

OCTOBRE-NOVEMBRE 2014

Le Monde *diplomatique*

PENSER

EST UN SPORT DE COMBAT

IMAGE THOMAS ALLEN

M 02796 - 137 - F: 8,50 € - RD



8,50 EUROS FRANCE MÉTROPOLITAINE • AFRIQUE CFA 5500 F. CFA • ALLEMAGNE 8,90 € • ANTILLES-REUNION 8,90 € •
AUTRICHE 8,90 € • BELGIQUE 8,90 € • CANADA 12,75 \$CAN • ESPAGNE 8,90 € • ETATS-UNIS 13,50 \$US • GRANDE-BRETAGNE 7,95 £ •
GRÈCE 8,90 € • ITALIE 8,90 € • JAPON 1600 ¥ • LIBAN 16500,00 LBP • LUXEMBOURG 8,90 € • MAROC 85,00 DH • PAYS-BAS 8,90 € •
PORTUGAL CONT. 8,90 € • SUISSE 13,80 CHF • TOM AVION 1700 XPF • TUNISIE 11,90 DT.

Edição n.º 137 de *Manière de voir*, de outubro/novembro de 2014

Às ideologias em crise: “Pode-se tranquilamente objetar, como já foi feito, que na realidade as ideologias não deixaram de existir e estão, ao contrário, mais vivas do que nunca. As ideologias do passado foram substituídas por outras, novas ou que se pretendem novas. A árvore das ideologias está sempre verde. Além do mais, como já foi diversas vezes demonstrado, não há nada mais ideológico do que a afirmação de que as ideologias estão em crise”.⁸⁹⁹ Ademais, Bobbio argumenta, direita e esquerda não se referem apenas ao contraste de ideologias, mas de interesses e valorações a respeito da direção a ser seguida e perseguida pela sociedade.⁹⁰⁰

No *avant-propos* de *Espectro*, o historiador inglês Perry Anderson também conta com a distinção entre direita e esquerda como diferentes hemisférios políticos. Anderson lembra, por exemplo, como centro, direita e esquerda não investiram igualmente nos mesmos campos do conhecimento. Enquanto os legados clássicos do pensamento político e os afazeres imediatos para administrar o mundo tiveram/têm maior interesse para a direita, as construções filosóficas normativas se tornaram a especialidade do centro. De seu lado, as investigações econômicas, sociais e culturais, do passado e do presente, dominam a arena e o ateliê da esquerda.⁹⁰¹ A ambição de perpassar as três perspectivas, portanto, estaria obrigada a atravessar um terreno um tanto variado.⁹⁰²

Infinitamente mais modesto, este tópico pretende explorar as compreensões de “esquerda” pelos intelectuais de *Le Monde Diplomatique* na França e na Argentina.

Na edição de *Manière de voir: Histoires des gauches au pouvoir*, de agosto/setembro de 2012, o cientista político Laurent Bonelli⁹⁰³ se voltou à história do *label politique*, e voltando à indagação identitária primordial: o que é ser de “esquerda”? Para Bonelli, a

⁸⁹⁹ BOBBIO, 2011, p. 51.

⁹⁰⁰ BOBBIO, 2011, p. 51.

⁹⁰¹ ANDERSON, 2012, p. 13.

⁹⁰² ANDERSON, 2012, p. 13.

⁹⁰³ O sociólogo francês Laurent Bonelli, *maître de conférences* de ciência política na Université Paris X – Nanterre, coordenou a edição de *Manière de voir: La guerre des idées*, de abril/maio de 2009. Co-diretor da revue *Cultures & Conflits*, Bonelli escreveu diversas vezes para *Le Monde Diplomatique* – e o destaque justamente por contribuir no magazine com textos a respeito dos intelectuais, das ideologias e da esquerda, por exemplo: o já citado artigo “*Cambiante papel del intelectual francés*”, com o historiador Hervé Fayat, traduzido n’*El Dipló* argentino de maio de 2006, originalmente publicado como “*De compagnon de route à conseiller du patronat*”, no *Monde Diplomatique* francês; e o artigo referido neste capítulo “*Histoire d’un label politique*”, editado na revista *Manière de voir* de agosto/setembro de 2012, originalmente publicado como “*La gauche, histoire d’un label politique*”, no *Monde Diplomatique* francês de novembro de 2011. Destaco também a edição *La guerre des idées*, por reunir artigos já referidos, mas sob outros títulos, como: “*Définir les intellectuels?*”, de Laurent Bonelli e Hervé Fayat, só para lembrar no *Monde Diplomatique* francês de maio de 2006; “*Le devoir d’irrespect*”, de Claude Julien, que consta como “*A quoi servent ceux qui écrivent?*” noutra *Manière de voir*, de outubro/novembro de 2014; “*L’histoire échappe à ses censeurs*”, de Eric Hobsbawm, traduzido como “*La historia del siglo XX, a pesar de sus censores*”, n’*El Dipló* argentino de setembro de 1999; e “*Penser à l’ombre des chapelles...*”, de Maurice T. Maschino, uma versão de “*Les nouveaux réactionnaires*” no *Monde Diplomatique* de outubro de 2002.

questão, talvez a princípio ingênua, é complexa, pois se refere a estruturas políticas e, ao mesmo tempo, a valores de indivíduos.

Bonelli revisita o rótulo político. Lembra que no século XVIII, na França, a sociedade clivada via de um lado uma aristocracia poderosa, de outro uma burguesia circunscrita ao papel de arrendadora de recursos. Uma burguesia que conquistou certo monopólio após a Revolução Francesa, e assim mobilizou os republicanos do século XIX, que descortinaram o direito de voto. À antiga autoridade social dos aristocratas, uma nova arena: o partido político. Ao longo do tempo, as regras do jogo político se firmaram e se impuseram a todos.

Mas Bonelli não vê fixada aí ainda uma identidade de esquerda, pois no jogo político a esquerda seria mais uma posição relativa do que uma identidade fixa. As agremiações de esquerda afluíram num período marcado pela revolução industrial e pela parlamentarização política, época em que o crescimento da indústria inquietou discussões sobre as relações entre o capital e o trabalho – e a esquerda se posicionou ao lado dos trabalhadores, por exemplo, com o Labour Party britânico, o Partido Socialista Obreiro Espanhol (Psoe) e o Sozialistische Arbeiterpartei alemão. No século XX, a estratégia diante das instituições e do mercado variou, uns mais revolucionários, outros mais reformistas. A ascensão de movimentos de esquerda ao poder acentuou essas tensões, com trilhas diferentes, como os governos ligados à Revolução Russa e as alas mais reformistas, socialdemocratas, que tentaram amortizar o antagonismo entre capital e trabalho através de uma distribuição mais justa da riqueza. Entretanto, Bonelli lamenta, atualmente surpreende que a questão da divisão das riquezas desperte tão discretas reflexões e projetos da esquerda. “O desmoronar do bloco comunista praticamente aniquilou a ideia de uma alternativa à economia de mercado. As transformações do capitalismo (financeirização, transnacionalização) e salariais complicaram ainda mais a questão”.⁹⁰⁴

A isso adiciona a “profissionalização” da atividade política como um fator complicador. Se os aristocratas viviam simplesmente *para* a política, com recursos abastados para tal, os “novos” políticos aprenderam a viver *da* política – e os fins se confundiram com os meios. Assim impôs-se a lógica do campo político dos partidos, que tende a excluir os políticos não “profissionais”. Os militantes, mobilizados na época eleitoral. Os eleitores, espectadores do jogo político. Laurent Bonelli lembra o sociólogo Robert Michels que, analisando o Partido Socialdemocrata alemão no início do século XX, dizia que a vitória dos partidos de esquerda redundaria no poder de uma oligarquia política a governar segundo os

⁹⁰⁴ Traduzido do original: “L’effondrement du bloc communiste a pratiquement anéanti l’idée d’une autre voie que celle de l’économie de marché. Les transformations du capitalisme (financiarisation, transnationalisation) et celles du salariat ont également compliqué la question” (BONELLI, agosto/setembro de 2012, p. 12).

próprios interesses – e não no poder do povo que os elegera. Bonelli cita Michels, por fim, num amargo arremate: “Contra a traição se erguerão sempre novos acusadores que, após uma era de gloriosos combates e de poder sem honra, acabam por se misturar à velha classe dominante, cedendo lugar a novos opositores que, a seu turno, os atacam em nome da democracia”.⁹⁰⁵

*

Em maio de 2009, às vésperas do aniversário de 220 anos da Revolução Francesa, Serge Halimi fez seu *elogio* às revoluções:

Espectro tantas vezes conjurado, perspectiva amuralhada por seus próprios desvios, a revolução parecia descansar no cemitério da História. Entretanto, apesar dos exorcismos, a imensa esperança de que um dia tudo poderia mudar emana da consciência coletiva e nasce do encadeamento dos acontecimentos. De fato, esse fio vermelho que percorre os séculos e os continentes nunca se rompeu. Movimento trabalhista, emancipação das mulheres e de todos os oprimidos, libertação nacional: um novo capítulo estará esperando ser escrito neste preciso instante? As iras suscitadas pela crise econômica preocupam os analistas conservadores. Conscientes de que seu modelo ideológico cai os pedaços, analisam, agachados, os sinais de emergência: trabalhadores franceses, desempregados chineses, manifestantes letões... Um novo mundo?⁹⁰⁶

Nessas linhas críticas, mas poéticas, com malabares cronológicos, Halimi invoca Marx para lembrar as revoluções como expressão de uma *necessidade histórica* e Goethe para rubricar uma *nova era da história*. De Victor Hugo, cita os *magníficos miseráveis* a marchar pelo *mundo deslumbrado*. “De Rousseau a Mao, uma utopia igualitária, terrorista e virtuosa,

⁹⁰⁵ Traduzido do original: “Le sociologue Robert Michels, étudiant le Parti social-démocrate allemand au début du XXe siècle, constatait déjà que la victoire des partis de gauche débouchait davantage sur le pouvoir d’une oligarchie politique — gouvernant en fonction de ses intérêts propres — que sur celui du peuple qui les avait élus. Il contrebalançait néanmoins ce constat un peu amer en concluant : ‘Contre la traîtresse, se dressent sans cesse de nouveaux accusateurs qui, après une ère de combats glorieux et de pouvoir sans honneur, finissent par se mêler à la vieille classe dominante, cédant la place à des opposants nouveaux qui, à leur tour, les attaquent au nom de la démocratie’” (BONELLI, agosto/setembro de 2012, p. 13).

⁹⁰⁶ Traduzido do original: “Espectro tantas veces conjurado, perspectiva amurallada por sus propios desvíos, la revolución parecía descansar en el cementerio de la Historia. Sin embargo, a pesar de los exorcismos, la inmensa esperanza de que un día todo podría cambiar emana de la conciencia colectiva y nace del encadenamiento de los acontecimientos. De hecho, ese hilo rojo que recorre los siglos y los continentes nunca se ha roto. Movimiento obrero, emancipación de las mujeres y de todos los oprimidos, liberación nacional: ¿un nuevo capítulo estará esperando ser escrito en este preciso instante? Las iras suscitadas por la crisis económica preocupan a los analistas conservadores. Conscientes de que su modelo ideológico se cae a pedazos, analizan, agazapados, los signos de la emergencia: obreros franceses, desempleados chinos, manifestantes letones... ¿Un nuevo mundo?” (HALIMI, maio de 2009).

pisoteou as liberdades individuais e deu luz ao frio monstro do Estado totalitário. Finalmente, a ‘democracia’ se recuperou e predominou, festiva, suave, de mercado. Também herdeira das revoluções, mas de outra ordem, ao estilo inglês ou norte-americano, mais políticas que sociais, ‘descafeinadas’”.⁹⁰⁷

Noutro salto temporal, o editor desengaveta uma frase do ex-presidente francês, François Mitterand, de 1971: “A revolução é, em primeiro lugar, uma ruptura. Quem não aceita essa ruptura com a ordem estabelecida, com a sociedade capitalista, não pode aderir ao Partido Socialista”. Desengaveta, para depois, lamentando, levá-la de volta aos arquivos da memória: “Desde então, as condições para aderir ao Partido Socialista (PS) se tornaram menos draconianas, já que não recusam o diretor do Fundo Monetário Internacional (FMI), Dominique Strauss-Kahn, e o da Organização Mundial do Comércio (OMC), Pascal Lamy”.⁹⁰⁸ Assim, Halimi lastima que a ideia de *revolução* retrocedeu em diversos lugares, diversas alas, incluindo as mais radicais. E que a direita se apropriou da palavra, ainda portadora de “esperança”, para transformá-la num sinônimo de *restauração*.

Mais saltos no tempo: o editor lembra a violência das revoluções, com o massacre dos guardas suíços em 1792, da família imperial russa em 1918, dos oficiais do exército chinês em 1949, contrapondo-os com violências do outro lado, os famintos franceses na Paris além-Versalhes antes de 1789, os manifestantes massacrados num “domingo vermelho” de 1905 em São Petersburgo, os revolucionários queimados vivos nas locomotivas de 1927 em Cantón e Shanghai. “O episódio dos revolucionários queimados vivos não só marcou aos que se interessavam pela história da China, mas ficou conhecido por milhões de leitores d’*A condição humana*, de André Malraux. Pois durante décadas, os maiores escritores, os maiores artistas se uniram ao movimento trabalhista para celebrar as revoluções e as ‘manhãs que cantam’. Incluindo, é verdade, uma minimização das contradições, as tragédias, os pálidos amanheceres (polícia política, culto da personalidade, nepotismo, campos de trabalho, execuções)”.⁹⁰⁹

⁹⁰⁷ Traduzido do original: “De Rousseau a Mao, una utopía igualitaria, terrorista y virtuosa, habría pisoteado las libertades individuales y dado a luz al frío monstruo del Estado totalitario. Finalmente, la ‘democracia’ se recuperó y predominó, festiva, apacible, de mercado. También heredera de revoluciones, sólo que de otro orden, al estilo inglés o estadounidense, más políticas que sociales, ‘descafeinadas’” (HALIMI, maio de 2009).

⁹⁰⁸ Traduzido do original: “Desde entonces, las condiciones de adhesión al Partido Socialista (PS) se volvieron menos draconianas, ya que no rechazan al director del Fondo Monetario Internacional (FMI), Dominique Strauss-Kahn, ni al de la Organización Mundial del Comercio (OMC), Pascal Lamy” (HALIMI, maio de 2009).

⁹⁰⁹ Traduzido do original: “El episodio de los revolucionarios quemados vivos no sólo marcó a los que se interesaban en la historia de China, sino que es conocido por los millones de lectores de *La condición humana*, de André Malraux. Porque durante décadas, los más grandes escritores, los más grandes artistas se unieron al movimiento obrero para celebrar las revoluciones y las “mañanas que cantan”. Incluyendo, es verdad, una

De volta ao presente. À ideia de revolução impregnada de violência, Serge Halimi cita criticamente Max Gallo e François Furet. De Gallo: quem diz revolução diz irrupção da violência. E Furet: qualquer tentativa de transformação radical é totalitária ou terrorista.

Ao contrário dos autores, o editor não concorda com tal *fobia* às revoluções. Mas se por um lado recusa a revolução de tipo soviético, por outro não confia no sufrágio universal como a única alternativa, como o *alfa* e *ômega* para toda ação política. Para tanto, recorda as interrogações de Léon Blum sobre o sufrágio universal: “É uma plena realidade atualmente? Por acaso a influência do patrão e do proprietário não pesa sobre os eleitores, com a pressão da potência do dinheiro e da grande imprensa? Os eleitores são livres no voto que emitem, livres pela cultura de seu pensamento, livres pela independência de sua pessoa? E, para libertá-los, não seria precisamente necessária uma revolução?”⁹¹⁰

Para Halimi, as revoluções deixaram/deixam na história uma pegada indelével, inesquecível. Não só como uma lembrança, pois o vocabulário político moderno e a metade dos sistemas jurídicos do mundo se inspiram no código inventado pela Revolução, Francesa. Assim, finalmente o editor de *Le Monde Diplomatique* ancora nos portos principais desta tese: o Terceiro Mundo e a América Latina, ao dizer:

E quem pensa no “terceiro-mundismo” da década de 1960 pode se perguntar se uma parte de sua popularidade não provém do sentimento de reconhecimento (no duplo sentido do termo) ao que deu origem. De fato, o ideal revolucionário, igualitário, emancipador, do século das Luzes, pareceu renascer no sul, em parte graças a vietnamitas, argelinos, chineses, chilenos que se educaram no velho continente. O Império se atolava, mas as antigas colônias tomavam o posto e a revolução continuava. A situação atual é diferente. [...] O entusiasmo internacional que provoca a América Latina é maior porque a orientação política ali é ao mesmo tempo democrática e social. Certa esquerda europeia justifica há vinte anos a prioridade que atribui às demandas das classes médias teorizando o fim do “parêntesis revolucionário” e o desaparecimento político das categorias populares. Ao contrário, os governantes da Venezuela e da Bolívia voltam a mobilizar essas categorias, provando que sua sorte é sopesada, que seu destino histórico não está selado, em suma, que a luta continua.⁹¹¹

minimización de las contrariedades, las tragedias, los pálidos amaneceres (policía política, culto de la personalidad, nepotismo, campos de trabajo, ejecuciones)” (HALIMI, maio de 2009).

⁹¹⁰ Traduzido do original: “¿Es una plena realidad hoy en día? ¿Acaso la influencia del patrón y del propietario no pesa sobre los electores, junto con la presión de la potencia del dinero y de la gran prensa? ¿Los electores son libres del sufragio que emiten, libres por la cultura de su pensamiento, libres por la independencia de su persona? Y, para liberarlos, ¿no sería precisamente necesaria una revolución?” (HALIMI, maio de 2009).

⁹¹¹ Traduzido do original: “Y quien piense en el “tercermundismo” de los años 60 puede preguntarse si una parte de su popularidad en Europa no proviene del sentimiento de reconocimiento (en el doble sentido del término) al que dio nacimiento. En efecto, el ideal revolucionario, igualitario, emancipador, del Siglo de las Luces, pareció renacer en el Sur, en parte gracias a vietnamitas, argelinos, chinos, chilenos que se habían educado en el Viejo

Assim, *Le Monde Diplomatique* entrelaça a ideia de revolução, *desejável*, com outras palavras-chave simbólicas: as luzes francesas, as lutas latino-americanas, a imprensa, os intelectuais e as esquerdas. Para Halimi, a possibilidade de uma revolução não aflora espontaneamente, mas depende de uma mobilização política e uma efervescência intelectual prévias. É flagrante, porém, ao visitar e discutir potenciais revolucionários, a escolha do editor ao lançar do outro lado do Atlântico, na América Latina, a presença das esquerdas. Senão no velho mundo, ali a luta continua?

*

No amplo arco de definições de esquerda, diferentes visões marcam a *manière de voir* proposta por *Le Monde Diplomatique*. Há discordâncias, inclusive, sobre a definição declarada de *Le Monde Diplomatique* como uma revista “de esquerda”.

Entre os argentinos, Carlos Alfieri e Carlos Gabetta se afinam, afinal. Alfieri considera *El Dipló* um periódico “claramente” de esquerda, de tendência progressista e crítica.⁹¹² Gabetta, por sua vez, define linha editorial da revista como um *republicanismo de izquierda*, “do centro-esquerda à esquerda mais radical, mas sempre muito democrática”.⁹¹³ Um *republicanismo de izquierda*, como destaquei noutro capítulo, que estaria “certamente” relacionado à Revolução Francesa.⁹¹⁴

Entre os franceses, Serge Halimi pondera a respeito da linha do *Monde Diplomatique*. Lembra o editor que a linha editorial não se impôs do dia para a noite, mas foi gradualmente firmada, acompanhando os acontecimentos e as evoluções ideológicas.⁹¹⁵ Para Halimi, *Le Monde Diplomatique* não se restringiria a um polo político: seus editores estão à esquerda, seus escritores estão à esquerda, seus leitores majoritariamente estão à esquerda, mas a revista não se reservaria à esquerda. Halimi argumenta a presença, por exemplo, de autores de direita,

Continente. El Imperio se empantanaba, pero las antiguas colonias tomaban la posta y la revolución continuaba. La situación actual es diferente. [...] El entusiasmo internacional que suscita América Latina es más grande porque la orientación política es allí al mismo tiempo democrática y social. Cierta izquierda europea justifica desde hace veinte años la prioridad que asigna a las demandas de las clases medias teorizando el fin del "paréntesis revolucionario" y la desaparición política de las categorías populares. Por el contrario, los gobernantes de Venezuela y de Bolivia vuelven a movilizar esas categorías, probándoles que su suerte es tomada en cuenta, que su destino histórico no está sellado, en suma, que la lucha continúa" (HALIMI, maio de 2009).

⁹¹² Carlos Alfieri em entrevista à autora, no dia 12 de setembro de 2012.

⁹¹³ Carlos Gabetta em entrevista à autora, no dia 11 de setembro de 2012.

⁹¹⁴ Carlos Gabetta em entrevista à autora, no dia 1º de setembro de 2014.

⁹¹⁵ Serge Halimi em entrevista à autora, no dia 28 de novembro de 2014.

como o ex-premiê Dominique De Villepin, que assinou um artigo na edição de dezembro de 2014.⁹¹⁶ E o que é ser de esquerda atualmente?

Bom, isso é uma outra questão... Não é uma questão que nós nos fazemos, porque nós não nos definimos como um jornal de esquerda. Ainda que a maior parte de nosso conteúdo pode ser identificado como de esquerda, os autores de esquerda, os leitores de esquerda, mas quando nós escrevemos um artigo, quando nós refletimos sobre uma questão internacional, em nenhum momento nós dizemos qual é a posição de esquerda a respeito. Mas é uma posição que corresponde aos princípios, aos valores, à história do *Monde Diplomatique*. E que é ainda a posição que nos permite compreender o que acontece.⁹¹⁷

Enquanto Dominique Vidal identifica *Le Monde Diplomatique* “certamente” à esquerda, como anticapitalista, altermundialista e terceiro-mundista⁹¹⁸, Bernard Cassen certifica que *nunca* é versada a palavra “esquerda” para definir *Le Monde Diplomatique*.⁹¹⁹ Para Vidal, estar à esquerda significa ser hostil à sociedade capitalista e suas injustiças, ser hostil às políticas imperialistas e, ao mesmo tempo, buscar alternativas – isto é, arremata, significa estar relacionado às ideias de justiça e de igualdade.⁹²⁰ Cassen, por sua vez, descarta a expressão “esquerda” por considerá-la redutora:

Primeiramente, as categorias “esquerda” e “direita” estão longe de estar estabilizadas, sobretudo atualmente. Se Manuel Valls se diz de esquerda... Quer dizer, se Manuel Valls é de esquerda, todo mundo pode ser *[risos]*. É um termo político parlamentar, a esquerda, o centro, a direita. Portanto, nunca usamos essa palavra para nos qualificar. Somos todos de esquerda, mas o jornal não é um jornal de esquerda. Primeiramente, é um jornal – não é um partido. Há pontos de vista que podem ser ligeiramente diferentes, não concordamos sobre tudo. Há desacordos entre nós, por exemplo, sobre o secularismo, sobre o véu *[islâmico]*. Mas são desacordos que não nos impedem de trabalhar juntos. Não é uma linha de partido, mas todos temos sensibilidade de esquerda. Mas o jornal não é de esquerda. Precisa ter essa independência para inclusive criticar a esquerda. Há muitos artigos no *Monde Diplomatique* que são muito críticos da esquerda, ainda que, como disse, não sabemos direito o que isso quer dizer.⁹²¹

Cassen compreende a esquerda como um marco linguístico definido a partir da Revolução Francesa. Na França, considera que, por muito tempo, as polaridades eram claras

⁹¹⁶ Serge Halimi em entrevista à autora, no dia 28 de novembro de 2014.

⁹¹⁷ Serge Halimi em entrevista à autora, no dia 28 de novembro de 2014.

⁹¹⁸ Dominique Vidal em entrevista à autora, no dia 6 de outubro de 2014.

⁹¹⁹ Bernard Cassen em entrevista à autora, no dia 10 de novembro de 2014.

⁹²⁰ Dominique Vidal em entrevista à autora, no dia 6 de outubro de 2014.

⁹²¹ Bernard Cassen em entrevista à autora, no dia 10 de novembro de 2014.

com o bloco conservador e o bloco progressista, donde a esquerda era encarnada principalmente pelo Partido Socialista e pelo Partido Comunista, mas se interroga sobre a existência da esquerda sequer em tempos de fronteiras esfumaçadas:

Após o declínio do Partido Comunista, onde está a esquerda atualmente? Se a esquerda é a social democracia, nós vemos que a social democracia está num impasse total, fazendo a política que fazia a direita e pior. E se a direita tomar o poder fará ainda pior. É um espetáculo desolador. Há um artigo no *Monde Diplomatique*, de setembro ou de outubro [de 2014], de Frédéric Lordon, um autor importante, que diz que a esquerda é a resistência à hegemonia do capital. É uma definição sucinta. Se tomarmos essa definição, o Partido Socialista não é de esquerda. Para qualificar a esquerda, podemos dizer a esquerda radical ou a esquerda de esquerda, encarnada na França por Front de Gauche, o PC, o PG. Mas as fronteiras são terrivelmente esfumaçadas. Se tomarmos a definição a partir do capital, a esquerda não tem muito espaço eleitoralmente. É para mudar. Desse ponto de vista, *Le Monde Diplomatique* faz parte da esquerda da esquerda.⁹²²

Bernard Cassen se refere a um artigo do economista Frédéric Lordon publicado na edição de setembro de 2014, cujo escopo era: a esquerda não pode morrer. Partindo da política francesa, Lordon critica os absurdos e as toxinas destiladas no debate público, por especialistas e editorialistas – e o mais tóxico seria a afirmação, com gravidade profética, do fim das categorias “direita” e “esquerda” e, assim, a *superação* definitiva de sua antinomia política. Critica ainda a remarcação da desconcertante proximidade no discurso “nem direita, nem esquerda” da extrema direita, e no discurso da *superação* das diferenças entre direita e esquerda, do extremo centro.⁹²³ Diz Lordon:

⁹²² Bernard Cassen em entrevista à autora, no dia 10 de novembro de 2014.

⁹²³ LORDON, setembro de 2014, p. 1.

[A esquerda] é uma ideia. Igualdade e democracia real, voilà a ideia que é a esquerda. E é preciso estar cego, intoxicado ou depressivo para se deixar acreditar que essa ideia é passado: não só ela não parou de produzir seus efeitos, como, na verdade, ela só começou. Em suma, ela ainda está inteiramente a entrar na realidade. Restabelecer a polaridade direita-esquerda, contra o veneno da negação, supõe agora esclarecer novamente o que a esquerda significa para circunstanciar um pouco mais precisamente a ideia que ela é em tempos de capitalismo globalizado. Agora essa circunstância se inscreve numa declaração bastante simples: a igualdade e a democracia real não podem ser realizadas se a sociedade é subordinada à influência sem limites do capital – compreendido como uma lógica social e como um grupo de interesse. [...] O capital, a um só tempo compreendido como lógica geral e como grupo social, é uma potência. Mas é uma potência de impulso para prosseguir indefinidamente com sua dinâmica afirmativa se não encontra uma potência mais forte e oposta que determine o contrário – e que a imponha limites.⁹²⁴

Anne-Cécile Robert, por outro lado, questiona se a discussão direita *versus* esquerda ainda é relevante atualmente. Vê *Le Monde Diplomatique* como uma revista de *free-minders*, radicalmente opostos à toda sorte de dominação, de ricos sobre pobres, de brancos sobre negros, de homens sobre mulheres, e assim por diante. “Se isso quer dizer *left-wing*, então, sim, estamos à esquerda”.⁹²⁵ Na mesma linha de Cassen, Robert considera que seria redutor rotular *Le Monde Diplomatique* unicamente como uma revista de esquerda. “É, antes de tudo, um jornal social, de crítica e de liberdade de pensamento. Um jornal muito ligado a certos valores, como a justiça e a solidariedade. Que são, efetivamente, valores de esquerda. Mas que, a meu ver, são maiores que isso”.⁹²⁶ Lembra ainda que *Le Monde Diplomatique* não é ligado a partidos políticos. “Sempre foi um jornal independente”.⁹²⁷

Já Renaud Lambert mescla argumentos de seus companheiros no *Monde Diplomatique* francês. Por um lado, dispõe a revista “indubitavelmente” à esquerda, por posicionar-se, no conflito estrutural entre trabalho e capital, ao lado do trabalho.⁹²⁸ Por outro, propõe não

⁹²⁴ Traduzido do original: “[La gauche] est une idée. Egalité et démocratie vraie, voilà l’idée qu’est la gauche. Et il faut être aveugle, intoxiqué ou bien dépressif pour se laisser aller à croire que cette idée est passée: non seulement elle n’a pas fini de produire ses effets, mais en vérité elle a à peine commencé. Bref, elle est encore entièrement à faire entrer dans la réalité. Rétablir la polarité droite-gauche, contre le poison de la dénégation, suppose alors de mettre au clair à nouveau ce que gauche signifie pour circonstancier un peu plus précisément l’idée qu’elle est à l’époque du capitalisme mondialisé. Or cette circonstance tient en un énoncé assez simple: égalité et démocratie vraie ne peuvent être réalisées quand la société est abandonnée à l’emprise sans limite du capital — compris aussi bien comme logique sociale que comme groupe d’intérêt. [...] Le capital, à la fois compris comme logique générale et comme groupe social, est une puissance. Or il est d’une puissance de poursuivre indéfiniment son élan affirmatif tant qu’elle ne rencontre pas une puissance plus forte et opposée qui la détermine au contraire — et la tient à la mesure” (LORDON, setembro de 2014).

⁹²⁵ Anne-Cécile Robert em entrevista à autora, no dia 4 de fevereiro de 2013.

⁹²⁶ Anne-Cécile Robert em entrevista à autora, no dia 4 de fevereiro de 2013.

⁹²⁷ Anne-Cécile Robert em entrevista à autora, no dia 4 de fevereiro de 2013.

⁹²⁸ Renaud Lambert em entrevista à autora, no dia 2 de outubro de 2014.

reduzir a discussão a tais termos, pois *Le Monde Diplomatique* não seria um jornal de esquerda num horizonte midiático em que certos jornais seriam de direita, mas a maioria seria “neutra”. Lambert não acredita na “neutralidade” da imprensa, pois todas as publicações teriam seus próprios *parti pris* e ideologias, defendidos mais ou menos abertamente – e, nesse contexto, *Le Monde Diplomatique* teria uma visão de mundo marcada em que a estrutura econômica pesa.

Por um lado, Lambert posiciona *Le Monde Diplomatique* à esquerda da esquerda francesa, tal como Cassen – uma questão, na realidade, que ultrapassa o simples e complexo posicionamento do *Monde Diplomatique*: “Se você considerar que o Partido Socialista é a esquerda na França, *Le Monde Diplomatique* está mais à esquerda que o Partido Socialista. Mas há quem se interrogue se o Partido Socialista é a esquerda. Pierre Bourdieu dizia que há uma esquerda da esquerda. Na minha visão, *Le Monde Diplomatique* representa uma esquerda da esquerda”.⁹²⁹ Lambert considera que a revista tenta se desviar de qualquer esquerdismo, não desconfiando *a priori* de “uma esquerda que queira ascender ao poder para mudar o mundo”.⁹³⁰ Por outro, diametralmente diferente de Bernard Cassen e Anne-Cécile Robert, Lambert considera importante a distinção entre direita e esquerda atualmente:

Primeiro, a ideia de que não há mais diferença remete à ideia do “fim da história”, do “fim das ideologias”. Parece-me que quem defende que não há mais diferença entre direita e esquerda se inscreve numa tradição não de esquerda, numa visão liberal do ultrapassar das ideologias. Parece-me que ainda é uma diferença muito importante entre direita e esquerda, no plano econômico mas também no plano social. Uma segunda razão: acredito que, no vocabulário atual, é essa diferença que permite mobilizar a população – e direita e esquerda são ainda palavras carregadas de história e de sentido. São, portanto, palavras úteis.⁹³¹

Maurice Lemoine, por fim, mira mais longe ao refletir sobre a esquerda contemporânea: “Na França? Bom, nós no *Monde Diplomatique* consideramos que, atualmente, a esquerda está na América Latina. Com seus defeitos e seus erros, mas, sim, a esquerda está por lá”.⁹³² Uma esquerda latino-americana que, não é demais lembrar, passou por diversas transformações e momentos-chaves, como a Revolução Cubana e a vitória de Salvador Allende, até as conquistas recentes de líderes tão diferentes quanto Evo Morales e Pepe Mujica. A história da esquerda na América Latina é plural, abrigando um colorido arco

⁹²⁹ Renaud Lambert em entrevista à autora, no dia 2 de outubro de 2014.

⁹³⁰ Renaud Lambert em entrevista à autora, no dia 2 de outubro de 2014.

⁹³¹ Renaud Lambert em entrevista à autora, no dia 2 de outubro de 2014.

⁹³² Maurice Lemoine em entrevista à autora, no dia 27 de novembro de 2014.

de movimentos antiimperialistas, comunistas, nacionalistas, socialdemocratas, guerrilheiros, indígenas, estudantis, feministas e muitos outros.⁹³³

*

Se, como diz Norberto Bobbio⁹³⁴, entre o preto e o branco há o cinza, vale focar os diferentes tons presentes e possíveis num só ponto: a esquerda. Diferentes sensibilidades de esquerda se matizam entre os intelectuais e jornalistas de *Le Monde Diplomatique* na França e na Argentina. Nada, afinal, é simplesmente preto no branco.

Em tempo, um apontamento teórico. Ao longo destas páginas, fiz referência a diversos documentos impressos de *Le Monde Diplomatique*, entre editoriais e artigos que marcam posicionamentos do magazine a respeito da política. Citei ainda diversos depoimentos dos intelectuais e jornalistas de *Le Monde Diplomatique*, colhidos a partir de entrevistas e cafés amigáveis (ou não) que fazem parte tanto de meu *métier* como jornalista quanto como historiadora – depoimentos que mesclam memórias pessoais e opiniões políticas, lembranças importantes para uns e experiências singulares para outros. Vale, portanto, lembrar que a memória, como diz Maurice Halbwachs, se constrói a partir da rememoração, assim não se pode esperar ingenuamente por relatos fidedignos ou *imparciais*, pois o relato corresponde à recomposição de acontecimentos vividos por uma subjetividade, o que implica uma perspectiva e uma interpretação.⁹³⁵ Memórias pessoais, sim, mas que, numa perspectiva de grande angular, compõem uma memória coletiva. E que revelam nuances entre os intelectuais e jornalistas de *Le Monde Diplomatique*.

Destaco três ilustrações de tais nuances. Primeiro ponto, a posição como *outsiders* ou não: os seniores Dominique Vidal e Maurice Lemoine, após décadas no *Monde Diplomatique* francês, se mostraram muito mais francos nas entrevistas. Já aposentados e afastados da redação, os jornalistas, de visões políticas distintas, discutiram diversas questões abertamente – ou, na expressão de Vidal, sem *langue de bois [conversa fiada]*.⁹³⁶

Entre os jornalistas mais jovens agora presentes na redação, como Anne-Cécile Robert e Renaud Lambert, as entrevistas foram indubitavelmente interessantes, mas mais cautelosas ao não explorar muito os conflitos internos da revista. Também fica evidente o fator estar “dentro” do *Monde Diplomatique* nas entrevistas com Carlos Gabetta e Carlos Alfieri.

⁹³³ AGUIRRE, 2013, p. 2.

⁹³⁴ BOBBIO, 2011, p. 54.

⁹³⁵ HALBWACHS, 2006.

⁹³⁶ Dominique Vidal em entrevista à autora, no dia 6 de outubro de 2014.

Gabetta, demitido, revirou a trajetória d'*El Dipló*, de suas iniciais tentativas em Barcelona e depois em Buenos Aires, para, enfim, lamentar um dia desaparecer “de *Le Monde Diplomatique*, como se nunca tivesse participado dessa história”.⁹³⁷ Alfieri, por sua vez, revisitou gentilmente diversas questões, mas se calou diante de uma das perguntas mais importantes: o posicionamento de *Le Monde Diplomatique* diante do governo de Cristina Kirchner, um silêncio revelador das tensões narradas pelo antigo companheiro.⁹³⁸ Por fim, estar “dentro” implica uma posição mais vigilante e com palavras mais meticulosas na hora de discutir *Le Monde Diplomatique* – o que fica mais nítido com os diretores novos, Serge Halimi na França e José Natanson na Argentina. Halimi, breve, mas gentil. Natanson, lacônico e ríspido.

Segundo ponto, é interessante observar como todos os intelectuais e jornalistas ouvidos nesta tese, apesar das diferentes simpatias políticas, dos distintos interesses e dos diversos repertórios, concordam num ponto: identificam-se com a história e a linha editorial de *Le Monde Diplomatique* – e não ocultam a admiração pelo *prestigiado* periódico, primeiro como leitores e depois como jornalistas. Três declarações corroboram essa impressão, entre a deferência e o deslumbre. De Buenos Aires, Alfieri: “[...] Eu era um leitor. Quando vivi na Espanha, lia *Le Monde Diplomatique* da França. Era um leitor aficionado – e não imaginava que ia acabar trabalhando no *Monde Diplomatique*”.⁹³⁹ De Paris, Maurice Lemoine: “Foi uma experiência muito rica. Acredito que nós consideramos assim: todos temos uma vinculação com o jornal pois encontramos no jornal o que estávamos procurando. [...] Nós o buscamos. E em certo momento dissemos: ‘Isso, sim. Isso me corresponde’. Portanto não aconteceu uma reflexão teórica. *Le Monde Diplomatique* foi meu jornal. Um *periódico mío* – como leitor e depois como jornalista”.⁹⁴⁰ Por fim, Renaud Lambert: “Tenho muita sorte de trabalhar no *Monde Diplomatique*. Muita sorte. É um dos poucos lugares onde os jornalistas fazem jornalismo, infelizmente, na França. Também tenho muitas responsabilidades. *Le Monde Diplomatique* é uma redação impressionante, que projeta uma imagem muito positiva da imprensa francesa”.⁹⁴¹ É possível, assim, compreender como a admiração e o sentimento de *pertencer* ao selo *Le Monde Diplomatique* permite abrigar posições por vezes radicalmente diferentes de seus intelectuais, todos à esquerda.

⁹³⁷ Carlos Gabetta em entrevista à autora, no dia 11 de setembro de 2012.

⁹³⁸ Carlos Alfieri em entrevista à autora, no dia 1º de setembro de 2014.

⁹³⁹ Carlos Alfieri em entrevista à autora, no dia 1º de setembro de 2014.

⁹⁴⁰ Maurice Lemoine em entrevista à autora, no dia 27 de novembro de 2014.

⁹⁴¹ Renaud Lambert em entrevista à autora, no dia 2 de outubro de 2014.

Terceiro ponto, portanto, o posicionamento à esquerda pode ser *lido* nas páginas da revista, mas só os depoimentos de seus intelectuais permitiram descobrir e evidenciar os detalhes sobre tal posicionamento e, assim, enriquecer e entrelaçar a discussão sobre o papel dos intelectuais, o papel dos jornalistas e as esquerdas contemporâneas, na França e na América Latina.

Preciso destacar, porém, a ausência de uma voz importante, que muito lamento: a do sociólogo Ignacio Ramonet. Desde fevereiro de 2013, troquei diversas correspondências com o editor, convidando-o para uma entrevista para esta tese. Quase nos encontramos no Rio, nos primeiros dias de maio de 2014. Entre outubro e dezembro de 2014, em Paris, definimos datas possíveis para a entrevista, infelizmente irrealizada. Ramonet vive na França, mas viaja muito devido a seus compromissos como intelectual e como jornalista. No último outono francês, o editor se dividiu seu tempo entre Colômbia, Noruega, Equador, Inglaterra e Venezuela. Em Oslo, participou de uma conferência realizada pelo Latin-Amerikagruppene i Norge, um comitê norueguês de solidariedade à América Latina. Em Londres, encontrou e entrevistou Julian Assange, idealizador do WikiLeaks, refugiado na embaixada equatoriana, para a edição espanhola de *Le Monde Diplomatique*. Ramonet pediu desculpas por adiar os encontros. Diante da impossibilidade incontornável de uma conversa *tête-à-tête*, considerei uma entrevista eletrônica, arquivada por e-mail – e Ramonet se dispôs gentilmente a responder as questões. Até agosto de 2015, não recebi resposta. Lamento, portanto, a ausência de sua voz literal nestas páginas, para além de suas letras impressas no *Monde Diplomatique*.

Entre palavras e páginas, os intelectuais de *Le Monde Diplomatique* defendem ideais como a justiça e a liberdade e defendem a democracia como palco para tal prélio – isto é, os fins e os meios. Mas é preciso matizar a questão sobre *onde* está a esquerda. Ou sobre como argentinos e franceses se entreolham num jogo político de espelhos. No extremo argentino, Carlos Gabetta não camufla a admiração diante dos ideais republicanos prometidos da Revolução Francesa. No polo francês, Maurice Lemoine tampouco oculta o fascínio diante das promissoras iniciativas rebeldes da América Latina. Se Gabetta olha o passado francês, Lemoine olharia o futuro latino-americano? A almejada esquerda estaria “idealizada” apenas no *outro*? Estaria “refletida” no espelho do *outro*?

Nas páginas de *Le Monde Diplomatique* e nas vozes de seus principais intelectuais, a esquerda agora se inquietaria para afastar os fantasmas soviéticos das desilusões comunistas do século XX na Europa, reiterando a necessidade de ascender ao poder por vias democráticas, donde apostaria nas ideias do século XXI simbolizadas por vitórias

impressionantes nas urnas na América Latina. Vozes dissonantes, certamente, mas minimamente afinadas na clave de *Le Monde Diplomatique*.

5.3 IDEALIZAR

É o momento de propor ideias para interpretar as dimensões complexas das relações entre intelectuais e jornalistas no *Monde Diplomatique*, na França e na América Latina. Em outras palavras, é o momento de pôr certos pingos nos is nesta tese.

As relações entre França e América Latina não são de ontem. De um lado, Paris foi laureada capital revolucionária, um farol francês a iluminar alhures os ideais republicanos. Ali se firmaram fontes inspiradoras como a Revolução Francesa, a Comuna de Paris e o Maio de 1968, para as esquerdas mundo afora. De outro lado, as lutas latino-americanas despertaram há tempos esperançosas expectativas ultramarinas, desde a Revolução Cubana de 1959, as guerrilhas e a vitória de Salvador Allende no Chile de 1970. O momento atual, entretanto, é outro: a fim de afastar anacronismos, vale lembrar, o xis da questão discutidas por tais intelectuais não é reviver a euforia revolucionária na América Latina das décadas de 1960 e 1970, mas apostar na esquerda latino-americana pensando como mudar o mundo dentro das regras do jogo democrático.

O historiador Elias Thomé Saliba lembra que flamas românticas foram acesas na época da Revolução Francesa, marcada por mudanças bruscas, medos, expectativas, tensas esperanças e torturantes frustrações. Para Saliba, como todas as utopias, o romantismo se nutriu ao mesmo tempo da *realidade* e da *possibilidade* de uma mudança radical na história.⁹⁴² Se restaram agora apenas cinzas funestas dessas flamas, muito se deve à instrumentalização perversa das utopias românticas, na linha d'os fins a justificar os meios, ao longo da história, levando a um mal-estar no mundo moderno, incapaz de pensar outras alternativas, insensível a ímpetos românticos de invenção utópica.⁹⁴³

Iluminar, portanto, as relações entre França e América Latina não se restringe apenas à singularidade de *Le Monde Diplomatique*, exemplo empírico neste estudo, pois há uma dimensão europeia e latino-americana mais ampla e mais complexa nessas relações. Logo, é possível compreender como os franceses *idealizam* as efervescentes experiências latino-

⁹⁴² SALIBA, 2003, p. 15, grifos do autor.

⁹⁴³ SALIBA, 2003, p. 104.

americanas no século XXI, com o giro à esquerda com as ascensões de Hugo Chávez na Venezuela (1998), Luiz Inácio Lula da Silva no Brasil (2002), Néstor Kirchner na Argentina (2003), Evo Morales na Bolívia (2005), Michelle Bachelet no Chile (2005), Rafael Correa no Equador (2006), Tabaré Vázquez e José Pepe Mujica no Uruguai (2004 e 2009) que, apesar das diferenças de estilos e trajetórias, inclinaram à esquerda seus mandatos presidenciais. Também é possível compreender como os latino-americanos *idealizam* as heranças históricas revolucionárias francesas, pedras fundamentais e vigas-mestras da própria ideia de esquerda – *liberté, égalité, fraternité*, enfim.

Ao versar a expressão “idealizar”, pretendo firmar um termo descritivo, não normativo. Isto é, “idealizar” como conceito para descrever um fenômeno político considerado por outrem como “ideal”, como valor positivo. Tal como o “romantismo” versado por Michael Löwy e Robert Sayre⁹⁴⁴, a expressão “idealizar” pode despertar interpretações negativas, pejorativas, perversas, que a relacionam a certo idealismo, ingenuidade ou imaginação simples. Não é a ideia presente. Idealizar é julgar ideal. Assim, é possível conjugar o verbo transitivo: intelectuais *idealizam* valores como igualdade, justiça e liberdade, jornalista *idealizam* diretrizes como independência, transparência e verdade. São intelectuais idealistas.

Foi preciso propor tal conceito para descrever as relações entre intelectuais franceses e latino-americanos no *Monde Diplomatique*. As ideias de Löwy e Sayre foram certamente essenciais para compreender a aversão dos intelectuais ao capitalismo a partir da dimensão do *romantismo anticapitalista*, compreendida como visão crítica, resposta e recusa às condições de vida na sociedade capitalista moderna.

A *idealização* – ou, como dizem Michael Löwy e Robert Sayre, a “utopização” – do passado é parte integrante da visão romântica.⁹⁴⁵ Para os autores, a perspectiva romântica poderia desempenhar um papel particularmente frutífero no contexto contemporâneo, caracterizado, entre outros matizes, pelo desmoronamento do “socialismo realmente existente”.⁹⁴⁶ Agora, interrogam os intelectuais, é possível uma alternativa à modernidade “realmente existente”? E mais, lançando dados para um futuro pós-capitalista:

⁹⁴⁴ LÖWY, SAYRE, 1993.

⁹⁴⁵ LÖWY, SAYRE, 2015, p. 263-264.

⁹⁴⁶ LÖWY, SAYRE, 2015, p. 266.

Como fugir da lógica binária que nos obriga a escolher entre tradição e modernidade, volta ao passado e aceitação do presente, reação obscurantista e progresso devastador, coletivismo autoritário e individualismo possessivo, irracionalismo e racionalidade tecnoburocrática? *Tertium datur*. Existe outra perspectiva: a superação dialética dessas oposições, rumo a uma *nova cultura* [...]. Essas novas formas se distinguem radicalmente das manifestações pré-capitalistas pela integração de alguns elementos sociais da modernidade.⁹⁴⁷

Uma visão romântica revolucionária está presente, por exemplo, no terceiro-mundismo e na nebulosa do movimento altermundialista, nas vertentes que valorizam culturas pré-capitalistas, campesinas e indígenas. Entretanto, muito embora ali pulse uma verve anticapitalista, especialmente na versão antineoliberal, *Le Monde Diplomatique* não se enquadraria *stricto sensu* no romantismo revolucionário por um fator determinante: não espera um futuro “pré-capitalista”.⁹⁴⁸ Ao contrário, progressista, por vezes almeja e imagina um futuro “pós-capitalista”, considerando tanto revoluções quanto propostas reformistas para tal. Assim, as dimensões coloridas do romantismo revolucionário foram essenciais para a compreensão do jogo de espelhos entre intelectuais franceses e latino-americanos, num certo fascínio no olhar do outro a respeito das experiências e das potencialidades revolucionárias dos dois lados do Atlântico, mas foi preciso avançar na crítica sociológica de Löwy e Sayre. Idealizar, portanto, é ver refletido no espelho do outro um ideal a realizar, um farol, uma luz, um norte, uma utopia.

Le Monde Diplomatique, ponderei páginas atrás, pode ser lido como um projeto editorial e como um projeto político. Dialoga com diversas tradições da esquerda, do terceiro-mundismo ao pós-modernismo, integrando pilares da Internacional Socialista, do marxismo e da nebulosa altermundialista. Idealiza linhas editoriais, pautadas por diretrizes como a perspectiva crítica e a independência. Idealiza linhas políticas, direcionadas por valores como justiça e liberdade, contra o imperialismo e contra o neoliberalismo. Assim pretende firmar sua singularidade ou, na diletta expressão francesa, sua *manière de voir*.

Noutro momento valeria certamente, no imenso arquivo de *Le Monde Diplomatique* e suas diversas edições internacionais, investigar como outras questões foram abordadas por seus intelectuais e jornalistas. Questões específicas como o governo de François Mitterand ou o golpe de Augusto Pinochet, movimentos indígenas ou manifestações estudantis, cultura campesina, conquistas feministas ou influência intelectual do pensamento marxista e assim por diante. Em outras palavras, o arquivo histórico desengatilha um efeito *matrioska*, em que

⁹⁴⁷ LÖWY, SAYRE, 2015, p. 267.

⁹⁴⁸ LÖWY, SAYRE, 2008.

uma só questão se desdobra em muitas mais. Valeria para estudos posteriores, pois, investigar outros casos específicos para problematizar como *Le Monde Diplomatique* compreende a história e o tempo presente. E, no limite, como *idealiza* determinadas questões vibrantes que, no fundo, se relacionam à premissa principal: como mudar o mundo.

5.4 DO TEMPO PRESENTE

Tempos *fraturados*, escreveu Eric Hobsbawm em 2011, aos 94 anos, um réquiem para o papel e o paradoxo dos intelectuais no século XXI.

Tempos *indignados*, propôs Stéphane Hessel em 2010, aos 93 anos, um manifesto para a indignação como impulso para a militância política contemporânea.

Entre Hobsbawm e Hessel, uma última questão: qual é o papel possível dos intelectuais no tempo presente?

*

Em fevereiro de 2011, última edição d'*El Dipló* a compor o *corpus* deste estudo, Ignacio Ramonet escreveu sobre o livro e a vida de Stéphane Hessel, esta última, na expressão do editor, um *fabuloso romance*.⁹⁴⁹

Filho da jornalista Helen Grund e do escritor Franz Hessel, que inspiraram personagens de *Jules et Jim* de François Truffaut, na atmosfera artística da Paris da década de 1920 e 1930, Stéphane Hessel cresceu ao lado de amigos como o filósofo Walter Benjamin e o dadaísta Marcel Duchamp. Na Segunda Guerra Mundial, Hessel se alistou na resistência e, em Londres, se uniu ao pelotão do general De Gaulle, que lhe confiou uma perigosa missão no território francês. Preso pelos nazistas, torturado e levado ao campo de concentração de Buchenwald, de onde conseguiu escapar mais de uma vez. Preso novamente, foi condenado à forca, mas conseguiu escapar roubando a identidade de um morto. Uniu-se à Libertação da França e, mais tarde, após a vitória, foi encaminhado por De Gaulle às Nações Unidas, em Nova York, onde, aos 20 e poucos anos, participou da elaboração da Declaração Universal dos Direitos Humanos. Lembrado por Ramonet como um diplomata nobre e “persistente

⁹⁴⁹ RAMONET, fevereiro de 2011.

defensor das causas justas”, Hessel, de volta a Paris, dedicou seus últimos anos à defesa dos *sans-papiers*, dos imigrantes e dos ciganos. Conquistou as páginas do *Monde Diplomatique* após a publicação do pequeno livro *Indignez-vous!*, um panfleto político de 30 páginas que se tornou um “excepcional êxito editorial”, graças, principalmente, à difusão nas mídias sociais.⁹⁵⁰

Diz Hessel no livreto: “O motivo de base da Resistência era a indignação. Nós, veteranos dos movimentos de resistência e das forças combatentes da França livre, chamamos as jovens gerações a fazer viver, transmitir, a herança da Resistência e seus ideais. Nós lhes dizemos: posicionem-se, indignem-se! Os responsáveis políticos, econômicos, intelectuais e o conjunto da sociedade não devem se abster, nem se deixar impressionar pela atual ditadura internacional dos mercados financeiros que ameaçam a paz e a democracia. Desejo a todos, a cada um de vocês, para ter seus motivos de indignação. Isso é precioso”.⁹⁵¹

Ramonet diz que Hessel inflou milhares com esperanças. Em questão de semanas, o livro, vendido a 3 euros, disseminou mais de 650 mil exemplares. O editor evoca Balzac ao dizer que o panfleto é “o sarcasmo transformado em bala de canhão”. Adiciona Hessel que “a indignação é a pólvora de toda explosão social”.⁹⁵² Os motivos de indignação seriam muitos, sobretudo atualmente: além da natureza do sistema econômico, a crise e a desigualdade galopante entre os despossuídos e os todos poderosos. Hessel pede para lembrar os legados de Nelson Mandela e Martin Luther King e, ao fim, defende uma “insurreição pacífica” contra a mídia amarrada ao poder do dinheiro, que advogaria apenas o consumo, a competitividade e a amnésia generalizada.⁹⁵³

De fato, o livro de Hessel se tornou um fenômeno, num marco de simultâneas, mas repentinas, diferentes e independentes explosões de movimentos, como o Occupy Wall Street, os indignados espanhóis, os estudantes chilenos e os levantes franceses, entre outros – um novo capítulo na trilha de Seattle e Porto Alegre? E se esse pequeno livro pôde traduzir a “indignação” – ou a “digna raiva” para os zapatistas, lembra Michael Löwy⁹⁵⁴ – como o

⁹⁵⁰ RAMONET, fevereiro de 2011.

⁹⁵¹ Traduzido do original: “*Le motif de base de la Résistance était l’indignation. Nous, vétérans des mouvements de résistance et des forces combattantes de la France libre, nous appelons les jeunes générations à faire vivre, transmettre, l’héritage de la Résistance et ses idéaux. Nous leur disons: prenez le relais, indignez-vous! Les responsables politiques, économiques, intellectuels et l’ensemble de la société ne doivent pas démissionner, ni se laisser impressionner par l’actuelle dictature internationale des marchés financiers qui menace la paix et la démocratie. Je vous souhaite à tous, à chacun d’entre vous, d’avoir votre motif d’indignation. C’est précieux*” (HESSEL, p. 3)

⁹⁵² RAMONET, fevereiro de 2011.

⁹⁵³ RAMONET, fevereiro de 2011.

⁹⁵⁴ Michael Löwy em entrevista à autora, publicada no dia 29 de dezembro de 2013 no caderno *Aliás*, d’*O Estado de S. Paulo*.

zeitgeist, nosso espírito de época, também nos convida a repensar as relações entre intelectuais e o mundo contemporâneo.

Os protestos populares apareceram, criticaram as contradições do sistema capitalista e desapareceram, deixando rastros, porém, na história do tempo presente. Para o historiador Perry Anderson, é preciso considerar três fatores principais para compreender tais movimentos. Primeiro, a ruptura da continuidade na cultura de esquerda com o triunfo do capitalismo pós-Guerra Fria. Segundo, o declínio, nos mais diversos países, dos partidos como forma clássica de organização política, o que agrava essa ruptura. Terceiro, o advento e a consolidação da internet, que permitiu a mobilização veloz de muitos indivíduos antes dispersos. No entanto, justamente por permitir essa explosão tão rápida nos momentos de crise, a internet acaba desencorajando o trabalho mais lento e mais difícil de criar movimentos políticos com estrutura e organização mais duradouras.⁹⁵⁵

Trago à baila tal discussão pois *Le Monde Diplomatique*, nas palavras de seus intelectuais e jornalistas, pretende compreender e fazer compreender. Decifrar um mundo cada vez mais indecifrável. Discussão que carrega, no fundo, um questionamento de Jean-François Sirinelli, para além da história dos intelectuais: “Por que algumas ‘ideologias’ – ao mesmo tempo princípios de inteligibilidade e elementos de identidade para os intelectuais – se aclimatam no meio intelectual, adquirem vigor em certos terrenos e se enfraquecem em outros momentos? Quais são as causas das grandes transumâncias ideológicas? Estas perguntas são essenciais mas ultrapassam os limites da história dos intelectuais”.⁹⁵⁶ Na mesma linha, mas na direção oposta, é preciso questionar a “descida” das ideias das cúpulas da *intelligentsia* até a sociedade civil.⁹⁵⁷ Discussão que desenlaça, na verdade, elos de uma mesma corrente: a crítica ao capitalismo neoliberal presente nas palavras de muitos intelectuais, nas páginas de *Le Monde Diplomatique* e suas edições internacionais e, ao mesmo tempo, nas ruas e nos parques ocupados por movimentos agora revigorados.

Assim, para além da história dos intelectuais de *Le Monde Diplomatique*, pulsa aí um exercício possível para a história das ideias, a história das ideologias e a história das mentalidades. Um exercício de histórias cruzadas⁹⁵⁸, construindo pontes entre França e Argentina, América Latina. Um exercício, principalmente, de história do tempo presente.

⁹⁵⁵ Perry Anderson em entrevista à autora, publicada no dia 3 de novembro de 2013 no caderno *Aliás*, d’*O Estado de S. Paulo*.

⁹⁵⁶ SIRINELLI, 2003, p. 258.

⁹⁵⁷ SIRINELLI, 2003, p. 259.

⁹⁵⁸ Nos últimos 20 anos, condições, contextos e ideias a partir das quais a análise histórica é produzida passou por profundas mudanças. Por fora: o contexto político, marcado pelo fenômeno da globalização. Por dentro: o desenvolvimento interno desse campo intelectual, que teve ênfase a virada culturalista contribuindo para refinar

Quis cruzar as histórias entre França e Argentina, perpassando de um lado a outro, destacando pontos de encontro, intersecções e interações, como postulam Michael Werner e Bénédicte Zimmermann, nas reflexividades de um jogo de duplo espelho.⁹⁵⁹ As relações, assimétricas certamente, entre intelectuais argentinos e franceses revelam, a um só tempo, um micro-universo singular de *Le Monde Diplomatique*, que se verte a uma macrodimensão europeia e latino-americana mais ampla e mais complexa nessas inextricáveis interrelações.

Discutindo a história do tempo presente, Jean-Pierre Rioux destaca como jornalistas e historiadores ficam lado a lado na construção dessa história, mas com horizontes distintos. Para Rioux, o jornalista, nos papéis de repórter ou de redator, escreveria o efêmero, fadado ao “esquecimento”; o historiador, por sua vez, buscaria inserir o acontecimento singular dentro de um tempo significativo, tentando distinguir o perdurável no efêmero.⁹⁶⁰ Não diria uma definição justa. Se há historiadores e historiadores, também há jornalistas e jornalistas.

É verdade que, ainda atualmente, muitos jornalistas, dentro e fora da mídia *mainstream*, se iludem com certo glamour e ares de intelectualidade da profissão. Entretanto, é preciso considerar que há, sim, experiências editoriais interessantes vigentes, que escapam aos manuais de redação e de estilo, como *Le Monde Diplomatique*. Há, ainda, jornalistas que *idealizam*, isto é, julgam ideal determinadas linhas editoriais, muito simples, como o compromisso com a verdade. Há táticas possíveis – e, quanto ao leitor, para lembrar Michel de Certeau, “é sempre bom recordar que não se devem tomar os outros por idiotas”.⁹⁶¹

Nunca foi fácil, mas talvez nunca foi tão difícil fazer jornalismo. Nessas artes de fazer, porém, é verdade que, dentro e fora dos moldes da grande imprensa, às vezes as ideias se encontram imersas nas ilusões perdidas com a crise do jornalismo e os tristes “passaralhos” redações adentro. Num tempo em que cartas deram lugar a e-mails. Num tempo em que sabatinas, rodas culturais, cafés filosóficos deram lugar a reuniões oficiais e officiosas e fechamentos burocráticos em redações minguadas. Num tempo em que muitas manifestações só se *realizam* como manifestos marcados no Facebook, palco protagonizado por pretensos ases da política e paladinos do jornalismo. Num tempo em que os intelectuais, onde estão? À

a compreensão de diferentes sociedades. Na família das perspectivas relacionais na história, há abordagens comparativas (agora designadas histórias conectadas) e estudos de transferência (agora histórias compartilhadas), que pretendem examinar ligações entre diferentes formações constituídas historicamente. A história cruzada, porém, pretende compreender novos fenômenos, explorando questões mas amplas e ultrapassando limites e impasses impostos pelos outros métodos. Segundo Michael Werner e Bénédicte Zimmermann, as histórias cruzadas se dedicam a pontos de intersecções em que os acontecimentos impactam, em diferentes níveis, os elementos presentes, de acordo com as resistências, permeabilidades e maleabilidades. Cf. WERNER, ZIMMERMANN, 2006.

⁹⁵⁹ WERNER, ZIMMERMANN, 2003.

⁹⁶⁰ RIOUX, 1999, p. 120-121.

⁹⁶¹ CERTEAU, 2012, p. 248.

ideia de intelectual engajado e altruísta só restou a gaveta do passado, como arquétipo de intelectual ingênuo e quixotesco? Vale agora apenas o *scholar* contemporâneo, de all star ou de paletó com cotoveleira de camurça, desvinculado de quaisquer compromissos sociais ou, ainda, do mundo real? Num tempo estilhaçado que abre brechas para suspirar momentaneamente certo otimismo com multidões nas ruas reivindicando mudanças, minorias antes silenciadas bradando a plenos pulmões, jornalistas e intelectuais no *front*, hábeis para se livrar das pressões arteriais do sistema e fazer pulsar ali um jornalismo diferente, mas a um só tempo, um tempo cujo pessimismo asfixia as ideias, amarra as palavras e às vezes corrompe o próprio ofício dos jornalistas, desanima a inteligência e a imaginação dos intelectuais, entretém, aliás, anestesia multidões com uma tempestade torrencial de imagens e mais imagens. Nessa ampulheta alucinada, qual é o papel dos jornalistas? E qual é o papel possível dos intelectuais? Estas são questões prementes do tempo presente. Às quais não posso responder inteiramente, mas sinto que é meu dever formulá-las.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Do lado de lá, Paris: *Le Monde Diplomatique* foi fundado em maio de 1954, buscando preencher um espaço editorial especialmente dedicado à política internacional. De simples suplemento diplomático do diário *Le Monde*, *Le Monde Diplomatique* conquistou sua independência editorial a partir de 1973 e sua independência econômica a partir de 1990, consolidou suas diretrizes políticas declaradamente antiimperialistas e antineoliberais – graças às direções do jornalista francês Claude Julien e do sociólogo espanhol Ignacio Ramonet. Nos 2000, o magazine alastrou suas ideias críticas contra o “pensamento único” sob a égide do capital, firmando-se no painel da imprensa internacional e estimulando a fundação de diversas edições estrangeiras, muitas na América Latina.

Do lado de cá, Buenos Aires: *Le Monde Diplomatique* ali aportou em julho de 1999, graças à insistente iniciativa do jornalista argentino Carlos Gabetta, ex-militante do Ejército Revolucionario del Pueblo exilado na capital francesa na década de 1970, que dirigiu *El Dipló* até 2011. As páginas platinas se tornaram referência importante durante as convulsões sociopolíticas que estremeceram a realidade argentina atrapada por uma severa crise econômica, com uma dívida externa estratosférica e uma política interna instável e implosiva. Na época, diferentes avatares irromperam no território latino-americano, entre brados bolivarianos, marchas (neo)zapatistas e um antigo tango versado na clave kirchnerista, que um dia se afinaram no afã de “outro mundo possível” na cidade de Porto Alegre.

Nesta tese, quis explorar essas trilhas, buscando compreender historicamente as relações dos intelectuais franceses e argentinos imbricados nas prestigiadas páginas de *Le Monde Diplomatique* e na sua versão latino-americana cardinal, *El Dipló*. Explorar, como disse diversas vezes, um jogo de espelhos, um reflexo de ideias, um colorido caleidoscópio, enfim, uma *rayuela* de Cortázar.⁹⁶² Cruzei referências teóricas, posicionamentos de *Le Monde Diplomatique* (expressos nas páginas e nas palavras de seus principais intelectuais, num arsenal de argumentos e arcabouços teóricos diversos) e intervenções minhas para compreender tal vaivém: de um lado, jornalistas argentinos, admiradores da intelectualidade

⁹⁶² Um dos maiores romances do *boom* latino-americano, o livro *Rayuela*, do escritor Júlio Cortázar (1914-1984), entrelaça duas dimensões: do lado de lá, Paris; do lado de cá, Buenos Aires. Nascido em Bruxelas, Cortázar viveu em Buenos Aires e morreu em Paris. Além de seus diversos méritos literários, *Rayuela* é um livro que desperta – e por isso a breve citação nesta tese – uma sensibilidade ao outro, de uma busca que não nasce na consciência da plenitude, mas no sentimento de dolorosa ausência: *yo soy otro*, ou *je suis autre* – ou, em bom português, eu sou outro.

francesa simbolizada por *Le Monde Diplomatique*; de outro, intelectuais franceses, entre entusiasmo e encantamento endereçado à política latino-americana, principalmente neste início de século XXI. Diria que, num apontamento antropológico simples, talvez contrariando a sátira sartriana d'o inferno são os outros, nas tais relações de alteridade entre intelectuais argentinos e franceses, a grama do vizinho é, sim, mais verde.

Entre magazine de atualidades e *revue* acadêmica, entre jornal alternativo e revista intelectual, *Le Monde Diplomatique* é um impresso de muitas letras miúdas, belas ilustrações e raras fotografias, ocupando cerca de 40 páginas com artigos e ensaios longos, marcados por muitas notas, cronologias, dossiês, glossários, índices e referências bibliográficas, com um discurso intelectual e, poderia dizer, intelectualizante. Enquanto campo intelectual, além do núcleo duro na redação, ao redor de *Le Monde Diplomatique* orbitam diversos satélites independentes, como políticos, militantes, jornalistas, ativistas, acadêmicos – nessas constelações, certas *estrelas* intelectuais independentes, como Eric Hobsbawm e Pierre Bourdieu, entre outros. *Le Monde Diplomatique* endereça suas críticas sobretudo ao imperialismo e ao capitalismo neoliberal. Entre linhas editoriais e políticas, a revista molda um espaço privilegiado para discussões intelectuais e questões do tempo presente. Neste prisma, há certas considerações a assinalar.

Primeiro, a dimensão desse magazine *très français*. Além de sua gênese “*diplomatique*”, à revista é atribuída, por seus próprios intelectuais franceses, como Anne-Cécile Robert, Dominique Vidal e Serge Halimi, uma vocação internacional, compreendida como expressão da cultura francesa da universalidade, uma vez atenta ao que acontece nos países “esquecidos” pela imprensa *mainstream*. Tal universalidade conferiria status de seriedade e de prestígio ao magazine, que assim atrairia jornalistas e intelectuais de diferentes países para assinar a edição francesa, mas talvez também para iniciar uma edição própria *chez-eux*. Ou, como poetizaria Dominique Vidal, o desejo de ter uma edição própria da revista partiria dos “herdeiros” do Maio de 1968 espalhados pelo mundo, desejosos por participar da difusão de suas ideias e de sua visão de mundo: uma *manière de voir* singular, como frisei noutras passagens.

Segundo ponto, o papel dos jornalistas. Intelectuais presentes no *Monde Diplomatique* mundo afora atribuem ao jornalista o dever de informar criticamente – e informar-se implica, na interpretação forjada por Ignacio Ramonet, uma atividade produtiva, impossível de se realizar sem esforço ou sem mobilização intelectual: informar-se *cansa*. Assim, a matriz francesa justifica as pensatas longas, a fim de abarcar contextos históricos mais longínquos, tramas socioculturais, políticas e econômicas para compreender a complexidade de um

acontecimento contemporâneo – e se assim define o papel da imprensa, também lança diversas críticas à mídia *mainstream* por não cumprir tais prerrogativas. Esta é a linha-mestra, a singularidade pretendida pela matriz francesa, a qual as edições estrangeiras, como a argentina, pretendem perseguir.

Terceiro, os encontros e os desencontros entre intelectuais de *Le Monde Diplomatique* na França e na Argentina. Os encontros, mais evidentes: o posicionamento crítico diante de um contexto contemporâneo emoldurado pelo imperialismo e pelo capitalismo neoliberal, que encontram expressão, por exemplo, nas intervenções norte-americanas após 11 de Setembro e nos impactos da crise financeira internacional que se deflagrou a partir de 2008 – um posicionamento crítico que, vale lembrar, se traduziu em certos momentos em superotimismo em relação aos novos movimentos sociais e, principalmente, à nebulosa altermundialista. Os desencontros, por sua vez, mais latentes: os distintos olhares diante da ascensão de novos governos latino-americanos na virada para o presente século – e, no *affaire* argentino, atravessados por dois eixos, Néstor Kirchner e Juan Domingo Perón, isto é, a discussão sobre a dimensão política populista de certos governantes. De um lado, jornalistas franceses, como Dominique Vidal, Maurice Lemoine e Renaud Lambert, admitem que a gazeta francesa não dedica tanta ênfase à realidade argentina justamente por não compreender o “enigma” peronista. De outro, Carlos Gabetta, crítico à herança peronista e às diretrizes políticas da presidente Cristina Kirchner, se despediu d'*El Dipló* após desentendimentos com o empresário kirchnerista Hugo Sigman, da editora Capital Intelectual, que detém os direitos autorais de *Le Monde Diplomatique* na Argentina – e se despediu, lamentou, sem expressões de solidariedade de seus amigos franceses. Tal ruptura marca uma questão maior.

Quarto ponto, portanto, o papel dos intelectuais. No mundo das palavras ideais, intelectuais de *Le Monde Diplomatique* na França e na Argentina arrogam ao intelectual o dever da crítica à realidade, independente ou, como postulava Claude Julien, irreverente ao poder. No mundo da práxis, porém, é possível destacar discordâncias sobre os limites do engajamento e do envolvimento político, o que fica evidente com questões delicadas como o endosso enérgico de certos jornalistas franceses como Bernard Cassen, Ignacio Ramonet e Maurice Lemoine a líderes latino-americanos como Hugo Chávez e Fidel Castro. A partir daí se polarizam diferentes posicionamentos dentro de *Le Monde Diplomatique* a respeito das relações entre os intelectuais e o poder protagonizado pela esquerda: ou um certo distanciamento dos intelectuais, como observadores do presente; ou um compromisso mais forte, marcando posição de um lado da trincheira na batalha de ideias, ainda que às custas de um silêncio diante de críticas possíveis, necessárias ou, no mínimo, esperadas.

Quinto, por fim, as esquerdas. Diversas são as sensibilidades de esquerda dentro de *Le Monde Diplomatique* na França e na Argentina. Há divergências entre os jornalistas e intelectuais, inclusive, sobre a definição declarada de *Le Monde Diplomatique* como uma revista “de esquerda” e sobre a legitimidade da distinção entre esquerda e direita na atualidade. Entretanto, apesar das dissensões, para os intelectuais de *Le Monde Diplomatique*, a esquerda defende ideais como justiça e liberdade, devendo ter a democracia como palco político – e estaria buscando afastar o fantasma do passado soviético e, neste contexto, apostaria no presente latino-americano.

Abre-se com a chave sobre *onde* está a esquerda o *coeur* desta tese: as relações espelhadas entre intelectuais franceses e argentinos de *Le Monde Diplomatique*.

Do lado de lá, Paris: intelectuais não ocultam certo fascínio, entre êxtase e esperança, diante do laboratório latino-americano, onde efervesceria uma experiência da esquerda no poder que lança dados para o futuro. Do lado de cá, Buenos Aires: outros intelectuais dedicam certo prestígio à herança histórica francesa, alvitando os ideais revolucionários, *liberté, égalité, fraternité*, enfim, de uma esquerda que invoca ecos do passado.

Questionei, noutras passagens, se assim a esquerda estaria “idealizada” somente no *outro*? Teria reflexo apenas no espelho do *outro*? Para responder tais questões, cunhei a expressão “idealizar” para descrever as relações entre intelectuais franceses e argentinos no *Monde Diplomatique*, isto é, para descrever um fenômeno político considerado por outrem como “ideal”.

Um jogo de espelhos estilhaçados, com reflexos incontornavelmente imperfeitos. E *Le Monde Diplomatique*, se é preciso lembrar, está longe de ser um periódico perfeito. É, aliás, incontornavelmente imperfeito, um campo intelectual com suas tensões, sensibilidades, simpatias de ordem ideológica, filosófica e política, itinerários de diferentes dimensões, amizades e animosidades. Apesar de seus intelectuais penderem à esquerda, quais esquerdas almejam são outros quinhentos. Assim, entre Paris e Buenos Aires, *Le Monde Diplomatique*. Entre o preto e o branco, o cinza. Entre o passado e o futuro, pois, o presente.

ÚLTIMAS PALAVRAS

Li *Le Monde Diplomatique* pela primeira vez em Porto Alegre, num contexto que não poderia ser mais “romântico”: ao pôr do sol no acampamento internacional da juventude, diante do filme *Diários de Motocicleta* – Gael García Bernal incorporando a ternura de Ernesto Che Guevara –, ao lado de milhares de jovens cujas aspirações não mais se enquadrariam nas páginas de um caderno do terceiro mundo, mas de outro mundo, isto é, num desejo romântico (*lato sensu*) e revolucionário de escrever uma história possível. Tempos depois, li *Le Monde Diplomatique* em Buenos Aires, Paris e São Paulo, com outros olhos. Vi, sobretudo, o desafio delicado de trazer as páginas da revista, tão palpitantes, para o ateliê do historiador. Como compreender um presente tão fugaz, mas tão arraigado na história? É preciso distância, dirão, para garantir independência científica – e que distanciamento é possível? Não pertence o historiador ao presente, mas escrevendo sobre o passado?

Nestas linhas finais, uma pequena consideração como jornalista e como historiadora. Do *métier* jornalístico, alvo de diversas críticas, umas justas, outras não, só queria dizer que é preciso resistir. Que, sim, é possível realizar um jornalismo diferente, digno, livre, que perdure nesses tempos fragmentados. Do mister historiográfico: sim, é mais delicado abordar temas extremamente contemporâneos do ponto de vista da história – delicado, mas não impossível. Críticas virão, e para enfrentá-las é preciso dedicar redobrado rigor ao se aventurar nas investigações desses tempos presentes. No fim, jornalistas e historiadores do presente, estamos na chuva.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRAMO, Cláudio. *A regra do jogo: o jornalismo e a ética do marceneiro*. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

ADORNO, Theodor; HORKHEIMER, Max. *Dialética do esclarecimento: fragmentos filosóficos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1985. Traduzido por Guido A. de Almeida.

AGRIKOLIANSKY, Eric; FILLIEULE, Olivier; MAYER, Nonna (Orgs.). *L'altermondialisme en France: la longue histoire d'une nouvelle cause*. Paris: Flammarion, 2005.

_____. “Aux origines de l'altermondialisme français”. In: AGRIKOLIANSKY, Eric; FILLIEULE, Olivier; MAYER, Nonna (Orgs.). *L'altermondialisme en France: la longue histoire d'une nouvelle cause*. Paris: Flammarion, 2005, p. 12-42.

_____. “Du tiers-mondisme à l'altermondialisme: Genèse(s) d'une nouvelle cause”. In: AGRIKOLIANSKY, Eric; FILLIEULE, Olivier; MAYER, Nonna (Orgs.). *L'altermondialisme en France: la longue histoire d'une nouvelle cause*. Paris: Flammarion, 2005, p. 43-73.

_____. “El activismo altermundialista en Europa”. In: *Revista de Sociología*. Santiago: Facultad de Ciencias Sociales, Universidad de Chile, n.º 25, 2011, p. 139-161.

AGUIRRE, Carlos (Org.). *Militantes, intelectuales y revolucionários: ensayos sobre marxismo e izquierda en América Latina*. Raleigh: Editorial A Contracorriente, 2009.

_____. “Cultura política de izquierda y cultura impresa en el Perú contemporáneo (1968-1990): Alberto Flores Galindo y la formación de un intelectual público”. In: _____. *Militantes, intelectuales y revolucionários: ensayos sobre marxismo e izquierda en América Latina*. Raleigh: Editorial A Contracorriente, 2009, p. 297-327.

ALBERTI, Verena. *Manual de história oral*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

_____. “Fontes orais: histórias dentro da História”. In: PINSKY, Carla Bassanezi. *Fontes Históricas*. 3ª edição. São Paulo: Contexto, 2005, p. 155-202.

ALTAMIRANO, Carlos (Org.). *Historia de los intelectuales en América Latina: los avatares de la 'ciudad letrada' en el siglo XX*. Buenos Aires: Katz Editores, 2010.

_____. “Ideias para um programa de história intelectual”. In: *Tempo Social*. São Paulo: Universidade de São Paulo, v. 19, n.º 1, julho de 2007, p. 9-17.

ANDERSON, Perry. *A crise da crise do marxismo*. 2ª edição. São Paulo: Brasiliense, 1985. Traduzido por Denise Bottmann.

_____. *Espectro: da direita à esquerda no mundo das ideias*. São Paulo: Boitempo Editorial, 2012. Traduzido por Fabrizio Rigout e Paulo Cesar Castanheira.

_____. *O fim da história: de Hegel a Fukuyama*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1992. Traduzido por Álvaro Cabral.

AQUINO, Maria Aparecida de. *Censura, imprensa e Estado autoritário (1968-1968): O Estado de S. Paulo e Movimento*. Bauru: EDUSC, 1999.

ARON, Raymond. *O ópio dos intelectuais*. Brasília: Editora UnB, 1980. Traduzido por Yvonne Jean.

BAUDRILLARD, Jean. *A sociedade de consumo*. Lisboa: Edições 70, 1991.

BENDA, Julien. *A traição dos intelectuais*. São Paulo: Editora Peixoto Neto, 2007. Traduzido por Paulo Neves.

BENJAMIN, Walter. *Obras escolhidas: magia e técnica, arte e política: ensaios sobre a literatura e a história da cultura*. 7ª Ed. São Paulo: Brasiliense, 1994. Traduzido por Sergio Paulo Rouanet.

BERNSTEIN, Eduard. *Socialismo evolucionário*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, Instituto Teotônio Vilela, 1997. Traduzido por Manuel Teles.

BERSTEIN, Serge; MILZA, Pierre. *História do século XX: 1945-1973: o mundo entre a guerra e a paz*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2007.

_____. *História do século XX: De 1973 aos dias atuais: A caminho da globalização e do século XXI*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2007.

_____. “Os partidos”. In: RÉMOND, René (Org.). *Por uma história política*. 2ª edição. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003, p. 57-97. Traduzido por Dora Rocha.

BERUTTI, Flávio Costa; FARIA, Ricardo de Moura; MARQUES, Adhemar Martins (Orgs.). *História contemporânea através de textos*. São Paulo: Contexto, 2005.

_____; _____; _____ (Orgs.). *História do tempo presente*. São Paulo: Contexto, 2007.

BLOCH, Marc. *Apologia da história: ou o ofício do historiador*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001. Traduzido por André Telles.

BOBBIO, Norberto. *Direita e esquerda: razões e significados de uma distinção política*. São Paulo: Editora Unesp, 2011. Traduzido por Marco Aurélio Nogueira.

_____. *Nem com Marx, nem contra Marx*. São Paulo: Editora Unesp, 2006. Traduzido por Marco Aurélio Nogueira.

_____. *Os intelectuais e o poder: dúvidas e opções dos homens de cultura na sociedade contemporânea*. São Paulo: Editora Unesp, 1997. Traduzido por Marco Aurélio Nogueira.

BOURDIEU, Pierre. *As regras da arte: gênese e estrutura do campo literário*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996. Tradução de Maria Lucia Machado.

_____. *O poder simbólico*. 5ª edição. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002. Traduzido por Fernando Thomaz.

_____; CHARTIER, Roger. *O sociólogo e o historiador*. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2011. Traduzido por Guilherme João de Freitas Teixeira.

- BURKE, Peter. *Sociologia e história*. 2ª edição. Porto: Edições Afrontamento, 1980.
- CAIRO, Luiz Roberto; RAPUCCI, Cleide Antonia; SIMÕES JUNIOR, Álvaro Santos (Orgs.). *Intelectuais e imprensa: aspectos de uma complexa relação*. São Paulo: Editora Nankin, 2009.
- _____. “Periódicos brasileiros e instinto de americanidade”. In: _____; RAPUCCI, Cleide Antonia; SIMÕES JUNIOR, Álvaro Santos (Orgs.). *Intelectuais e imprensa: aspectos de uma complexa relação*. São Paulo: Editora Nankin, 2009, p. 45-52.
- CAPELATO, Maria Helena Rolim. *Imprensa e história do Brasil*. 2ª edição. São Paulo: Contexto/EDUSP, 1994.
- _____. *Multidões em cena: propaganda política no varguismo e no peronismo*. São Paulo: Editora Unesp, 2009.
- _____; PRADO, Maria Ligia Coelho. *O bravo matutino: imprensa e ideologia no jornal O Estado de S. Paulo*. São Paulo: Alfa-Omega, 1980.
- _____. “Populismo latino-americano em discussão”. In: FERREIRA, Jorge (Org.). *O populismo e sua história*. 3ª edição. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013, p. 125-165.
- CARNEIRO, Maria Luiza Tucci. *Minorias silenciadas*. São Paulo: EDUSP/Imprensa Oficial do Estado, 2002.
- CASSEN, Bernard et. all. (Orgs.). *Vincennes ou le désir d'apprendre*. Paris: Éditions Alain Moreau, 1979.
- _____. “Comment le PC sauva Vincennes”. In: DIJAN, Jean-Michel (Org.). *Vincennes, une aventure de la pensée critique*. Paris: Flammarion, 2009, p. 26-45.
- _____. “Une rame de métro en mouvement/An underground train in motion”. In: CASSEN, Bernard et. all. *Voix rebelles du monde/Rebel voices of the world*. Forcalquier: HB Editions/Attac, 2007.
- CASTAÑEDA, Jorge. *A utopia desarmada*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994. Traduzido por Eric Nepomuceno.
- CATTARUZZA, Alejandro. “Qué historias serán las nuestras? Visiones del pasado y tradiciones nacionales en el Partido Comunista Argentino”. In: AGUIRRE, Carlos. *Militantes, intelectuales y revolucionários: ensayos sobre marxismo e izquierda en América Latina*. Raleigh: Editorial A Contracorriente, 2009, p. 353-385.
- CERTEAU, Michel de. *A cultura no plural*. Campinas: Papyrus, 1995. Traduzido por Enid Abreu Dobránszky.
- _____. *A escrita da história*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982. Traduzido por Maria de Lourdes Menezes.
- _____. *A invenção do cotidiano: artes de fazer*. 20ª edição. Petrópolis: Vozes, 2012. Traduzido por Ephraim Ferreira Alves.

_____. “A operação histórica”. In: LE GOFF, Jacques; NORA, Pierre (Org.). *História: novos problemas*. 2ª edição. Rio de Janeiro: Francisco Alves Editora, 1979. Traduzido por Theo Santiago.

CHALIAND, Gérard. *Mitos revolucionários do Terceiro Mundo*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1977. Traduzido por Antonio Guimarães Filho.

CHARTIER, Roger. *A história cultural: entre práticas e representações*. Lisboa: Difel, 2002. Traduzido por Maria Manuela Galhardo.

_____. *A história ou a leitura do tempo*. 2ª edição. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2010. Traduzido por Cristina Antunes.

_____. *Os desafios da escrita*. São Paulo: Editora Unesp, 2002. Traduzido por Fulvia L. Moretto.

CHAUVEAU, Agnes; TÉTARD, Philippe (Orgs.). *Questões para a história do presente*. Bauru: EDUSC, 1999. Traduzido por Ilka Stern Cohen.

CHESNEAUX, Jean. *Devemos fazer tábula rasa do passado? Sobre história e os historiadores*. São Paulo: Ática, 1995. Traduzido por Marcos Silva.

CHOMSKY, Noam. *Novas e velhas ordens mundiais*. São Paulo: Scritta, 1996. Traduzido por Paulo Roberto Coutinho.

CODOVILLA, Vittorio. “História do marxismo na América Latina”. In: LOWY, Michael (Org.). *O marxismo na América Latina: uma antologia de 1909 aos dias atuais*. 2ª edição. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2006.

COLOMBANI, Jean-Marie. “*Le Monde a 60 ans, Le monde raconte le monde*”. In: *Le Monde 60 Ans*. Paris: Le Monde SA, 2004.

COMPAGNON, Olivier. *O adeus à Europa: a América Latina e a Grande Guerra*. São Paulo: Editora Rocco, 2014. Traduzido por Carlos Nougué.

CORREA, Priscila. *História, política e revolução em Eric Hobsbawm e François Furet*. São Paulo: Annablume/Fapesp, 2008.

CORTÁZAR, Julio. *Rayuela*. Madrid: Ediciones Cátedra Letras Hispánicas, 2008.

DARNTON, Robert. *O beijo de Lamourette: mídia, cultura e revolução*. São Paulo: Companhia de Bolso, 2010. Traduzido por Denise Bottmann.

DIJAN, Jean-Michel (Org.). *Vincennes, une aventure de la pensée critique*. Paris: Flammarion, 2009.

DEBORD, Guy. *A sociedade do espetáculo: comentários sobre a sociedade do espetáculo*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

DEBRAY, Régis. *Révolution dans la révolution? Lutte armée et lutte politique en Amérique latine*. Paris: Librairie François Maspero, 1967.

DIEGO, José Luis de. “*Los intelectuales y la izquierda en la Argentina (1955-1975)*”. In: ALTAMIRANO, Carlos (Org.). *Historia de los intelectuales en América Latina: los avatares de la ‘ciudad letrada’ en el siglo XX*. Buenos Aires: Katz Editores, 2010, p. 394-416.

DIJAN, Jean-Michel (Org.). *Vincennes, une aventure de la pensée critique*. Paris: Flammatrion, 2009.

DI TELLA, Torcuato. “La lógica de las revoluciones ideológico-políticas del peronismo”. In: PRADO, Maria Ligia Coelho (Org.). *Vargas e Perón*. São Paulo: Fundação Memorial da América Latina, 2009, p. 147-166.

DORFMAN, Ariel; MATTELART, Armand. *Para ler al Pato Donald*. 36ª edição. Buenos Aires: Editora Siglo XXI, 2001.

DOSSE, François. *La marcha de las ideas: historia de los intelectuales, historia intelectual*. Valencia: Universitat de Valencia, 2007.

DUBY, Georges. “História social e ideologias das sociedades”. In: LE GOFF, Jacques; NORA, Pierre (Orgs.). *História: novos problemas*. 2ª edição. Rio de Janeiro: Francisco Alves Editora, 1979. Traduzido por Theo Santiago.

DUMÉNIL, Gérard; LÉVY, Dominique. *A crise do neoliberalismo*. São Paulo: Boitempo Editorial, 2014. Traduzido por Paulo Castanheira.

ESQUIVADA, Gabriela. *Noticias de los montoneros: la historia del diario que no pudo anunciar la revolución*. Buenos Aires: Sudamericana, 2010.

FANON, Frantz. *Os condenados da terra*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968. Traduzido por José Laurênio de Melo.

FEBVRE, Lucien. *Combates por la historia*. Barcelona: Editorial Ariel, 1970.

FERREIRA, Jorge (Org.). *O populismo e sua história*. 3ª edição. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013.

_____. “O nome e a coisa: o populismo na política brasileira”. In: FERREIRA, Jorge (Org.). *O populismo e sua história*. 3ª edição. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013, p. 59-124.

FERREIRA, Marieta Moraes de. “História, tempo presente e história oral”. In: *Topoi*. Rio de Janeiro: Revista UFRJ, dezembro de 2002, p. 314-332.

FIORI, José Luis; MEDEIROS, Carlos; SERRANO, Franklin. *O mito do colapso do poder americano*. Rio de Janeiro: Record, 2008.

_____. “O sistema interestatal capitalista no início do século XXI”. In: FIORI, José Luis; MEDEIROS, Carlos; SERRANO, Franklin. *O mito do colapso do poder americano*. Rio de Janeiro: Record, 2008, p. 11-70.

FORRESTER, Viviane. *O horror econômico*. São Paulo: Editora Unesp, 1997. Traduzido por Álvaro Lorencini.

FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. 10ª edição. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979. Traduzido por Robert Machado.

FREITAS, Sonia Maria de. *História oral: possibilidades e procedimentos*. São Paulo: Humanitas, 2006.

- FUNES, Patricia. *Salvar la nación: intelectuales, cultura y política en los años veinte latinoamericanos*. Buenos Aires: Prometeo, 2006.
- GABETTA, Carlos. *La encrucijada argentina*. Buenos Aires: Planeta, 2013.
- _____. *Todos somos subversivos*. Buenos Aires: Bruguera, 1983.
- _____; BUNGE, Mario. *Tiene porvenir el socialismo?* Buenos Aires: Eudeba, 2013.
- GIARD, Luce. “A invenção do possível”. In: CERTEAU, Michel de. *A cultura no plural*. Campinas: Papyrus, 1995. Traduzido por Enid Abreu Dobránszky.
- GIDDENS, Anthony. *As consequências da modernidade*. São Paulo: Editora Unesp, 1991. Traduzido por Raul Fiker.
- GILMAN, Claudia. *Entre la pluma y el fusil: debates y dilemas del escritor revolucionario en América Latina*. Buenos Aires: Siglo XXI Editores, 2012.
- GOLDMANN, Lucien. *Ciências humanas e filosofia*. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1967. Traduzido por Lupe Cotrim Garaude e José Arthur Giannotti.
- GOMES, Angela de Castro. “O populismo e as ciências sociais no Brasil: notas sobre a trajetória de um conceito”. In: FERREIRA, Jorge (Org.). *O populismo e sua história*. 3ª edição. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013, p. 17-57.
- GRAMSCI, Antonio. *Os intelectuais e a organização da cultura*. 4ª edição. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979. Tradução de Carlos Nelson Coutinho.
- GUILLEBAUD, Jean-Claude. *A reinvenção do mundo: um adeus ao século XX*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003. Traduzido por Maria Helena Kühner.
- HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Editora Centauro, 2006. Traduzido por Beatriz Sidou.
- HALIMI, Serge. *Les nouveaux chiens de garde*. Paris: Raison d’Agir, 2005.
- HARVEY, Nicolas. *Le Monde Diplomatique: un concept éditorial hybride au confluent du journalisme, de l’université et du militantisme*. Paris: L’Harmattan, 2014.
- HELLER, Agnes. *O cotidiano e a história*. 2ª edição. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.
- HESSEL, Stéphane. *Indignez-vous!* Montpellier: Indigène Éditions, 2010.
- HOBBSBAWM, Eric. *A era dos extremos: o breve século XX: 1914-1991*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995. Traduzido por Marcos Santarrita.
- _____. *How to change the world: tales of Marx and marxism*. Londres: Little, Brown Book, 2011.
- _____. *Revolucionários: ensaios contemporâneos*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982 (Col. Pensamento Crítico, vol. 43).
- _____. *Sobre história*. 2ª edição. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. Traduzido por Cid Knipel Moreira.

_____. *Tempos fraturados: cultura e sociedade no século XX*. São Paulo: Companhia das Letras, 2013. Traduzido por Berilo Vargas.

HOLLOWAY, John. *Mudar o mundo sem tomar o poder*. São Paulo: Viramundo/Boitempo Editorial, 2003. Traduzido por Emir Sader.

IANNI, Octavio. *Teorias da globalização*. 9ª edição. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

JÁUREGUI, Aníbal. “El peronismo en los debates del Partido Comunista Argentino – 1945-1953”. In: AGUIRRE, Carlos. *Militantes, intelectuales y revolucionários: ensayos sobre marxismo e izquierda en América Latina* (Org.). Raleigh: Editorial A Contracorriente, 2009, p. 77-96.

JEANNENNEY, Jean-Noël. “A mídia”. In: RÉMOND, René (Org.). *Por uma história política*. 2ª edição. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003, p. 213-230. Traduzido por Dora Rocha.

JOZAMI, Eduardo. “El peronismo y la conformación del campo intelectual en la Argentina”. In: PRADO, Maria Lígia Coelho (Org.). *Vargas e Perón*. São Paulo: Fundação Memorial da América Latina, 2009, p. 167-194.

JUDT, Tony. *Passado imperfeito: um olhar crítico sobre a intelectualidade francesa no pós-guerra*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2007. Traduzido por Luciana Nogueira.

JULIEN, Claude. “A la revolución en su primer año”. In: *Lunes de Revolución*, Havana, 4 de janeiro de 1960, p. 12.

KOHLER, Heliane; RODRIGUES, Helenice (Orgs.). *Travessias e cruzamentos culturais*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2008, p. 23-45.

KUCINSKI, Bernardo. *Jornalistas e revolucionários: nos tempos da imprensa alternativa*. São Paulo: Scritta Editorial, 1991.

_____. *Jornalistas e revolucionários: Nos tempos da imprensa alternativa*. 2ª edição. São Paulo: EDUSP, 2003.

KUSHNIR, Beatriz. *Cães de guarda: jornalistas e censores, do AI-5 à Constituição de 1988*. São Paulo: Boitempo Editorial/Fapesp, 2004.

LACOUTURE, Jean. “A história imediata”. In: LE GOFF, Jacques. *A história nova*. São Paulo: Martins Fontes, 1990, p. 215-240.

LE GOFF, Jacques. *A história nova*. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

_____. *História e memória*. Campinas: Editora Unicamp, 2003.

_____; NORA, Pierre (Orgs.). *História: novos problemas*. 2ª edição. Rio de Janeiro: Francisco Alves Editora, 1979. Traduzido por Theo Santiago.

_____. “A visão dos outros: um medievalista diante do presente”. In: CHAUVEAU, Agnes; TÉTARD, Philippe (Orgs.). *Questões para a história do presente*. Bauru: EDUSC, 1999. Traduzido por Ilka Stern Cohen.

LE MONDE DIPLOMATIQUE. *Les 50 ans du Monde Diplomatique*. Paris: Éditions Cercle d'Art, 2004.

LÖWY, Michael (Org.). *O marxismo na América Latina: uma antologia de 1909 aos dias atuais*. 2ª edição. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2003.

_____. *Para uma sociologia dos intelectuais revolucionários*. São Paulo: Lech Livraria Editora Ciências Humanas, 1979.

_____. *Revoluções*. São Paulo: Boitempo Editorial, 2009.

_____; SAYRE, Robert. *Rebelión y melancolia: el romanticismo como contracorriente de la modernidad*. Buenos Aires: Nueva Visión, 2008.

_____; _____. *Revolta e melancolia: o romantismo na contracorriente da modernidade*. São Paulo: Boitempo Editorial, 2015.

_____; _____. *Romantismo e política*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1993.

LUCA, Tânia Regina de. “Fontes impressas: história dos, nos e por meio dos periódicos”. In: PINSKY, Carla Bassanezi. *Fontes Históricas*. 3ª edição. São Paulo: Contexto, 2014, p. 111-153.

MANGIANTINI, Martín. “La polémica Moreno – Santucho: la lucha armada y la ruptura del Partido Revolucionario de los Trabajadores (PRT)”. In: AGUIRRE, Carlos. *Militantes, intelectuales y revolucionários: ensayos sobre marxismo e izquierda en América Latina* (Org.). Raleigh: Editorial A Contracorriente, 2009, p. 125-150.

MARTINHO, Francisco Carlos Palomanes; COSTA PINTO, António (Org.). *O passado que não passa: a sombra das ditaduras na Europa do Sul e na América Latina*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013.

MARX, Karl. *O capital*. 7ª edição, por Julian Borchardt. Rio de Janeiro: Editora LTC, 1980. Traduzido por Ronaldo Alves Schmidt.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. *A ideologia alemã*. São Paulo: Boitempo Editorial, 2007. Traduzido por Rubens Enderle, Nélio Schneider e Luciano Cavini Martorano.

_____. *Manifesto do Partido Comunista*. 14ª edição. Bragança Paulista: Editora São Francisco, 2008. Traduzido por Marcos Aurélio Nogueira.

MATTELART, Armand & Michele. *História das teorias da comunicação*. 8ª edição. São Paulo: Loyola, 2005.

_____. *Pensar as mídias*. São Paulo: Loyola, 2004. Traduzido por Ana Paula Castellani.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. *Manual de história oral*. São Paulo: Loyola, 1998.

_____; HOLANDA, Fabíola. *História oral*. São Paulo: Contexto, 2007.

MELO, José Marques de. *História social da imprensa*. Porto Alegre: Editora PUC-RS, 2003.

_____. *Jornalismo opinativo*. 3ª edição. Campos do Jordão: Editora Mantiqueira, 2003.

MICELI, Sergio. *Intelectuais à brasileira*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

MISKULIN, Silvia. *Cultura ilhada: imprensa e Revolução Cubana (1959-1961)*. São Paulo: Editora Xamã/Fapesp, 2003.

MOCHKOFISKY, Graciela. *Timerman: el periodista que quiso ser parte del poder (1923-1999)*. Buenos Aires: Sudamericana, 2003.

MODONESI, Massimo. “Crisis hegemónica y movimientos antagonistas en América Latina: una lectura gramsciana del cambio de época”. In: AGUIRRE, Carlos. *Militantes, intelectuales y revolucionários: ensayos sobre marxismo e izquierda en América Latina* (Org.). Raleigh: Editorial A Contracorriente, 2009, p. 151-177.

MORIN, Edgar. *Cultura de massas no século XX: o espírito do tempo II*. 3ª edição. Rio de Janeiro: Forense, 2006.

NEGRI, Antonio; HARTD, Michael. *Império*. 8ª edição. Rio de Janeiro: Record, 2006.

_____; _____. *Multidão*. Rio de Janeiro: Record, 2005.

NEIBURG, Federico. *Os intelectuais e a invenção do peronismo*. São Paulo: EDUSP, 1997.

NORA, Pierre. “O retorno do fato”. In: LE GOFF, Jacques; NORA, Pierre. (Orgs.). *História: novos problemas*. 2ª edição. Rio de Janeiro: Francisco Alves Editora, 1979. Traduzido por Theo Santiago.

NOVAES, Adauto (Org.). *O silêncio dos intelectuais*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

OLLIER, María Matilde. “Liderazgo y peronismo: una reflexión abierta”. In: PRADO, Maria Ligia Coelho (Org.). *Vargas e Perón*. São Paulo: Fundação Memorial da América Latina, 2009, p. 61-84.

ORY, Pascal; SIRINELLI, Jean-François. *Les intellectuels en France: de l'affaire Dreyfus à nos jours*. Paris: Éditions Perrin, 2002.

PINSKY, Carla Bassanezi (Org.). *Fontes históricas*. 3ª edição. São Paulo: Contexto, 2014.

PIKETTY, Thomas. *Capital in the twenty-first century*. Cambridge: Harvard College, 2014. Traduzido por Arthur Goldhammer.

PONZA, Pablo. “Comprometidos, orgánicos y expertos: intelectuales, marxismo y ciencias sociales en Argentina (1955-1973)”. In: AGUIRRE, Carlos. *Militantes, intelectuales y revolucionários: ensayos sobre marxismo e izquierda en América Latina* (Org.). Raleigh: Editorial A Contracorriente, 2009, p. 271-295.

PRADO, Maria Ligia Coelho. *América Latina no século XIX: tramas, telas e textos*. São Paulo: EDUSP; Bauru: EDUSC, 1999.

_____. *O populismo na América Latina*. São Paulo: Brasiliense, 1981.

_____. (Org.). *Vargas e Perón*. São Paulo: Fundação Memorial da América Latina, 2009.

_____. “América Latina: História comparada, histórias conectadas, história transnacional”. In: *Anuário*. Rosário: Universidad Nacional de Rosário, n.º 24, 2013, p. 9-22.

_____. “Repensando a história comparada da América Latina”. In: *Revista de História*. São Paulo: Universidade de São Paulo, n.º 153, dezembro de 2005, p. 11-33.

_____; PELLEGRINO, Gabriela. *História da América Latina*. São Paulo: Contexto, 2014.

RAMONET, Ignacio. *A tirania da comunicação*. Petrópolis: Vozes, 1999. Traduzido por Lúcia Mathilde Endlich Orth.

_____. *L'explosion du journalisme: des médias de masse à la masse de médias*. Paris: Éditions Galilée, 2011.

REIS FILHO, Daniel Aarão (Org.). *Intelectuais, história e política (séculos XIX e XX)*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2000.

_____. “Intelectuais e política nas fronteiras entre reforma e revolução”. In: _____ (Org.). *Intelectuais, história e política (séculos XIX e XX)*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2000, p. 11-34.

_____. “O colapso do colapso do populismo ou a propósito de uma herança maldita”. In: FERREIRA, Jorge (Org.). *O populismo e sua história*. 3ª edição. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013, p. 319-377.

RÉMOND, René (Org.). *Por uma história política*. 2ª edição. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003. Traduzido por Dora Rocha.

_____. “Do político”. In: _____ (Org.). *Por uma história política*. 2ª edição. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003, p. 441-453. Traduzido por Dora Rocha.

_____. “O retorno do político”. In: CHAUVEAU, Agnes; TÉTARD, Philippe (Orgs.). *Questões para a história do presente*. Bauru: EDUSC, 1999, p. 73-92. Traduzido por Ilka Stern Cohen.

RIDENTI, Marcelo. *Em busca do povo brasileiro: artistas da revolução, do CPC à era da TV*. São Paulo: Editora Unesp, 2014.

_____; ROLLAND, Denis; BASTOS, Elide Rugai (Orgs.). *Intelectuais e Estado*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006.

_____. “Artistas e política no Brasil pós-1960: itinerários da brasilidade”. In: RIDENTI, Marcelo; ROLLAND, Denis; BASTOS, Elide Rugai (Orgs.). *Intelectuais e Estado*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006, p. 229-262.

_____. “Artistas e intelectuales brasileños en las décadas de 1960 y 1970: cultura y revolución”. In: ALTAMIRANO, Carlos (Org.). *Historia de los intelectuales en América Latina: los avatares de la ‘ciudad letrada’ en el siglo XX*. Buenos Aires: Katz Editores, 2010, p. 372-394.

_____. “Intelectuais, estudantes e artistas: Paris, 1968”. In: REIS FILHO, Daniel Aarão (Org.). *Intelectuais, história e política (séculos XIX e XX)*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2000, p. 247-270.

RIOUX, Jean Pierre ; SIRINELLI, Jean François. *Para uma história cultural*. Lisboa: Editorial Estampa, 1998. Traduzido por Ana Moura.

_____. “Pode-se fazer uma história do presente?”. In: CHAUVEAU, Agnes; TÉTARD, Philippe (Orgs.). *Questões para a história do presente*. Bauru: EDUSC, 1999, p. 39-50. Traduzido por Ilka Stern Cohen.

_____. “Entre história e jornalismo”. In: CHAUVEAU, Agnes; TÉTARD, Philippe (Orgs.). *Questões para a história do presente*. Bauru: EDUSC, 1999a, p. 119-126. Traduzido por Ilka Stern Cohen.

RODRIGUES, Helenice. “O exílio dos intelectuais e os intelectuais exilados”. In: KOHLER, Heliane; RODRIGUES, Helenice (Orgs.). *Travessias e cruzamentos culturais*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2008, p. 23-45.

ROLLAND, Denis. *A crise do modelo francês: a França e a América Latina: cultura, política e identidade*. Brasília: Editora UnB, 2005.

_____. “O historiador, o Estado e a fábrica dos intelectuais”. In: RIDENTI, Marcelo, ROLLAND, Denis; BASTOS, Elide Rugai (Orgs.). *Intelectuais e Estado*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006, p. 95-120.

ROSANVALLON, Pierre. *Por uma história do político*. São Paulo: Editora Alameda, 2010. Tradução de Christian Edward Cyril Lynch.

ROSSI, Clovis. *O que é jornalismo*. São Paulo: Brasiliense, 1995.

SAID, Edward. *Representações do intelectual: as palestras de Reith de 1993*. Lisboa: Edições Colibri, 2000. Traduzido por Teresa Seruya.

_____. *A pena e a espada*. São Paulo: Editora Unesp, 2013.

SALIBA, Elias Thomé. *As utopias românticas*. São Paulo: Estação Liberdade, 2003.

SANTOS, Milton. *Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal*. 10ª edição. Rio de Janeiro: Record, 2004.

SARLO, Beatriz. *Paisagens imaginárias: intelectuais, artes e meios de comunicação*. São Paulo: EDUSP, 2005. Traduzido por Rubia Prates e Sergio Molina.

_____. *Tempo presente: notas sobre a mudança de uma cultura*. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 2005a. Traduzido por Luis Carlos Cabral.

SARTRE, Jean-Paul. *Que é a literatura?* 3ª edição. São Paulo: Ática, 2004. Traduzido por Carlos Felipe Moisés.

_____; JULIEN, Claude; FAUX, Claude et all. “*Manifiesto de los intelectuales franceses en apoyo de la revolución*”. In: *Lunes de Revolución*, Havana, 4 de janeiro de 1960, p. 10.

SIRINELLI, Jean-François. “Os intelectuais”. In: RÉMOND, René (Org.). *Por uma história política*. Rio de Janeiro: UFRJ/FGV, 1996, p. 231-269. Traduzido por Dora Rocha.

_____. “Ideologia, tempo e história”. In: CHAUVEAU, Agnes; TÉTARD, Philippe (Orgs.). *Questões para a história do presente*. Bauru: EDUSC, 1999, p. 73-92. Traduzido por Ilka Stern Cohen.

STIGLITZ, Joseph. *A globalização e seus malefícios: a promessa não cumprida de benefícios globais*. 3ª edição. São Paulo: Futura, 2002. Traduzido por Bazan.

SZCZEPANSKI-HUILLERY, Maxime. “*Les architectes de l’altermondialisme, registres d’action et modalités d’engagement au Monde Diplomatique*”. In: AGRIKOLIANSKY, Eric ; FILLIEULE, Olivier ; MAYER, Nonna (Orgs.). *L’altermondialisme en France: la longue histoire d’une nouvelle cause*. Paris: Flammarion, 2005, p. 143-173.

_____. “*L’idéologie tiers-mondiste. Constructions et usages d’une categoria intellectuelle en crise*”. In: *Raisons Politiques*. Paris: Sciences-Po, n.º 18, 2005, p. 27-48.

TERÁN, Oscar (Org.). *Ideas en el siglo: intelectuales y cultura en el siglo XX latino-americano*. Buenos Aires: Siglo XXI Editores, 2004.

THOMPSON, John. *A mídia e a modernidade: uma teoria social da mídia*. 11ª edição. Petrópolis: Vozes, 2009. Traduzido por Wagner Brandão.

TOURNIER, Isabelle; TARTAKOWSKY, Danielle (Orgs.). *Abécédaire de Vincennes à Saint-Denis*. Paris: Presses Universitaires de Vincennes, 2011.

ULANOVSKY, Carlos. *Paren las rotativas: diarios, revistas y periodistas (1920-1969)*. 2ª edição. Buenos Aires: Emecé, 2011.

_____. *Paren las rotativas: diarios, revistas y periodistas (1970-2000)*. 2ª edição. Buenos Aires: Emecé, 2011.

VARELA, Mitra. “*Intelectuales y médios de comunicación*”. In: ALTAMIRANO, Carlos (Org.). *Historia de los intelectuales en América Latina: los avatares de la ‘ciudad letrada’ en el siglo XX*. Buenos Aires: Katz Editores, 2010, p. 758-781.

VICENTE, Maximiliano Martin. *História e comunicação na ordem internacional*. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2009.

VILAS BOAS, Sérgio. *O estilo magazine: o texto em revista*. São Paulo: Summus, 1996.

WEFFORT, Francisco. *O populismo na política brasileira*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

WEINSTEIN, Barbara. “*Pensando a história fora da nação: a historiografia da América Latina e o viés transnacional*”. In: *Revista Eletrônica da Anphlac*. São Paulo: Associação Nacional de Pesquisadores e Professores de História das Américas (Anphlac), n.º 14, janeiro/junho de 2013, p. 13-29.

WERNER, Michael; ZIMMERMANN; Bénédicte. “*Beyond comparison: histoire croisée and the challenge of reflexivity*”. In: *History and Theory*. Middletown: Wesleyan University, n.º 45, fevereiro de 2006, p. 30-50.

_____; _____. “*Penser l’histoire croisée: entre empirie et réflexivité*”. In: *Annales. Histoire, Sciences Sociales*. Paris: Editions de l’E.H.E.S.S, 2003, p. 7-36.

_____; _____. “*Pensar a história cruzada: entre empiria e reflexividade*”. In: *Textos de História*. Brasília: Universidade de Brasília, vol. 11, 2003, p. 89-127.

WILLIAMS, Raymond. *Cultura e sociedade*. São Paulo: Cia Editora Nacional, 1969. Traduzido por Leônidas Hegenberg, Octanny Silveira e Anísio Teixeira.

WINOCK, Michel. *O século dos intelectuais*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000. Traduzido por Eloá Jacobina.

WOLFF, Francis. “Dilemas dos intelectuais”. In: NOVAES, Adauto (Org.). *O silêncio dos intelectuais*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006, p. 45-68.

FONTES DE *LE MONDE DIPLOMATIQUE*

ACCARDO, Alain. “Los periodistas frente a los mecanismos de cooptación”. In: *Le Monde Diplomatique Edición Cono Sur*, Buenos Aires, n.º 16, outubro de 2000, p. 34-35.

_____; CORCUFF, Philippe. “Imperceptible traición de los intelectuales”. In: *Le Monde Diplomatique Edición Cono Sur*, Buenos Aires, n.º 22, abril de 2001, p. 29-30.

ALI, Tariq. “¿Choque de civilizaciones?”. In: *Le Monde Diplomatique Edición Cono Sur*, Buenos Aires, n.º 28, outubro de 2001, p. 8.

AMIN, Samir. “¿Qué altermundialismo?”. In: *Le Monde Diplomatique Edición Cono Sur*, Buenos Aires, n.º 91, janeiro de 2007.

ATTAC-FRANCE. “Argentina, un caso de manual”. In: *Le Monde Diplomatique Edición Cono Sur*, Buenos Aires, n.º 31, janeiro de 2002, p. 7.

BENILDE, Marie. “Esplendor y miseria del periodismo”. In: *Le Monde Diplomatique Edición Cono Sur*, Buenos Aires, n.º 128, fevereiro de 2010.

BONELLI, Laurent; FAYAT, Hervé. “Cambiante papel del intelectual francés”. In: *Le Monde Diplomatique Edición Cono Sur*, Buenos Aires, n.º 83, maio de 2006, p. 28-30.

_____. “Histoire d’un label politique”. In: *Manière de voir*, Paris, n.º 124, agosto/setembro de 2012, p. 10-13.

BOURDIEU, Pierre. “Los investigadores y el movimiento social”. In: *Le Monde Diplomatique Edición Cono Sur*, Buenos Aires, n.º 32, fevereiro de 2002, p. 32.

_____. “Pour un savoir engagé”. In: *Le Monde Diplomatique*, Paris, fevereiro de 2002, p. 3.

_____; WACQUANT, Loïc. “Una nueva vulgata planetaria”. In: *Le Monde Diplomatique Edición Cono Sur*, Buenos Aires, n.º 1, maio de 2000, p. 12-13.

BORRADORI, Giovanna. “Habermas, Derrida, el terrorismo y la modernización”. In: *Le Monde Diplomatique Edición Cono Sur*, Buenos Aires, n.º 56, fevereiro de 2004, p. 15-17.

BRÉVILLE, Benoît. “Pour remettre l’histoire à l’endroit”. In: *Le Monde Diplomatique*, Paris, setembro de 2014, p. 4-5.

BONASSO, Miguel. “El pecado original del peronismo”. In: *Le Monde Diplomatique Edición Cono Sur*, Buenos Aires, n.º 75, setembro de 2005, p. 4-5.

BRICMONT, Jean. “Vacilaciones de una izquierda adormecida”. In: *Le Monde Diplomatique Edición Cono Sur*, Buenos Aires, n.º 86, agosto de 2006, p. 52.

BURGI, Noelle. “El imperio del miedo”. In: *Le Monde Diplomatique Edición Cono Sur*, Buenos Aires, n.º 117, março de 2009.

CALCAGNO, Alfredo; CALCAGNO, Eric. “*Alternativas al neoliberalismo*”. In: *Le Monde Diplomatique Edición Cono Sur*, Buenos Aires, n.º 13, julho de 2000, p. 6-7.

_____; _____. “*¿Cuánto tiempo le queda al modelo?*”. In: *Le Monde Diplomatique Edición Cono Sur*, Buenos Aires, n.º 19, janeiro de 2001, 9-11.

_____; _____. “*El precio de la convertibilidad*”. In: *Le Monde Diplomatique Edición Cono Sur*, Buenos Aires, fevereiro de 2000, p. 1-7.

_____; _____. “*Entre el Dr. Jekyll y el Sr. Hyde*”. In: *Le Monde Diplomatique Edición Cono Sur*, Buenos Aires, n.º 75, setembro de 2005, p. 8-9.

_____; _____. “*Entre la economía y la nada*”. In: *Le Monde Diplomatique Edición Cono Sur*, Buenos Aires, n.º 29, novembro de 2001, p. 4-5.

_____; _____. “*La deuda externa, un proyecto político*”. In: *Le Monde Diplomatique Edición Cono Sur*, Buenos Aires, n.º 12, junho de 2000, p. 4-5.

_____; _____. “*Modelo argentino, tercer acto*”. In: *Le Monde Diplomatique Edición Cono Sur*, Buenos Aires, n.º 24, junho de 2001, p. 6-7.

_____; _____. “*Un gran país devenido un casino*”. In: *Le Monde Diplomatique Edición Cono Sur*, Buenos Aires, n.º 21, março de 2001, p. 6.

_____; _____. “*Un sistema retrógrado y troglodita*”. In: *Le Monde Diplomatique Edición Cono Sur*, Buenos Aires, n.º 28, outubro de 2001, p. 20.

CALCAGNO, Eric. “*Dinámicas franco-argentinas*”. In: *Le Monde Diplomatique Edición Cono Sur*, Buenos Aires, n.º 13, julho de 2000.

CAMUSSO, Cristina. “*Chomsky, el coraje intelectual*”. In: *Le Monde Diplomatique Edición Cono Sur*, Buenos Aires, n.º 28, outubro de 2001, p. 9.

CASSEN, Bernard. “*El viraje de Porto Alegre*”. In: *Le Monde Diplomatique Edición Cono Sur*, Buenos Aires, n.º 20, fevereiro de 2001.

_____. “*Las instituciones de Bretton Woods en crisis*”. In: *Le Monde Diplomatique Edición Cono Sur*, Buenos Aires, n.º 15, setembro de 2000.

_____. “*Movimientos sociales: ¿hacia el ‘post-altermondialismo’?*”. In: *Le Monde Diplomatique Edición Cono Sur*, Buenos Aires, n.º 159, janeiro de 2010.

_____. “*Pour comprendre le péronisme et l’après-péronisme*”. In: *Le Monde Diplomatique*, Paris, setembro de 1975, p. 8.

CHOMSKY, Noam. “*Crímenes para evitar atrocidades*”. In: *Le Monde Diplomatique Edición Cono Sur*, Buenos Aires, n.º 30, dezembro de 2001, p. 30-31.

_____. “*El autismo del imperio*”. In: *Le Monde Diplomatique Edición Cono Sur*, Buenos Aires, n.º 59, maio de 2004.

_____. “*El mejor de los mundos, según Washington*”. In: *Le Monde Diplomatique Edición Cono Sur*, Buenos Aires, n.º 50, agosto de 2003, p. 16-17.

CHRISTENSEN, Christian. “Documentales exitosos”. In: *Le Monde Diplomatique Edición Cono Sur*, Buenos Aires, n.º 100, outubro de 2007.

COCKBURN, Alexander. “Le complot du 11-Septembre n’aura pas lieu”. In: *Le Monde Diplomatique*, Paris, dezembro de 2006, p. 3.

_____. “Los paranoicos del complot”. In: *Le Monde Diplomatique Edición Cono Sur*, Buenos Aires, n.º 90, dezembro de 2006.

COLOMBANI, Jean-Marie. “Le Monde et le Diplo”. In: *Le Monde Diplomatique*, Paris, maio de 2003, p. 2.

_____. “Le Monde, Le Monde Diplomatique et la Bourse”. In: *Le Monde Diplomatique*, Paris, janeiro de 2002, p. 2.

CORONATO, Adolfo. “Por qué somos como somos...”. In: *Le Monde Diplomatique Edición Cono Sur*, Buenos Aires, n.º 107, maio de 2008.

CORTAZAR, Julio. “Cauchemars”. In: *Le Monde Diplomatique*, Paris, outubro de 1983, p. 26-27.

CUATROSEMANAS Y LE MONDE DIPLOMATIQUE. “A nuestros lectores”. In: *cuatroSemanas y Le Monde Diplomatique*, Barcelona, n.º 12, março de 1994, p. 23.

DALRYMPLE, William. “Le douteux bricolage de Bernard-Henri Lévy”. In: *Le Monde Diplomatique*, Paris, dezembro de 2003, p. 30-31.

_____. “Perseverare diabolicum...”. In: *Le Monde Diplomatique*, Paris, fevereiro de 2004, p. 27.

DERRIDA, Jacques. “Una Europa de la esperanza”. In: *Le Monde Diplomatique Edición Cono Sur*, Buenos Aires, n.º 65, novembro de 2004, p. 36-37.

EL DIPLÓ. “Quienes somos”. In: *Le Monde Diplomatique Edición Cono Sur*, Buenos Aires, julho de 1999, p. 2.

FAUVET, Jacques. “A nos lecteurs”. In: *Le Monde Diplomatique*, Paris, janeiro de 1973, p. 1.

FLORENNE, Yves. “François Honti”. In: *Le Monde Diplomatique*, Paris, outubro de 1984, p. 4.

FOLLETT, Danielle; BOOTHE, Tom. “Democracy Now, voz de la izquierda”. In: *Le Monde Diplomatique Edición Cono Sur*, Buenos Aires, n.º 103, janeiro de 2008.

FONTAINE, André. “1959 marque un tournant dans la diplomatie”. In: *Le Monde Diplomatique*, Paris, janeiro de 1960, p. 1-3.

FRANK, Thomas. “Delirio teórico, fracaso práctico”. In: *Le Monde Diplomatique Edición Cono Sur*, Buenos Aires, n.º 119, maio de 2009.

GABETTA, Carlos. “América Latina en el siglo XXI”. In: *Le Monde Diplomatique Edición Cono Sur*, Buenos Aires, n.º 93, março de 2007, p. 3.

_____. “Argentina Cromagnon”. In: *Le Monde Diplomatique Edición Cono Sur*, Buenos Aires, n.º 114, dezembro de 2008, p. 3.

_____. “Argentina: un callejón con salida”. In: *Le Monde Diplomatique Edición Cono Sur*, Buenos Aires, n.º 13, julho de 2000, p. 1-3.

_____. “Argentina frente a sí misma”. In: *Le Monde Diplomatique Edición Cono Sur*, Buenos Aires, n.º 109, julho de 2008, p. 3.

_____. “Cavallo al timón de un país a la deriva”. In: *Le Monde Diplomatique Edición Cono Sur*, Buenos Aires, n.º 23, maio de 2001, p. 1-4.

_____. “¿Censura? El caso Julio Nudler – Página/12”. In: *Le Monde Diplomatique Edición Cono Sur*, Buenos Aires, n.º 66, dezembro de 2004, p. 34.

_____. “Cuba”. In: *Le Monde Diplomatique Edición Cono Sur*, Buenos Aires, n.º 105, março de 2008, p. 3.

_____. “Cuba después de la URSS”. In: *Le Monde Diplomatique Edición Cono Sur*, Buenos Aires, n.º 94, abril de 2007, p. 30-31.

_____. “Cuatro años de ‘el Dipló’”. In: *Le Monde Diplomatique Edición Cono Sur*, Buenos Aires, n.º 50, agosto de 2003, p. 3.

_____. “Crisis mundial y movimientos sociales”. In: *Le Monde Diplomatique Edición Cono Sur*, Buenos Aires, n.º 38, agosto de 2002, p. 3.

_____. “Cristina Fernández y el cambio”. In: *Le Monde Diplomatique Edición Cono Sur*, Buenos Aires, n.º 98, agosto de 2007, p. 3.

_____. “De Allende a Kirchner, Chávez y Lula”. In: *Le Monde Diplomatique Edición Cono Sur*, Buenos Aires, n.º 51, setembro de 2003, p. 2-3.

_____. “De Monroe a Bolívar”. In: *Le Monde Diplomatique Edición Cono Sur*, Buenos Aires, n.º 15, setembro de 2000, p. 3.

_____. “Decadencia y sociedad”. In: *Le Monde Diplomatique Edición Cono Sur*, Buenos Aires, n.º 46, abril de 2003, p. 3.

_____. “Decae la República; se afirma el país mafioso-bananero”. In: *Le Monde Diplomatique Edición Cono Sur*, n.º 16, outubro de 2000, p. 1-4.

_____. “Democracias revolucionarias”. In: *Le Monde Diplomatique Edición Cono Sur*, n.º 79, janeiro de 2006, p. 2-3.

_____. “Descrédito y necesidad de la política”. In: *Le Monde Diplomatique Edición Cono Sur*, Buenos Aires, n.º 1, julho de 1999, p. 3.

_____. “Elecciones”. In: *Le Monde Diplomatique Edición Cono Sur*, Buenos Aires, n.º 100, outubro de 2007, p. 3.

_____. “El big bang de la crisis”. In: *Le Monde Diplomatique Edición Cono Sur*, Buenos Aires, n.º 117, março de 2009, p. 3.

_____. “*El despertar de un sueño*”. In: *Le Monde Diplomatique Edición Cono Sur*, Buenos Aires, n.º 136, outubro de 2010, p. 2-3.

_____. “*El fin de la transición*”. In: *Le Monde Diplomatique Edición Cono Sur*, Buenos Aires, n.º 47, maio de 2003, p. 3.

_____. “*El Imperio y América Latina*”. In: *Le Monde Diplomatique Edición Cono Sur*, Buenos Aires, n.º 39, setembro de 2002, p. 3.

_____. “*El mundo... y Argentina*”. In: *Le Monde Diplomatique Edición Cono Sur*, Buenos Aires, n.º 132, junho de 2010, p. 3.

_____. “*El reñidero*”. In: *Le Monde Diplomatique Edición Cono Sur*, Buenos Aires, n.º 129, março de 2010, p. 3.

_____. “*El truco de Vittorio Gassman*”. In: *Le Monde Diplomatique Edición Cono Sur*, Buenos Aires, n.º 65, novembro de 2004, p. 3.

_____. “*Entre reformas y revolución*”. In: *Le Monde Diplomatique Edición Cono Sur*, Buenos Aires, n.º 102, dezembro de 2007, p. 2-3.

_____. “*Entre reformas y revolución (2)*”. In: *Le Monde Diplomatique Edición Cono Sur*, Buenos Aires, n.º 103, janeiro de 2008, p. 2-3.

_____. “*Es la economía, señor Presidente...*”. In: *Le Monde Diplomatique Edición Cono Sur*, Buenos Aires, n.º 62, agosto de 2004, p. 2.

_____. “*Fundamentalismos*”. In: *Le Monde Diplomatique Edición Cono Sur*, Buenos Aires, n.º 86, agosto de 2006, p. 3.

_____. “*Guerra non sancta*”. In: *Le Monde Diplomatique Edición Cono Sur*, Buenos Aires, n.º 28, outubro de 2001, p. 3.

_____. “*Idéologie de la dictature militaire, défense des droits de l'homme en Argentine*”. In: *Le Monde Diplomatique*, Paris, outubro de 1980, p. 14-15.

_____. “*Institucionalidad*”. In: *Le Monde Diplomatique Edición Cono Sur*, Buenos Aires, n.º 76, outubro de 2005, p. 3.

_____. “*Instituciones ausentes*”. In: *Le Monde Diplomatique Edición Cono Sur*, Buenos Aires, n.º 89, novembro de 2006, p. 3.

_____. “*Izquierda-centro*”. In: *Le Monde Diplomatique Edición Cono Sur*, Buenos Aires, n.º 126, dezembro de 2009, p. 3.

_____. “*Jacque a la República*”. In: *Le Monde Diplomatique Edición Cono Sur*, Buenos Aires, n.º 22, abril de 2001, p. 3.

_____. “*La confusion, l'ignorance et la peur*”. In: *Le Monde Diplomatique*, Paris, abril de 1982, p. 4.

_____. “*La deriva de Cristina Fernández*”. In: *Le Monde Diplomatique Edición Cono Sur*, Buenos Aires, n.º 128, fevereiro de 2010, p. 2-3.

_____. “La descomposición del país mafioso”. In: *Le Monde Diplomatique Edición Cono Sur*, Buenos Aires, n.º 37, julho de 2002, p. 1-2.

_____. “La hora de la sociedad civil”. In: *Le Monde Diplomatique Edición Cono Sur*, Buenos Aires, n.º 26, agosto de 2001, p. 3.

_____. “La lección venezolana”. In: *Le Monde Diplomatique Edición Cono Sur*, Buenos Aires, n.º 63, setembro de 2004, p. 3.

_____. “La nueva economía”. In: *Le Monde Diplomatique Edición Cono Sur*, Buenos Aires, n.º 10, abril de 2000, p. 3.

_____. “La peligrosa crisis política argentina”. In: *Le Monde Diplomatique Edición Cono Sur*, Buenos Aires, n.º 40, outubro de 2002, p. 3.

_____. “La República ante el país mafioso”. In: *Le Monde Diplomatique Edición Cono Sur*, Buenos Aires, n.º 69, março de 2005, p. 3.

_____. “La semana santa de Kirchner”. In: *Le Monde Diplomatique Edición Cono Sur*, Buenos Aires, n.º 57, março de 2004, p. 2-3.

_____. “Lecciones desde Venezuela”. In: *Le Monde Diplomatique Edición Cono Sur*, Buenos Aires, n.º 35, maio de 2002, p. 3.

_____. “Lectores a debate”. In: *Le Monde Diplomatique Edición Cono Sur*, Buenos Aires, n.º 138, dezembro de 2010, p. 2-3.

_____. “Le Monde Diplomatique”. In: *Le Monde Diplomatique Edición Cono Sur*, Buenos Aires, fevereiro de 2011, p. 2-3.

_____. “Lumpenpolítica”. In: *Le Monde Diplomatique Edición Cono Sur*, Buenos Aires, n.º 7, janeiro de 2000, p. 3.

_____. “Nada nuevo que decir”. In: *Le Monde Diplomatique Edición Cono Sur*, Buenos Aires, n.º 78, dezembro de 2005, p. 3.

_____. “Necesidad de una modesta utopía”. In: *Le Monde Diplomatique Edición Cono Sur*, Buenos Aires, n.º 60, junho de 2004, p. 3.

_____. “Néstor Kirchner, a la hora de la verdad”. In: *Le Monde Diplomatique Edición Cono Sur*, Buenos Aires, n.º 59, maio de 2004, p. 3.

_____. “Oportunidad y desconcierto”. In: *Le Monde Diplomatique Edición Cono Sur*, Buenos Aires, n.º 157, maio de 2008, p. 3.

_____. “Otra oportunidad argentina”. In: *Le Monde Diplomatique Edición Cono Sur*, Buenos Aires, n.º 99, setembro de 2007, p. 3.

_____. “Pasado y presente”. In: *Le Monde Diplomatique Edición Cono Sur*, Buenos Aires, n.º 119, maio de 2009, p. 3.

_____. “París/Buenos Aires”. In: *Le Monde Diplomatique Edición Cono Sur*, Buenos Aires, novembro de 2010, p. 2-3.

_____. “Peronistas y liberales”. In: *Le Monde Diplomatique Edición Cono Sur*, Buenos Aires, n.º 75, setembro de 2005, p. 2-3.

_____. “Populistas, liberales y sociedad”. In: *Le Monde Diplomatique Edición Cono Sur*, Buenos Aires, n.º 95, maio de 2007, p. 3.

_____. “Populismos”. In: *Le Monde Diplomatique Edición Cono Sur*, Buenos Aires, n.º 84, junho de 2006, p. 3.

_____. “República o país mafioso”. In: *Le Monde Diplomatique Edición Cono Sur*, Buenos Aires, n.º 4, outubro de 1999, p. 3.

_____. “República o país mafioso”. In: *Le Monde Diplomatique Edición Cono Sur*, Buenos Aires, outubro de 2000, p. 4-5.

_____. “República, ¿o qué?”. In: *Le Monde Diplomatique Edición Cono Sur*, Buenos Aires, n.º 110, agosto de 2008, p. 3.

_____. “República o país mafioso (y 3)”. In: *Le Monde Diplomatique Edición Cono Sur*, Buenos Aires, janeiro de 2011, p. 2-3.

_____. “Semáforo rojo”. In: *Le Monde Diplomatique Edición Cono Sur*, Buenos Aires, n.º 101, novembro de 2007, p. 3.

_____. “Socialresistencia”. In: *Le Monde Diplomatique Edición Cono Sur*, Buenos Aires, n.º 6, dezembro de 1999, p. 3.

_____. “Soñar no cuesta nada”. In: *Le Monde Diplomatique Edición Cono Sur*, Buenos Aires, n.º 112, outubro de 2008, p. 3.

_____. “Tareas para las izquierdas”. In: *Le Monde Diplomatique Edición Cono Sur*, Buenos Aires, n.º 96, junho de 2007, p. 3.

_____. “Terrorismo capitalista occidental”. In: *Le Monde Diplomatique Edición Cono Sur*, Buenos Aires, agosto de 2005, p. 3.

_____. “Unasur”. In: *Le Monde Diplomatique Edición Cono Sur*, Buenos Aires, n.º 115, janeiro de 2009.

_____. “Une campagne de 700 millions de dollars”. In: *Le Monde Diplomatique*, Paris, abril de 1978, p. 15.

_____. “Un país quebrado y paralizado”. In: *Le Monde Diplomatique Edición Cono Sur*, Buenos Aires, n.º 25, agosto de 2001, p. 3-4.

_____. “Y la sociedad dio un grito”. In: *Le Monde Diplomatique Edición Cono Sur*, Buenos Aires, n.º 31, p. 2-3.

GALEANO, Eduardo. “Los diablos del Diablo”. In: *Le Monde Diplomatique Edición Cono Sur*, Buenos Aires, n.º 74, agosto de 2005.

GOLOBOFF, Mario. “Pasión por las ideas”. In: *Le Monde Diplomatique Edición Cono Sur*, Buenos Aires, n.º 115, janeiro de 2009.

GOLUB, Phillip. “*La construcción de una ideología imperial*”. In: *Le Monde Diplomatique Edición Cono Sur*, Buenos Aires, n.º 39, setembro de 2002, p. 24-25.

_____. “*El traumatismo del fin del Imperio*”. In: *Le Monde Diplomatique Edición Cono Sur*, Buenos Aires, n.º 100, outubro de 2007, p. 20-21.

GRESH, Alain. “*Democracia, una búsqueda permanente*”. In: *Le Monde Diplomatique Edición Cono Sur*, Buenos Aires, n.º 15, setembro de 2000, p. 40.

_____. “*Islamophobie*”. In: *Le Monde Diplomatique*, Paris, novembro de 2001, p. 32.

_____. “*La guerra de mil años*”. In: *Le Monde Diplomatique Edición Cono Sur*, n.º 63, setembro de 2004, p. 14-16.

_____. “*Por qué falló la paz*”. In: *Le Monde Diplomatique Edición Cono Sur*, n.º 27, setembro de 2000.

HAGER, Nicky. “*Del anticomunismo al antiterrorismo*”. In: *Le Monde Diplomatique Edición Cono Sur*, Buenos Aires, n.º 29, novembro de 2001, p. 26-27.

HABEL, Janette. “*Cuba busca renovar su modelo*”. In: *Le Monde Diplomatique Edición Cono Sur*, n.º 115, janeiro de 2009.

HALIMI, Serge. “*Cela dure depuis vingt-cinq ans*”. In: *Le Monde Diplomatique*, Paris, dezembro de 2003, p. 30.

_____. “*Elogio de las revoluciones*”. In: *Le Monde Diplomatique Edición Cono Sur*, Buenos Aires, n.º 119, maio de 2009, p. 40.

_____. “*El pueblo contra los intelectuales*”. In: *Le Monde Diplomatique Edición Cono Sur*, n.º 83, maio de 2006, p. 34-36.

_____. “*La singularité a un prix*”. In: *Le Monde Diplomatique*, Paris, dezembro de 2011, p. 2.

_____. “*‘Le Monde’ et nous*”. In: *Le Monde Diplomatique*, Paris, julho de 2010, p. 2.

_____. “*Libertad de prensa versus libertad a secas*”. In: *Le Monde Diplomatique Edición Cono Sur*, Buenos Aires, n.º 26, agosto de 2001, p. 26-27.

_____. “*Pensar lo impensable*”. In: *Le Monde Diplomatique Edición Cono Sur*, Buenos Aires, n.º 113, novembro de 2008.

_____. “*Notre combat*”. In: *Le Monde Diplomatique*, Paris, outubro de 2009, p. 28.

_____. “*Notre combat*”. In: *Le Monde Diplomatique*, Paris, outubro de 2010, p. 2.

_____. “*On n’a plus le temps...*”. In: *Le Monde Diplomatique*, Paris, outubro de 2012, p. 1 e 21.

HOBBSAWM, Eric. “*El desafío de la razón: Manifiesto para la renovación de la historia*”. In: *Le Monde Diplomatique*, Buenos Aires, dezembro de 2004.

_____. “*La historia del siglo XX, a pesar de sus censores*”. In: *Le Monde Diplomatique Edición Cono Sur*, Buenos Aires, n.º 3, setembro de 1999, p. 32-33.

_____. “*Le pari de la raison : manifeste pour l’histoire*”. In: *Le Monde Diplomatique*, Paris, dezembro de 2004, p. 20-21.

_____. “*Un Imperio que no es como los demás*”. In: *Le Monde Diplomatique Edición Cono Sur*, Buenos Aires, n.º 48, junho de 2003, p. 22-23.

IRIGOYEN, Hipolito Solari. “*La ‘démocratie’ promise à l’Argentine*”. In: *Le Monde Diplomatique*, Paris, dezembro de 1978, p. 1-6.

JONES, Sebastian. “*Los mercenarios de la opinión ‘independiente’*”. In: *Le Monde Diplomatique Edición Cono Sur*, Buenos Aires, n.º 133, julho de 2010.

JULIEN, Claude. “*Agir*”. In: *Le Monde Diplomatique*, Paris, junho de 1996, p. 2.

_____. “*Aidez-nous à réussir la filialisation du « Monde diplomatique*”. In: *Le Monde Diplomatique*, Paris, fevereiro de 1996, p. 2.

_____. “*Assassinat*”. In: *Le Monde Diplomatique*, Paris, dezembro de 1986, p. 1 e p. 15.

_____. “*Cette jubilation attristée...*”. In: *Le Monde Diplomatique*, Paris, outubro de 1973, p. 6.

_____. “*Jacques Decornoy, une culture de combat*”. In: *Le Monde Diplomatique*, Paris, janeiro de 1997.

_____. “*Le devoir d’irrespect*”. In: *Le Monde Diplomatique*, Paris, junho de 2005, p. 3.

_____. “*El deber de la irreverencia*”. In: *Le Monde Diplomatique Edición Cono Sur*, Buenos Aires, junho de 2005a, p. 34-35.

_____. “*A quoi servent ceux qui écrivent?*”. In: *Manière de voir*, Paris, n.º 137, outubro/novembro de 2014, p. 61-63.

_____. “*Manière de voir*”. In: *Manière de voir*, Paris, novembro de 1987, p. 4.

JURUNA, Julia. “*Brésil, le despotisme tropical*”. In: *Le Monde Diplomatique*, Paris, junho de 1976, p. 9-10.

_____. “*L’Etat contre la nation*”. In: *Le Monde Diplomatique*, Paris, agosto de 1983, p. 15.

_____. “*Le retour des fantômes*”. In: *Le Monde Diplomatique*, Paris, janeiro de 1986, p. 10.

KAPUSCINSKI, Ryszard. “*¿Acaso los medios reflejan la realidad del mundo?*”. In: *Le Monde Diplomatique Edición Cono Sur*, Buenos Aires, n.º 3, setembro de 1999, p. 26-27.

KLARE, Michael. “*Geopolítica de la efervescencia social*”. In: *Le Monde Diplomatique Edición Cono Sur*, Buenos Aires, n.º 119, maio de 2009.

LABROUSSE, Alain. “*Impérialisme, péronisme et révolution*”. In: *Le Monde Diplomatique*, Paris, novembro de 1973, p. 12-13.

LACOUTURE, Jean. “*Diverstié des non-alignés*”. In: *Manière de voir*, Paris, n.º 74, abril-maio de 2004, p. 10-15.

LACROIX, Bernard. “*Le retournement de Mai 68*”. In: *Le Monde Diplomatique*, Paris, maio de 2008, p. 31.

LE CROSNIER, Hervé. “Estrategias industriales y periodismo del futuro”. In: *Le Monde Diplomatique Edición Cono Sur*, n.º 110, agosto de 2008.

LE MONDE DIPLOMATIQUE. “A nos lecteurs”. In: *Le Monde Diplomatique*, Paris, março de 2008, p. 2.

_____. “‘Le Monde diplomatique’ en allemand”. In: *Le Monde Diplomatique*, Paris, maio de 1995, p. 2.

_____. “‘Le Monde diplomatique’ en espagnol”. In: *Le Monde Diplomatique*, Paris, dezembro de 1995, p. 2.

_____. “Une édition en espagnol du ‘Monde diplomatique’”. In: *Le Monde Diplomatique*, Paris, fevereiro de 1979, p. 22.

_____. “Qui sont les lecteurs du Monde diplomatique?”. In: *Le Monde Diplomatique*, Paris, novembro de 1985, p. 25.

LEMOINE, Maurice. “América Latina, Cuba y la democracia”. In: *Le Monde Diplomatique Edición Cono Sur*, Buenos Aires, n.º 48, junho de 2003.

_____. “Demain, Cuba...”. In: *Le Monde Diplomatique*, Paris, setembro de 2006, p. 1.

_____. “Zapata, Guevara, Allende... San Carlos”. In: *Le Monde Diplomatique*, Paris, maio de 1998, p. 13.

LÉVY, Bernard-Henri. “Réponse à un ‘spécialiste’”. In: *Le Monde Diplomatique*, Paris, fevereiro de 2004, p. 26-27.

LÓPEZ, María Pía. “Argentina: un campo cultural despedazado”. In: *Le Monde Diplomatique Edición Cono Sur*, Buenos Aires, n.º 83, maio de 2006, p. 33.

LORDON, Frédéric. “Crisis financiera: el eterno retorno”. In: *Le Monde Diplomatique Edición Cono Sur*, Buenos Aires, novembro de 2007.

_____. “La gauche ne peut pas mourir”. In: *Le Monde Diplomatique*, Paris, setembro de 2014, p. 1 e p. 18-19.

LOZADA, Salvador María. “La Constitución del ‘49’”. In: *Le Monde Diplomatique Edición Cono Sur*, Buenos Aires, n.º 75, setembro de 2005.

MANZONI, Celina. “El placer social de editar”. In: *Le Monde Diplomatique Edición Cono Sur*, Buenos Aires, n.º 40, outubro de 2002.

MASCHINO, Maurice T. “Les nouveaux réactionnaires”. In: *Le Monde Diplomatique*, Paris, outubro de 2002, p. 28-29.

MICHAUD, Guy. “Le mouvement étudiant: révolte ou révolution?”. In: *Le Monde Diplomatique*, Paris, junho de 1968, p. 1-5.

NATANSON, José. “Diez años después, ahora”. In: *Le Monde Diplomatique Edición Cono Sur*, Buenos Aires, n.º 150, dezembro de 2011.

_____. “El kirchnerismo como cultura política”. In: *Le Monde Diplomatique Edición Cono Sur*, Buenos Aires, n.º 184, outubro de 2014.

NEGRI, Antonio. “*El nuevo movimiento de los movimientos*”. In: *Le Monde Diplomatique Edición Cono Sur*, Buenos Aires, n.º 115, janeiro de 2009, p. 1.

PIELLER, Evelyne. “*Loin de l’impuissance mélancolique*”. In: *Manière de voir*, Paris, n.º 137, outubro/novembro de 2014, p. 4.

PIERRE, André. “*Moscou n’est plus la ‘Mecque’ du marxisme*”. In: *Le Monde Diplomatique*, Paris, novembro de 1956, p. 1-3.

PIVERT, Isabelle. “*La dictadura de los accionistas*”. In: *Le Monde Diplomatique Edición Cono Sur*, Buenos Aires, n.º 117, março de 2009.

RAMADAN, Tariq. “*L’islam d’Europe sort de l’isolement*”. In: *Le Monde Diplomatique*, Paris, abril de 1998, p. 13.

_____. “*Les musulmans d’Europe pris en tenaille*”. In: *Le Monde Diplomatique*, Paris, junho de 2000, p. 12-13.

_____. “*L’islam au pied de la lettre*”. In: *Le Monde Diplomatique*, Paris, julho de 2002, p. 2.

RAMIREZ, Sergio. “*Amérique latine du ‘Che’ à Marcos*”. In: *Le Monde Diplomatique*, Paris, dezembro de 1997, p. 2.

RAMONET, Ignacio. “*Adiós libertades*”. In: *Le Monde Diplomatique Edición Cono Sur*, Buenos Aires, n.º 31, janeiro de 2002, p. 40.

_____. “*Age d’or*”. In: *Manière de voir*, Paris, n.º 90, dezembro de 2006/janeiro de 2007, p. 4-5.

_____. “*Anticastro primario*”. In: *Le Monde Diplomatique Edición Cono Sur*, Buenos Aires, n.º 34, abril de 2002, p. 18-19.

_____. “*Antiterrorismos*”. In: *Le Monde Diplomatique Edición Cono Sur*, Buenos Aires, n.º 57, março de 2004, p. 40.

_____. “*Amenazas a la información*”. In: *Le Monde Diplomatique Edición Cono Sur*, Buenos Aires, n.º 91, janeiro de 2007, p. 40.

_____. “*Besoin d’utopie*”. In: *Le Monde Diplomatique*, Paris, maio de 1998, p. 9.

_____. “*Cinquante ans*”. In: *Manière de voir*, Paris, abril-maio de 2004, p. 5-6.

_____. “*Chávez*”. In: *Le Monde Diplomatique Edición Cono Sur*, Buenos Aires, n.º 4, outubro de 1999, p. 48.

_____. “*Claude Julien*”. In: *Le Monde Diplomatique*, Paris, junho de 2005, p. 40.

_____. “*Claude Julien*”. In: *Le Monde Diplomatique Edición Cono Sur*, Buenos Aires, junho de 2005a, p. 3.

_____. “*¿Crack 2008?*”. In: *Le Monde Diplomatique Edición Cono Sur*, Buenos Aires, n.º 104, fevereiro de 2008, p. 40.

- _____. “Davos? Non, Porto Alegre”. In: *Le Monde Diplomatique*, Paris, agosto de 2000, p. 5.
- _____. “Delicioso despotismo”. In: *Le Monde Diplomatique Edición Cono Sur*, Buenos Aires, n.º 11, maio de 2000, p. 40.
- _____. “Désarmer les marchés”. In : *Le Monde Diplomatique*, Paris, dezembro de 1997, p. 1.
- _____. “El adversario”. In: *Le Monde Diplomatique Edición Cono Sur*, Buenos Aires, n.º 28, outubro de 2001, p. 40.
- _____. “El año 2000”. In: *Le Monde Diplomatique Edición Cono Sur*, Buenos Aires, n.º 6, dezembro de 1999, p. 40.
- _____. “El crimen perfecto”. In: *Le Monde Diplomatique Edición Cono Sur*, Buenos Aires, n.º 36, junho de 2002, p. 40.
- _____. “El eje del mal”. In: *Le Monde Diplomatique Edición Cono Sur*, Buenos Aires, n.º 33, março de 2002, p. 40.
- _____. “El nuevo rostro del mundo”. In: *Le Monde Diplomatique Edición Cono Sur*, Buenos Aires, n.º 30, dezembro de 2001, p. 20-21.
- _____. “El quinto poder”. In: *Le Monde Diplomatique Edición Cono Sur*, Buenos Aires, n.º 52, outubro de 2003, p. 34-35 e p. 40.
- _____. “Fidel Castro cambia de terreno, pero no de bando”. In: *Le Monde Diplomatique Edición Cono Sur*, Buenos Aires, n.º 105, março de 2008.
- _____. “Guerre des idées”. In: *Le Monde Diplomatique*, Paris, maio de 2006, p. 1.
- _____. “Gunter Holzmann est mort”. In: *Le Monde Diplomatique*, Paris, fevereiro de 2001, p. 2.
- _____. “Hugo Chávez”. In: *Le Monde Diplomatique Edición Cono Sur*, Buenos Aires, n.º 98, agosto de 2007, p. 48.
- _____. “¿Indignaos!”. In: *Le Monde Diplomatique Edición Cono Sur*, Buenos Aires, n.º 140, fevereiro de 2011.
- _____. “Informarse fatiga”. In: *Le Monde Diplomatique Edición Cono Sur*, Buenos Aires, n.º 1, julho de 1999, p. 4.
- _____. “Intervención”. In: *Le Monde Diplomatique: más que un periódico*. Santiago: Editorial Aún Creemos en los Sueños, 2010, p. 33-44.
- _____. “Itinéraire d'un révolutionnaire”. In: *Le Monde Diplomatique*, Paris, abril de 2013, p. 22-23.
- _____. “L'aurore”. In : *Le Monde Diplomatique*, Paris, janeiro de 2000, p. 1.
- _____. “La crisis del siglo”. In: *Le Monde Diplomatique Edición Cono Sur*, Buenos Aires, n.º 112, outubro de 2008, p. 40.

- _____. “*La pensée unique*”. In: *Le Monde Diplomatique*, Paris, fevereiro de 1995, p. 2.
- _____. “*Le Monde et le Diplo*”. In: *Le Monde Diplomatique*, Paris, abril de 2003, p. 2.
- _____. “*Le Monde, la Bourse et nous*”. In: *Le Monde Diplomatique*, Paris, dezembro de 2001, p. 2.
- _____. “*Le Monde y le Diplo*”. In: *Le Monde Diplomatique Edición Cono Sur*, Buenos Aires, abril de 2003a, p. 36.
- _____. “*Medios concentrados*”. In: *Le Monde Diplomatique Edición Cono Sur*, Buenos Aires, n.º 42, dezembro de 2002, p. 40.
- _____. “*Medios en crisis*”. In: *Le Monde Diplomatique Edición Cono Sur*, Buenos Aires, n.º 67, janeiro de 2005, p. 40.
- _____. “*Neoimperialismo*”. In: *Le Monde Diplomatique Edición Cono Sur*, Buenos Aires, n.º 47, maio de 2003, p. 40.
- _____. “*Porto Alegre*”. In: *Le Monde Diplomatique Edición Cono Sur*, Buenos Aires, n.º 19, janeiro de 2001, p. 40.
- _____. “*Populismo francés*”. In: *Le Monde Diplomatique Edición Cono Sur*, Buenos Aires, n.º 96, maio de 2007, p. 40.
- _____. “*Notre ami Claudio Cortés Garcia assassiné au Mexique*”. In: *Le Monde Diplomatique*, Paris, dezembro de 1998, p. 2.
- _____. “*Qui sont les lecteurs du Monde Diplomatique?*”. In: *Le Monde Diplomatique*, Paris, outubro de 1998, p. 14-15.
- _____. “*S’informer fatigué*”. In: *Le Monde Diplomatique*, Paris, outubro de 1993, p. 28.
- _____. “*Viva Brasil!*”. In: *Le Monde Diplomatique*, Paris, janeiro de 2003, p. 1.
- _____. “*Voracidad*”. In: *Le Monde Diplomatique Edición Cono Sur*, Buenos Aires, novembro de 2007, p. 40.
- RIMBERT, Pierre. “*L’homme qui ne s’est jamais trompé*”. In: *Le Monde Diplomatique*, Paris, janeiro de 2010, p. 28.
- ROBERT, Anne-Cécile. “*La izquierda europea en su laberinto*”. In: *Le Monde Diplomatique Edición Cono Sur*, Buenos Aires, n.º 71, maio de 2005, p. 18-19.
- ROY, Olivier. “*L’islam au pied de la lettre*”. In: *Le Monde Diplomatique*, Paris, abril de 2002, p. 3.
- SADER, Emir. “*Desafío histórico para la izquierda*”. In: *Le Monde Diplomatique Edición Cono Sur*, Buenos Aires, n.º 44, fevereiro de 2003, p. 6-7.
- SAID, Edward. “*La traición de los intelectuales*”. In: *Le Monde Diplomatique Edición Cono Sur*, Buenos Aires, n.º 2, agosto de 1999, p. 10.
- SALMON, Christian. “*La estrategia de Sheherazade*”. In: *Le Monde Diplomatique Edición Cono Sur*, Buenos Aires, n.º 102, dezembro de 2007, p. 22-23.

SCHWARTZ, Antoine. “El reino de los libros sin calidad”. In: *Le Monde Diplomatique Edición Cono Sur*, Buenos Aires, n.º 83, maio de 2006, p. 32-33.

SEPÚLVEDA, Luis. “Ryszard Kapuscinski: Simplemente un Maestro (1)”. In: *Le Monde Diplomatique Edición Cono Sur*, Buenos Aires, n.º 103, janeiro de 2008.

TERÁN, Oscar. “Intelectuales y política en Argentina”. In: *Le Monde Diplomatique Edición Cono Sur*, Buenos Aires, n.º 41, novembro de 2002, p. 34-35.

TOUSSAINT, Eric. “Quebrar el círculo infernal de la deuda”. In: *Le Monde Diplomatique Edición Cono Sur*, n.º 3, setembro de 1999.

VIDAL, Dominique. “Ce que voulait de Gaulle en 1966”. In: *Le Monde Diplomatique*, Paris, abril de 2008, p. 18.

_____. “Cinquante voix de la résistance”. In: *Le Monde Diplomatique*, Paris, junho de 2004, p. 29.

_____. “Cincuenta voces de la resistencia”. In: *Le Monde Diplomatique Edición Cono Sur*, Buenos Aires, junho de 2004a, p. 37.

_____. “L’Internationale Du ‘Diplo’”. In: *Le Monde Diplomatique*, Paris, novembro de 2006, p. 27.

_____. “Mise au point”. In: *Le Monde Diplomatique*, Paris, dezembro de 2003, p. 2.

URIBE, Armando. “L’empire américain au Chili”. In: *Le Monde Diplomatique*, Paris, novembro de 1973, p. 1.

VASSALLO, Marta. “La gloria y el duelo”. In: *Le Monde Diplomatique Edición Cono Sur*, Buenos Aires, n.º 75, setembro de 2005, p. 6-7.

WALLERSTEIN, Immanuel. “Pourquoi le tiers-monde a disparu”. In: *Manière de voir*, Paris, outubro-novembro de 2014, p. 9-13.

WEINBERG, Gregorio. “El pensamiento francés en el Río de la Plata”. In: *Le Monde Diplomatique Edición Cono Sur*, n.º 13, julho de 2000.

TESES E DISSERTAÇÕES

ABI KARAM, Naïla. *Le conflit libanais d’après les articles du Monde Diplomatique (1973-1983)*. Paris: Université de Paris II – Panthéon-Assas, 1984. *Mémoire DEA* em ciências políticas.

BATALHA, Elisa de Santana. *A mídia altermundialista: a participação do Le Monde Diplomatique no Fórum Social Mundial*. Porto Alegre: Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2006. Dissertação de mestrado em relações internacionais.

BURROWES, Patrícia. *Le Monde Diplomatique: um jornal para pensar*. Rio de Janeiro: Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2002. Tese de doutorado em comunicação.

COMPAORE, Mamadou. *Le Monde Diplomatique et les conflits en Afrique de 1989 à 1994*. Paris: Université de Paris II – Panthéon-Assas, 1994. *Mémoire DEA* em ciências da informação.

ENDEWELD, Marc. *Une alternative dans la presse? Questions autour de la presse d'opinion*. Toulouse: Institut d'Études Politiques, 2004.

GHILES-MEILHAC, Samuel. *Le Monde Diplomatique et Israël (1954-2004): histoire moderne de l'Etat juif à travers un journal français de référence*. Grenoble: Institut d'Études Politiques, 2005. *Mémoire IEP* em ciências políticas.

HARVEY, Nicolas. *Le Monde Diplomatique: un concept éditorial hybride au confluent du journalisme, de l'université et du militantisme*. Rennes: Université de Rennes I. Tese de doutorado em ciência política.

HOLZINGER, Flavie. *Le Monde Diplomatique d'Ignacio Ramonet de 1991 à 2008: analyse géopolitique des représentations*. Paris: Université Paris VIII – Vincennes-Saint Denis, 2014. Tese de doutorado em geopolítica.

LATTEF, Abdelhakim. *Le 'Monde Diplomatique' et Attac: interactions entre espace journalistique et espace social*. Lille: Université de Droit, 2008. *Mémoire de master* em ciência política.

LE GLEDIC, Marc. *L'Amérique latine vue à travers le Monde Diplomatique (1970-1980)*. Paris: Université de Paris X – Nanterre, 1981. Tese de doutorado em estudos latino-americanos.

MILCZACH, Sylvie. *Les regards de la presse écrite française sur le conflit jordano-palestinien de 1970-1971: une étude du Monde, le Figaro, la Croix, l'Humanité, le Progrès de Lyon, Témoignage chrétien, Paris-Match, l'Express et le Monde Diplomatique*. Lyon: Université de Lyon II, 2000. Tese de doutorado em história contemporânea.

NDIAYE, Cheikh. *L'Afrique noire dans les relations internationales, la vision du Monde Diplomatique*. Paris: Université de Paris II – Panthéon-Assas, 1994. *Mémoire DEA* em ciências da comunicação e da informação.

PERRET, Jean-Baptiste. *Le Monde Diplomatique: une représentation de la communication*. Grenoble: Institut d'Études Politiques, 1996. *Mémoire IEP* em ciências políticas.

PINTO, Fernanda Iarossi. *O reaproveitamento de notícias no jornalismo impresso contemporâneo: o caso do Caderno Diplô, do Le Monde Diplomatique Brasil*. Bauru: Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação, Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", 2010. Dissertação de mestrado em comunicação.

RABADÁN, Pablo López. *La estrategia de encuadre en la prensa de referencia internacional: el caso de Le Monde Diplomatique*. Madrid: Universidad Rey Juan Carlos, 2009. Tese de doutorado em ciências da comunicação.

SAYURI, Juliana O. *Le Monde Diplomatique Brasil: por uma história possível*. São Paulo: Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2011. Dissertação de mestrado em história social.

SZCZEPANSKI-HUILLERY, Maxime. *Du diplomate au citoyen. Études sur la politisation du Monde diplomatique et de ses lecteurs (1954-2008)*. Amiens: Université de Picardie, 2009. Tese de doutorado em ciência política.

WEIL, Benjamin. *Pas si diplomatique que ça: Le Monde Diplomatique et le conflit israélo-arabe de 2000 à 2006: une tentative d'analyse et d'interprétation*. Paris: Université Paris I – Sorbonne, 2006. Dissertação de mestrado em sociologia política.

DOCUMENTÁRIOS

La sociologie est un sport de combat. Direção: Pierre Carles. C-P Productions e VF Films Paris, 2001. 146 minutos.

Les nouveaux chiens de garde. Realização: Gilles Balbastre e Yannick Kergoat. Roteiro: Serge Halimi, Pierre Rimbert, Renaud Lambert, Gilles Balbastre e Yannick Kergoat. Jem Productions. Paris, 2012. 104 minutos.

ARQUIVOS

- Biblioteca da École des Hautes Études en Sciences Sociales (EHESS) (Paris, França).
- Biblioteca da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA-USP) (São Paulo, Brasil).
- Biblioteca Florestan Fernandes, da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (FFLCH-USP) (São Paulo, Brasil).
- Biblioteca Octavio Paz, do Instituto Cervantes (Paris, França).
- Biblioteca do Institut des Hautes Études de l'Amérique Latine (IHEAL), da Université Paris III – Sorbonne Nouvelle (Paris, França).
- Biblioteca da Université Paris VIII – Vincennes-Saint Denis (Paris, França).
- Biblioteca da Université Paris X – Nanterre (Paris, França).
- Centro de Apoio à Pesquisa Histórica, da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (FFLCH-USP) (São Paulo, Brasil).
- Redação argentina de *Le Monde Diplomatique* em Buenos Aires (Argentina).
- Redação francesa de *Le Monde Diplomatique* em Paris (França).
- Redação chilena de *Le Monde Diplomatique* em Santiago (Chile).

APÊNDICE

Este espaço reúne as entrevistas realizadas, além de informações relevantes para esta tese de doutorado. As entrevistas com os jornalistas e editores de *Le Monde Diplomatique* foram devidamente gravadas, traduzidas, transcritas e editadas. Entre os entrevistados estão:

Anne-Cécile Robert

Anne-Cécile Robert nasceu no dia 28 de abril de 1967 em Paris, França. É jornalista e doutora em Direito Europeu pela Université Paris VIII – Saint-Denis. Integrante da redação desde 1996, coordena as edições internacionais de *Le Monde Diplomatique* desde 2010.

Bernard Cassen

Bernard Cassen nasceu no dia 2 de novembro de 1937 em Paris, França. É jornalista. Foi um dos fundadores da Université Paris VIII – Vincennes – Saint-Denis. Foi fundador e presidente de honra do movimento Attac-France e um dos idealizadores do Fórum Social Mundial, Porto Alegre. Integrante da redação de *Le Monde Diplomatique* desde a década de 1980, foi editor até 2008. Atualmente se dedica à instituição Mémoire des Luttes.

Carlos Alfieri

Carlos Alfieri nasceu no dia 30 de outubro de 1942 em Lanús, Buenos Aires, Argentina. É jornalista, filósofo e autor de *Conversaciones* (Katz Editores, 2008). É um dos editores de *Le Monde Diplomatique* na Argentina, desde 2008.

Carlos Gabetta

Carlos Gabetta nasceu no dia 28 de setembro de 1943 em Rosario, Santa Fe, Argentina. É jornalista e autor de *Tomos somos subversivos* (Bruguera, 1983), entre outros. Foi diretor de *Le Monde Diplomatique* entre julho de 1999 e janeiro de 2011, na Argentina. Também foi diretor de *cuatroSemanas y Le Monde Diplomatique*, entre agosto de 1992 e agosto de 1994, na Espanha.

Creusa Muñoz

Creusa Muñoz nasceu no dia 2 de dezembro de 1978 em Rosário, Argentina. É coordenadora e uma das redatoras de *Le Monde Diplomatique* na Argentina, integrante da redação desde 2005. É jornalista e licenciada em Relações Internacionais pela Facultad de Ciencia Política y Relaciones Internacionales da Universidad Nacional de Rosario.

Dominique Vidal

Dominique Vidal nasceu no dia 18 de junho de 1950 em Paris, França. É jornalista, historiador e especialista em Relações Internacionais. Iniciou no *Monde Diplomatique* na França em 1995. Foi responsável pela coordenação das edições internacionais até 2010.

José Natanson

José Natanson nasceu na Argentina, em 1977. É jornalista, cientista político e autor de *La nueva izquierda* (Random House, 2007). É diretor de *Le Monde Diplomatique* na Argentina desde 2011. Foi redator e colunista do diário *Página/12*, e diretor da revista *Nueva Sociedad*.

Luciana Garbarino

Luciana Garbarino nasceu no dia 18 de janeiro de 1986 em Buenos Aires, Argentina. É uma das redatoras de *Le Monde Diplomatique* na Argentina, integrante da redação desde agosto de 2011. É formada em Jornalismo pela Universidad de Buenos Aires.

Luciana Rabinovich

Luciana Rabinovich nasceu no dia 29 de abril de 1984 no Rio de Janeiro, Brasil. Filha de argentinos, atualmente é uma das redatoras de *Le Monde Diplomatique* na Argentina, integrante da redação desde agosto de 2008. É formada em Letras pela Facultad de Filosofía y Letras da Universidad de Buenos Aires.

Pablo Stancanelli

Pablo Stancanelli nasceu no dia 1º de junho de 1975 em Lima, Peru. É um dos editores de *Le Monde Diplomatique* na Argentina, integrante da redação desde 1999. Estuda na Facultad de Filosofía y Letras da Universidad de Buenos Aires.

Maurice Lemoine

Maurice Lemoine nasceu na França, em 1944. É jornalista. Integrante da redação desde a década de 1980, foi editor de questões relacionadas à América Latina no *Monde Diplomatique* francês até outubro de 2010.

Renaud Lambert

Renaud Lambert nasceu na França, em 1974. É editor responsável por questões relacionadas a América Latina de *Le Monde Diplomatique* desde abril de 2010. Foi repórter no programa *Là-bas si j'y suis* da rádio *France Inter* e participou da produção do documentário *Les nouveaux chiens de garde* (2012).

Serge Halimi

Serge Halimi nasceu na Tunísia, em 1955. Jornalista, cientista político e autor de *Les nouveaux chiens de garde* (Raison d'Agir, 2005). Desde 2008 é diretor da edição francesa de *Le Monde Diplomatique*.



Redação de *Le Monde Diplomatique*, na França

(1) ENTREVISTA DE ANNE-CÉCILE ROBERT

Realizada na redação francesa de *Le Monde Diplomatique* (Paris), no dia 4 de fevereiro de 2013, esta entrevista foi traduzida (do inglês), transcrita, editada e autorizada pela fonte.

Primeiro, queria saber sobre sua trajetória intelectual e jornalística. Pode me contar?

Anne-Cécile Robert: Sou uma jornalista de *Le Monde Diplomatique*. Estou na redação há quinze anos. Sou Ph.D. em Direito Europeu. Conheci o diretor Bernard Cassen na ONG Le Cercle Condorcet, um *think tank* [francês]. Logo vimos que nós tínhamos vários pontos e interesses comuns. Ele me convidou a integrar a equipe. A princípio, era a jornalista responsável por matérias sobre a África. No *Monde Diplomatique*, cada jornalista fica responsável por um continente para “supervisionar”. Como também sou advogada, eles me pediram para cuidar das questões de direito internacional. Há quase cinco anos, com a saída de Dominique Vidal, eles me pediram para assumir a coordenação das edições internacionais. Fiquei bem animada com isso, pois penso que esse é um dos principais *assets* de *Le Monde Diplomatique*. Nós somos o único jornal a contar com tantas edições internacionais. Atualmente, nós somos publicados em quase 30 idiomas diferentes, em aproximadamente 50 edições ao redor do mundo (entre versões impressas e eletrônicas). É uma *network*, uma rede de colaboradores com quem nós concordamos nos pontos principais – então, é fácil de administrar. Mas nós não “comandamos” todas as edições. É uma *network*.

Desde que assumiu a coordenação das edições internacionais, quais novas versões foram lançadas em outros países?

Anne-Cécile Robert: Iniciamos edições na Croácia, no Equador e em Honduras. E reiniciamos uma na Austrália. Antes de mim, Dominique Vidal era responsável pelas edições internacionais. Ele era muito animado com isso. E fez muito para ampliar nossa *network*, visitando lugares, encontrando pessoas, ajudando edições a começar, pois a maioria conta com equipe muito pequenas e com recursos financeiros muito limitados. Então, eles precisam de ajuda. Ele fez muito pelas edições.

Como é a sua dinâmica de trabalho no *Le Monde Diplomatique*?

Anne-Cécile Robert: Tento trabalhar com muita proximidade com cada edição. Nós conversamos por telefone e por e-mail. Penso que nós somos como uma família. Como

estamos espalhados ao redor do mundo, nós nos encontramos pouco. Temos uma reunião anual. Mas se nós não escrevermos, se não conversarmos por telefone, nós nos distanciamos. Então, tento manter essa proximidade com cada edição. Sobre o trabalho, quase nunca procuro pessoas para iniciarem novas edições. Na maioria das vezes, essas pessoas nos procuram. São jornalistas, intelectuais, acadêmicos, que leem *Le Monde Diplomatique* em francês e querem criar uma edição local. Quase nunca procuro essas pessoas, exceto em casos muito especiais, em países que consideramos importante ter uma edição.

Por exemplo?

Anne-Cécile Robert: Por exemplo, nós iniciamos uma edição na Croácia. E penso que deveríamos ter uma na Sérvia, porque as relações ali são muito tensas. Seria muito importante para o equilíbrio da presença de nossas edições ali. Estou procurando parceiros para tentar abrir uma edição sérvia. E, quando aconteceram as revoluções nos países árabes, comecei a procurar parceiros na Tunísia, por exemplo. Ali já estamos presentes em francês. Mas penso que, para os jovens tunisianos, seria interessante ter *Le Monde Diplomatique* lido em árabe.

Como é o primeiro contato com os aspirantes a edições internacionais?

Anne-Cécile Robert: Recebo muitos e-mails. “Oi, sou do país tal. Gosto do *Le Monde Diplomatique*. Quero trabalhar com vocês.” Outras vezes, conheço pessoas em conferências internacionais. E, conversando sobre *Le Monde Diplomatique*, encontramos a questão: “Por que não fazer uma edição nesse país?” Quero dizer, é uma relação muito informal. E nós gostamos disso. Depois desse primeiro contato, eu tento obter informações sobre essas pessoas – sobre suas posições, seus jornais, suas ideias, seus *backgrounds* pessoais. Há três semanas, recebi uma mensagem da Lituânia. E eu não conheço a situação política nesse país. Antes de tudo, para obter informações, pedi ajuda a um de nossos jornalistas. Depois, conversei com o diretor do jornal lituânio, que queria fazer uma parceria conosco, para saber se temos as mesmas ideias. O ponto principal é ter certeza de que estamos de acordo em questões políticas. É garantir que estamos de acordo com a linha editorial. Como disse, somos uma *network*. Duas ou três vezes por ano, faço uma pilha de edições internacionais, e leio todas para ver se estamos “ok” ou se temos problemas. Nós não podemos controlar as edições internacionais no cotidiano, mas precisamos concordar em questões editoriais e políticas. E, sobre a situação financeira das outras edições, nós não somos gananciosos. Não queremos dinheiro. Queremos espalhar nossas ideias ao redor do mundo. Consequentemente, nós decidimos as taxas [*impostas às edições internacionais*] de acordo com as condições

financeiras de cada país. Às vezes, ajudamos as iniciantes ao suprimir as taxas nos seis primeiros meses. A ideia é ser coerente com a situação local. Na Alemanha, a economia está melhor – então, a taxa é um pouco mais alta. Na Hungria, a economia está quebrada – então, a taxa é menor.

Quais foram os principais momentos para a expansão das edições internacionais de *Le Monde Diplomatique*?

Anne-Cécile Robert: As primeiras edições foram criadas na Europa – na Itália e na Grécia. Depois, muito rapidamente, na América Latina. O antigo diretor de *Le Monde Diplomatique*, Ignacio Ramonet, é muito popular na América Latina, onde tem muitos amigos. Lá também publicou muitos livros. Logo, ele rapidamente desenvolveu uma relação com os editores latino-americanos. Depois disso, tornou-se uma relação muito informal, no desenvolvimento das edições internacionais. Depois vieram os alemães. Diria que nosso principal problema é a Ásia. Nós temos uma edição bem-sucedida na Coreia do Sul, mas temos muitos problemas na China devido à questão da liberdade de imprensa no país. Nós temos uma edição eletrônica no Japão. Mas, no geral, é uma área difícil para nós.

E nos Estados Unidos?

Anne-Cécile Robert: *Le Monde Diplomatique* em inglês está presente na América do Norte, mas a edição é britânica. Não temos uma edição feita nos Estados Unidos. Gostaria de ter, mas é muito difícil encontrar um parceiro por lá. Nós já tivemos discussões com *The Nation* e *Harpers*. Mas eles dizem que, no geral, os americanos não estão tão interessados em relações internacionais. Nem no que os franceses pensam sobre as relações internacionais [risos]. É muito difícil. Por isso, nós tentamos expandir a edição britânica. Também estamos tentando encontrar um parceiro para uma edição norte-americana em espanhol, considerando os imigrantes latino-americanos que vivem nos Estados Unidos. Essa seria uma forma para entrar no mercado editorial americano. Precisamos encontrar um jornal hispânico nesse país.

Que impacto teve a internet nessa expansão? Teria impulsionado um novo boom de edições internacionais?

Anne-Cécile Robert: Não realmente. A internet tornou as coisas mais fáceis. Primeiro, por facilitar o contato e o envio de artigos entre as edições. Segundo, por permitir o surgimento de novas edições em países mais pobres, pois a internet é muito menos cara que o papel. Por fim, ajuda a contornar a censura política em países como a Bielorrússia, por exemplo. Também

espero que a internet nos ajude a abrir uma edição nos Estados Unidos. Mas não posso dizer que nós realmente vimos um “boom”.

E que espaço *Le Monde Diplomatique* encontra na América Latina?

Anne-Cécile Robert: A América Latina é o espaço mais dinâmico para nós. Quase tivemos edições em todos os países latino-americanos. E, em relação ao contexto sócio-político, os latino-americanos estão muito interessados em questões políticas. Eles precisam de informações. E estão procurando informações. Aí entra *Le Monde Diplomatique*. E quase não temos problemas financeiros com as edições latino-americanas – mesmo nas menores, como a chilena. As edições têm leitores – e quase nunca pedem ajuda para nós. Além disso, as edições latino-americanas trabalham como uma equipe. A Argentina é a principal edição, e faz as traduções para as demais. Além de muitos leitores, a edição tem bons recursos financeiros. É uma edição estratégica para nós. Também estudei espanhol para me comunicar melhor com eles – e não gosto muito de conversar em inglês [*risos*]. Um de nossos jornalistas, Renaud Lambert, é responsável pelas matérias de América Latina. Ele me ajuda a manter contato com essas edições.

A sra. acompanhou a saída de Carlos Gabetta e a chegada de José Natanson, na direção da edição argentina?

Anne-Cécile Robert: Ficamos muito tristes com a saída de Carlos Gabetta. Ele teve um papel muito importante na expansão de *Le Monde Diplomatique* na América do Sul, visitando lugares e ajudando novas edições. E ele também nos ajudou muito, ao preparar a nova equipe. Ele nos apresentou à nova equipe. Nós mandamos Renaud Lambert para Buenos Aires, para discutir a edição. Também convidamos José Natanson para vir a Paris. Essa edição é muito importante para nós. Assim, queremos manter uma relação próxima com os argentinos.

Na sua visão, quais foram os principais erros e acertos com as edições internacionais de *Le Monde Diplomatique*?

Anne-Cécile Robert: Tivemos poucos problemas com as edições internacionais. Lembro-me de um problema, com a edição norueguesa: eles publicaram um artigo sobre o 11 de Setembro realmente paranoico e nós não concordávamos, pois não era parte da nossa linha editorial. Outro problema aconteceu com a edição alemã, que estava preocupada com o que iríamos escrever sobre Israel. Ainda sobre os desacertos, ainda não temos uma edição nos Estados Unidos, nem presença maior na Ásia. Sobre as principais vitórias, talvez manter as edições na

Itália e na Grécia, mesmo com os imensos problemas financeiros nesses países. Nós nos orgulhamos disso. Também da presença nossa na África – além da versão francesa ali, temos uma edição em português em Angola e queremos reiniciar uma edição em inglês na África do Sul. Na maioria das vezes, as edições internacionais terminam por razões financeiras.

O que as edições internacionais herdaram de *Le Monde Diplomatique*? E no que diria que se diferenciam?

Anne-Cécile Robert: Principalmente na América Latina, *Le Monde Diplomatique* se relaciona muito na luta contra o colonialismo. E esse é um sinal para identificar a linha do jornal. Todas as edições herdaram o nosso DNA: nós somos contra o imperialismo, contra o colonialismo e contra o capitalismo neoliberal. Também estamos contra o livre mercado e a sua ganância. As edições internacionais são nossas primas – nós, a matriz. Nós acompanhamos o que elas fazem, mas não a “controlamos” diretamente. A partir disso, cada edição internacional tem suas próprias preocupações. Por exemplo, as edições europeias se preocupam muito com a Rússia e o imperialismo russo.

A partir disso, é certo dizer que *Le Monde Diplomatique* é uma revista de esquerda?

Anne-Cécile Robert: Não sei se a discussão entre direita x esquerda ainda é relevante. Mas o ponto essencial é que nós somos *free-minders*. Nós detestamos a dominação, de qualquer estilo: de países ricos sobre países pobres, dos homens sobre as mulheres, e assim por diante. Se isso quer dizer que somos *left-wing*, então, sim, estamos à esquerda. Mas, como você destacou, algumas edições podem ser consideradas mais moderadas ou mais radicais, especialmente nos países árabes onde as questões políticas são bem diferentes das europeias. Mas, insisto, antes de tudo, somos *free-minders* contra a dominação e a opressão. E nós temos um equilíbrio entre jornalistas e intelectuais acadêmicos no *Le Monde Diplomatique*. Penso que nós somos uma ponte entre um jornal e uma *review*. Uma de nossas preocupações é trazer para o público leitor leigo as ideias do mundo acadêmico. E trazer para os intelectuais um pouco do mundo real.

(2) ENTREVISTA DE ANNE-CÉCILE ROBERT

Realizada na redação de *Le Monde Diplomatique* (Paris), no dia 14 de outubro de 2014, esta entrevista foi traduzida (do francês), transcrita, editada e autorizada pela fonte.



Foto: Youtube

Na sua visão, qual é a principal linha (editorial e política) de *Le Monde Diplomatique*?

Anne-Cécile Robert: *Le Monde Diplomatique* é um jornal de contra-informação. A contra-informação é a ideia de ir investigar a informação desconhecida, mal conhecida, talvez escondida. E é um jornal de contra-informação que se interessa muito sobre “dominação”, seja dominação econômica, seja dominação entre os países, entre os homens e as mulheres, entre o patrão e os trabalhadores. Resumiria assim: nós vamos investigar a informação menos conhecida, menos retratada – e nós vamos tentar criticar isso que pode ser uma lógica de dominação e de injustiça no mundo.

Na nossa primeira entrevista, em 2013, a sra. disse que não estava certa se *Le Monde Diplomatique* poderia ser considerado de esquerda. Queria retornar a essa questão. A sra. considera *Le Monde Diplomatique* uma revista de esquerda?

Anne-Cécile Robert: Historicamente, *Le Monde Diplomatique* não é nem de direita nem de esquerda. É um jornal da grande imprensa – isto é, um jornal de qualidade, que procura dizer coisas difíceis e originais. É um jornal que, historicamente, teve lugar com o cristianismo social, interessou-se, por exemplo, pela teologia da libertação. Nesse sentido, nós podemos dizer que, sim, é de esquerda. Mas me parece redutor dizer unicamente isso. É, antes de tudo, um jornal social, de crítica e de liberdade de pensamento. Um jornal muito ligado a certos valores, como a justiça e a solidariedade. Que são, efetivamente, valores de esquerda. Mas que, a meu ver, são maiores que isso. Em todo caso, *Le Monde Diplomatique* não é ligado a partidos políticos, quaisquer. Sempre foi um jornal independente, em relação a eleições e partidos políticos.

Durante a Guerra Fria, Le Monde Diplomatique tampouco tomou partido ou se alinhou a um lado ou outro.

Anne-Cécile Robert: Dizemos que *Le Monde Diplomatique* critica o imperialismo. Durante a Guerra Fria, estávamos diante de dois imperialismos. Efetivamente, *Le Monde Diplomatique* não tomou partido de um imperialismo ou de outro. Nós criticamos todo tipo de imperialismo – e, na mesma época, nós criticamos o imperialismo francês na África, por exemplo. Para nós, não se trata de tomar posição de quaisquer “competições”, mas se trata de criticar os mecanismos, as lógicas e os casos de dominação, de criticar as injustiças – e não necessariamente entrar numa guerra entre X ou Y.

Não é tanto uma questão, portanto, entre X ou Y, mas uma questão de valores?

Anne-Cécile Robert: Sim, exatamente. O que nos inquieta é isso: a defesa de certos valores. E a defesa de certos valores na realidade. Isto é, não é preciso se meter a fazer ideologias ou a narrar belas histórias, mas a defesa de valores em relação ao que se passa na sociedade. Nós descrevemos as coisas – e as explicamos.

***Le Monde Diplomatique* é considerado um fenômeno único na imprensa internacional. Ao longo de sua história, muito além da França e da Europa, deu muita atenção às realidades de países não muito cobertos pelas editoriais internacionais na imprensa. Que pensa sobre isso?**

Anne-Cécile Robert: *Le Monde Diplomatique* tem uma reputação no mundo inteiro, precisamente porque se interessa não só pela França, mas pelo conjunto de países, mesmo sendo um jornal *très français*. Interessa-se pelo conjunto de países do mundo. E mesmo nosso

diretor, Serge Halimi, diz: faça um artigo sobre tal país, porque ninguém fala dele. É mesmo uma ordem: abordar tal pequeno país, que ninguém fala. E efetivamente temos essa reputação no mundo, que fez com que pessoas, de países diferentes, de realidades diferentes, viessem ao *Monde Diplomatique* para assinar a edição francesa, mas talvez também para criar uma edição nacional do *Monde Diplomatique*.

A sra. diz que *Le Monde Diplomatique* é um jornal très français. Que quer dizer?

Anne-Cécile Robert: *Le Monde Diplomatique* é um jornal très français na medida em que é uma expressão, sem dúvida, da cultura francesa. Quer dizer, um certo vínculo com a literatura e a cultura, uma abertura ao mundo. A França ficou marcada pela Revolução Francesa, com essa ideia de que nós podemos portar um ideal universal de justiça, de fraternidade, de direitos humanos. Universal, por se referir ao mundo inteiro. E talvez *Le Monde Diplomatique* seja muito francês nesse sentido, por portar esse ideal do universal, isto é, a ideia de que todos os povos finalmente tem essa ideia comum, esse fim comum de progredir e de fazer avançar os valores. Por muito francês, podemos dizer, tem esse desejo de fazer progredir esses valores universais e, também, de dar a palavra aos intelectuais do mundo inteiro.

Também a ideia de intelectuais nasceu na França. Intelectuais como Émile Zola e Jean-Paul Sartre marcaram o país. Na sua visão, qual é a relação de *Le Monde Diplomatique* com os intelectuais?

Anne-Cécile Robert: *Le Monde Diplomatique* é também uma tribuna. Muitos intelectuais americanos e chineses, escritores latino-americanos escrevem no *Monde Diplomatique*. Efetivamente, *Le Monde Diplomatique* é um espaço onde certas figuras podem se expressar. Mas não só os intelectuais: também escrevem sindicalistas, militantes, às vezes estudantes (como na edição chilena, que deu a palavra a estudantes manifestantes). Logo, gostamos de fazer esse encontro de pontos de vista, de diferentes pessoas, de diferentes países.

Na sua visão, *Le Monde Diplomatique* é mais um jornal francês traduzido e publicado em outros países – ou um jornal internacional nascido na França?

Anne-Cécile Robert: É mais justo dizer que é um jornal internacional nascido na França, mas muito marcado pelo internacional desde sua origem, pois seu fundador foi um jornalista especializado em questões internacionais, isto é, com pessoas que viveram no exterior, que se tornaram especialistas desses países. Nós preservamos essa tradição – e nossa redação também é muito internacional. Por exemplo, Serge Halimi (*diretor*) nasceu na Tunísia; Alain

Gresh (*ex-chefe de redação*) nasceu no Egito; Mona Chollet (*chefe de edição*) é suíça; Benoît Bréville (*novo chefe de redação adjunto*) estudou no Canadá; Ignacio Ramonet (*ex-diretor*) é espanhol e viveu por muito tempo no Marrocos. Então, nós temos essa tradição de abertura ao mundo – e de ter referências não unicamente francesas.

Qual é a importância da América Latina para *Le Monde Diplomatique*?

Anne-Cécile Robert: A América Latina é extremamente importante para *Le Monde Diplomatique*. De início, historicamente, pois é um continente que *Le Monde Diplomatique* acompanhou desde as ditaduras. Nós criticamos evidentemente e delatamos as ditaduras, apoiamos os movimentos populares de liberação. Também nos interessamos muito pela teologia da libertação, mas também pelos movimentos ao redor de Che Guevara e Fidel Castro. Nos interessamos muito historicamente pela América Latina pois ali há uma vida cultural e social muito importante, uma vida cultural com grandes intelectuais e grandes escritores de envergadura universal, com uma relação à justiça social muito forte nos povos latino-americanos. E atualmente nós estamos muito admirados da luta excepcional dos povos latino-americanos para se libertar do ultra-liberalismo e da dominação americana dos Estados Unidos. Isso é um exemplo, nós consideramos, para o mundo inteiro – mesmo se somos críticos de algumas derivações e alguns erros de alguns regimes. A América Latina é muito interessante e muito importante para nós, pois é um laboratório da liberdade.

A ascensão de novos governos na América Latina no início do século – Chávez na Venezuela, Correa no Equador, Lula no Brasil, Morales na Bolívia – é considerada uma virada à esquerda no subcontinente. No *Monde Diplomatique*, como isso é visto? Também contribui para essa “admiração”, talvez “esperança” política?

Anne-Cécile Robert: Em todo caso, provocou muito interesse. Suscitou muito, muito interesse – ainda suscita. Como uma fonte de ensinamento. Isso que nos seduziu, algumas experiências entre a mudança social e a democracia. Isso foi novo, porque talvez a esquerda, na história passada, fez a revolução com a ditadura, como a União Soviética. O que é interessante na América Latina continental é a busca de transformação social apoiada na democracia. É uma conjunção que efetivamente suscita muito interesse.

Na sua visão, na Europa não há mais essa busca de alternativas?

Anne-Cécile Robert: A Europa está numa situação muito diferente da América Latina. A Europa continental está agora dentro da União Europeia, 21 países com o tratado

internacional e o tratado europeu, que são como um quadro muito rígido, em que a possibilidade de buscar alternativas, a possibilidade de mudança social como na América Latina, é muito mais complicada. Temos o contrato com a Comissão Europeia, a Corte de Justiça e todas nossas instituições, nos diferentes países, são ligadas agora à construção europeia. Tendo a dizer que a Europa está congelada, pela mecânica do tratado europeu, que torna muito difícil fazer um movimento sem uma reação extremamente rígida. Por isso, a possibilidade de mudança é muito difícil na Europa nesse momento.

Dominique Vidal indica o surgimento do movimento altermundialista como o principal momento para a internacionalização de *Le Monde Diplomatique*. Na sua visão, qual foi o principal momento para impulsionar as edições internacionais?

Anne-Cécile Robert: É difícil dizer. As primeiras edições na Europa foram Grécia, Itália, Portugal, isto é, antes do altermundialismo. Além disso, *Eleftherotypia*, nosso parceiro na Grécia, é um jornal mais de centro-esquerda. Por sua vez, *Il Manifesto*, nosso parceiro na Itália, é muito à esquerda. Penso que a internacionalização do *Monde Diplomatique* não está ligada particularmente ao altermundialismo – mesmo se, efetivamente, com o altermundialismo tenha havido uma aceleração muito forte, que depois se desenvolveu na rede de edições internacionais nos anos 2000. Mas não está ligada unicamente ao altermundialismo. Por exemplo, recebi uma proposição da revista *Forbes* para criar uma edição na Croácia, por volta de 2010 ou 2011. Isso quer dizer que *Le Monde Diplomatique* é um jornal prestigiado. É uma referência. Mesmo sendo um jornal com suas convicções, ideias, opiniões muito marcadas, é também uma referência. Disse “não” à revista *Forbes*, dizendo que seria muito complicado do ponto de vista editorial [*risos*]. No fim, criamos outra edição croata, com um grupo de pesquisadores e estudantes. Mas isso é para dizer que *Le Monde Diplomatique* tem uma vida no mundo ligada à cultura francesa, que comentávamos no início. *Le Monde Diplomatique* é, *voilà*, uma instituição. O desenvolvimento de nossa influência está relacionado a isso, a nosso status de seriedade e de prestígio.

A respeito do prestígio da publicação: muitos intelectuais internacionalmente respeitados, como Eric Hobsbawm, Edward Said, Pierre Bourdieu, já escreveram no *Monde Diplomatique*. Vocês os procuram? Ou os intelectuais procuram vocês?

Anne-Cécile Robert: Os dois. Nós recebemos as proposições [*de artigos*], mas também pedimos [*textos*] aos intelectuais. Depende. Também há intelectuais que vêm espontaneamente a nós – por exemplo, Jacques Derrida, que é muito próximo do *Monde*

Diplomatique; Régis Debray igualmente. Em outro campo, o subcomandante Marcos, que não podia sequer ser encontrado pois estava escondido, nos procurou para escrever um artigo original, há quase 20 anos.

Isso vale também para as contribuições de escritores latino-americanos – como Gabriel García Márquez e Júlio Cortázar – no *Monde Diplomatique*?

Anne-Cécile Robert: Sim. O que os intelectuais gostam é ter um espaço para se expressar. No *Monde Diplomatique*, temos ainda espaço para os artigos longos – ao contrário da grande imprensa, onde os artigos são cada vez menores. Nós acreditamos que uma ideia não pode ser expressa se não há espaço suficiente para tal. Talvez os intelectuais nos procurem por saber que eles terão o tempo e o espaço para expressar uma ideia.

Como é o processo de edição?

Anne-Cécile Robert: No caso de escritores, não mexemos no texto. Se não, discutimos com os autores. Se tivermos anotações ou correções, nós dialogamos com os autores, para eventualmente adicionar ou modificar coisas. A versão final do texto é sempre, certamente, aprovada pelos autores. Sempre. Todas as modificações são discutidas com o autor – e é ele quem diz se está bom e se pode publicar.

Entre as edições latino-americanas, foco minha tese na edição argentina. Que importância tem a Argentina para *Le Monde Diplomatique*?

Anne-Cécile Robert: Não sei muito bem como responder. Penso que Renaud Lambert já tenha respondido isso. Não sei muito bem...

Talvez não a situação política do país, mas a importância da edição argentina?

Anne-Cécile Robert: A edição argentina é nossa central de tradução para a América Latina. Tem, assim, muita importância. E ao criar uma edição nessa zona, buscamos antes a concordância da edição argentina, de maneira que a tradução seja organizada. *Le Monde Diplomatique* acaba de criar uma edição em Porto Rico [número 1, outubro de 2014] – e assim colocou em relação as edições argentina e porto-riquenha.

O que mudou com a saída de Dominique Vidal, quando a sra. se tornou responsável pelas edições internacionais?

Anne-Cécile Robert: Antes de tudo, reconheço muito a Dominique Vidal, que fez um trabalho excepcional. Dei continuidade a seu trabalho e, em seguida, tentei consolidar a rede [*de edições internacionais*], por exemplo, procurando *subvention européenne* [financiamento], colocando as edições em contato umas com as outras, colocando as edições em contato com os organismos culturais e as embaixadas. Uma vez por mês, escrevo uma carta para todas as edições internacionais, em que conto as novidades do *Monde Diplomatique* no mundo. Também tento fazer conhecida a rede, por exemplo, organizei uma mesa-redonda aberta sobre as edições internacionais em Saint-Denis, no 60º aniversário de *Le Monde Diplomatique* [maio de 2014]. Também organizei uma mesa-redonda sobre as edições internacionais em Montreal, no Forum Mondial de la Langue Française [julho de 2012]. A ideia realmente é consolidar a rede.

Atualmente, há quantas edições internacionais?

Anne-Cécile Robert: 31 edições, em 26 idiomas. É o número mais atual. Mas é difícil dar números, porque a rede muda muito. Por exemplo, é possível que a edição croata se encerre, mas ao mesmo tempo, estamos criando a edição sérvia – menos uma, mais uma. É uma rede que funciona de uma maneira muito flexível. Talvez um pouco frágil.

E as edições árabes? Existem ainda?

Anne-Cécile Robert: Sim, temos uma edição árabe, com sede na Tunísia. Que, no momento, se apoia em três parceiros, um no Egito com o jornal *Al-Haram*, um no Kwait [*Al-Qabas*] e um nos Emirados Árabes Unidos [*Al-Khaleej*]. E vamos editar, imprimir, uma versão de *Le Monde Diplomatique* em árabe para Argélia, Marrocos e Tunísia.

Qual é a divisão oficial dos artigos franceses obrigatoriamente traduzidos nas edições internacionais (70/30, 60/40, 50/50)?

Anne-Cécile Robert: O oficial é 75/25. 75% de conteúdo francês, 25% de conteúdo local. Mas não é uma cifra totalmente matemática, é uma proporção. Mas precisamos lembrar dessa cifra, pois senão não há mais identidade. É devido à presença do conteúdo francês que a rede tem uma identidade com *Le Monde Diplomatique*. Se a proporção se inverte, não é mais *Le Monde Diplomatique*. Vira outra coisa.

Quanto a edição argentina precisa pagar pelo conteúdo de *Le Monde Diplomatique*?

Anne-Cécile Robert: Não tenho a menor ideia.

Que impacto teve a saída de Carlos Gabetta da direção argentina no *Le Monde Diplomatique* francês?

Anne-Cécile Robert: Ficamos tristes com sua saída, pois gostamos e devemos muito a ele. Sentimentalmente, foi triste. Fora isso, a edição caminha bem. A equipe ao redor de José Natanson funciona bem – e pensamos que ele está fazendo um trabalho formidável.

A internet ajudou a difusão das ideias de *Le Monde Diplomatique* no mundo?

Anne-Cécile Robert: É, sem dúvida, um acelerador. Um acelerador, mas *Le Monde Diplomatique* ainda é muito difundido no papel. A versão impressa tem alguma qualidade mítica em alguns países. Para as edições internacionais, a internet ainda foi um meio para consolidar a rede. Estamos trabalhando na construção de uma base para o conjunto das edições internacionais, centralizado em Paris. Pedimos o financiamento via *subvention européenne*, para postar online e organizar uma vida mais cotidiana dentro da rede. A internet vai nos ajudar a consolidar e desenvolver a rede de edições internacionais.

Como é a dinâmica na redação? Como acompanha as edições internacionais?

Não tenho tempo materialmente para ler todas as edições – e algumas línguas me são totalmente estranhas, como o búlgaro ou o coreano. Uma vez por mês tenho uma reunião de trabalho com o diretor e o secretariado, sobre as edições internacionais, para ver como anda a rede, se temos problemas, se podemos ajudar algumas edições eventualmente. De tempos em tempos, também peço aos colaboradores do *Monde Diplomatique*, que dominam algumas línguas, para me ajudar. Dou os exemplares das edições e pergunto o que eles pensam a respeito, para saber um pouco sobre suas opiniões sobre o conteúdo.

Qual é o jornalismo defendido por *Le Monde Diplomatique*?

Anne-Cécile Robert: Nós defendemos um jornalismo a meio caminho entre um jornal e uma *revue*, quer dizer, um jornalismo exigente sobre a forma e o conteúdo. Um jornalismo de longo prazo, de profundidade. Não é um jornalismo *événementiel*. Nós gostamos de trabalhar com tempo e com recuo. É um jornalismo de reflexão.

Qual é o papel dos intelectuais no *Le Monde Diplomatique*?

Anne-Cécile Robert: Intelectuais escrevem no *Le Monde Diplomatique* – e todos os jornalistas de *Le Monde Diplomatique* são diplomados, são doutores. Ter conhecimento

acadêmico é extremamente importante para nós. Quando ao conteúdo do jornal, nós tentamos ter ao mesmo tempo artigos de jornalistas, de repórteres, e artigos de pesquisadores e de intelectuais. São diferentes tipos de autores.

Qual é o papel dos intelectuais na sociedade?

Anne-Cécile Robert: É uma questão muito complicada. É complicada pois atualmente há muitos falsos intelectuais, como Bernard Henri-Lévy, por exemplo. Um intelectual é alguém capaz de pensar, poderia ser bem um trabalhador ou um *instituteur*, não necessariamente um pesquisador ou um escritor. É alguém que pensa e que reflete. É mais o papel do intelecto na sociedade que é interessante. Isto é, nossa sociedade é sempre capaz de refletir? Atualmente temos a impressão de que embarcamos numa máquina, cada vez mais rápida. É preciso reabilitar o tempo longo, a reflexão, a duração. Infelizmente os intelectuais, no sentido clássico do termo, não desempenham esse papel atualmente. Especialmente os intelectuais midiáticos têm a tendência a ficar no atual, na rapidez, na escrita rápida, seguindo as modas. Não como os intelectuais, no sentido clássico, como Émile Zola ou Pierre Bourdieu mais recentemente, que são capazes de pôr seu pensamento a serviço do interesse geral. No *Monde Diplomatique* desejamos continuar a portar isso, as exigências do pensamento num mundo muito preso ao cotidiano e a urgência. No *Le Monde Diplomatique*, nós reivindicamos um certo longo prazo, nós recusamos seguir o fluxo dos acontecimentos.

(3) ENTREVISTA DE BERNARD CASSEN

Realizada na sede de Mémoire des Luttés (Paris), no dia 10 de novembro de 2014, esta entrevista foi traduzida (do francês), transcrita, editada e autorizada pela fonte.



Foto: Attac-TV

Primeiro, queria saber um pouco sobre sua trajetória intelectual. Pode me contar?

Bernard Cassen: Posso dizer os estudos que fiz e os postos que ocupei. Estudei letras [*inglês*] – *agrégé d'anglais*, em 1961. Lecionei no Lycée Henri IV e depois fui professor assistente na Sorbonne. Em 1968, com três outros professores, fui um dos fundadores da Université de Vincennes, que se tornaria Université Vincennes – Saint-Denis – Paris VIII, em 1980. Com Pierre Merlin e Hélène Cixous. Há um livro sobre essa história – escrevi um capítulo sobre como o Partido Comunista Francês salvou Vincennes. Não lembro direito o título do livro... Enfim, fui professor na Université de Vincennes, fui diretor do departamento de estudos anglicistas por muito tempo. Depois, interrompi minhas atividades acadêmicas por quatro anos, tempo em que trabalhei no Ministère de la Recherche et de l'Industrie. Fui diretor de uma missão interministerial de informação científica e técnica. Quando retornei à universidade, contribuí na criação do Institut d'Études Européennes, na *université*, em 1992. Fui professor no departamento de ciência política até 2000, data em que me aposentei da

universidade. Também participei da criação da Attac – e fui o primeiro presidente do movimento, agora sou presidente de honra. Também fui um dos idealizadores do Fórum Social Mundial. A idealização do Fórum Social Mundial se decidiu no meu bureau, com Chico Whitaker e Oded Grajew. Paralelamente a isso tudo, fiz uma carreira como jornalista. Colaborei com *Le Monde* a partir de 1967, integrei a equipe formada por Claude Julien no *Monde Diplomatique* a partir de 1973. Fui diretor-geral do *Monde Diplomatique* por doze anos, entre 1996 e 2008. Com Ignacio Ramonet, formamos a associação Mèmoire des Luttes, ao lado do *Monde Diplo*. Essa é basicamente minha trajetória, meus estudos e minha carreira.

Como o sr. definiria a linha, editorial e política, do *Monde Diplomatique*?

Bernard Cassen: *Le Monde Diplomatique* foi fundado em 1954 – e, por muitos anos, foi um suplemento do *Monde*, dedicado a política internacional. Os autores do *Monde Diplomatique* eram os autores do *Monde*. Tudo mudou em 1973, quando Claude Julien se tornou redator-chefe do *Monde Diplo*, transformando-o num *jornal* e não simplesmente um suplemento de um jornal, com uma linha que, na época, dizíamos terceiro-mundista. Uma linha crítica vis-à-vis o imperialismo, vis-à-vis os Estados Unidos especialmente. Uma linha, podemos dizer, simpatizante das revoluções, dos movimentos de libertação nacional, etc. Com o passar dos anos, *Le Monde Diplo* se tornou o órgão central da luta contra a ideologia neoliberal. Fomos nós a cunhar o termo primeiramente. Atualmente, é um termo banal, mas não era no fim da década de 1970. Estávamos relativamente isolados. E *Le Monde Diplo* esteve na contracorrente das ideias dominantes. Nós abordamos os temas que os outros não abordam. Ou nós abordamos de maneira diferente. Não é a linha política do Partido Comunista ou da União Soviética. Cada jornalista tem sua sensibilidade. Apesar das sensibilidades diferentes, há essa linha antiimperialista e antineoliberal, com atenção dedicada à África e América Latina. E ao Oriente Médio, onde a linha do *Monde Diplo* é muito... Diria pró-Palestina. É escandaloso o que acontece na Palestina. Somos partidários da segurança do Estado de Israel, mas também partidários de um Estado da Palestina. Portanto, é um *mensuel* progressista. Por uma parte, é a tradição de Claude Julien. Por uma parte se inspira em alguns elementos da esquerda cristã, mas há um mosaico da esquerda cristã ao Partido Socialista na Europa. Tivemos um papel muito importante no debate europeu, do *Traité Constitutionnel Européen* em 2005. Nós demolimos os argumentos primários, ou argumentos ausentes, de parte dos debatedores. Constituímos um tipo de ilha progressista no interior do horizonte midiático francês. Conquistamos nossa independência, pois quando Claude Julien assumiu a direção, *Le Monde Diplo* ainda não tinha personalidade jurídica. Era um serviço, como o serviço de

contabilidade e de marketing, do *Monde*. Ao longo dos anos, pedimos para *Le Monde Diplo* se tornar uma personalidade jurídica, para ter independência. Conseguimos em 1996, com a divisão das ações: 51% do *Monde*, 24% do staff na Association Gunter Holzmann, 25% dos leitores na Association Amis du Monde Diplomatique. *Le Monde Diplo* é uma sociedade como as outras, com acionistas. E o lugar onde estamos agora é do *Monde Diplomatique*. Compramos o imóvel, o que nos dá uma segurança [financeira] formidável.

Apesar das diferentes sensibilidades, o sr. diria *Le Monde Diplomatique* como uma publicação de esquerda?

Bernard Cassen: Nunca usamos essa palavra. Nunca dizemos um jornal de esquerda.

Por quê?

Bernard Cassen: Porque é redutor. Primeiramente, as categorias “esquerda” e “direita” estão longe de estar estabilizadas, sobretudo atualmente. Se Manuel Valls se diz de esquerda... Quer dizer, se Manuel Valls é de esquerda, todo mundo pode ser [risos]. É um termo político parlamentar, a esquerda, o centro, a direita. Portanto, nunca usamos essa palavra para nos qualificar. Somos todos de esquerda, mas o jornal não é um jornal de esquerda. Primeiramente, é um jornal – não é um partido. Há pontos de vista que podem ser ligeiramente diferentes, não concordamos sobre tudo. Há desacordos entre nós, por exemplo, sobre o secularismo, sobre o véu [islâmico]. Mas são desacordos que não nos impedem de trabalhar juntos. Não é uma linha de partido, mas todos temos sensibilidade de esquerda. Mas o jornal não é de esquerda. Precisa ter essa independência para inclusive criticar a esquerda. Há muitos artigos no *Monde Diplomatique* que são muito críticos da esquerda, ainda que, como disse, não sabemos direito o que isso quer dizer.

Como o sr. definiria a esquerda? Aliás, há uma esquerda atualmente?

Bernard Cassen: Tudo depende. A esquerda é uma noção geográfica: depois da revolução, a assembleia se dividiu entre deputados de esquerda e de direita. Esse vocabulário foi implantado nessa época. As coisas foram claras o bastante durante o tempo, com o bloco conservador e o bloco progressista. A esquerda foi encarnada essencialmente por uma parte do Partido Socialista e pelo Partido Comunista. Após o declínio do Partido Comunista, onde está a esquerda atualmente? Se a esquerda é a social democracia, nós vemos que a social democracia está num impasse total, fazendo a política que fazia a direita e pior. E se a direita tomar o poder fará ainda pior. É um espetáculo desolador. Há um artigo no *Monde*

Diplomatique, de setembro ou de outubro [de 2014], de Frédéric Lordon, um autor importante, que diz que a esquerda é a resistência à hegemonia do capital. É uma definição sucinta. Se tomarmos essa definição, o Partido Socialista não é de esquerda. Para qualificar a esquerda, podemos dizer a esquerda radical ou a esquerda de esquerda, encarnada na França por Front de Gauche, o PC, o PG. Mas as fronteiras são terrivelmente esfumaçadas. Se tomarmos a definição a partir do capital, a esquerda não tem muito espaço eleitoralmente. É para mudar. Desse ponto de vista, *Le Monde Diplomatique* faz parte da esquerda da esquerda. Mas você nunca verá no *Monde Diplomatique* a declaração: “nós somos de esquerda”.

Sr. Cassen, tenho duas questões, talvez não muito cordiais, sobre a Attac. Primeiro, James Tobin pediu para retirar seu nome do nome do movimento?

Bernard Cassen: Como nasceu a Attac? A Attac nasceu a partir de um artigo de Ignacio Ramonet no *Monde Diplomatique*. Em que ele diz para desarmar os mercados e, no fim, questiona por que não criar uma organização para uma Taxa Tobin? Isso mudamos muito rapidamente, pois era redutor. Pois não abordamos a Taxa Tobin, mas a tributação de transações. Contudo, a Taxa Tobin nos interessava, na medida em que era um recurso imposto aos mercados financeiros, destinado a ajudar diversas... Podemos fazer uma longa lista de todas as estruturas e instituições que poderiam ser beneficiadas de uma tal taxa. A Taxa Tobin é uma tributação sobre as transações de divisas, sobre o mercado de divisas, não sobre as ações. [...] Conversei com Tobin ao telefone e o convidei para vir a Paris, mas ele estava viajando. Ele não concordou com a utilização de seu nome, mas já tínhamos parado de utilizá-lo. Não estava de acordo conosco também, pois, para ele, a Taxa Tobin se justificava por outras razões. Para nós, interessava a punição sobre o capital. Para ele, interessava estabilizar as moedas para o comércio internacional. Uma perspectiva liberal. Por isso, tínhamos pontos de vista diferentes.

A outra questão é sobre a acusação de fraude eleitoral para a direção da Attac, em 2005/2006. O que aconteceu?

Bernard Cassen: Houve eleições em 2006. Para renovar o conselho de administração, como a cada três anos. E alguns consideraram... O voto é feito por correspondência. E os votos foram apurados... Deviam ter sido apurados num só dia, mas não foram todos. Eles foram armazenados. Era um domingo. E, entre o domingo, a segunda e a terça-feira, a votação caminhava para um lado. E na terça-feira, a situação se inverteu. Alguns deduziram que houve fraude.

Mas foi confirmada?

Bernard Cassen: Assim que as acusações foram feitas, como era presidente de honra, disse: se houve fraude, é preciso procurar a justiça. *Moi*, eu pedi para prestar queixa na justiça. Houve investigação, fui interrogado pela polícia, como muitos outros. Eles fizeram bem seu trabalho. Verificaram os telefones, onde as pessoas estavam no tal dia, na tal hora. Não fraudei nada, logo não tinha nenhum problema. E o magistrado, o juiz escreveu: a fraude não foi provada, mas que ela era possível. O juiz disse: a fraude não foi provada. E parou por aí.

Isso provocou um mal-estar entre *Le Monde Diplomatique* e Attac?

Bernard Cassen: À época, eu era presidente de honra da Attac e diretor-geral do *Monde Diplomatique*. Mas havia um muro nas interações entre *Le Monde Diplomatique* e Attac. *Le Monde Diplomatique* é um jornal, Attac é outra coisa. Houve uma grave crise na Attac na época, pois parte dos integrantes e dos dirigentes... Havia uma violenta corrente entre a maioria e a minoria... A Attac tem uma longa história, precisaria ter mais tempo para explicar. Mas diremos que foi uma ocasião para as organizações integrantes da Attac (que reúne organizações e indivíduos) para retomar o controle da Attac. Eu estava no *Monde Diplomatique* e tinha legitimidade por ter feito a Attac. Logo, eu era intocável praticamente, mas meu sucessor não era. Havia um elemento muito importante sobre o papel da Attac durante a campanha do referendo [de 2005]. A Attac teve um papel decisivo – e alguns jornalistas, analistas consideraram a Attac como a artesã da vitória do “não”, pois formulamos a argumentação intelectual muito tempos antes. No dia em que Jacques Chirac decidiu fazer um referendo, a 14 de julho de 2004, nós já tínhamos formado as argumentações – e a Attac teve um papel enorme. Minha tese, portanto contestável, é que as organizações, principalmente sindicais, integrantes da Attac digeriram muito mal isso. Temiam que a Attac se transformasse num partido ou num tipo de concorrente. É absolutamente absurdo. Houve uma cisão.

Li um artigo do sr., que questionava o altermundialismo ou pós-altermundialismo. Que ideia se tem do altermundialismo atualmente? A ideia ainda funciona?

Bernard Cassen: Não. A palavra “altermundialismo” entrou no léxico não sabemos como. Não sabemos quem foi o primeiro a cunhá-la. Antes era “antiglobalização”. O “altermundialismo” correspondeu a uma época. Os primeiros anos do Fórum Social Mundial. Ali, a foto, é do Fórum de Porto Alegre, em 2001, com Lula e Tarso. Ali, a outra foto, com

Chávez. [...] *Oui*, o altermundialismo. Atualmente, não sei mais o que quer dizer. Salvo que é um conceito fluido, uma maneira fácil de reunir diferentes coisas. Gosto da metáfora do metrô. Quando pegamos o metrô La Défense ao Château de Vincennes, a Attac fez o altermundialismo 100%, pegamos o metrô La Défense e descemos ao fim. Mas os sindicatos, a CGT sobe no metrô na estação Concorde e desce na Tuileries. Como o movimento altermundialista é composto por organizações muito diferentes, os sindicatos, as igrejas, as associações, tudo o que você quiser. Que têm ideias diferentes. Que têm missões diferentes. Para pôr essa nebulosa sob um chapéu, um título comum foi o altermundialismo. Mas não há unidade. É uma convergência de proposições. É um processo de conscientização. Esteve associado a grandes manifestações contra o FMI e a OMC, o Banco Mundial e a União Europeia, ao Fórum Social Mundial. Assim se concretizou. Mas a passagem do nível internacional ao nível nacional é difícil. Atualmente, não sei muito o que quer dizer. Quando digo “pós-altermundialismo”, quero dizer duas coisas. Primeiro, é preciso continuar fazendo o que fazemos. Mas é preciso notar a diferença radical entre o momento em que o movimento nasceu como tal, foi identificado e foi intitulado, e o momento em que governos progressistas ascenderam ao poder na América Latina. Que mudaram tudo. Em 2001, no primeiro Fórum, só havia um governo de acordo, ou que se declarou de acordo, que foi Chávez. Em 2006, no Fórum de Caracas, após o fim do fórum, Chávez fez uma reunião com 100, 150 representantes de movimentos sociais, numa grande sala militar. Pediu para algumas pessoas fazerem um balanço das proposições presentes no fórum, a respeito de uns quatro setores. Enquanto os representantes falavam, Chávez anotava – com a esquerda, canhoto. No fim, Chávez disse: “Escutei atentamente a vocês. Anotei. Mas tudo o que vocês pedem, nós já fazemos. E vocês o que fazem?” Ninguém pôde responder. A ascensão de governos progressistas ao poder na América Latina teve um significado histórico enorme. Em dez anos, Chávez, Lula, Correa, Evo. Foi formidável. Eram governos simpáticos a nossos objetivos. Isso nos impôs um outro comportamento. O movimento altermundialista é muito diverso – e se há um denominador comum, além das proposições, é a desconfiança sistemática diante dos partidos e dos governos. É mais uma sensibilidade libertária, anti-partido, anti-governo, anti-Estado. E lá estavam os Estados. Logo, o que digo pós-altermundialismo, a partir de um colóquio em 2008, sim, com a revista *Utopie Critique*, é que é preciso ponto por ponto, tema por tema, se consolidem alianças entre os movimentos sociais, os partidos políticos e os governos. É isso o pós-altermundialismo. Não quer dizer abandonar o altermundialismo, mas quer dizer fazer mais, pois não gozamos de força suficiente para ficarmos dispersos. Quando defendi essa tese, estava isolado na época. Agora é um pouco banal.

Teria tido impacto a publicação de livros como os de John Holloway, para compreender a relação complexa entre movimentos e o Estado, ou entre movimentos e o poder?

Bernard Cassen: Não concordo com a tese de John Holloway. Não podemos mudar o mundo sem tomar o poder. Mas o poder... A questão não é só o poder do Estado. É preciso pensar o poder de uma mobilização massiva e crítica, mas também tomar o poder. Mas não vale tomar o poder como o Partido Socialista, que não fez nada. Ou, pior, fez como a direita.

Como intelectual francês, intelectual europeu, como o sr. vê esse momento latino-americano que se iniciou com a vitória de Chávez?

Bernard Cassen: Digamos que a ideologia liberal, depois de 30, 35 anos, nos convenceu que não era possível mudar: *no alternative*, é assim como é, é preciso se ajustar à mundialização, ao mercado. Essa visão liberal assolou as consciências e os espíritos. O que mostraram os governos, primeiramente com Chávez, é que nós *podemos* dizer “não”. Podemos dizer “não” aos Estados Unidos, ao Banco Mundial, ao FMI. É enorme. É revolucionário dizer “não”. Também mostraram as reformas. Mostraram que nós podemos esperar mudar as coisas. Isso é absolutamente enorme. Veremos no próximo mês o que acontece na Espanha, com o [partido] Podemos. Não podemos esquecer: *sí, podemos* – da campanha eleitoral venezuelana de 1973, de José Vicente Rangel, que se tornou chavista depois. Se, em geral, é a América Latina que imita a Europa, lá nós vimos que havia ensinamentos a tirar das experiências latino-americanas. Que não estão todas estabilizadas. As coisas não avançam mais rapidamente, pois [...]. Em muitos países, os cidadãos estão politizados, principalmente na Venezuela. Visito o país frequentemente. O que me impressiona é o grau de conscientização das pessoas mais simples. Todo domingo, Chávez fazia um tipo de programa, o *Alô, Presidente*. Mais de uma vez ouvi pessoas, de uma vila de uma província, pegando o microfone, dizendo: presidente, o sr. prometeu uma estrada lá e não está lá e agora? Chávez se virava para o governador e pedia uma resposta, diante de um monte de gente. Sem inibição. Outra vez, quando fui fazer uma conferência na Venezuela, eu disse: “Bom, a Constituição de vocês diz tal e tal, não me lembro o número do artigo...” E alguém respondeu: “É o 25!” Eles têm a Constituição no bolso. Agora é mais complicado. A situação é um pouco mais difícil na Venezuela, mas, enfim... Não haverá marcha ré. É possível que a oposição ganhe nas eleições presidenciais na Venezuela, no Equador é pouco provável, na Bolívia menos ainda. Mas nós evitamos o pior com o Brasil. Seria uma catástrofe geopolítica, que enfraqueceria toda a América Latina. Disso escapamos bem. Graças ao Brasil, o equilíbrio de forças continua

favorável. Chávez sempre admirou o Brasil. Toda vez que o vi, ele estava obcecado pelo Brasil. Era fundamental. *Moi, je dit, c'est Chávez qu'il parle*: “Eu disse a Lula: ouça, Lula, é você é o chefe. É você o mais importante. É você”. Chávez apreciava enormemente Lula. E a recíproca é verdadeira também.

O sr. tem críticas à Venezuela?

Bernard Cassen: *[silêncio]* Não gosto das críticas dos opositores. A Venezuela sofre diversas dificuldades, conhecidas por Maduro e por Chávez na época, mas talvez não combatidas: a insegurança, a desordem administrativa, a corrupção massiva em alguns setores. Penso que Chávez não se preocupou muito com a formação de quadros, de quadros competentes e fieis. Quando você não tem quadros revolucionários honestos, você não pode fazer nada. No Banco Central de lá, a maior parte do personal é de liberais. Então, você fica paralisado. Você nacionaliza uma empresa, mas não há ninguém para virá-la. [...] Mas talvez Chávez considerara que a palavra valia a execução, isto é, eu decido tal e tal será, mas não é assim. Há resistências. Mas se tivemos dois líderes no século XX foram Chávez e Fidel. Chávez foi um personagem impressionante. E, no fim, simpático e gentil. E que amava e ouvia as pessoas. Era um tipo que tinha uma visão estratégica.

O sr. tem críticas a Cuba?

Bernard Cassen: Fidel Castro *[também]* é um personagem impressionante, por sua cultura, sua visão. Muito diferente de Chávez. Chávez é simpático. Fidel não, é impressionante. Há uma distância automática entre os dois [...]. O modelo cubano é muito *souffle*. As reformas feitas [...]. Estive em Cuba há três semanas, e as reformas são bem-vistas por uma parte da população, mas não são consideradas ainda suficientes. E depois a direção se superpôs, com Fidel aos 88 anos, Raul aos 83 ou algo. Há uma atmosfera de transição. [...] Acredito que os cubanos são muito fixados nas suas conquistas, principalmente na saúde e na educação. Os cubanos são formidáveis – no caso do ebola, o país enviou 250 médicos, mais que os Estados Unidos, mais que a França. Isso é algo, hã. Os cubanos também têm um método de alfabetização – no Brasil, acredito que foi adaptado pelo MST. Assim, não há mais analfabetos na Bolívia também, graças à Alba, a Cuba e à Venezuela.

Sr. Cassen, o sr. conhece Carlos Gabetta, não?

Bernard Cassen: Sim, muito bem. Conheci Carlos Gabetta em 1983, quando ele se exilou. E acredito que uma das primeiras pessoas que ele conheceu fui eu. Eu o ajudei, consegui um

trabalho para ele como bibliotecário na universidade, pois ele precisava de um escritório, com um telefone. Eu o conheço muito bem. É um amigo.

A saída de Gabetta da edição argentina provocou um impacto na edição francesa?

Bernard Cassen: Não, o *Le Monde Diplo* francês não interfere na edição argentina assim. Não nos concerne assim. Por quê?

Questiono, porque Carlos Gabetta pediu demissão por não estar de acordo com Hugo Sigman, da Capital Intelectual.

Bernard Cassen: É um pouco mais complicado que isso. Há também questões financeiras... e Carlos não concordava com as observações de Hugo. Hugo é muito pró-Cristina, Carlos é muito anti-Cristina. Eram desacordos de fundo. Além do mais, Hugo é amigo pessoal de Cristina.

Mas *Le Monde Diplomatique*, a edição francesa, se posicionou sobre isso?

Bernard Cassen: Não, não era o caso. Nós podemos ter opiniões pessoais, como é meu caso, pela amizade com Carlos, mas não consideramos a ideia de intervir no caso.

Como o sr. analisa a questão argentina, com o peronismo?

Bernard Cassen: É muito complicado. Não posso comentar o peronismo em dois minutos. Há um mistério do peronismo. Não tenho tempo agora para desenvolver o que penso sobre isso. Mas penso que a política externa de Néstor e Cristina Kirchner teve um papel importante, contra a Alca. Mas, ao contrário, a política interna foi errática e nem sempre astuciosa. Mas eu me interesso pela questão geopolítica. E o drama que vejo é que não há um sucessor para Cristina Kirchner.

(4) ENTREVISTA DE CARLOS ALFIERI

Realizada na redação argentina de *Le Monde Diplomatique* (Buenos Aires), a 12 de setembro de 2012, esta entrevista foi traduzida (do espanhol), transcrita, editada e autorizada pela fonte.

Primeiro, queria saber sobre sua trajetória intelectual e jornalística. Pode me contar?

Carlos Alfieri: Estudei filosofia, um curso que não terminei na Faculdade de Filosofia e Letras na Universidade de Buenos Aires. Não terminei porque logo jovem comecei a trabalhar como jornalista, aos 25 anos. Então, lamentavelmente, não concluí a graduação, da qual gostava muito. Na época em que comecei a trabalhar como jornalista, a maioria dos jornalistas vinha basicamente de duas formações: Direito e Filosofia/Letras. Não tínhamos a formação própria para jornalismo – e hoje há milhares de cursos de jornalismo. Aprendi o ofício na prática, como bom escritor e bom leitor. No jornalismo, fiz praticamente tudo: fui repórter e redator numa revista popular de espetáculos, depois colaborador para várias revistas da Editora Abril argentina como free-lancer, fui chefe de redação numa revista chilena dos tempos de Salvador Allende, e depois regressei à Argentina. Nessa época, na década de 1970, tive um momento decisivo para minha carreira no diário *La Opinión*, fundado por Jacobo Timerman [1923-1999], um jornalista muito prestigiado no país por também ter fundado a revista *Primera Plana* na década de 1960. As duas publicações marcaram o jornalismo argentino. Jacobo Timerman foi um inovador para o jornalismo argentino na época. Entre 1974 e 1975, trabalhei como redator na editoria política do *La Opinión*, o que foi um momento decisivo para minha formação, pois ali estavam os principais jornalistas argentinos, como Tomás Eloy Martínez [1934-2010]. Aprendi muito. Em 1975, começou o terrorismo da Triple A, a Alianza Anticomunista Argentina, uma organização para-policial fomentada pelo governo de Isabel Perón [1931-], ao lado do ministro José López Rega [1916-1989]. Essa organização assassinou centenas de pessoas, antes da ditadura. Um dos assassinados foi um companheiro jornalista, da editoria de economia, encontrado morto nos campos de Ezeiza. Foi um fato decisivo para mim. Aí decidi me exilar. O país vivia uma atmosfera de violência insuportável e de censura crescente. Então, fui para a Espanha. Ali passei 10 anos. Depois voltei à Argentina, por 5 anos apenas. Voltei [novamente] à Espanha e ali fiquei por mais 20 anos, entre Madri e Barcelona. Tive sorte, pois fui redator-chefe de uma nova revista popular espanhola, a *Interview*, com um milhão de exemplares. Foi uma experiência interessante. Entre os dois exílios na Espanha – o primeiro por razões políticas, o segundo por razões

econômicas –, fui chefe de redação no semanário *El Periodista de Buenos Aires*, dirigido por Carlos Gabetta. Foi uma ótima experiência jornalística, que terminou com a crise econômica e a hiperinflação da Argentina por volta de 1989.

***El Periodista de Buenos Aires* era uma revista “alternativa”?**

Carlos Alfieri: Era uma revista alternativa por publicar opiniões ideológicas não alinhadas ao *establishment*. Mas era uma revista feita de uma maneira totalmente profissional, com cerca de 70 mil exemplares publicados, nas melhores épocas. Entretanto, com a crise econômica, a revista foi fechada. Nessa época, decidi voltar à Espanha, e assumi a *Interview*. E logo tive a experiência mais gratificante como jornalista: o jornalismo cultural, uma das editorias que mais me interessa. Na Espanha, fui colaborador da prestigiada *Revista de Occidente*, uma revista cultural fundada por José Ortega y Gasset [1883-1955] na década de 1920. Também fui colaborador de *Claves de Razón Práctica*, dirigida por Fernando Savater [1947-]. Escrevi para outros suplementos na Espanha e na América Latina. Fiz numerosas entrevistas com escritores, filósofos, historiadores. Bom, certo dia, Carlos Gabetta, já diretor de *Le Monde Diplomatique* na Argentina, me ligou. No início de 2008, voltei da Espanha, onde já se notava a nova crise financeira, e em março entrei no *Diplô*.

Como foi o convite para *Le Monde Diplomatique*?

Carlos Alfieri: Gostei muito, principalmente porque me identifiquei muito com a linha editorial do *Le Monde Diplomatique* francês, um dos periódicos mais prestigiados do mundo. Lia a edição francesa enquanto vivia na Espanha.

A respeito da linha editorial, o que a edição argentina herda da edição francesa?

Carlos Alfieri: Estruturalmente, há cerca de 50% de materiais franceses traduzidos na edição argentina – uma porcentagem que pode variar. Em política internacional, principalmente, se respeita muito essa linha, por razões de contrato. Talvez o que a edição argentina tenha inovado foi na incorporação de materiais argentinos. Essa é uma das fórmulas de sucesso, relativo sucesso, que sempre tivemos: a combinação de política internacional e de política local, referente tanto à Argentina quanto à América Latina.

Quem são os principais intelectuais colaboradores de *Le Monde Diplomatique* na Argentina? Poderia citar nomes?

Carlos Alfieri: Há dois eixos. Primeiro, temos economia e política argentina – nessa parte, o diretor costuma lidar diretamente com os colaboradores, principalmente professores universitários entre eles. Depois, temos sociedade e cultura – nessa parte, eu costumo manejar os colaboradores. Há alguns nomes habituais: Alejandro Margulis, Claudio Zeiger, Javier Porta Fouz, Mariana Fernandez Camacho, entre outros. Além disso, há dois caminhos: ou nós pensamos um tema e pautamos um colaborador apropriado para escrever a respeito; ou nós recebemos ideias e sugestões propostas por um colaborador e as analisamos junto ao diretor.

Que espaço tem *Le Monde Diplomatique* na imprensa argentina?

Carlos Alfieri: É um periódico muito respeitado. É um periódico de esquerda, claramente, com uma tendência progressista e muito crítica. Nesse sentido, é como o *Le Monde Diplomatique* francês. Também é muito lido por políticos. Tenho uma lembrança para ilustrar isso: em 2008, tivemos um confronto muito duro entre o governo e os setores proprietários agrários. Nessa época, a venda do *Le Monde Diplomatique* argentino subiu consideravelmente. E vimos que os quiosques que mais vendiam nossas edições estavam ao redor do parlamento. Quer dizer, eles notaram o que *Le Monde Diplomatique* dizia.

Há um concorrente direto para *Le Monde Diplomatique* na Argentina?

Carlos Alfieri: Não, não há. Há dois grandes diários no país: *Clarín* e *La Nación*. *Clarín* é um jornal oportunista, com uma linha labiríntica: ora inimigo ora parceiro do governo. *La Nación* é um jornal conservador e de direita, que nunca variou a linha. Logo temos *Página/12*, uma alternativa jornalística no país, mas, para meu gosto, excessivamente oficialista nos dias atuais. Poderia ser esse o nosso concorrente, mas... Há diferenças. *Página/12* é um periódico, que privilegia a notícia; enquanto isso, *El Dipló* é uma publicação mensal, que privilegia a análise. Então, a principal diferença é que *Le Monde Diplomatique* trata os assuntos com mais calma, mais distância e mais tempo em relação às notícias da realidade. Além disso, penso que nossa posição é mais independente.

E como está a liberdade de imprensa no país?

Carlos Alfieri: No *Dipló*, nunca tivemos censura nem interna nem externa. No país, há ampla liberdade de imprensa. Mas também há pressões do governo, contra *Clarín* e *La Nación*. Isto é, não é idílica a liberdade de imprensa. Porém, podemos dizer que, em linhas gerais, a liberdade de imprensa está aí.

Vocês recebem *feedback* da edição francesa?

Carlos Alfieri: Sim, continuamente. Mas devo dizer que esse diálogo França-Argentina quem faz é o diretor. Há uma reunião anual dos diretores das edições internacionais de *Le Monde Diplomatique*. A última reunião aconteceu em Paris, mas os encontros já foram realizados no Chipre e na Eslovênia. Carlos Gabetta e agora José Natanson sempre compareceram a essas reuniões. Aliás, Carlos Gabetta é amigo pessoal de diretores e editores franceses, pois esteve exilado por muitos anos em Paris. Ainda sobre o *feedback*: nós intercambiamos edições, às vezes discutimos pautas para saber o que entrará nas edições seguintes. Diria que a relação é estreita e cordial.

E a relação com as outras edições latino-americanas?

Carlos Alfieri: Nós temos um convênio, um acordo em que compartilhamos as traduções dos materiais franceses feitas em Buenos Aires com todas as edições publicadas em espanhol. Isso vale para Espanha, agora dirigida por Ignacio Ramonet, e para a América Latina. Lamentavelmente, muitas edições latino-americanas foram fechadas, pois não eram viáveis economicamente. As que restam atualmente são Colômbia e Chile. Mas antes também tínhamos Bolívia, México, Peru e Venezuela. As traduções foram centralizadas na Argentina simplesmente porque a edição é anterior à da Espanha. Depois das traduções se inicia nosso trabalho como editores. Analisamos os temas, escolhemos as peças, revisamos as traduções. Assim é feito. Além de editor, sou coordenador da coleção de livros de *Le Monde Diplomatique*. São obras de autores franceses e argentinos. É uma fonte para sustentar o próprio *Le Monde Diplomatique*. Com sorte, é uma fonte.

Há um equilíbrio entre as diretrizes francesas e a independência editorial argentina?

Carlos Alfieri: Às vezes há tensões, mínimas, resolvidas amistosamente. Por exemplo, devemos publicar no máximo 30% de materiais argentinos. Às vezes, publicamos 50%. Nunca nos repreenderam seriamente. Penso que os franceses compreendem que, muitas vezes, é necessário publicar mais materiais argentinos, para que o jornal se venda. Antes tivemos outra tentativa fracassada, por volta da década de 1980, de traduzir apenas os materiais franceses. E certamente não funcionou. É preciso ter uma combinação de interesses locais e internacionais. E os franceses devem compreender isso perfeitamente. Por isso, mais além do contrato, há tolerância.

Quais foram os principais erros e acertos da edição argentina?

Carlos Alfieri: Tivemos mudanças, como a mudança de diretor. Posso dizer que, dentro dessa tendência progressista e de esquerda de *Le Monde Diplomatique* no mundo, cada diretor imprime um matiz pessoal. Há diferenças de estilo. Mas foram mudanças formais do periódico. Diria que, com o novo diretor, a publicação foi redesenhada. No novo layout, a parte gráfica foi mais privilegiada que antes, sem romper com a linha de *Le Monde Diplomatique*. Também tivemos uma renovação no corpo de colaboradores. Grandes erros? Não posso assinalar realmente. Nem grandes acertos. Não posso assinalar acertos e erros individualmente. O principal acerto, na verdade, não é nada espetacular. Talvez o principal acerto tenha sido uma administração séria, responsável e muito profissional. Aliás, todos nós temos uma visão progressista e de esquerda, mas muito longe da militância partidária. Ademais, seria negativo para uma publicação como *Le Monde Diplomatique*. Isso deformaria nosso papel.

Como foi a saída de Carlos Gabetta?

Carlos Alfieri: Não posso contar. Só posso dizer em linhas gerais: há uma tensão dialética no jornalismo entre o diretor de redação e o proprietário do jornal. Às vezes, há sintonia entre os dois “chefes”. Outras vezes, há curtos-circuitos. E prevalece o proprietário do jornal. Isso vale para toda a imprensa, de todas as ideologias e de todos os países. Só posso dizer isso.

E como foi a chegada de José Natanson?

Carlos Alfieri: Não o conhecia pessoalmente. Só o conhecia pois era colunista do *Página/12*. Aliás, sempre via sua assinatura no *La Jornada*, do México. E eu também colaborava com esse jornal, quando estava na Espanha. E, por um tempo, *La Jornada* publicou páginas de *Le Monde Diplomatique*. Não foi uma ruptura traumática. Fomos muito respeitados. Somos a mesma equipe com Carlos Gabetta e agora com José Natanson. Isso quer dizer muito.

Qual é o papel dos intelectuais no *Le Monde Diplomatique*?

Carlos Alfieri: Penso que o único papel, útil, é ser crítico. Não vejo outro papel. É preciso tomar posições a partir de uma perspectiva inteligente e crítica. Penso que quando se perde essa inteligência e essa crítica, deixa-se de ser intelectual. Nesse sentido, acredito que *Le Monde Diplomatique* veicula esse papel dos intelectuais. Muitas vezes, os escritores, historiadores e professores universitários têm conhecimento profundo dos assuntos abordados, mas não têm as ferramentas jornalísticas para expressar esse conhecimento. Na redação, nosso trabalho é dar essa metodologia jornalística. Para serem lidos como textos jornalísticos e não

como artigos acadêmicos. Todos os textos são editados e revisados. Isso também provoca uma certa tensão, pois a relação entre jornalistas e intelectuais é complexa. É preciso ter colaboração entre eles.

(5) ENTREVISTA DE CARLOS ALFIERI

Realizada na redação argentina de *Le Monde Diplomatique* (Buenos Aires), a 1º de setembro de 2014, esta entrevista foi traduzida (do espanhol), transcrita, editada e autorizada pela fonte.



Foto: Rodrigo Sicuro

Iniciando sua trajetória intelectual e jornalística, que lhe parecia a ideia de “revolução”? Mudou muito, de sua juventude aos dias atuais?

Carlos Alfieri: Antes, gostaria de comentar certos pontos sobre minha formação. Quando iniciei no jornalismo na Argentina, na década de 1960, ainda não existiam estudos universitários de comunicação e faculdades de Jornalismo. Os cursos de Jornalismo foram criados depois, acredito que a primeira a oferecê-los foi a Universidad de la Plata, na capital da província de Buenos Aires. Então, na época, era muito comum para nós, estudantes de Filosofia e de Letras, nos tornarmos iniciantes no jornalismo na prática. Também muitos estudantes de Direito e de outros cursos. Mas todos aprendíamos na prática, trabalhando e ao lado dos veteranos profissionais. Iniciávamos como cronista e, se mostrássemos mérito,

passávamos a redator, a editor e assim por diante. Esse foi o meu caso. Depois de ter trabalhado em revistas de espetáculos e tudo mais – o que não era interessante para mim, intelectualmente, mas era um modo de ganhar a vida –, foi decisivo meu ingresso no diário *La Opinión*, que dirigia Jacobo Timerman [1923-1999] e que logo foi “sequestrado” pela ditadura militar. O tempo que passei no *La Opinión* foi o mais rico, enquanto aprendizagem. O diário contava com grandes jornalistas, como Tomás Eloy Martínez [1934-2010], que era meu modelo de escritor, que mesclava jornalismo e literatura ainda no princípio dos anos 1960, antes da expressão “novo jornalismo”. Foi um momento muito rico para mim. Depois vivi na Europa por quase 30 anos, trabalhando como jornalista na Espanha. A ideia de “revolução” impregnava toda a época em que comecei no jornalismo. De alguma maneira, todos estávamos contagiados por essa grande utopia revolucionária. O foco de irradiação era, principalmente, a Revolução Cubana. Foi o elemento decisivo que contagiou, gerou e regenerou a ideia de “revolução” presente na Argentina e, acredito, na América Latina toda. Entre os jovens jornalistas, era muito comum compartilhar, de alguma maneira, dos ideais de mudança. [Mas] talvez a palavra “revolução” seja demasiadamente solene e espetacular. Mas, sim, ideais de mudança – e eu os compartilhava naturalmente. Muitas vezes vivíamos o desgarramento entre as nossas ideias e as ideias da linha editorial dos jornais onde trabalhávamos. Entretanto, respondo que era muito difundida essa ideia de mudança revolucionária no jornalismo e noutros âmbitos na Argentina, como no movimento estudantil.

Olhando para trás, que lhe parece a experiência dessa época? Uma visão romântica?

Carlos Alfieri: Vista a partir do presente, parece-me profundamente romântica. E, em muitos sentidos, totalmente desligada da realidade que vivíamos. Ainda que, às vezes, as ideias estivessem fundamentadas por um grande aparato teórico, a história demonstrou que não era assim... Então, sim, vistos a partir do presente, esses ideais de mudança – ou a maneira de levá-los à prática – eram voluntaristas e românticos.

No *Le Monde Diplomatique*, o sr. vê características (linhas editoriais e posicionamentos políticos) desses ideais de mudança?

Carlos Alfieri: Sim, claramente. Diria que, dos muitos trabalhos jornalísticos nesses meus mais de 40 anos de profissão, quase certamente é *Le Monde Diplomatique* o veículo que mais me identifico, com sua linha editorial e sua perspectiva crítica sobre os acontecimentos políticos e econômicos do mundo. Identifico-me, pois indica, indubitavelmente, a uma mudança na sociedade e na política que atualmente rege o mundo. Parece-me que *Le Monde*

Diplomatique tem suficiente profissionalismo e suficiente distância a respeito dos fatos e dos fenômenos analisados – apesar de haver uma tomada de posição. Isso lhe permite dotar o jornalismo de realismo – e não de romantismo. Jamais cai no estilo panfletário. Esse equilíbrio que mantém *Le Monde Diplomatique* entre reflexão, racionalidade e vontade de mudança me parece uma fórmula muito boa.

Na sua visão, tais ideais de mudança se aproximam mais de reforma ou de revolução?

Carlos Alfieri: Acredito que não pode ser tão específico. Acredito que há espaço para os dois. Além disso, *Le Monde Diplomatique* não é uma plataforma partidária. É um veículo de esquerda, logicamente, mas o conceito de esquerda é muito amplo, englobando numerosas atitudes, numerosas correntes, numerosas fórmulas. Parece-me muito bom que *Le Monde Diplomatique* não caminhe por um só caminho. Parece-me suficientemente amplo para abordar muitas tendências dentro desse desejo de mudança. Algumas tendências podem ser, digamos, mais revolucionárias. Outras mais reformistas. Mas o ponto é a reflexão crítica. Os caminhos despertados por essa reflexão crítica dependem dos leitores – não se está impondo uma linha concreta de nenhuma maneira. Não é um meio partidário – e *Le Monde Diplomatique* teria alterada sua razão de ser se se tornasse um meio partidário. Acredito que há espaço para tudo.

Na nossa primeira entrevista, em 2012, o sr. também destacou a importância de sua passagem pelo diário *La Opinión*. Que importância ou que impacto teve o jornalista Jacobo Timerman para o sr.?

Carlos Alfieri: Timerman foi um grande profissional que marcou fases novas no jornalismo argentino. Foi um homem cheio de contradições políticas, muito aguçadas, muito marcadas. Um homem a quem dificilmente se poderia aderir 100%. Entretanto, acredito que todos os jornalistas de minha geração lhe reconhecemos um mérito: cada revista e cada diário fundados por Timerman marcaram um modo diferente de fazer jornalismo no país. Primeiro, a revista *Primera Plana*, que marcou uma linguagem nova, mesclando jornalismo e técnicas literárias. Essa revista marcou um “antes” e um “depois” no jornalismo argentino. Teve muito êxito e se tornou uma referência, marcou uma época. Depois, o diário *La Opinión*, que marcou uma maneira diferente de fazer um diário. Não tinha uma só imagem. Eram só palavras. Depois foram incorporadas ilustrações, mas nunca fotografias. Era inspirado no *Le Monde*, que à época também era puramente texto, sem fotografias. Eram tempos diferentes – isso era 1972, 1973, 1974, cerca de uma década depois de *Primera Plana*. Atualmente é

inconcebível pensar um veículo sem imagem – na verdade, há muitos só ilustrados e sem palavras. *La Opinión* era um diário minoritário, mas muito influente. Na época, tinha 50 mil, 100 mil leitores, dispostos a ler textos puros e duros sem o alívio das imagens. Isso mostra que era outra época. Outra característica foi hierarquizar a profissão jornalística. Foi o primeiro a estabelecer as assinaturas dos jornalistas num diário – e nunca se assinava num diário na Argentina. Assim Timerman personalizou a responsabilidade [*de autoria dos jornalistas*] e, logo, elevou o piso salarial dos jornalistas. Essas são características que todos os jornalistas de minha geração reconhecemos. Tinha um grande olfato jornalístico.

O sr. se especializou no jornalismo cultural. Sente influência da cultura francesa na cultura argentina?

Carlos Alfieri: Sim, enorme. Diria que isso está na história argentina. Os revolucionários de 1810, como Mariano Moreno e Juan José Castelli, estavam inspirados na Revolução Francesa e no Iluminismo. Depois, a influência da cultura francesa, do cinema e da literatura, foi determinante no século XX. Na Argentina, há influência maior da cultura francesa, muito mais que da anglo-saxônica. Mas diria que essa influência é menos notória no jornalismo, é mais forte na filosofia, na literatura, na sociologia.

Mas essa influência da cultura francesa pode nos ajudar a compreender a chegada de *Le Monde Diplomatique* à Argentina?

Carlos Alfieri: Pode ser. Uma curiosidade: mesmo pessoas que não leem frequentemente *Le Monde Diplomatique* na Argentina, sempre manifestam certa admiração sobre o jornal. É uma marca muito prestigiada no país, mesmo entre pessoas que não o leem. No panorama paupérrimo do jornalismo argentino atual, nós nos distinguimos por fazer um jornalismo diferente dos demais.

Na história argentina, o peronismo tem notável peso. Que impacto teve o peronismo durante sua trajetória?

Carlos Alfieri: Na minha pessoal, pouco impacto. Nunca fui peronista. No entanto, jamais me defini como anti-peronista. Não entro em esquemas simplistas. Mas posso dizer que, a partir dos anos 1970, quando se estava estruturando uma esquerda peronista, a mirada de nós, não peronistas, ao peronismo mudou, porque advertimos, digamos, a potência de mudança que encerrava essa nova tendência. De todas as maneiras, nunca acreditei que o peronismo, em essência, fosse revolucionário. Mas, sim, sempre pensei e penso que foi o reformismo mais

audaz que existiu na América Latina. Esse reformismo levou certas conquistas sociais para os trabalhadores a um nível inédito. Pode-se caracterizar o peronismo como um movimento burguês nacional e poli-classista, mas que executou, principalmente na primeira presidência de Perón, reformas audazes. Por isso o peronismo segue marcando o imaginário popular, ainda que diluído [*atualmente*].

Na sua visão, os Kirchner seriam peronistas?

Carlos Alfieri: Sim. Os Kirchner se podem caracterizar por um peronismo que, em parte, recupera o que foi o primeiro peronismo, como o forjamento de uma indústria nacional, logo uma burguesia nacional, a construção de um mercado interno, que implica maior poder aquisitivo e uma certa maior independência frente aos poderes internacionais. Podemos dizer que, sim, há traços do peronismo histórico, mas com maneiras do século XXI. Nos primeiros anos do kirchnerismo, houve um notável aumento do poder aquisitivo dos trabalhadores e um aumento dos postos de trabalho. Atualmente estamos retrocedendo nisso tudo: a inflação desatou, o poder aquisitivo caiu.

Os Kirchner seriam de esquerda?

Carlos Alfieri: Não. Não diria isso. Diria que foram governos que tomaram algumas bandeiras da esquerda, mas com grandes contradições. Podemos dizer talvez de centro-esquerda.

Assim, como o sr. vê a posição de *Le Monde Diplomatique* sobre a presidente argentina, Cristina Kirchner?

Carlos Alfieri: [*silêncio*] Não quero responder sobre isso. A linha editorial é do diretor, não a fixo eu. Sou editor, não diretor. O que é evidente é que, na época anterior, de Carlos Gabetta como diretor, havia uma oposição muito frontal a esse governo. E, na atual gestão, de José Natanson, essa oposição foi moderada, numa linha de apoio levemente crítico ao governo, com uma maior expectativa positiva ao governo. Destaco que não é uma posição de apoio incondicional. Não é assim. Só que, observando as duas publicações, pode-se dizer que antes era uma oposição às vezes muito dura, com a que eu tampouco estava frequentemente de acordo. Às vezes me parecia talvez excessivo esse enfrentamento. Tanto antes quanto agora, defendo uma crítica vigorosa, mas cautelosa. Quero dizer, estar muito ligado aos fatos e esfriar as posições mais belicosas.

Noutros campos, o sr. também sentiu mudanças com a saída de Carlos Gabetta e a chegada de José Natanson?

Carlos Alfieri: Não. Mudou apenas na cobertura de política nacional. Na política internacional não, afinal é a linha de *Le Monde Diplomatique* da França. A personalidade de *Le Monde Diplomatique* segue tal e qual, salvo essa “moderação” frente ao governo. Não digo eu, basta ler os editoriais e os artigos sobre política nacional para notar que é assim. Não é nenhuma descoberta. É [observação] objetiva. Continuamos trabalhando com absoluta liberdade na maioria dos assuntos. [silêncio]

Na nossa primeira entrevista, o sr. comentou da influência da crise argentina para o destaque de *Le Monde Diplomatique* no país.

Carlos Alfieri: Sim. Foi uma crise de uma profundidade extraordinária. Na época, eu vivia na Europa. Voltei faz apenas seis anos [em 2008]. Mas estava certamente bem informado. Foi uma crise tão grande que se pensou na desintegração da Argentina. *Le Monde Diplomatique* nasce nessa época, em 1999. Como as pessoas queriam uma perspectiva crítica, nos momentos de crise, como a de 2001 e a crise do campo de 2008, é quando mais se leu *Le Monde Diplomatique*. Diante desses *sacudones*, digamos, profundos e político-econômicos, as pessoas buscavam o periódico para ouvir outra palavra e outra análise. Em 2003, no governo de Néstor Kirchner [1950-2010], houve uma recomposição da economia argentina, uma certa normalização da situação de pobreza, ainda que haja bolsões de pobreza estrutural que continuam não modificados. Entretanto, a respeito desse momento dramático do país, foi relativamente superado. Agora vivemos outra crise econômica, marcada por uma diminuição geral do consumo. A isso se soma a crise do jornalismo impresso. Há uma queda de vendas de tudo no país: de tudo, de livros, de comida. E há uma crise mundial da mídia impressa. Então, estamos sofrendo. Houve uma queda de vendas de *Le Monde Diplomatique* e de todos periódicos e livros. É preocupante. Acredito que praticamente todos os diários no mundo tiveram queda no papel, salvo uma exceção de um jornal alemão, não me lembro agora qual. Ademais, há uma particularidade: as versões digitais, ao menos na Argentina, não são rentáveis. A publicidade é pouca, pois os anunciantes desprestigiam o digital. É um paradoxo: o jornalismo de papel cai, mas o jornalismo digital não tem uma fórmula rentável. Acredito que estamos vivendo um momento de grande confusão, de “terra de ninguém”.

Quais são suas perspectivas profissionais agora?

Espero ter muitos anos de carreira ainda. Espero continuar no *Le Monde Diplomatique*, compartilhando basicamente da linha editorial. E eu era um leitor. Quando vivi na Espanha, lia *Le Monde Diplomatique* da França. Era um leitor aficionado – e não imaginava que ia acabar trabalhando no *Le Monde Diplomatique*.

(6) ENTREVISTA DE CARLOS GABETTA

Realizada na casa do jornalista, no bairro de San Telmo (Buenos Aires), a 11 de setembro de 2012, esta entrevista foi traduzida (do espanhol), transcrita, editada e autorizada pela fonte.

Primeiro, queria saber sobre sua trajetória intelectual e jornalística. Pode me contar?

Carlos Gabetta: Até 1976, fui chefe de redação da revista política *Discusión*, analista político da agência *Noticias Argentinas* e redator do semanário *Panorama*. Já trabalhei em diversos veículos internacionais, como *Politique Hebdo* (França), *Newstatesman Society* (Inglaterra), *Il Manifesto* (Itália), *El País* (Espanha), *El Día* (México). A partir de 1977, passei a colaborar com *Le Monde Diplomatique* (França), sobre temas econômicos e políticos latino-americanos. Entre agosto de 1992 e agosto de 1994, fui diretor de *cuatroSemanas* y *Le Monde Diplomatique* (Espanha), publicação mensal de análise política e sócio-cultural. Publiquei livros como *Argentine: le diable dans le soleil* (Paris, 1979), *Argentine, une culture interdite* (Paris, 1980), *Todos somos subversivos* (Buenos Aires, 1983), *Ser periodista en el Mediterráneo* (Barcelona, 1995), *La regla del juego* (Madrid, 2008) e *La encrucijada argentina: República o país mafioso* (Buenos Aires, 2012).

Como o sr. conheceu o *Le Monde Diplomatique* francês?

Carlos Gabetta: No início da ditadura militar argentina em 1976, precisei me exilar. Era militante no Partido Revolucionario de los Trabajadores (cujo braço armado era o Ejército Revolucionario del Pueblo) e, ao mesmo tempo, jornalista da revista política *Discusión*. Quatro dias após o golpe de Estado, houve um confronto com o Exército – e minha mulher morreu. Então, decidi me exilar. Primeiro na Itália, depois na França. Ali, comecei a trabalhar como jornalista. Cuidava da seção latino-americana da revista *Politique Hebdo*. Era muito amigo de Bernard Cassen. Foi ele quem me apresentou *Le Monde Diplomatique*, por volta de 1978, então dirigido por Claude Julien [1925-2005]. Passei a colaborar com o jornal sobre questões latino-americanas. Assim começou minha relação com eles, com Bernard Cassen, Claude Julien e Ignacio Ramonet. Também comecei a trabalhar na agência *France Presse* – colaborei entre 1979 e 1985. Depois, voltei à Argentina, em 1986, e continuei colaborando com *Le Monde Diplomatique*. Ao mesmo tempo, dirigi o semanário *El Periodista de Buenos Aires*. Depois fui morar em Madrid, na Espanha – mas a relação com *Le Monde Diplomatique* nunca foi rompida, pois continuava colaborando com temas sobre a Argentina e a América

Latina. Em 1992, mudei para Barcelona, onde fiz uma publicação chamada *cuatroSemanas y Le Monde Diplomatique*. E assim começa uma história interessante, porque se chamava *cuatroSemanas y Le Monde Diplomatique* porque o jornal francês não queria que as publicações em outras línguas publicassem artigos próprios. Eles queriam ceder os direitos dos artigos, mas era preciso reproduzi-los 100%. Traduzi-los e ponto. Eu não concordava. Eu dizia: “Não pode ser”. Era muito amistoso, mas não concordava. Dizia: “*Mira*, Ramonet, não posso fazer um jornal espanhol, com a matéria principal francesa sobre uma questão argelina ou de outra antiga colônia francesa. Que importa isso [*para o leitor espanhol*]? Não pode ser”. Deveria ser, certamente, na mesma linha editorial e nas mesmas características de *Le Monde Diplomatique* – os artigos longos, os especialistas, as notas bibliográficas etc. –, mas era preciso ter um interesse local. Na França, *Le Monde Diplomatique* cobre muito bem questões de todo o mundo – mas atualmente tem aproximadamente 36 edições em 27 línguas, e é impossível que cubra tão bem tudo isso. Mas, naquele momento, não queriam outros conteúdos locais. Então fundamos, com amigos catalães, essa revista *cuatroSemanas y Le Monde Diplomatique*. Quer dizer: teríamos artigos locais de *cuatroSemanas* e as traduções de *Le Monde Diplomatique*. Aí passaram a amenizar um pouco essa questão. Em 1995, voltei à Argentina. E passei quase quatro anos tentando trazer *Le Monde Diplomatique* para cá. Ramonet já estava na direção – e, naquela outra época, quem se recusava a abrir *Le Monde Diplomatique* para conteúdos locais era Julien principalmente. Mas nós não conseguíamos investidores para fazer o jornal na Argentina. Até que finalmente conseguimos com a empresa Capital Intelectual. Fiz um *business plan* e disse que perderíamos dinheiro por dois ou três anos, até conseguirmos equilibrar as contas – e as equilibramos no 30º mês. Em 1999, lançamos a edição argentina e aí começa a história das edições latino-americanas.

Mas por que vocês preferiram apostar numa edição argentina própria – e não só numa tradução francesa?

Carlos Gabetta: Porque é preciso ter temas de interesse local. *Le Monde Diplomatique* é uma publicação diferente – e isso é um mérito de Claude Julien. *Le Monde Diplomatique* nasce na França em 1954, quando o país era o centro da vida diplomática mundial. Assim, era um jornal de qualidade, mas essencialmente dirigido ao mundinho diplomático. Ao assumir a direção em 1973, Julien decidiu mudar a linha editorial, transformando-o no jornal prestigiado que é atualmente. No jornalismo, inclusive no bom jornalismo, temos questões internacionais que não são cobertas em profundidade. Por exemplo: acontece algo no Japão. Eu nunca estive no Japão, mas sou enviado para lá para cobrir. Posso me inteirar do que está acontecendo e

corresponder para cá, mas é isso. Talvez sirva para um jornal diário, mas para um periódico mensal se supõe que é preciso ter mais profundidade. E Julien investiu nisso. *Le Monde Diplomatique* é um periódico feito por especialistas e editado por jornalistas. No exemplo anterior, se precisamos de um artigo sobre o Japão, buscaríamos o intelectual – um acadêmico, um jornalista – que mais entende sobre o assunto para escrever para *Le Monde Diplomatique*. Certamente, precisaria ser um intelectual progressista e do centro para a esquerda. Em geral, eles são acadêmicos. Logo, na redação, recebemos esses textos “pesados”, com o estilo acadêmico da universidade. E nós editamos. Reorganizamos os textos e os devolvemos aos autores. Na maioria das vezes, ficam muito felizes com a edição. A partir daí, com essa iniciativa de Julien, *Le Monde Diplomatique* se firmou com artigos jornalísticos, mas com profundo conteúdo. E isso se tornou *Le Monde Diplomatique* em todo o mundo. Na edição argentina, fizemos um acordo com Ignacio Ramonet: 30% de material local, 70% de material francês – grosso modo, não é uma regra estrita. Foi um marco de uma relação amistosa. Em julho de 1999, começamos a edição – e o marco contratual foi acordado entre uma empresa argentina e o jornal francês. Nós pagávamos mil dólares por todos os direitos. E, rapidamente, eles ficaram tranquilos, pois muitos leem espanhol, como Ramonet, e se deram conta que o nível dos artigos argentinos era tão bom quanto o dos franceses. Ademais, e apesar de raras vezes, eles também já usaram materiais nossos.

Como foi o início da edição na Argentina?

Carlos Gabetta: Tivemos dificuldades para encontrar um investidor, pois se tratava de um projeto caro. Minha ideia era pagar muito bem pelas colaborações e pelos jornalistas, pois necessitávamos de uma equipe profissional com domínio de inglês e de francês. Então, eu insistia para que os salários fossem bons – ademais, por questões ideológicas. Afinal, um jornal de esquerda não poderia pagar salários ruins. O investidor Hugo Sigman – um empresário progressista, mas um empresário – me questionava por que deveríamos pagar as colaborações. Ele dizia: “Mas muitos colaborariam de graça para o jornal”. Eu respondia: “Sim, mas assim se estabelece uma relação de dependência. Um favor. E, assim, eu não poderia corrigir criticar e rechaçar um artigo”. Mas, se pagamos, é um contrato. É uma relação mais profissional. E, rapidamente, o jornal passou a vender entre 18 e 20 mil exemplares, o que era muito para a Argentina da época.

E as edições latino-americanas?

Carlos Gabetta: Não muito tempo depois, recebi uma ligação do chileno Victor de la Fuente, um velho amigo que também esteve exilado na França. Aí pensei que poderíamos reproduzir a mesma relação no Chile que tínhamos com os franceses. Pois se Victor conversasse diretamente a *Le Monde Diplomatique*, os chilenos teriam que traduzir para o espanhol as mesmas notas, que já estariam traduzidas cá na Argentina. Além disso, já publicávamos artigos sobre Brasil, Colômbia e Uruguai, por exemplo. Nós já nos ocupávamos da América Latina. Aí lhe disse: “*Mira*, Victor, vocês podem pagar a nós. E já entregamos não só os 100% das traduções do *Le Monde Diplomatique* francês, mas os 30% restantes de produção argentina”. Assim Chile – e as edições posteriores, como Bolívia, Colômbia, México, Peru, Uruguai – aceitaram o acordo. Assim eles passaram a pagar pelas nossas traduções. Traduzíamos a edição francesa inteira, mesmo que não fossemos publicar todos os conteúdos na edição argentina, e as demais edições latino-americanas poderiam escolher o que quisessem das traduções – lembrando que eles tinham a mesma obrigação de publicar uns 70% de materiais franceses. Isto é, a mesma relação que tínhamos com a França. E, quando já tínhamos definido o sumário argentino, também oferecíamos para as demais edições caso lhe interessassem. Esse foi o acordo. Mas muitas edições latino-americanas foram fechadas ao longo do tempo, principalmente por questões econômicas. São publicações pequenas, sem investimento. Atualmente restam apenas as edições da Colômbia e do Chile.

Como vocês formaram a primeira redação argentina?

Carlos Gabetta: Logo convoquei Marta Vassallo e Luis Bilbao, que tinham trabalhado comigo dez anos antes, em *El Periodista de Buenos Aires*. São dois jornalistas inteligentes e políglotas. Bilbao é um especialista em política internacional. Vassallo é uma especialista em cultura e sociedade. Com eles, armei a primeira equipe. Também convidei Carlos Alfieri. Depois de formar a equipe de jornalistas com mais experiência, convoquei jovens capacitados, como Creusa Munõz, Luciana Rabinovich e Pablo Stancanelli, inicialmente como estagiários. Assim formamos a equipe. A redação de *Le Monde Diplomatique*, por ser uma publicação mensal, era relativamente pequena.

Mas 1999 foi a primeira tentativa de fazer uma edição argentina?

Carlos Gabetta: Não, houve várias. Uma delas foi feita por Hugo Klikzkowsky, que atualmente vive na Espanha. Seria interessante você conversar com ele, pois o fracasso dessa edição, por volta da década de 1980, se deu porque eles aceitaram a condição de publicá-la tal

qual a edição francesa, como mera tradução do *Le Monde Diplomatique* francês. E, certamente, essa edição só interessava a 3, 4 mil leitores.

Quais são as heranças do *Le Monde Diplomatique* francês presentes na edição argentina?

Carlos Gabetta: Herdamos tudo. A linha editorial de *Le Monde Diplomatique* é um republicanismo de esquerda. Do centro-esquerda à esquerda mais radical, mas sempre muito democrática. Que aceita e respeita as regras republicanas. E denuncia as desigualdades e o imperialismo, mas não com um estilo político panfletário. Fiz *Le Monde Diplomatique* na Espanha e na Argentina, pois me parece o melhor jornal do mundo – talvez além da revista norte-americana *The New Yorker*, que tem um estilo mais literário. É interessante notar que há dois tipos de publicação de *Le Monde Diplomatique* no mundo: primeiro, as versões mistas (que mesclam traduções francesas e matérias próprias); segundo, as versões integrais (que traduzem 100% das matérias francesas). Além dessas, há outras publicadas dentro de outros jornais, como suplementos – é o caso da Grécia (*Eleftherotypia*) e da Inglaterra (*Guardian*).

E quais são as diferenças?

Carlos Gabetta: Teria que pensar, pois, na verdade, nunca me questionaram isso. É uma pergunta interessante. Como temos uma relação de amizade e de confiança, além de coincidências ideológicas firmes, todas as edições internacionais de *Le Monde Diplomatique* se fazem a partir de uma relação pessoal assim. É preciso ter confiança política, profissional e pessoal. E fiz uma ponte entre os franceses e os outros jornalistas latino-americanos que queriam trazer *Le Monde Diplomatique* para seus países, como Victor de la Fuente (no Chile) Sívio Caccia Bava (no Brasil) e Jean François Boyer (no México). E essa ponte foi acordada assim: pelas traduções, recebíamos algo como mil dólares e, tempos depois, passamos a compartilhar essa quantia com 75% para nós, 25% para os franceses. Para responder à pergunta, diria que as diferenças de matizes se dariam nos conteúdos locais, pois a orientação política e ideológica é a mesma: um jornal republicano e de esquerda. Num momento, na década de 1990, as relações entre *Le Monde* e *Le Monde Diplomatique* ficaram muito tensas. Uma vez, Ignacio Ramonet me ligou, contando que recebera uma carta de um velho leitor do *Le Monde Diplomatique* francês. Era Gunter Holzmann, um alemão que vivia na Bolívia, e que queria doar um milhão de dólares ao jornal francês. Eles ficaram desconfiados e pediram para conferir quem era esse senhor. Conversei com amigos bolivianos e descobri que se tratava de um judeu alemão, militante da juventude socialista na década de 1930, que se refugiou no Peru e na Bolívia. Fizemos uma reunião, com Holzmann e Ramonet, e acertaram

a doação. Depois, a Amis du Monde Diplomatique comprou as ações do diário *Le Monde* (atualmente, as ações são divididas em 51% do capital para Le Monde; 25% para Association Amis du Monde Diplomatique – que representa os leitores, que investiram dinheiro para comprar as ações; e 24% para Association Gunter Holzmann – que representa a equipe de jornalistas e funcionários de *Le Monde Diplomatique*).

Como é a relação com as outras edições internacionais?

Carlos Gabetta: Anualmente, temos uma reunião de todos os diretores das edições internacionais. Em geral, na Europa e no mês de junho. São reuniões interessantes, realizadas em francês. Nem todos vão, por razões econômicas. Comparecemos uns 14 diretores. Ali compartilhamos experiências das edições dos nossos países. Serge Halimi apresenta um *rapport* sobre como está *Le Monde Diplomatique*. É interessante – e talvez isso possa agregar algo para esse estudo – o ambiente de *Le Monde Diplomatique*. Um ambiente de jornalistas profissionais e de intelectuais, que administram empresas. Mas o estilo não é empresarial. Discutimos abertamente sobre tudo – e o dinheiro não está acima dessa relação. É um encontro amistoso. Um clima de camaradas.

Há concorrentes diretos para *Le Monde Diplomatique* na Argentina?

Carlos Gabetta: Não. Na realidade, não há concorrentes diretos para *Le Monde Diplomatique* em nenhuma parte do mundo. Pois é uma publicação muito singular, muito especial.

Quem foram os principais intelectuais colaboradores do *Le Monde Diplomatique* na Argentina? Há nomes que se destacam?

Carlos Gabetta: Foram muitos intelectuais, jornalistas, políticos. Poderia citar os economistas Aldo Ferrer e Alfredo Calcagno. Mas não sei se é necessário enumerar mais nomes. E os leitores de *Le Monde Diplomatique* conhecem e reconhecem as assinaturas dos autores. São leitores com inquietações culturais e intelectuais, tanto na França quanto na Argentina.

Por que o sr. decidiu sair do *Le Monde Diplomatique* em 2011?

Carlos Gabetta: Tive um desentendimento com Hugo Sigman, proprietário da Capital Intelectual e, portanto, do contrato com *Le Monde Diplomatique*, e dono uma das maiores fortunas da Argentina. Por um lado, ele vem do Partido Comunista Argentino, que é ultra-kirchnerista. Por outro lado, esse empresário passou a fazer negócios com o governo de Cristina Kirchner. No *Le Monde Diplomatique* argentino, eu tinha a mesma relação com esse

governo que sempre tive por toda a minha vida, isto é, apoiava os pontos positivos e criticava os pontos negativos. E, quando o governo de Cristina Kirchner passou a dar sintomas do que se tornaria agora, autoritário e corrupto, passei a ter problemas com Sigman. Não problemas diretos, pois nunca me disse nada. Fez como fariam os empresários habituais, quer dizer, começou a me complicar a vida. Por exemplo, com o atraso nos salários. Outro exemplo: em 2009, quando completamos dez anos da edição argentina, fiz um acordo com a embaixada francesa para fazer uma grande festa. E ele decidiu cancelar essa festa, o que me constrangeu diante da embaixada. *Bueno*, enfim, um diretor de jornal não pode estar brigado com o patrão. Mas, devo dizer, os franceses não me apoiaram absolutamente. Eles preferiram o negócio. Nunca pedi que eles interviessem, mas... Assim desapareci de *Le Monde Diplomatique*, como se nunca tivesse participado dessa história.

Como o sr. analisa a edição argentina atual?

Carlos Gabetta: Continua sendo uma ótima publicação. Os 70% continuam sendo traduções literais dos artigos franceses – isto é, o mesmo que fazíamos na minha época como diretor. E os artigos argentinos são bons. No entanto, muitas vezes publicam notas interessantes, mas que não refletem a realidade do país. Principalmente as notas mais alinhadas ao kirchnerismo, que perderam a perspectiva crítica. Não estou dizendo por ressentimento, mas com franqueza.

E como o sr. analisa a edição francesa?

Carlos Gabetta: Continua excelente.

Quais foram os principais erros e acertos da edição argentina?

Carlos Gabetta: Não tivemos erros graves na edição. Não é um erro, mas gostaria de ter feito mais. Não fizemos por falta de recursos e falta de tempo, mas gostaria de ter investido mais em reportagens internacionais, por exemplo, no Brasil. Entre os acertos, destaco a linha editorial. Publiquei um artigo, em outubro de 1999, que questionava a Argentina como um país mafioso. Depois foram mais três editoriais com o mesmo tom. Não foi um acerto pessoal, mas uma mostra do espírito crítico que marca o jornal. Que é o papel do jornalista e do intelectual. Sempre lembro uma frase de Marx, quando escreveu *La cuestión judia*, um livro muito crítico – e Marx era judeu. Acusaram-no. Disseram que Marx se deixou levar por seu temperamento, por sua paixão. E Marx respondeu: a crítica não é uma paixão da mente, mas uma mente da paixão. Penso que essa é a chave para um intelectual. Defender apaixonadamente uma causa, mas com perspectiva crítica. Não há nada perfeito nesse mundo.

(7) ENTREVISTA DE CARLOS GABETTA

Realizada no café El Hipopótamo, no bairro de San Telmo (Buenos Aires), a 1º de setembro de 2014, esta entrevista foi traduzida (do espanhol), transcrita, editada e autorizada pela fonte.



Foto: Rodrigo Sicuro

Iniciando sua trajetória intelectual e jornalística, que lhe parecia a ideia de “revolução”? Mudou muito, de sua juventude aos dias atuais?

Carlos Gabetta: Boa pergunta. A ideia não só me parecia muito boa, como tentei participar dela. Na década de 1970, militei no Ejército Revolucionario del Pueblo [ERP] – e por isso precisei me exilar em 1976. Mataram minha companheira, Maria Elena Amadio. A ideia de “revolução” sempre me pareceu... Mudei de ideia sobre os métodos, mas não sobre os objetivos. A revolução é algo presente na natureza de todo jovem, não? Mudar as coisas – e mudá-las rapidamente. Com o tempo, aprendemos que se as coisas mudam, ainda que com boas intenções, demasiadamente rápido, destrói-se muito. Nesses casos, a revolução não só fracassa, mas pode se transformar no seu contrário, como aconteceu na União Soviética. De modo que agora sou mais “evolucionista”, que “revolucionário”. Mas, ao mesmo tempo, é

preciso empurrar a revolução. Não se pode esperar as coisas acontecerem, não cai do céu. A participação subjetiva é muito importante.

Na sua visão, a Revolução Cubana teve influência nas ideias argentinas?

Carlos Gabetta: Enorme. Não só na Argentina, mas em toda a América Latina: no Brasil, no Uruguai, no Chile, na Bolívia, no Paraguai. Diria no mundo inteiro. Foi provavelmente a mais romântica das revoluções, inclusive com os barbudos e a figura de Che. Não se pode esquecer que a barba se tornou uma moda no mundo inteiro depois deles.

O sr. mudou de ideia sobre a necessidade de uma revolução? Ou a necessidade de uma mudança no sistema capitalista?

Carlos Gabetta: Não mudei de ideia absolutamente sobre isso. Ao contrário. Na década de 1970, nós lutávamos pelo socialismo. E eu sigo lutando pelo mesmo ideal, mas, como disse, eu entendi – e a história ensinou – que há coisas que precisam de seu tempo de maturação, que precisam ser analisadas, que precisam ser compreendidas por uma maioria. Uma vanguarda iluminada não conduz a lugar nenhum na realidade. É preciso educação, é preciso o jornalismo e a discussão da teoria. A aprendizagem da teoria – e sua confrontação com a prática. Assim, ainda falta muito. Sigo pensando o mesmo, mas me dei conta de que essas mudanças não se podem decidir de um dia para o outro – e muito menos se pode decidir apenas um pequeno grupo.

Qual foi o papel de Claude Julien para *Le Monde Diplomatique*?

Carlos Gabetta: Claude Julien fez *Le Monde Diplomatique* o que é. Nasceu na década de 1950, quando o francês era a língua diplomática internacional. A França era um dos maiores países do mundo. Era um caderno de *Le Monde*, um diário prestigiado. Na década de 1970, Julien assumiu a direção, transformando-o num jornal republicano de esquerda, focado na política internacional – e não mais na diplomacia internacional –, crítico, muito sério e embasado com referências e fontes. Depois, Ignacio Ramonet deu continuidade a esse estilo crítico. Até que, ainda com Ignacio Ramonet e agora com Serge Halimi, *Le Monde Diplomatique* teve esse giro que...

Na nossa primeira entrevista, em 2012, o sr. também usou essa expressão interessante para definir a linha de *Le Monde Diplomatique*: republicanismo de esquerda. Nas suas palavras, que quer dizer essa expressão?

Carlos Gabetta: É algo certamente relacionado à Revolução Francesa, uma maneira de entender a democracia. Uma república consiste em dizer se todos podemos ter jornais, se todos podemos nos educar, se todos podemos opinar e se todos podemos votar. Isto é, liberdade política. Direitos humanos e políticos. A esquerda entende os direitos humanos como econômicos, políticos e sociais. Uma república de esquerda seria uma república que, preservando o critério da divisão dos poderes, avance nas liberdades políticas e na igualdade de direitos econômicos, políticos e sociais. É preciso reduzir as desigualdades ao seu nível mínimo. Assim compreendo a ideia de republicanismo de esquerda.

No *Le Monde Diplomatique*, o sr. publicou diversos editoriais questionando a Argentina como uma república ou um país mafioso.

Carlos Gabetta: A Argentina é um país tão corrupto, as instituições estão tão corrompidas, a polícia, o poder judiciário, o poder legislativo, os partidos, os sindicatos, que há uma espécie de organização mafiosa, de vida mafiosa. Isso não é uma república. Uma república deveria ser transparente. Os políticos deveriam governar por determinado tempo e depois irem para casa, mas há governadores no poder há 40 anos nas províncias. São famílias que dominam províncias do tamanho da França. Isso é um país *bananero*. É uma máfia.

Isso mudou com os Kirchner?

Carlos Gabetta: Mudou para pior. Atualmente a situação está muito pior do que há dez anos. Isso não quer dizer que começou agora. É uma situação antiga.

Após sua saída, o sr. continua lendo *Le Monde Diplomatique*?

Carlos Gabetta: Leio a edição francesa, pois, francamente, o que se publica na edição argentina não me interessa. É sociologia vulgar. Não sei se as vendas caíram, talvez Carlos Alfieri possa lhe dizer. E ademais devem ter incorporado muitos leitores peronistas, favoráveis ao governo. O que acontece é o seguinte: *Le Monde Diplomatique*, tanto o francês quanto o argentino, embarcou em apoiar movimentos populistas. A Cristina Kirchner na Argentina, a Hugo Chávez na Venezuela, a Rafael Correa no Equador. Ressalvo: são *[governos e líderes]* distintos, certamente. Saí do *Le Monde Diplomatique* por isso. Hugo Sigman, o proprietário da empresa *[a editora Capital Intelectual]* e da franquia, passou a me provocar problemas, pois eu criticava muito o governo. Em outro momento, eu tinha elogiado muitíssimo, tinha escrito notas muito elogiosas sobre Cristina Fernández durante sua primeira campanha. Mas depois o governo mudou. Isso complicou meu papel de jornalista. Nós

podemos errar. Mas é preciso dizer que está bem o que está bem, que está mal o que está mal. Se erramos, admitimos e pedimos desculpas. O diretor não queria de nenhuma maneira que eu criticasse Cristina Fernández. Nem o governo espanhol, pois ele mantém negócios com Felipe Gonzalez e o rei espanhol. Eu disse “não”. E precisei ir embora. Os franceses o apoiaram, pois também estão nessa posição. Na França, eles apoiam Jean-Luc Mélenchon, que tem como heróis Hugo Chávez e Cristina Fernández. Não concordo com esse tipo de populismo. Em vez de continuar estudando os acontecimentos, criticando o que é preciso criticar e apoiando o que é preciso apoiar...

O sr. é, ou já foi noutro momento, peronista?

Carlos Gabetta: Nunca. Além do mais, sempre o combati, pois acredito que é uma maneira de enganar a população. O peronismo é populista. O populismo *per se* é negativo. Abordo isso no livro *La encrucijada argentina: república o país mafioso*. E há uma razão para o surgimento do populismo: quando nem a direita liberal nem a esquerda socialista têm força. Na França, isso abriu espaço para Jean-Luc Mélenchon e Marine Le Pen. Um, populismo que se diz de esquerda. Outro, populismo de extrema direita. Na Argentina, Perón surge num contexto de golpe militar e da “década infame”. Nem a esquerda nem a direita tinham resposta para isso – e surgiu um líder que dizia tê-la.

Na sua visão, os europeus, especialmente os franceses, miram experiências na América Latina com certa esperança após a queda do muro de Berlim?

Carlos Gabetta: Sim, mas uma esperança que nasceu justamente da desorientação da esquerda europeia. Isso vale para a ala de esquerda que representa *Le Monde Diplomatique*. Eles não sabem o que fazer com sua própria realidade e por isso miram as experiências latino-americanas, porque consideram que esses governos têm apoio popular, mas não têm. Esses governos, autoritários e corruptos, abandonaram a ideia de esquerda. Gostaria que *Le Monde Diplomatique* recuperasse sua atitude crítica.

Em determinado momento os Kirchner estiveram à esquerda?

Carlos Gabetta: Não. Nunca. Em determinado momento, na primeira presidência, Néstor Kirchner atuou com certo realismo e uma perspectiva progressista, mas a realidade objetiva lhe empurrava a isso. Não havia outra possibilidade, pois o país estava quebrado. Considerando a situação, foi um governo relativamente correto. Depois, Cristina Fernández se

revelou tão arbitrária, envolvendo-se com tantos corruptos, que nos levou a situação agora presente: uma nova crise.

Na sua visão, a cultura francesa teve influência na cultura argentina?

Carlos Gabetta: Teve uma enorme influência nas classes mais altas, mais ricas, as oligarquias, desde a fundação da república até os anos 1930 e 1940. Atualmente, nem tanto. Na época, mirava-se a Europa como o centro da cultura, da alta política, da ilustração e das luzes. As elites mandavam seus filhos a estudar na França. Sim, na grande aristocracia argentina, por mais de um século, a cultura francesa teve uma influência enorme. Outra foi a ideia republicana. *O contrato social* de Jean-Jacques Rousseau foi traduzido para o espanhol por Mariano Moreno em 1804. Acredito que foi a primeira tradução para o castelhano. A ideia da república e da divisão de poderes, as ideias de *liberté, égalité et fraternité* estão na fundação argentina – que nunca respeitou esses ideais, mas estão aí. Atualmente, nem tanto.

Uma última pergunta, relacionada a um de seus primeiros livros, *Todos somos subversivos*, de 1983: o sr. ainda se considera subversivo?

Carlos Gabetta: Todo intelectual crítico é subversivo, pois ataca ou questiona a ordem estabelecida. Se está mal, é preciso criticar o que está mal. Se está bem é preciso ver o que se pode melhorar mais. Sempre cito uma frase de Marx, quando escreveu *La cuestión judia [de 1844]*, um livro muito crítico sobre a questão sendo o próprio autor judeu e neto de rabino. Saiu o livro e a comunidade judaica não sabia o que fazer. Disseram que ele se deixou levar por seu “temperamento passional”. E Marx respondeu: a crítica não é uma paixão da mente, mas a mente da paixão. Para mim, essa consideração deveria valer para todos os intelectuais. É preciso apaixonar-se por uma causa, por uma ideia, mas ao mesmo tempo é preciso estar pronto para ver o que está mal. O que está incorreto. A ideia é melhorar.

(8) ENTREVISTA DE CREUSA MUÑOZ

Realizada no café La Esquina, ao lado da redação argentina de *Le Monde Diplomatique* (Buenos Aires), no dia 11 de setembro de 2012, esta entrevista foi traduzida (do espanhol), transcrita, editada e autorizada pela fonte.

Primeiro, queria saber sobre sua trajetória intelectual e jornalística. Pode me contar?

Creusa Muñoz: Estudei Relações Internacionais. Sempre gostei de escrever. A ideia inicial era partir para o jornalismo político. Tive minhas inquietações intelectuais em Rosário e, em 2005, ainda no último semestre da universidade, decidi vir a Buenos Aires para conversar com o diretor de *Le Monde Diplomatique* – na época, Carlos Gabetta. No encontro, ele comentou sobre a publicação e disse como poderia me orientar. Voltei à minha cidade e depois pensei: Por que não? Eles estavam procurando um estagiário e, assim, ele me convidou a integrar a equipe. Concluí o curso de Relações Internacionais, com muito esforço, pois precisava viajar de Buenos Aires a Rosário, e depois me especializei na área de migrações. Fiz o trabalho de graduação e diversas matérias para *Le Monde Diplomatique* sobre migrações. Depois do estágio, fui promovida a redatora júnior, redatora sênior e depois a coordenadora de equipe da redação.

Como é a dinâmica da redação?

Creusa Muñoz: Nos primeiros quinze dias do mês, o trabalho é muito tranquilo, pois as matérias francesas só ficam prontas nos dias mais próximos do fechamento. Assim que as recebemos, dividimos as matérias. Por volta do dia 10, recebemos o sumário francês. Aí já podemos sentar e discutir o que deverá entrar na nossa edição – pois publicamos cerca de 70% das notas francesas, estimo, com pequenas variações por mês. Também discutimos quais temas argentinos deverão ser abordados. Como coordenadora, distribuo as matérias na redação para dividirmos as tarefas. Como redatora, confiro e edito algumas notas. Assim definimos o espelho e começamos o trabalho: a tradução, a revisão, a edição. Por volta do dia 15, sentamos com a designer para desenhar a edição. Costumo ler todas as páginas, pois gosto de ter uma visão total do jornal. Depois as entrego ao diretor, para ter o *ok* final. As páginas vão para a gráfica, para uma primeira mostra, e depois as reviso. Ainda é tempo para fazer as últimas correções, se necessárias. Depois dessa última revisão, já no fim do mês, a edição é impressa na gráfica.

Quais são as principais pautas da edição argentina?

Creusa Muñoz: Por questões de contrato, sempre publicamos matérias francesas. Acontece que precisamos escolher as notas que possam interessar ao leitor argentino. Assim, tentamos cobrir assuntos internacionais não tão abordados na imprensa local. Mas, ao mesmo tempo, tentamos cobrir assuntos argentinos e, se possível, latino-americanos – esses seriam os 30% de pautas de interesse local. Pretendemos abordar esses temas com mais profundidade e além da conjuntura da atualidade, isto é, de uma maneira diferente das demais publicações nacionais. É o que busca o leitor do *Diplô*.

Quem é o leitor do *Diplô*?

Creusa Muñoz: Não lido com essas informações [*diretamente*], mas imagino que se trate de um público intelectual e interessado em análises mais profundas e além da conjuntura, com uma perspectiva crítica tanto para questões nacionais quanto internacionais. Também temos os leitores digitais, que, imagino, são mais jovens e interessados em outras leituras – no impresso e na internet. Mas, em linhas gerais, seria um público formado por profissionais, intelectuais jovens, estudantes universitários. É interessante notar que, durante tempos de crises – como na crise argentina e na crise financeira mundial –, *Le Monde Diplomatique* teve picos de vendas no país, justamente por oferecer essa visão mais crítica sobre a realidade. São tempos que provocam certos temores na sociedade, que não entende o que está acontecendo e, muitas vezes, os jornais argentinos são apenas alarmistas e não analisam o que está acontecendo. Por isso, esses leitores buscam a leitura do *Diplô*.

Quem são os principais colaboradores do *Le Monde Diplomatique* na Argentina? Há nomes que se destacam?

Creusa Muñoz: São variados. Muitos continuam, mas recebemos novos colaboradores agora, com a chegada do novo diretor, José Natanson, com o redesenho do layout e a nova página *web*. Há colaboradores habituais, como Adolfo Coronato. E novos, como Natalia Zuazo. Na redação, nós temos contatos com diversos colaboradores. Não é oficial, mas Carlos Alfieri tem mais contatos com intelectuais na área de cultura, enquanto Pablo Stancanelli na área de política. Eu, na área de política internacional. Mas essa divisão não é oficial. E além de convidar os autores para escrever sobre determinado tema, recebemos sugestões e ideias de artigos deles. E discutimos essas questões na reunião de pauta.

E que intelectuais influenciam ou influenciaram você?

Creusa Muñoz: No mundo, Samuel Huntington, Robert Keohane, Joseph Nye, entre outros. Na Argentina, Juan Gabriel Tokatlian, Roberto Russell e Rut Diamint.

Que espaço tem *Le Monde Diplomatique* na política argentina?

Creusa Muñoz: Diria que é uma publicação de centro-esquerda. De direita, nunca. Na minha opinião, é uma publicação com espírito crítico e contra as tendências hegemônicas e o neoliberalismo. Mas, na minha opinião, não é uma extrema esquerda. *Le Monde Diplomatique* critica um modelo econômico que, de certa maneira, domina a sociedade nos níveis político e socioeconômico. Mas com uma perspectiva crítica sobre os outros modelos também. Sempre buscando um modelo sustentável na realidade. Ainda sobre a imprensa, não só argentina, um tema interessante é o futuro com as questões econômicas pressionando o jornalismo impresso com o avanço das mídias digitais.

Desde o início no *Le Monde Diplomatique* na Argentina, o que mudou para você?

Creusa Muñoz: Mudou muito, principalmente na equipe. Quando fui incorporada à redação, éramos Carlos Gabetta, Luis Bilbao, Mariana Saúl, Marta Vassallo, Pablo Stancanelli. Marina Saúl agora é uma de nossas tradutoras. Depois vieram Carlos Alfieri e Luciana Rabinovich. E, mais recentemente, José Natanson, como novo diretor, e Luciana Garbarino. É uma equipe mais jovem, com outras trajetórias. Mudaram muitos os colaboradores, como disse antes. E também mudou a redação, o espaço físico. Antes, na redação da Rua Acuña de Figueroa, e depois na Avenida Córdoba, nós sentávamos na mesma mesa, todos juntos, com mais diálogo e discussões sobre temas cotidianos e outras questões. Mais intercâmbio de ideias e de opiniões. Na redação nova, na Calle Paraguay, já estamos mais separados. Ficam os editores de um lado, e as redatoras de outro. E, às vezes, uma pequena mudança faz uma grande diferença. Para mim, o diálogo se perdeu um pouco. Além disso, tivemos outras mudanças como o layout e a nova página *web* do *Le Monde Diplomatique*.

Como foi a saída de Carlos Gabetta e a chegada de José Natanson?

Creusa Muñoz: Foi uma saída pacífica. Mas nós não acompanhamos o processo todo. Não foi uma ruptura. *Le Monde Diplomatique* continua com o mesmo critério, a mesma linha, a mesma posição. Há diferenças de estilo entre os diretores, mas a linha continua a mesma.

Vocês já consideraram a possibilidade de fazer um jornal independente do *Le Monde Diplomatique* francês?

Creusa Muñoz: Não. Primeiro, pois para fazer uma publicação independente, precisaríamos de dinheiro e de investidores. Segundo, não é uma questão que consideramos.

Quais foram os principais erros e acertos da edição argentina?

Creusa Muñoz: Entre os principais acertos, penso que a cobertura da crise financeira internacional, além da crise argentina de 2001. Essas coberturas foram bem recebidas pelos leitores. Além disso, um dos grandes acertos é trazer essa perspectiva crítica e alternativa que comentávamos antes. Entre os erros – na verdade, não sei se isso é um erro – está a equipe pequena, de uma publicação mensal, para cobrir notícias muito atuais. Às vezes, saímos atrasados. E outras precisamos nos adiantar. É uma das dificuldades de uma publicação mensal. Mas não me lembro de nenhum caso pontual de erro.

Há seções fixas na edição argentina?

Creusa Muñoz: Sim, os editoriais nas páginas 2 e 3, a seção de livros nas últimas páginas e o editorial francês de Serge Halimi traduzido na contracapa. Temos uma seção nova, com escritores latino-americanos, sem página fixa.

Como é a relação com a edição francesa?

Creusa Muñoz: Antigamente, eu tinha mais contato com os franceses. Atualmente, Luciana Garbarino lida com eles. Recebemos, lemos e traduzimos os artigos. Depois conferimos. Todos os materiais são checados. E depois começa a edição. Além dessa comunicação básica, nosso diretor se relaciona diretamente com os franceses. Todas as questões amplas de *Le Monde Diplomatique* são tratadas por eles nessa comunicação direta, principalmente nos encontros anuais dos diretores das edições internacionais.

(9) ENTREVISTA DE DOMINIQUE VIDAL

Gravada por tel. entre Paris e São Paulo, no dia 2 de abril de 2013, esta entrevista preliminar foi traduzida (do inglês), transcrita, editada e autorizada pela fonte.

Primeiro, queria saber sobre sua trajetória intelectual e jornalística. Pode me contar?

Dominique Vidal: Entrei no *Le Monde Diplomatique* em 1995, como redator e coordenador das edições internacionais. Na minha carreira, como jornalista, sempre lidei com Relações Internacionais. Quando entrei, tínhamos apenas três edições internacionais: Alemanha, Itália e México. Quando saí, tínhamos mais de 70, publicadas em 30 idiomas. Foi um processo muito longo – e o ponto mais importante foi encontrar parceiros ao redor do mundo. Parceiros são jornalistas e intelectuais e jornais, que ficam responsáveis pela edição. Começamos em 1996, 1997 e 1998, mas o boom viria em 2000.

É interessante que uma das primeiras edições internacionais tenha sido feita no México.

Dominique Vidal: Sim, mas era uma edição fraca, com muitos problemas econômicos e políticos, com a violência do país. Tanto que, atualmente, não temos mais uma edição no país. Foram três tentativas frustradas até instalar uma edição mexicana do *Le Monde Diplomatique*.

Por que certas edições não deram certo na América Latina?

Dominique Vidal: Muitos sobreviveram – e sobrevivem. A mexicana foi a mais problemática. Também temos agora, imagino, desentendimentos no Peru. Mas a maioria das edições latino-americanas vingaram – e atualmente Anne-Cécile Robert pode comentar isso.

No artigo *L'Internationale du Diplo*, o sr. conta que, muitas vezes, intelectuais e jornalistas de outros países procuraram vocês para propor uma edição internacional.

Dominique Vidal: Sim, é verdade. A edição francesa é muito conhecida mundo afora. Em qualquer país do mundo, imagino, é possível encontrar uma cópia do *Le Monde Diplomatique* em francês. E, principalmente no momento em que começamos a discutir o altermundialismo, *Le Monde Diplomatique* teve um crescimento notável. Muitas vezes, editores vieram conversar conosco, propondo edições internacionais. Outras vezes, eu prospectava parceiros noutros países. Era nas duas direções: eles vinham até nós, e nós íamos até eles.

Para *Le Monde Diplomatique*, por que é importante ter edições internacionais? E para as edições internacionais, por que é importante ter o selo *Le Monde Diplomatique*?

Dominique Vidal: Para a matriz, a edição francesa do *Le Monde Diplomatique*, não é uma questão econômica. Afinal, as edições internacionais não trazem muito dinheiro para nós. Interessa para *Le Monde Diplomatique* – um jornal francês e, ao mesmo tempo, internacional – a difusão de nossas ideias ao redor do mundo. Essa é a principal intenção do jornal. Não é uma questão de dinheiro. Para os parceiros, o negócio é muito bom, pois, por pouco dinheiro, eles podem traduzir e publicar artigos ótimos e únicos sobre política internacional.

A linha editorial e política do *Le Monde Diplomatique* é muito marcante. O que as edições internacionais herdam da matriz francesa?

Dominique Vidal: Diria que é uma família, mas com membros muito diferentes. Naturalmente temos muitos elementos em comum, mas a realidade varia de país para país. Exemplo: a edição grega é produzida por um jornal *mainstream*, *Eleftherotypia*; a edição italiana é feita por um jornal esquerdista, *Il Manifesto*. Quero dizer, há diferentes situações em cada país, em cada edição. Não diria, como muitos dizem, que todas as edições do *Le Monde Diplomatique* são esquerdistas. Nem todas são *leftists*, nem todas são *mainstream*. Nem todas são altermundialistas. Mas é claro que todos esses movimentos mundiais – como os anti-globalização, como mostrou o Occupy Wall Street e outros movimentos nos países árabes, na Espanha e na Rússia – formaram uma onda que permitiu desenvolver *Le Monde Diplomatique*. Então, o ponto comum entre as edições internacionais é a visão crítica. O mais importante – e essa é a chave para a história do *Le Monde Diplomatique* – é a crítica. Mesmo os que não concordam politicamente podem encontrar informação séria e real no *Le Monde Diplomatique*, com análises profundas e perspectiva.

Como era a relação com os responsáveis pelas edições internacionais?

Dominique Vidal: Anualmente, tínhamos uma reunião com os responsáveis pelas edições internacionais para discutir o andamento das edições. Era uma reunião muito importante, com duração de dois dias. Nem sempre nos encontrávamos em Paris. Já nos reunimos em muitas outras capitais. Já sobre a comunicação diária, era uma relação variável de acordo com a edição. Principalmente com as maiores edições – como as traduzidas para o alemão, o árabe e o espanhol –, nós nos comunicávamos quase semanalmente. Quero dizer, é uma *network*, mas muito profissional. Muitos somos amigos, discutimos notícias, trocamos experiências. Enfim,

pensamos o mundo. Não era uma relação que você poderia desenvolver em um *office* burocrático. Era também uma relação pessoal e amigável para trabalhar juntos.

E como era a relação com as edições latino-americanas?

Dominique Vidal: Assim como nas edições árabes, nas latino-americanas também vimos uma edição líder. No caso, a argentina. As edições trabalham/trabalhavam como um time, com as traduções e o layout. Era uma network muito organizada.

Quais foram os principais erros e acertos das edições internacionais?

Dominique Vidal: É difícil separar a vida do *Le Monde Diplomatique* e a de suas edições internacionais. A fraqueza das edições internacionais é a fraqueza da imprensa esquerdista atual. É claro que estamos vivendo um tempo de muitas possibilidades, de novas possibilidades. Mas, na questão financeira, é um tempo difícil para a imprensa de esquerda. Nós tivemos boas e más experiências. Nós iniciamos e encerramos edições, muitas brevemente. Mas, em linhas gerais, podemos nos orgulhar de certas conquistas. *Le Monde Diplomatique* é uma experiência única na imprensa mundial.

(10) ENTREVISTA DE DOMINIQUE VIDAL

Realizada no Cafe de France, na Place d'Italie (Paris), no dia 6 de outubro de 2014, esta entrevista foi traduzida (do francês), transcrita, editada e autorizada pela fonte.



Foto: YouTube

Na sua visão, qual é a principal linha (editorial e política) de *Le Monde Diplomatique*?

Dominique Vidal: A linha evoluiu. No início, era um jornal essencialmente destinado às embaixadas francesas no exterior e estrangeiras na França, ao meio diplomático. No início, chamava-se ainda “*journal des cercles diplomatiques*”. Hubert Beuve-Méry criou *Le Monde Diplomatique* em 1954 – na época *Le Monde* tinha poucas páginas, como todos os diários. O responsável por política internacional no *Monde* queria ter um espaço suplementar para se expressar. Assim *Le Monde Diplomatique* foi criado. Isso evoluiu muito rapidamente, mas o momento decisivo foi a chegada à direção de Claude Julien, que impulsionou uma orientação muito mais marcada, notavelmente no sentido do terceiro-mundismo. Isso quer dizer que *Le Monde Diplomatique* acompanhou não só o combate entre os dois blocos – como todo mundo na época –, mas também o desenvolvimento do movimento de liberação e de independência dos países do Terceiro Mundo, os problemas postos pelos países do Terceiro Mundo face a essa ordem bipolar. Tornou-se um jornal “engajado”, podemos dizer. Essencialmente dedicado a questões internacionais, mas também, talvez menos fortemente, a questões

francesas e europeias. O diretor seguinte seguiu essa orientação. Ignacio Ramonet seguiu e acentuou essa orientação. Está claro que *Le Monde Diplomatique* se tornou um jornal ainda mais “engajado” – e notavelmente no sentido do altermundialismo, considerando que foi a partir da iniciativa de um editorial de Ignacio Ramonet que o movimento Attac foi criado. Depois, o movimento Attac deu uma série de variações em outras partes do mundo. Ano após ano, as edições do Fórum Social Mundial, notavelmente de Porto Alegre, reuniram o movimento altermundialista. Eu poderia dizer que, com Serge Halimi, preservou-se essa orientação editorial – a de Claude Julien e Ignacio Ramonet –, mas menos nessa ligação com o movimento altermundialista. Isto é, Serge Halimi e a equipe atual do *Monde Diplomatique*, sem seres hostis ao movimento, evidentemente, pensam que não é o papel do jornal ser diretamente ligado a um movimento. Se você olhar *Le Monde Diplomatique* com a chegada de Serge Halimi à direção, você não encontra mais tantos artigos angulados sobre a Attac ou sobre o movimento altermundialista que, é verdade, passou por um período de crise e de declínio.

Qual foi o papel de *Le Monde Diplomatique* na idealização do Fórum Social Mundial?

Havia muitas discussões na redação parisiense sobre isso?

Dominique Vidal: Sim. Pois Attac, fundado por Bernard Cassen, era o movimento mais antigo na família altermundialista. Havia sempre amigos brasileiros, amigos latino-americanos e de outros países europeus que encontraram um lugar de intercâmbio de ideias em Paris.

Bernard Cassen ainda está no *Le Monde Diplomatique*?

Dominique Vidal: Não. Nós dependemos da convenção coletiva de jornalistas do *Monde* – e essa convenção diz que, aos 70 anos ou mais, nós nos aposentamos. Foi o caso de Bernard Cassen, que continua próximo do *Monde Diplomatique* e muito ativo na Association Mémoire de Luites, no mesmo endereço do *Monde Diplomatique*. É uma associação que pretende refletir sobre o movimento altermundialista, os movimentos por independência etc.

Quer saber sobre sua trajetória intelectual e jornalística. Pode me contar?

Dominique Vidal: Iniciei minha atividade jornalística na imprensa comunista francesa, não no *L'Humanité* ou *L'Humanité Dimanche*, mas num jornal para intelectuais: a revista *France Nouvelle*. Depois, na revista que substituiu *France Nouvelle: Révolution*. Tive um conflito, como a maior parte de meus colegas de *Révolution*, com o Partido Comunista Francês, a partir

de 1982, sobretudo 1983. Não estávamos de acordo com algumas questões. Para meus colegas, desacordo em questões de política francesa. Para mim, desacordo principalmente em questões de política internacional. Foi a época em que o Partido Comunista Francês viam nos países comunistas do leste um balanço globalmente positivo. Como podemos fazer um balanço globalmente positivo se de um lado há o *gulag*, de outro a saúde, a educação? Não acredito que só há pontos negativos nesses países, mas globalmente não podemos fazer esse tipo de balanço positivo. Tivemos, portanto, conflitos. Em 1986, fui dispensado, como outros colegas do *Révolution*. Foi uma situação difícil. De um lado, nós vínhamos da imprensa comunista, então muitos jornais, muitas mídias não nos queriam – ou que nós não queríamos, como um jornal de direita ou de extrema direita, evidentemente. De outro lado, éramos então considerados inimigos pelo Partido Comunista – e logo a imprensa próxima e/ou aliada ao Partido Comunista também não nos queria mais. Estávamos numa dúplice “lista negra”. Fiquei dois anos desempregado e, depois, tive a ideia de fazer um estágio para aprender a função de secretário de redação (a correção de textos, a definição do espelho, a escolha de fotografias etc.). Sensível a minha situação, Noël Copin [1929-2007], diretor do diário católico *La Croix*, propôs me contratar como secretário de redação. Ele disse: “Você vai refazer sua virgindade política” [risos]. Depois de *La Croix*, trabalhei como sub-diretor do Centre de Formation des Journalistes, a principal escola francesa de jornalismo, onde era responsável pela editoria internacional. Além do *Le Monde Diplomatique*, é o que fiz de mais interessante. Criei escolas de pós-graduação de jornalismo no exterior – em cidades como Moscou e Praga, países como Camboja, Líbano e Tunísia. Mais de 20 anos depois, essas escolas estão encerradas agora, mas formaram diversos profissionais. Foi nessa época que tive contato com *Le Monde Diplomatique* e Ignacio Ramonet me convidou para integrar a equipe. Entrei na redação em 1995, saí em 2010. Foram 15 anos na redação, mas já colaborava com *Le Monde Diplomatique* antes, desde 1987. É muito tempo.

Por quanto tempo o sr. coordenou as edições internacionais?

Dominique Vidal: Entre 1996 e 2010. No início, ninguém acreditava muito nessa atividade...

Por quê?

Dominique Vidal: Na época, existiam três edições internacionais. Existiam, mas ninguém dava muita atenção. Para dar um exemplo: precisávamos enviar o jornal impresso para as edições no exterior [via correio]. Eles precisavam esperar receber o jornal impresso para traduzir os artigos – e assim as edições saíam atrasadas um mês. Tentei desenvolver um outro

sistema, mais veloz, de enviar às edições internacionais os arquivos assim que finalizados, artigo por artigo. Assim não precisariam esperar para fazer a tradução de uma só vez. O atraso passou a sete ou dez dias, após o número parisiense. Com minha experiência sobre questões internacionais, dediquei-me a encontrar novos parceiros noutros países – e assim passamos de 3 para 75 edições internacionais.

Quais foram os principais momentos para a internacionalização?

Dominique Vidal: O principal momento é muito próximo ao desenvolvimento do movimento altermundialista. Quer dizer, foi o desenvolvimento do movimento altermundialista que deu a ideia a alguns jornais, jornalistas e intelectuais de criar sua própria edição. O problema era criar uma ponte entre a vontade deles e a nossa capacidade de responder a elas. Foi um trabalho difícil, porque era preciso sair do sistema inicial muito fluido, onde ninguém se ocupava das edições internacionais, para criar um sistema novo, para viajar e para procurar os parceiros, às vezes escolher entre os parceiros. Depois, tentei impor ao *Le Monde Diplomatique* – mas foi difícil e ainda é difícil – a ideia de que era preciso ser muito flexível. Que há parceiros muito próximos de nós (e podemos pedir para exclusivamente traduzirem *Le Monde Diplomatique*), mas que há parceiros muito distantes de nós politicamente, por exemplo o grego *Eleftherotypia* (um jornal *mainstream* que decidiu publicar oito páginas de *Le Monde Diplomatique*). Logo, era preciso aceitar que algumas edições iriam traduzir o que queriam, e que nossos artigos coexistiriam com outros artigos diferentes de nossa orientação. Nós fomos muito flexíveis realmente. Nós tínhamos também um critério jornalístico, não político: quando *Le Monde Diplomatique* era um suplemento mensal dentro de um diário, nós dizíamos “você não devem publicar outros artigos além dos nossos” – porque os outros artigos estão contemplados no diário; mas quando *Le Monde Diplomatique* era um jornal criado por um grupo de intelectuais, era preciso evidentemente aceitar outros artigos para abordar o país onde a edição está. Foi preciso, portanto, uma flexibilidade – que não era muito a característica do *Monde Diplomatique* de Paris.

Carlos Gabetta identifica diferentes tipos de edição internacional, como mistas (que mesclam traduções francesas e matérias próprias), integrais (que traduzem 100% das matérias francesas) e publicadas dentro de outros jornais.

Dominique Vidal: Há outro elemento a adicionar: as edições financiadas pelo *Le Monde Diplomatique* francês. Há dois casos: a edição espanhola e a versão de *Le Monde Diplomatique* em inglês. É muito singular. Mas a definição feita por Carlos Gabetta está certa.

***Le Monde Diplomatique* não está mais relacionado a *The Guardian*?**

Dominique Vidal: Estava no início, mas há muito tempo não está mais. Inicialmente, *Le Monde Diplomatique* Paris e *The Guardian* juntos mantinham a edição, mas *The Guardian* quis interromper a parceria. Mas a visão de Carlos Gabetta é particular, pois ele teve sua própria relação com as edições latino-americanas. Ele fez um sistema notável, que nós só tivemos também com a Alemanha. A edição alemã fornece os textos, e mesmo as páginas, à edição suíça e, na época, à edição luxemburguesa. Infelizmente, a edição alemã teve o olho maior que a barriga – e pediu à edição luxemburguesa um custo de tradução muito elevado. Luxemburgo decidiu fazer *Le Monde Diplomatique* como um suplemento em francês – sem mais textos em alemão.

Qual é a divisão oficial dos artigos franceses obrigatoriamente traduzidos nas edições internacionais (70/30, 60/40, 50/50)?

Dominique Vidal: Oficialmente, 70/30. Para as edições independentes. Carlos Gabetta sempre ultrapassou. Diria que na América Latina a relação é diferente, 60/40. Eu não estava muito de acordo com essa maneira forçada de indicar um número. Para dar um exemplo, tivemos por um tempo *Le Monde Diplomatique* na Coreia do Sul. Não podemos impor 60% de artigos feitos em Paris, é uma realidade muito diferente.

A América Latina tem importância especial para *Le Monde Diplomatique*?

Dominique Vidal: Certamente. Houve um grande número de edições internacionais – e você sabe que a tradução não é feita por Madri, não é? É feita por Buenos Aires. Logo, primeiro, por idioma, é o maior grupo de edições – antes de desenvolvermos as edições árabes. Segundo, na minha opinião, a influência de *Le Monde Diplomatique* na maioria dos países latino-americanos foi maior que a influência de *Le Monde Diplomatique* nos países europeus, na vida política e social europeia. Na Europa, além do *Le Monde Diplomatique* francês, alemão e italiano, outros tiveram influência pequena, circunscrita a uma pequena elite intelectual. Na América Latina, teve influência política profunda. Não só na Argentina, mas, por exemplo, no Chile. Em diversos países, apesar do México – a história da edição mexicana de *Le Monde Diplomatique* é uma situação muito complicada.

Por quê?

Dominique Vidal: Porque o primeiro diretor [*da edição mexicana de Le Monde Diplomatique*] foi assassinado. Depois, o secretário de redação [*de outra edição mexicana de Le Monde Diplomatique*] foi assassinado. Não me lembro dos nomes. O terceiro diretor, da terceira tentativa, desistiu após três anos. Também tivemos um acordo com o diário *La Jornada* por um tempo. Enfim, é uma história muito complicada. É um país muito difícil. Em todo caso, a América Latina é o maior grupo de edições por idioma. Devo dizer que Carlos Gabetta tem uma personalidade muito forte, com muita experiência. Ele fez *cuatro Semanas y Le Monde Diplomatique* em Barcelona. Era muito próximo ao núcleo parisiense, muito ligado a Ignacio Ramonet, Maurice Lemoine. Com o apoio de um rico empresário, ele conseguiu fazer um belo empreendimento na Argentina. Foi muito importante na América Latina.

Que impacto teve a demissão de Carlos Gabetta?

Dominique Vidal: Não houve demissão, Carlos Gabetta se aposentou. Já tinha idade e se aposentou. Sempre houve ricas discussões com os latino-americanos, mas não acredito que essas discussões foram ao ponto de forçá-lo a pedir demissão. Penso, na minha opinião, que ele também estava cansado – e que havia jovens que podiam fazer o jornal em Buenos Aires. Havia muitas discussões, especialmente sobre o caso venezuelano. Em certo momento, Carlos Gabetta esteve muito favorável à experiência de Chávez, como todo mundo na época na América Latina. Mas, ao mesmo tempo, ele foi muito sensível, como argentino e com a experiência de Perón, à dimensão populista de Chávez. O que não foi o caso aqui, em Paris. Mesmo eu, que não conheço muito sobre América Latina, estava sensível, e não positivamente, sobre a dimensão populista de Chávez. Em todo caso, é minha visão. Atualmente, podemos ver: Chávez estava tão certo de que seria o grande líder do socialismo venezuelano que não formou quadros para sua sucessão. Maduro não é Chávez. E agora vemos as dificuldades para a revolução bolivariana.

Na sua visão, como intelectual francês, como os intelectuais europeus podem compreender fenômenos latino-americanos como o peronismo?

Dominique Vidal: Direi como penso francamente. *Pas faire de la langue de bois* [*sem conversa fiada*], como dizemos. Há dois tipos de intelectuais que não podem compreender os fenômenos latino-americanos, como o peronismo e o bolivarianismo. O primeiro tipo corresponde a intelectuais anticomunistas, cujo anticomunismo é tal que é incompreensível, por exemplo, ao correspondente do *Monde* o que acontece na Venezuela. O segundo tipo corresponde aos que sempre precisam de um ídolo. Foi Mao Tse Tung durante a revolução

cultural, Che Guevara durante “um, dois, três Vietnãs”. Os que tiveram uma certa adoração por Gorbachev ou por Ho Chi Minh. Todos que, na minha opinião, têm um “pró-comunismo” tão forte não podem compreender, pois têm uma visão acrítica. Vivemos num momento de convulsão mundial tal (forças internacionais, enfraquecimento da hegemonia americana, crise europeia, crise financeira internacional, desaparecimento da alternativa comunista antiga) que, se não temos uma visão crítica, estamos perdidos. Por muito tempo, o que se escreveu nos jornais e no *Le Monde Diplomatique* sobre Venezuela ou sobre Cuba... Mas isso mudou.

Ignacio Ramonet escreveu muitos artigos elogiosos a Cuba e Venezuela.

Dominique Vidal: Sim, houve uma espécie de moda intelectual por Hugo Chávez – a qual Ignacio Ramonet não escapou. E ainda, não é o pior. Quando Bernard Cassen comenta Chávez, tem-se a impressão de que ele é Chávez.

Não é uma visão romântica?

Dominique Vidal: Certamente. É o que quis dizer com a adoração dos ídolos. É uma moda mundial, mas é uma moda *très française*. Há antigos comunistas franceses solidários, por exemplo, à Ucrânia. É terrível. Pensam que a Rússia atual é ainda a União Soviética – e se solidarizam com o que faz Putin. Isso mudou no *Le Monde Diplomatique*, após as saídas de Maurice Lemoine e Ignacio Ramonet, ambos aposentados. Um jornalista mais jovem, Renaud Lambert, é tipicamente o caso: teve seu momento de adoração por Chávez, mas agora tem uma visão mais crítica.

***Le Monde Diplomatique* está à esquerda no espectro político?**

Dominique Vidal: Sim, certamente. *Le Monde Diplomatique* é indiscutivelmente anticapitalista, altermundialista, terceiro-mundista. Tem todas as características de um jornal de esquerda atual. Sem dúvida.

O que é ser de esquerda atualmente?

Dominique Vidal: É mais complicado que há 20, 30 anos. Vivemos num mundo multipolar, ou apolar – não há mais polos. Primeiro, ser de esquerda é ser hostil à sociedade capitalista devido a suas injustiças. E não só injustiças sociais, mas étnicas, o que é muito forte na França em relação a imigrantes africanos. Segundo, é buscar pistas por alternativas – não uma alternativa, mas “alternativas”. Há muito tempo se busca uma sociedade alternativa, ao mesmo tempo justa socialmente e que respeite a identidade social e cultural dos cidadãos.

Terceiro, ser hostil às políticas imperialistas, do governo americano mesmo sob Barack Obama, de parte dos governos europeus e de seus aliados no Terceiro Mundo – penso particularmente em Israel, que tem um papel importante no contexto imperialista, penso também na Arábia Saudita. É isso. Está relacionado a justiça e a igualdade.

Qual é o papel dos intelectuais atualmente?

Dominique Vidal: É muito complicado ser um intelectual atualmente. Antes de falar sobre a busca de alternativas, o papel é a transmissão do saber e da experiência dos movimentos trabalhistas, independentistas, altermundialistas. Na minha visão, o primeiro papel dos intelectuais é a transmissão. Estamos vivendo uma crise da transmissão – para parte do ensino secundário e superior. E uma crise de partidos políticos, que também não fazem essa transmissão. Posso dizer, por exemplo, que nas décadas de 1960 e 1970 eu estava no Partido Comunista Francês – e tinha escolas em cada “célula”, depois escolas em cada área geográfica, depois escolas em cada seção e, enfim, tinha uma escola central no nível nacional. Isso não existe mais. Há realmente uma crise de transmissão pelos partidos e uma crise de transmissão pela mídia. Além da transmissão, o segundo papel dos intelectuais é evidentemente a busca de pistas novas – científica, cultural, econômica, literária, política, social – e é tão difícil que é preciso que os intelectuais se organizem por si mesmos, formando grupos e associações para garantir seu trabalho, que, como disse, não é garantido na área da educação, da mídia ou dos partidos.

Vocês tentaram fazer uma edição americana de *Le Monde Diplomatique*?

Dominique Vidal: Sim, Serge Halimi estava responsável. Mas nunca deu certo. Não encontramos parceiros interessados e, principalmente, capazes de vender. Há certamente pequenos jornais americanos, também de caráter altermundialista e anticapitalista, mas não estavam interessados e não podiam. Então, preferimos desenvolver nossa edição inglesa.

A internet ajudou a difusão de *Le Monde Diplomatique*?

Dominique Vidal: Sim, certamente.

Mas *Le Monde Diplomatique* não sofre agora com a crise do jornalismo impresso, acarretada ainda pela internet?

Dominique Vidal: Depende de qual dimensão do *Monde Diplomatique* você se refere. Se for da difusão do *Le Monde Diplomatique* francês, a internet foi uma catástrofe, como para

muitos jornais. Se for da difusão de *Le Monde Diplomatique* no mundo, a internet nos ajudou muito, porque nós podemos desenvolver não só edições impressas, mas também diversas edições eletrônicas. É muito mais simples fazer uma edição eletrônica. Para as edições internacionais, foi muito bom. Para o resto, não.

Além das edições internacionais, destacaria outra conquista do sr. no seu tempo no *Monde Diplomatique*?

Dominique Vidal: Sou especialista em Oriente Médio. Quando entrei no *Le Monde Diplomatique*, não se abordava Israel fora do conflito com a Palestina. Nunca como sociedade. Com a concordância de Ignacio Ramonet e depois Serge Halimi, fiz uma série de reportagens e convidei israelenses para escrever sobre sua sociedade – não só sobre seu conflito com a Palestina. É importante. Não se compreende um país e sua guerra só através do ângulo da guerra. É preciso compreender como funciona sua sociedade, quais são suas dificuldades, suas expectativas, seus medos.

***Le Monde Diplomatique* tem uma posição oficial sobre o conflito Israel-Palestina?**

Dominique Vidal: Nós acreditamos que a única solução, ao menos na transição, é a de dois Estados, conforme as fronteiras de 1967. Mas a experiência após um século, especialmente depois de Oslo, de 1993, é que a dissimetria torna impossível um acordo entre os dois países. No *Le Monde Diplomatique*, acreditamos que a divisão deve ser imposta pela comunidade internacional. Logo, a questão decisiva é exercer uma pressão tal sobre os governos europeus e americano. Mas não é caso. Há alguns movimentos por parte dos governos europeus, como a *ligne directrice* da União Europeia que faz certa pressão sobre Israel. Mas é preciso fazer pressão, mais pressão.

(11) ENTREVISTA DE JOSÉ NATANSON

Realizada na redação argentina de *Le Monde Diplomatique* (Buenos Aires), a 12 de setembro de 2012, esta entrevista foi traduzida (do espanhol), transcrita editada e autorizada pela fonte.



Foto: Google

Primeiro, queria saber sobre sua trajetória intelectual e jornalística. Pode me contar?

José Natanson: Iniciei minha carreira no *Página/12*, por oito anos na editoria política. Depois dirigi por cinco anos a *Nueva Sociedad*, uma revista latino-americana de ciências sociais, um projeto da fundação alemã Friedrich Ebert Stiftung. Paralelamente, escrevia uma coluna aos domingos no *Página/12*. Aí os acionistas da Capital Intelectual me convidaram para dirigir *Le Monde Diplomatique*. Sou jornalista, mas também licenciado em ciências políticas. Já conhecia as edições francesa e argentina de *Le Monde Diplomatique*.

A linha editorial de Le Monde Diplomatique é conhecida e reconhecida no mundo. O sr. se identifica com essa linha?

José Natanson: Sim. É uma linha de esquerda, marcante no *Diplô* na França e depois presente nas edições internacionais. Sim, me identifico com essa linha. *Le Monde Diplomatique*

ocupou e ocupa uma posição importante na imprensa mundial, tendo contribuído para discussões muito atuais como a crise do neoliberalismo, a globalização, o pensamento único. Foram temas do *Diplô* há muito tempo, há décadas, e continuam atuais.

Qual é o acordo editorial entre França e Argentina? Quanto a edição argentina paga à francesa?

José Natanson: Nós pagamos pelo uso da marca e temos direito a traduzir os materiais deles. Não posso dizer quanto pagamos. Não posso revelar nossa contabilidade.

Tampouco pode dizer quanto as outras edições latino-americanas pagam à argentina?

José Natanson: Não.

Quais são as heranças da matriz francesa na edição argentina?

José Natanson: Nós publicamos as traduções dos artigos franceses. Não é uma herança. São traduções. Mas nos artigos que pedimos e que produzimos na Argentina, também tratamos de seguir a linha de qualidade do *Le Monde Diplomatique* francês, com o rigor, a análise e uma certa posição política. Queremos estar à altura da qualidade e da rigorosidade do que produzem os franceses, também de uma posição política de esquerda.

Que espaço *Le Monde Diplomatique* tem na imprensa argentina?

José Natanson: Há uma questão: *Le Monde Diplomatique* é um das poucas publicações mensais na Argentina. Há um panorama muito forte de imprensa gráfica no país, principalmente com diários e revistas – de esquerda, de direita e de centro. Já *Le Monde Diplomatique* é uma publicação mensal, o que lhe confere certa originalidade. Também é a única publicação que se ocupa principalmente de temas internacionais. Esses são os pontos originais do jornal: a periodicidade mensal e o foco na política internacional. Logo, temos um espaço único. Atualmente imprimimos 25.700 exemplares. Distribuimos para Argentina e Uruguai, e agora também para Paraguai. Quantos assinantes? Não posso dizer. Porque não queremos que os concorrentes se inteirem disso.

Quais são as principais pautas do *Le Monde Diplomatique* argentino?

José Natanson: O país muda tanto, que é difícil dizer as principais pautas. *Le Monde Diplo* acompanha a discussão política atual. Sim, há uma posição ideológica e um interesse por temas internacionais, mas não há pautas.

As mudanças na política argentina nos últimos dez anos também estão presentes no *Diplô*. Como o sr. analisa a política argentina atual?

José Natanson: Como analiso eu? Desde 2000? Não sei. Tivemos uma recomposição da política argentina, um período de crescimento positivo, mas com problemas. Não posso nem resumir nem analisar agora os últimos dez anos.

Desde sua chegada à redação, que mudanças fez?

José Natanson: Fizemos várias mudanças. Uma importante foi o redesenho do layout do *Le Monde Diplomatique*. Também estamos convocando, *qué sé yo*, novos autores para ampliar o repertório de colaboradores que tínhamos. Estamos tentando incorporar autores mais jovens, com as novas gerações de jornalistas e acadêmicos. E também inauguramos uma seção para escritores latino-americanos.

Pode citar exemplos?

José Natanson: Não. Você pode ver esses nomes nas últimas edições. A maioria faz parte dessas novas gerações de jornalistas e acadêmicos. Para escolher os novos colaboradores, primeiro pensamos na posição ideológica. Depois, também pensamos em questões de estilo, pois há acadêmicos ótimos que dominam um assunto, mas que encontram dificuldades para transmitir esse conhecimento. É preciso ter um equilíbrio. Entre outras mudanças, também fizemos um novo site. Apostamos forte nesse projeto, pois atualmente nos parece muito importante manter uma convivência entre o suporte digital e o suporte papel. E também estamos publicando mais livros e edições especiais, como o *Atlas*. Outra novidade foi o *Anuário*, uma seleção dos melhores artigos publicados no ano. Enfim, uma série de novidades.

Como é a relação com os diretores franceses?

José Natanson: É uma relação fluida. Temos autonomia para publicar os artigos argentinos. Ao mesmo tempo, mantemos um diálogo com eles, pois também precisamos traduzir os artigos franceses. Há uma afinidade ideológica e uma relação de confiança.

E como é a relação com as outras edições latino-americanas?

José Natanson: É equivalente à dos franceses. Nós fazemos as traduções, às vezes algumas edições publicam certas notas, outras edições preferem outras notas. É uma relação legal, mas

cada edição faz o que quer ao receber as traduções. Atualmente há edições em espanhol no Chile, na Colômbia e na Espanha. Muitas são intermitentes – Peru e Venezuela, por exemplo, não usam nossas traduções. Não sei se ainda são publicadas.

Apesar da centralidade da edição argentina, há uma hierarquia em relação às outras edições latino-americanas?

José Natanson: Não. Todas as edições respondem à edição francesa. Há apenas uma relação prática com outras edições em espanhol, que buscam as traduções que nós fazemos. Mas, por exemplo, dizer que a edição argentina é mais importante que a edição boliviana... É uma questão de história, de como a edição foi construída e é/foi mantida, e assim por diante.

Como o sr. analisa a liberdade de imprensa na Argentina?

José Natanson: Como analiso eu? Não sei. Penso que há liberdade de imprensa. Há uma discussão sobre a Lei da Mídia, mas é isso. Não sei.

Qual é a posição do *Diplô* sobre Cristina Kirchner no poder?

José Natanson: Por ser uma publicação mensal, *Diplô* não está obrigado a emitir opiniões sobre todos os assuntos do cotidiano. Então, nós podemos entrar nos temas da atualidade oportunos e interessantes para nós. Se há um tema sobre a realidade política argentina que nós consideremos que temos algo importante para dizer, nós entramos. Se não, deixamos passar. Isso nos dá certa liberdade.

(12) ENTREVISTA DE LUCIANA GARBARINO

Realizada no café La Esquina, ao lado da redação argentina de *Le Monde Diplomatique* (Buenos Aires), no dia 11 de setembro de 2012, esta entrevista foi traduzida (do espanhol), transcrita, editada e autorizada pela fonte.

Primeiro, queria saber sobre sua trajetória intelectual e jornalística. Pode me contar?

Luciana Garbarino: Tenho 26 anos. Estudei Ciências da Comunicação, com habilitação em Jornalismo. Graduei-me em 2011, e logo depois entrei no *Le Monde Diplomatique*. Antes disso, trabalhei em uma ONG, onde era responsável pela parte de imprensa. Agora sou redatora júnior do *Le Monde Diplomatique*, lido com as matérias francesas e colaboro com o conteúdo editorial da nova página web. Bom, é isso. Edito notas, seleciono fotografias para a edição eletrônica e a impressa. E coordeno um suplemento sobre educação.

Como você conheceu o Le Monde Diplomatique argentino?

Luciana Garbarino: Através do meu pai, um leitor da edição argentina há muitos anos. Assim conheci o jornal. Na época, porém, não era uma leitora muito assídua.

A linha editorial do Monde Diplomatique é marcante. Você concorda com essa linha?

Luciana Garbarino: Sim, concordo com a linha política tanto em questões nacionais quanto em questões internacionais. Sobre questões internacionais, o conteúdo é francês. Mas sobre questões nacionais, o conteúdo é decidido aqui. O jornal tem uma posição mais crítica, mas construtiva. É focado em temas atuais e de conjuntura, mas abordados com profundidade. Em linhas gerais, as análises não só pensam os problemas, mas propõem soluções para resolver tais problemas.

Considera Le Monde Diplomatique um jornal de centro-esquerda no país? Por quê?

Luciana Garbarino: Sim. Fundamentalmente, *Le Monde Monde Diplomatique* nasceu no nosso país como um jornal muito crítico das posições neoliberais da década de 1990. Atualmente, mantém essa posição crítica ao neoliberalismo. Isso se vê claramente com a abordagem feita sobre a crise financeira internacional.

Como é a dinâmica da redação?

Luciana Garbarino: O diretor toma as decisões estratégicas. Define as pautas das edições – temas locais e temas internacionais. Discute com a equipe quais notas serão publicadas. Além disso, há dois editores, uma coordenadora de redação e uma coordenadora da página web. Também há um revisor, uma designer e eu. As relações são legais e respeitadas. As tarefas são claramente divididas, o que torna o trabalho mais ordenado e, assim, mais rápido.

Quem são os principais colaboradores do *Le Monde Diplomatique* na Argentina? Há nomes que se destacam?

Luciana Garbarino: Adolfo Coronato, Alejandro Margulis, Ernesto Semán, Federico Kukso, Ignacio Klich, Marta Vassallo, Martín Rodríguez, Natalia Zuazo, Noemí Brenta, Pablo Stefanoni, entre outros.

Na sua visão, como *Le Monde Diplomatique* é recebido pelos leitores?

Luciana Garbarino: É um jornal de muito prestígio e de muito respeito entre os leitores. Há muito cuidado na edição, sempre preocupado em oferecer uma visão aprofundada dos temas.

***Le Monde Diplomatique* tem um concorrente direto na Argentina?**

Luciana Garbarino: Não, principalmente em política internacional. Em nacional, talvez, pela mesma cobertura dos temas. Mas, em política internacional, temos análises e conteúdos exclusivos vindos da França. Então, não há concorrência direta.

Quais foram os principais erros e acertos da edição argentina?

Luciana Garbarino: Para mim, os acertos se deram no novo momento do *Le Monde Diplomatique*, com o redesenho do layout em setembro de 2011. Isso favoreceu muito a leitura, pois antes o jornal tinha muito texto – talvez por isso, antes de trabalhar no *Diplô*, não era uma leitora tão assídua. E o novo projeto da página web, uma forma de ampliar o público digital, oferecendo mais movimento e mais conteúdo. Na versão impressa, agora também temos uma presença maior de temas nacionais.

Quais são suas principais influências intelectuais?

Luciana Garbarino: Antonio Gramsci, Eric Hobsbawm, Horacio Verbitsky, Frantz Fanon, Freud, Lacan, Marx, Martí, Michel Foucault, Pierre Bourdieu, Rodolfo Walsh, além de teóricos do discurso (Eliseo Verón e Ernesto Laclau).

(13) ENTREVISTA DE LUCIANA RABINOVICH

Realizada no café La Esquina, ao lado da redação argentina de *Le Monde Diplomatique* (Buenos Aires), no dia 11 de setembro de 2012, esta entrevista foi traduzida (do espanhol), transcrita, editada e autorizada pela fonte.

Primeiro, queria saber sobre sua trajetória intelectual e jornalística. Pode me contar?

Luciana Rabinovich: Tenho 28 anos. Estudei Letras na Universidad de Buenos Aires. Trabalho na edição argentina do *Le Monde Diplomatique* desde 2008. No início, como estagiária, por seis meses. Depois, como redatora. Muito de minha formação jornalística adquiri trabalhando no *Diplô*. Desde 2011, passei a coordenar a edição eletrônica do jornal, inclusive o redesenho da página web e o conteúdo editorial publicado ali. É basicamente isso.

Como você conheceu o *Le Monde Diplomatique* argentino?

Luciana Rabinovich: É um jornal muito conhecido nos meios universitários no país. Não me lembro exatamente como o conheci, mas, sim, é um jornal muito conhecido entre acadêmicos e intelectuais.

A linha editorial e política do *Le Monde Diplomatique* é muito marcante. Você concorda com essa linha?

Luciana Rabinovich: Sim. Diante do jornalismo atual, ao menos na Argentina, sim. É uma linha interessante e de centro-esquerda – no país, mais de esquerda, considerando o que é o jornalismo argentino. Para a amplitude dos temas, o jornal mantém uma linha crítica. O meio jornalístico anda muito polarizado, muito binário. Além das questões nacionais, o jornal se ocupa de muitas questões internacionais, que não são privilegiadas na imprensa argentina. Ou são cobertas de maneira superficial. Então, temos uma cobertura internacional melhor – com mais conhecimento e mais profundidade. *Le Monde Diplomatique* aborda temas complexos e pouco abordados pela imprensa. Ou revisa temas abordados, mas sempre simplificados ou tergiversados pela imprensa. *El Diplô* brinda uma perspectiva crítica, nova e profunda. Por exemplo, nos temas locais se discute muito a *laminería*, um assunto delicado, pois é um ponto fraco do atual governo, por ser uma atividade provocadora de muitos impasses ambientais. Também a política macroeconômica, um assunto complexo e fonte de discussões. Nesses exemplos, o jornal mantém uma posição progressista crítica, com a qual concordo. Mais ainda

nos temas internacionais, pois a imprensa argentina deixa de lado muitas questões importantes. E os diários que abordam questões internacionais com mais seriedade – como *La Nación* – mantêm uma linha mais de direita.

Considera *Le Monde Diplomatique* um jornal de esquerda no país?

Luciana Rabinovich: Não há um jornal realmente de esquerda na Argentina atualmente. Há apenas a imprensa trabalhista e esquerdista partidária. O máximo que há é a imprensa progressista. Por isso, considero *Le Monde Diplomatique* como um jornal de centro-esquerda. Certamente que, em relação às publicações hegemônicas como *Clarín* e *La Nación*, o jornal estaria à esquerda deles. Depende do ponto de vista.

Como é a dinâmica da redação?

Luciana Rabinovich: Pelo tamanho, é como um jornal. Mas pela periodicidade, é como uma revista. No fim do mês, já começamos a pensar na edição seguinte. Nessa época, temos uma primeira reunião de pauta, isto é, sobre os temas que queremos abordar no nível nacional. No internacional, não sabemos, pois ainda não temos os materiais franceses. Discutimos os temas nacionais e pensamos em possíveis autores para escrever e em possíveis abordagens – em geral, os jornalistas e os intelectuais convidados já conhecem a linha ideológica e as abordagens que damos aos assuntos. Depois começamos a receber as notas francesas e temos uma ideia de como será a edição. Entre os dias 10 e 14 do mês, começamos a fazer o espelho da edição, já com o sumário francês e as notas escolhidas. Depois, ainda fazemos alguns ajustes – às vezes escolhemos uma nota não tão boa quanto queríamos, e outras vezes incluímos uma nota que inicialmente não estava na edição. Em geral, o fechamento se dá entre os dias 25 e 28 do mês. Também dependemos muito dos franceses para o fechamento, pois dependemos da edição final deles para conferir as mudanças e as possíveis correções.

Como são definidas as pautas do *Le Monde Diplomatique* argentino?

Luciana Rabinovich: São temas atuais e de conjuntura, mas certamente discutidos em profundidade. Os franceses abordam mais questões históricas e revisões que nós, pois na nossa edição pensamos mais na atualidade argentina. Com o cuidado para não sairmos desatualizados no mês seguinte e, também, para abordar assuntos com margem para outros desdobramentos. Dos temas em pauta, há alguns que, sim, são abordados nos diários, mas nós oferecemos outra perspectiva. Mas também cobrimos os temas fora da pauta. É uma mistura. Uma mescla entre notas de interesses locais (inclusive latino-americanos) e internacionais.

Quem são os principais colaboradores na edição argentina?

Luciana Rabinovich: São vários, e poucos fixos. Acontece que a ideia é oferecer uma visão plural com diversas vozes sobre os temas. Muitos são acadêmicos com um desenvolvimento jornalístico – quero dizer, com o conhecimento acadêmico, mas com um estilo textual mais jornalístico. Mas sempre são especialistas na área. Essa também é uma especificidade do *Le Monde*: contar não só com jornalistas, mas com especialistas com uma inclinação jornalística. Ou jornalistas ultra-especializados.

Na sua visão, como *Le Monde Diplomatique* é recebido pelos leitores?

Luciana Rabinovich: Posso dizer de uma maneira muito pessoal, pois na realidade não tenho informações precisas sobre isso. Mas, em geral, é muito bem recebido. Tem uma imagem ótima e muito prestígio, principalmente nos círculos acadêmicos e intelectuais, pelo tipo de análise oferecida sobre os temas, que têm um bom equilíbrio entre notas de interesses locais e de internacionais. É uma boa proporção.

***Le Monde Diplomatique* tem um concorrente direto na Argentina?**

Luciana Rabinovich: Não realmente. Na Argentina não há praticamente nenhuma revista com a profundidade do *Diplô*. Talvez, no país, poderia mencionar as revistas *Crisis* ou *Debate*. Mas nenhuma tem semelhante cobertura nos temas internacionais. Essa é a especificidade. E é bom aclarar que, nesse estilo de publicações, o mercado é muito estreito: não há nenhuma revista deste tipo massiva.

Quais foram os principais erros e acertos da edição argentina?

Luciana Rabinovich: Entre os acertos, o redesenho gráfico e a nova página web, o que pode atrair leitores mais jovens. E, também, a ideia de sempre trazer um ponto de vista diferente e um eixo de análise distinto sobre os acontecimentos do presente. Há pontos a melhorar, mas não saberia mencionar um erro.

Como foi a saída de Carlos Gabetta e a chegada de José Natanson?

Luciana Rabinovich: A saída de Carlos Gabetta aconteceu depois de muito tempo no *Diplô*, mais de dez anos. Passei dois anos e pouco com ele. Mas a saída de Gabetta e chegada de Natanson foram tranquilas. Somos uma equipe pequena, com atividades e tarefas muito bem

definidas. Então, sabemos organizar o trabalho. Foi por isso que a transição foi tranquila, enquanto a dinâmica de trabalho.

Quais são suas principais referencias intelectuais?

Luciana Rabinovich: Clássicos como Bourdieu, Foucault, Hobsbawm, Marx, Negri, Said... Até argentinos e mais contemporâneos, como Oscar Terán e Beatriz Sarlo – não concordo com suas posições atualmente na política, mas no campo cultural a li muito –, e os jornalistas Alfredo Zaiat e Juan Forn, entre outros.

(14) ENTREVISTA DE PABLO STANCANELLI

Realizada no café La Esquina, ao lado da redação argentina de *Le Monde Diplomatique* (Buenos Aires), no dia 12 de setembro de 2012, esta entrevista foi traduzida (do espanhol), transcrita, editada e autorizada pela fonte.

Primeiro, queria saber sobre sua trajetória intelectual e jornalística. Pode me contar?

Pablo Stancanelli: Sou filho de diplomatas. Nasci no Peru, mas vivi na Argentina, na Itália, na Suíça. Conheço *El Dipló* há muito tempo, pois era muito lido em Genebra. Era um jornal muito conhecido nos meios estudantis. Muito disso se deve também à cultura francesa ali. Finalmente voltei a viver na Argentina aos 17 anos, em 1993. Estudei filosofia na Universidad de Buenos Aires – na verdade, ainda estudo, porque ainda preciso defender o trabalho de graduação. No jornalismo, inicialmente, buscava trabalho como tradutor. Comecei a encaminhar currículos para redações, como *La Nación*. Em vez de traduções, pediram-me para propor pautas. Ali colaborei com meus primeiros artigos. E, enfim, li que *Le Monde Diplomatique* se instalava na Argentina. Nesse momento, conversando com um amigo fanático por Pierre Bourdieu [1930-2002], decidi encaminhar o currículo para eles. Era agosto de 1999. Pleiteava a vaga de estagiário. Fiquei um ano como estagiário e depois fui incorporado à redação, com Carlos Gabetta, Luis Bilbao e Marta Vassallo. Passei por todas as etapas do jornal: estagiário, redator, editor. Dentro do *Dipló*, aprendi muito mais que na universidade. Em 2005, fui trabalhar no diário *La Repubblica*, na Itália, na seção internacional – um estágio de um mês, como consequência do Prêmio Italia para Jovens Periodistas Argentinos. Também colaborei com o jornal *Il Manifesto*, que ainda publica *Le Monde Diplomatique* na Itália, a partir da Argentina. Essa é minha trajetória profissional. Assim, minha visão do jornalismo é basicamente a do *Le Monde Diplomatique*.

Pode dizer mais sobre isso?

Pablo Stancanelli: *Bueno*, fui ao *Dipló* porque já concordava com suas posições, isto é, com uma visão muito crítica do que é o jornalismo atual. Sou um fanático por jornais. Sempre li muito. Mas atualmente o jornalismo é quase *farandula*. Uma revista *Caras* e um jornal se parecem muito, ao menos na imprensa argentina. Todos os dias leio *Le Monde*, que mesmo perdendo qualidade ainda é muito melhor que as publicações argentinas. Quer dizer, essa questão *farandulesca* do espetáculo está na política. Por um lado, o jornal está muito atado à

conjuntura. Por outro, está muito atrelado a questões sem hierarquia: o jogo de futebol está ao lado do assassinato de um cônsul, ao mesmo nível. E isso quando o jogo de futebol não é considerado mais importante. No *Diplô*, o trabalho é muito diferente. Devido à periodicidade mensal, podemos escapar dessa conjuntura. Podemos tratar os assuntos de outra maneira: *Diplô* busca a história, o presente e a indicação de consequências futuras. Onde estamos? Aonde vamos? E, como diz a expressão francesa *enjeu*, o que está em jogo? Isso não é tratado nos diários. Dizia o primeiro editorial de Ignacio Ramonet na Argentina: buscar informação requer esforço. Não basta a leitura dinâmica dos diários, os dez minutos de TV à noite. Estar informado quer dizer buscar fontes, opinar, participar das discussões. Um jornalismo intelectual. Nesse sentido, compartilho a visão do *Diplô*.

A linha editorial do *Le Monde Diplomatique* é conhecida e reconhecida no mundo. O sr. se identifica com essa linha?

Pablo Stancanelli: Totalmente. Tenho algumas diferenças com a edição francesa, pois o jornal se refere a assuntos muito variados da atualidade – e nunca se pode estar de acordo em todos. Artigo a artigo, não concordo com todos. Mas, nos pontos fundamentais, estou plenamente de acordo com a linha editorial do *Le Monde Diplomatique*. Às vezes, eles têm uma visão muito eurocentrista, mas isso pode ser considerado normal, já que mais além do alcance internacional, *Le Monde Diplomatique* continua sendo um jornal francês. Penso que é positivo ter uma mirada mais ampla sobre a América Latina, fruto de uma nova geração de jornalistas, que incorpora novas temáticas e perspectivas sobre as questões latino-americanas mais relevantes durante a Guerra Fria, a Revolução Cubana, as ditaduras. Claro que algumas questões estruturais e históricas permanecem, a juventude latino-americana também tem outras preocupações e aspirações, que são importantes refletir.

O que a edição argentina herda da francesa? E no que se diferencia?

Pablo Stancanelli: Como herança, basicamente o estilo e o foco, isto é, a busca de profundidade nas análises. E a posição política. Afinal, não poderíamos publicar *El Diplô* se tivéssemos uma posição política contrária. Como diferença, há um problema básico não só da Argentina, mas de todas as edições internacionais: não reproduzimos a estrutura empresarial do *Diplô* na França. A redação francesa pode eleger o diretor e eleger as pautas. Além disso, a redação controla os 51% das ações do jornal, ao lado da sociedade Les Amis du Monde Diplomatique. Isso permite uma independência editorial muito forte. E uma atração do leitor muito forte também. Há coerência em todos os níveis, o que é muito difícil manter em todas

as edições internacionais. Outra diferença é que não temos os mesmos recursos financeiros. E, na Europa, *Diplô* tem 50 anos com uma ampla rede de colaboradores internacionais. Nós estamos construindo *El Diplô* há uns 10 anos na Argentina. E ainda nos falta investimento para fazer mais reportagens internacionais – melhor, latino-americanos –, como eles fazem.

Que espaço tem *Le Monde Diplomatique* na imprensa argentina?

Pablo Stancanelli: Pode ser considerado um jornal de centro-esquerda. *Le Monde Diplomatique* é um periódico de esquerda, claramente. Um periódico social-democrata, no bom sentido. Um socialista-democrático. Na Argentina, *Diplô* se mantém à esquerda, mas com um fenômeno muito peculiar nosso: o peronismo. De certa maneira, era mais fácil [fazer] *Diplô* na época de Carlos Menem. Porque, no início, *Diplô* trazia muitas bandeiras até então desconhecidas na Argentina, como a alter-globalização e a integração latino-americana. Isso não estava na grande imprensa. Atualmente, esses temas são muito mais comuns. Nós defendíamos uma nova Lei da Mídia, quando ninguém discutia esse assunto, quando os setores do atual kirchnerismo eram contrários à nova lei – e agora é o principal defensor. Agora temos um governo que tomou todas essas críticas que fazíamos e as tornou realidade. Um governo que, pelo menos na linha oficial, se opõe ao *establishment*. Então, a crítica agora é mais sutil, pois compartilhamos diversas posições. A Argentina está num jogo de preto e branco. A favor ou contra o governo. E resta pouco espaço para o que está no meio. Falta espaço para uma crítica mais sutil, o que é mais difícil. Voltando à imprensa argentina, *La Nación* é um jornal conservador; *Clarín* é um jornal centrista e industrial. Era originalmente desenvolvimentista, como a maioria dos grandes diários – *El País*, *Le Monde* – à centro-direita, defendendo negócios. Isso na minha opinião. Há semanários, revistas e outras publicações menores. Nesse sentido, *Diplô* não tem uma concorrência direta. Ninguém se ocupa tanto de política internacional como *El Diplô*.

Outro fator foi a crise argentina no início de 2000, não?

Pablo Stancanelli: Sim. Nós explodimos durante a crise. Saltamos de 8 mil a 20 mil exemplares na época. Fizemos uma cobertura densa, que os diários não eram capazes de fazer. E tínhamos jornalistas e colaboradores importantes para analisar a crise. Mas também é difícil continuar a tratar da mesma crise com originalidade. E, pensando na crise financeira atual, a Europa é quase a Argentina de dez anos atrás. Redescobriram a América Latina agora.

Como é a dinâmica da redação? Há diferenças entre Carlos Gabetta e José Natanson?

Pablo Stancanelli: Uma das grandes diferenças entre o antigo diretor [*Gabetta*] e o novo [*Natanson*] é... Antes discutíamos muito mais. Tínhamos mais leituras de diários, mais interesses políticos, mais discussões cotidianas sobre o que se passava. Tínhamos mais ideias, diálogos e *brainstormings*. Agora, há pouquíssimo. Antes, tínhamos uma redação. Agora, uma oficina com trabalho quase burocrático. As decisões são tomadas sem muitas conversas, um tanto verticalista. Atualmente temos apenas uma ou duas reuniões de redação por mês.

Quem são os principais intelectuais colaboradores do *Le Monde Diplomatique* na Argentina? Pode citar nomes?

Pablo Stancanelli: Mudaram muito. Poderia citar Federico Lorenz e Marta Vassallo, por exemplo. Há muitos outros. Além disso, há dois caminhos: nós propomos pautas para alguns colaboradores e também aceitamos sugestões deles. Tentamos não repetir os nomes com certa frequência, pois a ideia é ter temas variados, ideias variadas e colaboradores variados.

Que *feedback* vocês recebem dos leitores?

Pablo Stancanelli: É difícil. Talvez um fenômeno argentino, mas é muito raro recebermos cartas de leitores. Sei que também não fomentamos muito essa relação, pois a seção de cartas nunca foi fixa. Na verdade, não sei dizer o que pensam os leitores. Posso dizer que *Diplô* é considerado um jornal de prestígio, mas não há muita discussão e críticas construtivas na sociedade argentina – o que é diferente na sociedade francesa.

Como analisa a edição argentina atual?

Pablo Stancanelli: O que faltava na direção de Carlos Gabetta – e que agora está mais presente com José Natanson – é a discussão política. Por ter uma formação em ciências políticas, ele traz essa discussão ao centro.

Quais foram os principais erros e acertos do *Le Monde Diplomatique* na Argentina?

Pablo Stancanelli: Os acertos foram muitos. De certa maneira, *Diplô* firmou uma agenda de esquerda não só na Argentina, mas na América do Sul. Uma agenda muito relacionada ao Fórum Social Mundial de Porto Alegre. Na época, *Le Monde Diplomatique* era o único jornal a tratar das revoluções que aconteciam no continente. Os erros... Talvez as repetições. Falta reinvenção e, às vezes, falta autocrítica. Afinal, os meios alternativos também têm suas contradições. É preciso discuti-las. Falta também um olhar maior para a América Latina. Não só para o Brasil, mas outros países. Nós nos ocupamos de Brasil, principalmente, mas também

Bolívia, Colômbia, Equador e Venezuela. Faltaria mais de Chile, Paraguai, Uruguai, mas é difícil encontrar bons colaboradores.

Qual é o papel dos intelectuais?

Pablo Stancanelli: Mais além do jornalismo militante, o papel do intelectual é sempre ser crítico a respeito de tudo. Um intelectual sempre deve ir além – de um projeto político e de um partido. Deve se adiantar e participar da vida pública a fim de melhorá-la. E para melhorar as discussões, trazendo uma visão mais profunda sobre a vida cotidiana.

(15) ENTREVISTA DE MAURICE LEMOINE

Realizada no café La Butte, ao lado da Basílica de Sacre-Couer (Paris), no dia 27 de novembro de 2014, esta entrevista foi traduzida (do espanhol), transcrita, editada e autorizada pela fonte.



Foto: YouTube

Primeiro, queria saber um pouco sobre sua trajetória intelectual e jornalística. Poderia me contar?

Maurice Lemoine: Bom, intelectual, nada [risos]. Na realidade, sou jornalista. Desde o início, sou jornalista. Não fiz estudos, nada. Sou jornalista. Agora me consideram como intelectual [risos] – foi a vida que mudou meu status. Venho de uma família muito humilde, e por isso meu interesse por justiça social, tanto na América Latina quanto na França. Certamente há uma vinculação direta [a trajetória intelectual] com a história pessoal. Não fiz estudos, tive trabalhos diferentes. Vivi na África por um ano e meio, vivi num kibutz de Israel por um ano. Tive uma primeira vida. Depois, tive uma segunda vida como jornalista. Na realidade, sou um periodista de terreno – um jornalista de campo. Acontece que, por casualidades e por encontros, fui trabalhar para *Le Monde Diplomatique*. Com muito temor.

Por que temor?

Maurice Lemoine: Porque, quando comecei a colaborar na década de 1980, *Le Monde Diplomatique* era considerado um jornal de intelectuais. E eu tinha medo desse bá... Depois trabalhei também com a France Culture. Mas bem, foi bem. Na realidade, acredito que uma das coisas interessantes de *Le Monde Diplomatique* é que é uma mescla de jornalistas de campo e de intelectuais. Os dois, trabalhando juntos. Bom, como jornalista de campo continuei trabalhando com Le Diplo desde a década de 1980, talvez 1982, 1983. Primeiro como freelance. Depois, a partir de 1996, como subchefe de redação, e por volta de 2000, chefe de redação. Acontece que com o contato com gente como Ignacio Ramonet, nós nos desenvolvemos. Foi uma experiência muito rica. Acredito que nós consideramos assim: todos temos uma vinculação com o jornal pois encontramos no jornal o que estamos procurando. Quer dizer que, na realidade, não foi o jornal que nos mudou. Nós o buscamos. E em certo momento dizemos: “Isso, sim. Isso me corresponde”. Portanto não aconteceu uma reflexão teórica. *Le Monde Diplomatique* foi meu jornal. Um periódico mío – como leitor e depois como jornalista.

Como o sr. definiria a linha de *Le Monde Diplomatique*?

Maurice Lemoine: Aqui, na França, é toda uma história... Uma história incrível. Aqui consideram *Le Monde Diplomatique* “esquerdista” – o que quer dizer “extrema esquerda” no país. Mas isso é uma bobagem. *Le Monde Diplomatique* é um jornal de esquerda. Isso sempre aceitou e sempre afirmou. Há uma grande diferença pois, na realidade, os jornais e os jornalistas dizem: “Estamos produzindo informação”. Nunca vão dizer: “Somos de direita”. Nunca vão dizê-lo ou aceitá-lo. Bom, assim é visto *Le Monde Diplomatique* como um misto de dinossauros arcaicos de esquerda dos anos não sei quantos de Karl Marx. Na verdade, não é assim. *Le Monde Diplomatique* é um jornal muito razoável. Não está nem no delírio nem no extremismo, mas... Tem uns, como dizer, pilares. Muito claros, da visão política, social e humana do mundo. Então, nesse período, na Europa especialmente, em que a esquerda regrediu até se transformar em direita, certamente *Le Monde Diplomatique* é visto com olhos muito... Como muito sozinho. Mas, na realidade, quem lê *Le Monde Diplomatique* encontra... Por exemplo, nesta edição de dezembro vão publicar um artigo do ex-ministro Dominique de Villepin, que é um tipo de direita que, por volta de 2003, se negou a Guerra do Iraque. Certamente há uma ideologia, mas a visão dos não leitores de *Le Monde Diplomatique* é muito negativa. Os leitores que se esforçam – pois é preciso se esforçar para ler Le Monde

Diplomatique, com os artigos longos e nem sempre de fácil acesso – pensam: que bom, uma visão do mundo.

Quais seriam os principais pilares dessa visão?

Maurice Lemoine: Acredito que isso está vinculado diretamente à história de *Le Monde Diplomatique*. No princípio, quando foi fundado em 1954, era destinado aos círculos diplomáticos, como diz o título. Primeiro, isso lhe propiciou uma abertura ao internacional. Segundo, veio o diretor Claude Julien que, podemos dizer, com o período de descolonização e a Guerra do Vietnã, tudo isso, foi terceiro-mundista. O que era algo normal na esquerda da época. Já não dizemos terceiro-mundismo, pois agora já dizem nações emergentes e os Brics – e é distinto. Mas ainda se mantém essa preocupação com o mundo do sul – que nem sempre está ao sul, por exemplo, agora também temos nosso sul. Depois veio o período de Ignacio Ramonet, que corresponde a uma evolução... Trabalhei com Claude Julien também, mas me firmei mais com Ignacio Ramonet. E nessa época estava a luta contra o neoliberalismo. Certamente se pode dizer que por razões ideológicas, mas também por razões concretas. Se você me pergunta sobre a América Latina, por que continuo apoiando a países como Venezuela, Equador, Bolívia, não podemos esquecer... Os jornalistas são os observadores. Esquecemos muito rapidamente, mas não podemos esquecer que nos anos 1980 havia na América Latina 120 milhões de pobres. No fim dos anos 1990, 225 milhões. Dobraram o número de pobres. Isso se esqueceu. Então, certamente os governos de Chávez/Maduro, Morales, Correa e inclusive Lula, erram – e é preciso criticá-los. Mas por favor... Não se pode esquecer o que era antes. Isso é uma preocupação social, o mesmo que agora estamos escrevendo sobre a França. Temos a mesma visão. Mas para nós, a América Latina não é exótica. Corresponde a questões da gente de verdade, daqui, de lá, de lá...

Por que o interesse especial do sr. por América Latina?

Maurice Lemoine: Me apaixonei por América Latina [*risos*]. Fui pela primeira vez em 1973. Era mais jovem que agora... O que nós europeus fazíamos na época era ir embora com uma mochila nas costas. Passei sete meses na América Latina, com o equivalente a mil dólares. Desde a Honduras britânica, agora Belize, cruzei toda a América Central, até Colômbia e Venezuela. E me apaixonei. Agora eu sei. Nesse tempo eu não era muito politizado, pois vinha de uma família humilde sem formação política. Quando jovem, eu era muito reacionário, estudei com padres, agora integristas. Tive uma juventude muito boa, com os campos, mas também com a bandeira. Sabe o papel da igreja dos conservadores franceses na

Argentina e no Brasil durante as ditaduras... Eu estava nesse mundo. A América Latina me mudou, pois vi uma injustiça que, suponho como cristão, me incomodou. Agora sou ateu, mas tenho uma cultura cristã. Aquilo me incomodou. Pouco a pouco, mudei. Foi uma evolução lenta. Por isso me importa muito manter contato com o terreno.

Na época o sr. também teve contato com a teologia da libertação?

Maurice Lemoine: Depois, como jornalista, sim. E, apesar de ser muito crítico à igreja, tenho muito respeito pelos padres relacionados à teologia da libertação. Escrevi um livro sobre Brasil, um romance, mas conta a história do padre Josimo Tavares e a Comissão Pastoral da Terra (CPT). Apesar de não acreditar em Deus, tenho muito respeito por esses padres. Enfim, por isso acredito que o terreno é muito importante, pois se não se tem contato com a realidade da gente... Certamente que, com o passar dos anos, a vontade de ter mais conforto, esquecemos um pouco das coisas, do que está acontecendo irregularmente nos bairros e nos campos, ficamos muito na linha. Não tenho linha, mas...

O sr. se vê à esquerda?

Maurice Lemoine: Sim, estou na esquerda.

E o que é ser de esquerda atualmente?

Maurice Lemoine: Na França? Bom, nós no *Monde Diplomatique* consideramos que, atualmente, a esquerda está na América Latina. Com seus defeitos e seus erros, mas, sim, a esquerda está por lá. Aqui, na realidade, politicamente, temos uma esquerda de governo que já não é esquerda. Estava ouvindo as notícias antes de nosso encontro – e estavam dizendo que o governo francês quer vender o aeroporto de Toulouse, quer dizer, o que aconteceu na América Latina nos anos 1980 e 1990, quando venderam tudo. Estamos fazendo isso agora. E a esquerda real, por razões muito francesas, não tem peso. A corrente que está crescendo é a ultradireita. Considero que estamos numa situação de América Latina dos anos 1990. Eu me lembro, ao cobrir América Latina, de ter desesperança. A situação social estava terrível, a situação política estava encurralada. Estava muito difícil. Havia uma esquerda, mas sem articulação com o poder. Vieram os zapatistas, em 1994 – e apesar de todo respeito que tenho por eles, eles não queriam o poder. E assim não puderam mudar quase nada fora de Chiapas. E de repente vieram líderes não tão “clássicos”: Lula, ex-sindicalista; Chávez, ex-militar; Evo, cocalero; Mujica, ex-guerrilheiro. Algo acontece. E algo acontece. E de repente o movimento social pode se articular com líderes – e isso é muito difícil de explicar aqui. Aqui

temos uma desconfiança com os líderes. Isso se pode compreender, inclusive historicamente, na América Latina, por exemplo com os militares. Mas Chávez era militar, estava normal no princípio e depois, uau, o que é isso? E esse coño tenta um golpe de Estado em 1992! Mas, na realidade, a força social existia. Não tinha a chispa, que veio com Lula, Chávez, Evo... E aqui é muito difícil compreender isso, pois a esquerda – e eu também fui desse modelo – defendia que era preciso que o povo tomasse as coisas nas suas mãos. Mas é preciso alguém para cristalizar as coisas, que as forme, que as leve, que as teorize. Não acontece nada por isso. E aqui há força, mas não há líderes. Não sou um louco dos líderes. E a mim me incomoda um pouco, pois é preciso ter cuidado, mas não acontece nada por isso. Por que cresce a ultradireita? Pois há uma líder: Marine Le Pen. Pode-se pensar o que quiser a respeito dela, mas é uma figura forte. Além disso, há outro problema muito interessante: o papel da mídia. O que mais há são mídias de ultradireita, pois sabem que num segundo turno eleitoral, as pessoas, inclusive de esquerda, vão votar na direita para evitar a ultradireita. Então agitam, movem a ultradireita, para, na verdade, conservar o poder. Para eles, o perigo é a esquerda. Assim, a mídia põe no mesmo plano a ultradireita e a esquerda, dizem-nos os populistas. Se conhece a realidade francesa, por exemplo, temos [*Jean-Luc*] Mélenchon... Assim que pouco a pouco a opinião pública passa a compreender que o perigo seria Mélenchon e não Le Pen. E, mais que tudo, não seria a persistência de um sistema, a aliança do PS e da UMP, para uma política neoliberal. Ponto.

Talvez os europeus passaram a mirar a América Latina com outros olhos, como fonte de esperança?

Maurice Lemoine: Foi um pouco mais complicado. Na realidade, o que aconteceu no leste da Europa, na União Soviética, isso fez desaparecer a América Latina do panorama midiático. Por quê? Primeiro, quase ao mesmo tempo, com uns anos de distância, acabaram as ditaduras latino-americanas – Chile, Brasil, Argentina... Acabaram os conflitos armados na América Central. Na Europa, as mídias consideraram que, bom... já passou, não tinha mais nada de interessante na América Latina. À parte, a imprensa econômica, que sempre tiveram um olho lá, na época das privatizações, tinham interesses sobre o mercado. Mas a imprensa não tinha mais interesses gerais – e se virou para a democratização dos países do Leste Europeu após o mundo comunista. A América Latina desapareceu. E reapareceu com Chávez, Lula, Kirchner e tudo isso. A América Latina sumiu por um tempo – e isso teve uma importância muito importante, pois foi diferente com *Le Monde Diplomatique*. Nos anos 1970 e 1980, havia na França, e na Europa suponho, jornalistas especializados em América Latina. De repente, a

mídia se esqueceu da América Latina – e muitos jornalistas já não tinham trabalho. E foram fazer outra coisa, cobrir África ou Ásia, e assim desapareceu uma geração de jornalistas especializados em América Latina. Quando a América Latina teve outra vez importância na atualidade, nos anos 2000, havia poucos jornalistas com conhecimento a respeito – e com conhecimento a respeito do que aconteceu ali antes. Quando dizem “Chávez é um ditador”, se não sabem o que aconteceu na Argentina, no Brasil, no Paraguai... Ah, sim? Não sabem o que eram as ditaduras.

Mas *Le Monde Diplomatique* nunca esqueceu a América Latina?

Maurice Lemoine: Não. E isso é importante destacar: *Le Monde Diplomatique* trabalha a 90% com especialistas. Em muitos jornais há repórteres, que um dia estão na Argentina, outro no Kosovo, e que não conhecem nada muito bem. No *Monde Diplomatique*, cada um de nós tem uma especialidade. Sou especialista sobre América Latina, não vou escrever sobre Ásia. Como chefe de redação, pouco importa. Se preservou no *Monde Diplomatique* essa cultura. Uma cultura histórica. E há artigos históricos. Sempre estamos conscientes da necessidade de transmitir aos jovens o que aconteceu antes para compreender o que está acontecendo agora.

Queria questioná-lo a respeito de certos países na América Latina. Primeiro, como o sr. analisa o que acontece em Cuba e sua possível transição?

Maurice Lemoine: Queria dizer uma coisa, que não podemos esquecer. Um jornalista pode analisar muito bem o passado e o presente, mas o futuro... Está como todo mundo, quer dizer, tem um pouco mais de informação, mas na realidade não pode dizer nada. Acredito que a transição atual era indispensável, mas não sei como acontecerá. Quando aconteceu a revolução na Nicarágua, pensávamos: bueno, já se instalou e tudo o mais. Mas vieram os anos 1990 e bum, tudo se derrubou. Nunca podemos dizer antes o que acontecerá. Ademais, Cuba é o caso mais complicado, pois ao mesmo tempo os Estados Unidos, com o bloqueio econômico e a política, estão impedindo a evolução “normal”, e estão buscando entrar na ilha como um cavalo de Troia. É muito complicado. É mal se Cuba ficar fechada; mas é mal se Cuba se abrir demais. Além disso, em alguns anos, vamos passar da geração da revolução a outra geração.

No *Monde Diplomatique*, Janette Habel destacou essa questão, referindo-se aos jovens cubanos não viveram a revolução – e que não compreendem, por exemplo, a restrição de certas liberdades individuais.

Maurice Lemoine: Sorrio, pois Janette Habel é uma amiga, mas há dez anos escreve o mesmo artigo: para onde vai Cuba? [risos]. O que ela diz é certo. Certamente os jovens não podem entender, mas... Estou defendendo Cuba muito ativamente, mas certamente esse regime não corresponde ao que estamos esperando da esquerda. Mas esse sistema foi inventado pela guerra, e por isso precisamos defendê-lo. E por isso os latinos têm muito respeito. Não compartilham do projeto político de Cuba, mas têm respeito. E é muito interessante o que está acontecendo agora, com a próxima cumbre, em que os latinos poderão decidir o que querem de Cuba – e os outros ficam numa situação complicada pela primeira vez, com a Unasur e tudo o mais. O rumo mudou – ou assim esperamos. Certamente os jovens cubanos têm dificuldade para entender o que está acontecendo, pois apesar do que ouvem lá dentro, ouvem muito lá de fora. Isso é interessante. Paris, por exemplo. Posso dar duas imagens sobre a cidade. Ou vamos nesse café simpático e tal [ao lado da Basílica de Sacré-Couer], e assim é Paris, uma cidade linda. Ou vamos no lado onde eu vivo, um bairro de merda, e assim é Paris. Então, para os jovens cubanos, há uma imagem de fora: “Oh, é uma maravilha!” Mas quando vão descobrem uma visão diferente, com dificuldade para o trabalho e tudo o mais. Assim se pode entender. Mas isso traz um problema muito complicado. Mira o que passou no Brasil neste ano... É muito interessante sociologicamente. Saíram 36 milhões da pobreza. E de repente essa classe média – bom, para mim, não é classe média – já não têm mesma visão, já passaram a outra coisa. Para reformar um país seria preciso 25, 30 anos. A chegada da esquerda na América Latina nos permitiu compreender uma coisa: não basta chegar ao poder. Tudo muda. Tudo é muito complicado, muito difícil. Apesar da boa vontade, é algo muito complexo, que requer anos e anos e anos...

Sobre Venezuela: o sr. teria críticas a respeito da política desde Chávez?

Maurice Lemoine: Claro. Mas há uma questão de jornalista – e temos um debate no *Le Monde Diplomatique* a respeito disso. Na Venezuela, primeiro Chávez, agora Maduro, pouco importa. Estão implementando programas sociais e missões muito interessantes, estão derrubando a pobreza – o que remete a uma história de antes, o caracazo de 1989, dez mil mortos. Bueno, interessante. De repente você se dá conta que a mídia toda ataca ali, o que você vai fazer? Defender? E sua energia toda será para defender, quando também deveria tomar tempo para criticar o que deve ser criticado? Mas é uma guerra. Então, há uma questão problemática. Escreverá um artigo todo sobre as críticas, dando socorro aos inimigos?, que iriam usar essa carta: mira, também *Le Monde Diplomatique* diz! Você fica numa armadilha.

Como se fosse preciso definir, primordialmente, de que lado da trincheira está?

Maurice Lemoine: Exatamente. [*Além da Venezuela*], é o que acontece com Cuba. Sem a agressão dos Estados Unidos, seríamos muito mais críticos com Cuba. Mas esse pequeno país está enfrentando com essa potência, que mantém relações com o mundo todo. Cuba, não.

E como eram essas discussões dentro do *Monde Diplomatique*?

Maurice Lemoine: No *Monde Diplomatique* há duas correntes. Pertencço a uma, a de Ignacio Ramonet e Bernard Cassen. Estamos na briga. Não somos militantes. Somos capazes de fazer críticas, mas estamos na briga [*diz, punhos cerrados*]. Outra corrente pretende ouvir e observar desde cima, mas não se envolver demais. No *Monde Diplomatique* há duas visões. A de Claude Julien estava envolvida com o terceiro-mundismo. A de Ignacio Ramonet, Bernard Cassen e eu, está envolvida na briga contra o capitalismo – ou o neoliberalismo, como dizemos, talvez para não soar marxista e blábláblá. Mas, no fim, é contra o capitalismo. Estamos na briga. Então se atacam a Chávez, vamos defendê-lo. Se atacam a Evo, vamos defendê-lo. Mas também com boas razões: nesse outro lado do mundo saíram milhões da pobreza. Enquanto nesse lado do mundo, cada vez temos mais pobreza. Por que vou me envergonhar de defender governos, onde sei que há erros, mas que conquistaram isso? O mecanismo da mídia é muito interessante. De 2002 a 2012, o Brasil era o “exemplo” – não tinha nenhuma crítica ao Brasil, fora *Le Monde Diplomatique*, que dera apoio crítico ao país. Para *Le Monde* e *Libération* etc., não tinha crítica ao Brasil, pois tinham inventado uma boa esquerda e uma má esquerda. No lado mau estava Chávez; no lado bom, Lula. De repente sumiu Chávez – e vieram as críticas ao Brasil. Portanto, na realidade, não há um maestro da orquestra. Por que disse apoio crítico ao Brasil? Pois certamente a política interna, a reforma agrária e tudo o mais, foi decepcionante para muitos. Entretanto, na dinâmica regional, o Brasil é muito importante. E a política de Lula certamente é diferente da política de Cardoso e de Collor. Não dá para tirar tudo. É como o apoio de João Stédile. Estamos decepcionados, mas não vamos dizer: “Viva a direita!” [*risos*].

O sr. se refere a duas correntes dentro do *Monde Diplomatique*. Poderia citar quem estaria no outro lado?

Maurice Lemoine: Isso não [*risos*]! Dei pistas. Mas não seria correto de minha parte comentar as discussões internas. Porque, *bueno*, *Le Monde Diplomatique* é um organismo humano, com suas brigas humanas, brigas políticas.

Ao lado de Ignacio Ramonet e Bernard Cassen, o sr. se aposentou. Os jornalistas mais jovens, como Renaud Lambert e Serge Halimi, teriam uma visão distinta, não?

Maurice Lemoine: Claro. Serge Halimi não é Ignacio Ramonet. Realmente. Serge Halimi é um puro intelectual – e o que digo não é com desprezo. Já Ignacio... Bom, contarei uma história para você compreender o que era o momento, quando estávamos lá *[na redação]*. Era o time de ouro: Ignacio Ramonet, Bernard Cassen e eu. Na realidade, cada um de nós tinha um estilo. Ignacio tinha contato com os "reis" – Fidel Castro, Hugo Chávez –, contato diretamente com a cúpula. Cassen era um ativista dos movimentos sociais, relacionado com Porto Alegre e blábláblá. E eu estava no campo. E nós três formávamos uma equipe muito completo, cada um com sua sensibilidade. E por isso eu acredito, eu digo, e talvez eu me equivoque, que para Le Monde Diplomatique houve um período de ouro sobre a América Latina. Estávamos muito envolvidos, sem esquecer o espírito crítico. Além disso, isso é muito importante para explicar o funcionamento de uma equipe como essa, sabendo que há uma adesão permanente do aparato ideológico sobre esses governos. Isso é muito importante. Se tira isso do contexto, pode dizer que estávamos próximos demais desses governos. Se esquece o ataque, a guerra permanente contra Fidel, contra Chávez... Menos talvez contra Evo, que é índio - e os europeus têm um sentimento de culpabilidade ainda com os índios. Não o dizem "populista", mas "indigenista".

Sobre Argentina...

Maurice Lemoine: É o país que menos conheço. Não posso ajudar muito...

Uma pergunta: na sua visão, os europeus compreendem um fenômeno tão singular quanto...

Maurice Lemoine: O peronismo? Não. Esse é o problema. Ao chegar na América Latina, um europeu encontra imediatamente... Há coincidências: a direita, a esquerda, um partido, um sindicato. Na Argentina o peronismo vai da ultradireita à ultraesquerda. O que se faz com isso? Portanto, na realidade, quando digo que é o país que menos conheço é por isso. Tenho muitas dificuldades a ter, a definir uma opinião a respeito. E o que dizer do kirchnerismo? O que Néstor fez foi bom - no momento de Lula e Chávez, etc. Cristina é muito diferente de Néstor. Mas, enfim, nunca trabalhei muito sobre Argentina. E se você ler Le Monde Diplomatique, acredito que publicamos as análises apenas de argentinos.

Renaud Lambert me disse que, paradoxalmente, apesar da importância da edição argentina, a edição francesa de *Le Monde Diplomatique* tende a deixar questões argentinas de lado.

Maurice Lemoine: Sim, porque não compreendemos. Isso digo francamente. Na equipe não há ninguém que domine a Argentina. Logo, [Carlos] Gabetta escreveu muito no Monde Diplomatique. Para mim, a Argentina é um mistério. Seria preciso viver lá - aliás, viver lá desde os anos 1950, desde os tempos de Perón. Quando acontecem fenômenos como as ditaduras, é mais claro. Mas depois, entre a Triple A e os Montoneros, já não dá para compreender. Então, sim, é difícil compreender a Argentina. Quando eu estava na redação, publicamos artigos muito bons, mas "concretos".

De argentinos?

Maurice Lemoine: De franceses também, mas "concretos", relacionados a ocupações de fábricas etc. Mas analisar... Isso, acredito, os jornalistas devem ter humildade para dizer: "Não sei. Não compreendo". E os jornalistas sempre vão querer dar uma resposta: "Imagine, eu sei tudo". Inclusive ao dominar um país, por exemplo, conheço melhor Colômbia e Venezuela, há muitas coisas que não sei. E é preciso aceitá-lo, dizê-lo.

O sr. conheceu Carlos Gabetta como um amigo?

Maurice Lemoine: Eu o conheci um pouco mais tarde, mas Ignacio e Cassen o conheceram como amigo. É um compadre, mas não dividimos momentos muito intensos de amizade. Mas... e isso é singular nos argentinos. Diferentemente de outros latinos, os argentinos não gostam muito ao verem europeus escrevendo sobre a Argentina [risos]. E eles consideram que conhecem a América Latina melhor que os outros. Sempre assim. Eu também tinha relações com escritores espanhóis - e que não admitem que franceses escrevam sobre a América Latina. Não gostam nada. Publiquei diversos livros sobre América Latina - só um foi publicado na Espanha. Não quiseram traduzir, nada. É como a África para os franceses. É como um terreno particular.

O sr. acompanhou a saída de Carlos Gabetta?

Maurice Lemoine: Não, saí do *Le Monde Diplomatique* em outubro de 2010 [Carlos Gabetta saiu em janeiro/fevereiro de 2011]. Francamente não sei muito. Mas soube que tinham discrepâncias. Talvez pelas razões mesmas que comentei no *Le Monde Diplomatique* francês. Uma redação não é um partido político. Há discussões fortes, debates. No Le Monde

Diplomatique francês tivemos discussões sobre Colômbia - havia integrantes da equipe que consideravam que eu tinha proximidade demais com as Farc, por exemplo. Tivemos debates sobre o véu islâmico na França - parte da equipe era laica, outra parte não. Sim, havia enfrentamentos.

De Chávez a Kirchner, o sr. considera esses novos governos latino-americanos populistas? Que compreende por populistas?

Maurice Lemoine: A segunda pergunta é a mais importante. Isso já não quer dizer nada. Suponho que historicamente a palavra "populista" tinha um sentido, agora a usam para desqualificar qualquer governo a incomodar. Logo, já não quer dizer nada. Se por "populista" se quer explicar que está apoiado pelo povo, a mim me parece bem. A mim me parece bem. Talvez fosse mais fácil escrever isso, estou trabalhando num livro sobre os golpes light, os golpes modernos. Historicamente ao dizer populismo se quer dizer também demagogia. Para mim, demagogia seria fazer promessas e não cumpri-las. Mas se você pega a Venezuela, realmente houve progressos sociais. Então não é demagogia. Se isso é populismo, sou populista. É uma grande discussão. Para se ter uma ideia, na França, populismo pode se referir a Marine Le Pen, da ultradireita, a Jean-Luc Mélenchon, da esquerda. Querem deslegitimar os dois. [...].

Na sua visão, qual é o papel dos intelectuais?

Maurice Lemoine: Não sei, isso você precisa perguntar a Ignacio... *[risos]*. Digo muito sinceramente, não me considero um intelectual. Ademais, o interessante de minha história é que, por vir de uma família muito humilde, eu tinha uma ideia dos intelectuais - descobri esse mundo dos intelectuais, e isso diminuiu um pouco a admiração que eu tinha por esse mundo. Não vou dizer nomes, mas vou contar: me convidaram na Venezuela para um tal grande encontro de intelectuais - desta vez não poderei ir, mas enfim. Quando somos convidados para atos assim, descobrimos que há um monte de intelectuais assim: que passam de hotéis de luxo a hotéis de luxo, discutindo o progressismo na América Latina, e que nunca vão à gente, ao campo, aos bairros. Respeito, mas me incomoda um pouco. Ao ouvi-los, talvez concordamos com uns 75% do que esses intelectuais dizem, mas há 25% totalmente fora da realidade. Além disso, há intelectuais de esquerda, de direita, de tudo. Para mim, acredito que acontece com os intelectuais o mesmo que com os jornalistas: cada um busca um lugar que corresponda a seus sentimentos. Mas, enfim, não sou o melhor para analisar isso...

E qual é o papel dos jornalistas?

Maurice Lemoine: Isso eu me questiono atualmente. Tenho amor a esse trabalho. Para mim, não é um trabalho. É um estilo de vida. Estou escrevendo agora sobre as manipulações midiáticas – e como isso deixa a situação difícil. Sou um defensor total da liberdade de expressão. Ao mesmo tempo, quando você vê que a informação já não é informação, mas uma manipulação neoliberal, atlantista... Talvez fosse melhor não existirem essas mídias. Estou escrevendo um livro sobre golpes e tentativas de golpes de Estado – na Venezuela, Honduras, Bolívia. Em todos os casos está a envolvida a mídia. Me dá o sentimento de ser um jornalista em guerra com o jornalismo. Poderia dizer que o jornal é um reflexo de sua ideologia. E uma parte de sua correlação de forças. Assim, como jornalista de esquerda, poderia dizer que, na Europa, estamos diante de uma situação de merda. Estamos encurralados. Talvez amanhã, espero, a esquerda retome força. O problema não é a mídia neoliberal, seria normal no jogo democrático. O problema é a mídia neoliberal ocupar 90%. Isso não é informação, é desinformação. Essa reflexão devo muito a Le Monde Diplomatique, a Ignacio Ramonet.

(16) ENTREVISTA DE RENAUD LAMBERT

Realizada na redação francesa de *Le Monde Diplomatique* (Paris), no dia 2 de outubro de 2014, esta entrevista foi traduzida (do francês), transcrita, editada e autorizada pela fonte.

Na sua visão, qual é a principal linha de *Le Monde Diplomatique*?

Renaud Lambert: A linha editorial de *Le Monde Diplomatique* se caracteriza, antes de tudo, pela independência. O mais importante, portanto, é menos uma linha ideológica – e mais um contexto de produção da informação. A linha seguida por *Le Monde Diplomatique* se caracteriza pelas dúvidas suscitadas sobre as virtudes do liberalismo como modelo de organização da sociedade. Eu diria que a linha editorial se caracteriza por uma crítica do liberalismo, mas que se tornou possível por esse modo de funcionamento de independência, que é cada vez mais rara na imprensa francesa.

O sr. sentiu mudanças na linha editorial com as mudanças de diretores – primeiro, Claude Julien, depois Ignacio Ramonet e agora Serge Halimi?

Renaud Lambert: Penso que não mudou, mas entrei no jornal após a nomeação de Serge Halimi, portanto não tenho experiência sobre os períodos anteriores. O ideal seria perguntar a Serge Halimi. Em todo caso, não vejo uma virada como tal. Parece-me que *Le Monde Diplomatique* evoluiu sensivelmente, num período anterior à chegada de Serge Halimi. Uma parte da esquerda associou emancipação e liberação nacional, e esse olhar ao sul permitiu ver uma outra relação entre os países do centro e da periferia. E o que podemos ver atualmente é que certos países, anteriormente periféricos, se comportam como os antigos países dominantes, por exemplo a China e o Brasil. E isso não era perceptível na década de 1980.

Pode contar um pouco sobre sua trajetória até *Le Monde Diplomatique*?

Renaud Lambert: Não gosto muito de comentar isso, porque desconfio da *mise-en-scène* do jornalismo por jornalistas e para jornalistas. Responderei à sua questão, mas unicamente para ser utilizada no caso de sua pesquisa universitária. Interesse-me muito pela mídia e acredito que a *mise-en-scène* da produção da informação participa de uma ilusão de um *métier* particular, em que as pessoas possuem virtudes e valores próprios e notáveis – e em que a qualidade de seus trabalhos se explica por suas trajetórias. A qualidade do meu trabalho se explica por meu lugar de trabalho. É *Le Monde Diplomatique* que faz possível o trabalho de

Renaud Lambert – não é Renaud Lambert que torna possível o trabalho do *Monde Diplomatique*. Isso é muito importante. Acredito que os jornalistas não são mais capazes de defender sua independência e sua ética que os outros assalariados, pois estão submissos ao mercado e às mesmas pressões econômicas e hierárquicas, como os caixas de supermercado, por exemplo. Assim não é possível ser independente num órgão de imprensa que não é independente. Minha trajetória, entretanto: estudei letras [inglês], tive outros ofícios não relacionados ao jornalismo antes de me tornar repórter no programa *Là-bas si j'y suis* da rádio *France Inter*, também trabalhei no documentário sobre mídia *Les nouveaux chiens de garde* [de Gilles Balbastre e Yannick Kergoat]. Nessa época, também colaborei com *Le Monde Diplomatique* como repórter, isto é, era um dos jornalistas mandados para a América Latina principalmente para fazer reportagens. Em abril de 2010, fui recrutado por Serge Halimi.

Por que o especial interesse pela América Latina?

Renaud Lambert: Sou o responsável por América Latina no *Le Monde Diplomatique*. Há um interesse individual, uma afinidade linguística, pois falo espanhol e compreendo e leio português. Também interessou enormemente para minha formação política, pois nós nos viramos para a América Latina para observar as tentativas de políticas diferentes frente ao consenso de Washington [nos últimos tempos].

Considera *Le Monde Diplomatique* uma publicação de esquerda?

Renaud Lambert: *Le Monde Diplomatique* é um jornal de esquerda, indubitavelmente. Mas não podemos nos contentar em dizer isso. *Le Monde Diplomatique* não é um jornal de esquerda, num horizonte geral onde alguns jornais seriam de direita, mas a maioria seria neutra. Não acredito na neutralidade de uma publicação impressa. Parece-me que todos os jornais apresentam *parti pris* e ideologias, que defendem mais ou menos abertamente. Nesse contexto, onde todos os órgãos de imprensa defendem uma visão muito marcada do mundo, *Le Monde Diplomatique* tem a sua visão de um mundo em que a questão econômica pesa, a estrutura econômica e social pesa. É uma visão que poucos órgãos de imprensa defendem atualmente na França.

No Brasil, certas publicações estariam “à esquerda da esquerda”. Vê isso na imprensa francesa? E, se sim, estaria *Le Monde Diplomatique* “à esquerda da esquerda”?

Renaud Lambert: É uma questão que ultrapassa o posicionamento do *Monde Diplomatique*. Se você considerar que o Partido Socialista é a esquerda na França, *Le Monde Diplomatique*

está mais à esquerda que o Partido Socialista. Mas há quem se interrogue se o Partido Socialista é a esquerda. Pierre Bourdieu [1930-2002] dizia que há uma esquerda da esquerda. Na minha visão, *Le Monde Diplomatique* representa uma esquerda da esquerda. Parece-me ainda que *Le Monde Diplomatique* tenta evitar qualquer esquerdismo, no sentido leninista, uma espécie de encantamento e de rescisão (de crítica *incantatoire*), de traição de governos no poder (de denúncia dos governos progressistas assim que eles alcançam o poder). *Le Monde Diplomatique* não desconfia *a priori* de uma esquerda que queira ascender ao poder para mudar o mundo.

O que é ser de esquerda?

Renaud Lambert: Na França, ser de esquerda está inscrito na história da Revolução Francesa, em que o parlamento se dividiu em dois. Logo ser de esquerda está inscrito numa história social, numa história política, mas que teve um impacto além das fronteiras francesas. Na minha visão, ser de esquerda é dar mais importância a questões sociais que a questões econômicas. É apostar no bem-estar [*social*], em oposição à estabilidade macroeconômica. E, para usar o termo marxista, é posicionar-se no conflito estrutural entre trabalho e capital – ao lado do trabalho.

O sr. considera que a distinção entre esquerda e direita ainda é válida atualmente? Há quem diga que não há mais distinção entre esquerda e direita na política atual.

Renaud Lambert: Não concordo com esse ponto de vista, por duas razões principais. Primeiro, a ideia de que não há mais diferença remete à ideia do “fim da história”, do “fim das ideologias”. Parece-me que quem defende que não há mais diferença entre direita e esquerda se inscreve numa tradição não de esquerda, numa visão liberal do ultrapassar das ideologias. Parece-me que ainda é uma diferença muito importante entre direita e esquerda, no plano econômico mas também no plano social. Uma segunda razão: acredito que, no vocabulário atual, é essa diferença que permite mobilizar a população – e direita e esquerda são ainda palavras carregadas de história e de sentido. São, portanto, palavras úteis.

Qual é a importância da América Latina para *Le Monde Diplomatique*?

Renaud Lambert: É muito importante. O antigo diretor, Ignacio Ramonet, é um notável latino-americanista. Bernard Cassen, outro notável latino-americanista. Maurice Lemoine, outro latino-americanista francês. Claude Julien também se interessava muito pela região. Como você pode ver, pelos jornalistas que passaram por *Le Monde Diplomatique*, o interesse pela

região é importante. Podemos compreender o porquê. Claude Julien transformou o jornal – de uma publicação exclusivamente voltada aos círculos diplomáticos para o que *Le Monde Diplomatique* é atualmente – no momento em que Augusto Pinochet tomava o poder no Chile [em 1973]. É o início da contrarrevolução neoliberal na América Latina, um laboratório para essa política. Assim podemos compreender por que esse jornal, ancorado na defesa do Terceiro Mundo, na defesa dos povos oprimidos ao sul, na defesa da democracia com a esperança de uma transformação social não amarrada às grandes categorias a partir da Guerra Fria, por que esse jornal virou seu olhar para a América Latina. Logicamente, o jornal continuou a observar a América Latina nas transições para a democracia e, mais recentemente, num contexto de refluxo de ideias progressistas, a América Latina se tornou uma zona rica de esperança, um contraponto importante frente à lógica imposta na Europa de que não há alternativa ao modelo neoliberal. Enquanto se diz que não há alternativa, outros estão tentando fazer outro mundo e se saindo muito bem. Outra razão é que *Le Monde Diplomatique* se interessa por regiões ignoradas por outras mídias. Nós reivindicamos esse interesse pelos esquecidos do mundo. Não há muitos jornais franceses que publicam artigos sobre Guatemala, Honduras ou Paraguai. *Le Monde Diplomatique* acompanha esses países, da mesma maneira que acompanha a Birmânia.

Ao dizer que a América Latina se tornou uma fonte de esperança, há uma mudança de horizonte, não?

Renaud Lambert: É preciso precisar. Quando digo que a América Latina se tornou uma fonte de esperança, penso na América Latina no período que se inicia com a eleição de Hugo Chávez na Venezuela [em 1998] e que penso que se encerre neste momento [atual]. A América Latina encontra dificuldades agora, que não conhecia em 2005 ou em 2000. O cenário latino-americano parece mudar, mas quando digo que se tornou uma fonte de esperança, refiro-me à América Latina entre os anos 2000 e 2010 principalmente. Uma época que, na França e outros lugares, o Partido Socialista nos explicava que o Estado não pode tudo. Na mesma época, na Venezuela, por exemplo, Hugo Chávez mostrava que o Estado, mesmo se não podia tudo, podia muito. E podia sobretudo ajudar a esquerda a mudar o mundo. Para responder à sua questão: sim, parece-me que houve uma alternância. E que as ideias outrora fundadas pela esquerda, no governo – no caso da França, do Partido Socialista – foram esquecidas. E essas ideias foram defendidas em outra parte do mundo, que reivindicavam uma história comum, da Revolução Francesa, da Comuna de Paris, da

Revolução Cubana no caso do combate latino-americano. Então, outra região do mundo defendia essas mesmas ideias.

Entre as edições latino-americanas, foco minha tese na edição argentina. Por isso, queria questionar: o que sr. pensa sobre o peronismo?

Renaud Lambert: Conheço muito mal o peronismo, como muitos intelectuais franceses. É um fenômeno muito difícil de compreender...

É muito singular, não?

Renaud Lambert: Exatamente. Como todos os latino-americanistas do *Monde Diplomatique*, tenho predileções dentro da América Latina. Ignacio Ramonet se interessa muito por Cuba. Maurice Lemoine, por América Central e por Venezuela. De meu lado, interesse-me muito pelo Brasil. Paradoxalmente, o *Le Monde Diplomatique* francês tem uma tendência a deixar de lado a Argentina. Por quê? Penso que uma razão está ligada à importância da edição argentina. Não saberia explicar o mecanismo, mas é verdade que nós temos a tendência a buscar a edição argentina para tratar desse país tão específico, com uma história... Argentina era mais rica que a Espanha no início do século [*passado*]. Teve um movimento político diferente, que na Europa não temos nada similar, o peronismo. Nunca estive na Argentina e não conheço muito o peronismo. Então não posso responder a essa questão.

Isso talvez se traduza em mais independência para a edição argentina?

Renaud Lambert: Todas as edições internacionais são independentes, notavelmente no tratamento de suas políticas nacionais. Parece-me que a cobertura do *Le Monde Diplomatique* francês referente à Argentina reflete a história argentina, muito embora em declínio na América Latina: o país se dobrou economicamente, se ofuscou geopoliticamente pelo Brasil. E, mesmo no contexto dos anos 2001, 2003, a chegada de Néstor Kirchner foi importante, foi a volta de um governo um pouco mais radical na Argentina, como Rafael Correa no Equador, Hugo Chávez na Venezuela, Evo Morales na Bolívia.

Considera progressistas esses novos governos que ascenderam em países como Bolívia, Brasil, Equador, Venezuela? O que mudou nos últimos tempos?

Renaud Lambert: Sim, certamente. Considero progressistas, fontes de esperança, mas é preciso precisar. A saída de milhões da pobreza é uma conquista. Uma das principais mudanças foi o discurso da direita. É uma conquista considerável. Nas últimas campanhas

presidenciais, no Brasil, na Venezuela e outros países, a promessa de defesa dos programas sociais foi incorporada pelos partidos de direita. O discurso de proteção social se tornou hegemônico. Tornou-se preciso defender uma política que é notavelmente de Estado social. É uma conquista considerável. Na França, atualmente, o discurso de esquerda se apresenta como uma política arcaica, que nos impede de sair da crise. Geopoliticamente, a América Latina emergiu como zona de independência vis-à-vis os Estados Unidos – não unicamente por seus esforços, também porque os Estados Unidos estão preocupados por focos de conflito noutras partes do mundo. Mas a América Latina emergiu como uma voz própria. Mas há um limite. A pobreza aumentou ligeiramente nos últimos tempos na Venezuela, porque as condições econômicas não são tão boas. No plano geopolítico, as diferenças de cada um desses países torna a voz progressista latino-americana mais difícil de ouvir. Penso que esses governos participaram, sem querer, de uma modernização do capitalismo latino-americano. Penso que uma parte do patronado latino-americano se felicita pelo trabalho feito por Correa, por Lula, por Morales. Acredito que são governos eficazes, que modernizaram as sociedades. São de tipo socialdemocrata, mas não socialista. Além do mais, disse que *Le Monde Diplomatique* não cai no *gauchisme*. Que se o socialismo marxista não aconteceu no Brasil, Equador, na Venezuela, não foi por uma traição. Há talvez evoluções, individuais, responsabilidades, talvez o Partido dos Trabalhadores não estivesse tão à esquerda quanto no momento de sua fundação. Mas não considero as falhas como uma traição.

Qual é o papel dos intelectuais?

Renaud Lambert: Por função, penso que os intelectuais devem vivificar as ideias, dar força política para que elas se organizem. Não penso que os intelectuais mudam o mundo. Não penso que as ideias mudam o mundo. Mas penso que as ideias dos intelectuais podem participar para mudar o mundo quando as forças sociais se aproveitam delas. Minha ambição, enquanto intelectual... Aliás, nossa ambição no *Monde Diplomatique*, enquanto intelectuais, é disponibilizar, de maneira organizada, as análises e as ideias, relacionadas às soluções, para as forças de esquerda. Susan Watkins, diretora da *New Left Review*, assim descreve o papel da revista – e me parece uma boa definição: dar à esquerda as ideias que a esquerda precisa, se ela existir. Atualmente as forças de esquerdas existem, mas é uma esquerda difusa, não organizada. Não se constituem como força social. Mas espero que elas virão. E quando vierem, espero que elas usem essas ideias à sua disposição. De um lado, esse é o papel dos intelectuais. De outro lado, é atacar o poder, de todas as suas maneiras. Atualmente, o poder é principalmente econômico, que controla o poder político, a justiça e a mídia. E poucas

peessoas podem lutar contra esse poder, sem serem ameaçadas. É difícil para um sindicalista, para um assalariado. Um intelectual tem uma posição específica – e pode lutar contra esse poder. Mas, infelizmente, uma grande parte dos intelectuais serve a esse poder.

Como é a dinâmica de edição dos textos de jornalistas e de intelectuais?

Renaud Lambert: Depende. Há muitos tipos de autor no *Monde Diplomatique*. Mas nós podemos dizer que há dois tipos principais de problemas. Há jornalistas muito bons. E há intelectuais, universitários muito bons. A questão com os intelectuais é que, para alguns autores, a problemática sobre a qual irão refletir já existe – é natural para esses autores, que talvez tenham passado a vida toda a refletir sobre tal problemática. Para o leitor, por outro lado, a problemática não é natural, não é evidente. Portanto, nós precisamos fazer a ponte entre a questão evidente do autor e a talvez “novidade” para o leitor. Precisamos trabalhar no vocabulário, na introdução de ideias. A outra questão é com os jornalistas, é o oposto. É receber um texto muito vibrante, de um repórter muito talentoso, mas que falta profundidade, falta análise e elementos históricos. Logo às vezes precisamos sugerir análise e elementos históricos a alguns autores.

O sr. é feliz?

Renaud Lambert: Feliz? Tenho muita sorte de trabalhar aqui. Muita sorte. É um dos poucos lugares onde os jornalistas fazem jornalismo, infelizmente, na França. Também tenho muitas responsabilidades. *Le Monde Diplomatique* é uma redação impressionante, que projeta uma imagem muito positiva da imprensa francesa.

(17) ENTREVISTA DE SERGE HALIMI

Realizada na redação francesa de *Le Monde Diplomatique* (Paris), no dia 28 de novembro de 2014, esta entrevista foi traduzida (do francês), transcrita, editada e autorizada pela fonte.

Como o sr. definiria a linha editorial de *Le Monde Diplomatique*?

Serge Halimi: Nós não tivemos uma reunião um dia para dizer “voilà, esta é a linha editorial do jornal”. A linha foi pouco a pouco fixada, em função dos acontecimentos, das evoluções ideológicas. Precisamos considerar essas mudanças. Inicialmente, *Le Monde Diplomatique* foi um jornal mais institucional e mais ao centro-esquerda que nos dias atuais, mas sempre conservou relações com as instituições internacionais. Há duas evoluções importantes. Primeiro, a partir da década de 1950, *Le Monde Diplomatique* foi mais sensível que os outros jornais ao Terceiro Mundo, ao sul – como dizia a fórmula de Ignacio Ramonet: “não é que nós somos terceiro-mundistas; os outros é que são primeiro-mundistas”, isto é, ocupam-se essencialmente dos Estados Unidos e da Europa. Nós sempre tivemos um interesse especial sobre os países do sul, a América Latina, a Ásia, a África. Esse é um diferencial de *Le Monde Diplomatique*, uma visão internacional e mundial, que não resume o mundo às potências econômicas, mas que se interessa pelo planeta como um todo, pelas populações como um todo. Segundo, a partir de meados da década de 1970 e mais ainda a partir da década de 1980, houve uma voga liberal nos países ocidentais e que depois influenciou o resto do mundo – a China também –, e *Le Monde Diplomatique* sempre se situou na oposição a tal política neoliberal, que era vista como políticas de demolição social. Esses são os dois eixos principais. Além disso, há um interesse por cultura. De fato, é um jornal em que os redatores convidam autores do mundo inteiro para escrever artigos. Esses são os pontos fortes, as invariantes do *Monde Diplomatique*.

A meu ver, as características citadas pelo sr. se relacionam muito com os antigos diretores de *Le Monde Diplomatique*, Claude Julien e Ignacio Ramonet. Após assumir a direção, o sr. também traz uma contribuição para o desenvolvimento do magazine?

Serge Halimi: Sim, Claude Julien criou uma identidade para *Le Monde Diplomatique*. Ele tinha notoriedade suficiente no grupo [*Le Monde S/A*] para, de certa forma, garantir uma identidade editorial de *Le Monde Diplomatique*, ainda que, em termos de empresa, *Le Monde Diplomatique* era uma propriedade exclusiva do *Monde*. Ele conseguiu, de certa forma, antes

mesmo da transformação empresarial, garantir uma identidade editorial de *Le Monde Diplomatique*. Depois, Ignacio Ramonet reafirmou essa identidade particular e abriu *Le Monde Diplomatique* a outros círculos, principalmente culturais. A transformação que foi mais decidida, pensada por Ignacio Ramonet, que tinha mais senso visual por ser um especialista do cinema etc.: ele conseguiu a filialização do *Monde Diplomatique* e assim confirmou no âmbito financeiro e econômico uma identidade particular, que já tinha sido afirmada por Claude Julien.

Mas quando o sr. se tornou diretor, o que mais mudou?

Serge Halimi: O que mudou desde que assumi a direção do jornal é a situação financeira, muito difícil, que ameaçava a continuidade da publicação. Estávamos diante de uma situação de queda acelerada de difusão, de déficit importante. Alguns tinham reservas, pois diante dos resultados dos anos anteriores – de 1998 a 2003, tivemos uma expansão considerável na difusão de *Le Monde Diplomatique* –, a partir de 2003 aconteceu uma queda acelerada, muito forte, que se tivesse se prolongado poderia ameaçar a existência do jornal. O primeiro ponto foi reestabelecer a situação. Em todo caso, atentar para que o declínio da difusão do jornal fosse mais moderado, acompanhado por uma gestão, uma análise de financiamento diferente que nos permita restabelecer o equilíbrio. No fim desse ano, nós estaremos no equilíbrio. A difusão não aumentou, mas agora, as finanças estão equilibradas. Foi um trabalho de análise de fundo, por exemplo, nós lançamos novas produções, os arquivos digitais, a campanha *d'appel au don*. No resto, mantivemos a linha da direção anterior. Eu mesmo fui redator-chefe adjunto, logo não tinha razão particular para fazer o contrário dessa linha, aceita e com a qual eu mesmo tinha colaborado anteriormente. Mas o que quero? Que a redação seja consideravelmente renovada. Que a dimensão crítica da mídia – tenho interesse particular sobre crítica à mídia, assim como Ignacio Ramonet – se encontre muito frequentemente no jornal, pois acredito que seja uma das realidades recentes mais importantes. Uma crítica à informação tal qual é produzida por outros jornais e TVs, da grande mídia.

Na sua visão, *Le Monde Diplomatique* pode ser considerado uma revista de esquerda?

Serge Halimi: Digamos que a maior parte das pessoas que o fazem são de esquerda, a maior parte dos que ali escrevem são de esquerda, a maior parte dos que o leem são de esquerda, mas não é um jornal reservado à esquerda – há, por exemplo, alguns leitores de direita e, justamente nessa edição, temos um artigo do antigo primeiro ministro, de direita. Então, nós somos abertos a outras assinaturas, não só assinaturas de esquerda. E nós temos pessoas que

nos leem não somente por ser um jornal de esquerda, mas porque nós tratamos de assuntos que lhes interessam e que não encontram noutros lugares. Portanto, *Le Monde Diplomatique* sempre foi um misto de pessoas de esquerda, de cristãos mais ou menos progressistas, e depois de pessoas de direita vinculadas a uma visão de independência nacional e de crítica dos impérios, que se encontram nos textos que nós publicamos.

E o que é ser de esquerda atualmente?

Serge Halimi: Bom, isso é uma outra questão... Não é uma questão que nós nos fazemos, porque nós não nos definimos como um jornal de esquerda. Ainda que a maior parte de nosso conteúdo pode ser identificado como de esquerda, os autores de esquerda, os leitores de esquerda, mas quando nós escrevemos um artigo, quando nós refletimos sobre uma questão internacional, em nenhum momento nós dizemos qual é a posição de esquerda a respeito. Mas é uma posição que corresponde aos princípios, aos valores, à história do *Monde Diplomatique*. E que é ainda a posição que nos permite compreender o que acontece.

A respeito do declínio de difusão de *Le Monde Diplomatique*, o sr. considera o declínio do altermundialismo como um fator?

Serge Halimi: Foi precisamente o que aconteceu entre 2003 e 2005, 2006, 2007, mas desde 2008, desde que sou diretor, a difusão continuou a cair – menos que a de outros jornais, que não são altermundialistas, que tiveram quedas de 10%, 15%. De certa maneira, nesse momento, a crise nos afetou menos que aos outros jornais, então não foi essa especificidade do *Monde Diplomatique*. É o contrário. Essa especificidade talvez tenha permitido que a difusão caísse menos que noutros lugares, precisamente porque nós defendemos princípios e valores que não são mais defendidos pelos grandes jornais.

A respeito da crítica à mídia, li o livro do sr., *Les nouveaux chiens de garde*. Quería questionar: qual é o papel de um jornal atualmente? Ou qual deveria ser?

Serge Halimi: A meu ver, compreender e fazer compreender. Estamos diante uma situação internacional muito mais indecifrável que o momento da Guerra Fria, uma situação onde as alianças não são determinadas de maneira automática em função do alinhamento a tal ou tal bloco, onde os acontecimentos são assistidos de maneira muito espetacular, como na Síria e no Iraque, os Estados Unidos e o Irã que tinham tendência a colaborar e agora mesmo são inimigos. Isso exige estar muito atento ao que acontece – e consagrar o tempo e uma espécie de energia intelectual, ao que a maior parte dos jornais renunciaram, por pensarem, talvez por

razões de mercado, que não são questões que interessam a muitos leitores e não são questões que interessam muito aos anunciantes. Então há muitos jornais que dedicam cada vez menos tempo para as questões internacionais, o que torna o mundo muito difícil de compreender pelos leitores. O que os leva a se dedicarem aos acontecimentos mais espetaculares, mas sem uma análise de fundo. Para nós, nosso trabalho é sobre o longo prazo, as sociedades e suas evoluções, progressivas na questão internacional. Dos países do sul e além. Em outros termos, nós temos o dever de decifrar um mundo cada vez mais indecifrável.

E qual é o papel dos intelectuais atualmente?

Serge Halimi: Você faz questões muito amplas: qual é o papel da esquerda, qual é o papel dos jornalistas, qual é o papel dos intelectuais... Francamente, são assuntos aos quais nós dedicamos páginas e páginas. Não gosto muito de resumir em três minutos uma questão como essa, sob o risco de lhe dizer o que me vem à mente e de esquecer coisas que são talvez mais importantes. Ainda assim... O papel dos intelectuais é um pouco o que eu disse a respeito do papel de um jornal. De compreender e fazer compreender. E de tentar promover uma sociedade mais igualitária, mais justa. E ter uma visão e um conhecimento da sociedade suficiente para saber como articular seu discurso.

***Le Monde Diplomatique* teria um interesse especial sobre a América Latina?**

Serge Halimi: Certamente, sempre. Desde os movimentos de revolução, a crise de Cuba, os movimentos de contra-revolução desde o golpe no Chile, para nós é um interesse enorme. Neste momento, nos interessamos por coisas positivas que acontecem na América Latina, coisas consideradas como tentativas, mais ou menos pequenas, de fugir do modelo neoliberal. E a imprensa francesa tende a não tratar suficientemente o que acontece na América Latina, por apresentar como modelo as práticas assimiladas a regressão social, como no Reino Unido, nos Estados Unidos. Agora justamente na América Latina há uma tentativa e uma vontade de fazer outra coisa, de fugir do modelo neoliberal e dar mais espaço ao popular. É por isso que observamos a América Latina. Nós não procuramos os modelos lá fora, mas nós sabemos que os modelos não são necessariamente os exemplos de regressão social dos Estados Unidos e da Europa.

E as edições latino-americanas também têm importância para *Le Monde Diplomatique*?

Serge Halimi: Absolutamente. De início, as edições internacionais são a prova de uma mensagem universalista do jornal. Poucos jornais têm edições internacionais. Nós produzimos

conteúdo que pode interessar o planeta todo. Ao mesmo tempo, na América Latina, as análises publicadas são bem apuradas e bem recebidas, pois talvez as redações desses países não têm os elementos para permitir fazer as pesquisas sobre o norte da África ou o Oriente Médio. Então eles se alegram para buscar a nossa expertise – e há uma espécie de simbiose entre as redações, da linha mais progressista na América Latina e do conteúdo proposto por *Le Monde Diplomatique*, mais focado nas questões internacionais, que as redações presentes talvez não poderiam produzir sozinhas. Há muitas edições na América Latina. Ao lado da Europa, a América Latina é a zona do mundo onde nós temos mais edições internacionais, onde nossa mensagem tem muita ressonância.

Como compreender como uma publicação *très française* encontre ressonância na América Latina? É um fenômeno interessante na imprensa, não?

Serge Halimi: Sim, mas é um jornal *très français* que publica um discurso do presidente Rafael Correa em Paris, quando o resto da imprensa não aborda. Um jornal *très français* que publica um texto do subcomandante Marcos. Um jornal *très français* que foi muito solidário aos grandes combates da esquerda latino-americana, notavelmente no momento do golpe no Chile, contra Salvador Allende, ou do golpe na Argentina, três anos mais tarde. Um jornal que se interessava pelo Brasil, num momento em que poucos lembravam do país. Nós nos interessamos pelo Brasil antes ainda que se tornasse um país emergente – enquanto outros só se interessam por países que se tornam um ator no mercado ou uma economia potencial, para depois descobrir que há uma sociedade que vive ali.

ANEXOS

As páginas seguintes reúnem documentos relevantes para a compreensão desta tese. Foram incorporados integralmente breves três textos de Claude Julien, Dominique Vidal e Ignacio Ramonet (em francês), privilegiados, entre tantos outros artigos, por sua relevância para este estudo: Julien marca posição sobre o papel dos intelectuais no jornalismo; Vidal revisita o processo de internacionalização de *Le Monde Diplomatique*; Ramonet reflete sobre o movimento das ideias na virada do milênio.

Este espaço reúne o índice atualizado das edições internacionais (em francês), o perfil dos leitores de *Le Monde Diplomatique* (em espanhol) e a ação judicial perpetrada por Bernard Cassen no Tribunal de Bobigny, que investigou a acusação de fraude eleitoral na Attac-France (em francês). Por último, edições especiais publicadas na França (como a revista *Manière de voir* e os livros *Les 50 ans du Monde Diplomatique*, com as Éditions Cercle d'Art, e *Le Monde Diplomatique en bande dessinée*, com a Homecooking Books) e na Argentina (como o *Anuário* e o *Atlas*) se destacam no fim destas páginas, assim como fac-símiles e ilustrações de edições latino-americanas.

(1) EDITORIAL DE CLAUDE JULIEN

Fragmento da introdução do livro *Le devoir d'irrespect* (Alain Moureau, 1979), publicado na edição de junho de 2005 de *Le Monde Diplomatique*, in memoriam ao editor.

Le devoir d'irrespect

Por Claude Julien

Au bout du compte, le choix de celui qui écrit dépend de son tempérament plus que de ses analyses. Et souvent les précède. Voilà qui fournira une belle occasion de s'indigner ! Car, s'il en est ainsi, la réflexion n'aurait donc d'autre rôle que de servir d'obscures passions en les habillant d'arguments suffisamment élaborés pour leur fournir une indispensable parure de respectabilité ? Mais, à affirmer le contraire, on avancerait une insoutenable prétention : tout, la culture acquise, la somme des connaissances, la faculté de discernement, l'aptitude à trier, peser, jauger, apprécier, la subtile combinaison de l'intelligence et de la sensibilité, tous ces ingrédients qui nourrissent la pensée et concourent à l'écriture fonctionneraient avec l'implacable précision d'une machine, la rigueur d'une science excluant tout risque d'erreur mais aussi et surtout ignorant toute éthique, bref la raison raisonnable qui serait l'unique garante de toute sagesse, de toute vérité, de toute vertu.

Les choix de celui qui écrit sont à la fois plus complexes et plus simples. Et fort limitées les options qui se présentent à lui. Fuyant tout affairisme et tout arrivisme, se consacrant exclusivement à son art, il peut choisir de se retirer loin du bruit et de la fureur qui trop souvent troublent la vue, brouillent l'entendement, paralysent la réflexion. Ce monde trépidant, grisé de sa propre fébrilité, a tôt fait de condamner pareille retraite : vouloir ainsi s'abstraire des remous et des tempêtes, dit-on, serait trahir la fraternelle solidarité des hommes, abandonner à leur sort tragique les victimes des crises qui déchirent la planète, peut-être les enfoncer davantage dans leur drame de faim, d'humiliation et de sang.

Mais combien d'intelligences et de talents – chefs de parti ou d'entreprise, penseurs et écrivains, ingénieurs et savants, artistes et technocrates –, follement engagés dans les tourbillons de la vie moderne, ont préparé, provoqué ou aggravé les drames qui leur fournissent ensuite matière à tant d'exhortations ou de lamentations ? Ceux-là ne se sont certes pas dérobés, ils en sont même fiers alors qu'on n'en finit pas de déplorer leur action de gribouille. Que ne les a-t-on enfermés dans une tour qui ne serait pas d'ivoire ! Leur constante agitation, parée de tous les atours de l'esprit, eût alors causé moins de ravages...

Ils cédaient à l'illusoire ambition de peser sur le cours des idées et des choses, oubliant – ce qu'ils n'avaient peut-être jamais compris – que le monde ne saurait se passer de méditatifs et de contemplatifs, dont l'influence, difficile à évaluer, reste irremplaçable.

Il serait superflu d'évoquer ici les grands exemples dont l'histoire a conservé l'empreinte, durablement gravée dans le livre et la pierre, alors que tant de leurs contemporains agités, ostensiblement présents sur la scène publique, n'ont laissé aucune trace de leur passage. L'efficacité par le recueillement subsiste dans le monde d'aujourd'hui : au cours des années cinquante et soixante, du fond de son monastère, le trappiste américain Thomas Merton sut percevoir l'ampleur et la gravité des problèmes raciaux avec plus d'acuité que tous les sociologues au service du gouvernement de Washington, avec plus de justesse que ces militants qui, sans compter, se dépensaient dans la lutte pour les droits civiques – et dont la plupart ont bien vite abandonné le combat ou tourné casaque.

L'activisme n'a jamais constitué le meilleur moyen de s'inscrire utilement dans les débats contemporains. Se lancer au cœur de la mêlée ne garantit nullement que l'on sera présent à l'histoire, se replier dans une tour d'ivoire n'est pas nécessairement une trahison. Bien au contraire, la tentation en devient de plus en plus forte, et de plus en plus justifiée, au fur et à mesure que s'emballe la machine à broyer l'humain. A l'extrême opposé s'offre une autre possibilité, choisie par le plus grand nombre : le contemplatif a les mains propres, mais il n'a pas de mains – acceptons donc de nous salir les mains en entrant dans la bagarre où, après tout, nous ne ferons pas plus mal, et peut-être mieux, que d'autres. L'important devient alors de bien choisir sa place dans le déploiement des forces, de se porter sur les positions sensibles où se décidera l'issue des affrontements.

Désir d'efficacité ? Sans doute, mais aussi vanité de se savoir actif aux points stratégiques vers lesquels se portent tous les regards. Occuper une place importante, jouer un rôle : cette ambition paraît légitime, elle conduit pourtant aux pires errements. Car, inexorablement, elle entraîne l'individu vers les lieux de pouvoir où règne une autre logique que celle de l'intellectuel et de l'écrivain. Le vrai, ici, change de définition : est vrai ce qui réussit, tout le reste n'est que creuse songerie, tout juste bonne pour quiconque a choisi d'écrire au lieu d'agir, en se persuadant de surcroît qu'écrire c'est agir.

Mais les politiques, eux, ne s'y trompent pas. A eux le privilège de transformer les rapports de force et les relations d'intérêts, de contrôler les véritables centres de décision, d'orienter les fonds publics, de procéder aux nominations importantes, d'accorder ou de refuser ce qu'ils estiment juste ou, plus prosaïquement, opportun. A ce compte, ils peuvent bien laisser écrire les hommes de plume qui les servent. Et ceux-ci sont légion.

Car le pouvoir fascine les intellectuels comme le miel attire les mouches. Ils pullulent autour des monarques et des présidents, assez habiles pour savoir les écouter, leur prodiguer des conseils, leur faire de fausses confidences, les recevoir à leur table. On en parle dans les salons... Qu'importe s'ils n'ont pas tous l'entregent de Rastignac ; ils n'en sont pas moins utiles. Du moins se plaisent-ils à le croire. Car ils ont leur sagesse : à trop s'éloigner du trône, on finit par se marginaliser soi-même, et c'est bien ce qu'ils redoutent. Plus proche du pouvoir, plus proche de l'événement et de la décision. Ils en sont fermement persuadés. Jusqu'au moment où le pouvoir chancelle puis bascule. Sont-ils alors pris au dépourvu ? Ne les sous-estimez pas : ils ont acquis assez de savoir-faire pour se retourner en temps opportun. Ils s'agitent, font du bruit, brassent beaucoup d'air mais, pour que l'histoire retienne leur nom, il faut qu'un Balzac se soit attaché à les observer avec la précision d'un entomologiste en vue de mieux les brocarder.

En dehors du contemplatif, moins détaché qu'on ne le croit, et de l'ambitieux, fourvoyé, il reste un seul autre modèle possible : celui de l'intellectuel qui ne se propose pas de laisser un nom dans les chroniques, qui n'a même pas l'illusion de peser sur l'évolution des idées et des événements. Et qui malgré tout se bat, fût-il convaincu d'avance de perdre son combat. On le dira modeste, désintéressé : c'est pourtant lui qui atteint les sommets de l'orgueil et de la plus haute ambition, alors que tant d'autres s'égarent dans les marais d'une banale vanité. Pis : on le dira idéaliste, rêveur, accroché à une chimère, alors que, dédaignant la mousse qui pétille dans les salons, il s'attache à des réalités que les hommes de pouvoir ne savent pas ou ne veulent pas voir.

Car les vérités du pouvoir (pouvoir de l'Etat, pouvoir des partis d'opposition, pouvoir de l'argent, pouvoir de ceux qui orientent et décident) ne peuvent pas être les siennes. Il sait qu'autour de chacun de ces pouvoirs gravitent une multitude de compétences et de talents, et qu'il n'a rien à faire parmi eux parce que, par définition, sous peine de se trahir, celui qui tente de penser et d'écrire n'a d'autre choix que de révéler ce que tout pouvoir s'efforce de cacher, d'exposer en pleine lumière ce que tout pouvoir veut présenter sous l'éclairage le plus favorable, de mettre le doigt sur les contradictions et les impostures, d'attirer les regards sur ce qu'il peut être difficile de percevoir, d'écouter ceux qui ont peu de moyens de se faire entendre, de traduire ce qu'ils disent parfois si bien alors que nul ne les écoute.

Face aux cohortes de thuriféraires des différents pouvoirs, il campe sur une position résolument critique. A peu près seul. Socialement inconfortable. Humainement heureux et pourtant inquiet. Mais obstiné. Le devoir de critique ne l'autorise certes pas à tout dénigrer, mais l'oblige à d'incessantes recherches, la curiosité toujours en éveil, loin des faux-

semblants, loin des modes et des engouements. Nécessairement minoritaire, il lui importe peu d'être considéré comme un « marginal ». Car il sait que, pour tout homme de pouvoir, ne s'intéressant qu'aux moyens du pouvoir, les « marges » englobent les multitudes de ceux qui, précisément, n'ont aucun pouvoir.

Aux yeux du monde, il est déraisonnable. On lui dira que là est sa faiblesse, qu'il a tort de vouloir avoir raison contre tous, qu'il a un fichu caractère – il faudrait lui fournir l'adresse d'un psychiatre. Car chacun doit vivre avec son temps, s'adapter à la société dans laquelle on n'a pas choisi de vivre. Mais, devant la succession des modes éphémères, il n'a pas le goût des contorsions et revirements indispensables pour toujours se conformer à l'air du temps. On le disait idéaliste et naïf, mais voilà que, s'il poursuit dans la voie choisie, on le dit arrogant.

De fait, cette accusation s'appuie sur des preuves solides. Il ne s'est pas laissé porter par les grandes vagues d'engouement pour le communisme (il était donc un aimable intellectuel petit-bourgeois), et pas davantage par le puissant reflux qui, sans discrimination, jette aux orties tous les outils de l'analyse marxiste (le voilà donc stalinien). Il a décrit l'avidité gourmandise du capitalisme d'outre-Atlantique (il était donc anti-américain), mais ne voit pas dans l'étatisation le remède à la crise (c'est un agent de l'impérialisme). Il a beaucoup écrit sur l'exploitation des peuples dominés (mais comment ne pas le pardonner à un idéaliste ?) et s'obstine dans la même veine (c'est un cynique qui ose proposer en modèle les tyrans du tiers-monde). Il n'a pas cédé aux paniques de la guerre froide (c'était un pacifiste à tout crin), il n'avale pas les définitions officielles de la détente (le voilà devenu prophète de malheur, annonceur d'apocalypse et, pour tout dire, fauteur de guerre).

A vrai dire, il s'en moque. Enormes sont les moyens mis en œuvre pour conditionner l'opinion publique, et, dans leur immense majorité, ces moyens – à la fois intellectuels et matériels – sont aux mains des hommes de pouvoir, directement ou par relais, administrativement ou par complaisance. Une société peut, dans de telles conditions, se permettre de sacrifier aux rites de la démocratie chaque fois que cela ne porte pas atteinte aux intérêts des puissants, mais ses dirigeants savent bien qu'elle changerait de visage si la démocratie était libérée de ses entraves. Voilà bien le danger. Pour tenter de l'écarter, il faut convaincre le grand public que, en dépit d'incontestables déficiences, la société libérale avancée est quand même plus agréable à vivre que tout autre modèle existant de par le monde. Aucun effort ne sera donc négligé pour dénoncer les tares – ostensibles, éclatantes – des autres systèmes. Et pourquoi pas, si un exercice aussi salubre ne détourne pas le regard

des tares du système dans lequel on vit ? Mais la critique se porte plus volontiers sur autrui que sur soi et finit par donner un caractère anodin et bénin aux injustices commises chez soi.

Nous sommes ici, en Europe. Et c'est ici que nous pouvons nous battre, à l'intérieur même d'un système qui, dans ses propres frontières comme, par de multiples ramifications, bien au-delà de ses limites géopolitiques, n'a rien d'innocent. Les pouvoirs constitués ont mobilisé, à leur service, une nuée de compétences, d'intelligences – et aussi, de plus médiocres talents – pour entretenir et développer les mécanismes qui accaparent la richesse, la distribuent inégalement, nourrissent les privilèges, cultivent la corruption, sympathisent avec les dictatures, exploitent des centaines de millions de misérables, accumulent les rancœurs, les désespoirs et les haines, préparent l'explosion qui demain emportera tout ce que les hommes au pouvoir prétendent conserver.

Il est grand temps de procéder à des révisions radicales si l'on veut conserver ce à quoi nous sommes le plus attachés : libertés individuelles et publiques, pluralisme philosophique et politique, mode de vie, etc., toutes choses qui seraient irrémédiablement compromises si l'on s'agrippait à leurs formes extérieures plus qu'à leur contenu, à leurs apparences plus qu'à leur signification.

Sans doute est-ce être conservateur que de refuser les miroitements de nos sociétés pour aller à l'essentiel, de dénoncer l'optimisme des promesses qui ne peuvent être tenues, de montrer les dangers sur lesquels les gouvernements sont étonnamment discrets, de contester le discours officiel qui, à travers la « détente » comme dans la « guerre froide », dans la crise d'aujourd'hui comme hier en pleine expansion, se déroule, imperturbable, sûr de lui, rassurant, alors que, de compromis en reniements, de tromperies en replâtrages, il conduit vers le désastre.

Tel est bien le devoir de critique qui s'impose à quiconque veut observer, analyser, comprendre, expliquer. Y renoncer serait abdiquer toute liberté d'esprit face aux hommes de pouvoir, quelle que soit la forme de leur pouvoir. Sceptique, plutôt que de se joindre au chœur des laudateurs. Irrévérencieux, pour ne pas participer au vaste concours des complaisances. Lorsque la tâche devient ou paraît trop lourde, certains choisissent alors le confort trompeur, les illusives facilités et les vaines satisfactions que procurent les antichambres du pouvoir, des pouvoirs, sans se rendre compte qu'ils immolent leurs qualités d'esprit sans pour autant prendre prise sur le pouvoir.

Mieux vaut alors, seule voie honorable, s'adonner à la contemplation.

(2) EDITORIAL DE DOMINIQUE VIDAL

Artigo publicado na edição de novembro de 2006 de *Le Monde Diplomatique*, para marcar a consolidação de 65 edições internacionais.

L'Internationale du « Diplo »

Por Dominique Vidal

Neuf pays impriment le quotidien International Herald Tribune. L'hebdomadaire Newsweek affiche quatre éditions internationales. Le mensuel Elle recense quinze versions étrangères. Le Monde diplomatique se décline, lui, en plus de soixante éditions internationales, dont une moitié est imprimée et l'autre en ligne. Là s'arrête la comparaison. Les partenaires du Herald et de Elle mettent en œuvre une stratégie commerciale ; ceux du Diplo portent surtout ensemble le rêve d'un autre monde. En vingt-cinq langues, outre le français : l'afrikaans, l'allemand, l'anglais, l'arabe, le bulgare, le catalan, le chinois, le coréen, le croate, l'espagnol, l'espéranto, le farsi, le finnois, le grec, le hongrois, l'italien, le japonais, le norvégien, le polonais, le portugais, le roumain, le russe, le serbe, le slovène et le tchèque.

Cette ouverture sur le monde ne date pas d'hier. Très tôt, Le Monde diplomatique se voulut un journal international réalisé en France plus qu'un périodique français vendu à l'étranger. Dès le milieu des années 1970, après la chute des dictatures au Portugal et en Grèce, des éditions du Monde diplomatique paraissaient dans ces deux pays. Elles furent historiquement les premières à diffuser nos analyses de la politique internationale à l'étranger. Dans les années 1980, notre journal noua d'autres partenariats au-delà des frontières : naquit ainsi un Diplo en espagnol, réalisé d'abord au Mexique, puis, après l'assassinat de son éditeur Ivan Menéndez en 1986, à Buenos Aires, et enfin à Madrid. Ensuite verra le jour une version trimestrielle en arabe, réalisée à Tunis de 1987 à 1998, avant d'être transférée – pour un temps – à Beyrouth. Une éphémère édition en hongrois sera créée en 1991.

A partir de la moitié des années 1990 une seconde vague d'internationalisation déferle, plus large et plus durable. D'alors datent les deux premières « grandes éditions » du Diplo, qui ont fêté l'an dernier leur dixième anniversaire : en allemand et en italien, avec les quotidiens de gauche radicale die tageszeitung (Berlin) et il manifesto (Rome). Un peu plus

tard, le Diplo se déclinera en espagnol à Madrid avec les éditions L-Press puis Cybermonde, et avec l'édition du cône Sud à Buenos Aires ; en portugais avec l'éditeur progressiste Campo da Comunicação ; en grec avec le quotidien centriste Eleftherotypia...

A mesure que notre famille s'élargit, le statut des différentes versions évolue. Les premières se contentaient de traduire les articles de l'édition française – cette formule prévaut toujours lorsque Le Monde diplomatique constitue un supplément encarté dans un quotidien ou un hebdomadaire, celui-ci traitant déjà largement de l'actualité nationale et régionale. Mais, quand il prend la forme d'un mensuel indépendant, ses dirigeants éprouvent naturellement le besoin d'ajouter des articles originaux pour répondre aux attentes spécifiques de leur lectorat. Afin que ces apports n'engagent pas la responsabilité de Paris, ils sont signés « de notre rédaction locale ».

Inspirée par un souci pragmatique, cette plus grande souplesse accélère en retour la croissance du nombre d'éditions imprimées : il y en a cinq fin 1996 (avec un tirage total de 500 000 exemplaires), six fin 1997, sept fin 1998 (le tirage atteint 700 000), dix fin 1999, treize fin 2000 (le cap du million d'exemplaires est franchi), seize fin 2001, vingt-deux fin 2003, vingt-cinq fin 2004 (pour 1,5 million d'exemplaires), vingt-sept fin 2005 et trente-trois en 2006, outre la française. De nouveaux partenaires apparaissent, mais certains disparaissent : parmi les éditions perdues, le plus souvent faute de ressources suffisantes, figurent – hélas – celles d'Autriche, de Chypre, des Emirats arabes unis, de Jordanie, du Liban, du Mexique, de Suède, de Turquie et du Venezuela.

Avec la multiplication des éditions dans une même langue, la famille s'organise. Berlin produit bientôt une édition allemande reprise – à quelques variantes près – en Suisse alémanique, au Luxembourg et, un temps, on l'a vu, en Autriche. De même, Buenos Aires s'est entendu avec Madrid pour traduire les articles français en espagnol, et en rédige d'autres consacrés à l'Amérique latine : les pages ainsi préparées parviennent maquettées à un nombre croissant d'éditions – Bolivie, Chili, Colombie, Porto Rico et bientôt Mexique.

De même pour l'arabe. Un partenariat avec A Concept mafhoum suivi de la création d'une filiale (Le Monde diplomatique éditions arabes) ont permis d'éditer à Paris une version papier, que plusieurs quotidiens, dont le tirage cumulé dépasse 600 000 exemplaires, reprennent en Egypte, en Arabie saoudite, au Qatar et au Koweït – en attendant, dès que possible, la Palestine. Les archives, depuis 2000, peuvent être consultées sur www.mondiploar.com.

Qu'on n'imagine pas, au total, un empire de presse mondial ! La plupart de ces éditions reposent sur la forte motivation d'un tout petit groupe d'hommes et – plus souvent –

de femmes, qui ne comptent pas leur temps et disposent de moyens réduits. Si bien que l'équilibre de nombre d'entre elles demeure fragile...

La création de la plupart des éditions étrangères du Monde diplomatique n'a d'ailleurs pas résulté d'une prospection depuis Paris : presque tous nos partenaires en ont pris eux-mêmes l'initiative. Qu'ils comptent parmi les héritiers de mai 68 dispersés à travers le monde, appartiennent à la mouvance altermondialiste ou représentent simplement des organes de presse soucieux de mieux couvrir les réalités internationales, tous souhaitent surtout bénéficier de l'approche du Diplo, qu'ils jugent sérieuse, documentée et critique.

A toute règle son exception : l'édition en anglais a résulté, elle, d'un effort durable. D'emblée, chacun mesurait que la famille internationale du Monde diplomatique ne serait pas ce qu'elle est sans un membre anglo-saxon : pour toucher les lecteurs britanniques et américains, mais aussi tous ceux des pays anglophones d'Europe, d'Asie et d'Afrique où la version française ne parvient qu'en petits contingents. La recherche d'un partenaire resta néanmoins infructueuse jusqu'en 1999, année à partir de laquelle le Guardian Weekly, diffusé dans près de cent pays, a publié chaque mois seize pages traduites du Monde diplomatique par une équipe directement rattachée à l'édition française. Ces pages sont également disponibles par abonnement, sur papier ou en ligne.

L'Internationale du Monde diplomatique sort pour moitié des rotatives, mais l'autre moitié occupe le cyberspace : trente et une éditions sont en ligne en cette fin d'année. La plupart représentent la version numérisée d'une version papier. D'autres toutefois sont indépendantes : ainsi au Brésil, au Japon et en République tchèque, sans oublier les éditions en catalan (réalisée en Andorre), en chinois (faite en France) et en espéranto (produite à Cuba). Mais les animateurs de ces sites Internet rêvent bien sûr d'avoir un jour un jumeau sur papier. Et cet espoir, parfois, prend corps.

A l'automne 2002, trois intellectuels français d'origine iranienne expriment le souhait de présenter le journal en farsi sur la Toile, avec le concours de traducteurs bénévoles. Six mois plus tard, c'est chose faite – et elle ne passe pas inaperçue à Téhéran. Au printemps 2003, le quotidien de la municipalité, Hamchari, reproduit une série d'articles, avant d'être repris en main par les partisans du futur président Mahmoud Ahmadinejad. Proche de l'ex-président Hachémi Rafsandjani, le quotidien Sharg prend la relève à l'automne, mais abandonne vite l'aventure, trouvant le Diplo trop critique du néolibéralisme – Sharg est d'ailleurs interdit depuis septembre. En 2005, un nouveau partenariat commence avec le quotidien Sedaye Edalat, qui publie en farsi. Par-delà les aléas politiques, l'essentiel est assuré : les intellectuels iraniens ont accès dans leur langue, en ligne et sur papier, au Monde

diplomatique. La petite équipe qui, à Montpellier, traduit chaque mois en chinois quelques articles aimerait bien, elle aussi, que son travail parvienne à ses lecteurs sur place...

Voilà qui ouvre une dernière fenêtre sur l'avenir. Nul, voilà dix ans, n'aurait cru que l'Internationale du Diplo compterait aujourd'hui plus de soixante éditions. Une double percée a rendu possible, ces dernières années, la poursuite d'une croissance à un rythme soutenu : dans le monde arabe, et singulièrement dans le Golfe, on l'a vu, mais aussi et surtout dans les anciens pays du « camp socialiste » européen – Serbie, puis Bulgarie, Croatie, Slovénie et, en 2006, Roumanie, Pologne, Russie et Hongrie. Une percée du même type devient peut-être possible en Asie : après le site Internet au Japon, puis la coopération engagée en Inde avec la revue Hard News, une édition sur papier vient de voir le jour en Corée du Sud. La prochaine étape devrait être chinoise...

(3) EDITORIAL DE IGNACIO RAMONET

Artigo publicado na edição de janeiro de 2000 de *Le Monde Diplomatique*.

L'aurore

Por Ignacio Ramonet

“Comment cela s’appelle-t-il, quand le jour se lève, comme aujourd’hui, et que tout est gâché, que tout est saccagé, et que l’air pourtant se respire, et que tout est perdu, que la ville brûle, que les innocents s’entretuent, mais que les coupables agonisent, dans un coin du jour qui se lève ? - Cela a un très beau nom. Cela s’appelle l’aurore”. (Jean Giraudoux).

Une lueur s’est levée à Seattle, alors que s’éteignait le siècle. Trop longtemps dépossédés de leur parole, des citoyens y ont dit avec force : « Assez ! » Assez d’accepter la mondialisation comme une fatalité. Assez de voir le marché décider à la place des élus. Assez de voir le monde transformé en marchandise. Assez de subir, de se résigner, de se soumettre.

La victoire sur l’Organisation mondiale du commerce (OMC) est largement à mettre sur le compte de ce qui apparaît comme un embryon de société civile internationale et qui rassemble des dizaines d’organisations non gouvernementales (ONG), des collectifs d’associations et de syndicats de multiples pays.

La mondialisation - et le laxisme des dirigeants politiques - a favorisé, au cours de la dernière décennie, la mise en place discrète d’une sorte d’exécutif planétaire dont les quatre acteurs principaux sont le Fonds monétaire international, la Banque mondiale, l’Organisation de coopération et de développement économiques et l’OMC. Indifférent au débat démocratique et non soumis au suffrage universel, ce pouvoir informel pilote de fait la Terre et décide souverainement du destin de ses habitants. Sans que nul contre-pouvoir - Parlements, partis, médias - vienne corriger, amender ou repousser ses décisions. Aussi, pour faire contrepoids, chacun sentait confusément le besoin de mettre sur pied un contre-pouvoir mondial.

En reprenant le flambeau de la contestation internationale, les protestataires de Seattle ont commencé à le bâtir. Oui, c’est un tournant. La demande de justice et d’égalité qui, telle une lame de fond, traverse l’histoire longue de l’humanité resurgit à cette occasion. Les citoyens réclament, devant les ravages de la mondialisation, une nouvelle génération de

droits, cette fois collectifs : droit à la paix, droit à une nature préservée, droit à la ville, droit à l'information, droit à l'enfance, droit au développement des peuples...

Il est désormais inconcevable que cette société civile naissante ne soit pas mieux associée aux prochaines grandes négociations internationales où seraient discutés des problèmes liés à l'environnement, à la santé, à la suprématie financière, à l'humanitaire, à la diversité culturelle, aux manipulations génétiques, etc.

Car il faut songer à construire un futur différent. Plus question de se contenter d'un monde où n'existent que deux statuts : le zéro et l'infini. Où un milliard d'habitants vit dans la prospérité, tandis qu'un autre milliard est dans la misère, et que quatre milliards disposent d'à peine le minimum vital. Il est temps de refonder une nouvelle économie, plus solidaire, basée sur le développement durable et plaçant l'être humain au centre des préoccupations. En commençant par désarmer le pouvoir financier qui, au cours des dernières décennies, n'a cessé de grignoter le territoire du politique, réduisant le périmètre de la démocratie.

Le démantèlement de la sphère financière exige une taxation des revenus du capital et tout particulièrement des transactions spéculatives sur les marchés des changes (taxe Tobin) (1). Il convient également de supprimer les paradis fiscaux, zones où règne le secret bancaire et qui servent à dissimuler les malversations et autres délits de la criminalité financière.

Il faut imaginer, aussi, une nouvelle distribution du travail et des revenus dans une économie plurielle dans laquelle le marché occupera seulement une partie de la place, avec un secteur solidaire et un temps libéré de plus en plus important.

Etablir un revenu de base inconditionnel pour tous, octroyé à tout individu, dès sa naissance, sans aucune condition de statut familial ou professionnel. Le principe, révolutionnaire, étant que l'on aurait droit à ce revenu d'existence parce qu'on existe, et non pour exister. Son instauration repose sur l'idée que la capacité productive d'une société est le résultat de tout le savoir scientifique et technique accumulé par les générations passées. Aussi les fruits de ce patrimoine commun doivent-ils profiter à l'ensemble des individus, sous la forme d'un revenu de base inconditionnel. Lequel pourrait s'étendre à toute l'humanité, car d'ores et déjà le produit mondial équitablement réparti suffirait à assurer une vie confortable à l'ensemble des habitants de la planète.

A cet égard, il faut redonner toute leur place aux pays pauvres du Sud, en mettant fin aux politiques d'ajustement structurel ; en annulant une grande partie de leur dette publique ; en augmentant l'aide au développement et en acceptant que celui-ci n'adopte pas le modèle du Nord, écologiquement insoutenable ; promouvoir des économies autocentrées ; défendre les échanges équitables ; investir massivement dans les écoles, les logements et la santé ;



favoriser l'accès à l'eau potable des 1,5 milliard de personnes qui en sont privées ; établir, notamment au Nord, des clauses de protection sociale et environnementale sur les produits importés, qui garantissent des conditions de travail décentes aux salariés du Sud, ainsi que la protection des milieux naturels.

A ce programme il faudrait ajouter d'autres urgences : la Cour pénale internationale, l'émancipation de la femme à l'échelle planétaire, le principe de précaution contre toutes les manipulations génétiques, etc. Utopies devenues objectifs politiques concrets pour le siècle qui commence. Comment cela s'appelle-t-il, quand un autre monde devient possible ? Cela a un très beau nom. Oui, cela s'appelle l'aurore.


(4) ÍNDICE DE EDIÇÕES INTERNACIONAIS DE *LE MONDE DIPLOMATIQUE*

Inventário de fevereiro de 2013, disponível no site oficial de *Le Monde Diplomatique*.


Allemand

-  Allemagne. Supplément mensuel du quotidien *Die tageszeitung* (Rudi-Dutschke-Straße 23, 10969 Berlin. 90 000 exemplaires).
- **Luxembourg.** Supplément mensuel (en allemand) du quotidien *Tageblatt* (44, rue du Canal, 4050 Esch-sur-Alzette. 30 000 exemplaires).
-  Suisse. Supplément mensuel (en allemand) de l'hebdomadaire *WochenZeitung* (Hardturmstrasse 66, 8031 Zurich. 20 000 exemplaires).

Anglais

-  Notre édition anglaise est disponible :
 - par abonnement papier indépendant ;
 - sur Internet, en édition Web classique, ainsi qu'en édition électronique.
 - pour plus de précisions voir la page d'abonnement.
- **Inde.** Supplément du mensuel *Hard News* (145 Gautam Nagar, New Delhi - 110049. 40 000 exemplaires).
- **Dubaï.** Supplément hebdomadaire de *Gulf News*, distribué à 122 000 exemplaires à travers les Emirats arabes unis, Qatar, Bahrein, Oman et l'Arabie saoudite.

Arabe


-  La version arabe est éditée par la filiale *Le Monde diplomatique Editions Arabes*, disponible par abonnement. Les archives depuis 2000 sont consultables sur le site www.mondiploar.com.
- **Arabie saoudite.** Mensuel, supplément au quotidien *Al-Riyadh* (Al Yamama Press, Qaseem Road, Sahafa Center, POBox 851, 11421 Riyad. 160 000 exemplaires).
- **Egypte.** Supplément mensuel de *Al-Haram* (Galaa Street, Le Caire. 1 000 000 exemplaires).
- **Emirats arabes unis.** Supplément au quotidien *Al-Khaleej* (POBox 30, Sharjah. 80 000 exemplaires).
- **Koweït.** Avec le quotidien *Al-Qabas* (P. O. Box 21800 Safat, 13078 Koweït. 74 000 exemplaires).

- **Palestine.** Supplément au quotidien *Al-Ayyam* (Al-Ayyam Street, BP 1987, Zone industrielle (Industrial Zone), Ramallah (Palestine), 15 000 exemplaires).
- **Yémen.** Avec le journal *Al-Siyyassa* (Jameat Al Dowal Street, Al Hasba POBox 881, Sanaa. 40 000 exemplaires).


Arménien

- **Arménie.** Supplément au magazine *Troisième force* (8, rue Mappa, Erevan. 2 000 exemplaires).


Bulgare

-  **Bulgarie.** Mensuel publié par la société Les Amis du Monde diplomatique EOOD (ul. Positano N° 20, Sofia 1000, vestnik Duma, Bulgarie).

Biélorusse

-  **Biélorussie.** Edition électronique diffusée par l'agence non commerciale d'édition et d'information *Postmedia*.


Coréen




-  **Corée du Sud.** Mensuel, publié par la société Le Monde Korea (Seoul Bldg # 310, 78 Chungjeongno 2ga, Seodaemun-gu, Seoul, 120-012 Corée, 5 000 exemplaires).

Croate


- Croatie. Mensuel publié par la coopérative croate KopMedija, (ulica grada Vukovara 62c, 10 000 Zagreb, Croatie).

Espagnol


-  **Argentine.** Mensuel édité par Capital Intelectual (Av. Córdoba 827, 12° A, C1054AAH, Ciudad de Buenos Aires. 30 000 exemplaires).
- **Bolivie.** Mensuel édité par Archipelago Ediciones (Casilla 485 oficina central Correos La Paz, Bolivie. 5 000 exemplaires).

-  Chili. Mensuel publié par la société Aún Creemos en los Sueños SA (San Antonio 434 local 14 Santiago. 10 000 exemplaires).
- **Colombie.** Mensuel publié par Colombia Tebeo Comunicaciones SA (Avenida 19, n° 4-20, Of 902, Bogota. 10 000 exemplaires).
-  Espagne. Mensuel édité par Ediciones Cybermonde SL (Aparisi et Guijarro 5-2°, 46003 Valencia. 25 000 exemplaires).
-  Venezuela. Mensuel publié par Producciones del Waraima 7257 C.A. (4ta. Avenida, Residencias Unión, PB, Torre B, Local E y F, Los Palos Grandes, Caracas 1060. 5 000 exemplaires).

Espéranto

-  Edition électronique.


Finlandais

-  **Finlande.** Bimestriel publié par le journal *Voima* (Hämeentie 48, 00500 Helsinki. 5 000 exemplaires).


Français

-  **France.** *Le Monde diplomatique* est édité à Paris ; voir l'ours.


Grec

-  Grèce. Supplément hebdomadaire du quotidien *Eleftherotypia* (Minoos 10-16, 11743 Athènes. 200 000 exemplaires).
- **Chypre.** Supplément mensuel du quotidien *Politis* (Vassiliou Vourgaroktonou 8, 1010 Nicosie. 13 000 exemplaires).


Hongrois

-  **Hongrie.** Edition électronique diffusée par Közép-Európai Fejlesztési Egyesület (Múzeum u. 7. Kossuth Klub, Budapest).

Italien

-  **Italie.** Supplément mensuel du quotidien *il manifesto* (via Angelo Bargoni 8, Rome 00153, 49.000 exemplaires).


Japonais

-  Japon. Edition électronique.
- **Japon.** Publication sous forme de livres, en coopération avec l'éditeur Codex Archives and Publishing.


Kurde

- **Kurdistan.** L'édition kurde est publiée à Erbil (la capitale du Kurdistan irakien) en **dialecte sorani** par Rudaw, et Berlin, en **dialecte kurmanchi** par Independent Kurdish Media Group (Carnotstr. 4 10587 Berlin, Allemagne).


Norvégien

-  **Norvège, Suède, Finlande et Danemark.** L'édition nordique du *Monde diplomatique* est éditée et distribuée en Norvège, Suède, Finlande et au Danemark par la société Norge AS (PB 7046 St. Olavs plass, 0130 Oslo, Norvège). En Norvège, elle est envoyée aux abonnés de *Dagsavisen* (40 000 exemplaires).

Persan


-  **Iran.** Supplément bimensuel au quotidien *Shargh* (50 000 exemplaires).

Polonais


-  **Pologne.** Mensuel publié par la fondation Fundacja Instytut Wydawniczy Książka i Prasa – Editions Livre et Presse (60, rue Twarda, Varsovie. 10 000 exemplaires).

Portugais

- **Angola.** Bimensuel publié par la société Facide (rua General Roçadas 37, Luanda).
- **Brésil.** Mensuel indépendant (rua Araujo 124 2º andar, São Paulo, 40 000 exemplaires).

-  Portugal. Mensuel (rua Febo Moniz, 13, Lisboa).


Russe

-  **Russie.** Edition électronique.
- **Russie.** Supplément au mensuel *Prezident* (ul. Pravdi, 24, Moscou. 50 000 exemplaires).
- **Arménie.** Supplément à la version russe du magazine *Troisième force* (Erevan).

Slovaque

-  **Slovaquie.** Edition électronique.

Slovène

-  **Slovène.** Editée par la société AD Svetovanje d.o.o (Tavcarjeva 15, 1000 Ljubljana, distribuée comme supplément au quotidien *Delo*, 81 000 exemplaires).

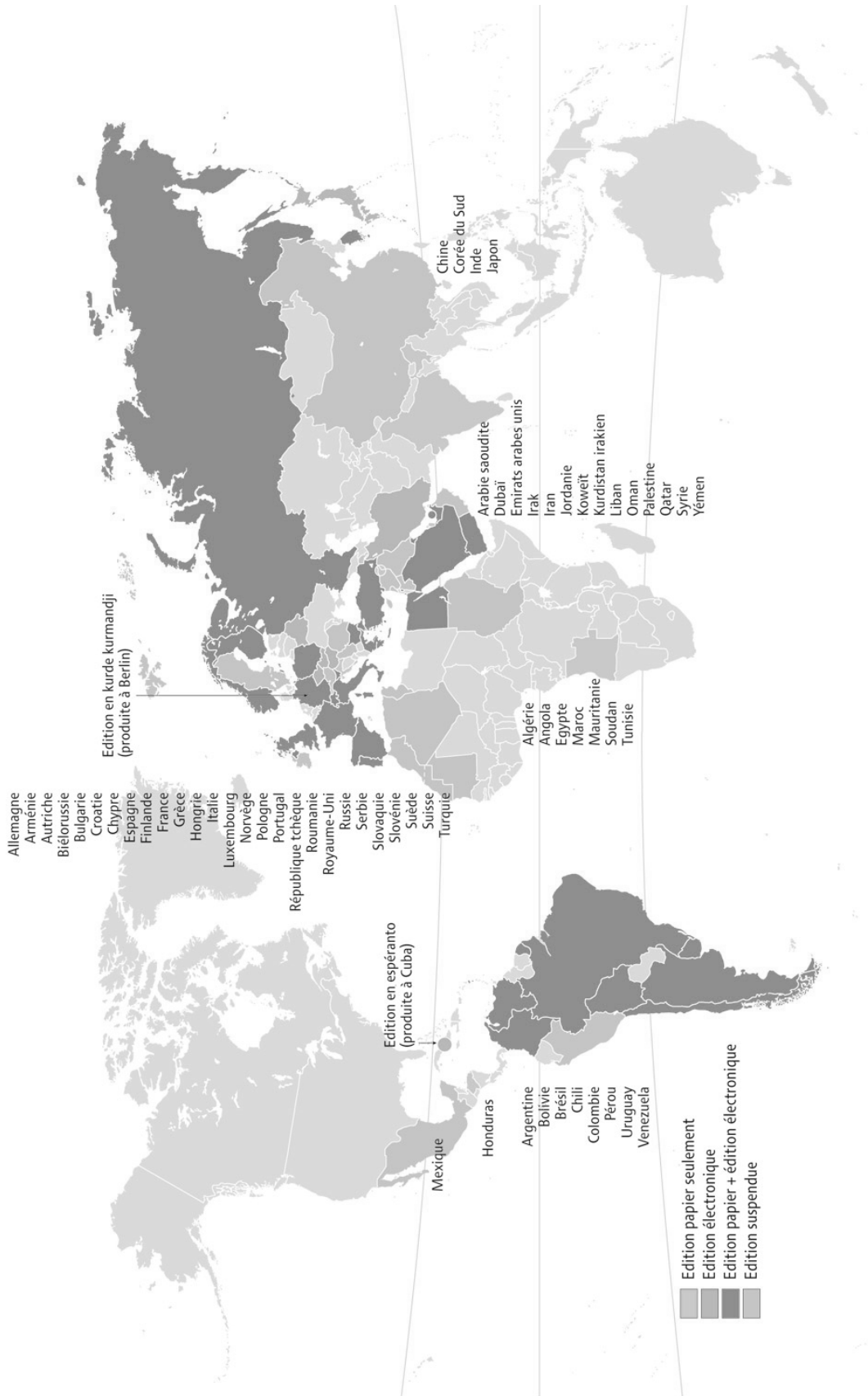
Tchèque

-  **République tchèque.** Edition publiée en supplément de *Literární noviny*.

Turc

- **Turquie.** Supplément mensuel du quotidien *Taraf* (Misbah Muhayyes Damga & Nexet Omer Sokak no 23-25 Kadikoy, Istanbul. 70 000 exemplaires).

(5) OUTROS ARQUIVOS



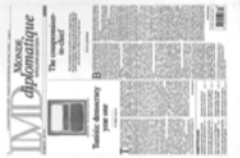
QUELQUES « UNES » ...



Edition allemande



Edition chilienne



Edition anglaise



Edition espagnole



Edition arabe



Edition coréenne

LES ÉDITIONS INTERNATIONALES



MONDE
diplomatique

Le Monde diplomatique et ses éditions internationales

L'hebdomadaire *Newsweek* affiche huit éditions internationales, le quotidien *International Herald Tribune* quatorze. *Le Monde diplomatique*, lui, se décline en trente-neuf éditions imprimées et huit éditions électroniques. Là s'arrête la comparaison. Les partenaires des autres journaux mettent en œuvre une stratégie commerciale ; ceux du *Monde diplomatique* portent surtout ensemble l'aspiration d'un autre monde.

Cette ouverture internationale ne date pas d'hier. Très tôt, *Le Monde diplomatique* se voulut un journal international réalisé en France plus qu'un périodique français vendu à l'étranger. Dès le milieu des années 1970, après la chute des dictatures au Portugal et en Grèce, des éditions du *Monde diplomatique* paraissaient dans ces deux pays. D'autres sont ensuite créées en Amérique latine, dans les pays d'Europe centrale et orientale après 1990, et enfin en Asie.

Mais qu'on n'imagine pas, au total, un empire de presse mondial ! La plupart de ces éditions reposent sur la forte motivation d'un tout petit groupe de personnes, qui ne comptent pas leur temps et disposent de moyens réduits. C'est pourquoi le soutien des lecteurs constitue la meilleure garantie de leur vitalité et de leur qualité.

■ 30 ÉDITIONS PAPIER ET ÉLECTRONIQUES

Allemagne, Arabie saoudite, Argentine, Bolivie, Brésil, Bulgarie, Chili, Colombie, Corée du Sud, Dubaï (anglais), Égypte, Emirats arabes unis, Espagne, Finlande, France, Grande-Bretagne, Grèce, Italie, Koweït, Norvège, Palestine, Pologne, Portugal, Russie, Slovaquie, Turquie, Venezuela, Yémen, Uruguay

■ 9 ÉDITIONS PAPIER

Angola, Arménie (en arménien), Arménie (en russe), Croatie, Chypre, Honduras, Inde, Kurdistan irakien (sorani), Luxembourg

■ 8 ÉDITIONS ÉLECTRONIQUES

Biélorussie, Cuba (en espéranto), Hongrie, Iran, Japon, Allemagne (en kurde kurmandji), République Tchèque, Slovaquie

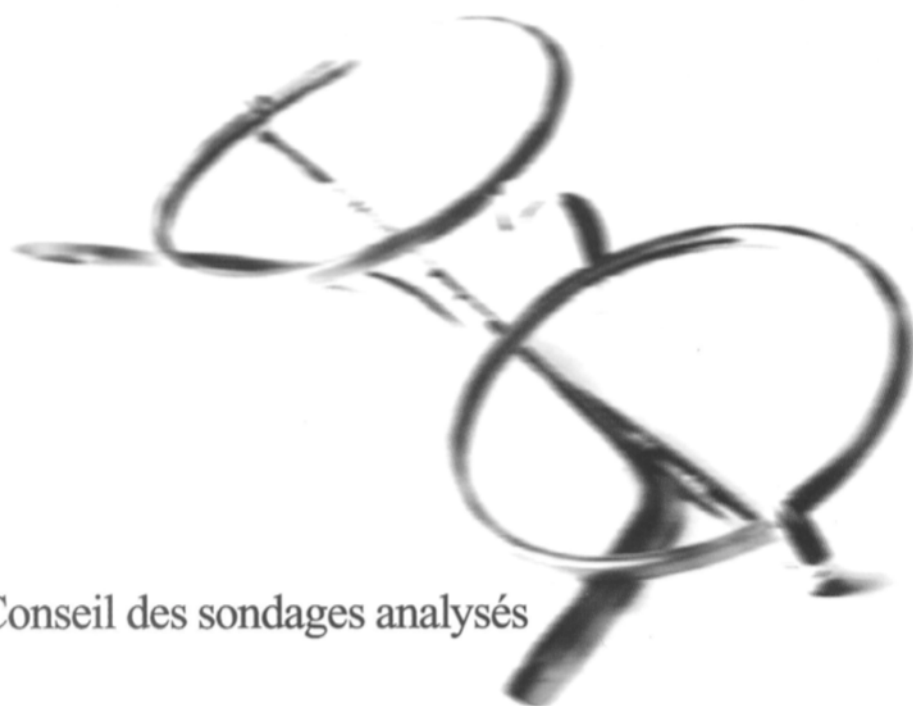
■ 17 ÉDITIONS PASSÉES OU/À VENIR

Algérie, Autriche, Chine, Irak, Jordanie, Liban, Maroc, Mexique, Mauritanie, Oman, Pérou, Roumanie, Soudan, Suède, Serbie, Syrie, Tunisie



Perfil del lector de
Le Monde Diplomatique
en Francia, en términos
sociodemográficos
y culturales

Síntesis de resultados



Conseil des sondages analysés

Perfil dos leitores de *Le Monde Diplomatique*, de outubro de 1998

Perfil del lector

Por lo menos 6 lectores sobre 10 tienen un bachillerato +3 y más (un tercio de ellos con Bachillerato + 5 y más), cuando sólo el 25 % de los franceses tienen un nivel de estudios superiores.

2

En términos de edad, se observa una sobrerrepresentación de lectores jóvenes entre la población de los compradores no suscritos: mientras que los menores de 35 años constituyen el 34 % de la población francesa, representan el 41 % de los compradores no suscritos, pero el 27 % de los abonados. Comparados con los lectores de por lo menos un título de la prensa nacional cotidiana y con los lectores de semanarios (el 32 % de los cuales tiene menos de 35 años) los lectores de *Le Monde Diplomatique* resultan ser ligeramente más jóvenes.

Paralelamente, los lectores de *Le Monde Diplomatique* se distinguen por una mayor proporción de solteros entre los compradores no suscritos que la media: el 47 % está en esta situación, contra el 29 % del conjunto de la población, proporción que se aproxima a la que se observa entre los suscritos (27 %).

De hecho, una fuerte proporción de los hogares de los lectores del *Monde Diplomatique* son hogares de reducidas dimensiones: los hogares monopersonales representan el 14 % de la muestra de los abonados (16 % a nivel nacional), y los hogares que comprenden dos personas, el 34 % (53 % a nivel nacional).

Habida cuenta de la menor edad de los lectores dentro de la muestra de compradores no suscritos, estas proporciones son naturalmente más elevadas aún en esta población: el 31 % de los hogares monopersonales y el 32 % de hogares de dos personas.

La presencia de hijos menores de 15 años en el seno del hogar se observa en el 33 % de los lectores suscritos interrogados, y el 27 % de los compradores no suscritos que respondieron a la encuesta, cifras perfectamente comparables con la media nacional (35 %).

UN NIVEL SOCIOCULTURAL ELEVADO

El nivel de estudios de los lectores de *Le Monde diplomatique* es muy superior a la media: por lo menos 6 lectores sobre 10 tienen un bachillerato +3 y más (un tercio de ellos con Ba-

chillerato + 5 y más), cuando sólo el 25 % de los franceses tienen un nivel de estudios superiores.

Los abonados que presentan un perfil de más edad que los compradores de números sueltos también son los que con más frecuencia declaran un nivel de estudios inferior a Bachillerato + 3 (37 % en los suscritores y 23 % de los que compran sin suscripción).

Blanco particularmente apreciado por los publicitarios, los CPS + (Cuadros Superiores Profesionales) representan el 55 % de los suscritores al *Monde Diplomatique* interrogados y el 62 % de sus compradores no suscritos, cuando son sólo el 34 % de los lectores de semanarios, el 28 % de los lectores de prensa cotidiana nacional y el 18 % del conjunto de la población francesa de 15 años y más.

A esta fuerte proporción de cuadros corresponde una fuerte proporción de altos ingresos: al menos un lector sobre cuatro (el 27 % de los compradores y el 36 % de los abonados) declara ingresos totales superiores a los 20 mil francos netos por mes, cifra próxima a la de los lectores de semanarios (29 %) pero más alejada de los lectores de la prensa cotidiana nacional (35 %).

UNA PENETRACIÓN HOMOGÉNEA EN EL TERRITORIO NACIONAL

Provincianos en un 77 %, los lectores abonados al *Monde Diplomatique* siguen de manera bastante fiel la estructura geográfica de la población francesa. Las regiones donde se encuentran más abonados al *Monde Diplomatique* son el sudeste (15 % vs el 12 % de la población), el oeste (14 % vs 13 %), el este y la cuenca oeste de París (10 % vs 8 %), la región mediterránea y el sudoeste (8 % vs 12 y 11 % respectivamente), y por último la cuenca este de París (7 % vs 8 %) y el Norte (4 % vs 6 %). La Isla de Francia concentra el 23 % de los abonados y el 20 % de los franceses.

La distribución geográfica lograda a partir de los que respondieron al cuestionario autoadministrado no puede explotarse de manera válida dadas las opciones metodológicas que preside-

Síntesis de resultados

ron la entrega de los cuestionarios (aglomeraciones de París, Lille, Lyon, Burdeos y Toulouse).

En términos de hábitat se observa una ligera sobrerrepresentación de las pequeñas aglomeraciones: el 26 % de los abonados declaran habitar en una comuna de menos de 20 mil habitantes (16 % en Francia) y el 18 % vive en una comuna de 20 a 100 mil habitantes (el 13 % en toda Francia). Respecto de la prensa cotidiana nacional y los semanarios la penetración de *Le Monde Diplomatique* resulta ser mucho más homogénea: el 50 % de los lectores de prensa cotidiana nacional y el 27 % de los lectores de semanarios se concentran en una aglomeración parisiense, y sólo el 12 y el 11 % respectivamente residen en una pequeña comuna (menos de 20 mil habitantes).

LECTORES SUPERCONSUMIDORES DE CULTURA

Consumidores en alto grado de ocios culturales, los compradores no suscriptos del *Monde Diplomatique* forman parte de una jerarquía muy nítida de sus actividades, jerarquía que sigue la que surge del estudio *EuroPrensa Cotidiana Nacional*:

EL CINE: 90 % de los compradores no suscriptos declaran ir al menos 3 veces por año vs 38 % de los franceses (de los cuales el 72 % al menos una vez por mes). Los lectores jóvenes y los que tienen Bachillerato + 5 son aún más numerosos: el 84 % y el 77 % respectivamente.

LOS RESTAURANTES: 91 % los frecuentan al menos 3 veces por año (de ellos el 66 % al menos una vez por mes) vs el 62 % al menos 3 veces por año sobre el conjunto de la población francesa.

LAS EXPOSICIONES, MUSEOS, GALERÍAS: 84 % declara ir al menos 3 veces por año (de los cuales el 31 % al menos una vez por mes) vs el 23 % de los franceses.

EL TEATRO: el 49 % de los compradores van por lo menos 3 veces por año (de los cuales el 15 % al menos una

vez por mes) vs el 8 % del conjunto de los franceses.

La ópera tiene un 3 % de fieles (al menos una vez por mes) pero el 15 % de los que respondieron la encuesta declaran sin embargo ir al menos 3 veces por año vs el 7 % a nivel nacional.

LECTORES SOBREEQUIPADOS EN INFORMÁTICA

El equipamiento de los lectores presenta dos características distintivas:

por una parte se sitúa en un nivel superior a la media en materia de informática y telefonía: el 58 % de los compradores no suscriptos poseen un microordenador en su hogar vs el 25 % al nivel nacional y el 39 % entre los lectores de semanarios. La fuerte proporción de lectores de menos de 35 años constituye un elemento de explicación de esta tasa de equipamiento, y en un sentido más amplio de la apertura a las nuevas tecnologías de que dan prueba estos lectores: el 23 % dispone de un módem y aproximadamente uno sobre cinco declaran tener acceso a Internet (19 %), mientras que menos del 10 % de la población francesa está conectada con la Web.

La telefonía móvil penetra en el 17 % de los hogares de los lectores del *Monde Diplomatique* contra el 13 % de los lectores de semanarios.

Por otra parte se registra un subequipamiento relativo en materia de televisión: apenas un lector sobre 5 (el 17 %) declara poseer al menos dos aparatos de televisión, que posee en cambio una de cada dos personas de la población francesa (48 %), incluidos los lectores de semanarios. Al mismo tiempo, el grabador sólo seduce al 57 % de los lectores vs el 84 % de los franceses. Al nivel de las cadenas de tv pagas se observa un seguro desinterés por Canal +, que genera dos veces menos abonados (el 11 %) entre los lectores de *Le Monde Diplomatique* que entre el conjunto de la población francesa (22 %). Sin embargo, el abono al cable resulta ligeramente superior (13 %) a su penetración nacional (9 %).

Este fenómeno de un subequipa- ▶



**El 58 % de los
compradores no
suscriptos po-
seen un microor-
denador en su
hogar vs el 25 %
al nivel nacional**

Perfil del lector

Los lectores

de Le Monde

Diplomatique son

grandes consumi-

dores de libros.

los compradores

no suscriptos

leen alrededor de

17 libros por año.



miento televisivo es particularmente significativo de una cultura fundada en lo escrito, el análisis y la reflexión, como veremos en materia de consumo de medios.

UNA CULTURA ENTRE LA INFORMACION Y LA REFLEXION

UNA CULTURA LITERARIA, COMPLEMENTO DE LA RADIO.

La asignación de tiempos de los lectores revela una nítida preponderancia del libro al que dedican al menos 8 horas por semana, más que a la radio, que escuchan un promedio de 7 horas semanales. La televisión ocupa un tercer lugar, la ven mucho menos que el conjunto de la población francesa: entre 5 y 6 horas por semana, menos de una hora por día, contra tres horas y media por día del conjunto de la población.

En realidad los lectores de Le Monde Diplomatique son grandes consumidores de libros, los compradores no suscriptos leen alrededor de 17 libros por año, y uno de cada cinco lee más de 20 por año. Más allá de su comportamiento personal de lectura es interesante constatar que las personas que respondieron el cuestionario compran más libros de los que leen (un promedio de 24 libros comprados por año y el 28 % compra más de 20 por año): es decir, se revela el valor simbólico o estatutario que los lectores del Monde Diplomatique atribuyen a este medio.

En cuanto a la radio, la preferencia de los lectores se dirige a las radios del grupo Radio France con una gran ventaja a favor de France Inter. Después vienen France Culture y France Info. Se manifiesta con claridad la asociación de un medio denominado "caliente" con emisoras que se posicionan en una actitud al mismo tiempo crítica y cultural.

De hecho, interrogados sobre sus fuentes de información para los proble-

mas contemporáneos, los lectores no suscriptos colocan los informativos radiofónicos en segundo lugar (66 %) después de la prensa cotidiana nacional (78 %) y antes de los informativos de tv (37 %).

También son muy valoradas las emisiones de debate por radio y los magazines radiales de información y de reportajes (respectivamente 43 y 42 % de menciones) y se las considera más enriquecedoras que sus equivalentes televisivos: el 23 % de los compradores no suscriptos consideran que los magazines de información radial son los más enriquecedores para ellos, contra el 19 % para emisiones similares difundidas por tv, y el 16 % estima que los debates por radio son más enriquecedores contra el 7 % que se inclina por los debates televisivos.

DÉBIL DUPLICACIÓN CON LOS DIARIOS

La prensa cotidiana nacional figura a la cabeza de las fuentes de información que se consultan sobre problemas contemporáneos (el 78 % de los compradores no suscriptos). Si se revisa el detalle de los títulos que leen los lectores de Le Monde Diplomatique se destacan solamente dos:

● Le Monde: el 26 % de los abonados y el 37 % de los compradores no suscriptos lo leen todos los días o casi todos

● Libération: el 4 % de los abonados y el 14 % de los compradores no suscriptos lo leen todos los días o casi todos.

De acuerdo con la estructura geográfica de los lectores, los diarios regionales generan un 23 % de lectores regulares.

DE SINTERÉS POR LOS SEMANARIOS Y FUERTE DUPLICACIÓN CON TELERAMA

El hecho más llamativo concierne a los semanarios, a los que los lectores de Le Monde Diplomatique sólo dedican alrededor de dos horas semanales. Este fenómeno es revelador de la decepción provocada en los lectores que por una parte se apegan a la dimensión reflexi-

Síntesis de resultados

va de la información y que en ese sentido valorizan una dimensión temporal larga donde pueden inscribirse los semanarios, y por otra parte privilegian una toma de posición que no constituye más que un signo distintivo puntual de los semanarios (confróntese la decepción enunciada en los grupos respecto de Le Nouvel Observateur).

En este punto los semanarios preferidos por los lectores presentan dos características:

- Una proximidad intelectual: es el caso de Telerama

(43 % de duplicación regular, al menos 2 o 3 veces por mes en los abonados y 33 % entre los compradores no suscriptos) y en menor medida del Nouvel Observateur (21 % de los abonados y 24 % de los compradores)

- Una proximidad en términos de tema: aquí encontramos Courrier International (26 % de los abonados y 22 % de los compradores no suscriptos).

LA TELEVISIÓN: UN PASAJE OBLIGADO PERO POR EL SERVICIO PÚBLICO.

La televisión sigue de lejos a la radio o a los libros en términos de consumo semanal, pero no es menos cierto que cuando se trata de informar sobre problemas contemporáneos las magazines y reportajes televisivos son mirados por más de uno cada dos lectores (el 52 % de los compradores no suscriptos).

Las más miradas en este terreno son las cadenas del servicio público, especialmente Arte (43 % de los abonados) y en menor medida France 2 (19 %) y France 3 (10 %)

COMPOR TAMIEN TOS DE LECTURA

LECTORES FIELES Y FUERTEMENTE IMPLICADOS EN LA LECTURA DE SU MENSUARIO.

Abonados o no, la lectura del Monde Diplomatique es una lectura relativa-

mente antigua, que se remonta a por lo menos 3 años: el 81 % de los abonados (de ellos el 52 % hace más de 5 años) y el 72 % de los no suscriptos (de los cuales el 38 % desde hace más de 5 años) están en esa situación.

Sin embargo, es interesante constatar que es entre los compradores no suscriptos donde se encuentra la mayor proporción de lectores recientes: el 58 % son lectores desde hace menos de 5 años contra el 47 % de los abonados, lo cual se explica con bastante lógica dada la juventud de estos compradores.

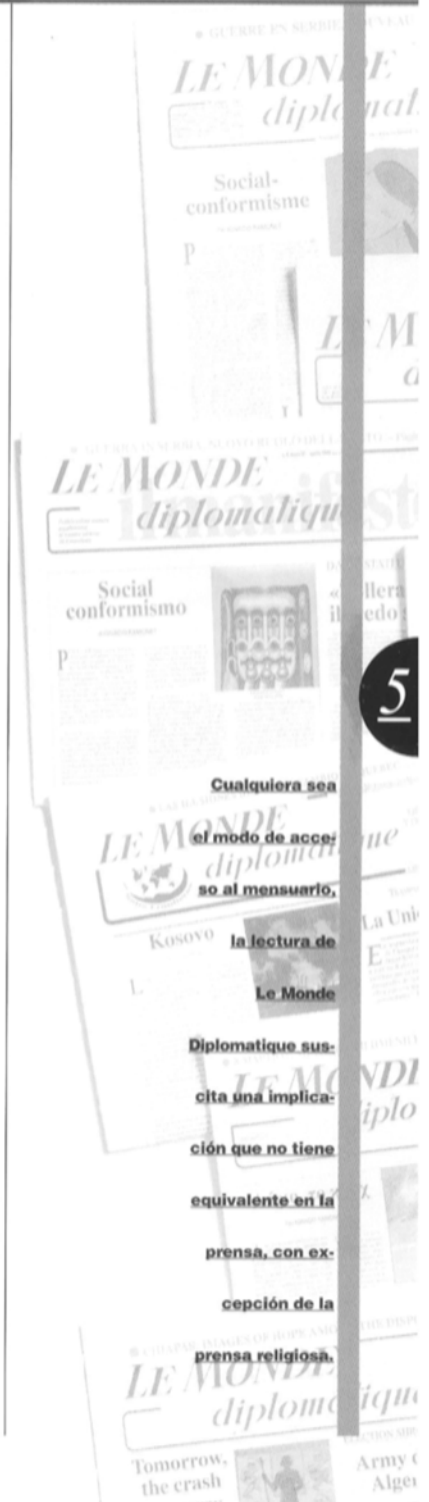
El rápido incremento de los abonos a Le Monde Diplomatique se pone de manifiesto en el espacio que ocupan los abonados recientes en el seno de la muestra encuestada: el 14 % de los lectores están abonados desde hace menos de un año y el 14 % desde hace uno o 2 años; en total, el 63 % de los abonados lo son desde hace menos de 5 años. Como se observa tradicionalmente, una parte no desdeñable de estos abonados recientes son en realidad antiguos lectores del mensuario.

Cualquiera sea el modo de acceso al mensuario, la lectura del Monde Diplomatique suscita una implicación que no tiene equivalente en la prensa, con excepción de la prensa religiosa.

La duración media de lectura de un número no es muy elevada (alrededor de 3 horas), habida cuenta de la densidad de los artículos, pero la cantidad de sectores de la publicación que atrapan al lector alcanza niveles particularmente elevados: un promedio de 8 entre los abonados y de 6 entre los compradores no suscriptos.

Más allá de estos comportamientos personales, el Monde Diplomatique es una publicación que circula: más de un lector cada dos (el 58 % de los abonados y el 53 % de los compradores no suscriptos) declara que al menos una persona más lee el mensuario en su casa.

Habida cuenta de la elevada tasa de conservación de los números - el 52 % de los compradores no suscriptos los conservan todos, lo mismo que el 68 % de los abonados - cabe considerar ▶



Perfil del lector



6

Estos datos

revelan la aten-

ción que los lecto-

res de Le Monde

Diplomatique

otorgan a una in-

formación bien

documentada.

que la duración de vida de un número se extiende más allá del mes, lo que genera oportunidades de leer, releer o hacer leer el mensuario.

LECTORES QUE PRIVILEGIAN LOS DOSSIERS...

El registro de "visto-leído" entre los abonados sobre ciertos artículos y sectores del mensuario pone en evidencia verdaderos tiempos fuertes en la lectura de la publicación y en los sectores que atrapan al lector.

Hay dos sectores que aparecen como ineludibles: la parte "Dans ce numéro" y el sumario situado en la tapa. Casi tan leídas como los dossiers (respectivamente 54 y 60% de tasa de lectura de los abonados) estas dos partes son puntos de referencia que permiten identificar de entrada los puntos de anclaje del posicionamiento de la publicación (el tono y el estilo en "Dans ce numéro", artículos claves en el sumario, sobre todo).

Los artículos de fondo, que constituyen dossiers, resultan particularmente aceptados, tanto al nivel de lectura como de interés: Cada cual fue leído en su totalidad o parcialmente por lo menos por un lector cada dos, y de esos lectores casi 7 sobre 10 los han encontrado sumamente interesantes.

Estos datos revelan la atención que los lectores del Monde Diplomatique otorgan a una información bien documentada, producto de investigación, como asimismo a una mirada crítica y exigente sobre la actualidad. En esos niveles la imagen de la publicación resulta ser particularmente positiva:

● El 84 % de los abonados y el 79 % de los compradores no suscriptos están de acuerdo con la idea de que las informaciones que da le Monde Diplomatique son serias;

● El 73 % de los abonados y el 67 % de los compradores no suscriptos también están de acuerdo en que los análisis están bien documentados y basados en la investigación.

En consecuencia Le Monde Diplomatique cumple particularmente bien

su función crítica ofreciendo otra mirada sobre la actualidad, y su función pedagógica al:

● Ofrecer una información que siendo accesible no es superficial: (el 57 % de los compradores no suscriptos y el 61 % de los abonados están de acuerdo),

● Constituir un medio de desarrollar su cultura personal: al 57 % de los compradores no suscriptos y el 72 % de los abonados,

● Dar ganas de ir más lejos en el conocimiento: el 50 % de los compradores no suscriptos y el 62 % de los abonados están de acuerdo con esta afirmación.

Paralelamente a estos elementos de fondo es particularmente impactante constatar que los lectores del Monde Diplomatique otorgan una gran importancia a las remisiones bibliográficas y a la iconografía, que contribuyen en mucho a la valoración de la publicación.

... pero no se desinteresan de secciones menos analíticas

Las páginas dedicadas a los libros y revistas son particularmente valorizadas por un público fuertemente impregnado de cultura literaria. La doble página "Les livres du mois" es leída por un abonado cada dos, y el 49 % de los lectores la considera muy interesante. Un poco menos leída, la página "Dans les revues" suscita también un gran interés, dado que el 41 % de los lectores se manifestaron sumamente interesados.

Las breves insertas en los artículos generan niveles de lectura menos elevados que los dossiers pero son muy valorizadas por los lectores.

LA INTERACTIVIDAD CON LA PUBLICACION

UNA DIMENSIÓN FUERTE QUE PASA ESENCIALMENTE POR LA ASOCIACIÓN DE AMIGOS DE LE MONDE DIPLOMATIQUE.

Es impactante constatar que el correo de lectores suscita relativamente

Síntesis de resultados

poca lectura y poco interés: sólo el 38 % de los abonados leyeron esa página, y entre ellos apenas uno de cada 3 la encontró interesante.

Paralelamente, y aunque se trata de un público fuertemente implicado en la vida pública, el "Calendrier des colloques et rencontres" solo es leído por un lector cada cuatro (el 24 %) y sólo es apreciado por el 24 % de los lectores.

Muy diferente es la situación de la página "Avec les amis, avec le Diplo": casi un abonado cada tres lo leyó y más de un lector cada dos lo encontró de mucho interés. Su llamado al encuentro cristaliza precisamente el sentimiento de connivencia valorizado por los lectores, sentimiento fortalecido por la publicación y la valoración de los encuentros propuestos en toda Francia.

En términos de interactividad, las nuevas herramientas de comunicación de la publicación parecen particularmente eficaces dado que el 18 % de los compradores no suscriptos y el 13 % de los abonados ya tuvieron oportunidad de consultar el sitio web del Monde Diplomatique.

IMAGEN DE LA PUBLICACION

Y PISTAS DE EVOLUCION

EN EL PLANO FORMAL LA PUBLICACION RECOGE LOS FRUTOS DE SUS EVOLUCIONES RECIENTES.

Habida cuenta de la relación de orden pedagógico entablada entre los lectores y Le Monde Diplomatique la riqueza y variedad de la infografía son muy apreciadas.

La introducción de mapas geográficos constituye una verdadera ventaja para el conjunto de lectores encuestados: 3 de cada 4 compradores no suscriptos y más de 8 abonados cada 10 están de acuerdo en esta afirmación.

Las fotos y cuadros también son muy valorizados en la medida en que contribuyen por una parte a verificar la seriedad de las informaciones proporcionadas y por otra parte a posicio-

nar la publicación en un universo cultural comprometido.

Estos elementos contribuyen sin duda a reducir la sensación de austeridad de la maqueta y de aridez de la lectura. En conjunto, la presentación es evaluada como agradable por el 79 % de los compradores no suscriptos y el 90 % de los abonados, el 70 % de los cuales consideran que los artículos son fáciles de leer.

... y suscita fuertes expectativas en términos de aportes pedagógicos

En orden decreciente de expectativa, hay muchos elementos que el LMD ya introdujo, de modo puntual o regularmente, sobre todo:

- Esquemas explicativos, que el 43 % de los abonados considera que no les da suficiente espacio

- Mapas geográficos esperados por el 40 % de los abonados

- Referencias históricas o en cifras, que permiten tomar distancia y proporcionar datos de contexto: el 36 % considera que no hay bastantes.

- Los enmarcados que recapitulan los artículos precedentes son citados por un abonado cada cuatro.

- Por último las fotos, un abonado cada cinco opina que LMD ofrece demasiado pocas.

Los resúmenes que introducen los artículos son objeto de un relativo desinterés, que habría que interpretar como la confirmación del importante nivel de lectura de todos los números y del temor de ver reducirse la extensión de los artículos y la importancia de los análisis.

Interrogados sobre los mejoramientos que desearían que se adopten, los abonados se muestran más proclives a mencionar aspectos formales (31 %) que elementos de fondo (26 %), y en conjunto se trata más bien de reforzar los puntos de vista existentes y ya valorizados que de modificaciones radicales. ■



Su llamado al
encuentro cris-
taliza precisa-
mente el senti-
miento de
connivencia
valorizado por
los lectores.

7



COUR D'APPEL
DE PARIS

TRIBUNAL DE
GRANDE INSTANCE
DE BOBIGNY

CABINET DE
M. BENOÎT GIRAUD
VICE-PRÉSIDENT CHARGÉ DE L'INSTRUCTION

ORDONNANCE DE NON-LIEU

N° DU PARQUET : . 0633560004 .
N° INSTRUCTION : . 4/07/17 .
PROCÉDURE CORRECTIONNELLE

Nous, M. Benoît GIRAUD, Vice-Président chargé de l'instruction au Tribunal de grande instance de Bobigny,

Vu l'information suivie contre X du chef de :

FAUX EN ÉCRITURE PRIVÉE ET USAGE
FAITS PRÉVUS ET PUNIS PAR LES ARTICLES 441-1, 441-9, 441-10 ET 441-11 DU CODE PÉNAL.

-M. NIKONOFF Jacques *Témoin Assisté*
né le 27/01/52 à SURESNES (92) de Dimitri et de LAGARDE Juliette,
profession : fonctionnaire
demeurant 28, rue de Mora 95880 ENGHEN LES BAINS
ayant pour avocat : Me Jean MARTIN

-M. CASSEN Bernard *Témoin Assisté*
né le 02/11/37 à PARIS 75014 de André et de LOUPIEN Lucie,
profession : Retraité
demeurant 7 ter, rue de la Liberté 94300 VINCENNES
ayant pour avocat : Me Jean MARTIN

- Témoins assistés -

-Association ATTAC
représentée par SOUNES JEAN-LOUIS Délégué général
domicilié chez M° ASSELINEAU Vincent, 7, rue de la Tour des dames 75009 PARIS
ayant pour avocat : Me Vincent ASSELINEAU

- Partie Civile -

Vu l'article 175 du Code de procédure pénale,

Vu le réquisitoire de Monsieur le Procureur de la République, en date du 28 mai 2009, tendant au non-lieu;

Vu l'envoi par lettre recommandée aux avocats des parties, et en particulier à la partie civile, de ces réquisitions,

Vu les articles 176, 177, 183 et 184 du Code de procédure pénale;

Attendu que l'information a établi les faits suivants :

Le 1er décembre 2006, l'Association pour la Taxation des Transactions pour l'Aide aux Citoyens (dite "ATTAC") a déposé plainte avec constitution de partie civile contre X pour des faits qu'elle a qualifié de faux et d'usage de faux.

L'association ATTAC a soutenu qu'à l'occasion des élections organisées en mai-juin 2006 pour le renouvellement de son conseil d'administration, des bulletins de vote avaient été falsifiés, de sorte que le courant que tous les pronostics donnaient gagnant et qui avait semblé l'emporter lors d'une phase intermédiaire du dépouillement, avait finalement perdu, de manière assez surprenante, voire suspecte. Un revirement de tendance intrigant avait semble-t-il été observé dans la dernière phase du dépouillement.

A la suite du scrutin contesté, la quasi-totalité des membres du nouveau conseil d'administration avait démissionné le 7 octobre 2006. Un nouveau scrutin avait été organisé le 9 décembre 2006 et avaient permis la désignation d'un conseil d'administration incontesté.

*

Attendu que l'association ATTAC a tout d'abord elle-même cherché à établir l'existence d'une fraude et à en démasquer les auteurs, en vain;

Attendu que plusieurs dirigeants, représentants et membres de l'association ATTAC ont été entendus, souvent longuement;

Attendu que des analyses téléphoniques poussées des lignes de téléphone mobile de plusieurs membres d'ATTAC, ont été effectuées;

Attendu que les investigations ont clairement établi la très mauvaise organisation des opérations de vote et la franche désorganisation du dépouillement, réalisé dans le désordre et la confusion;

Attendu que le contexte très brouillon et très conflictuel dans lequel se sont déroulées les élections du printemps 2006 et les analyses statistiques ne peuvent à eux seuls établir la preuve d'une fraude électorale et encore moins désigner les auteurs de celle-ci; que ladite fraude est sans doute probable, mais loin d'être certaine cependant;

Attendu que l'information judiciaire n'a donc pas permis d'attribuer à une personne identifiée des actes matériels de commission ou de participation aux infractions de faux et usage de faux dénoncées;

Attendu qu'il n'existe dès lors pas de charges suffisantes contre quiconque d'avoir commis les infractions susvisées;

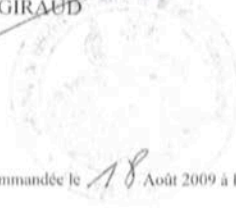
PAR CES MOTIFS,

Déclarons n'y avoir lieu à suivre en l'état contre quiconque des chefs visés au réquisitoire introductif;

Ordonnons le dépôt du dossier au greffe pour y être repris s'il survenait des charges nouvelles;

Laissons à la charge de la partie civile le droit fixe prévu par la loi.

Fait en notre cabinet, le 13 Août 2009
Le Vice-Président chargé de l'instruction,
M. Benoit GIRAUD



Copie de la présente ordonnance ont été adressée par lettre recommandée le 18 Août 2009 à la partie civile et son avocat

Le greffier



Copie de la présente ordonnance a été adressée par lettre recommandée le 18 Août 2009 aux témoins assistés et leur avocat

Le greffier



COPIE CERTIFIÉE CONFORME
Le Greffier,



Manière de voir | 124

Le Monde *diplomatique*

Histoire des gauches au pouvoir



ISSN 02796-124 - F: 7,50 € - RD

7,50 EUROS FRANCE MÉTROPOLITAINE

AOÛT-SEPTEMBRE 2012

AFRIQUE CFA 5200 F CFA • ALGÉRIE 400 DA • ALLEMAGNE 7,90 € • ANTILLES-GUYANE 7,90 € • AUTRICHE 7,90 € • BELGIQUE 7,90 € • CANADA 12,75 \$CAN • ESPAGNE 7,90 € • ETATS-UNIS 12,50 \$US • GRANDE-BRETAGNE 6,95 € • GRÈCE 8,50 € • IRLANDE 7,90 € • ITALIE 7,90 € • LUXEMBOURG 7,90 € • MAROC 75 DH • PAYS-BAS 7,90 € • PORTUGAL CONT. 7,90 € • RÉUNION 7,90 € • SUISSE 12,80 CHF • TOM AVION 1550 XPF • TUNISIE 9,80 DT.

NICK WALKER,
PHOTOGRAPHIE, MARONE

Edição n.º 124 de *Manière de voir*, de agosto/setembro de 2012

Manière de voir | 118

Le Monde *diplomatique*

les révolutions dans l'histoire

sociales
politiques
nationales
sexuelles
culturelles



GÉRARD FROMANGER. - « Le Désir est partout », 1974

ARABIE SAOUDI 3,900 € - ALGERIE 4,900 € - ALLEMAGNE 7,500 € - ANTILES-GUYANES 7,500 € - AUTRICHE 7,500 € - BELGIQUE 7,500 € - CANADA 12,750 \$CAN - ESPAGNE 7,500 € - ETATS-UNIS 12,500 \$US - GRANDE-BRETAGNE 6,950 £ - GRÈCE 6,500 € - IRLANDE 7,500 € - ITALIE 7,500 € - LUXEMBOURG 7,500 € - MAROC 7,500 € - PAYS-BAS 7,500 € - PORTUGAL CONT. 7,500 € - RÉUNION 7,500 € - SUISSE 12,800 CHF - TONKIN 13,500 \$VF - TUNISIE 9,500 DT

7,50 EUROS FRANCE MÉTROPOLITAINE
AOÛT-SEPTEMBRE 2011

M 02796 - 118 - F: 7,50 € - RD

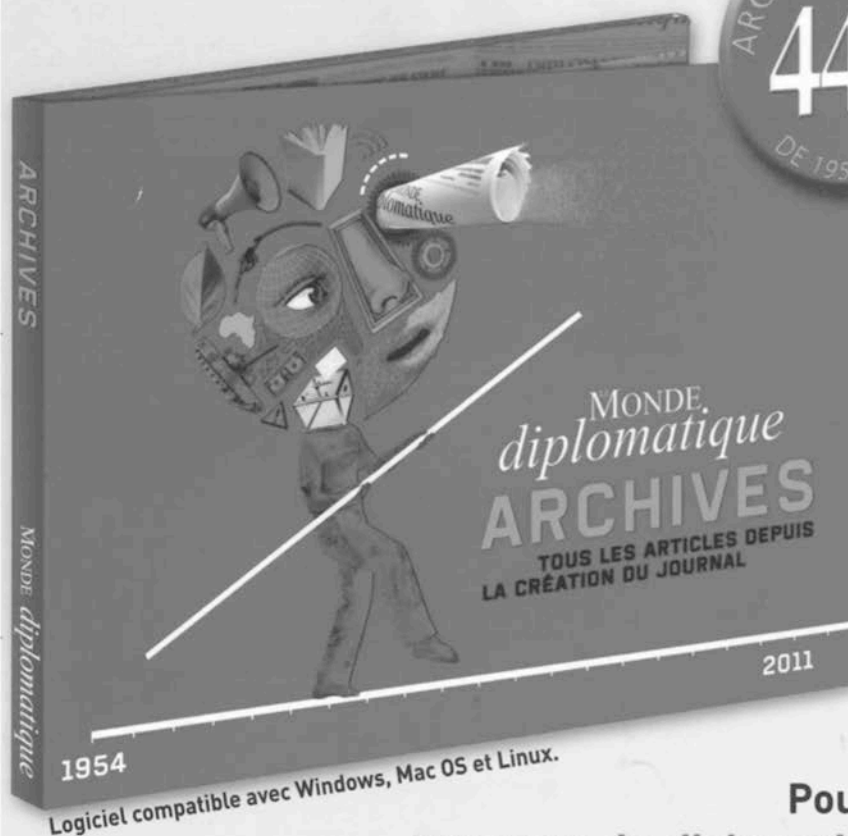


Edição n.º 118 de *Manière de voir*, de agosto/setembro de 2011

LE MONDE *diplomatique*

Sur DVD-Rom

Le premier journal français
à proposer **l'intégralité** de ses articles
depuis sa création



ARCHIVES COMPLETES
44€*
DE 1954 À 2011

50 000 documents
indexés
par un moteur
de recherche
performant

400 cartes

700 numéros
du journal

Pour commander :
www.monde-diplomatique.fr/archives

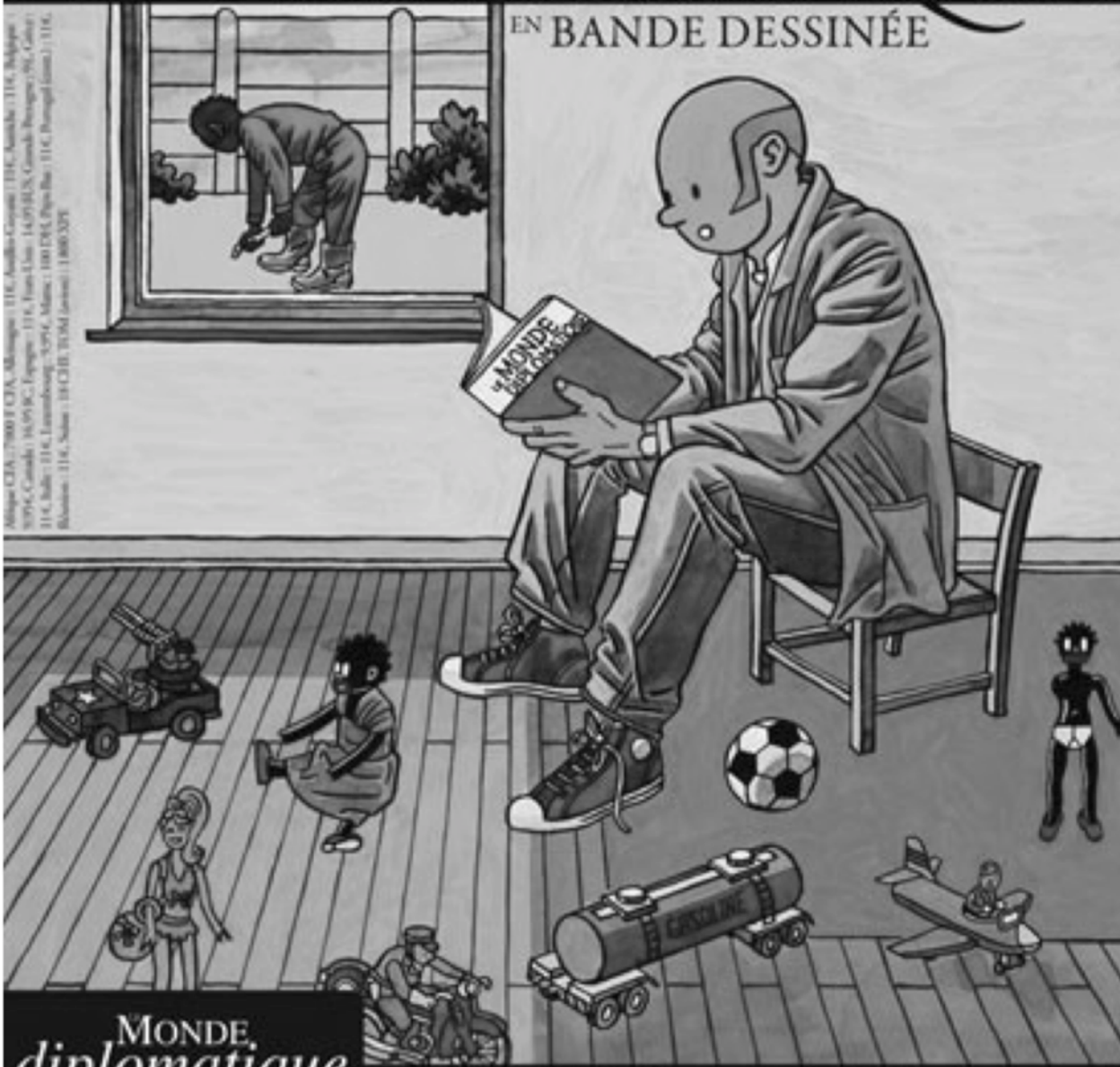
Lycées, bibliothèques, administrations, entreprises,
accédez à la base de données en ligne de tous les articles du *Monde diplomatique* de 1954 à nos jours.

9,95€



LE MONDE DIPLOMATIQUE

EN BANDE DESSINÉE



Milieu: CEA: 7000 F.C.A., Maastricht: I.T.C., Anvers: C.E.P.A., Antwerpen: I.T.C., Belgique: I.T.C., Canada: I.T.C., France: I.T.C., Pays Bas: I.T.C., Royaume Uni: I.T.C., Espagne: I.T.C., Italie: I.T.C., Japon: I.T.C., Luxembourg: I.T.C., Malaisie: I.T.C., Mexique: I.T.C., Pays Bas: I.T.C., Portugal: I.T.C., Royaume Uni: I.T.C., Suisse: I.T.C., Tunisie: I.T.C.

MONDE
diplomatique
[HORS-SÉRIE]

100 PAGES DE BANDE DESSINÉE POLITIQUE

Livro *Le Monde Diplomatique en bande dessinée*, com Homecooking Books (2010)

FERMER LA BOURSE ♦ JOCHEN GERNER & FRÉDÉRIC LORDON



Ilustração de Jochen Gerner, no livro *Le Monde Diplomatique en bande dessinée*

À BORD DE LA FLOTTILLE POUR GAZA ❖ JOANNA HELLGREN



* D'après un communiqué vidéo intitulé « About the Freedom Flotilla, Huwaida Arraf, Free Gaza Chair », daté du 26 mai 2010 et diffusé par FreeGaza.org. Traduit de l'anglais. Huwaida Arraf est née aux États-Unis, ses parents sont palestiniens et détient le citoyenneté israélienne. ** Transcription d'une interview de Huwaida Arraf sur Flashpoint Radio (États-Unis) le 2 juin 2010.

2011
Anuario

LE MONDE diplomatique

SERGE HALIMI JOSÉ NATANSON IGNACIO RAMONET ALAN PAULS ERIC TOUSSAINT EDGARDO
MOCCA DOMINIQUE VIDAL CARLOS ALFIERI ALAIN GRESH PEDRO BRIEGER IRAHIM WARDE



Edição argentina do *Anuário de Le Monde Diplomatique* (2011)

LE MONDE diplomatique

2011
Anuario

Un año tan **TURBULENTO** como apasionante *por José Natanson* La **MAFIA** argentina viste de azul *por Ricardo Ragendorfer* Haití, entre **DIOS** y las ONG *por Christophe Wargny* **WIKILEAKS**: secretos que condenan *por Felix Stalder* **NEOFASCISMO** y "desdiabolización" *por Dominique Vidal* El fantasma del **PACHAMAMISMO** *por Renaud Lambert* ¡**INDIGNAOS!** *por Ignacio Ramonet* La **REBELION** exitosa *por Hicham Ben Abdallah* El **ALAOUI** Joan Manuel Serrat, **POETA** *por Osvaldo Gallone* Seducida, **ABANDONADA**, seducida *por José Natanson* **HECATOMBE** y resurrección *por Christian Ferrer* Los pueblos **ÁRABES** trastornan la **GEOPOLÍTICA** regional *por Alain Gresh* La **EVOLUCION** manipulada por los hombres *por Federico Kukso* **CUBA**, los frijoles y la **REFORMA** *por Renaud Lambert* Contra la **CRISIS**, cirugía **ESTÉTICA** *por Mona Chollet* **RELACIONES** peligrosas *por Ernesto Semán* Diez claves para comprender las **REVUELTAS** en el mundo árabe *por Pedro Brieger* La era **POS-NUCLEAR** *por Ignacio Ramonet* "¡**DEMOCRACIA** Real Ya!" *por Rodrigo Vázquez de Prada* **PAKISTAN** después de la muerte de Ben Laden *por Jean-Luc Racine* **PEOR** es poco y **NADA** *por Alejandro Grimson* La **REVOLUCION** egipcia da sus primeros pasos *por Alain Gresh* El sueño de una sociedad de **MERCADO** *por Serge Halimi* ¿Hay que pagar la **DEUDA**? *por Damien Millet y Eric Toussaint* Lo que **NO** fue *por Martín Kohan* La **POLÍTICA** tiene dos caras *por José Natanson* Viaje a **YUGONOSTALGIA** *por Jean-Arnauld Dérens* Cambiar de **EUROPA** *por Ignacio Ramonet* Más allá del **DÓLAR** alto *por Martin Schorr* Como si nada hubiera **PASADO** *por Ibrahim Warde* El **ORDEN** británico contra la "escoria" *por Owen Jones* El **MELODRAMA** argentino *por Alan Pauls* La **IZQUIERDA** estadounidense, traicionada y ofendida *por Eric Alterman*: ¿Somos **DEMASIADOS**? *por George Minots* Los **COLECCIONISTAS** no se rinden *por Javier Porta Fouz* Lo que **VENDRA** *por Edgardo Mocca* Tambalea el **BANCO** Central Europeo *por Antoine Dumini y François Ruffin* "Democracia, no **PLUTOCRACIA**" *por Jeff Goodwin* **NICARAGUA**: una eterna navidad *por Sergio Ramírez* La pesada herencia del **BERLUSCONISMO** *por Francesca Lancini* España, peligro de **SHOCK** inminente *por Ignacio Ramonet* Un **MOTOR** de cambios *por Ezequiel Adamovsky* La **LITERATURA** de la crisis *por Claudio Zeiger* Un collar de 153 **PERLAS** *por Carlos Alfieri* **ECOS** revolucionarios ya **APAGADOS** *por Aurélien Bernier*

El Anuario 2011 de *Le Monde diplomatique*, edición Cono Sur, comprende una selección de notas y artículos publicados a lo largo de los últimos doce meses, tanto de producción local como traducidos de la edición francesa, a cargo de prestigiosos y reconocidos autores. De las rebeliones árabes y la dramática profundización de la crisis financiera a los "jóvenes indignados" y el fenómeno WikiLeaks, de los cambios de humor de la clase media argentina a la reelección de Cristina Kirchner, una cuidadosa selección de las notas más importantes del año, con el rigor informativo y la calidad de análisis que siempre han caracterizado a *el Dipló*.



LE MONDE

diplomatie

El Atlas

histórico



Historia
crítica
del siglo XX



CAPITAL INTELECTUAL

Edição argentina do Atlas de *Le Monde Diplomatique* (2011)



Edição argentina do Atlas de *Le Monde Diplomatique* (2012)



Edição argentina do Atlas de *Le Monde Diplomatique* (2013)

● **Chiquito, ministro de datos y de esperanzas.**

LE MONDE *en Diplo*
diplomatique

La coartada de la globalización

El espectro del Imperio



● **Paul Vallas, sobre "democracia global".**

LE MONDE *en Diplo*
diplomatique

La desposesión del Estado

¿A quién defienden los Estados?



● **Eva Sillabarro, La batalla del siglo XXI a pesar de los recortes.**

LE MONDE *en Diplo*
diplomatique

Quebrar el círculo infernal de la deuda



● **Maria Drouot, El tiempo que se agotó.**

LE MONDE *en Diplo*
diplomatique

República, o país mafioso

El horror y el obispo



● **¿Por qué vive la herencia?**

LE MONDE *en Diplo*
diplomatique

Fracaso del libre comercio



● **Diego Pablo y Dora Torres (Buenos Aires), M. Basso, A. Arango y C. López.**

LE MONDE *en Diplo*
diplomatique

El saqueo de las jubilaciones

El resaca de EEUU.



● **La revolución socialista de Siria, ¿por qué no?**

LE MONDE *en Diplo*
diplomatique

El poder del Opus Dei

Al borde de la paz.



● **Paul Caplan, M. Basso, A. Arango y C. López.**

LE MONDE *en Diplo*
diplomatique

El precio de la convertibilidad



● **Francis Chantilly, Basso, A. Arango y C. López.**

LE MONDE *en Diplo*
diplomatique

El avance de la ultraderecha



● **¿Por qué el kirchnerismo volvió a ser el favorito de los argentinos?**

LE MONDE *en Diplo*
diplomatique

La impotencia de Argentina



● **Una nueva máquina planetaria. P. Basso y L. Arango.**

LE MONDE *en Diplo*
diplomatique

"Nueva economía", antiguas convulsiones



● **La clase obrera en el año 2010.**

LE MONDE *en Diplo*
diplomatique

Neoliberalismo o Democracia



LE MONDE *en Diplo* **diplomatique**

Raúl trotea por una equis odiermana | **Argentina: su caligín ova salda**



LE MONDE *en Diplo* **diplomatique**

El migma Chile | **La República, entre la crisis social y el integritismo católico**



LE MONDE *en Diplo* **diplomatique**

La hora de Sudamérica



LE MONDE *en Diplo* **diplomatique**

Decae la República; se afirma el país mafioso-banadero



LE MONDE *en Diplo* **diplomatique**

La Ciudad Santa, clave de paz



LE MONDE *en Diplo* **diplomatique**

Argentina puede salir del desastre neoliberal



LE MONDE *en Diplo* **diplomatique**

La Iglesia argentina lidera la oposición



LE MONDE *en Diplo* **diplomatique**

Porto Alegre: propuestas para cambiar el mundo



LE MONDE *en Diplo* **diplomatique**

Argentina es el país forjado por la dictadura



LE MONDE *en Diplo* **diplomatique**

Jaque a la República



LE MONDE *en Diplo* **diplomatique**

Cavalo al timón de un país a la deriva



LE MONDE *en Diplo* **diplomatique**

Brasil y Argentina ¿hermanos o enemigos?



LE MONDE diplomatique

YPF: otra privatización ruinososa



LE MONDE diplomatique

Una Argentina que muere y otra que bosteza



LE MONDE diplomatique

Los militares frente a la crisis



LE MONDE diplomatique

Guerra non sancta



LE MONDE diplomatique

Argentina: el final del camino



LE MONDE diplomatique

El país empantanado



LE MONDE diplomatique

Cacerolazos al sistema



LE MONDE diplomatique

El parto de una nueva República



LE MONDE diplomatique

Argentina en la rodada



LE MONDE diplomatique

El establishment apuesta al caos



LE MONDE diplomatique

Lecciones desde Venezuela



LE MONDE diplomatique

Quién rescata a Argentina



● **ABC** a un proceso editorial riguroso, por el editor Roberto C. de Mello

LE MONDE *en Diplo*
diplomatique

● **UNA TORREJA LA PROMUEVA DE UNA NUEVA REPUBLICA**

La descomposición del país mafioso

El poder en Brasil se divide entre los políticos y los empresarios, pero los intereses de los políticos se ven amenazados por la corrupción y el crimen organizado. El país se enfrenta a una crisis de legitimidad y a una lucha por el poder que podría llevar a la caída del gobierno actual.

CONTENIDO: El poder en Brasil se divide entre los políticos y los empresarios, pero los intereses de los políticos se ven amenazados por la corrupción y el crimen organizado. El país se enfrenta a una crisis de legitimidad y a una lucha por el poder que podría llevar a la caída del gobierno actual.

● **¿Qué tiene la "nueva economía" del mundo?** por Roberto C. de Mello

LE MONDE *en Diplo*
diplomatique

● **UNA TORREJA LA PROMUEVA DE UNA NUEVA REPUBLICA**

Resistencia social ante la crisis

El mundo se enfrenta a una crisis económica que ha generado una resistencia social en muchos países. Los ciudadanos exigen cambios y se organizan para defender sus intereses.

CONTENIDO: El mundo se enfrenta a una crisis económica que ha generado una resistencia social en muchos países. Los ciudadanos exigen cambios y se organizan para defender sus intereses.

● **¿Dónde?** La desconfianza de la industria argentina

LE MONDE *en Diplo*
diplomatique

● **UNA TORREJA LA PROMUEVA DE UNA NUEVA REPUBLICA**

El mundo se ha vuelto peligroso

El mundo se ha vuelto un lugar más peligroso debido a la crisis económica y a la inestabilidad política en muchos países. La industria argentina se ve afectada por la desconfianza y la falta de inversión.

CONTENIDO: El mundo se ha vuelto un lugar más peligroso debido a la crisis económica y a la inestabilidad política en muchos países. La industria argentina se ve afectada por la desconfianza y la falta de inversión.

● **El Brasil que dijo Cardoso**, por José Luis Rodríguez Cordero

LE MONDE *en Diplo*
diplomatique

● **UNA TORREJA LA PROMUEVA DE UNA NUEVA REPUBLICA**

Alarmante parálisis política

Brasil enfrenta una parálisis política alarmante debido a la corrupción y la falta de voluntad política para reformar el sistema. El país se encuentra en un punto muerto que amenaza su estabilidad.

CONTENIDO: Brasil enfrenta una parálisis política alarmante debido a la corrupción y la falta de voluntad política para reformar el sistema. El país se encuentra en un punto muerto que amenaza su estabilidad.

● **¿Dónde?** ¿Dónde? Haz un nuevo mapa del mundo

LE MONDE *en Diplo*
diplomatique

● **UNA TORREJA LA PROMUEVA DE UNA NUEVA REPUBLICA**

Vientos de cambio en América del Sur

América del Sur experimenta vientos de cambio político y social. Los ciudadanos exigen mayor transparencia y participación en la toma de decisiones.

CONTENIDO: América del Sur experimenta vientos de cambio político y social. Los ciudadanos exigen mayor transparencia y participación en la toma de decisiones.

● **¿Dónde?** Haz un nuevo mapa del mundo

LE MONDE *en Diplo*
diplomatique

● **UNA TORREJA LA PROMUEVA DE UNA NUEVA REPUBLICA**

La desorganización nacional

La desorganización nacional es un problema grave que afecta a muchos países. La falta de coordinación y la corrupción impiden el desarrollo y la estabilidad.

CONTENIDO: La desorganización nacional es un problema grave que afecta a muchos países. La falta de coordinación y la corrupción impiden el desarrollo y la estabilidad.

● **¿Nueva patria en el Caribe?** por José Luis Rodríguez Cordero

LE MONDE *en Diplo*
diplomatique

● **UNA TORREJA LA PROMUEVA DE UNA NUEVA REPUBLICA**

La elección de Argentina

La elección de Argentina es un momento crucial para el país. Los ciudadanos buscan un cambio de rumbo y una mayor justicia social.

CONTENIDO: La elección de Argentina es un momento crucial para el país. Los ciudadanos buscan un cambio de rumbo y una mayor justicia social.

● **¿Dónde?** Haz un nuevo mapa del mundo

LE MONDE *en Diplo*
diplomatique

● **UNA TORREJA LA PROMUEVA DE UNA NUEVA REPUBLICA**

Porto Alegre contra la guerra

Porto Alegre se opone a la guerra y promueve la diplomacia y el diálogo. Los ciudadanos exigen un enfoque pacífico para resolver los conflictos internacionales.

CONTENIDO: Porto Alegre se opone a la guerra y promueve la diplomacia y el diálogo. Los ciudadanos exigen un enfoque pacífico para resolver los conflictos internacionales.

● **¿Dónde?** Haz un nuevo mapa del mundo

LE MONDE *en Diplo*
diplomatique

● **UNA TORREJA LA PROMUEVA DE UNA NUEVA REPUBLICA**

La era de la guerra perpetua

La era de la guerra perpetua es un desafío global que requiere una respuesta coordinada. La falta de cooperación internacional amenaza la paz y la estabilidad del mundo.

CONTENIDO: La era de la guerra perpetua es un desafío global que requiere una respuesta coordinada. La falta de cooperación internacional amenaza la paz y la estabilidad del mundo.

● **¿Dónde?** Haz un nuevo mapa del mundo

LE MONDE *en Diplo*
diplomatique

● **UNA TORREJA LA PROMUEVA DE UNA NUEVA REPUBLICA**

La hora de las urnas

La hora de las urnas es un momento decisivo para el futuro de un país. Los ciudadanos deben votar con conciencia y responsabilidad.

CONTENIDO: La hora de las urnas es un momento decisivo para el futuro de un país. Los ciudadanos deben votar con conciencia y responsabilidad.

● **¿Dónde?** Haz un nuevo mapa del mundo

LE MONDE *en Diplo*
diplomatique

● **UNA TORREJA LA PROMUEVA DE UNA NUEVA REPUBLICA**

Un nuevo país político

Un nuevo país político puede surgir de la crisis y el cambio social. Los ciudadanos tienen el poder para crear un futuro mejor.

CONTENIDO: Un nuevo país político puede surgir de la crisis y el cambio social. Los ciudadanos tienen el poder para crear un futuro mejor.

● **¿Dónde?** Haz un nuevo mapa del mundo

LE MONDE *en Diplo*
diplomatique

● **UNA TORREJA LA PROMUEVA DE UNA NUEVA REPUBLICA**

El desafío de cambiar en democracia

El desafío de cambiar en democracia es un reto constante para todos los países. La transparencia y la participación son clave para el éxito.

CONTENIDO: El desafío de cambiar en democracia es un reto constante para todos los países. La transparencia y la participación son clave para el éxito.

El momento oportuno en la diplomacia por Ben Valdez

LE MONDE *diplomatique*

La semana del 17 de octubre

MEMORIAS DE ESTADOS

La batalla de la educación

El país de los Estados Unidos que se llama Estados Unidos. ¿Por qué la batalla de la educación?



El nuevo imperialismo por Andrés Bello

LE MONDE *diplomatique*

La semana del 24 de octubre

MEMORIAS DE ESTADOS

Negociar no es rendirse

El nuevo imperialismo. ¿Por qué negociar no es rendirse?



El momento oportuno en la diplomacia por Ben Valdez

LE MONDE *diplomatique*

La semana del 31 de octubre

MEMORIAS DE ESTADOS

De Allende a Kirchner, Chávez y Lula

El momento oportuno en la diplomacia. ¿Por qué de Allende a Kirchner, Chávez y Lula?



Hambre en Israel por Amos Niv

LE MONDE *diplomatique*

La semana del 7 de noviembre

MEMORIAS DE ESTADOS

La batalla por la recuperación nacional

Hambre en Israel. ¿Por qué la batalla por la recuperación nacional?



Exclusivo: Prisioneros secretos en Israel por Amos Niv

LE MONDE *diplomatique*

La semana del 14 de noviembre

MEMORIAS DE ESTADOS

El polvorín latinoamericano

Exclusivo: Prisioneros secretos en Israel. ¿Por qué el polvorín latinoamericano?



Acuerdos de Ginebra por la paz en Medio Oriente por Amos Niv

LE MONDE *diplomatique*

La semana del 21 de noviembre

MEMORIAS DE ESTADOS

Las democracias de la región se oponen a Estados Unidos

Acuerdos de Ginebra por la paz en Medio Oriente. ¿Por qué las democracias de la región se oponen a Estados Unidos?



Demer: La Unión Europea, conquistada por Amos Niv

LE MONDE *diplomatique*

La semana del 28 de noviembre

MEMORIAS DE ESTADOS

Priorizar la deuda social

Demer: La Unión Europea, conquistada. ¿Por qué priorizar la deuda social?



El momento oportuno en la diplomacia por Ben Valdez

LE MONDE *diplomatique*

La semana del 5 de diciembre

MEMORIAS DE ESTADOS

En busca del trabajo perdido

El momento oportuno en la diplomacia. ¿Por qué en busca del trabajo perdido?



Demer: Ginebra de la paz en Medio Oriente por Amos Niv

LE MONDE *diplomatique*

La semana del 12 de diciembre

MEMORIAS DE ESTADOS

Es el país o la deuda

Demer: Ginebra de la paz en Medio Oriente. ¿Por qué es el país o la deuda?



Demer: Más y menos de la tibia tibia argentina por Amos Niv

LE MONDE *diplomatique*

La semana del 19 de diciembre

MEMORIAS DE ESTADOS

La tenaza terrorista

Demer: Más y menos de la tibia tibia argentina. ¿Por qué la tenaza terrorista?



El momento oportuno en la diplomacia por Ben Valdez

LE MONDE *diplomatique*

La semana del 26 de diciembre

MEMORIAS DE ESTADOS

Néstor Kirchner, conceder o dar pelea

El momento oportuno en la diplomacia. ¿Por qué Néstor Kirchner, conceder o dar pelea?



Demer: Prisioneros secretos en Israel por Amos Niv

LE MONDE *diplomatique*

La semana del 2 de enero

MEMORIAS DE ESTADOS

América Latina disputa su soberanía

Demer: Prisioneros secretos en Israel. ¿Por qué América Latina disputa su soberanía?



¿Demora: ¿Un gobierno de izquierda en Uruguay?

LE MONDE *diplomatique*

CRÓNICA ENFOQUE LATINO DE AMÉRICA

Trabajar es muy peligroso

Un trabajador uruguayo en un almacén de distribución de alimentos en Montevideo. El país latinoamericano enfrenta una crisis económica que ha llevado a un aumento de la inflación y a la pérdida de empleos. El gobierno de izquierda que se está formando podría traer cambios significativos en la política económica.



¿Demora: ¿Un gobierno de izquierda en Uruguay?

LE MONDE *diplomatique*

NOTICIA ESPECIAL DE UNO SUPERABUNDANTE

¿Hambre en el país de la tierra?

Un campo de cultivo en Uruguay. A pesar de ser un país con abundantes recursos naturales, enfrenta problemas de seguridad alimentaria y hambre en ciertas zonas.



¿Demora: ¿Un gobierno de izquierda en Uruguay?

LE MONDE *diplomatique*

ANÁLISIS DE POLÍTICA INTERNACIONAL

Hacia la unión sudamericana

El proceso de integración regional en América del Sur avanza lentamente. Los países latinoamericanos buscan fortalecer sus lazos económicos y políticos para enfrentar los desafíos globales.



¿Demora: ¿Un gobierno de izquierda en Uruguay?

LE MONDE *diplomatique*

DE LA UNIÓN DE LOS ESTADOS UNIDOS

Estados Unidos elige emperador

El proceso de elección del presidente de los Estados Unidos está en marcha. Los candidatos representan diferentes visiones del futuro del país y su papel en el mundo.



¿Demora: ¿Un gobierno de izquierda en Uruguay?

LE MONDE *diplomatique*

ANÁLISIS DE POLÍTICA INTERNACIONAL

Claroscuros kirchneristas

El legado de Néstor Kirchner en Argentina sigue siendo polémico. Su gobierno enfrentó desafíos económicos y políticos que aún se discuten.



¿Demora: ¿Un gobierno de izquierda en Uruguay?

LE MONDE *diplomatique*

NOTICIA RELACIONADA CON LA UNIÓN DE LOS ESTADOS UNIDOS

La potencia unida del Sur

Los países del hemisferio sur buscan consolidar su posición como una potencia global. La cooperación regional es clave para lograrlo.



¿Demora: ¿Un gobierno de izquierda en Uruguay?

LE MONDE *diplomatique*

ANÁLISIS DE POLÍTICA INTERNACIONAL

Finanzas al margen de la ley

El sector financiero latinoamericano enfrenta desafíos regulatorios. La falta de transparencia y el lavado de dinero siguen siendo preocupaciones.



¿Demora: ¿Un gobierno de izquierda en Uruguay?

LE MONDE *diplomatique*

ANÁLISIS DE POLÍTICA INTERNACIONAL

La amenaza del Plan Colombia

El Plan Colombia sigue siendo un tema polémico en América Latina. Los países del hemisferio sur cuestionan su impacto y sus métodos.



¿Demora: ¿Un gobierno de izquierda en Uruguay?

LE MONDE *diplomatique*

ANÁLISIS DE POLÍTICA INTERNACIONAL

Argentina: la República ante el país mafioso

Argentina enfrenta un desafío de seguridad y justicia. El crimen organizado sigue siendo una amenaza para la estabilidad del país.



¿Demora: ¿Un gobierno de izquierda en Uruguay?

LE MONDE *diplomatique*

ANÁLISIS DE POLÍTICA INTERNACIONAL

Argentina camino a un colapso energético

El sector energético argentino enfrenta una crisis. La falta de inversión y la dependencia de combustibles fósiles preocupan a los analistas.



¿Demora: ¿Un gobierno de izquierda en Uruguay?

LE MONDE *diplomatique*

ANÁLISIS DE POLÍTICA INTERNACIONAL

La Iglesia es una y trina

El papado argentino sigue siendo una figura central en la sociedad. Su influencia política y social sigue siendo significativa.



¿Demora: ¿Un gobierno de izquierda en Uruguay?

LE MONDE *diplomatique*

ANÁLISIS DE POLÍTICA INTERNACIONAL

La deuda social sigue impaga

El problema de la deuda social persiste en América Latina. La falta de servicios básicos y la desigualdad siguen siendo preocupaciones.



• Dossier: La Unión Europea en la encrucijada

LE MONDE *diplomatique*

CRISIS EN MEDIO ORIENTE

El mundo árabe en ebullición



Los sucesos de Beirut, Damasco y Trípoli, las manifestaciones en Libia y Egipto, la revolución tunecina, el derrocamiento de Gaddafi, el golpe de Estado en Egipto, la revolución tunecina, el golpe de Estado en Libia, la revolución tunecina, el golpe de Estado en Libia...

• NÚMERO ESPECIAL SEXTO ANIVERSARIO

LE MONDE *diplomatique*

LA PEOR CARA DEL CAPITALISMO OCCIDENTAL

El choque de dos terrorismos



El choque de dos terrorismos, el choque de dos terrorismos, el choque de dos terrorismos, el choque de dos terrorismos, el choque de dos terrorismos, el choque de dos terrorismos...

• Dossier: Crucial reforma de Naciones Unidas

LE MONDE *diplomatique*

ANIVERSARIO DE LA "REVOLUCIÓN LIBERTADORA"

El peronismo, 50 años después



El peronismo, 50 años después, el peronismo, 50 años después, el peronismo, 50 años después, el peronismo, 50 años después, el peronismo, 50 años después...

• Nueva Orleans: Capitalismo de catástrofe

LE MONDE *diplomatique*

ELECCIONES LEGISLATIVAS EN ARGENTINA

Renovación de un Congreso ausente



Renovación de un Congreso ausente, renovación de un Congreso ausente, renovación de un Congreso ausente, renovación de un Congreso ausente, renovación de un Congreso ausente...

• ¿Dónde reside la crisis? por A. Baudry, J. Chénouet y D. Puel

LE MONDE *diplomatique*

LA UNIDAD DE AMÉRICA LATINA

Entre Cumbres y abismos



Entre Cumbres y abismos, entre Cumbres y abismos, entre Cumbres y abismos, entre Cumbres y abismos, entre Cumbres y abismos...

• Dossier: La OMC, a espaldas de los pobres

LE MONDE *diplomatique*

EL "NO VA MÁS" DE LOS MARGINALIZADOS

La rebelión de los barrios



La rebelión de los barrios, la rebelión de los barrios, la rebelión de los barrios, la rebelión de los barrios, la rebelión de los barrios...

• Dossier: Supermercados del abuso

LE MONDE *diplomatique*

SEÑAL DE CAMBIO EN AMÉRICA DEL SUR

Revolución democrática en Bolivia



Revolución democrática en Bolivia, revolución democrática en Bolivia, revolución democrática en Bolivia, revolución democrática en Bolivia, revolución democrática en Bolivia...

• Dossier: Primeros pasos de Estados Unidos

LE MONDE *diplomatique*

ANTE UNA OPORTUNIDAD HISTÓRICA

El desafío de América Latina



El desafío de América Latina, el desafío de América Latina, el desafío de América Latina, el desafío de América Latina, el desafío de América Latina...

• El cuestionamiento a la OMC, de Palencia a Eilat por G. Cova

LE MONDE *diplomatique*

UN AÑO DE CRISIS

En deuda con la democracia



En deuda con la democracia, en deuda con la democracia, en deuda con la democracia, en deuda con la democracia, en deuda con la democracia...

• Dossier: Francos en defensa del empleo por A. Baudry y D. Puel

LE MONDE *diplomatique*

PAZ EN LAS NUEVAS REGIONES DE AFRICA

Argentina vs. Multinacionales



Argentina vs. Multinacionales, Argentina vs. Multinacionales, Argentina vs. Multinacionales, Argentina vs. Multinacionales, Argentina vs. Multinacionales...

• Dossier: La batalla de los libros en Francia

LE MONDE *diplomatique*

FRANCOS DE LA JUSTICIA SOCIAL por A. Baudry y D. Puel

DESIDENTIDAD DE PARAGUAY Y URUGUAY

Crisis en el Mercosur



Crisis en el Mercosur, crisis en el Mercosur, crisis en el Mercosur, crisis en el Mercosur, crisis en el Mercosur...

• Dossier: México enfrenta a los cárteles argentinos

LE MONDE *diplomatique*

ESCAMANDOL: NEGOCIOS Y CORRUPCIÓN MUNDIAL

Planeta fútbol



Planeta fútbol, planeta fútbol, planeta fútbol, planeta fútbol, planeta fútbol...

• **Fa Aisa fallan cada vez más mujeres** por *Isabelle Hérault*

LE MONDE *diplomatique*

Subvenciones en los Balcanes por *A. M. L. G. G.*

EL DILEMA DEL TRABAJO EN ARGENTINA

Alto crecimiento, bajos salarios



El desempleo que se incrementa en un momento de crecimiento económico, "boom" de la actividad económica, es un fenómeno que se repite en muchos países. En Argentina, el alto crecimiento de los últimos meses se ha acompañado de un aumento de los salarios que no ha alcanzado a cubrir el costo de la vida. Esto ha generado un malestar social que se manifiesta en protestas y huelgas. El gobierno argentino ha intentado controlar los precios y los salarios, pero esto ha generado un efecto contrario: el aumento de la inflación y el deterioro de la moneda.

• **SEMIERGO ESPECIAL: EL FÉDICO ANTEROVARO**

LE MONDE *diplomatique*

Relaciones de las Fuerzas Armadas rusas por *Y. G.*

DE IRAK AL LIBANO

Guerra sucia en Medio Oriente



La guerra en Medio Oriente continúa su curso, con un número creciente de víctimas y destrucción. El conflicto ha afectado a millones de personas, desplazando a cientos de miles. El rol de las fuerzas armadas rusas en la región sigue siendo un tema de debate internacional.

• **El derecho al aborto en debate** por *Marie Perle*

LE MONDE *diplomatique*

Relaciones de las Fuerzas Armadas rusas por *Y. G.*

CINCO AÑOS DE "GUERRA AL TERRORISMO"

Medio Oriente y el nuevo estado del mundo



El conflicto en Medio Oriente sigue siendo una de las principales preocupaciones del mundo. El debate sobre el derecho al aborto también gana fuerza en varios países. La "guerra al terrorismo" que comenzó hace cinco años continúa con desafíos significativos.

• **Grave inquietud en las finanzas mundiales** por *Isabelle Hérault*

LE MONDE *diplomatique*

La economía mundial por *A. M. L. G. G.*

A CINCO AÑOS DE LOS ACUERDOS DEL TME

La guerra antiterrorista potencia el terrorismo



Los acuerdos del Tratado de Comercio de los Mercados (TME) celebrados hace cinco años han generado preocupaciones sobre el impacto en las finanzas mundiales. Simultáneamente, la guerra antiterrorista ha sido criticada por potenciar el terrorismo.

• **Demer: Elecciones legislativas en Estados Unidos** por *Y. G.*

LE MONDE *diplomatique*

La economía mundial por *A. M. L. G. G.*

ANTE LA OPORTUNIDAD DE UN DESARROLLO SOSTENIDO

Argentina, sin instituciones para un "país en serio"



Las elecciones legislativas en Estados Unidos se acercan. En Argentina, se cuestiona la falta de instituciones sólidas para el desarrollo del país.

• **Crise: el poder nacional: arena de unidad** por *Y. G.*

LE MONDE *diplomatique*

Relaciones de las Fuerzas Armadas rusas por *Y. G.*

ELECCIONES EN BRASIL, ECUADOR Y VENEZUELA

Nuevos mandatos para el Mercosur



Se celebrarán elecciones en Brasil, Ecuador y Venezuela. Los nuevos mandatos para el Mercosur serán un tema clave en la agenda regional.

• **Compraventa de mujeres en Argentina** por *Isabelle Hérault*

LE MONDE *diplomatique*

La economía mundial por *A. M. L. G. G.*

SINDICALISMO MAFIOSO EN ARGENTINA

Trabajadores pobres, sindicalistas ricos



El sindicalismo mafioso en Argentina genera preocupación. Los trabajadores pobres enfrentan dificultades, mientras que algunos sindicalistas se han enriquecido.

• **Más en Bolivia: Revolución XXI contra la modernidad** por *Y. G.*

LE MONDE *diplomatique*

Relaciones de las Fuerzas Armadas rusas por *Y. G.*

RECALZO DE LA POLÍTICA DE DROGAS EN ARGENTINA

Narcotráfico versus democracia



El narcotráfico sigue siendo un problema serio en Argentina, amenazando la democracia. En Bolivia, se discute el papel de la Revolución XXI.

• **Argentina-Era: las relaciones normalizadas** por *Y. G.*

LE MONDE *diplomatique*

Relaciones de las Fuerzas Armadas rusas por *Y. G.*

SUR VISTA AMÉRICA LATINA

Uruguay en la encrucijada



Uruguay se encuentra en una encrucijada política y económica. Las relaciones entre Argentina y Uruguay muestran signos de normalización.

• **Trabajadores pobres en la Unión Europea** por *Isabelle Hérault*

LE MONDE *diplomatique*

La economía mundial por *A. M. L. G. G.*

LOS RECALZOS DE LA TRANSICIÓN

Hora de cambios en Cuba



Se necesitan cambios en Cuba. Los trabajadores pobres en la Unión Europea enfrentan desafíos similares.

• **"Primavera de la democracia" en Francia** por *Y. G.*

LE MONDE *diplomatique*

Relaciones de las Fuerzas Armadas rusas por *Y. G.*

A SER SERVO DE LAS ELECCIONES PRESIDENCIALES

Mar de fondo social



El "mar de fondo social" en Francia preocupa a los analistas. Las elecciones presidenciales se acercan.

• **Cinco mil millones agreecombinables** por *Y. G.*

LE MONDE *diplomatique*

Relaciones de las Fuerzas Armadas rusas por *Y. G.*

SIENA CRUCICA Y ESTADO EN EL SIGLO XXI

Un reino para este mundo



Un "reino para este mundo" se vislumbra en el siglo XXI. Seiscientos millones de personas se enfrentan a desafíos globales.

Argentina: seguridad e igualdad ciudadanas

LE MONDE *et Diplôme diplomatique*

ESTADOS UNIDOS, EUROPA Y EL MUNDO MUSULMÁN

Las guerras imperiales

El mundo musulmán se enfrenta a una crisis de legitimidad. Los líderes religiosos y políticos están llamando a la resistencia contra las intervenciones occidentales. En Argentina, se debate la seguridad y la igualdad ciudadanas.

SEMI-CENTENARIO ESPECIAL OCTAVO ANIVERSARIO

LE MONDE *et Diplôme diplomatique*

AMÉRICA DEL SUR

Lo bueno, lo malo y lo pendiente

El continente latinoamericano enfrenta desafíos económicos y políticos. Se analizan las perspectivas de crecimiento y estabilidad regional.

El eterno retorno de la crisis financiera

LE MONDE *et Diplôme diplomatique*

EN ESTADOS UNIDOS, EUROPA Y ARGENTINA

Universidades en crisis

Las universidades enfrentan desafíos financieros y de relevancia social. Se discute el rol de la educación superior en tiempos de crisis.

Declaro: La decadencia de Estados Unidos

LE MONDE *et Diplôme diplomatique*

REPÚBLICA ARGENTINA

Elecciones

octubre de 1999 | octubre de 2007. En estos diez años se sucedieron elecciones presidenciales en Argentina. En 2007 el país vivió una gran crisis económica, financiera, política y social. Pero no obstante un posterior notable crecimiento económico, la refinanciación de la deuda externa y algunas mejoras sociales de niveles humanos, los problemas estructurales siguen vigentes. Factura social, un sistema fuertemente institucionalizado, peligro para la economía en el futuro. La sociedad, en cambio, parece haber recuperado de un margen de años. Declaro, páginas 1 y 3.

México, política de Estados Unidos

LE MONDE *et Diplôme diplomatique*

LA "TERCERA GUERRA MUNDIAL" EL SEÑOR DE LA GUERRA

Geografía del caos

El conflicto en México y las implicaciones globales. Se analiza la influencia de Estados Unidos en la región y el impacto de la violencia.

La Rusia de Vladimir Putin

LE MONDE *et Diplôme diplomatique*

ENTRE REFORMAS Y REVOLUCIÓN

Conmociones políticas en América Latina

Las reformas políticas y sociales en América Latina. Se discuten los desafíos de la democracia y el desarrollo.

Elecciones y gastos millonarios en Paraguay

LE MONDE *et Diplôme diplomatique*

AMÉRICA DEL SUR

Los enemigos del cambio

Los obstáculos para el desarrollo y la reforma política en Paraguay. Se analizan los intereses de los grupos de poder.

México: el abate de los ex combatientes

LE MONDE *et Diplôme diplomatique*

ATRÁS DE LA BANDERA REPUBLICANA

La Iglesia contra la modernidad

El papel de la Iglesia católica en la sociedad mexicana moderna. Se discute la tensión entre tradición y progreso.

Declaro: Escríbanme en España

LE MONDE *et Diplôme diplomatique*

RECAERÍA DE "LA REINA DEL PLATA"

Ciudad de Malos Aires

El estado de la economía argentina y el rol de la exportación de soja. Se analizan las perspectivas de crecimiento.

Declaro: Velocidad de justicia en Argentina

LE MONDE *et Diplôme diplomatique*

PETROLIO Y PLAN COLOMBIA

Guerra por la Amazonia

Los conflictos territoriales y ambientales en la Amazonia. Se discute el impacto del extractivismo y la deforestación.

Una hujita verde llamada coca

LE MONDE *et Diplôme diplomatique*

CRISIS MUNDIAL DE ALIMENTOS Y CONFLICTOS EN ARGENTINA

Fuego en el campo

El problema de la cocaína y su impacto social. Se analizan los desafíos de la agricultura y la seguridad.

Desafíos de la economía argentina

LE MONDE *et Diplôme diplomatique*

BAJA IMPULSA UN COMITÉ DE FOTOFIA SUBSIDIARIO

EE.UU. vuelve a patrullar

El rol de la Armada y la Guardia Costera de EE.UU. en el Atlántico Sur. Se discute la presencia militar y de seguridad.

¿Las comunistas cambiarán a China? por Juan José Rodríguez

LE MONDE *est Diplôme diplomatique*

CRISIS NACIONAL Y MUNDIAL

Argentina frente a sí misma



El presidente argentino se enfrenta a un dilema: ¿dejar que el gobierno se desmorone o intentar salvarlo? El país se encuentra en un momento crítico de su historia reciente.

En este número: ¿Qué es el golpe? / El mundo / Economía / Cultura / Deportes

NUMERO ESPECIAL MOVIMIENTO ANIVERSARIO

LE MONDE *est Diplôme diplomatique*

DEBATE LLAMADO DE ATENCION AL GOBIERNO

La Argentina del día después



¿Qué pasará después de la caída del gobierno? El país se enfrenta a un futuro incierto y a la necesidad de reformas profundas.

En este número: ¿Qué es el golpe? / El mundo / Economía / Cultura / Deportes

Entrevista exclusiva a Néstor Kirchner por César Rodríguez

LE MONDE *est Diplôme diplomatique*

AMERICA DEL SUR

Batallas por un nuevo Estado



El presidente argentino se enfrenta a un dilema: ¿dejar que el gobierno se desmorone o intentar salvarlo? El país se encuentra en un momento crítico de su historia reciente.

En este número: ¿Qué es el golpe? / El mundo / Economía / Cultura / Deportes

Las nuevas líneas cívicas del INDEC por Víctor A. Ruiz

LE MONDE *est Diplôme diplomatique*

CRISIS Y OPORTUNIDAD PARA AMERICA LATINA

El ocaso de Washington



El presidente argentino se enfrenta a un dilema: ¿dejar que el gobierno se desmorone o intentar salvarlo? El país se encuentra en un momento crítico de su historia reciente.

En este número: ¿Qué es el golpe? / El mundo / Economía / Cultura / Deportes

Por qué no es competitiva la industria argentina por E. Ramírez

LE MONDE *est Diplôme diplomatique*

CHINA, INDIA, BRASIL...

Emergen las nuevas potencias



El presidente argentino se enfrenta a un dilema: ¿dejar que el gobierno se desmorone o intentar salvarlo? El país se encuentra en un momento crítico de su historia reciente.

En este número: ¿Qué es el golpe? / El mundo / Economía / Cultura / Deportes

¿Regular las finanzas? ¿Qué? ¿Cómo? por César Rodríguez

LE MONDE *est Diplôme diplomatique*

22 AÑOS DE DEMOCRACIA EN ARGENTINA

Una Nación inconclusa



El presidente argentino se enfrenta a un dilema: ¿dejar que el gobierno se desmorone o intentar salvarlo? El país se encuentra en un momento crítico de su historia reciente.

En este número: ¿Qué es el golpe? / El mundo / Economía / Cultura / Deportes

La chipregriga podría inundar a Europa por Roberto Rodríguez

LE MONDE *est Diplôme diplomatique*

INDICIA HAZA ECONOMIAS DE CRISIS

CUBA 50 AÑOS DESPUÉS



El presidente argentino se enfrenta a un dilema: ¿dejar que el gobierno se desmorone o intentar salvarlo? El país se encuentra en un momento crítico de su historia reciente.

En este número: ¿Qué es el golpe? / El mundo / Economía / Cultura / Deportes

Neoliberalismo agrario por Ignacio Ramírez

LE MONDE *est Diplôme diplomatique*

MEDIOS ORIENTE

La guerra perpetua



El presidente argentino se enfrenta a un dilema: ¿dejar que el gobierno se desmorone o intentar salvarlo? El país se encuentra en un momento crítico de su historia reciente.

En este número: ¿Qué es el golpe? / El mundo / Economía / Cultura / Deportes

Tras el fracaso de la deuda se abre la crisis por Roberto Rodríguez

LE MONDE *est Diplôme diplomatique*

SE ABRE LA DEUDA EN ARGENTINA

El big bang de la crisis



El presidente argentino se enfrenta a un dilema: ¿dejar que el gobierno se desmorone o intentar salvarlo? El país se encuentra en un momento crítico de su historia reciente.

En este número: ¿Qué es el golpe? / El mundo / Economía / Cultura / Deportes

El golpe y el riesgo de perder en Chile por Roberto Rodríguez

LE MONDE *est Diplôme diplomatique*

CRISIS, CRISIS ORGANIZADO Y GOBIERNO

Democracias en peligro



El presidente argentino se enfrenta a un dilema: ¿dejar que el gobierno se desmorone o intentar salvarlo? El país se encuentra en un momento crítico de su historia reciente.

En este número: ¿Qué es el golpe? / El mundo / Economía / Cultura / Deportes

La mala hierba de Néstor por Roberto Rodríguez

LE MONDE *est Diplôme diplomatique*

DEBATE, EN PROPOSITAS CLASAS

La Argentina que va a votar



El presidente argentino se enfrenta a un dilema: ¿dejar que el gobierno se desmorone o intentar salvarlo? El país se encuentra en un momento crítico de su historia reciente.

En este número: ¿Qué es el golpe? / El mundo / Economía / Cultura / Deportes

Los culpables de la gripe porcina por Roberto Rodríguez

LE MONDE *est Diplôme diplomatique*

CONGRESO LEGISLATIVO EN ARGENTINA

Elecciones: lo que se juega y lo que se calla



El presidente argentino se enfrenta a un dilema: ¿dejar que el gobierno se desmorone o intentar salvarlo? El país se encuentra en un momento crítico de su historia reciente.

En este número: ¿Qué es el golpe? / El mundo / Economía / Cultura / Deportes



Edições de *Le Monde Diplomatique* Edição Cono Sur de julho de 1999 a fevereiro de 2011